

**A política da língua na era Vargas: proibição do falar
alemão e resistências no sul do Brasil.**

Cynthia Machado Campos

C157p

36016/BC

Cynthia Machado Campos

**A política da língua na era Vargas: proibição do falar alemão e resistências
no sul do Brasil.**

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de História do Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas,
sob a orientação da Prof.a. Dra. Maria
Stella Bresciani.

Este exemplar corresponde à redação
final da tese defendida e aprovada
pela Comissão Julgadora em
____/____/____.

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof.a Dra. Maria Stella Brêsciani

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Campinas, agosto de 1998.

UNIDADES	BC
N.º CL. AADA:	
V.	Ex.
TOMBO BC/	36016
PROC.	395/98
C	☐
D	☒
PREÇO	8911,00
DATA	16/12/98
N.º CPD	

CM-00119521-0

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

C 157 p

Campos, Cynthia Machado

**A política da língua na era Vargas : proibição do falar
alemão e resistências no sul do Brasil / Cynthia Machado
Campos . - - Campinas, SP : [s.n.], 1998.**

Orientador: Maria Stella Bresciani.

**Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

- 1. Nacionalismo. 2. Alemães - Brasil - Santa Catarina.
3. Imaginário. 4. Linguagem. I. Bresciani, Maria Stella Martins.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.**

Dedico este trabalho ao Glauco, Daniel e Leticia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que tiveram participação direta ou indireta neste trabalho. Desde a redação inicial, algumas pessoas que leram o projeto deram sugestões importantes. Minha orientadora Stella Bresciani acompanhou desde o início, incentivando e contribuindo significativamente em todas as etapas. As pessoas que participaram da linha de pesquisa Jogos do Político, na UNICAMP, como Vavy Pacheco Borges, Ítalo Tronca, Isabel Marson, Marion Brepohl e Elizabeth Cancelli, também tiveram participação especial na leitura e discussão do projeto - Ítalo e Marion inclusive, no exame de qualificação. Edgar de Decca foi orientador durante um período de ausência de Stella, indicando bibliografias importantes, e concorrendo para a elucidação de questões nas aulas da pós-graduação. Minhas amigas e colegas do Departamento de História da UFSC, Joana Pedro, Bernardete Flores, Cristina Wolff, Rose Krupka, Lígia Czesnat, Teresa Cunha e Rosângela Cherem estiveram presentes, de alguma forma, em todas as etapas.

Minha família também participou ativamente: Letícia acompanhando as pesquisas na Alemanha; Daniel ajudando nas buscas bibliográficas pela Internet; Glauco com suas idas à Alemanha, e também nas pesquisas pelo Rio Grande do Sul.

O apoio institucional também foi importante: da CAPES, com bolsa, através do Departamento de Pós-Graduação da UFSC, para cursar Doutorado na UNICAMP; do DAAD e CNPq, para fazer parte do programa junto à Universidade Livre de Berlim e realizar pesquisas nos arquivos da Alemanha. O meu orientador alemão, Reinhard Liehr, me abriu caminhos aos arquivos alemães. O Departamento de História da UFSC viabilizou meu afastamento, sobretudo Paulo Pinheiro Machado, na época chefe do Departamento. Nos arquivos de Blumenau e Joinville, contei com a gentileza e informações preciosas prestadas por Suely Petry e Thereza Böbel, respectivamente.

Um agradecimento especial aos que deram seu depoimento particular, Gerli Bönemann, Cecília Rausch, Américo Souto, Leda Scheibe, e Telmo Lauro Müller.

Na revisão do trabalho contei com o empenho e preciosas sugestões de Tanira Piacentini e Iná Campos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. A EMERGÊNCIA DA LÍNGUA.....	20
1.1. NACIONALISMOS E LINGUAGENS.....	23
1.2. INQUIETAÇÕES LINGÜÍSTICAS.....	51
1.3. LINGUAGEM E HISTÓRIA - PLANOS DISTINTOS?.....	58
1.4. REAL - INSTITUÍDO OU INSTITUINTE?.....	64
1.5. O LUGAR DA HISTÓRIA É O MESMO DA LINGUAGEM?.....	69
2.A DIVERSIDADE CULTURAL E O PROJETO NACIONALIZADOR.....	82
2.1. CONSTRUINDO O INIMIGO.....	106
2.2. A IMAGEM DA NAÇÃO.....	128
2.3. ESCRITOS DO ESTADO.....	139
03. LINGUAGEM E IMAGINÁRIO.....	178
3.1. O ESPÍRITO ROMÂNTICO.....	182
3.2. IDENTIDADE NA LÍNGUA?.....	200
04. LEITURAS EM ALEMÃO.....	213
05.O FALAR ALEMÃO.....	250
5.1. A ESTÉTICA DA LÍNGUA.....	272
5.2.A FORÇA DA LÍNGUA.....	305
CONCLUSÃO (ÕES)?.....	322
ANEXO.....	330
BIBLIOGRAFIA.....	333
FONTES.....	344

"Foi uma turma, tavam festejando um noivado...um parente intê. E numa dessas chegou a polícia lá. Todo mundo prá delegacia! Ah o que houve? Pois é, veio denúncia aí que tavam falando em alemão. Bom, ninguém não podia negar. Chegamos na delegacia, todo mundo prá cadeia, aliás as mulheres foram prá casa e os homens todos prá cadeia, ficamos 24 horas lá." Fala de um operário de Ijuí, RS. Entrevista a Regina Weber. 09.10. 86.

" 'Paixão' é, desde os antigos, o termo comumente empregado para qualificar os estados afetivos, seja o que se entende pela intensidade que carregam os comportamentos excepcionais, a energia da violência ou da coragem, seja o que é designado a todos os estados afetivos ligados às insatisfações e ao sofrimento." Pierre Ansart.

INTRODUÇÃO

Este tema de trabalho se vincula à pesquisa histórica voltada para a "Política da língua", que se relaciona a outro estudo (já concluído) que girou em torno do período da administração de um Interventor do Governo de Getúlio Vargas no sul do Brasil e da sua política assistencialista. Naquele momento, a documentação consultada evidenciou grande número de referências do governador Nereu Ramos, de Santa Catarina, ao perigo de uma prática comum naquela época: o uso da língua estrangeira. As autoridades governamentais se preocupavam sobretudo com a linguagem veiculada no interior de sociedades - ou associações - fundadas em zonas que haviam recebido, no passado, grande quantidade de imigrantes vindos do exterior: com o falar alemão e italiano fundamentalmente.

As referências à inconveniência de manter tais práticas se relacionam, nos documentos dos anos 30 e 40, referentes ao Governo Vargas e ao Estado Novo, à um amplo Projeto de Nacionalização levado a termo no território brasileiro, que atingiu diferentes segmentos da população, incidindo com mais veemência sobre grupos que tiveram seu passado vinculado à imigração. Em regiões de colonização alemã existia uma série de associações fundadas por grupos de imigrantes alemães, que seus descendentes mantinham. Eram sociedades culturais ou de recreação - como de ginástica, canto e tiro - e educacionais, que mantinham diversas escolas em funcionamento. Na documentação oficial referente a essas sociedades apareceu a persistência das autoridades numa temática: a língua. Governantes e seus representantes reprovavam práticas de núcleos associativos que insistiam em falar uma língua estrangeira. Enfatizavam a necessidade do empenho das autoridades e população para que tais núcleos modificassem sua prática e adotassem a língua nacional.

Por outro lado, os textos dos descendentes de imigrantes, em geral, não respeitavam as pretensões governamentais, porque a maioria dos grupos ainda permanecia ligada social, cultural e emocionalmente ao seu país de origem, persistindo no uso da língua materna. Outros grupos, apesar de tentativas do uso

da língua nacional em suas práticas cotidianas, não conseguiam expressar sentimentos e emoções íntimas em português.

Desta forma, o presente trabalho teve como ponto de partida confrontos de determinações legais do Estado brasileiro no período Vargas e textos produzidos por imigrantes e descendentes de imigrantes alemães no sul do Brasil. Foi privilegiado o espaço de Santa Catarina nas décadas de 30/40, buscando-se identificar as formas de afirmação do Português como língua nacional sobre populações e formas de resistência evidenciadas. Observou-se o investimento que o governo brasileiro fez em instituições diversas, sobretudo na rede escolar oficial, para referenciar a educação de jovens nos princípios da brasilidade e estender o espírito de nacionalidade brasileira a todos os cidadãos. Por um lado esteve a maneira pela qual o Estado recorreu permanentemente ao escrito, através da edição de textos científicos ou de propaganda oficial, difundidos entre as populações. Por outro lado, apreendeu-se formas pelas quais as populações receberam imposições da língua, ganhando importância, nesse sentido, movimentos urbanos, como aquele ocorrido na cidade de Blumenau em 1934, quando a população fechou o comércio ensaiando uma espécie de greve geral¹. Também ganharam importância formas de oposição cotidianas expressadas através de escrita e leituras de textos, sobretudo textos literários.

As resistências ainda foram traduzidas no funcionamento de instituições sob controle de grupos que conservavam autonomia em relação ao Estado, na tentativa de fazer funcionar uma imprensa em língua alemã e na edição frequente de periódicos. Através da impressão, difusão e leitura de publicações foi praticada uma linguagem não aceita pela racionalidade oficial. Manifestações de resistência não se basearam apenas em textos em língua estrangeira, no caso no idioma germânico, mas também em diferentes escritos, mesmo em língua

¹ Uma obra publicada durante as comemorações do centenário da fundação de Blumenau registra não apenas a resistência, mas também a fórmula encontrada pelo governo para "resolver" o problema: o envio de tropas armadas para ocupar a cidade:

"O comércio e as indústrias cerraram suas portas em sinal de protesto e durante mais de uma semana a cidade de Blumenau apresentou aspecto de verdadeira praça de guerra. Não fosse a prudência de algumas autoridades, o bom senso de alguns cidadãos mais avisados, o fato teria assumido proporções de verdadeiro desastre com o derramamento de sangue, que esteve iminente, pois o governo estadual já enviara força armada contra Blumenau e a população desta cidade preparava-se para recebê-la à bala".

portuguesa, que se referiam às imposições estatais. Basearam-se também em textos oficiais. Isto quer dizer que escritos do Estado, na medida em que regulamentavam a generalização da língua nacional, trouxeram evidências que tais regulamentações não foram aceitas com muita facilidade pelas populações as quais procuravam atingir.

A prática interventora do Estado junto à sociedade foi tomada como parte do movimento dirigido para modificar comportamentos e sentimentos dos indivíduos na sua vida cotidiana. Esta prática passou por um refazer de hábitos de conduta elementares nas relações pessoais, na sociedade local, bem como pela transformação dos indivíduos em trabalhadores brasileiros. Isto implicou numa nova relação estabelecida entre o Estado e a sociedade. O movimento, vinculado a um amplo projeto de caráter nacionalista, atingiu diversas instituições como família, escola, espaços de trabalho e lazer. Interessaram para este estudo, sobretudo, repercussões do projeto nacionalizador na questão do uso da língua em um campo documental diversificado como jornais, almanaques e outras publicações. Alguns destes textos, impressos em forma de cadernos para ampla divulgação popular, tiveram espaço de leitura e representação garantido junto às escolas e associações recreativas, como no caso das peças teatrais. Também foram significativos textos que permitiram perceber a dimensão da nacionalização e suas influências.

A partir dos textos foi possível perceber, no projeto nacionalizador, tentativas de unificar e integrar descendentes de estrangeiros a referenciais de brasilidade para forjar uma identidade homogênea para a população do país. Por um lado, colocaram-se possibilidades de que o impacto das tentativas junto aos grupos tenha produzido efeitos transformadores de hábitos e comportamentos. Por outro lado, ficou evidente que parte da população não adotou padrões de brasilidade, mas resistiu à campanha estatal, afirmando e reafirmando sua língua, sua cultura e referenciais de conduta.

Este trabalho se dirigiu para o estabelecimento de vínculos entre o investimento nacionalizador e a campanha de afirmação da língua nacional na

sociedade brasileira dos anos 30/40. Procurou identificar como se configurou, no imaginário das elites brasileiras da época, um novo referencial de cidadão, ou como foi delineado um perfil de habitante para as regiões em processo de crescimento urbano.

Os textos registrados a partir de falas oficiais e jornais possibilitaram observar preceitos de conduta e a constituição de referenciais que influenciaram o modo de vida dos catarinenses. Os escritos foram tomados como evidências do investimento regenerador que teve como alvo não só a população do sul do Brasil, mas que repercutiu nacionalmente. Foram levantadas, a partir dos textos, palavras, metáforas ou depoimentos que se relacionaram, de alguma forma, a questões de uso da língua nacional ou da língua estrangeira. Desta forma, evitou-se o tratamento do tema tradicionalmente polarizado em torno de questões como "germanismo" e "nazismo", propagadas por autoridades getulistas e setores nacionalistas; "negligência do Estado", "falta de oportunidades" e "falta de escolas oficiais", reclamadas por descendentes de imigrantes; e ainda "assimilação", "integração", "ajustamento", "aculturação" e "Deutschtum" exploradas por segmentos científicos.

No lugar de um apego exagerado a datas e espaços geográficos muito bem determinados como ponto de partida, foram considerados neste trabalho, o período 1930-1945 e as localidades de Blumenau e Joinville apenas como referência para a abertura de possibilidades concretas de problematizar algumas questões nos parâmetros de uma discussão acadêmica. Tais questões se referem a conflitos entre Estado e sociedade, a racionalidade estatal tendendo a homogeneizar e padronizar condutas e comportamentos empunhando a bandeira nacionalista². As questões se tornaram mais complexas e ao mesmo tempo mais

1950, p.45.

² Um estudo recente sobre o imaginário político no Brasil dos anos trinta mostra como o apelo à homogeneidade, à harmonia, ao todo, ao uno e ao indivisível seduziu tanto a direita como a esquerda brasileiras. A mesma lógica se aplicaria à defesa da nação unida, da nova pátria soberana, do trabalhador sadio e da família. Os princípios morais manifestados em ambos os discursos (da Aliança Nacional Libertadora e do PCB) seriam também muito semelhantes. DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Ed. UFRJ/Ed. UFMG. 1997. p. 381-382.

interessantes, quando a homogeneidade estatal³ foi confrontada com minorias étnicas e culturais, como no caso dos conflitos ocorridos com descendentes de imigrantes alemães. Ao mesmo tempo, emergiu do problema um paradoxo que não pode deixar de ser considerado: o Estado getulista perseguiu certos segmentos como inimigos da pátria e da nação, acusando parte dos descendentes de imigrantes alemães de nazistas, mas ao mesmo tempo adotou métodos muito semelhantes àqueles vigentes na Alemanha no mesmo período.

É importante deixar claro que este estudo desconstrói a propaganda oficial do governo Vargas que, nos anos 30-40, considerou descendentes de alemães no sul do Brasil como um bloco homogêneo muito bem articulado politicamente e com evidentes ligações com o nazismo alemão. Aqui, os grupos foram tomados na sua diversidade, observando tanto as ligações com o nazismo como com movimentos políticos e culturais alemães, brasileiros e de outros países. A problemática central do trabalho articula-se em torno de dois eixos: a observação do envolvimento dos grupos com a língua alemã, através de textos sobretudo literários, com resistências e adesões ao projeto nacionalizador de Vargas, e o projeto de expansão da língua nacional como questão estratégica.

Além de resistências e adesões às políticas nacionalizantes, como no caso dos textos em língua alemã e escritos diversos de descendentes de imigrantes, outros textos ocuparam lugar privilegiado entre preocupações e discursos (ou práticas) oficiais. Tais textos se revelaram enquanto prioridades de iniciativas governamentais. O investimento não apenas nos textos, mas nas instituições em geral, aliou-se a intervenções operadas sobre o conjunto da população catarinense. Em relação ao uso da língua estrangeira, cabe considerar que preocupações estatais iniciaram-se em Santa Catarina ainda em 1919, quando leis dificultaram o funcionamento das escolas controladas pelos descendentes de imigrantes. Essas leis estavam vinculadas à campanha pela nacionalização do ensino levada a termo em todo território nacional.⁴

³ Edgar de Decca mostrou como a revolução de trinta definiu o campo simbólico da homogeneidade onde o poder foi exercido, apagando da memória conflitos de classe existentes na sociedade brasileira. DECCA, Edgar S. de. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo, Brasiliense, 1984. p. 73-74.

⁴ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. *Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil*. Campinas, UNICAMP, 1993. (Tese de Doutorado em História). p. 167.

Ainda entre questões que estiveram presentes durante a investigação da documentação, análise dos dados coletados e redação da tese, figuram a identificação e compreensão dos processos históricos de persistência e mudança do uso da língua alemã no sul do Brasil após o governo Vargas e a interrogação das matrizes teóricas do pensamento nacionalista na Europa e Brasil, na intenção de estudar a constituição de noções de brasilidade nas décadas de 30 e 40 e sua influência no sul do Brasil. Este trabalho envolveu pesquisa sobre o pensamento nacionalista alemão, na procura do estabelecimento de limites entre romantismo⁵ e nazismo nos textos que circularam nesta região. Inicialmente foi problematizado o uso da língua como campo de embates, confrontos, formas de dominação e resistência, sobretudo a partir de textos de época, relacionados prioritariamente à prática escolar e ligações da população a sociedades de caráter recreativo. Posteriormente foi delineado o universo de representações dos grupos populacionais descendentes de imigrantes em Santa Catarina nos anos 30/40, com discussão do significado das configurações imaginárias e das relações que estas mantiveram com projetos de dominação e formas de resistência expressadas pelas populações. Resistências e adesões da população catarinense de origem estrangeira ao projeto nacionalizador foram estudadas sobretudo a partir de escritos do Estado e de textos produzidos ou lidos por descendentes de imigrantes.

É importante que algumas palavras sejam ditas a respeito da atualidade do tema. A pesquisa iniciou-se no momento da emergência de concepções separatistas no sul do país⁶, quando ganham força releituras das culturas alemãs e italianas através de festas que se afirmam em Santa Catarina: do vinho, do

⁵ O romantismo não foi tomado aqui apenas no seu aspecto conservador. Na abordagem do romantismo político e filosófico na Alemanha, alguns autores marxistas, como Lukács, perceberam apenas sua face reacionária, de direita, tendente ao fascismo. Desconsideraram certas manifestações literárias e poéticas que superam as questões abordadas. Estudos de tendências diversas tomaram os românticos como contra-revolucionários. Outros, ao contrário, viram apenas a face anárquica ou revolucionária do romantismo. Toma-se aqui como referência a concepção de Michael Löwy e Robert Sayre, que viram a retomada de valores e ideais do passado pré-moderno pelo movimento romântico, como contestação à modernidade. Segundo estes autores, "*O romantismo como visão de mundo se constitui no que diz respeito específico à crítica da 'modernidade'*". LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie: le romantisme à contre-courant de la modernité*. Paris, Payot, 1992. p. 20, 30-31.

⁶ Um artigo publicado recentemente na Revista Catarinense de História analisa a tendência separatista em meio à diversidade cultural de Santa Catarina. FALCÃO, Luiz Felipe. "O separatismo em Santa Catarina".

marreco, do chope e Oktoberfest, nas quais proliferam locais de divertimento com música, comida alemã e italiana. Nas praças públicas de Blumenau, Joinville e outras cidades catarinenses se observa a população cantar e dançar ao som de bandinhas alemães. Debates sobre "*identidade catarinense*" povoam páginas de jornais e se inscrevem nas discussões acadêmicas. Populações e governos retomam tradições perdidas, conforme depoimento do que ocorreu na cidade de Itapiranga, em Santa Catarina, a partir dos anos 80:

*"No início dos anos 80, preocupados com o desaparecimento destas tradições, a Prefeitura Municipal e o Departamento Cultural de um dos clubes sociais da cidade investiram na vinda de um professor alemão que passou a dar aula na língua, aulas de violão e flauta e também danças folclóricas. Isto tudo estimulou a criação de vários grupos culturais e eventos, a ida de professores à Alemanha e mais tarde, a opção de voltar a estudar alemão nos colégios, onde os alunos puderam escolher entre ela e o inglês."*⁷

Em face a tais questões, populações e governos vêm reelaborando também o conceito de nação. Num momento em que se configuram novos referenciais, parece ser significativo repensar questões relacionadas à "*tradição, sangue, língua e cultura*", não como tônica catarinense e sul-brasileira, mas como parte de uma tendência nacional e mundial dos últimos tempos.⁸

Também evidencia-se, na historiografia local, uma retomada de temas que têm como ponto de partida questões referentes a imigrantes e imigração num enfoque diferente do que se vinha adotando até então. Superando as preocupações demográfico-econômicas que até então marcaram a historiografia

Revista Catarinense de História n. 4. Florianópolis, Departamento de História da UFSC/Ed. Insular, 1996. pp. 75-85.

⁷ RAUSCH, Cecília. Depoimento. Florianópolis, 07. 07. 1998. Cecília Rausch, 30 anos, é secretária executiva bilíngüe, neta de alemães católicos, que ajudaram a colonizar a cidade de Itapiranga, no extremo-oeste de Santa Catarina.

⁸ Estas questões foram assinaladas por Maria Stella Bresciani, ao tratar de novos enfoques na história política e dos movimentos sociais recentes. BRESCIANI, Maria Stella. "Apresentação". In: (org.). Jogos da política: imagens, representações e práticas. São Paulo, ANPUH / Marco Zero-FAPESP. p. 46. Em São Paulo, vários trabalhos evidenciaram esta tendência, entre os quais teses e dissertações da Universidade de Campinas, recentemente defendidas, que tratam da construção da nação e do inimigo estrangeiro:

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Estrangeiro em sua própria terra: representações do trabalhador nacional 1870-1920. Campinas, UNICAMP, 1991. (Dissertação de Mestrado em História)

FONSECA, Ana Maria Medeiros. Das raças à família: um debate sobre a construção da nação. Campinas, UNICAMP, 1992. (Dissertação de Mestrado em História)

catarinense⁹ no que se refere à abordagem de comunidades descendentes de estrangeiros, novas preocupações aparecem relativas a questões de cultura¹⁰, etnicidade, identidades, diversidades, trabalho, nacionalização¹¹, nacionalismos.¹²

⁹ Evidenciadas em trabalhos apresentados no curso de pós-graduação de História da UFSC ou publicados na década de setenta:

PIAZZA, Walter F. A colonização italiana em Santa Catarina. Florianópolis, Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1976.

SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. A colonização italiana no vale do Itajaí-Mirim. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1981.

BARRETO, Maria Therezinha Sobierajski. Os poloneses do alto vale do Rio Tijucas. Florianópolis, UFSC, 1979. (Dissertação de Mestrado em História)

Outros trabalhos, apresentados recentemente, seguem a mesma tendência, enfatizando aspectos econômicos:

CARDOSO, Maria Zilene. Gaspar, século XIX; as dificuldades para o seu povoamento inicial e a desmistificação de uma dependência. Florianópolis, UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado em História)

SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. Trentinos em Santa Catarina; a evolução econômica de Nova Trento 1875-1960. Florianópolis, UFSC, 1993. (Dissertação de Mestrado em História)

DALLABRIDA, Norberto. À sombra do campanário; o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do médio vale do Itajaí-Açu (1892-1918). Florianópolis, UFSC, 1993.

¹⁰ Uma abordagem antropológica foi proposta em uma obra que fez um trabalho incansável de reunir material sobre os italianos no Rio Grande do Sul:

BATTISTEL, Arlindo I. & COSTA, Rovílio. Assim vivem os italianos; vida, história, cantos, comidas e histórias, v. 1. Porto Alegre, EST/EDUCS, 1982.

BATTISTEL, Arlindo I. & COSTA, Rovílio. Assim vivem os italianos; religião, música, trabalho e lazer, v. 2. Porto Alegre, EST/EDUCS, 1983.

¹¹ Aqui estão alguns títulos que tratam de identidades, trabalho e nacionalização em Blumenau e Joinville, num contexto de teuto-brasileiros, que valorizaram discussões sobre etnicidade, espaços de sociabilidade e idioma:

BRUHNS, Katianne. Espaços de sociabilidade e o idioma; a campanha de nacionalização em Joinville. Florianópolis, UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado em História)

FROTSCHER, Méri. Etnicidade e trabalho alemão; outros usos e outros produtos do labor humano. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História)

SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. Integralismo, nacionalismo, identidade cultural; o mito da brasilidade em Santa Catarina. (Mimeo)

¹² Foram levantados alguns trabalhos que poderiam integrar, por assim dizer, os parâmetros de uma nova historiografia catarinense, com nova temática e novos enfoques:

A revista "Esboços" do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, tem publicado trabalhos de alunos que demonstram tais preocupações:

1. WOLFF, Juçara Nair. "Porto dos cantadores: a construção de colônia ao ritmo e ao som das bandinhas". Esboços, n. 2, Florianópolis, UFSC/ Curso de Pós-Graduação em História, 1995. pp. 14-21.

Este foi um artigo apresentado no IV Encontro Estadual de História da FURB - Blumenau, que procurou dar visibilidade a certas questões e decodificar práticas sociais que envolveram a música no município de São Carlos, antiga Alguinhas, colônia teuto-russa, em Santa Catarina. Os ensaios, serões, reuniões dançantes e festas religiosas foram pensadas, com inspiração na História Cultural de Roger Chartier, como momentos onde a música, pelo ritmo e sonoridade, marcava visivelmente um modo de existência da comunidade, exercendo um poder de comunicação e identificação entre os membros do grupo.

2. BRUHNS, Katianne. "A ruptura no processo cultural de Joinville a partir da campanha de Nacionalização". Esboços, n. 1, UFSC/ Curso de Pós-Graduação em História, 1994. pp. 37-43.

O trabalho buscou, com inspiração em Eric Hobsbawm, confrontar as tradições inventadas pelo Estado Novo e o nacionalismo de Vargas com a cultura e tradição cultivadas em Joinville pelos imigrantes alemães.

O trabalho trata também da memória individual e coletiva, do silêncio e da resistência, conforme Michael Pollak.

3. ZIMMER, Roseli. "Representando a germanidade na cidade mais alemã do Brasil: o desfile das sociedades de caça e tiro". Esboços, n. 1, UFSC/ Curso de Pós-Graduação em História, 1994. pp. 71-77.

Alguns trabalhos tomam como temática as festas, música, lazer, cotidiano¹³, os modos de existência, as identificações entre os grupos. Trabalham com memória, imagens¹⁴, história oral, novos olhares, narrativa histórica. O trabalho "*Oktoberfest: festa, cultura e turismo na estação do chopp*", inaugurou de alguma forma a temática das festas, ao trabalhar a questão nos parâmetros da "invenção" recente das Oktoberfests, que entraram no calendário nacional e internacional do turismo. As festas que acontecem no mês de outubro em Santa Catarina são tratadas através dos imaginários construídos, das estratégias e atitudes dos seus construtores, dos discursos dos seus "fazedores", da desconstrução dos mitos da sua origem, da sua historicidade, das vozes dos personagens e atores, da visibilidade dos seus autores¹⁵.

As identidades açorianas também povoam esta nova historiografia com temas que tratam a invenção da açorianidade¹⁶, a construção de uma tradição

O trabalho foi apresentado no XVII Simpósio Nacional de História - ANPUH. A autora mostra, com inspiração na História das Imagens de Ivan Gaskell, como as imagens fotográficas e de filmes sobre a Festa Pomerana, na cidade de Pomerode, SC, representam, no desfile, as categorias sociais, classe, gênero e cultura germânica, criando para Pomerode a imagem de cidade mais alemã do Brasil.

4. FERREIRA, Cristina. "A festa do centenário de Blumenau: símbolos e representações sociais". *Esboços*, n.3, UFSC/ Curso de Pós-Graduação em História, 1996. pp. 11-21.

Este trabalho, apresentado na III Semana de História da Universidade de Blumenau, SC, e inspirado na História e Memória de Le Goff, estuda os símbolos e representações da festa do centenário, procurando visualizar, através deles, a complexa rede de relações sociais na cidade de Blumenau.

5. SERPA, Ivan Carlos. "Vale de histórias: o cotidiano da imigração italiana numa comunidade do vale do Itajai-Mirim. Um Ensaio de micro-narrativa histórica". *Esboços*, n.4, UFSC/ Curso de Pós-Graduação em História, 1994. pp. 55- 63.

O artigo busca lançar novos olhares sobre a imigração italiana para o município de Brusque, SC, dialogando com a narrativa histórica, antropologia, memória e história oral.

¹³ O cotidiano dos italianos foi tratado num trabalho recente:

RADIN, José Carlos. *Ítalo-brasileiros em Joaçaba*. Florianópolis, UFSC, 1995. (Dissertação de Mestrado em História)

¹⁴ Alguns trabalhos trataram de imagens fotográficas (ou da memória) de imigrantes no Rio Grande do Sul:

1. COSTA, Rovílio. *Antropologia visual da imigração italiana*. Porto Alegre/Caxias do Sul, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes / Universidade de Caxias do Sul, 1976.

2. MOEHLECKE, Germano Oscar. *São Leopoldo era assim: o passado pela imagem*. São Leopoldo, Museu Histórico Visconde de São Leopoldo / Instituto Histórico de São Leopoldo, 1982.

3. MÜLLER, Telmo. *Colônia alemã: imagens do passado*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.

Outros trabalham com as imagens numa perspectiva literária:

MAZURANA, Valdemar. *Miragens e fantasmas do imigrante italiano do sul de Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC, 1987. (Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira)

¹⁵ FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Oktoberfest: turismo, festa e cultura na estação do chopp*. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1997. p. 9-10.

¹⁶ Esta questão foi tratada num livro que apresenta um panorama da farra do boi e suas variações como as festas, brincadeiras, hábitos, costumes e experiências culturais da Ilha de Santa Catarina. Preocupa-se com a penetração da tradição açoriana "inventada" ou "assimilada" nas manifestações culturais da antiga Desterro, e da urbana Florianópolis. Toma a indústria cultural iconizando, destruindo e esvaziando o

açoriana¹⁷, a "*edificação de uma cultura fantástica em Desterro*" (atual Florianópolis) como identidade açoriana¹⁸, do imaginário fantástico, "*inevitavelmente trágico*", "*operando uma construção de valores e de sentenças de vida*"¹⁹. Trabalham as significações culturais²⁰, tradições existentes e inventadas, os símbolos, os rituais, os mitos e a etnografia²¹. A cultura é tomada em sua historicidade, como lugar de confronto entre elites e classes populares, em contextos disciplinadores e reformadores, de processos de controle e vigilância, de normatização de festas e diversões populares nos parâmetros de reformas urbanas.²²

sentido das festas populares. FLORES, Maria Bernardete. *A farra do boi*; palavras, sentidos, ficções. Florianópolis, Editora da UFSC, 1997. p. 15-16.

¹⁷ A Marejada, festa portuguesa do pescado da cidade de Itajaí, SC, foi tratada nos parâmetros da construção de uma identidade açoriana para a cidade, que desconsiderou sua pluralidade étnica. O trabalho desconstrói "*o princípio que delimita o caráter exclusivamente açoriano para a composição étnica da cidade*", trilha "*os caminhos pelos quais determinadas parcelas da população tornaram-se distintas socialmente*", observa as sociabilidades, as estratégias e táticas para a construção das distinções sociais, e vê como se deu o "*uso da esfera pública para fins privados pela elite local*". SEVERINO, José Roberto. *Itajaí e a identidade açoriana*; a maquiagem possível. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História) p. 6.

¹⁸ Algumas obras que trataram o fantástico estão na esteira dos trabalhos de Franklin Cascaes:

1. CASCAES, Franklin. *O fantástico na ilha de Santa Catarina*, v. 1-2, Florianópolis, Ed. da UFSC, 1983/1992

2. CARUSO, Raimundo. *Franklin Cascaes; vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1981.

3. ESPADA, Heloisa. *Na cauda do boitá*; um estudo do processo de criação dos desenhos de Franklin Cascaes. Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 1996.

Outros trabalhos retomam as tradições populares açorianas, estimulados pelo turismo ou pela recente polêmica sobre a farra do boi divulgada no Brasil pela imprensa:

1. CADERNOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO 03. "Roteiro das manifestações culturais do município de Florianópolis". Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 1995.

2. LACERDA, Eugênio et al. *Farra do boi*; introdução ao debate. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1990.

3. MARTINS, Valmir & MACHADO, Mauro José. "Notas para o estudo da farra do boi". *Revista Catarinense de História*, Florianópolis, ANPUH-SC, n.1 mai. 1990. pp. 7-12.

A tendência a retomar as tradições através de cadernos populares está presente de diversas formas no sul do Brasil. Cadernos populares editados recentemente no Rio Grande do Sul, divulgam a língua, dialeto, receitas culinárias e imagens fotográficas de imigrantes alemães:

MÜLLER, Telmo Lauro. *História da imigração alemã para crianças*. Porto Alegre, Correio Rio Grandense, 1996.

¹⁹ PRIM, Gilberto. "A arte trágica no imaginário fantástico de Desterro". *Esboços*, n.3, UFSC/ Curso de Pós-Graduação em História, 1996. pp. 23-34.

²⁰ Sobre os teuto-brasileiros, existe uma tese que trata das significações culturais no Rio Grande do Sul: SANT'ANNA, Sérgio Bairon Blanco. *História Palínica*; significações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira. São Paulo, USP, 1991. (Tese de Doutorado em História)

²¹ Com este enfoque, há uma publicação recente: BASTOS, Rafael José de Menezes (org.). *Dioniso em Santa Catarina*; ensaios sobre a farra do boi. Florianópolis, Ed. da UFSC/FCC Edições, 1993.

²² MACHADO, Ana Bela & LENZI, Rogério. "Entrevista a Maria Bernardete Ramos Flores". JORNAL PAPA-SIRI n. 9. Itajaí, setembro de 1997. p. 4-5.

Na esteira das "memórias" de imigrantes também foram recentemente editados alguns trabalhos em Santa Catarina e Rio Grande do sul²³. Outros, além das memórias, adentraram em discussão sobre os parâmetros de temas como germanidade e germanismo.²⁴ Alguns retomam a história das antigas sociedades ou associações de imigração, imigrantes e seus descendentes²⁵. E outros ainda tratam de relações de gênero entre imigrantes e descendentes de imigrantes.²⁶

²³ LANG, Guido. Jacob Lang - A história de um imigrante e pioneiro. São Leopoldo, Rotermond S.A., 1992.

LOLLA, Beatriz Pelizzetti. Memórias de um italiano na Revolução de Trinta em Santa Catarina. Blumenau, Ed. da Furb, 1997.

²⁴ Este é o caso de um trabalho que tratou da "consciência germânica" nos parâmetros da religião luterana: KLUG, João. Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis (1868-1938). Florianópolis, UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado em História).

Um outro trabalho do mesmo autor, buscou "*recuperar a memória*" dos imigrantes alemães-luteranos em Santa Catarina, proporcionando "*uma visão de conjunto ao leitor*", "*enfocando os principais núcleos de colonização germânica no Estado*" e a "*implantação e expansão da igreja luterana em Santa Catarina*". Levantou também as "*causas da imigração*" e os "*reais motivos*" que tiveram os governantes para trazer o imigrante alemão para o Brasil. Preocupou-se ainda com o fato de que "*o imigrante foi usado no contexto diabólico do branqueamento das raças*", "*para tirar o negro do processo produtivo e lançá-lo a uma maior marginalidade*", "*usado na segunda grande desestruturação do mundo indígena*", "*usado para formação do exército nacional imperial*". Também teria sido usado pelos barões do café de São Paulo, conforme as palavras de Martin Dreher no prefácio da obra: "*os barões de café de São Paulo valeram-se do imigrante como substitutivo da mão-de-obra escrava*". Diante desta visão do imigrante como vítima de governantes e elite brasileira, como os barões do café, só resta ao trabalho evocar a "*solidariedade entre os grupos e resultar em construção da nacionalidade*". KLUG, João. Imigração e luteranismo em Santa Catarina. Florianópolis, Papa-Livro Editora, 1994. p. 13-18.

Ainda do mesmo autor, na mesma perspectiva de "*recuperar a memória*" dos alemães e seus descendentes, está um artigo que pretende "*trazer à tona pessoas que no passado escreveram história em Santa Catarina, mas que são praticamente desconhecidas*". Aborda textos de história produzidos por professores de escolas alemãs em Blumenau, que tentavam suprir a carência de textos de História do Brasil nestas mesmas escolas. KLUG, João. "O texto de história nas escolas teuto-catarinenses: dois casos de uma "historiografia doméstica". Revista Catarinense de História v. 5, Florianópolis, Departamento de História da UFSC/ Ed. Insular, 1998. p. 21-28.

Ainda tomando como tema central a germanidade ou o "Deutschtum", palavra que o trabalho mantém para evidenciar, talvez, a inexistência de tradução adequada, está o artigo de Valberto Dirksen publicado na Revista Catarinense de História. DIRKSEN, Valberto. "As colônias alemãs no Brasil". Revista Catarinense de História, n.2. Florianópolis, Departamento de História da UFSC/ Ed. Terceiro Milênio, 1994.

Um trabalho sobre pangermanismo no sul do Brasil abriu novas possibilidades de abordar a temática, na medida em que tratou os nacionalismos e nacional-socialismo enquanto utopias, inaugurando uma abordagem literária:

MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil. Op. Cit.

²⁵ RICHTER, Klaus. A sociedade colonizadora hanseática e a colonização do interior de Joinville e Blumenau. Florianópolis/Blumenau, Ed. da UFSC/ Ed. da FURB, 1986.

MÜLLER, Telmo Lauro. Sociedade Ginástica; cem anos de história. São Leopoldo, Rotermond S.A., 1986.

²⁶ Um trabalho sobre a colônia Blumenau propôs tornar visíveis as mulheres, seu trabalho e cotidiano. Deu ênfase à formação dessas mulheres em casa, na escola e na igreja. Tomou o trabalho como atividade e como princípio ético. As relações cotidianas trouxeram os lazeres, conflitos, amores, convívio familiar e social. Preocupou-se também com a influência das mulheres sobre a vida da família e da comunidade. WOLFF, Cristina Scheibe. As mulheres da colônia Blumenau; cotidiano e trabalho. São Paulo, PUC-SP, 1991. (Dissertação de Mestrado em História) p. 2.

Trabalhos na área de antropologia social preocupam-se em historicizar a "questão étnica", apreendendo mudanças ocorridas no Brasil vinculadas à nacionalidade e brasilidade que deram lugar ao aparecimento do grupo étnico enquanto um "problema", e enquanto "estrangeiros"²⁷. Questões relativas à linguagem dos descendentes de imigrantes aparecem atualmente mais na área da Lingüística que na de História²⁸.

A realização do presente trabalho foi possível em razão de pesquisa feita em documentação histórica que trata do imigrante e das diferentes populações habitantes do sul do Brasil, particularmente do espaço catarinense. Parte desta documentação já estava catalogada, em função de pesquisa elaborada anteriormente. Outros documentos foram encontrados em bibliotecas e arquivos nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Joinville, São Paulo, Rio de Janeiro, Bonn, Stuttgart e Berlim.

"A memória da mulher imigrante está toda ela por ser resgatada" afirma um outro trabalho que se propõe à esta tarefa. KLUG, João. Imigração e luteranismo em Santa Catarina. Op. Cit. p. 16.

Ainda sobre o "papel feminino", o "plano da atuação feminina na matriz doméstica" e "interação com o masculino complementar" encontra-se o trabalho de Maria Luiza Renaux sobre as mulheres (imigrantes alemães ou descendentes) no vale do Itajaí. Nessa reconstituição, a autora propõe ver o "outro lado da história". RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Blumenau, Ed. da FURB, 1995.

As "tensões, trabalho e sociabilidades" também são preocupações entre mulheres da Joinville do século XIX, lugar de imigrantes alemães. SILVA, Janine Gomes da. Tensões, trabalho e sociabilidades: história de mulheres em Joinville no século XIX. Florianópolis, UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado em História)

²⁷ WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: a questão étnica no sul do país (Ijuí/RS). Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1990. (Trabalho de conclusão de curso) p. 1.

²⁸ Na Lingüística:

BÄRNERT-FÜRST, Ute. Manutenção e mudanças lingüísticas no Município de Panambi: um estudo qualitativo e quantitativo. Campinas, UNICAMP, 1989. (Dissertação de Mestrado em Lingüística)

BOSO, Ivete Marli. Entre o passado e o futuro: bilingüismo em uma comunidade trentino-brasileira. Florianópolis, UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado em História)

Na História:

RADIN, José Carlos. Língua e nacionalização. In: _____. Ítalo-brasileiros em Joaçaba. Op. Cit. pp. 88-96.

"A língua, da mesma forma como o indivíduo humano e a nação, passa por um desenvolvimento orgânico. Como eles, nasce, amadurece, definha."

As palavras acima, extraídas de um livro sobre literatura e teatro alemães²⁹, remontam aos primórdios do romantismo, ou ao pré-romantismo. As especulações lingüísticas de Hamann e Herder, a quem estas palavras se referem, pressupunham estreito envolvimento entre concepções de língua vigentes naquele momento e a história. Estes pensadores, representantes de um grupo de alemães que se distanciaram da Ilustração³⁰, não aceitavam princípios e leis universais. Valorizavam, em contrapartida, noções de "alma do povo", intrinsecamente ligada à clima, geografia e etnias. Partiam de uma visão de povo vinculada a singularidades e de uma concepção de história muito ligada à natureza, às coisas da terra, ao país de origem. A língua não poderia estar fora desta relação. A tradição do pensamento alemão, de estabelecer estreitas ligações da história do povo com a língua³¹, diverge na essência da tradição das ciências modernas, que separa língua e história em ramos distintos do conhecimento.

²⁹ ROSENFELD, Anatol. História da literatura e do teatro alemães. São Paulo, EDUSP/ UNICAMP/ Perspectiva, 1993. p. 66.

³⁰ Ao definir, nas diversas manifestações do romantismo, uma essência espiritual comum, muitos autores evidenciam seu aspecto de oposição ao racionalismo, universalidade e objetividade inerentes à filosofia das luzes. Assim, conforme Isaiah Berlin, os românticos Hamann, Herder, Burke e Bergson estariam, ao ressaltar suas "faculdades espirituais intuitivas", explicitando um sentimento "contra as luzes". Há controvérsias neste sentido. Os autores Michael Lowy e Robert Sayre acreditam na insuficiência do argumento "categoria espiritual unificadora" quando se trata de opor romantismo ao iluminismo. LOWY, Michael & SAYRE, Robert. Révolte et mélancolie: le romantisme à contre-courant de la modernité. Paris, Payot, 1992. p. 16-17.

³¹ Numerosos estudos literários alemães vinham, desde a Idade Média, evidenciando virtudes do alemão em relação às demais línguas. Esta tendência atravessou a história alemã, tendo sido bastante reforçada durante a reforma protestante. Como exemplo disto, um texto datado de 1651, redigido por um luterano, fazia um extenso elogio para a língua alemã, enquanto falava da "mendicidade" das demais línguas:

"Quando as línguas se separaram, e que os homens se dispersaram através do mundo, Ascenas, o supremo pai de família (Oberhausvater) de sua linhagem, atravessou a Ásia Menor e se instalou na Europa, onde frutificou e partilhou as terras... antepassado dos alemães, tinha trazido de Babel a velha língua cimbria ou alemã...hoje ainda, percebemos a presença, em todos os países da Europa, de palavras-raízes da língua alemã, embora diferentes entre si, em consequência de toda sorte de mudanças e de confusões, deformadas e corrompidas pela mistura com palavras estrangeiras.

(...)

Se observamos as paisagens européias, se refletimos sobre as mudanças que elas conheceram, considerando ao mesmo tempo o estado da língua, constataremos que somente a imemorial Alemanha não foi submersa pelas línguas estrangeiras. Assim, pois, a posse de uma língua pura é a confirmação mais certa daquilo que Tácito, já há 1500 anos, dizia aos alemães: "Ipsos Germanos indígenas

O presente capítulo consiste em um esforço em traçar um referencial teórico e metodológico sobre o assunto, numa tentativa de responder como a história intelectual dos alemães demonstrou interesse pela língua, e como a questão se relacionou com a própria história do nacionalismo alemão. Também como língua e nacionalismo, no pensamento e no imaginário dos alemães, esteve muito ligada às emoções, elemento que poderia ajudar a explicitar o apego à língua demonstrado pelos teuto-brasileiros.

Por outro lado, o recurso a alguns autores representativos do pensamento nacionalista no Brasil permitiu fazer um confronto historiográfico, no sentido de perceber como a questão da língua veio se colocando no pensamento político brasileiro e como se tornou uma questão de Estado. Isto apontaria para a valorização da língua pelo Governo Vargas como questão estratégica nos anos 30/40.

Ainda nos parâmetros dos nacionalismos no Brasil, foi considerada a mudança de enfoque nos discursos ou práticas que trataram das etnias no sul do Brasil, na substituição do mito do trabalho e da disciplina alemães pela "descoberta da açorianidade"³² - poder-se-ia falar talvez em "nacionalismo caboclo".

Num segundo momento, partindo da discussão travada na História Social, e do impacto sobre ela da chamada "volta para a linguagem", procurou-se observar o movimento desse debate, apreendendo as críticas feitas pelos estudiosos da linguagem aos historiadores da sociedade, e a mudança de enfoque

crediderim". Pelo contrário, considerando a Itália, a França, a Inglaterra, a Grécia, e mesmo a África, vemos que o estado da língua aí mudou. Nossos antepassados esforçaram-se, com muita aplicação, para conservar sua língua materna pura e livre, e ensinaram-na a seus filhos sem mendigá-la entre seus inimigos." SCHOTTEL, *Teutsche Sprachkunst*. Braunsschweig, 1651 APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Perspectiva/USP, 1974. p. 88-89.

³² Três trabalhos específicos tratam desta questão em Santa Catarina. Um deles fala como o elemento "trabalho alemão" sempre serviu para afirmar a cidadania dos teuto-brasileiros, vinculando-se às noções de pioneirismo, obstinação e eficiência, servindo também como justificativa para manter as tradições e os costumes destes grupos. FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. Op. Cit. p. 147. O outro trabalho mostra como a oposição entre indolência litorânea atribuída ao descendente de açoriano e a noção de disciplina como atributo quase exclusivo da nacionalidade germânica, vinculada aos ideais de progresso para Santa Catarina, foi substituída por uma noção de disciplina capaz de ser aplicada a todo e qualquer trabalhador nacional, com a recuperação da imagem do trabalhador de origem portuguesa. CAMPOS, Cynthia Machado. *Controle e normatização de condutas em Santa Catarina*. São Paulo, PUC, 1992. (Dissertação de Mestrado em História) p. 62. Finalmente, o trabalho de Maria Bernardete trata da descoberta da açorianidade. FLORES, Maria

dos historiadores a partir das críticas. Num primeiro momento foi colocada a tradição da ciência ocidental em separar os níveis da história e da linguagem, e como estas se encontraram cada vez mais, recentemente.

1.1. NACIONALISMOS E LINGUAGENS

Aqui discutem-se três momentos ligados a questões de nacionalismo e nacionalização significativos para este trabalho. Procurou-se, na medida do possível, vincular tais questões à importância da língua, ou seja, foram feitas tentativas de trabalhar, em cada um dos tipos de nacionalismo abordados, as relações estabelecidas com a linguagem. Uma das preocupações esteve ligada ao imaginário alemão, sobretudo no resgate de noções presentes neste pensamento e nesta cultura, que possam explicitar de alguma forma o apego dos imigrantes à língua. Num segundo momento perguntou-se como foi problematizada a língua no pensamento nacionalista brasileiro, e como foi adquirindo importância gradativa, a ponto de se tornar questão estratégica, ou questão de Estado no Brasil dos finais da década de 30 e inícios da década de 40. Finalmente, tratou-se de uma forma de nacionalismo muito própria do sul do Brasil, ou mais propriamente de Santa Catarina: a da linguagem histórica, política, geográfica que, conforme expressão de um trabalho recente, "descobriu a açorianidade"³³. Poder-se-ia dizer que tal linguagem reelaborou a açorianidade, ou redimensionou os discursos e práticas em relação aos açorianos, nos anos 40, nas esteiras do projeto nacionalista de Vargas.

Na noção de nacionalismo próprio da cultura alemã é forte o componente lingüístico³⁴. Conforme noções que poderiam compor um quadro imaginário, os acidentes históricos teriam levado integrantes desta cultura a se dispersarem, passando a viver em diversos países. Apesar disto e a despeito das peculiaridades

³³ FLORES, Maria Bernardete. *Teatros da vida, cenário da História, a farra do boi e outras festas na ilha de Santa Catarina*. Op. Cit.

³⁴ Um verdadeiro culto à língua germânica foi evidenciado em vários ensaios literários que atribuíram o uso do alemão aos patriarcas da Bíblia, inclusive a Adão, remontando às origens da humanidade. O hebraico teria sido uma língua derivada do alemão e a essência das coisas se manifestava, segundo tal literatura, na própria sonoridade de certas palavras monossilábicas do idioma germânico. A qualidade de língua-mãe universal, embora considerada herética diante do hebraico, dava autenticidade à língua alemã, conferindo a esta prioridade em relação aos idiomas grego e latino. Diferentemente do latim, o alemão nunca se impusera à força para um povo vencido e, diante da língua inglesa, a superioridade da língua germânica se justificava na pureza, ou não contaminação, pelas demais línguas estrangeiras. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 85.

dos falares locais, a unidade dos grupos teria triunfado pela cumplicidade do uso da mesma língua.³⁵

Não apenas a constituição de um território ou de um Estado, mas sim de um "espírito comum" povoava a imaginação. Noções de cultura, raça e língua³⁶ constituíam o elo fundamental que determinava a ligação de um alemão ao outro, o elemento que poderia mantê-los unidos. Os critérios para estabelecer distinções entre raça e língua são imprecisos para muitos escritores alemães, como elucida o Prof. Ernst Weymar, se referindo a Ernst Moritz Arndt e Friedrich Ludwig Jahn:

*"Entre os fiéis da idéia de uma missão cristã e germânica, os conceitos de povo e nação eram o mais das vezes objetivamente determinados pelas características da origem e da língua. Cada uma destas características era, alternadamente, mais ou menos fortemente acentuada. A eleição era determinada pelas forças do sangue e pelas forças do espírito, entre as quais vê-se um vínculo que não se chegava a determinar mais de perto."*³⁷

O elemento de união entre as noções de raça e língua, no imaginário alemão, poderia ter sido o elemento "pureza". Conforme Poliakov, conceitos tais como sangue, espírito, origem, estirpe, povo, raça e religião estiveram relacionados, no pensamento de diversos escritores, pelo atributo "pureza" que continham. Um exemplo disto seria o filósofo representante do idealismo alemão Johann Gottlieb Fichte que, numa obra intitulada *"Reden an die Deutsche Nation"*³⁸, explicava as diferenças entre povos pela "língua" e pela "origem", com base na noção de "natureza".

Noções herdadas do romantismo³⁹ também foram decisivas no envolvimento dos alemães uns com os outros. Esse envolvimento partia de princípios como o de que ser alemão constituía muito mais o resultado de

³⁵ ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. Op. Cit. p. 25-26.

³⁶ As vinculações entre raça e língua são constantes no pensamento alemão. Conforme Hegel, quando a questão era saber a origem das nações, haveria uma única prova com validade científica. Esta prova seria a linguagem. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 175.

³⁷ WEYMAR, E. "Das Selbstverstaendnis der Deutschen", Stuttgart, 1961, p. 125. APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 96.

³⁸ "Discurso para a nação alemã". XIII Discurso. APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 97.

³⁹ Talvez esta noção romântica aqui colocada possa ser identificada com uma vertente arcaizante do romantismo, ligada ao campesinato, que opunha as antigas comunidades (Gemeinschaften) à sociedade moderna (Gesellschaft). Constituiu-se numa espécie de tradição contrária à agitação das cidades. Também pode ser tomado aqui o arsenal cultural do romantismo, traduzido nas particularidades da nação germânica em relação às demais, nos mitos de origem e na ideologia *Völkisch* (nacional). LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Op. Cit. p. 94.

relações de caráter étnico-cultural. Mesmo além das fronteiras do país de origem, haveria ligações sentimentais, laços afetivos e lembranças emotivas da terra.

Ligações afetivas e identificação de uns com os outros, fossem de caracteres físicos, espirituais ou morais, estavam muito vinculadas à herança dos antepassados. A identidade também envolveu fortes ligações culturais, sobretudo com o uso da língua alemã. É significativo ressaltar a grande importância atribuída ao uso da língua pelo imaginário da população de origem alemã do sul do Brasil, a partir da associação da noção de linguagem à noção de pátria: a Pátria dos alemães, conforme o poema, é todo e qualquer lugar onde fosse falada sua língua:

*"Onde é a pátria dos alemães?
É a Prússia? É a Baviera?
É onde o vento leva a areia das dunas?
É onde chega o barulho do Danúbio?
Ó não, não, não!
Sua pátria deve ser grande.
Onde é a Pátria dos alemães?
Então finalmente indico a terra!
Tão extensa quanto o soar da língua
E Deus no céu recita canções
Ela deve estar
Onde estiver a língua!
Ernst Moritz Arndt".⁴⁰*

O significado da poesia de Arndt aqui colocado vem ressaltar a importância que a língua adquiriu para a cultura alemã. A glorificação do idioma germânico esteve inserida em um movimento que invadiu a Alemanha no início do século XIX, particularmente entre os anos de 1790 e 1815, que também cultuou a raça germânica, numa perspectiva biológica, difundindo a noção de que seria missão dos alemães a perpetuação da sua língua e do seu sangue. Este movimento, conhecido como racismo germano-cristão, marcou o início do nacionalismo alemão, tendo em Ernst Moritz Arndt e Ludwig Friedrich Jahn os seus maiores agitadores. A noção de sangue deu as bases para uma concepção religiosa ancorada no luteranismo, que afirmava os alemães enquanto um "*povo iluminado*", possuidor de uma "*centelha divina*".⁴¹

⁴⁰ *Der Urwaldsbote*, Blumenau, ano 42, nº 74, de 15-3- 1935. APUD SEYFERT, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Op. Cit. p. 47.

⁴¹ POLIAKOV, Léon. *De Voltaire a Wagner*, história do anti-semitismo III. São Paulo, Perspectiva, 1985. p. 323-324.

Para Arndt, as noções de raça e povo se identificavam, fundadas na noção de sangue, que não deveria ser misturado. A perpetuação das raças, ou dos povos, aconteceria de forma separada, para evitar que passassem pelos "*malefícios da mistura racial*", que levaria necessariamente ao "*abastardamento*".⁴² Glorificava, portanto o "*sangue germânico*":

*"Não creio que me engane, escrevia Arndt, ao afirmar que o poderoso e ardente bugrinho denominado germano era a boa espécie à qual podia ser inoculada a semente divina para produzir os frutos mais nobres. Os germanos...são os únicos que fizeram florescer o germe divino, graças à filosofia e à Teologia, e que estimulam, e dirigem como senhores... os povos que os circundam, e que pertencem a espécies estrangeiras."*⁴³

As escolas prussianas, a partir de 1815, foram invadidas por manuais que difundiram esta "germanomania", povoada de conceitos de "sangue impuro" que evoluíram para os de "sangue inferior". Estrangeiros (judeus, gregos e latinos) seriam portadores de "degenerescências" advindas do sangue. Em razão disto, os alemães, receptáculos de "virtudes" e "pureza", imbuídos de uma "missão" para a qual foram eleitos pela religião, se voltavam em armas contra a "tirania estrangeira".⁴⁴ Tanto as poesias como as idéias de Arndt deram bases para o nacionalismo alemão, inspirando projetos nazistas. Foram usadas pelo imperialismo alemão e, numa evidência de duração da poesia, apropriadas pelos sonhos de anexação do Brasil, publicadas nos jornais dos anos 30 de Joinville.

Além de concepções românticas, nacionalistas, nazistas ou imperialistas, os textos dos anos 30/40 evidenciaram que a relação dos alemães com a língua envolveu vínculos muito expressivos, que passaram por laços afetivos, sociais, políticos e filosóficos. A vivência sócio-política dos alemães, sua cultura e a tradição filosófica parecem ter, desde o século XVIII, reforçado um sentimento muito forte, tanto no plano social como no plano individual, dos alemães com a língua⁴⁵. Estes fundamentos poderão talvez servir como bases explicativas de uma

⁴² Idem p. 325.

⁴³ WEYMAR, E. "Das Selbstverstaendnis der Deutschen", Op. Cit. p. 322. APUD POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Op. Cit. p. 96.

⁴⁴ A "eleição alemã" foi uma noção expressada também pelos românticos, encontrando repercussão nas obras poéticas de Hölderlin e Novalis. POLIAKOV, Léon. De Voltaire a Wagner, história do anti-semitismo III. Op. Cit. p. 325-326.

⁴⁵ Os sentimentos apaixonados dos alemães em relação à sua língua atravessaram a cultura alemã ao longo da sua história. Remontando à Idade Média, alguns testemunhos atribuem à "língua teutônica" uma

luta que se estabeleceu entre diferentes culturas no sul do Brasil, que teve uma face política bem definida envolvida num sentimentalismo muito grande. Os teuto-brasileiros reviviam suas tradições e reavivavam a todo momento o sentimento ameaçado de se perder diante da força nacionalista que o getulismo implantava e generalizava nos anos 30-40.

A paixão certamente mobilizou integrantes do governo Vargas e de Nereu Ramos em Santa Catarina, na tarefa de solidificação do sentimento de brasilidade⁴⁶. A paixão movimentou membros das forças do exército do Rio de Janeiro que participaram das chamadas "Jornadas de Civismo". Certamente um sentimento semelhante foi experimentado por setores do professorado paulista, antigos integrantes da Liga Nacionalista de São Paulo, quando se dispuseram a substituir professores alemães nas escolas do sul do Brasil, numa orgulhosa tarefa de contribuir para solidificar a nacionalidade brasileira. Apaixonadamente resistiram (ou não) os alemães e seus descendentes⁴⁷.

Seguindo ainda os caminhos da tradição alemã, remontando ao século XVIII, na contraposição entre noções do Romantismo alemão e Iluminismo individualista, a noção de comunidade aparece como um componente muito forte presente nesta cultura. Ao contrário de um movimento fundamentado na razão individual, que atingiu, a partir do Iluminismo, a máxima possibilidade de

posição única, ou una, diferente das línguas latinas, que teriam ramificações diversas. O alemão estaria na origem do gênero humano e, atribuído às figuras de Adão e Eva, seria a língua original. As demais línguas (falares *welches* - outros) como a romana, não poderiam pretender ocupar a posição da língua alemã. Aqui o conceito de língua, do falar alemão, e o conceito de raça, da origem da humanidade, estavam totalmente associados. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 71.

⁴⁶ Ligada à noção de paixão, Pierre Ansart fala da afetividade política, do amor e do ódio, das emoções e sentimentos que acompanham a vida política. Dos momentos de angústia e revolta ou de simpatia e afeição:

"A afetividade política, com as suas figuras inesgotáveis do amor e do ódio, é evidente através de suas múltiplas manifestações e, entretanto, sempre marcada pela obscuridade. As emoções, os sentimentos e as paixões não cessam de acompanhar a vida política: desde a irritação de uma modesta discussão sobre a escolha de um candidato a uma eleição até a angústia e a embriaguez de uma vitória militar, em todo o momento a afetividade individual e coletiva é solicitada. Logo uma situação de conflito revela os sentimentos que parecem esquecidos e que se reconstituem nesta prova; logo uma emoção súbita parece invadir uma população e a leva à angústia ou à revolta; logo um movimento de simpatia ou de afeição em torno de um chefe carismático; logo, ao contrário, cristaliza-se uma representação odiosa que faz um chefe ou um grupo se tornar um bode expiatório". ANSART, Pierre. *Les cliniciens des passions politiques*. Paris, Seuil, 1997. p. 7

⁴⁷ Pierre Ansart fala também da ambigüidade das configurações de afetividade na política. Existem momentos de extrema energia passional, e fases de apatia e desencorajamento. As consequências desta última não são menos importantes que a da primeira. ANSART, Pierre. *Les cliniciens des passions politiques*. Op. Cit. p. 7.

valorização, o Romantismo alemão teve na coletividade sua maior ênfase, popularizando o sentimento de comunidade de origem⁴⁸. Este sentimento exacerbado chegou ao ponto de considerar a individualidade apenas como uma derivação do coletivo.⁴⁹ Assim, a personalidade não estaria subordinada à afirmação da razão do indivíduo diante do grupo, mas ligada a identificações que aquele pudesse ter com a coletividade. A cultura teria, desta maneira, uma forte influência na formação da personalidade.

A obra de Ferdinand Tönnies, *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e sociedade), publicada em 1887, seria a representante máxima desta tendência, quando o autor, nostalgicamente, dá mais ênfase à "comunidade rural orgânica" - regida pelos princípios da concórdia, do costume, da religiosidade, do auxílio mútuo - do que à sociedade. A tradicional vila ou aldeia, com seu aspecto familiar, foi identificada com a noção de *Kultur*, enquanto as cidades, os Estados Nacionais, as fábricas, ao se relacionarem ao lucro, ao cálculo, à luta de uns contra os outros, aspectos próprios do progresso técnico e industrial, pertenceriam à sociedade, ou à *Zivilization*. A visão trágica de Tönnies advém da constatação de que, não sendo possível um retorno à situação comunitária, inevitavelmente a sociedade caminharia para a decadência.⁵⁰

*"A comunidade é a vida comum verdadeira e durável; a sociedade é somente passageira e aparente. E se pode, numa certa medida, compreender a comunidade como um organismo vivo, a sociedade como um ajuntamento mecânico e artificial."*⁵¹

⁴⁸ Conforme Michael Löwy e Robert Sayre, o romantismo teve inicialmente uma face individualista, e outra dimensão fundada na coletividade. Sublinham que a ênfase atribuída à comunidade pelo romantismo é tão importante quanto o seu aspecto individual. Assim, quando se fala em paraíso perdido, esta noção não se restringe à natureza, mas estaria implícito ali o universo humano, ligado ao coletivo. Mesmo os neo-românticos, quando privilegiam o indivíduo, o eu artístico, se recusando à integração na comunidade, argumentando que a coletividade seria alienada e responsável pelo seu próprio isolamento, estariam advogando uma causa comunitária. Isto porque a sua leitura, o seu pensamento e a sua espiritualidade seriam uma forma, conforme eles próprios, de melhor estabelecer uma comunicação com a comunidade humana. LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie*; le romantisme à contre-courant de la modernité. Op. Cit. p. 41-42.

⁴⁹ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. "A reunificação: enfim, um país para a Alemanha?". Op. Cit. p. 102

POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 94

⁵⁰ LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie*; le romantisme à contre-courant de la modernité. Op. Cit. p. 100-101.

⁵¹ TÖNNIES, F. *Communauté et société*, Paris, PUF, 1944. p. 5, 236-237. APUD LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie*; le romantisme à contre-courant de la modernité. Op. Cit. p. 100.

Colocando em evidência elementos da cultura alemã, tais como religião, tradições, mitos, lendas e língua, Herder reforçou a noção de identidade coletiva, em contraposição ao princípio do individualismo universalista proposto pelo Iluminismo.⁵² Contrariando noções iluministas de razão imanente, o pensamento, para Herder, só acontece vinculado ao processo de comunicação, ou à língua, que permite o estabelecimento de um diálogo com a coletividade.⁵³ A razão, portanto, só teria sentido se estivesse vinculada à palavra, à comunicação. A força estaria mais na palavra do que no pensamento, na razão. *Merkmal* quer dizer sinal, indicio, marca. Esta marca ou sinal, que é a primeira manifestação de um conteúdo, aparece ao nível de palavra, que é chamada em alemão *Merkwort*. Do primeiro sinal- *Merkmal*- até a comunicação final - *Mitteilungswort*- não existem lacunas. O sinal, a palavra e a comunicação estão integrados num mesmo processo, associados intimamente.

Para compreendermos o significado dos conceitos de *linguagem* e *razão* em Herder, é importante identificar uma das suas fontes inspiradoras no trabalho de Süsmilch, que situa o problema da invenção da linguagem ao nível de Deus⁵⁴. A importância da língua é ressaltada por Herder também como o fundamento essencial para a diferenciação entre o homem e o animal.⁵⁵

Para Herder, a linguagem está num plano quase que precedente à razão humana, tanto em importância quanto na definição de certos caracteres de que a

⁵² MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. "A reunificação: enfim, um país para a Alemanha?". Op. Cit. p. 102.

⁵³ "É considerável que esse novo sentido do espírito, construído por ele mesmo, é ao mesmo tempo na sua origem igualmente um meio de relação. Eu não posso pensar o primeiro julgamento sensato sem dialogar na minha alma, ou sem tender ao diálogo; o primeiro pensamento do homem prepara-o, conforme sua essência, para poder dialogar com os outros. O primeiro sinal [*Merkmal*] que eu conheço é uma palavra [*Merkwort*] para mim e uma palavra de comunicação [*Mitteilungswort*] com os outros." HERDER, Johann. *Traité sur l'origine de la langue*. Paris, Aubier-Montaigne, 1977. p. 88.

⁵⁴ SÜSMILCH: *Essai pour prouver que la première langue n'a pu obtenir son origine de l'homme, mais bien de Dieu seulement*, Berlin, 1766. APUD PÉNISSON, Pierre. "Introduction". In: HERDER, Johann. Op. Cit. p. 19-20. "(...) Se nós pudéssemos admitir o homem como inventor da língua, seria necessário que ele estivesse em posse de uma língua antes que ele a inventasse, e seria necessário que ele fosse inteligente e razoável em ausência da língua. Isto nós temos demonstrado ser impossível, pois não resta mais nada do que o entendimento. Eu submeto meus pensamentos ao julgamento de meus leitores, e espero que eles contribuam para a expansão da glória de Deus, que é o distribuidor de todos os dons bons e perfeitos." HERDER, Johann. Op. Cit. p. 19-20.

⁵⁵ "(...) o homem, segundo Herder, cumpre um 'salto qualitativo'. Esta diferença humana não é procurada em uma razão já existente sob a forma de um *arquétipo intelectual*, mas na elaboração da linguagem, ou seja, antes de tudo na constituição da palavra." PÉNISSON, Pierre. "Introduction". In: HERDER, Johann. Op. Cit. p. 33.

razão necessita para existir enquanto tal.⁵⁶ Segundo ele, não é possível separar reflexão de língua. A possibilidade de o homem se concentrar por um instante em imagens difusas que povoam a sua mente permite que identifique qualidades nesse sinal [*Merkmal*]. A separação entre sinal e imagens e o reconhecimento daquele já se constitui em reflexão [*Merkmal der Besinnung*], que se manifesta pela palavra [*Merkwort*]. A palavra já é em si mesma um elemento de comunicação [*Mitteilungswort*]. Esta é uma seqüência de procedimentos intimamente relacionados. As palavras em língua alemã que designam tais procedimentos são muito semelhantes entre si.⁵⁷

A palavra, para Herder, não é resultado de um processo de racionalização. Ela não vem da razão, mas dos sentidos. O processo contraria o "penso, logo existo". Talvez mais importante do que o conceito de *razão*, para a tradição alemã, seja o conceito de *Kultur*. Certamente ao mesmo significado e importância do conceito de razão para as sociedades herdeiras do Iluminismo, corresponde o conceito de *Kultur* no imaginário alemão: uma noção que parece se localizar no centro em torno do qual giram as identidades muito mais coletivas do que propriamente individuais. *Kultur* envolve sentimento de orgulho, de realização da

⁵⁶ "A linguagem é o meio para atingir o uso da razão. Sem linguagem, ou outros signos semelhantes, não há razão... Quem então quer fazer uma obra da inteligência deve conhecer a linguagem. (...) A linguagem, ou o uso dos signos sonoros, é uma obra da inteligência, e de uma inteligência muito grande e perfeita, prevendo todos os fins e podendo constituir todo o edifício da língua na medida da sua própria grandeza, isto que nós vemos inegavelmente como ordem e perfeição que estão na língua. Portanto aquilo que instaurou a língua deve ser encontrado no uso da razão."

SÜSSMILCH APUD PÉNISSON, Pierre. "Introducion". In: HERDER, Johann. Op. Cit. p. 19.

⁵⁷ "O homem se acha em estado de circunspeção que lhe é próprio, e esta circunspeção (reflexão, age pela primeira vez livremente no descobrimento da língua. Ora, o que é a reflexão? O que é a língua?

Esta circunspeção lhe é propriamente característica e é essencial à sua espécie: da própria língua e da própria descoberta da língua.

A descoberta da língua é assim tão natural para ele como ser homem! Desenvolveremos estas duas noções - reflexão e língua:

o homem atesta a reflexão quando a força de sua alma se movimenta bastante livremente para, ousar dizer, separar e deter uma onda dentre um oceano de impressões que sussurram em todos os sentidos, para dirigir sua atenção sobre ela e poder ter consciência dela. Ele atesta a reflexão quando, a partir de um sonho flutuante de imagens que percorrem os seus sentidos, ele pode se concentrar em um instante desperto, se entorpecer voluntariamente sobre uma imagem, a considerar com uma atenção clara e calma e separar os sinais [*Merkmale*], de forma a torná-la seu principal objeto. Assim ele atesta a reflexão quando não somente ele pode conhecer todas as qualidades de uma maneira viva e clara, mas ainda quando ele pode reconhecer uma ou muitas qualidades como diferentes: este primeiro ato de reconhecimento fornece uma clara noção; é o primeiro julgamento da alma - e-

por que se produz este reconhecimento? Por um sinal [*Merkmal*] que ele isolou e que ele tomou claramente como um sinal de reflexão! [*Merkmal der Besinnung*]. Muito bem! Gritemos Eureka! Esse primeiro sinal de reflexão era uma palavra da alma! Com ele, a língua humana estava descoberta!" HERDER, Johann. Op. Cit. p. 76-77.

própria essência do ser. O comportamento, a conduta individual só tem sentido se relacionada à coletividade, conforme Norbert Elias.⁵⁸ Desta forma, a individualidade não é pessoal, mas coletiva: "*o conceito de **Kultur** delimita*", ainda conforme Elias, a "*individualidade de um povo*".⁵⁹ A identidade não é a identidade individual, mas a identidade do grupo, e a consciência, muito mais do que a consciência de si, é a consciência da nação.⁶⁰

Raymond Williams, ao tratar o conceito de Cultura ligado à tradição dos artistas românticos do século XIX, coloca em evidência a noção de "espírito do povo" como alguma coisa situada num nível superior, num patamar que se afasta tanto do movimento do mercado como da trajetória dos acontecimentos naturais da vida.⁶¹ Desta forma, o conceito de cultura, tão fundamental para a compreensão da noção de identidade entre os alemães, envolve fortes noções de unidade de povo, e, ao mesmo tempo, de diferenciação em relação aos demais. Parece se contrapor, na sua essência, à noção de razão, sobretudo na sua pretensão à universalidade.

Mas o conceito de Kultur também envolve noções de limites. Limites significam fronteiras. A razão iluminista sempre esbarrou em fronteiras: havia limites humanos evidentes, mas estes poderiam ser rompidos, à medida em que se buscava, a todo momento, o estabelecimento de parâmetros universais da razão. A noção de *Kultur*, muito mais do que a universalidade generalizante dos ocidentais - ingleses e franceses -, que sempre deram maior importância ao conceito de *Zivilisation*, trabalha com a noção de diferenciação: diferenciação

⁵⁸ "A palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra expressa-lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é **Kultur**. (...) No conceito alemão de **Kultur**, em contraste, a referência a "comportamento", o valor que a pessoa tem em virtude de sua mera existência e conduta, sem absolutamente qualquer realização, é muito secundário." ELIAS, Norbert. O processo civilizador, uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990. p. 24.

⁵⁹Idem. p. 25.

⁶⁰ "(...) o conceito alemão de **Kultur** dá ênfase especial a diferenças nacionais e à identidade particular de grupos. (...) o conceito de **Kultur** reflete a consciência de si mesma de uma nação que teve de buscar e constituir incessante e novamente suas fronteiras, tanto no sentido político como espiritual, e repetidas vezes perguntar a si mesma: "Qual é, realmente, nossa identidade?" A orientação do conceito alemão de cultura, com sua tendência à demarcação e ênfase em diferenças, e no seu detalhamento, entre grupos, corresponde a este processo histórico." ELIAS, Norbert. O processo civilizador, uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990. p. 25.

⁶¹ "A Cultura, o "espírito de um povo", o verdadeiro padrão de excelência tornou-se, com o avançar do século, como que um tribunal superior no qual se estabeleciam os valores reais, geralmente de maneira oposta aos valores "artificiais" brotados do mercado ou de similares formas de agir da sociedade." WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade, 1780-1950. Op. Cit. p. 57.

entre grupos no interior do território alemão, compartimentado até os finais do século XIX; e diferenciação dos alemães em relação aos demais povos.⁶²

Talvez se possa também estabelecer limites entre o significado que adquiriu o conceito de *Kultur* para o sentimento do povo alemão e o conceito de *razão* para a cultura ocidental. A razão sempre se opôs ao sentimento. Os ocidentais sempre fizeram questão de estabelecer limites bem definidos entre razão e emoção: a ciência é racional, envolve método isento de conteúdos ou opiniões pessoais. Quando a filosofia alemã estabeleceu separações entre o conceito de razão e os sentimentos, como em Kant, foi para dar ênfase ao segundo aspecto⁶³. O conceito de *Kultur* tem seus fundamentos num conteúdo emocional intenso e ainda, segundo Elias, difícil de ser definido.⁶⁴

O espírito de identidade nacional, envolvendo sentimentos de amizade, solidariedade e fraternidade, esteve nas bases do patriotismo das comunidades alemães. Esteve também na base da organização de comunidades, da formação de pequenas associações a partir do final do século XVIII, que reforçaram tais sentimentos e valorizaram a língua como forma de cultivar costumes e tradições artístico-culturais dos grupos.⁶⁵ A fragmentação territorial da Alemanha parece ter traduzido um tipo de configuração de sociedade que, baseada no patriotismo cultural e popular, fomentou tanto o sentimento de desenraizamento⁶⁶ como

⁶² "Durante séculos, porém, a questão "O que é realmente alemão?" reclamou sempre resposta. Uma resposta a esta pergunta - uma entre várias outras - reside em um aspecto peculiar do conceito de *Kultur*." ELIAS, Norbert. Op. Cit. p. 25.

⁶³ Kant opõe o juízo-de-conhecimento, que envolve o entendimento do objeto, a lógica e a razão, ao juízo-de-gosto, que se aproxima do belo, do que é estético, pela representação, pela imaginação, pela subjetividade e pelos sentimentos de prazer e desprazer. "Para distinguir se algo é belo ou não, referimos a representação, não pelo entendimento ao objeto, para o conhecimento, mas pela imaginação (talvez vinculada ao entendimento) ao sujeito e ao seu sentimento de prazer e desprazer. O juízo-de-gosto não é, pois, um juízo-de-conhecimento, portanto não é lógico, mas estético, pelo que se entende aquele cujo fundamento-de-determinação não pode ser outro do que o subjetivo. KANT, Immanuel. "Crítica do juízo". In: ABRIL CULTURAL. *Os pensadores*. v. 25. São Paulo, Abril, 1974. p. 303.

⁶⁴ "Mas por mais razoável e racional que este conceito lhes pareça, ele também nasce de um conjunto específico de situações históricas, e está cercado também por uma atmosfera emocional e tradicional difícil de definir." ELIAS, Norbert. Op. Cit. p. 25-26.

⁶⁵ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. *Alemanha, mãe-pátria distante*; utopia pangermanista no sul do Brasil. Op. Cit. p. 12.

⁶⁶ O desenraizamento, ou desterritorialização, significa perda. A noção de desenraizamento significando perda das terras no campo e expropriação dos bens e da força de trabalho humana após a segunda revolução industrial, foi trabalhada por Simone Weil. WEIL, Simone. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. org. Ecléa Bosi. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979. p. 111-127.

também uma noção de identidade fortemente calcada na unidade. A noção de unidade aqui presente foi sobretudo integrada pelo idioma.

O envolvimento com a língua e a sua prática foi um princípio fundamental da vida comunitária, como também fez parte do ideal romântico de envolvimento com pátria e nação. Neste sentido, a filosofia de Herder e a poesia de Hölderlin apresentaram as mesmas matrizes imaginárias presentes não só entre a população da Alemanha nos finais do século XVIII e no século XIX, como também entre populações alemãs que migraram para o sul do Brasil, tomando como base para sua vida comunitária os princípios fundados na tradição romântica.⁶⁷

Contrária à idéia do isolamento dos povos na Idade Média⁶⁸, a História de Ranke tende a apresentar divisões eventuais entre povos da Europa na sua origem, numa perspectiva de unidade essencial, já que seria possível distinguir traços comuns a todos eles, tanto nos costumes quanto nas instituições.⁶⁹ Assim, as migrações, tomadas por vários pensadores como sinônimo de diversidade, para Ranke lançaram bases de unidade dos povos, na medida em que os germanos, mesmo sendo pioneiros e belicosos invasores, teriam herdado dos romanos a língua e tradições religiosas. Estes e outros fatos atestariam a existência de uma originária "*mescla de sangue e idiomas*"⁷⁰. Desta forma, os povos germânicos, mesmo diante de conquistas que empreenderam, tenderam sempre, conforme o

⁶⁷ " 'A língua', teria dito Hölderlin, conforme documenta Bettina von Arnim, 'a língua forma todo o pensar, pois ela é maior que o espírito humano - este é apenas escravo da língua e o espírito no homem não é perfeito enquanto não é produzido exclusivamente pela língua.' ROSENFELD, Anatol. "Esboço de Hölderlin". Op. Cit. p.46.

⁶⁸RANKE, Leopold von. "Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation". Hamburgo, Hoffmann und Campe Verlag. v. 5-6, p. 427-41. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. L. von Ranke: história. São Paulo, Ática, 1979. p. 77.

⁶⁹ "Qual, então, a expressão da unidade a reunir esses seis povos, cada qual dividido em partes distintas, que jamais vieram a constituir um conjunto estatal e quase sempre andaram em guerra, uns com os outros? São eles de ascendência igual ou similar, apresentam traços comuns, tanto nos costumes, quanto nas instituições; em sua história interna revelam vínculos estreitamente coordenados e, em esforço comum, deram lugar a algumas das grandes realizações do Ocidente. Todavia, para que possa ser compreendida e conhecida em suas intenções, uma historiografia fundamentada neste contexto ideológico requer breve apanhado dos sucessos e dos fenômenos externos, que se originaram da mesma disposição de espírito e, desde os inícios até a atualidade, constituem a evolução contínua da vida românica e germânica." RANKE, Leopold von. "Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation". Hamburgo, Hoffmann und Campe Verlag. v. 5-6, p. 427-41. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. L. von Ranke: história. Op. Cit. p. 65-66.

⁷⁰Idem. p. 66.

autor, a conservar seu patrimônio cultural. Só estiveram sujeitos a perdas históricas quando conflitos e disputas internas ameaçaram sua unidade.⁷¹

A unidade lingüística, para Ranke, foi resultado da diversidade migratória: o movimento da história que permitiu a difusão dos dialetos tendeu sempre a unificá-los nos troncos idiomáticos originários, ou seja, o romano e o germânico.⁷²

Não apenas nos movimentos migratórios primitivos estaria presente a noção de afinidade entre povos na história. Conforme o pensamento de Ranke, outros movimentos, tais como Cruzadas ou Movimento Colonizador luso-espanhol, também apresentaram tal caráter. Isto porque, embora possam ter-se constituído num deslocamento de povos da Europa em direção a outras regiões, e mesmo que isto significasse dispersão dos europeus pelo mundo, tiveram na realidade uma idéia inspiradora comum. Nas Cruzadas, a noção da Terra Santa e ação comum contra o Infiel; nas Grandes Descobertas, a noção de divulgação do cristianismo, representaram, respectivamente, unidade necessária que comprova mais uma vez a tese da existência de uma "*grande família dos povos*" na história.⁷³

⁷¹ "As nações germânicas, donas desde o início de vastos territórios, partiram à conquista do Império Romano Ocidental e, ao mesmo tempo, conservaram seu patrimônio original. Por volta do ano 530, vêm-las de posse de todo o território além do Danúbio, até a foz do Reno e, mais adiante, até o Tved. Seu domínio estendeu-se do norte, do país de Hallin Haloga até a Bética (Andaluzia), que recebeu seu nome dos vândalos; ao sul, até onde as montanhas do Atlas se encontram com o deserto. Enquanto ficaram unidos foram invictos, ninguém conseguiu tomar-lhes as terras, mas suas divisões internas e o conflito entre os ensinamentos ariano e católico foram sua perda, a começar pelos vândalos." RANKE, Leopold von. "Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation". Hamburgo, Hoffmann und Campe Verlag. v. 5-6, p. 427-41. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. L. von Ranke: história. Op. Cit. p. 67.

⁷² "Assim é que a era da migração dos povos se encerrou em meados do século XI. Como fruto espiritual desse período agitado, violento, deu-se a evolução das línguas, em sua unidade e diversidade. A fórmula francesa do juramento de Estrasburgo revela vestígios dos dialetos italiano, francês e espanhol. Com isto se mostra a unidade lingüística dos idiomas românicos; da mesma forma, e talvez de maneira mais expressiva, é sinal da unidade dos idiomas germânicos o fato de ter sido possível coordená-los todos, recentemente, em uma só gramática. Lançaram-se então as bases dos reinos continentais e de suas respectivas constituições. A dignidade imperial e a papal passaram a ser reconhecidas e respeitadas por todos, uma apoiando a outra: a primeira representa o princípio germânico; a segunda, o românico no seio da grande família dos povos." RANKE, Leopold von. "Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation". Hamburgo, Hoffmann und Campe Verlag. v. 5-6, p. 427-41. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. L. von Ranke: história. Op. Cit. p. 69.

⁷³ "Nada pode revelar tão clara e precisamente a unidade de um povo como o que fez em comum. E de que outro modo a afinidade e solidariedade entre povos diversos poderiam ter tido expressão mais atuante do que a obtida por nossa gente? Os movimentos aqui relatados, não obstante os longos séculos em que se desenvolveram, são comuns a todos eles; ligam entre si os fatores tempo e povo, constituindo, por assim dizer, as três aspirações maiores dessa comunhão sem par." RANKE, Leopold von. "Deutsche Geschichte im Zeitalter der Reformation". Hamburgo, Hoffmann und Campe Verlag. v. 5-6, p. 427-41. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. L. von Ranke: história. Op. Cit. p. 79.

Tratando da origem dos povos, Ranke não arriscou afirmar a existência de anterioridade, precedência ou primazia da língua alemã em relação ao latim. Chega mesmo a sugerir que houve trocas no momento de unificação dos povos. Os alemães teriam entrado com as armas e o estilo de vida pública, e os romanos com a língua e a religião⁷⁴.

Trabalhos literários de outros autores também se esforçaram para interpretar a origem dos povos europeus como uma história da origem das línguas. Diferentemente de Ranke, alguns desses trabalhos, como o do filósofo Leibniz no início do século XVIII, tomaram povos germânicos como "mais antigos" e o idioma germânico, como aquele que teria dominado até mesmo o latim:

*"Da mesma forma que a Gália e a Itália devem à Germânia seus mais antigos habitantes, esta última deu depois à Escandinávia os seus; pois julgo indubitável que as tribos germânicas das margens do Mar Báltico colonizaram primeiro as ilhas dinamarquesas, e depois a própria Escandinávia... Pode-se reduzir com certeza a língua dos dinamarqueses, dos suecos e dos noruegueses ao germânico, da mesma forma que se pode reduzir ao latim a língua dos italianos, dos franceses e dos espanhóis, embora estes últimos povos só devam a sua língua à dominação germânica, e não sua origem, porque esta remonta à germanidade nórdica..."*⁷⁵

O escritor Friedrich Schlegel, no século XIX, chegou a alegar que as línguas romanas eram pouco criadoras, pois estariam "*parcialmente mortas*".⁷⁶

A noção de unidade presente na historiografia de Ranke se traduz nas noções de totalidade, princípio absoluto e universalidade na filosofia de Hegel, para quem mesmo no individual está contido o espírito absoluto, ou seja, a singularidade contém o todo, ou a universalidade aparece nas partes.⁷⁷ O princípio da unidade nas partes não é um atributo exclusivo da filosofia, ele

⁷⁴ Idem p. 66.

⁷⁵ LEIBNIZ. "Brevis designatio meditationum de originibus gentium ductis potissimum ex judicio linguarum (1710)" APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 89-90.

⁷⁶ POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 96.

⁷⁷ "Estas são as proposições abstratas acerca da natureza da idéia e do seu desenvolvimento; assim se formou a filosofia, constituindo-se em si mesma; é uma idéia no todo e em todos os seus membros, como num indivíduo vivo, uma vida, um pulso que bate por todos os membros. Todas as suas partes e a sistematização das mesmas emanam da única idéia; todos estes particulares são apenas espelho e imagem desta única vitalidade. Têm a sua realidade somente nesta unidade, e as diversidades e várias qualidades deles são a expressão da idéia e a forma nela contida." HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. "Introdução à História da Filosofia". In: ABRIL CULTURAL. *Os Pensadores*. v. 30. São Paulo, Victor Civita Editores, 1974. p. 345-346.

estaria também na natureza.⁷⁸ Só que para Hegel há uma diferença entre a natureza e o conhecimento. Na natureza as partes, embora contendo o todo, tendem a permanecer em processo de separação. No conhecimento o processo é diverso: há sempre um retorno. Desta forma, a interioridade de processos que envolvem a cultura, a ciência, a ação humana - e por que não dizer a própria história -, mesmo quando são externalizados em sua diversidade, apontam para um movimento de retorno à sua forma originária, alcançando mais uma vez, e eternamente, o seu estado de integralização.⁷⁹

Buscando credibilidade para o conhecimento filosófico, Hegel expôs seu método dialético argumentando em torno dos conceitos de Uno e Outro e de diversidade tendendo à unidade. Desta maneira fala a respeito da relevância do conhecimento filosófico: apenas a forma do conteúdo é abstrata, pois a idéia é essencialmente concreta; na fonte natural única do conhecimento reside a verdade universal.⁸⁰

Conforme Hegel, a noção de unidade (Uno) é indissociável da noção de diversidade (Outro). O universal é particular, determinado, não é o mesmo que a concepção universal generalizante que envolve o conceito de razão, ou de

⁷⁸ "É certo que nas coisas naturais acontece que o sujeito que começou e o existente que termina (somente o fruto) são duas unidades separadas: o desdobramento tem o resultado aparente de se dividir em duas unidades que no entretanto são a mesma coisa quanto ao conteúdo. Do mesmo modo, na vida animal, os pais e os filhos são indivíduos separados, embora seja uma só a natureza deles." HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. "Introdução à História da Filosofia". In: ABRIL CULTURAL. Os Pensadores. Op. Cit. p. 342.

⁷⁹ "Todo conhecimento e cultura, a ciência e a própria ação não visam a outro escopo senão a *expressar* de si o que é em si, e deste modo a se converter em objeto para si mesmo. Embora aquilo que é em si entre na existência e fique sujeito a variação, continua a ser a mesma coisa, porque o que é implícito regula todo o processo." HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. "Introdução à História da Filosofia". In: ABRIL CULTURAL. Os Pensadores. Op. Cit. p. 342.

⁸⁰ "O curso do desenvolvimento forma também o conteúdo, a própria idéia, que precisamente consiste em que temos o Uno e um Outro, e ambos são Uno, que é Terceiro, estando o Uno no Outro junto de si mesmo e não fora de si mesmo. Assim, a idéia é, no seu conteúdo, concreta em si; é concreta em si, e então tem interesse em que o que é em si se torne por si.

(...)

Na realidade a filosofia está na região do pensamento, e por isso tem de se ocupar de generalidades. O seu conteúdo é abstrato, mas só pelo que respeita à forma, ao elemento, porque em si mesmo a idéia é essencialmente concreta, visto ser essa a unidade de distintas determinações. Nisto se diferencia o conhecimento racional do mero conhecimento intelectual; e o filosofar tem como tarefa o demonstrar, contra o intelecto, que a verdade, a idéia, não consiste em generalidades balofas, mas sim num universal que é em si mesmo o particular, o determinado.(...) Em sentido mais profundo, é o ponto de partida e também a meta da filosofia o reconhecer esta única verdade como a fonte donde deriva tudo o mais, isto é, as leis da natureza, todas as manifestações da vida e da consciência, de que aquelas são apenas um reflexo; ou então, numa direção perfeitamente oposta, reconduzir todas estas leis àquela única fonte, com o fim de ficar a compreender como é que dela derivaram." HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. "Introdução à História da Filosofia." In: ABRIL CULTURAL. Os Pensadores. Op. Cit. p. 340-343.

conhecimento racional. As leis da razão não importam como as leis da natureza. A natureza é a fonte da qual derivam vida e consciência. Vida e consciência não são atributos da razão, mas reflexos da natureza.

Hegel e os românticos tinham um ponto em comum: reforçavam e afirmavam a identidade nacional alemã. Em um discurso proferido em Heidelberg, em 1816, Hegel insistia na necessidade de a nação alemã tomar consciência de si própria e de salvar a nacionalidade, já que esta seria "*o fundamento de toda a vida viva*"⁸¹.

Além da tendência para afirmar a identidade nacional alemã, o romantismo apresentou, tanto na Alemanha como em outros países, um aspecto de rebeldia⁸² diante das convenções sociais e artísticas, exaltando, em contrapartida, todo tipo de liberdade, naturalidade e espontaneidade. O Romantismo alemão parece concordar com Rousseau, que considerava a natureza humana essencialmente perfeita, e identificava a sociedade como impulsionadora do conflito e da perversão. O perigo que os românticos enfrentavam era de que sua fantasia, restrita ao nível dos sentimentos pessoais, os levasse à fuga na imaginação e nos sentimentos mais profundos, de maneira que o senso de realidade ficasse perdido em suas obras⁸³. Desta forma seu trabalho ficava ameaçado de não ter nenhum alcance social.

Alguns, mais sensíveis, admitiam a efemeridade de todas as coisas outros; em seu desapontamento melancólico⁸⁴, tendiam a apresentar contradições irreconciliáveis entre o desejo e o dever, o sonho e a realidade, o prazer e a vida

⁸¹ Idem p. 323.

⁸² Conforme Louis Dupeux, a face conservadora do romantismo, mesmo sendo moderna, constitui reação à modernidade: "*A revolução conservadora manifesta uma incontestável modernidade, mas é uma modernidade parcial e sobretudo uma modernidade contra o modernismo ou o progressismo... ou por dizer, a reação moderna...rapidamente ...relewa o 'desafio da modernidade'; ela é favorável à grande indústria, à técnica, a uma certa organização racional da sociedade.*" DUPEUX, Louis. "Kulturpessimismus, révolution conservatrice et modernité". *Revue d'Allemagne*, 14, 1, jan.-mars 1982. APUD LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Op. Cit. p. 95.

⁸³ Michael Löwy e Robert Sayre apontam para a possibilidade da existência de uma negatividade contestatória (implícita ou explícita) na aparente "fuga da realidade" que toma forma no romantismo. Esta carga negativa se traduziria numa contestação à ordem burguesa. LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Op. Cit. p. 22.

⁸⁴ A melancolia e o pessimismo advém de uma aflição com a perpetuação do mal da modernidade, o futuro é sombrio, o sentimento é trágico, os pressentimentos são os mais terríveis. LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Op. Cit. p. 298.

pública⁸⁵. Na Alemanha, o nacionalismo romântico apegado à natureza e às coisas da terra passou a elaborar coletâneas de músicas folclóricas, lendas, poemas da terra e contos de fadas que apareceram mais tarde nas canções românticas⁸⁶.

No sul do Brasil eram recorrentes tais apelos românticos. Era comum nas páginas dos jornais aparecerem anúncios de editores ou revendedores de livros que evidenciavam interesse pelas temáticas românticas. Canções que reviviam os ideais românticos estavam nas apresentações das sociedades de cantores ou nas músicas folclóricas entoadas por alunos das escolas alemães. Alguns textos se aproximavam de uma vertente nacionalista, apegada às coisas da terra, à natureza e à pátria, evidenciando sentimentos e lembranças pueris. Esta tendência divergiu, sim, do tipo de nacionalismo evidenciado nos textos nazistas. Divergiu principalmente no que se refere ao uso da língua alemã. Para os nazistas, a língua, além de ser elemento de identidade, fazia parte da nacionalidade alemã, da qual os teuto-brasileiros eram uma extensão⁸⁷. Haveria de se conservar, portanto, língua e nacionalidade acima de tudo, que estavam intimamente ligadas às noções de cidadania e, sobretudo, de raça.

Em se tratando de nacionalidade e nacionalismos, as temáticas língua e raça emergem como duas questões que perpassam o discurso político, ou as práticas, sobre o tema. No caso do Brasil dos anos 20/30, o nacionalismo se vinculou a um debate político travado entre intelectuais que procuravam, nas deficiências encontradas no liberalismo da Primeira República, justificativas para a adoção de posturas autoritárias. Com base na imagem de um país disperso, fragmentado, desencontrado, propunha-se o caminho na direção da busca de raízes brasileiras. Essas raízes foram buscadas nos diversos aspectos da realidade brasileira, envolvendo evidentemente os atributos raça e língua. Significativo foi,

⁸⁵ Talvez esta noção possa ser relacionada àquela que Michael Löwy e Robert Sayre chamaram de "idealização" ou "utopização" do passado que faz parte da visão romântica: o passado é mitológico e é objeto de nostalgia. LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Op. Cit. p. 296.

⁸⁶ Não só o nacionalismo romântico seguiu esta tendência; conforme Michael Löwy e Robert Sayre muitas obras românticas apelaram para o fantástico e o simbólico, como uma espécie de oposição à realidade social cinza e desumana, e como sonho de um mundo completamente diferente do existente, um mundo imaginário, utópico, ideal. Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Op. Cit. p. 22.

⁸⁷ FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e trabalho alemão; outros usos e outros produtos do labor humano*. Op. Cit. p. 147.

para a busca da identidade nas raízes do Brasil, o apelo emotivo, no sentido de que cada indivíduo, para "ser brasileiro", deveria "sentir-se brasileiro".⁸⁸

O programa que orientou o movimento de 30 - e a intelectualidade que sustentou os pressupostos a partir dos quais se afirmou o poder de Vargas e o Estado Novo -, denunciou o caráter liberal do regime anterior e se referenciou nos princípios de fortalecimento do Estado, construção da nacionalidade e aperfeiçoamento dos dispositivos de intervenção na sociedade. Para ampliar o controle sobre atividades sociais e sobre a população, foi reforçada uma tendência estatizadora que marcou a história política e social brasileira nos anos posteriores.

Nas denúncias ao liberalismo, significativa foi a atuação de pensadores nacionalistas brasileiros, como Oliveira Vianna que, embora partilhasse das teorias sociológicas vigentes na comunidade científica internacional, descartava qualquer possibilidade de importação de modelos institucionais e idéias políticas do exterior, sobretudo a alternativa democrática dos Estados Unidos. Desta forma justificava seus projetos de adequar o Brasil aos demais países da América.⁸⁹

Alberto Torres, na obra *"O problema nacional brasileiro"*, levantava já em 1914, vinculada à preocupação da "formação de uma consciência nacional", a importância dos sentimentos como *"razão da natureza emocional"*. Ao mesmo tempo vincula tais sentimentos às figuras de linguagem:

*"Grande número das concepções ligadas aos nossos sentimentos gerais são metafóricas, hiperbólicas, muitas vezes. A língua é um serviçal, mas, também, um traidor do espírito e do coração; e as formas exageradas de expressão dos impulsos morais defraudam sentimentos verdadeiros, que se tornam figuras acanhadas e constrangidas, nas roupas de suas imagens retóricas."*⁹⁰

O autor levanta o perigo representado pelas figuras de linguagem, como elementos capazes de interferir nos sentimentos dos homens, mas ainda mostra, nesse momento (ano de 1914), um discurso de certa forma fluido sobre a língua:

"Sob vagos nomes, dados, declamatoriamente, às nossas afeições sociais, como o de 'fraternidade humana', 'patriotismo universal',

⁸⁸ BRESCIANI, Maria Stella M. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*; Oliveira Vianna, cientista social. In: SILVA, Sérgio & Szmrecsányi (org.) *História econômica da Primeira República*. São Paulo, ABPHE/HUCITEC/FAPESP, 1996. p. 109.

⁸⁹ _____. *O charme da ciência e a sedução da objetividade*; Oliveira Vianna, cientista social. UNICAMP, (Mimeo).

⁹⁰ TORRES, Alberto. *O problema nacional brasileiro*; introdução a um programa de organização social. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914. p. 33.

'pátria ideal', 'família humana, ou brasileira' - metáforas que são quase delírios de linguagem - colocamos, de costume, a 'simpatia', o "impulso de mútuo auxílio", a "benevolência", a nobre e pura "caridade", dos católicos, o "altruísmo", eloqüente nome da síntese da virtude prática de Augusto Comte: "viver para outrem", o espírito de "humanidade", que nos une, enfim, ao nosso semelhante-chinês ou kaffir, da Terra-Nova ou patagão - acima da "amizade" que nos prende ao companheiro e consócio na vida e no trabalho, e de todos os sentimentos reais, domésticos, pátrios e sociais, que nos ligam ao irmão no sangue, ao compatriota descendente dos mesmos avós, vizinho no solo e confrade na língua, deixando-nos inebriar por estímulos nus de senso e vazios de naturalidade. Assim também a "solidariedade americana", a afinidade da "raça latina", o espírito, sentimento, interesse, ou caráter "sul-americano".⁹¹

Em 1938, ao publicar "*A organização nacional*" pela Companhia Editora Nacional, o discurso de Alberto Torres se articulava em razão do argumento "unidade", da qual a língua não estava fora:

"A língua, não sendo, em geral, uniforme, do que é exemplo a Suíça, parece ainda tender para a unidade. É um elemento a velar, nos países novos, vastos e expostos a freqüentes fluxos migratórios. O Governo Federal deve, como guarda da soberania e unidade nacional, impor o ensino, talvez exclusivo, da língua nacional em todas as escolas primárias do país."⁹²

Mas a noção de unidade, fundamento da nacionalidade, não deveria conservar, para o autor, os princípios que anteriormente reuniam os povos. Ele fala agora em "patriotismo moderno":

"(...) o que caracteriza, sobretudo, a feição do patriotismo moderno é a invasão de seu móvel, o desvio visível da bússola que o deve dirigir. O patriotismo de outrora lançava raízes no passado e trazia a alma ericada em combate contra o estrangeiro; a terra era, para o homem, a região sagrada dos avós, o cenário das lendas divinas, onde túmulos e monumentos prendiam os olhos à antigüidade; os primeiros homens, divinizados, passaram a ser a sabedoria perfeita e absoluta, a cujos conselhos se pediam os princípios diretores da existência: o Deus criador e revelador de todas as religiões teve contato com os fundadores da nação e disse-lhes aos ouvidos as leis imortais que os deviam guiar e a seus pósteros. O estrangeiro era, por outro lado, o inimigo de Deus, da verdade, da lei e, portanto, da Pátria."⁹³

Na pátria moderna a unidade racial, étnica, religiosa, de costumes e tradições não teria mais lugar:

"A pátria moderna, deixando de ser a sede de uma raça, ou de uma nação étnica, de uma religião, ou de indivíduos ligados por costumes idênticos, deixando de ser um centro fundado sobre a "tradição",

⁹¹ Idem p. 33-34.

⁹² TORRES, Alberto. *A organização nacional*. SP/RJ, Companhia Editora Nacional, 1938. p. 147

⁹³ Idem p. 131-132.

passou a ser um grêmio político, social e econômico, uma sociedade quase voluntária."⁹⁴

Nesta nova concepção de pátria, ou de nação, todas as diversidades seriam toleradas, ou conforme termo utilizado pelo autor, haveria uma "*infinitude de variantes*", de novas interferências na pátria ou nação. Nesta nova situação de quebra de caráter nacional, de novas variantes raciais, étnicas, religiosas e de costumes, a unidade na língua ainda se manteria:

*"A sociedade política, a nação e, portanto, a pátria contemporânea, compõe-se de indivíduos de raças e religiões diferentes; os costumes, tendendo a conformar-se com os hábitos da universalidade quanto aos aspectos elevados da vida, não perdendo o traço de caráter nacional, subsistindo apenas uma infinitude de variantes quanto aos atos ordinários da vida, produzidas por influências locais. De todas as feições históricas, somente a língua, salvo exceção, se mantém."*⁹⁵

Entretanto, o autor admite uma certa flexibilidade na língua, que se aplicaria às suas necessidades de se adaptar a novas situações advindas das mudanças sociais. Ao que tudo indica, a flexibilidade na língua, evidenciada por Alberto Torres, estaria subordinada à manutenção da sua unidade:

*"Mas a língua nem é um cunho distintivo, sendo comum, por vezes, a mais de um país, nem, dentro de cada uma terra, um elemento verdadeiramente tradicional. Obra da inteligência popular, intensamente evolutiva, por efeito de adaptação e sob influência da necessidade da civilização e do progresso, ela transforma e multiplica, despreza e adota, incessantemente, imagens e símbolos de expressão. Neste ponto, o inimigo do desenvolvimento está no espírito clássico e no rigorismo gramatical, pretendendo resistir, com seus moldes e sua disciplina, à plena correspondência entre o progresso e crescente elasticidade do pensamento e sua forma de exteriorização."*⁹⁶

O nacionalismo do Estado Novo, buscando fazer brotar a brasilidade dos sentimentos mais íntimos dos indivíduos, apelou para diferentes manifestações da língua. Neste sentido, a música adquiriu um significado ímpar, sobretudo o samba:

"Que graça, que brejeirice fascinante possui a música do povo quando, selecionada, se apresenta através da faceirice provocante de suas grandes intérpretes."

⁹⁴ Idem p. 152-153.

⁹⁵ Idem p. 152.

⁹⁶ Idem p. 152.

*Abolir o samba e harmonias tais como o nosso 'broadcasting' é sufocar uma arte incipiente, que já se torna conhecida e apreciada mesmo no estrangeiro."*⁹⁷

Além do samba, a modinha, "*filha legítima do sentimento brasileiro*", era lembrada como veículo da história do Brasil. Como o texto sugere, esta história seria a história das elites sociais:

*"Onde, porém, nosso espírito se aprimora e se eleva acima do samba, é na canção, na modinha. Esta, 'mais do que as nossas danças é, - em palavras de J. Otaviano, - filha legítima do sentimento brasileiro'. É ali que encontramos alguns resquícios das nossas passadas elites sociais e por onde poderíamos contar a nossa história."*⁹⁸

As canções nacionais eram tomadas como depositárias da "*índole dos povos*". Reconhecia-se a importância do samba e da modinha, mas o modelo de música era o modelo europeu, do canto coral, da música clássica, "*sinhal de progresso*". O povo brasileiro, neste particular, era visto como "*melancólico e pessimista*", não sabendo cantar em conjunto. A música carnavalesca era considerada "*grosseira*", e, evocando novamente preocupações com a língua, o discurso finalizava: "*principalmente quanto à letra*"...

*"Mas, nossos cantares não ascendem ao canto coral. Temos, ainda, que marchar, a passo firme, a caminho do progresso, porque 'só os grandes povos sabem cantar'. E 'o brasileiro, - não sabe cantar em conjunto. É melancólico e pessimista. Só canta coletivamente no carnaval; mas, antes o não fizesse, pois os cantos desse gênero são em geral o que há de mais grosseiro, principalmente quanto à letra'."*⁹⁹

O canto nas escolas, o rádio com seus programas de calouro eram incentivados, porém deveriam estar "*severamente controlados*" pelo DIP:

*"(...) O canto nas escolas e a importância que a música vem tendo, por força do rádio, hão de confirmar as nossas esperanças. Os programas de calouro de nossas emissoras estarão, por certo, fadados a um importante lugar na arte do canto se lhes der o DIP orientação severa e bem controlada."*¹⁰⁰

Também foi pensada a fala, a "*boa palestra*", a "*boa linguagem*", que deveria "*agradar o ouvido*", fixando uma "*primeira impressão*" positiva, desta

⁹⁷ SALGADO, Álvaro. "Radiodifusão, fator social". *Cultura Política*: Revista Mensal de Estudos Brasileiros. 1(6): 79-93. Rio de Janeiro, ago. 1941. p.86.

⁹⁸ Idem.

⁹⁹ Idem.

¹⁰⁰ Idem

forma o "*poder da voz quente e empolgante*" poderia "*ficar na memória*". Com argumentos tais como "*perfeição*", "*beleza*" e "*riqueza*" da língua, propunha-se um "*combate*" contra "*o desprezo*" e "*negligência*" no estudo do Português.¹⁰¹

A intenção do autor do texto que trata da música e da "*beleza do idioma*", era a propagação da voz de Vargas pelo Brasil, para ser ouvida em "*todos os recantos*", despertando "*aplausos*", "*elogios*", "*respeito*" e "*fidelidade*":

*"Os discursos do Presidente Vargas, alvos de tantas preocupações entusiásticas, não são ouvidos em todos os recantos do Brasil, a fim de que, a uma só voz, se elevem, de todos os Estados, aplausos, elogios, havendo, assim, maior respeito e fidelidade ao Chefe do Estado Novo."*¹⁰²

A transmissão da voz, entretanto, não deveria ser feita sem um rígido controle da dicção. Para isto deveria obedecer "*requisitos essenciais*" e "*regras para um bom locutor*". Neste assunto falava mais alto a autoridade de Roquete Pinto. Tais regras e requisitos passavam pela "*permeabilidade das fossas nasais*", condição necessária para a "*saúde vocal*". Obedecendo tais regras e requisitos, a voz poderia chegar aos ideais de "*beleza do timbre*" tornando-se "*educada*" e "*perfeita*", tanto para o canto como para a fala:

*"Observando leituras do Prof. Roquete Pinto, - possuidor da melhor dicção que já ouvimos, - pudemos reunir os requisitos essenciais a uma boa voz e as regras para se chegar a bom locutor. Não bastam as características de uma boa voz. É preciso educá-la. A perfeição vocal depende da formação do rosto, nariz, dentes, respiração, pulmões, etc. Bernardo Eisenlohr afirma que 'para o aspirante a cantar, a permeabilidade das fossas nasais é condição essencial para a saúde vocal e a beleza do timbre'. Outro tanto se dá com o locutor."*¹⁰³

Depois de falar no "*século do rádio*" das "*contribuições de Roquete Pinto*", contar a história das "*primeiras estações de radiodifusão no Brasil*", do "*primeiro transmissor*", das "*primeiras experiências de Rádio Clube*", depois de fazer uma crítica às "*negligências*" e aos "*verdadeiros atentados à língua*", o autor deste texto publicado na revista "Cultura Política", porta-voz do governo, propunha finalmente unir o Brasil em uma rede de radiodifusão:

*"A unificação dos serviços de radiodifusão tem por objetivo submetê-los a uma mesma orientação técnica e educacional"*¹⁰⁴

¹⁰¹ Idem p. 87-88.

¹⁰² Idem p. 89.

¹⁰³ Idem p. 88.

O discurso nacionalista de Vargas ainda insistia na temática da imprensa, no sentido de estimular o "*espírito de cooperação*" com o governo, pois deveriam agir "*sob as mesmas inspirações*". Para isto buscava aumentar o prestígio e autoridade dos jornalistas, dotando a Associação Brasileira de Imprensa de sólido patrimônio, e incrementando a indústria do papel para suprir as suas necessidades.¹⁰⁵

As preocupações acerca da língua, ligadas ao sentimento de brasilidade, apareceram no sul do Brasil sobretudo vinculadas aos debates sobre estrangeiros. Partiam da condenação ao isolamento a que estiveram sujeitos tais segmentos na Primeira República. Os discursos de Vargas em Blumenau, em visitas nos anos de 1939 e 1940, são muito claros na crítica ao liberalismo para fundamentar seu projeto autoritário. Um dos discursos levou o título de "*Sentimento de Brasilidade em Blumenau*":

*"Dir-se-á que custaram muito a assimilar-se à sociedade nacional, a falar nossa língua. Mas a culpa não foi deles: a culpa foi dos governos que os deixaram isolados na mata, em grandes núcleos, sem comunicações. Aquilo que os colonos então pediam era binômio de cuja resultante deveria sair a sua prosperidade. Só pediam duas coisas: escolas e estradas, estradas e escolas. (Muito bem! Palmas.)"*¹⁰⁶

*"Se língua diferente da nossa aqui predominou, culpa não cabe aos aqui nascidos, senão às instituições brasileiras, exageradamente liberais, e àqueles homens públicos, que refugindo criminosamente à realidade, não encararam o problema com o destemor e a segurança com que o fez o Estado Nacional, implantado a 10 de novembro pela clarividência política do grande Presidente Vargas e pelo patriotismo das nossas gloriosas forças de terra e mar."*¹⁰⁷

Os discursos se sucediam. O interventor de Vargas em Santa Catarina, Nereu Ramos, presidente benemérito do IX Congresso Brasileiro de Geografia, que teve lugar estratégico em Florianópolis no ano de 1940, reconhecia que os imigrantes estrangeiros, bem como seus descendentes, haviam conservado sua língua, cultura e sentimentos, sobretudo em razão da desatenção e descuido dos

¹⁰⁴ Idem p. 91.

¹⁰⁵ VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. v. 7, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939/1940. p. 28.

¹⁰⁶ "Sentimento de Brasilidade em Blumenau". Discurso pronunciado no Teatro Carlos Gomes, em Blumenau, por ocasião do banquete oferecido pela municipalidade, a 10 de março de 1940. In: VARGAS, Getúlio. *A Nova Política do Brasil*. v. 7, Rio de Janeiro, José Olympio, 1939/1940. p. 196.

governantes. Também atribuíam as causas de tais persistências à ignorância e desconhecimento do Brasil pelos próprios brasileiros, motivo das dificuldades de assimilação dos estrangeiros. Para atenuar tal problema, a proposta era a educação, sobretudo pela história e geografia, dando ênfase à língua como o *"inigualável e insubstituível instrumento de intercomunicação"*¹⁰⁸ :

"Daí o fato que se não deve negar, pois não é negando a realidade que se lhe acode os males, de existirem em vários Estados do Brasil filhos e netos de estrangeiros que lhe ignoram não apenas os costumes e as tradições, mas a própria língua, o inigualável e insubstituível instrumento de intercomunicação entre os nascidos na terra fecunda e pródiga, que Cabral abriu para o mundo e para a civilização, (...)

Brasileiros são, brasileiros, em geral, querem ser, do nome do Brasil quase sempre se ufanam e se orgulham, mas lhe desconhecem a língua e as tradições, porque o Brasil não os educou no sentido construtivo dos seus interesses, dos seus ideais e dos seus destinos.

*E essa educação construtiva no sentido nitidamente brasileiro deve apoiar-se, para ser sólida, firme e definitiva, na geografia e na história, (...)"*¹⁰⁹

A questão da língua era estratégica naquele momento. Fazia-se necessário, para o nacionalismo do Estado Novo, generalizar seu uso inclusive nas regiões de "colonização estrangeira". Mas havia outra questão importante a ser considerada além da questão da língua: estavam sendo rearticuladas as imagens que constituiriam a identidade catarinense. Até então o trabalho alemão, junto com o trabalho de outros europeus não portugueses, como italianos, poloneses e russos, tivera importância, em Santa Catarina, para a construção da imagem do progresso do sul. Fora estimulada a imigração neste sentido.

Em Santa Catarina, lugar da colonização de açorianos, a historiografia local tratou distintamente a questão em décadas diferentes. Os discursos do início do século tenderam a tratar populações litorâneas como indolentes, incapazes, preguiçosas, doentes e atrasadas.¹¹⁰ O historiador Oswaldo Cabral, em 1937, evidenciava de certa forma a imagem até então difundida do açoriano. O "homem

¹⁰⁷ Discurso proferido em 22 de maio de 1939, na cidade de Blumenau. APUD CORRÊA, Carlos Humberto et alii. *Nereu Ramos 1888-1958*; biografia. Florianópolis, FCC Edições/Associação Portobello de Cultura, 1988. p. 94.

¹⁰⁸ *ANAIIS IX CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA*. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1941. p. 91-92.

¹⁰⁹ Idem p. 92.

da beira-mar", o mesmo que os "colonos" chamavam de "*caboclo do litoral ou da praia*", seria pobre, sem higiene, sem calçados, livre, despreocupado, levando a vida contente:

"À beira-mar o homem é pescador e faz da pesca a sua maior ocupação. Raros têm ao lado da casa uma pequena plantação, sendo freqüente, ao fundo do terreiro, a capoeira das galinhas. A pesca dá para o sustento e para mercar. Pequenas são as suas economias. Veste pobremente e o calçado usa nos dias festivos. A sua casa é pobre, mas quase sempre limpa. Não conhece todavia os confortos da higiene. Ao fundo, a touceira de bananeiras ou o cerrado cafezal lhe serve para lugar de despejo. À frente da casa, na praia, sobre estacas, estende as suas redes de pesca e puxa as canoas em que se aventura pelo mar bravio. Em certas águas e em certas épocas a pesca é verdadeiramente milagrosa. Os lances de cinqüenta e cento e cinqüenta mil peixes são freqüentes. Prepara então o peixe seco para exportar.

*Vivendo assim livre e despreocupado, leva a vida contente. É valente sem ser provocante. Não teme o mar, nem foge ao perigo. Quando está seguro do seu direito, não transige. É hospitaleiro e possui uma elevada noção de solidariedade humana. Não hesita em ajudar o companheiro em perigo, embora tenha de compartilhar dele."*¹¹¹

Bem mais otimista era a imagem do "colono" difundida nacionalmente por Cabral nesta obra, publicada na "Coleção Brasileira" da Companhia Editora Nacional. Otimista no sentido de que era uma imagem de "trabalho" e de "limpeza", já que estes ao menos não se serviam da "*touceira de bananeiras ou do cerrado cafezal para lugar de despejo*". Significativo era afirmar publicamente, naquele ano de 1937, que liam à noite para a família reunida "*em língua nativa*".

"Outro tipo de habitante do litoral é o colono. Simples, econômico, trabalhador, moureja a terra de sol a sol. Os produtos do seu trabalho traz em sua pequena carroça colonial às cidades, onde compradores certos o esperam em épocas certas. Habita os vales e a sua casa é limpa e confortável, quase sempre, embora o seu mobiliário seja bastante simples. A noite o chefe da família lê à família reunida em torno, versículos da Bíblia e jornais na língua nativa. As mulheres cosem e bordam em redor. Pelas paredes, retratos de parentes no dia do casamento, uma ou outra paisagem e algumas vezes os retratos dos soberanos dos seus países de origem. Quartos bem confortáveis, camas separadas para o casal e amplas cobertas de penas. Cozinha limpa e panejando nas paredes máximas sobre o asseio. Terreiro limpo. Criação de vacas, porcos e galinhas. Ao fundo da casa e a ela ligado, o rancho amplo lhe serve de

¹¹⁰ ARAÚJO, Hermes Reis de. *A invenção do litoral*; reformas urbanas e reajustamento social na Primeira República. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1989. (Dissertação de Mestrado em História). p. 12-13.

¹¹¹ CABRAL, Oswaldo R. *Santa Catarina*; história-evolução. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937. p. 18-19.

depósito de lenha, do carro e contém o tanque de lavar a roupa e o pequeno forno onde assa o pão. À frente da casa, o jardim. É pacífico, não provoca desordens, obediente e cumpridor das leis. Educa os filhos com carinho, mandando-os à escola, às vezes distante. Gosta de bailes, que são a sua diversão e aos domingos freqüenta com regularidade os cultos divinos. Ao sul, o seu carro é puxado por bois, do mesmo modo que o carro do caboclo da terra."¹¹²

Estas imagens foram difundidas tanto por segmentos de elite da sociedade catarinense como pelo governo, que tentava justificar a chegada de europeus para colonizar Santa Catarina, já que a população de origem açoriana não seria "afeita" ao trabalho agrícola. Este discurso repercutiu significativamente junto aos imigrantes alemães, italianos e seus descendentes, ajudando a valorizar seu trabalho disciplinado frente ao "caboclo" do litoral ou da praia.

No início da década de 40, com efeitos que adentraram os anos 50, a tônica discursiva desviou-se do foco em que até então governantes e imigrantes estrangeiros haviam insistido, direcionando-se para a permanente valorização dos usos, costumes e práticas cotidianas dos grupos de origem açoriana. Tal discurso recriou a imagem do luso-brasileiro e seus descendentes, como repercussão do projeto de Vargas, que insistia nas mais diferentes formas de valorizar o nacional. Neste sentido reformulou-se também o discurso do trabalho. A construção do progresso brasileiro deveria se dar a partir do trabalho disciplinado, verificado até então nos núcleos descendentes de imigrantes, mas agora não fazia mais sentido valorizar o trabalhador estrangeiro, mas sim resgatar o trabalhador nacional, portanto o açoriano. Era uma espécie de nacionalismo caboclo que emergia em Santa Catarina.

Neste sentido proliferaram discursos que evidenciaram as origens açorianas no sul do Brasil:

"Se as fainas agrícolas não conduziram à vitória esperada, se os Açorianos não imitaram os Gregos, dos quais dizia Homero que lavravam o solo aspirando com delícia o cheiro da terra revolvida de fresco, se não realizaram eles o sonho de Silva Pais, limitados nas suas esperanças à criação de núcleos agrícolas, entretanto alicerçaram obra de maior envergadura: o Açoriano e o Madeirense, pela sua descendência, conservaram para o Brasil este

¹¹² Idem p. 19-20.

*pedaço de chão sobre o qual o Castelhana ousou pôr o pé, mas não logrou deitar a mão, nem descansar a cabeça."*¹¹³

As qualidades heróicas dos açorianos que vieram para o Brasil eram agora ressaltadas:

"Porque o Açoriano foi o soldado heróico e valoroso do Regimento de Linha da Ilha de Santa Catarina; foi o marinheiro que velejou os nossos mares, com a sua audácia e com o seu destemor; foi quem desembainhou a espada pela mão de um Polidoro, de um Fernando Machado, de um Xavier de Sousa, quem colheu glórias pela bravura de um Osório. Foi quem pisou o convés das quilhas imperiais e quem abriu o fogo das baterias das cascas de nozes garibaldinas; foi quem cantou pela lira de um Marcelino Dutra e de um Quintanilha; quem serviu a sua terra por um Jerônimo Coelho, por um Silveira de Sousa e por um Melo e Alvim; e foi quem andou a esmolar para os pobres e desgraçados, pela mão de um Irmão Joaquim, semeador de casas de assistência por este Brasil afora...

*Deu tudo de si - e dele cabe-nos um legítimo sentimento de orgulho, pois foi pai de heróis e de poetas, antepassado de músicos e de santos."*¹¹⁴

O próprio historiador Oswaldo Cabral modificava agora seu discurso. Ele falara em "miséria", "pobreza" e "falta de higiene" do homem da beira-mar em 1937. Ao publicar, em 1941, um texto como separata da Revista Cultura Política do Rio de Janeiro, condenou a imagem do fracasso da colonização lusa:

*"Criou-se, mesmo, destas apressadas conclusões, infelizmente aceitas sem maior exame ou, às vezes, por espírito sectário, a convicção um tanto difundida, principalmente no meio colonial, de que o elemento originariamente luso, e conseqüentemente todo o elemento nacional dele oriundo, não passa de um fator inicialmente fracassado - e depois degenerado; primitivamente vencido - e mais tarde inútil."*¹¹⁵

Ele proclamava agora, a "vitória da colonização açoriana", expressão esta que dava título ao seu trabalho:

*"O açoriano, pela sua descendência, venceu o meio. Venceu-o, elevou-o e o amou. E, sinal da sua capacidade, impôs-lhe as tendências lusitanas do seu sangue e da sua alma - as mesmas que perduram como marco da sua vitória."*¹¹⁶

Cabral, que é até hoje reverenciado como "o maior historiador catarinense", passava agora a se dedicar detalhadamente ao estudo da colonização

¹¹³ BOLÉO, Manuel de Paiva. O congresso de Florianópolis: comemorativo do bicentenário da colonização açoriana. Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1950. p. 10-11.

¹¹⁴ Idem. p. 11

¹¹⁵ CABRAL, Oswaldo. "A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina"; Revista Cultura Política, n. 7 (separata). Rio de Janeiro, set. 1941. p. 8

¹¹⁶ Idem p. 48.

açoriana. Afinal, o açoriano se tornara o "*elemento básico da sociedade catarinense*". O esforço se concentrava para resgatar as "*famílias ilustres*" que tinham origem "*nos modestos troncos vindos do arquipélago*":

"O açoriano foi o elemento básico da sociedade catarinense. Recebeu e conservou a língua, a religião, o sentimento pátrio, os costumes dos antepassados, muitos dos quais ainda perduram, vivos, entre o povo catarinense.

(...)

*Grandes e numerosas famílias, ilustres e destacadas, têm as suas origens nos modestos troncos vindos do arquipélago"*¹¹⁷.

As imagens do açoriano foram permanentemente confrontadas, nos anos 30 e 40, com a imagem dos demais imigrantes ou descendentes, configurando um quadro em que as diversidades culturais de Santa Catarina se tornaram evidentemente ameaçadoras, diante do projeto homogeneizador do Estado Novo. Anteriormente, os diferentes grupos eram qualificados ou não para o trabalho, envolvendo nesta classificação o atributo origem, com a valorização de alguns grupos e exclusão de outros. Durante o Estado Novo, quando o controle sobre a sociedade intensificou-se e a regra passou a ser a centralização da informação e a difusão de padrões homogêneos de conduta, a relação do Estado com esses grupos mudou. No caso do descendente de imigrante alemão e italiano, tratava-se de transformá-lo em trabalhador brasileiro que falasse, sobretudo, a língua nacional; e no caso do imigrante açoriano, tornara-se importante sua devida valorização, descartando o seu fracasso e recuperando a sua face de vencedor.

O confronto entre imagens dos descendentes de imigrantes europeus e dos descendentes de açorianos foi processado a partir do Estado Novo, assumindo agora esta nova conotação. Na escala de valores estabelecida por autoridades e historiadores, em primeiro lugar figurava o português, fosse este açoriano ou madeirense. Desta forma, o Congresso de Florianópolis, comemorativo do bicentenário da colonização açoriana, estabeleceu, em 1948, uma hierarquia no que se refere aos núcleos étnicos mais importantes em Santa Catarina. Quem elaborou a classificação foi o português da Universidade de Coimbra Manuel de Paiva Boléo, convidado especial do Congresso. Da sua participação resultou uma publicação em Portugal. Na "*ordem decrescente*" estabelecida, conforme palavras

de Boléo, em primeiro lugar figurava o português, em segundo lugar o alemão, e em último lugar o italiano.¹¹⁸

O Congresso, que buscava resgatar *"aquilo que possa identificar os Açores a Santa Catarina"*¹¹⁹, foi denominado I Congresso de História Catarinense, e até hoje é lembrado nos debates historiográficos pelo grande significado nacional¹²⁰ que adquiriu. Foi um momento em que historiadores de todo o Brasil começaram a se interessar pela temática açoriana, tendo o Congresso assumido, conforme as palavras de um professor ligado ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o significado de uma *"empreitada arrojada"*.¹²¹

O caráter oficial do evento foi dado pela presença de autoridades como o Governador do Estado, o Prefeito da Capital, os Presidentes e representantes do Poder Legislativo e Judiciário e o Arcebispo Metropolitano de Florianópolis. O Congresso constituiu, pelos temas tratados, uma clara tentativa de atribuir à colonização e à cultura açoriana uma importância que esta nunca havia adquirido diante das demais culturas em Santa Catarina e no Brasil. Além de destacar a genealogia das famílias descendentes de açorianos, as linhagens e os troncos açorianos no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os trabalhos apresentados se detiveram no estudo das festas populares açorianas - como a do Divino Espírito Santo-, na participação dos açorianos no folclore e na poesia, e na presença do sentimento açoriano na Ilha de Santa Catarina. Todos estes temas convergiam para uma questão importante que se vinculou à temática do nacional: os açorianos e a integridade territorial do Brasil.¹²²

¹¹⁷ CABRAL, Oswaldo R. *Os açorianos*. Florianópolis, Imprensa Oficial. 1950. p. 86.

¹¹⁸ Curioso é observar que desta hierarquia não participavam nem índios nem negros, os primeiros com a justificativa de que já estavam completamente desaparecidos, e os segundos por constituírem uma percentagem pequena. BOLÉO, Manuel de Paiva. *O Congresso de Florianópolis: comemorativo do bicentenário da colonização açoriana*. Op. Cit. p. 5.

¹¹⁹ MEIRINHO, Jali. "Historiografia e história das migrações açorianas". In: *ANAIIS DA 2a. SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS*. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1989. p. 217.

¹²⁰ O Congresso contou com a presença de historiadores e intelectuais brasileiros como Hélio Viana, Manuel Diegues Jr., Walter Spalding, Dante de Laytano, Olyntho Sanmartin, e do pesquisador da Universidade de Coimbra Manuel de Paiva Boléo. MEIRINHO, Jali. "Historiografia e história das migrações açorianas". Op. Cit. p. 215.

¹²¹ Idem.

¹²² Idem. p. 216.

1.2. INQUIETAÇÕES LINGÜÍSTICAS

A pesquisa bibliográfica sobre língua e história informou que preocupações com o assunto têm sido frequentes nas Ciências Sociais, e que o número de trabalhos sobre esta temática tem crescido bastante nos últimos anos. Um estudo cuidadoso sobre o trabalho elaborado por uma equipe de historiadores franceses, integrada por Michel de Certeau, Dominique Julia e Jacques Revel, constituiu uma vasta pesquisa historiográfica sobre o assunto, que possibilitando esclarecimentos necessários sobre essas relações. Questões levantadas levaram a algumas investigações, tais como: o significado, num momento pós-revolucionário, da persistência de alguns núcleos sociais em se manterem falando língua divergente da oficial; as diferentes maneiras do Estado atuar sobre tais núcleos; as formas de modificação da prática dos grupos; as resistências às incursões estatais. O trabalho estudado buscou o entendimento da problemática da língua nacional pela análise do confronto da nova ordem política e social implantada pela Revolução Francesa com as massas camponesas que falavam dialetos diversos, os "patois".¹²³

Ainda nos limites da Revolução Francesa, há outro estudo sobre a importância adquirida pela língua na esfera política: função fundamental de intermediadora obrigatória entre sujeitos potencialmente livres. Trata-se do contexto em que os revolucionários afirmaram sua concepção política da língua francesa, na qual o sujeito político detinha uma razão comum e partilhava opiniões elaboradas sobre um certo consenso das elites. Esta atenção a respeito da língua oficial na França segue o caminho aberto pela formação da opinião pública no século anterior, com o pensamento ilustrado e sua preocupação com o domínio da língua, e de como ela passou a ser o principal mediador dos conflitos colocados no espaço público.¹²⁴

¹²³CERTEAU, Michel de & JULIA, Dominique & REVEL, Jacques. Une Politique de la Langue, la révolution française et les patois: l'enquête de Gregoire. France, Gallimard, 1975.

¹²⁴GUILHAUMON, Jacques. La langue politique et la Revolution Française. Paris, Méridiens Klincksieck, 1989. p. 9.

Dentre ingleses que trataram do tema, caberia citar a obra dos historiadores Peter Burke e Roy Porter - *The Social History of Language*¹²⁵, que parece ser, nesta área, uma referência obrigatória em termos teóricos e metodológicos.

Questões levantadas por pensadores estruturalistas de diferentes áreas parecem ter sido das mais significativas no sentido de influenciar trabalhos de historiadores sociais. Para esses pensadores, um trabalho teórico de referência básica é o do lingüista suíço Ferdinand Saussure¹²⁶. Ponto significativo no resgate do trabalho de Saussure para o estudo da linguagem na história é a inversão que fez do pressuposto fundado na análise marxista, presente em muitos estudos que trataram o tema. Ele foi contrário àqueles que consideraram a linguagem como parte da superestrutura vinculada à base material (identificada enquanto realidade histórica), atuando a seu nível como reflexo da realidade. Saussure argumentou que a linguagem não refletiria a realidade já existente, mas que sua função seria de organizar e construir o acesso dos homens ao real, produzindo um mapa da realidade.¹²⁷ O argumento partiu da afirmação da existência de uma relação arbitrária entre o significante (inscrição da palavra) e o significado (imagem mental da palavra), como resultado de convenção que seria sobretudo cultural. O sentido expresso em uma frase não seria, desta maneira, obtido pela relação entre significante e significado, mas sim por processos de seleção, combinação, similaridade e diferença, envolvendo adição de palavras que obedeceriam a um acordo social.¹²⁸ O sentido que a língua adquiriria mediante relações mantidas entre palavras estaria configurado naquilo que Saussure entendeu enquanto discurso.¹²⁹

¹²⁵ BURKE, Peter & PORTER, Roy. *The Social History of Language*. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.

¹²⁶ STOREY, John. "Structuralism and post-structuralism". In: _____ . *An Introductory Guide to Cultural Theory and Popular Culture*. Athens, The University of Georgia Press, 1993. p. 69.

¹²⁷ Idem. p. 70

¹²⁸ Idem. p. 69, 70, 71.

¹²⁹ *"A seqüência das palavras, por mais rica que seja pelas idéias que evoca, não indicará jamais a um ser humano que um outro indivíduo ao pronunciá-las queira significar-lhe alguma coisa. O que é preciso para que tenhamos a idéia de que queremos significar alguma coisa, usando termos que estão disponíveis na língua? É um problema idêntico ao de saber o que é o discurso, e à primeira vista a resposta é simples: o discurso consiste, ainda que de modo rudimentar ou por caminhos que ignoramos, em afirmar um elo entre dois dos conceitos que se apresentam revestidos de forma lingüística, enquanto a língua previamente realiza conceitos isolados, que esperam ser relacionados entre si para que haja*

Além de tratar do discurso, Saussure reforçou o caráter simbólico da língua tanto como convenção social arbitrária como essencialmente transitória.¹³⁰ A língua, tomada por Saussure em seu aspecto de instituição social, constitui-se numa estrutura que tem fundamentos em convenções, envolvendo regras explicitadas pelo lingüista, num trabalho muito mais sincrônico do que diacrônico. Embora este aspecto do pensamento de Saussure possa ser refutado por desconsiderar a importância da abordagem histórica da língua¹³¹, o conjunto do seu trabalho tornou-se essencial para a configuração da noção de linguagem como instituinte, para a percepção das relações sociais que envolvem signos lingüísticos e para o entendimento do texto enquanto prática. Aliás, sua grande contribuição foi justamente identificar um sistema coerente na língua, envolvendo ligações muito além da simples sucessão de palavras, com importância maior para as relações entre palavras do que para elementos isolados entre si.¹³²

Na ênfase à linguagem também se destaca o trabalho de Lévi-Strauss, que abordou a questão de uma forma mais abrangente do que a mera referência a sistemas: a comunicação operaria em toda a sociedade não apenas no sistema lingüístico, envolvendo comunicação de mensagens, mas também nos sistemas de parentesco, pela comunicação de mulheres, e no sistema econômico, através da comunicação de bens e serviços¹³³. Tomou a linguagem como forma de comunicação, envolvendo hábitos, costumes, comportamentos, maneiras de agir, vestir e cozinhar, como diferentes expressões. Dentre tais formas, deteve-se na

significação de pensamento." SAUSSURE, Ferdinand de. "As palavras sob as palavras". In: ABRIL CULTURAL. *Os Pensadores*. v. 49. São Paulo, Victor Civita, 1975. p. 9, 10.

¹³⁰ "A identidade de um símbolo não pode nunca ser fixada desde o momento em que ele é símbolo, isto é, derramado da massa que lhe fixa a cada instante o valor. (...) Onde está agora a identidade? Geralmente respondemos com um sorriso, como se fosse uma coisa efetivamente curiosa, sem observar o alcance filosófico da coisa, que não é nada menos que dizer que **todo símbolo**, uma vez posto em circulação - ora, nenhum símbolo existe senão **porque** é posto em circulação - é neste instante mesmo absolutamente incapaz de dizer, em que consistirá sua identidade no instante seguinte." SAUSSURE, Ferdinand de. "As palavras sob as palavras". In: ABRIL CULTURAL. *Os Pensadores*. Op. Cit. p. 10-11.

¹³¹ STOREY, John. Op. Cit. p. 71.

¹³² RONAT, Mitsou. "Introdução". In: CHOMSKY, Noam. *Diálogos com Mitsou Ronat*. São Paulo, Cultrix, 1977. p.3.

¹³³ "A cultura não consiste, pois, exclusivamente, em formas de comunicação que lhe pertencem de modo específico (como a linguagem), mas também - e talvez sobretudo - em regras aplicáveis a todas as espécies de "jogos de comunicação", desenrolem-se estes no plano da natureza ou da cultura." LÉVI-STRAUSS, Claude. "A noção de estrutura em etnologia". In: ABRIL CULTURAL. *Os Pensadores*. v. 50. São Paulo, Victor Civita, 1976. p. 31.

análise dos mitos, cujo funcionamento assemelhar-se-ia ao da linguagem. A língua foi tomada como uma estrutura explicativa para o mito, algo que estaria situado num nível abaixo do mito, com regras e regulamentos muito bem definidos. Através do desvendamento da língua, seria possível o entendimento do verdadeiro significado e valor do mito.¹³⁴ Na tarefa de tornar o mundo explicável, o mito sempre se estruturaria em termos de oposição binária, a exemplo da oposição natureza - cultura.¹³⁵

Outras oposições poderiam ser identificadas, conforme Lévi-Strauss, no quadro lingüístico referencial da cultura: homem/mulher, negro/branco, bem/mal, nós/eles. A compreensão do mundo através do mito passaria pelas oposições e também pela tentativa de resolver magicamente os problemas e contradições acerca dos quais se tomou consciência.¹³⁶

Roland Barthes trabalhou o mito enquanto linguagem, levantando possibilidades de, através dele, fazer uma leitura semiológica da cultura popular. Barthes vai buscar os fundamentos para esta leitura no método da semiologia desenvolvida por Ferdinand de Saussure, que estudou os signos no interior das sociedades.¹³⁷ Ele tomou de Saussure a base do esquema que produz a significação na linguagem (significante/significado), acrescentando um outro nível de significação.¹³⁸ Ao primeiro nível Barthes referiu-se como "linguagem-objeto", e ao segundo como "meta-linguagem".¹³⁹ Ele identificou o lugar da

¹³⁴ Idem. p.73.

¹³⁵ "Negar ou subestimar a oposição é privar-se de toda a compreensão dos fenômenos sociais, e ao lhedarmos seu inteiro alcance metodológico corremos o risco de converter em mistério insolúvel o problema da passagem entre as duas ordens. Onde acaba a natureza? Onde começa a cultura? É possível conceber vários meios de responder esta dupla questão." LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis, Vozes / São Paulo, Editora da USP, 1976. p. 42.

¹³⁶ STOREY, John. Op. Cit. p. 73-74.

¹³⁷ "Enquanto estudo de uma fala, a mitologia não é, com efeito, mais do que um fragmento dessa vasta ciência dos signos que Saussure postulou há uns quarenta anos sob a designação de semiologia. (...) Ora, postular uma significação é recorrer à semiologia." BARTHES, Roland. Mitologias. Lisboa, edições 70, 1988. p. 183.

¹³⁸ "Reencontramos no mito o esquema tridimensional de que acabo de falar: o significante, o significado e o signo. Mas o mito é um sistema particular pelo fato de que se edifica a partir de uma série semiológica que existe antes dele: é um sistema semiológico segundo." BARTHES, Roland. Mitologias. Op. Cit. p. 186

¹³⁹ "Como se vê, há no mito dois sistemas semiológicos, de que um é deslocado em relação ao outro: um sistema lingüístico, a língua (ou os modos de representação que lhe são assimilados), a que chamarei linguagem-objeto, porque é a linguagem de que o mito se apropria para construir o seu próprio sistema; e o mito ele mesmo, a que chamarei meta-linguagem, porque é uma segunda língua, na qual se fala da primeira." BARTHES, Roland. Mitologias. Op. Cit. p.190.

linguagem-objeto distanciado do mito.¹⁴⁰ Sugeriu que o mito é produzido e consumido no nível da significação secundária.¹⁴¹

É também importante compreender, em Barthes, que a linguagem mítica não pressupõe nenhum tipo de ocultamento.¹⁴² A função do mito não seria a de negação, mas, ao contrário a de afirmação.¹⁴³

Um conceito fundamental para a compreensão da noção de mito em Barthes é o de *deformação*.¹⁴⁴ Este conceito aparece vinculado ao de *alienação*, que explicitaria, conforme ele, uma contradição envolvendo a sua compreensão.¹⁴⁵ O conceito de alienação vincula-se a dois outros conceitos, fundamentais para o significado do mito em Barthes: o de *naturalização* e de *inversão*. Ambos operariam no nível da realidade histórica, por um lado, para afastá-la e, por outro lado, para preencher o vazio que resultou desse esvaziamento.¹⁴⁶ A atuação do mito sobre o real, ou sobre a realidade histórica,

¹⁴⁰ "Há pois uma linguagem que não é mítica, é a linguagem do homem-produtor: sempre que o homem fala para transformar o real e não já para o conservar em imagem, sempre que ele liga a sua linguagem à fabricação das coisas, (...) o mito é impossível" BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 212, 213.

¹⁴¹ "Esta linguagem segunda não é inteiramente mítica, mas é o próprio lugar onde o mito se instala; porque o mito não pode trabalhar senão sobre objetos que já receberam a mediação de uma primeira linguagem" BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 212.

¹⁴² "Há que notar, antes de mais, que no mito os dois primeiros termos são perfeitamente manifestos (...): um não está 'escondido' atrás do outro, ambos são dados aqui (...). Por mais paradoxal que isso possa parecer, o mito não esconde nada: a sua função é a de deformar, não a de fazer desaparecer. Não há qualquer estado latente do conceito em relação à forma: não, de modo nenhum necessário recorrer a um inconsciente para explicar o mito." BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 192.

¹⁴³ "O mito não nega as coisas, a sua função é, pelo contrário, falar delas; simplesmente, ele purifica-as, torna-as inocentes, funda-as enquanto natureza e eternidade, dá-lhes uma clareza que não é a da explicação, mas da constatação (...)." BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 210.

¹⁴⁴ "A relação que une o conceito de mito ao sentido é essencialmente uma relação de *deformação*. (...) Naturalmente, esta deformação não é possível senão porque a forma do mito é já constituída por um sentido lingüístico. Num sistema simples como a língua, o significado não pode deformar coisa nenhuma, porque o significante, vazio, arbitrário, não lhe oferece qualquer resistência. Mas, aqui, tudo é diferente: o significante tem, num certo sentido, duas faces: uma face cheia, que é o sentido (...), e uma face vazia, que é a forma (...). O que o conceito deforma é, evidentemente, a face cheia, o sentido: o leão e o negro são privados de sua história, transformados em gestos." BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 192.

¹⁴⁵ "Mas esta deformação não é uma abolição (...). Literalmente, o conceito deforma mas não leva à abolição do sentido: uma palavra dará conta dessa contradição: ele aliena-o." BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 193.

¹⁴⁶ "Operou-se uma prestidigitação que inverteu o real, que o esvaziou de história e o encheu de natureza, que retirou às coisas o seu sentido humano de modo a fazer-lhe significar uma insignificância humana. A função do mito é a de evacuar o real: ele é literalmente um escorrer incessante, uma hemorragia, ou, se preferir, uma evaporação, em resumo, uma ausência sensível." BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 210.

tanto poderia ser de afastamento como de imprimir à realidade um caráter natural.¹⁴⁷

A separação da linguagem em dois níveis distintos, proposta por Barthes, bem como os conceitos de *deformação*, *naturalização*, *alienação* e *inversão*, parecem ser os fundamentos para que se estabeleça vinculações entre mito e ideologia.¹⁴⁸

A análise mítica de Barthes foi apropriada pela História Social de tradição marxista, sobretudo pelos que trabalharam a noção de ideologia ao nível da linguagem. Desta forma, John Storey sugeriu que o conceito de ideologia poderia ser melhor compreendido a partir da noção que Barthes desenvolveu. A conotação que o mito adquiriria em certos momentos, e seus diferentes signos ou significados, seria fundamental para isto.¹⁴⁹

Fundamental para a investigação sobre língua e história é a apreensão de como a linguagem passou a ser tratada num plano "real". Para isto foi grande a contribuição de Noam Chomsky. Ele tornou-se conhecido com seus estudos lingüísticos por identificar uma instância "real" na língua.¹⁵⁰ Entretanto, não rompeu com as separações estabelecidas historicamente pelas Ciências Humanas, pois sempre mencionou em seu trabalho o conceito de ideologia.¹⁵¹ Tal conceito, como herança da análise marxista, pressupõe uma separação. Seguindo a tradição da esquerda norte-americana, argumentou que as disciplinas ideológicas "não se

¹⁴⁷ "O que o mundo fornece ao mito é um real histórico, definido, remontado tão longe quanto seja necessário, pela maneira como os homens o produziram ou utilizaram; e o que o mito restitui é uma imagem natural deste real. E, da mesma forma que a ideologia burguesa se define pela defecção do nome burguês, também o mito é constituído pela perda da qualidade histórica das coisas: as coisas perdem nele a memória da sua fabricação." BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 209, 210.

¹⁴⁸ "A semiologia ensinou-nos que o mito tem por missão fundar uma intenção histórica enquanto natureza, uma contingência enquanto eternidade. Ora, esta maneira de agir é a mesma da ideologia burguesa." BARTHES, Roland. *Mitologias*. Op. Cit. p. 209.

¹⁴⁹ "Através do mito, Barthes também possibilita a compreensão da ideologia como um corpo de idéias e práticas que defendem o status quo e promovem ativamente os valores e interesses dos grupos dominantes na sociedade. Para a compreensão deste aspecto da argumentação de Barthes, nós necessitamos compreender a natureza polissêmica dos signos; ou seja, que eles têm o potencial de possuir diferentes significados." STOREY, John. Op. Cit. p. 78.

¹⁵⁰ RONAT, Mitsou. Introdução. In: CHOMSKY, Noam. *Diálogos com Mitsou Ronat*. Op. Cit. p. 3.

¹⁵¹ Idem p. 30. Um outro trabalho sobre Chomsky evidencia que, no plano filosófico, o autor rompe com as velhas oposições filosóficas, sobretudo com a oposição corpo/espírito. Isto significa, no plano lingüístico, considerar que existem certas predisposições inatas no indivíduo para a linguagem, embora o meio deva oferecer condições adequadas para um amadurecimento dessas condições. LYONS, John. *As idéias de Chomsky*. São Paulo, Cultrix, 1970. p. 112.

relacionam aos fatos tais como eles são"¹⁵², e admitiu separar o seu trabalho de lingüista do trabalho de cientista político. Ideologia e real, para ele, estão sempre em planos distintos, mesmo quando trata a língua, já que para ele esta é *"um real revestido de ideologias e de fantasias"*¹⁵³.

A noção de linguagem enquanto instituinte, presente no trabalho de Saussure, é significativa para o que se pretende aqui estudar, particularmente quando afirma que a linguagem constrói o acesso dos homens ao real ao produzir um mapa da realidade. Entretanto, é importante considerar que alguns autores romperam com as noções de oposição entre linguagem e história, ou entre ideologia e realidade, ou ainda entre o plano do real e o plano da representação. Alguns se contentaram em afirmar que a linguagem é real. Outros, talvez um pouco mais ousados, asseguram que a linguagem institui a realidade.

¹⁵² RONAT, Mitsou. "Introdução". In: CHOMSKY, Noam. Diálogos com Mitsou Ronat. Op. Cit. p. 3.

¹⁵³ Idem.

1.3. LINGUAGEM E HISTÓRIA - PLANOS DISTINTOS?

A estruturação do mundo a partir de uma oposição binária entre conceitos e sua construção pela língua foi criticada pelos chamados pós-estruturalistas, particularmente por Jacques Derrida, que propôs uma leitura desconstrutiva de oposições tais como fala/escrita, natureza/cultura. Ele argumentou que tais conceitos não seriam contrários um ao outro, mas estariam numa relação de dependência mútua. Para que um existisse seria necessária a motivação pela presença do parceiro. A ausência de um significaria a inexistência do outro. No lugar de antagonismos, os conceitos manteriam entre si relações de privilégio, de permanente hierarquia de valores, de cristalização de vantagens de uns em relação aos outros. Assim, a metodologia desconstrutiva teria somente uma forma de atuar na situação: a desmontagem da hierarquia, derrotando a ilusão da oposição, para trazer à tona diferenças valorativas, imperceptíveis na linguagem.¹⁵⁴

Derrida evidenciou sua divergência em relação às oposições binárias existentes na linguagem, aquelas que estiveram no centro das preocupações dos estruturalistas, particularmente de Lévi-Strauss e seus seguidores. Nos seus escritos apareceram, de alguma forma, referências que estiveram presentes nas reflexões dos pós-estruturalistas. Desta forma, muito mais do que uma convivência harmoniosa das oposições, os textos evidenciariam uma luta permanente entre práticas de dominação e resistência. Seriam lutas entre o poder de discursos articulados e formas de adesão a eles, ou ainda formas de impedimento para que se afirmassem ou perpetuassem.

Mesmo críticos à concepção de Derrida, historiadores ligados à História Social não deixaram de reconhecer influências do desconstrutivismo sobre o trabalho de pensadores contemporâneos cujo objeto é a História, como Hayden White e Dominick La Capra. Admitiram também que os historiadores sociais

¹⁵⁴ STOREY, John. Op. Cit. p. 87-88.

tiveram que abrir um debate¹⁵⁵ com aqueles que seriam "*historiadores fixados no discurso*"¹⁵⁶, seja para críticas ou para o intercâmbio de conceitos e pressupostos teóricos.

O trabalho de Lacan na psicanálise desempenhou papel importante na cristalização da noção da linguagem enquanto lugar dos fundamentos da compreensão do desenvolvimento do sujeito. Conforme este autor, observados diferentes processos de linguagem seria possível apreender a maneira pela qual a subjetividade é produzida. A subjetividade (ou o sujeito) não seria algo dado, colocado previamente no contato com a linguagem, mas, ao contrário, seria feita e refeita no interior dos modelos e articulações próprias da língua.¹⁵⁷

Lacan identificou a fase em que os sujeitos, ainda crianças, teriam sido introduzidos na linguagem como uma espécie de jogo.¹⁵⁸ A partir de inúmeras articulações e brincadeiras¹⁵⁹, atingiriam a ordem do simbólico, da cultura e da subjetividade humana.¹⁶⁰ Esta ordem simbólica, ou da cultura, produziria subjetividade. Isto não quer dizer, conforme o autor, que a subjetividade se insere no campo onde estão os sujeitos. Ao contrário, estaria fora deles, num lugar afastado dos indivíduos e das individualidades. O acesso dos homens a tal ordem, segundo o autor, seria possível através da linguagem. Pela linguagem se atingiria a subjetividade e a condição de sujeitos.¹⁶¹

A passagem por esta operação não garantiria aos indivíduos acesso à sua própria essência, ou à essência do "eu". Isto seria o que os homens procuram desde a separação da mãe, na infância. Ao contrário, teriam a sensação do "eu" através da linguagem e, mesmo assim, de uma forma bastante fragmentada. Isto se explicaria porque, apesar dos indivíduos adquirirem capacidade de pensar em

¹⁵⁵ Bryan Palmer refere-se a este debate e discute a temática do discurso na História Social de uma forma bastante detalhada. PALMER, Bryan. *Descent into discourse*; the reification of language and the writing of social history. Philadelphia, Temple University Press, 1990. pp.48-52.

¹⁵⁶ Idem. p. 68. Conforme as palavras de Bryan Palmer: "*Este capítulo introduz alguns textos de história social, materialismo histórico e criticismo cultural, num esforço de identificar em que escala eles voltam-se para a linguagem, para descartar essa possibilidade de compreensão do mundo ou para torná-la realmente significativa.*" Idem. p.52.

¹⁵⁷ STOREY, John. Op. Cit. p. 90.

¹⁵⁸ Ele denomina este estágio de desenvolvimento da subjetividade como *„fort-da game„*, que se interpõe entre dois outros estágios: a fase do espelho e o complexo de Édipo. Idem. p. 89.

¹⁵⁹ Há um caráter lúdico evidente na introdução dos sujeitos no mundo da língua.

¹⁶⁰ STOREY, John. Op. Cit. p. 89.

si próprios através da linguagem, o "eu" fugiria permanentemente, deslizaria, perder-se-ia na relação do indivíduo com a cultura, ou com a ordem dos símbolos.¹⁶²

A linguagem, para Lacan, é um meio através do qual os indivíduos poderiam exprimir suas necessidades, buscando a satisfação das carências afetivas. Entretanto, a linguagem nunca preencheria a lacuna aberta pela carência. Pelo contrário, ela a intensificaria, possibilitando a emergência do desejo. Os indivíduos passariam a buscar no mundo algo com o qual pudessem se identificar, fortalecendo seu processo narcisista de afirmação do ego.¹⁶³

O meio através do qual os indivíduos buscariam atingir sua condição de sujeitos, pelo qual vislumbrariam possibilidades de ser eles próprios, seria a linguagem. Entretanto ela exerceria uma espécie de traição aos candidatos a sujeitos de si próprios. Esta traição, conforme Lacan, parece ser uma brincadeira de esconde-esconde: o indivíduo tenta falar sobre si mesmo, mas não consegue exprimir a sua essência. O indivíduo seria sempre diferente da sua fala sobre si mesmo, o conteúdo da sua fala nunca exprimiria exatamente aquilo que ele é. A condição de sujeito apareceria e desapareceria na fala.

A linguagem envolveria também uma relação com o outro. Desta relação poderia emergir tanto o senso do outro como as diferenças entre indivíduos. Isto se daria num processo em que o sujeito se afirmaria, mas ao mesmo tempo seria derrotado, conforme as palavras de John Storey quando se refere a Lacan.¹⁶⁴

As noções presentes no pensamento de Lacan, como as de impossibilidade de atingir a essência do eu, de fragilidade do indivíduo e inexistência do sujeito previamente dado, difundiram-se nos trabalhos do filósofo-historiador Michel Foucault. Também a noção estruturalista da linguagem enquanto uma espécie de lugar de aprisionamento dos indivíduos, de lugar de luta e poder, foram

¹⁶¹ Idem. p. 88-91.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ "Eu sou eu quando eu falo para você, e sou você quando você fala para mim. Disto depreende-se que nosso senso de existência como único e individual é alguma coisa frágil. Em outras palavras, nós não podemos procurar coisas como a essência do eu. Isto não é mais do que ficção. Nós vivemos de ficção. Não apenas a linguagem que nós falamos produz nossa subjetividade, nós somos sujeitos deste processo estrutural." STOREY, John. Op. Cit. p. 90.

divulgadas na sua obra. Acontece que Foucault ampliou o campo de atuação para além da linguagem, buscando articulações com práticas de natureza social ou cultural. Ele trabalhou o discurso como lugar de afirmação de alguns modos de pensar e negação de outros. A linguagem, ao referir-se a certas práticas, excluiria outras, ou estabeleceria um diálogo conflituoso em relação a formas de linguagem diferentes ou formações discursivas divergentes.¹⁶⁵

Através do processo de definição e exclusão, seriam estabelecidas regras não escritas a respeito do que seria possível ser falado, escrito, pensado e produzido sobre determinado assunto. A essas regras, chamadas formações discursivas, corresponderiam conhecimentos e saberes que equivaleriam a formas diferenciadas de poder.¹⁶⁶

No lugar de uma abordagem negativa ou repressiva das relações em que o poder está envolvido, Foucault propôs a análise do poder enquanto produtor de realidades e relações de dominação. Neste sentido, preocupou-se em observar discursos de instituições, os efeitos de poder que deles emanam, e o conhecimento resultante desses investimentos. Para Foucault, muito mais do que falar sobre realidades, os discursos criariam relações de poder-conhecimento sobre a realidade, constituindo um campo de intervenção sobre ela.¹⁶⁷

O trabalho de Edward Said, baseado em uma abordagem foucaultiana, abriu possibilidades de imprimir novo tratamento à temática das relações do ocidente com o oriente, temática esta bastante antiga como objeto de preocupação de diversos estudiosos. Said não estudou o conteúdo dos discursos do ocidente sobre o oriente, chamados "orientalismo"¹⁶⁸, mas sim o lugar onde este foi

¹⁶⁵ Idem. p. 92.

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Idem p. 92-93. "O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (...) "A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro." FOUCAULT, Michel. "Microfísica do poder". Rio de Janeiro, Graal, 1982. p. 8-12.

¹⁶⁸ Said tem uma obra com este título: SAID, Edward. Orientalismo. Harmondsworth: Penguin, 1985, p. 1. APUD STOREY, John. Op. Cit. p. 93.

formulado, no caso a Europa. Preocupou-se com o momento em que foi formulado, ou seja, quando a Europa necessitava de um parâmetro para contrastar sua imagem, personalidade e experiência. Naquele momento os europeus elaboraram um discurso que inaugurou procedimentos em relação ao oriente.

Através desse discurso, os europeus fizeram afirmações e elaboraram descrições sobre o oriente. Ainda ensinaram sobre ele, adquirindo autoridade para difundir uma visão do tema. Contrastando com o oriente, os europeus ganharam força e identidade para colonizá-lo. Assim, o discurso dos europeus criou um corpo de relações de poder-conhecimento, articulado pelos interesses de poder da Europa, que regularizou, reestruturou e manteve o domínio sobre o oriente.

O trabalho de Said fez duas afirmações que elucidaram possibilidades de trabalho com o discurso: uma delas refere-se à definição do país pela contraposição da sua imagem com outro país; e a outra, à invenção de uma situação ou condição social, política e geográfica pela afirmação do discurso.¹⁶⁹

Neste sentido, Storey discutiu trabalhos que se definiram por estudos de formações discursivas, tratando de forma diversa questões cristalizadas em abordagens tradicionais. Como exemplo, o mito do Tarzan: muito mais do que informar sobre o povo e lugar da conquista colonial - sobre a selva africana -, falou-nos sobre o colonizador europeu ou norte-americano, seus desejos e ansiedades, é sobre a conquista imperial. Tomada a partir deste referencial de análise, a guerra do Vietnã, mais do que uma derrota dos norte-americanos, instituiu relações de poder-conhecimento destes sobre o Vietnã. Os filmes de Hollywood difundiram a imagem que institucionalizou o Vietnã, popularizando-o. Embora a guerra tenha sido considerada impopular, os filmes solidificaram uma visão do Vietnã que substituiu a apresentação, para julgamento da opinião pública, da própria imagem dos Estados Unidos da América.¹⁷⁰

Para finalizar a discussão referenciada no estruturalismo e pós-estruturalismo, tenta-se penetrar um pouco mais nas discussões processadas no

¹⁶⁹ "O oriente tem ajudado a definir a Europa (ou o oeste) como seu contraste de imagem, idéia, personalidade, experiência. (...) O oriente foi uma invenção européia." SAID, Edward. Orientalismo. Op. Cit. p. 1-2. APUD STOREY, John. Op. Cit. p. 93.

terreno dos historiadores para buscar elos de ligação entre estudos que se detiveram na linguagem e a História Social. Para isto se recorre novamente a Barthes, para evidenciar como língua, discurso, palavra, ou este código de regras, de símbolos criados pela cultura, foi tomado como o lugar privilegiado do poder, constituindo-se como uma espécie de prisão para os indivíduos.¹⁷¹ Por outro lado, Barthes também afirmou a possibilidade de, no interior da própria língua, reverter a situação de aprisionamento. Isto dar-se-ia num outro plano da língua, o da literatura. Na fala, os homens estariam limitados ao conteúdo da mensagem. Na escrita literária seria possível romper o ciclo, trapaceando a língua, pelo jogo de palavras.¹⁷²

¹⁷⁰ STOREY, John. Op. Cit. p. 93-94.

¹⁷¹ "(...) chamo discurso de poder todo discurso que engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade daquele que o recebe. Alguns esperam de nós, intelectuais, que nos agitemos a todo momento contra o Poder; mas nossa verdadeira guerra está alhures: ela é contra os poderes, e não é um combate fácil: pois, plural no espaço social, o poder é, simetricamente, perpétuo no tempo histórico: expulso, extenuado aqui, ele reaparece ali; nunca perece; façam uma revolução para destruí-lo, ele vai imediatamente reviver, re-germinar no novo estado de coisas. A razão dessa resistência e dessa ubiquidade é que o poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado à história inteira do homem, e não somente à sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem - ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua.

A linguagem é uma legislação, a língua é seu código. Não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva (...)

Assim, por sua própria estrutura, a língua implica uma relação fatal de alienação.

(...) Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer.

Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder.

(...) Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente. Se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem. Infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado." BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo, Cultrix, 1978. p.11 a 16.

¹⁷² "Mas a nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear a língua. Essa trapaça saltar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o garfo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro." Idem. p. 16-17.

1.4. REAL - INSTITUÍDO OU INSTITUNTE?

As noções desenvolvidas na área dos estudos da linguagem foram retomadas por trabalhos que passaram a considerá-la como um campo de luta, o lugar em que o poder se instala, mas também onde a resistência se manifesta, como propõe Roger Chartier na "história da leitura". Ele sugere que lutas por dominação e também reações podem ser evidenciadas nos textos escritos.¹⁷³

Também tornaram-se significativas as considerações em torno da língua enquanto instituinte do real. Barthes refere-se particularmente à literatura, como um campo específico onde o real pode ter lugar garantido.¹⁷⁴ Neste sentido pode-se tomar o trabalho de Pierre Bourdier como aquele que reconhece a linguagem, e de forma mais ampla a comunicação, como integrantes dos "sistemas simbólicos".¹⁷⁵ O simbólico também é definido como um campo de lutas "efetivamente reais", como lugar de construção do real e transformação da realidade.¹⁷⁶ Além disto leva a pensar a língua como possibilidade de observar,

¹⁷³ "Se é legítimo associar o desenvolvimento do Estado moderno ao recurso crescente ao escrito (manuscrito e, depois, impresso) na administração dos homens e das coisas, é também necessário sublinhar vigorosamente que essa ligação se opera segundo modalidades específicas, que não são as dos Estados contemporâneos, encontrando resistências por parte das antigas maneiras de pensar e de mostrar o poder.

Medir a produção escrita do Estado implica que se meçam igualmente as competências culturais das populações, agentes ou súditos do Estado, que exercem ou apreendem o poder de comando e de justiça por meio de textos que se destinam a ser lidos. Para tal, é preciso identificar as distribuições desiguais (...) das capacidades de leitura e de escrita tal como são encaradas, em termos macroscópicos, pelos estudos sobre alfabetização construídos a partir de um indicador ambíguo - a capacidade para assinar - que delimita uma população de leitores que não sabem todos escrever, longe disso, e que não tem em conta o número de leitores que, nas sociedades de Antigo Regime, não sabiam assinar. Para além destas identificações de conjunto, devem ser analisadas as práticas culturais que se apoderam de modo diferenciado da matéria escrita." CHARTIER, Roger. A História Cultural, entre práticas e representações. Lisboa, Difel / Rio de Janeiro, Bertrand, 1990. p.219-220.

¹⁷⁴ "É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real." BARTHES, Roland. Aula. Op. Cit. p.18.

¹⁷⁵ "Os símbolos são os instrumentos por excelência da 'integração social': enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (...) , eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração 'lógica' é a condição da integração 'moral'." BOURDIER, Pierre. O poder simbólico. Lisboa, Difel / Rio de Janeiro, Bertrand. 1989. p. 10.

¹⁷⁶ "É preciso, pois, romper com o economicismo - marxista ou qualquer outro - que reduz o regionalismo à paixão, ou mesmo à patologia, porque, por não reconhecer a contribuição dada à construção do real, ele não pode compreender a real contribuição que a transformação coletiva da representação coletiva dá à transformação da realidade. Mas sem esquecer com isso que há uma economia do simbólico que é irredutível à economia (em sentido restrito) e que as lutas simbólicas têm fundamentos e efeitos econômicos (em sentido restrito) efetivamente reais." BOURDIER, Pierre. O poder simbólico. Lisboa, Difel / Rio de Janeiro, Bertrand. 1989. p.129.

por um lado, formas de unificação de grupos e, por outro, a diferenciação dos mesmos.

Hegemonia de segmentos sociais e de diferenças culturais poderão ser afirmada diante dos demais, segundo ele, pelas formas de linguagem que passam por sotaques ou vocabulários distintos, podendo até mesmo se distinguir em termos de utilização de determinado dialeto. Também poderá ser interessante para um grupo, em momentos de ameaça externa, a unidade das forças numa língua comum. Neste sentido, grupos que se encontram separados em razão de interesses divergentes no campo social, político ou cultural, poderão se unir temporariamente em torno de um ideal manifestado pela sua aproximação lingüística. Conforme Bourdier, um exemplo de linguagem que tende a unificar as massas é a linguagem do patriotismo.¹⁷⁷

A afirmação das diferenças entre grupos pela língua tem sido trabalhada, no campo da História Social, pelos ingleses Peter Burke e Roy Porter. Eles publicaram uma obra que serviu de base para uma série de pesquisas sobre o tema: *The Social History of Language*.¹⁷⁸ Num outro trabalho, que reúne uma série de artigos sobre o tema, Burke se referiu a nobres que falavam o francês na Rússia de Tolstoi como exemplo da utilização de uma língua estrangeira para manter a situação de privilégio diante dos demais grupos.¹⁷⁹

A adoção de língua estrangeira por um grupo não é tomada por Burke apenas na situação em que a assimilação é espontânea. Tal como Bourdier, lembrando lutas travadas no campo da linguagem, e trabalhando tais lutas não tanto no plano simbólico¹⁸⁰, mas no plano social e político¹⁸¹, Peter Burke enfatizará a possibilidade de dominação exercida pela língua. Na dominação não estariam envolvidos tanto os méritos dos meios de comunicação, mas sim

¹⁷⁷ BOURDIER, Pierre. *Distinction: a Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge/ Mass, Harvard University Press, 1984. APUD PORTER, Roy. Introdução. In: BURKE, Peter & PORTER, Roy. *Linguagem, indivíduo e sociedade*. São Paulo, UNESP, 1993. p.16.

¹⁷⁸ BURKE, Peter & PORTER, Roy. *The Social History of Language*. Op. Cit. p.31.

¹⁷⁹ BURKE, Peter. "Prefácio à edição brasileira". In: BURKE, Peter & PORTER, Roy. *Linguagem, indivíduo e sociedade*. Op. Cit. p.10.

¹⁸⁰ Burke, em outro trabalho, admite uma "perspectiva simbólica". BURKE, Peter. *A arte da conversação*. São Paulo, UNESP, 1995. p. 49.

¹⁸¹ Burke fará alusão aqui a alguns trabalhos de especialistas que trataram da política da linguagem. In: BURKE, Peter & PORTER, Roy. *Linguagem, indivíduo e sociedade*. Op. Cit. p.10.

situações políticas, que definiriam a vitória de uma língua sobre as outras.¹⁸² Haveria, assim, tanto uma hierarquia entre as línguas como também uma espécie de competição entre elas. A competição envolveria lutas mais amplas, como as lutas entre classes e lutas políticas. Dependendo da situação em que as lutas transcorressem, poderiam advir diferentes resultados: uma língua triunfaria sobre as demais, sobreviveria ou até mesmo se extinguiria.¹⁸³ Neste sentido, a exemplo de Burke, pergunta-se porque as línguas dos imigrantes, particularmente o alemão, não conseguiu vencer a disputa com o português nas décadas de 30/40 no sul do Brasil.¹⁸⁴

Ainda conforme Burke, em outros casos, como o de ocupação estrangeira num país, poderá acontecer a assimilação da língua do invasor. Isto poderá ser bem aceito pelos invadidos, no caso de que adotar a nova língua signifique possibilidades de acesso a determinados privilégios. Assim, tomar para si a língua intrusa poderá trazer chances de atingir níveis culturais mais atraentes, mais instrutivos, com maiores oportunidades de trabalho.¹⁸⁵ No caso de guerras e conquistas, em que o contato entre as línguas ocorre numa relação de força/dominação, a tendência observada é sempre a da língua intrusa suplantar a nativa, embora se evidenciem situações de fusão entre elas.¹⁸⁶

Buscando conciliação entre história social e história cultural, e apontando para preocupações com política e poder¹⁸⁷, Burke propõe que a história da linguagem se preocupe com o significado da língua em momentos de mudança política ou revoluções¹⁸⁸. Nestes momentos, a língua tende a se tornar meio de integração nacional, o Estado pode vir a implantar reformas na língua, fazer

¹⁸² Idem. p. 10.

¹⁸³ STEINBERG, Jonathan. "The Historian and the Question of the Language". In: BURKE & PORTER. The Social History of Language. Op. Cit. p. 198-209. APUD PORTER, Roy. "Introdução". In: BURKE & PORTER. Linguagem, indivíduo e sociedade. Op. Cit. p. 16.

¹⁸⁴ Quando trata a questão das línguas dos imigrantes, Burke refere-se particularmente ao Italiano disputando com o Português, em São Paulo, no início deste século. BURKE, Peter. Prefácio à edição brasileira. In: BURKE, Peter & PORTER, Roy. Linguagem, indivíduo e sociedade. Op. Cit. p. 11.

¹⁸⁵ KIERNAN, Victor. "Línguas e Conquistadores". In: BURKE, Peter & PORTER, Roy. Linguagem, indivíduo e sociedade. Op. Cit. p. 262-263.

¹⁸⁶ Idem. p. 259-260.

¹⁸⁷ BURKE, Peter. A arte da conversação. Op. Cit. p. 47.

¹⁸⁸ BURKE refere-se aqui particularmente ao trabalho de François Furet sobre a Revolução Francesa. FURET, François. "Interpreting the French Revolution". Cambridge, 1981. In: BURKE, Peter. A arte da conversação. Op. Cit. p. 47.

planejamento ou institucionalizar a administração lingüística. O poder centralizado poderá exigir que novos Estados criados adotem a língua nacional.¹⁸⁹

Além de tomar o problema lingüístico vinculado a questões de Estado, Burke propõe um trabalho voltado para "*a estratégia alternativa*". Isto seria, por um lado, a adoção da linguagem oficial para resistir a dominações de classe ou de nações, como no caso da Índia e partes da África. Neste caso, a utilização de uma única língua no país permitiria melhor comunicação entre regiões, possibilitando maior eficácia nos processos de resistência da população local. Outra forma de resistir seria a de as populações vinculadas a linguagens minoritárias, em momentos do estabelecimento de uma língua oficial, fazerem exigências sobre o uso da língua de origem para a educação de seus filhos e para veiculação através dos meios de comunicação.¹⁹⁰ Dependendo da situação, tais reivindicações poderiam ou não ser acatadas pelos integrantes dos governos¹⁹¹.

Com estas e outras questões para discussão, Burke lançou bases para investigações históricas sobre interesses de governos pela língua nos Estados Modernos.¹⁹² No diálogo que manteve com a História Social de tradição marxista (ou ex-marxista?), Burke citou o trabalho de Gareth 'Stedman Jones para exemplificar estudos que, quando se referiram a protestos e revoluções, "*levaram as palavras muito a sério*", detendo-se apenas na retórica e no discurso. As críticas feitas por Jones, tanto aquelas dirigidas a Thompson como a

¹⁸⁹ Idem.

¹⁹⁰ Idem p. 46-47.

¹⁹¹ Um certo espaço para a difusão da literatura e do ensino de língua alemã, bem como a liberdade de culto e a livre circulação de idéias e posições, aconteceram no Brasil durante a mudança na esfera do Estado que resultou na queda do Império e ascensão da República. Naquele momento, a influência do pensamento positivista, sobretudo sobre a elite do Rio Grande do Sul, deu margem para afastar interferências do Estado na sociedade. MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Alemanha, mãe-pátria distante: utopia pangermanista no sul do Brasil. Op. Cit. p. 136 - 137.

¹⁹² "(...) *Há quanto tempo os estados consideram as línguas faladas por seus cidadãos assunto que lhes diz respeito? A resposta, igualmente óbvia, pareceria ser desde a ascensão do nacionalismo no final do século XVII, e desde a associação entre língua e identidade nacional formulada por Herder e outros intelectuais naquele momento.*

(...)

Seria interessante ver um estudo comparativo, ou mesmo uma série de estudos, que identificasse os governos que primeiro manifestaram interesse nas línguas de seus governados, os indivíduos e grupos nesses governos (ou mesmo fora deles) que se preocuparam com o planejamento lingüístico, reforma lingüística ou a administração do conflito lingüístico, e a eficácia das políticas que foram de fato implantadas. BURKE refere-se aqui particularmente ao trabalho de François Furet sobre a Revolução Francesa. FURET, François. "Interpreting the French Revolution". Cambridge, 1981. In: BURKE, Peter. A arte da conversação. Op. Cit. p. 47-48.

interpretações que a História Social deu ao movimento cartista inglês¹⁹³, conforme Burke, estiveram voltadas para dois aspectos que tiveram a palavra no centro da questão. Primeiro para um reducionismo interpretativo do cartismo, que desconsiderou a linguagem dos integrantes do movimento. Segundo para a experiência e consciência, que não se relacionariam sem que uma língua se interponha entre elas. Nesse caso a linguagem organizaria, por assim dizer, a compreensão da experiência.¹⁹⁴

As observações de Burke deixam transparecer que estudos sobre retórica, discurso e linguagens de classes interferiram profundamente na História Social, provocando críticas e contra-argumentos. Seria importante identificar a dimensão da discussão no interior da História Social, sem perder de vista que as fronteiras do debate não permanecem restritas ao campo historiográfico, por serem resultado de uma crescente tendência à interdisciplinaridade.

¹⁹³ O cartismo foi um movimento independente das classes trabalhadoras inglesas para defender seus direitos e os direitos de todos os homens. Ocorreu entre 1830 e 1850. O seu nome provém da "Carta do Povo", publicada pela primeira vez em 1938.

¹⁹⁴ Idem p. 46.

1.5. O LUGAR DA HISTÓRIA É O MESMO DA LINGUAGEM?

Não existem mais oposições, separações, diferenças entre linguagem e história? Onde estará o real, onde está a representação? O imaginário é real? Negar a realidade histórica significa pensar que tudo é instituído? Isto quer dizer transitoriedade, poucas permanências, história passageira ou momentânea?

É nos tênues limites interpostos entre história, literatura e filosofia que se situa o trabalho de Hayden White.¹⁹⁵ A motivação para tomar o trabalho deste autor como referência é a maneira com que ele polemizou e discutiu a obra de Thompson com base na *"teoria tropológica do discurso"*. Esta polêmica, se não mereceu resposta direta do próprio alvo da crítica, foi levada adiante por outros trabalhos vinculados à História Social, que se encarregaram de fazê-lo¹⁹⁶. Desta e de outras formas parece possível acompanhar a maneira pela qual integrantes de correntes da História Social de tradição marxista abordam a questão da língua em seus trabalhos. O próprio Thompson, embora crítico a estudos estruturalistas¹⁹⁷, não esteve isento de sentir o impacto causado sobre o conjunto das Ciências Humanas e Sociais pelo estruturalismo. É importante levar em conta com quais argumentos um integrante da tradição marxista como Stedman Jones rompeu com a corrente, abrindo um debate no interior da História Social que merece ser acompanhado.¹⁹⁸

Hayden White argumentou que a hipótese da qual Thompson partiu - fundamentada na *"realidade histórica concreta"*, e na *"consideração empírica da evidência"* -, nada mais é do que um padrão tropológico para organizar seu discurso. White considera que Thompson *"(...) impôs esses modos [tropológicos] à esfera geral de fenômenos por ele estudados, como um meio de caracterizá-la"*

¹⁹⁵ BURKE, Peter. "Enredos da história". In: Jornal de resenhas. FOLHA DE SÃO PAULO / Discurso Editorial / USP. 03.07.1995. p. 4.

¹⁹⁶ Pode-se considerar uma parte do trabalho de Bryan Palmer uma defesa de Thompson àqueles que desconsideram suas preocupações com a linguagem, contrapondo sua argumentação justamente à análise de Hayden White. PALMER, Bryan. *Descent into discourse: the reification of language and the writing of social history*. Op. Cit. p.67-78.

¹⁹⁷ Especialmente a crítica de Thompson a Althusser, que não se refere à temática específica da língua. THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria; ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.

¹⁹⁸ Várias são as referências encontradas sobre o assunto, particularmente um artigo publicado na "Social History": MAYFIELD, David & THORNE, Susan. "Social history and its discontents: Gareth Stedman Jones and the politics of language", *Social History*, 17 (2), maio 1992. p. 165 - 188.

*segundo um modo puramente hipotético, com o único fito de delinear as estruturas mais amplas de sua representação no seu discurso sobre ela (...) "*¹⁹⁹

Segundo White, não importa tanto se o modelo que Thompson distinguiu na história da consciência de classe foi imposto aos seus dados ou descoberto neles, mas sim a pergunta: *"por que um intérprete de 'dados' tão sutil encontrou esse padrão tropológico para organizar o seu discurso, e não algum outro?"*²⁰⁰. Importa também o problema do *"cuidado demonstrado na escolha do modelo utilizado para ordenar o processo que está sendo representado. Este cuidado se revela na sua escolha, planejada ou intuitiva, de um modelo que por muito tempo esteve associado à análise dos processos de consciência na retórica e na poética, na dialética e, como já mostramos, na psicologia experimental e também na psicanálise."*²⁰¹

Desta forma, o padrão de progressão encontrado no fazer-se da consciência dos trabalhadores ingleses, que passa de uma fase de compreensão ingênua ou metafórica para uma fase irônica ou autocrítica, seria, na opinião de White, nada mais do que o fazer-se que atuou no próprio discurso de Thompson.²⁰² Embora Thompson não admita que esteja fazendo uma *"narrativa consecutiva"*, White argumenta que as quatro partes da obra dele sugerem *"ativismo"* e *"construtivismo"*, *"tanto do tema tratado quanto do discurso sobre esse tema, ao passo que as partes do discurso delineadas no prefácio sugerem a 'lógica' da organização tropológica"*.²⁰³ A "organização tropológica" teria sido construída por Thompson nas quatro partes da obra: na primeira parte verificar-se-ia um tipo de consciência metafórica; na segunda, o modo de consciência

¹⁹⁹ WHITE, Hayden. Trópicos do discurso; ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo, Edusp, 1994. p. 33.

²⁰⁰ Idem

²⁰¹ Idem

²⁰² "(...) quando Thompson prossegue para oferecer um esboço da sua história, ele conceitua as suas fases segundo modos que, se não predizem nenhuma lei da história, satisfazem perfeitamente os requisitos da previsibilidade da composição de discursos como o seu. O movimento quádruplo é explicitamente englobado, e por curioso que isso possa parecer, como um padrão muito mais construído que simplesmente descoberto.

(...)

Se Thompson não aplicou conscientemente a teoria dos tropos à representação que fez da história do seu tema, ele adivinhou ou reinventou esta teoria na composição do seu próprio discurso." WHITE, Hayden. Trópicos do discurso; ensaios sobre a crítica da cultura. Op. Cit. p. 30, 33.

²⁰³ Idem p. 30.

metonímico; na terceira parte, a consciência sinedóquica; e finalmente, na última parte, naquela que Thompson assinala a existência de uma fase de autoconsciência, o estágio da ironia.²⁰⁴

A defesa de Bryan Palmer à "Formação" iniciou com a afirmação de que o uso da linguagem é central no trabalho de Thompson e na relação que ele sempre manteve com os que o ouvem quando fala em público. A força de historiador de Thompson seria justamente o seu senso acentuado da linguagem.²⁰⁵ A linguagem também estaria presente, conforme Palmer, no coração de *"Customs and Common"*²⁰⁶, que é um estudo sobre a cultura plebéia no século XVIII inglês. Um outro exemplo seria *"Patrician Society, Plebian Culture"*²⁰⁷, que trata da luta na justiça de um trabalhador têxtil acusado por seu patrão de ser negligente em relação ao seu próprio trabalho. Ali evidenciou-se uma disputa lingüística entre ambas as partes. Outro exemplo seria um artigo intitulado *"On History, Sociology and Historical Relevance"*, publicado no *"British Journal of Sociology"*²⁰⁸, onde Thompson acentuou a base de classe da linguagem por ele analisada na *"Formação"*.²⁰⁹

Palmer também criticou Hayden White pela leitura reducionista e estreita que fez de Thompson²¹⁰, argumentando que tal leitura teria sido feita de uma altura olímpica. Isto apagaria a possibilidade de identificar aquilo que chamou de "qualquer tipo de geografia" do trabalho de Thompson. Isto significa que Hayden White não teria feito uma observação mais detalhada ou mais próxima do

²⁰⁴ Idem p. 30-31.

²⁰⁵ "Esta referência pode ser feita tanto para trabalhos que tratam da internalização pela classe trabalhadora da disciplina capitalista do tempo, ou da linguagem e atividade da multidão no século dezoito ou através do olhar para a venda de esposas e charivari ou na análise da tradição da carta de ameaça." PALMER, Bryan. *Descent into discourse*; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p.69.

²⁰⁶ THOMPSON, E.P. *Customs in Common*. London, Penguin Books, 1993.

²⁰⁷ *Journal of Social History* 7 (Summer 1974) APUD PALMER, Bryan. *Descent into discourse*; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p. 69.

²⁰⁸ "British Journal of Sociologie" n. 27. 1976. APUD PALMER, Bryan. *Descent into discourse*; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p. 70.

²⁰⁹ PALMER, Bryan. *Descent into discourse*; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. Idem. p. 69-70.

²¹⁰ "Mas 'lendo' Thompson desta forma estreita e certamente reducionista, nós atualmente perdemos mais do que ganhamos, mesmo se nos restringirmos ao terreno da discussão da própria linguagem." PALMER, Bryan. *Descent into discourse*; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p.69.

trabalho de Thompson.²¹¹ Palmer ainda afirma que todas as páginas da "*Formação*" são escritas de forma literária e que o conjunto da obra é concebida em termos de linguagem²¹². Identifica várias passagens em que Thompson se refere à linguagem, à retórica ou à interferência de certos textos, ou obras, na consciência e na ação dos trabalhadores ingleses.

As questões levantadas na primeira parte da "*Formação*" de Thompson são importantes para a análise de Palmer. Nestas passagens iniciais, Thompson estaria analisando, na classe trabalhadora inglesa, "posturas apropriadas" evidenciadas na linguagem da reforma, nas autoridades e nas pessoas em geral.²¹³ Em seguida identifica os textos tomados por Thompson como "fundadores do movimento operário inglês"²¹⁴, particularmente o "*Progresso do Peregrino*" de Bunyan e "*Direitos do Homem*" de Paine.²¹⁵ O que Thompson teria evidenciado aqui seria possibilidades de intervenção dos textos sobre o movimento dos trabalhadores ingleses. O texto de Bunyan, à medida em que apela para a "*linguagem da devoção comunitária*", junto com o Velho Testamento que evoca a "*linguagem da apreciação comum*", teria despertado, no século XIX, um radicalismo adormecido desde o século XVIII, estimulando a emergência de um movimento de protesto com particular potencialidade.²¹⁶

²¹¹ Idem p. 69.

²¹² Idem p. 70.

²¹³ Para isto cita dois momentos:

"O sapateiro (Hardy, que havia sido preso com seus camaradas na Sociedade Londrina de Correspondência) foi interrogado várias vezes pelo próprio Conselho Privado. Hardy pouco registro deixou desses encontros; mas um de seus companheiros de prisão entreteve seus leitores com uma reconstrução dramática do seu próprio interrogatório pelo conselho mais elevado da região. 'Fui chamado a entrar', contava John Thelwall, 'e contemplei o elenco de *Dramatis Personae* entrincheiradas e afundadas até o queixo em leituras e manuscritos... todos espalhados na maior confusão'.

(...)

O primeiro ministro o dispensou (a John Thelwall) e intimou para um interrogatório um rapaz de catorze anos, Henry Eaton, que vivera com os Thelwall. Mas o garoto se manteve firme e 'começou uma arenga política onde usou uma linguagem muito áspera com o Sr. Pitt, censurando-o por ter lançado enormes impostos sobre o povo...' (grifos nossos)

THOMPSON, E. P. A formação da classe trabalhadora inglesa, v. 1, Op. Cit. p. 16-17.

²¹⁴ PALMER, Bryan. Descent into discourse; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p. 70.

²¹⁵ "Bunyan e Paine, com Cobbett e Owen, foram os que mais contribuíram para o conjunto de idéias e atitudes que compõe a matéria prima do movimento de 1790 e 1850. Muitos milhares de jovens encontraram no *Progresso do Peregrino* sua primeira história de aventuras, e concordariam com o cartista Thomas Cooper que este era seu 'livro dos livros'." THOMPSON, E. P. A formação da classe trabalhadora inglesa, v. 1, Op. Cit. p. 31.

²¹⁶ PALMER, Bryan. Descent into discourse; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p. 70-71. "Por várias gerações, a educação mais usualmente acessível vinha do púlpito e da

O texto de Paine, por outro lado, teria conseguido conter o radicalismo operário do século XIX, afirmando impossibilidades de intervenção política nos empreendimentos industriais e ajudando a manter a separação econômica entre operários e patrões. O mesmo texto teria consolidado, junto a uma parte do operariado inglês, os princípios de Adam Smith, da obra "*A Riqueza das Nações*", particularmente aqueles que propõem a não regulamentação do capital e do salário por parte do Estado. Um outro texto de Paine, "*A Idade da Razão*", que ridicularizou a autoridade da Bíblia e se mostrou contrário à religião de Estado e à política clerical, também teria interferido por mais de um século na história de vida de muitos despossuídos, impelindo ou inibindo o movimento da classe trabalhadora.²¹⁷

Palmer ainda lembrou como Thompson tomou a linguagem da obra "*Os direitos da Natureza*" de Thelwall²¹⁸, dedicada à análise da distribuição da propriedade e do sistema feudal, como responsável pela sustentação do jacobinismo, do socialismo e de um impulso revolucionário. Argumentou ainda que Thompson considerou a linguagem como aquela que nutriu a "*árvore da liberdade*"²¹⁹ durante o ano de 1790, pois as palavras escritas por Thelwall mantiveram vivas as tradições jacobinas, sustentaram o internacionalismo e a crítica racional. Argumentou ainda que a abordagem do radicalismo popular do século XVIII, em Thompson, nada mais foi do que uma discussão sobre o discurso.²²⁰

Escola Dominical, do Velho Testamento e do Progresso do Peregrino. Entre esta imagística e a experiência social havia um intercâmbio contínuo - um diálogo entre atitudes e realidade que era às vezes frutífero, às vezes árido, às vezes masoquista, mas raramente 'paranóico' ". THOMPSON, E. P. A formação da classe trabalhadora inglesa, v. 1, Op. Cit. p. 51.

²¹⁷ PALMER, Bryan. Descent into discourse; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p. 72.

²¹⁸ THELWALL, J. "The Rights of Nature" (1796), "Cartas I e II" APUD PALMER, Bryan. Descent into discourse; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p. 72.

²¹⁹ Temática central do primeiro volume da obra de Thompson, que trata das tradições populares do século 18 inglês, que influenciaram a agitação jacobina nos anos 1790. THOMPSON, E. P. A formação da classe trabalhadora inglesa, v. 1, Op. Cit. p. 12.

²²⁰ "*A Formação da Classe Operária Inglesa introduziu, então, por uma larga discussão do radicalismo popular do século XVIII, que isto não é nada mais do que um discurso. Enquanto a atenção de Thompson à linguagem é contextualizada, mais especialmente em termos do lado político da política econômica, ele esteve lutando mais persistentemente para colocar a linguagem da maioria dentro de um tom próprio, acentuando também suas limitações. Esta imersão nas palavras, textos, signos, e inflexões do discurso popular prova tanto a sua força como a sua fraqueza.*" PALMER, Bryan. Descent into discourse; the reification of language and the writing of social history. Op. Cit. p. 73.

Além das questões de linguagem levantadas em relação ao trabalho de Thompson, é importante considerar a crítica que Gareth Stedman Jones fez à história social, acusando-a de não dar conta de explicar o social, o político, o ideológico e o cultural ao mesmo tempo.²²¹ O que Jones pretendeu propor com tais críticas foi um outro tratamento para a história social, mudando o lugar e o tempo do seu olhar sobre esta.²²² No lugar de tomar a classe como ponto de referência a uma realidade social anterior, Jones a toma como um conceito, ou como uma palavra que, integrante da língua, poderá ter muitos significados.²²³ Explica como ele inverteu o seu pressuposto inicial quando tentava explicar o movimento cartista na Inglaterra, ao constatar que a ideologia não era a questão fundamental a ser investigada.²²⁴

Na ênfase à instância política como geradora de consciência no movimento cartista, tornaram-se importantes, para a análise de Jones, questões de interpretação do cartismo levantadas pelos próprios integrantes do movimento: *"esta maneira de interpretar o cartismo tem a virtude de prestar mais atenção ao*

²²¹ "(...) me vi obrigado a redefinir o problema: em poucas palavras, a dissociar o propósito de uma história teoricamente inspirada (...) no papel determinante do social." JONES, Gareth Stedman. "Introdução". In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la história de la classe obrera inglesa (1830-1982). Madrid, Siglo Veintiuno, 1989. p.7.

²²² "Especialmente, me mostrava cada vez mais crítico ao tratamento dominante do 'social', como algo externo e logicamente - e com freqüência, ainda que não de maneira inevitável, cronologicamente - anterior à sua articulação por meio da linguagem." JONES, Gareth Stedman. "Introdução". In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la história de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p.7.

Idem.

²²³ "O título, *Linguagens de classe*, acentua este aspecto: em primeiro lugar, o termo 'classe' é uma palavra incrustada na linguagem e por isso deve ser analisada em seu contexto lingüístico; e em segundo lugar, dado que há diferentes linguagens de 'classe', não se deve partir do suposto de que 'classe' como elemento básico da descrição social de caráter oficial, 'classe' como efeito do discurso teórico sobre as relações de distribuição ou produção, 'classe' como resumo de um grupo de práticas culturalmente significativas ou 'classe' como espécie de autodefinição política ou ideológica compartilham um único ponto de referência em uma realidade social anterior". JONES, Gareth Stedman. "Introdução". In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la história de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p.7.

²²⁴ Ele afirmará mais tarde que "a ideologia do cartismo não pode ser concebida fazendo abstração de sua forma lingüística" JONES, Gareth Stedman. "Reconsideração do cartismo". In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la história de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p. 90. "Em termos mais gerais, a preocupação com a ideologia simplesmente passava por alto do que mais urgia explicar acerca do cartismo: seu caráter político, as razões específicas de sua ascensão e queda, seu interesse pela representatividade e sua falta de interesse pela delimitação dos estatutos sócio-econômicos dos não representados.

(...) não era a consciência (ou ideologia) que gerava a política, mas sim a política que gerava a consciência. Isto equivaleu a abrir uma nova linha de investigação sobre o cartismo, um enfoque que renunciaria a todos os pressupostos sociais inerentes à literatura sobre o cartismo desde o principio e isolaria a política do cartismo como objeto de estudo por direito próprio." JONES, Gareth Stedman. "Introdução". In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la história de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p. 18.

que disseram os cartistas"²²⁵. Desconsiderou, por outro lado, aqueles que apenas fizeram comentários sobre o cartismo.²²⁶ Sobre a forma pela qual certos conceitos foram empregados pela história social, Jones afirmou que a consciência tendeu a ser considerada manifestação necessária e objetiva daquilo que estava latente, e a experiência seria a apreensão empírica a partir da intervenção dos indivíduos na realidade. Tanto experiência como consciência teriam caráter cumulativo e coletivo na história social, sendo a linguagem, nesta perspectiva, apenas uma forma de expressão das mesmas.²²⁷ Desconsidera-se aqui, portanto, a materialidade da linguagem.²²⁸

Para se contrapor a tal concepção de história, Jones abandonou o que foi escrito sobre o cartismo, não adotando nem mesmo estudos já existentes sobre o discurso do movimento. Em contraposição, lançou mão de uma concepção em que a linguagem política foi considerada definidora de interesses do cartismo, e traçou um perfil de análise da estrutura discursiva²²⁹. Sugeriu uma noção de

²²⁵ JONES, Gareth Stedman. "Reconsideração do cartismo". In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p. 90.

²²⁶ "(...) - averiguar as razões do descontentamento manifesto pelos cartistas e as soluções políticas que estes propunham -, também significava conhecer que importância havia de se dar a essas manifestações, a interpretação que o cartismo em seu conjunto dava a essas expressões e porque a maioria dos comentaristas do cartismo havia desestimado, implícita ou explicitamente, seu significado. Este problema era teórico. Afetava o lugar da linguagem, da consciência e da experiência." JONES, Gareth Stedman. *Introdução*. In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p. 18.

²²⁷ Jones refere-se aqui sobretudo à tradição marxista e sociológica:

"A linguagem de classe não era simplesmente (no cartismo) uma verbalização da percepção e o afloramento da consciência de uma fato existencial, como tem suposto a tradição sociológica e marxista. Porém tampouco era a articulação da experiência acumulativa de uma forma determinada de relações de classe." JONES, Gareth Stedman. *Reconsideração do cartismo*. In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p. 97.

²²⁸ Jones se esforça para dar à linguagem um caráter de realidade: "uma análise da ideologia cartista deve partir do que os cartistas disseram e escreveram realmente, os termos em que se dirigiram uns aos outros e aos seus opositores". Idem. p. 90.

²²⁹ "Assim, pois, o que devemos fazer é estudar a produção do interesse, a identificação, o agravamento e a aspiração dentro do próprio linguajar político. Necessitamos delinear as sucessivas linguagens do radicalismo, o liberalismo, o socialismo, etc., tanto na relação com as linguagens políticas que substituem como na relação com as linguagens políticas rivais dos que entram em conflito. Unicamente então poderemos avaliar as razões de seu êxito ou fracasso em determinados momentos." JONES, Gareth Stedman. *Introdução*. In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p. 19, 20, 21.

Sobre o radicalismo, Jones explora "quais foram os pressupostos interrelacionados do radicalismo e cartismo a partir de 1830" e mostra "como a linguagem de classe estava unida às premissas radicais." "Reconsideração do cartismo". In: *Lenguajes de clase*; estudios sobre la historia de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p. 103.

consciência de classe diferente daquela que Thompson definiu enquanto tal²³⁰. Afirmou que o cartismo "*se estruturava e se inscrevia dentro de uma complexa retórica de associações metafóricas, deduções causais e construções imaginativas.*"²³¹ Propôs investigar como se constrói uma categoria analítica, como por exemplo "classe", tomando o discurso da imprensa como mobilizador do cartismo, como aquele que conferiu ordenação lingüística para a experiência cartista. Apontou finalmente para a autonomia da linguagem e afirmou a impossibilidade de se remeter a uma realidade anterior que não partisse da própria articulação da experiência com a língua.

Estas e outras questões foram as razões pelas quais houve grande mobilização de historiadores sociais em torno da obra de Stedman Jones sobre as "línguas de classe". Ele iniciou um debate que resultou em vários trabalhos publicados sobre o tema.²³² Um dos trabalhos afirmou que o enfoque político de Jones teria negligenciado a agência humana da qual a mobilização política depende. O caráter atribuído por Jones à linguagem impediria, desta forma, o entendimento do político em suas eventualidades e propensão à negociação. O

²³⁰ "a consciência de classe- (...) como Thompson a define - formava parte de uma linguagem cujos vínculos sistemáticos provinham dos delineamentos do radicalismo: uma visão e uma análise dos males políticos e sociais que sem dúvida eram muito anteriores à apreciação da consciência de classe, qualquer que seja sua definição." JONES, Gareth Stedman. "Reconsideração do cartismo". In: Lenguajes de classe, estudos sobre la história de la classe obrera inglesa (1830-1982). Op. Cit. p. 97.

²³¹ Idem.

²³² Levantou-se aqui alguns trabalhos inspirados no debate em torno da obra de Jones:

CLARK, Christophher. "Politics, Language and Class", Radical History Review, 34, 1986.

EPSTEIN, James. "Rethinking the Categories of Working Class History", Labour / Le Travail, 18, Fall, 1986.

_____. "Understanding the Cap of Liberty: Symbolic Practice and Social Conflict in Early Nineteenth-Century England", Past and Present, 12, February, 1986.

FOSTER, John. "The Declassing of Language", New Left Review, n. 50, 1985.

GRAY, Robert. "The Deconstructing of the English Working Class", Social History, 11, Oktober 1986.

KIRK, Neville. "In Defence of Class: a Critique of Recent Revisionist Writing on the Nineteenth-Century English Working Class", International Review of Social History, 32, 1987.

MAYFIELD, David & THORNE, Susan. "Social History and its discontents: Gareth Stedman Jones and the politics of language". Social History, 17 (2), May, 1992.

PALMER, Bryan. Descent into Discourse: the Reification of Language and the Writing of Social History. Op. Cit.

PICKERING, Paul. "Class without Words: Symbolic Communication in the Chartist Movement", Past and Present, 112, August, 1986.

ROGERS, Nicholas. "Chartism and Class Struggle", Labour / Le Travail, 19, Spring, 1987.

SCOTT, Joan. "On Language, Gender, and Working-Class History". International Labor and Working Class History, 31, Spring, 1987.

THOMPSON, Dorothy. "The Languages of Class", Bulletin of the Society for the Study of Labour History, 52, n. 1, 1987.

WOOD, Ellen Meiksins. The Retreat from Clas. London, Verso, 1986.

que possibilitaria a agência humana, conforme os autores do texto, é a correta compreensão do *"caráter referencial e metafórico da linguagem"*²³³. As considerações dos autores David Mayfield e Susan Thorne parecem reafirmar os princípios fundamentais do marxismo de que o referente da linguagem estaria situado num tempo e lugar anterior a ela própria, que não é possível ignorar. Os autores não negam a importância do debate levantado em torno da linguagem e da separação que existe entre aquilo que é dito e a ação que lhe é correspondente. Negam, entretanto, trabalhar com a linguagem num plano "não referencial" e "prefigurativo", conforme as palavras que eles próprios usam.²³⁴

Por último, caberia aqui evidenciar que o debate sobre linguagem travado no interior das correntes de pensamento marxista não esteve restrito às preocupações mais recentes que envolveram noções de autonomia ou não do discurso, de existência ou não de referente, de imaginação figurativa ou prefigurativa, de teoria tropológica, de construção da categoria analítica ou da ordenação lingüística da experiência. Da mesma forma como filósofos deste século como Russel, Wittgenstein, Heidegger, Merleau-Ponty e Jacques Derrida estiveram envolvidos com a noção de que a linguagem estrutura a compreensão

²³³ "Nossa questão não é denegrir a 'volta para a lingüística' na ciência social, mas justamente o contrário. Como sujeitos históricos nós entendemos que a linguagem é um extraordinário integrante de uma estrutura ambivalente, a estrutura na qual reside a agência humana como princípio mediador, e através da qual a complexidade psicológica de nossas 'intenções' e 'propósitos' está garantida. Mulheres e homens fazem história, mas não como eles querem: ao menos em parte porque eles não conseguem pretender uma coisa e fazer outra, porque não há forma de dizer alguma coisa sem que isto signifique alguma coisa a mais. Esta talvez é a questão que Derrida e Paul de Man colocaram. Nós poderíamos concordar, mas preferimos uma formulação de Thompson: não há forma de agir com propósito político sem uma linguagem política que remonte às relações sociais, a personificação do espírito do passado, como o inevitável terreno de tal ação". MAYFIELD, David & THORNE, Susan. "Social History and its discontents: Gareth Stedman Jones and the politics of language". *Social History*. Op. Cit. "Abstracts". p. 188.

²³⁴ "Isto quer dizer que nós estamos longe de resolver o problema das relações entre política e sociedade, consciência social e existência social, linguagem e classe, que tem sido largamente discutido na análise histórica. Nosso propósito tem sido simplesmente uma questão recente da tendência historiográfica que sugere que a linguagem é de algum modo a chave do problema na forma de fonte não-referencial e 'prefigurativa' da identificação política subjetiva. Nossa sugestão é a de que não apenas a linguagem seja tomada como um referencial fundamental, mas que, na estrutura de referenciais, a agência humana também encontre lugar. A comunicação política, como toda comunicação, consiste precisamente na identificação de uma situação em relação à outra situação diferente; é somente desta maneira que nós somos capazes de expressar nossos desejos, devoções e crenças. Foi a análise social que primeiro percebeu a lacuna lingüística na conceitualização da mobilização política - a conceitualização da desunião entre o movimento e os representantes eleitos, que era uma premissa da complexa visão da subjetividade (tão bem como um entendimento das contingências e negociações inerentes ao processo histórico)." MAYFIELD, David & THORNE, Susan. "Social History and its discontents: Gareth Stedman Jones and the politics of language". Op. Cit. p. 188.

do mundo²³⁵, a teoria marxista, envolvida ou não com o trabalho destes filósofos, vem convivendo com a discussão sobre linguagem, muitas vezes vinculada apenas à noção de "superestrutura".

No início deste século, mais particularmente em 1929, o trabalho de Mikhail Bakhtin, *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, levou para a União Soviética uma reflexão sobre o tema, divulgando o trabalho de Saussure, mas ao mesmo tempo invertendo a ênfase no sistema da linguagem, para atribuir maior importância à palavra. Bakhtin mostrou-se particularmente crítico ao marxismo nas noções de base econômica e superestrutura, e de ideologia enquanto reflexo da realidade²³⁶. Tomou a língua, ou os signos lingüísticos, na sua materialidade²³⁷. Tentando romper com as "vulgaridades" e "mecanicismos" na abordagem da ideologia, considerou a língua justamente como parte integrante desta, afirmando que o "*domínio dos signos*" coincide com o "*domínio ideológico*" e que "*tudo que é ideológico, possui um valor semiótico*"²³⁸. Trazendo a filosofia da linguagem para o interior do debate marxista, Bakhtin afirmou ser o pioneiro neste tipo de análise.²³⁹ Enfrentou, desta maneira, a tarefa complexa de desmascarar o "*mito burguês da autonomia e da consciência individual*".

Para atingir uma melhor compreensão da consciência, contestou o que chamou de "*Psicologismo de Saussure*", afirmando não ser possível fazer um

²³⁵ STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo, Ática, 1992.

²³⁶ Idem p. 29-30.

²³⁷ "Cada signo ideológico não é apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. Nesse sentido a realidade do signo é totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo." BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1981. p. 33.

²³⁸ "É preciso acrescentar a isso que as categorias de tipo mecanicista implantaram-se solidamente em todos os domínios a respeito dos quais os pais fundadores - Marx e Engels - pouco ou nada disseram. Esses domínios, portanto, encontram-se, com respeito ao essencial, no estágio do materialismo mecanicista pré-dialético. Todos os domínios da ciência da ideologia acham-se, atualmente, ainda dominados pela categoria da causalidade mecanicista.

(...)

Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia." BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Op. Cit. p. 25, 31, 32.

²³⁹ "Não existe, atualmente, uma única análise marxista no domínio da filosofia da linguagem. Nem sequer há nos trabalhos marxistas relativos a outras questões próximas daquelas da linguagem, alguma formulação, a respeito desta, que seja um pouco precisa e desenvolvida. Portanto, a problemática de nosso trabalho que desbrava, de certa forma, um terreno ainda virgem, só pode, evidentemente, situar-se num nível bastante modesto." BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Op. Ci. p. 25.

estudo ideológico fundamentado em psicologia.²⁴⁰ Para Bakhtin, a consciência não acontece de forma individualizada, mas sim por meio de uma relação com as demais pessoas, na verbalização. Portanto, para estudá-la, propôs a análise sociológica e translingüística²⁴¹, afirmando que a consciência não explica nada, ela é que necessita de explicação.²⁴²

Ainda na tradição marxista do estudo da linguagem, obras que antecederam debates recentes com bastante repercussão (a exemplo de Gareth Stedman Jones), está o trabalho de Raymond Williams. Ele tratou, nas décadas de 50/60 e início dos anos 70, de conceitos como cultura, língua, literatura e ideologia numa perspectiva historicizante. Integrante da nova esquerda inglesa dos anos cinquenta e crítico ao marxismo tradicional, procurou, como aluno de Letras e, posteriormente, como integrante do corpo docente em Cambridge, fundamentação na própria leitura marxista para adentrar o campo da literatura.²⁴³

Williams constatou que, nos finais do século XVIII e início do século XIX, uma série de palavras foram incorporadas ao idioma inglês, passando, a partir daí, por alterações no seu significado. Com estas palavras, sobretudo com as que possuem grande importância para o idioma nos dias atuais, propôs a criação de um sistema de referência, baseado no estudo das modificações no seu uso. Examinando o padrão geral das mudanças, ou seja, as alterações de linguagem,

²⁴⁰ STAM, Robert. Bakhtin, da teoria literária à cultura de massa. Op. Cit. p. 30.

²⁴¹ Robert Stam explica em Bakhtin a translingüística: "*Em Marxismo e Filosofia da linguagem, Bakhtin oferece um relato abrangente daquilo que denomina 'translingüística', uma teoria do papel dos signos na vida e no pensamento humanos, e da natureza do enunciado na linguagem. A palavra 'translingüística', uma teoria do papel dos signos na vida e no pensamento humanos, e da natureza do enunciado da linguagem. A palavra 'translingüística' poderia equivar à 'semiologia' de Saussure (a ciência dos signos e dos sistemas de signos), não fosse pelo fato de que é precisamente a concepção de linguagem de Saussure que Bakhtin contesta.*" STAM, Robert. Bakhtin, da teoria literária à cultura de massa. Op. Cit. p. 30.

²⁴² "A atual inexistência, na literatura marxista, de uma descrição definitiva e universalmente reconhecida da realidade específica dos problemas ideológicos tornou nossa tarefa particularmente complexa. Na maioria dos casos, esses problemas são percebidos como manifestações da consciência, isto é, como fenômenos de natureza psicológica. Uma tal concepção constituiu um grande obstáculo ao estudo correto dos aspectos específicos dos fenômenos ideológicos, os quais não podem, de forma alguma, ser reduzidos às particularidades da consciência e do psiquismo. Por isso, o papel da língua, como realidade material específica da criação ideológica, não pôde ser justamente apreciada." BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Op. Cit. 25.

²⁴³ "Mas hoje, que conheço mais da história do marxismo e das várias tradições seletivas e alternativas dentro dele, posso finalmente libertar-me do modelo que foi um grande obstáculo, tanto na certeza quanto na dúvida: o modelo das posições marxistas fixas e conhecidas, que em geral tinha apenas de ser aplicado, e a correspondente negação de todos os outros tipos de pensamento como não-marxistas,

afirmou ser possível apreender transformações mais amplas do pensamento e da vida dos homens.²⁴⁴ Ele explicou o trabalho que desenvolveu no livro *"Cultura e Sociedade"* como o estudo das repercussões da palavra "cultura" (a partir do seu surgimento) nas interpretações das reações intelectuais e sentimentais dos ingleses frente às transformações do final do século XVII.²⁴⁵

Quando Williams se volta para o conceito de ideologia, ele evidencia novamente a importância da linguagem na definição histórica dos conceitos. Argumenta que é uma necessidade primeira, para a utilização da palavra ideologia, que a significação seja enfatizada como um processo social central.²⁴⁶

Concluindo: tomar a linguagem como instituinte ou como instituída, reportar-se, no tratamento da língua, a um referencial previamente existente ou levantar a possibilidade de que esta possa configurar o real no seu próprio enunciado- parece ser não apenas uma opção de trabalho do historiador que enfrenta a temática "Política da Língua", mas a de qualquer um que vá lançar mão de documentos sob forma de textos escritos, ou de falares diversos, para produzir material historiográfico.

No caso desta pesquisa, que trata da afirmação da língua nacional sobre as populações de origem alemã vivendo no Brasil nos anos 30/40, as possibilidades acima evidenciadas levaram a adotar posturas diferentes diante do material

revisionistas, neo-hegelianos, ou burgueses." WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. p. 10

²⁴⁴ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade, 1780-1950*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. p. 15.

²⁴⁵ "A idéia deste livro nasceu da descoberta de que o conceito de cultura e a própria palavra, em seus usos gerais modernos, surgiram no pensamento inglês no período comumente chamado de Revolução Industrial. O livro corresponde a uma tentativa de mostrar como e porque isso ocorreu e de acompanhar o desenvolvimento até os dias atuais. Ele se apresenta, assim, como um apanhado e uma interpretação de nossas reações intelectuais e sentimentais às transformações que se operaram na sociedade inglesa desde fins do século XVIII. Somente dentro deste contexto é possível a compreensão adequada do uso da palavra 'cultura' e dos problemas e questões a que ele se refere." WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade, 1780-1950*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969. p. 11.

²⁴⁶ "Em Marx, em Engels, e em grande parte da tradição marxista, o argumento central sobre a 'consciência prática' foi limitado e freqüentemente deformado pela incapacidade de ver que os processos fundamentais de significação social são intrínsecos à 'consciência prática' e intrínsecos também às 'concepções, pensamentos e idéias' que são reconhecíveis como seus produtos. A condição limitadora dentro de 'ideologia' como um conceito, desde seu início (...), foi a tendência a limitar processos de significado e avaliação de 'idéias' formadas, separáveis, ou 'teorias'. Tentar levá-las de volta a um 'mundo de sensações' ou, por outro lado, uma 'consciência prática' ou um 'processo social material' definidos de modo a excluir esses processos fundamentais significativos, ou torná-los essencialmente secundários, é o fio persistente do erro. Os elos práticos entre 'idéias, e 'teorias', e a 'produção da vida real', são todos nesse processo social material da própria significação." WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Op. Cit. p. 75.

disponível, que não são necessariamente excludentes. Uma das maneiras de lidar com o documentação foi de apreender a forma pela qual emergiram concepções de nacionalização ou nacionalismo. Neste sentido se confrontaram, de um lado, o projeto do governo Vargas e, de outro, as tradições culturais e políticas herdadas pelos descendentes de imigrantes alemães. Desta forma pareceu possível explicar as razões pelas quais a língua adquiriu dimensões históricas tão importante nos anos 30-40, enquanto questão política estratégica, prioridade nacional. Isto se deu num quadro imaginário em que a construção de um inimigo - externo ou interno - reuniu indivíduos em torno de um forte sentimento de brasilidade.

Outro percurso consistiu em tomar textos oficiais produzidos pelo Estado e textos escritos pelos descendentes de imigrantes alemães para apreender, no interior do enunciado, como certas noções de língua ganharam corpo. Através dos conteúdos explicitados nesses textos, foi possível perceber formas de intervenção sobre os interlocutores da disputa, cristalizando práticas já existentes ou possibilitando redefinir suas atuações. Talvez Bakhtin possa auxiliar no tratamento aos textos da época, quando aponta: para a maneira como acontecem intervenções através dos textos; para possibilidades de observar disputas implícitas nas argumentações destes mesmos textos; e para a redefinição de papéis e posições no interior de tais disputas. Aponta-se então para alternativas possíveis tanto de resistências como de adesões ao projeto nacionalizador pelos descendentes de imigrantes, como também para avanços e recuos das autoridades vinculadas ao governo Vargas.²⁴⁷

²⁴⁷ "Para Bakhtin, a linguagem é um campo de batalha social, o local onde os embates políticos são travados tanto pública como intimamente. A linguagem e o poder vivem numa interseção permanente, não apenas sob forma óbvia de conflitos relativos a idiomas oficiais, (africâner versus inglês na África do Sul; francês versus inglês no Canadá), como em qualquer lugar onde a questão da diferença lingüística se veja envolvida com ordenações sociais assimétricas." STAM, Robert. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. Op. Cit. p. 30.

02.....A DIVERSIDADE CULTURAL E O PROJETO NACIONALIZADOR

A personagem Lore Wolff²⁴⁸, filha de um fabricante de sandálias da localidade imaginária de Blumental²⁴⁹, "alemãzinha" muito branca de cabelos louros e olhos azuis, observava seu irmão Karl numa partida de tênis com o "forasteiro" Geraldo. No jogo, as diferenças de estilo evidenciavam diferentes maneiras de ser no sul do Brasil nos anos 30/40. Estereotipadas ou não, as diferentes atitudes diante do jogo denotavam diferenças diante da vida. Evidenciavam também diversidades culturais. Defrontava-se no tênis o estilo "metódico, violento, invariável" com a "imaginação e a criatividade":

*"(...) No começo o domínio completo de Karl. Saques violentos, jogo de fundo fulminante. Geraldo, percebia-se logo, parecia jogar menos, seria derrotado. Karl venceu com facilidade o primeiro set. Gabou-se. Geraldo não devia aborrecer-se, porque em Blumental ninguém ganhava de Karl Wolff. Veio o segundo jogo. Na primeira metade Karl ainda dominou, mas não com a mesma facilidade. Geraldo percebeu que o estilo do adversário era um estilo metódico, violento, invariável. O seu forte era a direita. Nas bolas baixas, irresistível. Geraldo não lhe dava mais bolas de fundo na direita. Começou a carregar pela esquerda, Karl teve de recuar, pendia demais para a esquerda a fim de evitar o *back-hand*; então ele voltava a entrar do lado direito, obrigando Karl a correr de um lado para o outro, sem descanso. Karl ofegava de cansado. Ganho o segundo set, Geraldo quis dar por empate... estavam fatigados, tinham de ir ao baile, à noite... para que se fatiguem ainda mais? Não era nenhum campeonato. Mas Karl não concordou. Insistiu na continuação da partida. Os que aguardavam a cancha, que esperassem. Geraldo teve de ceder. Esteve maravilhoso. Quando viu que ela, Lore, torcia por ele, transfigurou-se. Desenvolveu um jogo desconcertante. Ora defendia na rede, ora corria para o fundo, devolvendo a bola em cortadas imprevistas. Um jogo de imaginação como ela nunca vira."*²⁵⁰

Lore era inteligente e possuía imaginação fértil, assistira ao jogo relacionando o que via com outras situações. Particularmente com as lutas de conquista na história do Brasil. A partida lembrava holandeses e índios no Recife. Os primeiros eram fortes, tinham melhores armas e munições. Dominaram no princípio. Mas os outros acabaram vencendo com guerrilhas, pois além de conhecerem o terreno e resistirem melhor ao calor, utilizaram um gênero de luta

²⁴⁸ Do romance de Vianna Moog. MOOG, Vianna. Um rio imita o Reno. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1949.

²⁴⁹ Cidade imaginária, no sul do Brasil.

que os primeiros não conheciam. Lore conclui: *"foi a vitória da imaginação sobre o método"*²⁵¹.

As sucessivas edições da obra literária de Vianna Moog, da qual emergiram os personagens Lore, Geraldo e Karl, com duas publicações no ano de 1939, uma em 1940, e quarta edição em 1943, demonstram grande repercussão no país. Considerando que nestes anos o Brasil estava em plena vigência do Estado Novo, certamente a teimosia de Karl, - acostumado que estava a ser vencedor, a querer sempre fazer tudo melhor do que os outros, não admitindo perder e desrespeitando os que aguardavam sua vez na cancha, - ajudou um pouco na desqualificação da imagem dos teuto-brasileiros, propaganda esta que interessava ao projeto nacionalista. Esta discussão interessará a este trabalho particularmente no momento em que tratará dos escritos do Estado. Neste momento, ficamos com o que de diversidade cultural, diferenças de comportamento e padrões de conduta o texto literário de Moog evidencia para o sul do Brasil, como no caso dos trabalhadores da fábrica de calçados Wolff & Filhos, conforme relato de Geraldo:

*"Amava aquela vida no meio dos operários. Loiros, morenos, caboclos, mulatos, cafuzos, negros, alemães, polacos, teuto-brasileiros, luso-brasileiros, viviam todos numa perfeita comunhão.. Uma variedade humana como Geraldo ainda não tinha visto. Muitos deles manejavam indiferentemente o português e o alemão, mas a maioria falava uma língua à parte, um dialeto feito dos outros dois idiomas. Tratavam-se entre si com afetiva rudeza. 'Seu alemão duma figa', 'negro do diabo' eram expressões que, à força de repetidas, haviam perdido entre aquela gente todo o poder agressivo. E não tinham eles preguiça de trabalhar. De resto, o capataz, um alemão retaco, grialhão, amigo de palavrões, não lhes dava tréguas."*²⁵²

O sul do Brasil se constituía, nos anos 30, no local de maior concentração de imigrantes e descendentes de imigrantes do país, apresentando uma forte influência européia, com grupos espalhados pelo litoral e pelo interior com identidades próprias, culturas diferentes, linguagens distintas. Ao contrário de muitos dos imigrantes localizados em São Paulo, que rapidamente assimilaram o modo de vida urbano, perdendo, desta forma, os seus costumes de origem, os

²⁵⁰ MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Op. Cit. 107-108.

²⁵¹ Idem p. 108.

²⁵² Idem p. 29-30.

"colonos"²⁵³ do sul estiveram concentrados na sua maioria em diferentes zonas culturais, isolados em relação aos hábitos das cidades, conservando tradições e comportamentos muito semelhantes aos de sua pátria de origem.²⁵⁴

Fundadas na tradição da pequena propriedade e da agricultura, essas colônias²⁵⁵ se localizavam em geral próximas aos vales de rios como o Sinos, o Jacuí, o Taquari e Itajaí, mantendo sua relativa homogeneidade. No Rio Grande do Sul, os descendentes de alemães estavam concentrados nas cidades de São Leopoldo e Novo Hamburgo, no vale do Sinos, próximos à capital, e no noroeste do Estado, nas cidades de Erechim, Santa Rosa e Ijuí. Os italianos estavam em Caxias do Sul e Bento Gonçalves. No Paraná estavam poloneses, italianos e japoneses.²⁵⁶ Esses núcleos de camponeses, pequenos proprietários que haviam fundamentado suas economias em sua maioria na mão de obra familiar, estavam agora trilhando caminhos em direção à fábrica e estabeleciam, pouco a pouco, núcleos industrializados em diversas dessas cidades do sul. Os pequenos e dispersos povoados que se alongavam às margens dos rios, inicialmente constituídos de lotes agrícolas com habitações familiares, oficinas artesanais, algumas casas de comércio, pequenas sedes administrativas e uma igreja ou uma capela²⁵⁷, estavam agora se transformando em cidades.

No caso de Santa Catarina, os núcleos de origem estrangeira se localizavam, nas décadas de 30 e 40, em diversas cidades. Os descendentes de alemães se concentravam sobretudo na região do vale do Itajaí-Açu e Itajaí-Mirim - nas cidades de Blumenau, Brusque, Gaspar, Rio do Sul, Indaial, Hamônia²⁵⁸, Timbó e Rodeio; ao norte, Joinville, Canoinhas, Jaraguá, Campo Alegre e São Bento; e, na região central, Bom Retiro. Além de áreas de maior concentração, havia outros núcleos de menor densidade populacional espalhados por diversas

²⁵³ A categoria "colono" foi inicialmente utilizada como forma dos próprios imigrantes ou descendentes de imigrantes se diferenciarem dos demais habitantes de Santa Catarina, como do "caboclo" do litoral ou da praia. No período Vargas "colono" passou a ser todo descendente de estrangeiro, sobretudo alemães e italianos.

²⁵⁴ SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1990. p. 13

²⁵⁵ Giralda Seyferth chama a atenção para o fato de que o termo "colônia" era usado para designar tanto a pequena propriedade camponesa como a totalidade da área rural. Idem. p.25

²⁵⁶ Idem. p. 14-15.

²⁵⁷ Idem. p.22-23.

cidades catarinenses, ou próximos a estas. Tal foi o caso de cidades do litoral como Itajaí, Palhoça, São José, Nova Trento e São Pedro de Alcântara; de cidades mais ao sul do Estado, como Tubarão, Orleães, Criciúma e Araranguá; do planalto, como Lages; ou de cidades do oeste, como Cruzeiro, Concórdia, Chapecó, Campos Novos e Caçador. Os descendentes de italianos, além de habitarem em pequena escala o vale do Itajaí (Rodeio e Indaial), estavam concentrados também no vale do Tubarão, como em Urussanga, Tubarão, Criciúma, Jaguaruna e Orleães, e em outras cidades, como Tijucas e Nova Trento. Espalhavam-se ainda em algumas cidades do oeste. Nas cidades de Itaiópolis, Mafra, Porto União, Rodeio, além de outras, estavam populações de origem polonesa e ucraniana.²⁵⁹

Muitos desses núcleos conservavam tradições culturais de origem, falando a língua e manifestando hábitos e costumes que evidenciavam profunda identificação com a pátria-mãe²⁶⁰. Conviviam todos em meio à diversidade cultural. Santa Catarina, nas décadas de 30 e 40, era assim habitada por uma população heterogênea, advinda dos resultados do processo colonizador que fixou levadas de imigrantes provenientes das mais diversas origens em diferentes regiões do Estado. Além de descendentes de europeus já referidos, co-habitavam o espaço catarinense populações de origem açoriana no litoral - sobretudo nas cidades de Florianópolis, São Francisco e Laguna; populações que herdaram as tradições da imigração gaúcha no oeste e planalto; sobreviventes das tribos indígenas Xokleng e Kaingang; guetos de negros, além de alguns descendentes de asiáticos.²⁶¹

No caso do vale do Itajaí, onde imigrantes alemães, italianos e russos haviam se localizado, as diversidades se refletiam na paisagem:

²⁵⁸ Atual Ibirama, no vale do Itajaí, pertencia anteriormente à Blumenau.

²⁵⁹ CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. Florianópolis, Departamento Estadual de Estatística, 1940. p. 23-24.

²⁶⁰ Esta profunda identificação com as tradições de origem pode ser explicada pelo significado que a noção "origem" teve no imaginário dos alemães no decorrer da sua história. Esta noção foi reforçada pela literatura, filosofia e outras áreas do pensamento, a exemplo do filósofo Fichte, que tratou dos conceitos de "Urvolk" (povo original) e "Ursprache" (língua original). POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Op. Cit. p. 95.

²⁶¹ SANTOS, Sílvio Coelho. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis, Edição do autor, 1977. p. 109-110.

"Assim, quem percorre com atenção o vale do Itajaí, verá modificar-se a visão panorâmica, conforme o terreno em que pisa.

Ao passo que o colono alemão, embora policultor, se dedica mais ao plantio intensivo de cereais, como o de origem russa, caracteristicamente agricultor, com tendência para a indústria colonial de transformação, o colono italiano é mais partidário da cultura extensiva e não tão variada; seus produtos principais são arroz e tabaco.

O aspecto cultural é também outro nas manchas em que predomina o elemento teuto. As casas obrigatoriamente de material [tijolos], quando o lavrador atingiu determinado progresso econômico, têm o estilo assemelhado ao da região, na Alemanha, de que procedia o imigrante, acrescidas sempre de uma varanda compondo geralmente a fachada frontal do prédio, ou, o que é mais raro, lançando-se também por uma das fachadas laterais em forma de ângulo reto, para as defender do calor, dando deste modo uma nota bizarra e alegre à paisagem.

O imigrante italiano por sua vez, quando habita em casa de tijolos, o que não se vê com a mesma frequência, assenta-a nos moldes das construções da Itália do norte ou sul-tirolenses. Só os que já chegaram quase à abundância, têm casas assobradadas, de dois andares."²⁶²

A auto-suficiência era própria da vida dos grupos das colônias agrícolas, tanto nas tarefas para atender necessidades alimentares da família como na ajuda aos vizinhos e familiares mais distantes. A atividade agrícola era diversificada e se dirigia para a produção de alimentos que visavam ao consumo familiar. Além da horta doméstica, cultivavam alguns produtos para comércio, como o fumo e o aipim para fabricar farinha de mandioca, e criavam alguns animais domésticos. Milho, cana-de-açúcar, amendoim, cará e inhame também faziam parte da produção. As atividades envolviam toda a família camponesa, que em geral habitava uma pequena propriedade incluindo casa, local de cultivo, estábulo, depósitos, galinheiro e chiqueiro. Certos terrenos possuíam engenho e atafona, onde se fabricava açúcar, cachaça, farinha de mandioca ou fubá, descascava-se arroz ou se preparava doces de frutas.²⁶³

A alimentação dos grupos refletia a diversidade da produção. Pão para os alemães e polenta para os italianos era a base. Açúcar mascavo ou melado fabricado com cana de açúcar. Batata-inglesa, batata-doce, carne de porco ou galinha, verduras e legumes variados completavam um quadro alimentar que

²⁶² D'AMARAL, Max Tavares. Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí. São Paulo, Instituto Hans Staden, 1950. p. 71.

²⁶³ SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Op. Cit. p. 25, 26, 31.

lembrava muito a da pátria de origem. Vinho em algumas colônias italianas como Urussanga, onde se plantava uva.

Embora participantes, de alguma forma, do mercado, esses grupos haviam se afirmado pelo isolamento das atividades econômicas. Tinham uma maneira muito própria de executar um trabalho coletivo que envolvia múltiplas tarefas desempenhadas por homens, mulheres, crianças e velhos. Tinham também um relacionamento social que envolvia solidariedade com a vizinhança, auxílio mútuo nos trabalhos na roça e socorro no caso de doenças.²⁶⁴ A divisão do trabalho era feita entre homens, que se dedicavam à derrubada, queimada e preparação da terra para o plantio; e mulheres, que executavam o trabalho na horta e nas casas, preparavam os alimentos e cuidavam dos animais domésticos. As crianças alimentavam os animais, ajudavam a capinar a horta ou roça e tirar leite. Os velhos tinham também uma atividade muito importante na família, no cuidado com as crianças ou na preparação de doces e outras tarefas domésticas. Conforme constata Giralda Seyferth, *"desde os sete ou oito anos até a velhice, todos trabalhavam"*.²⁶⁵ O depoimento do próprio imigrante já evidenciava que o trabalho coletivo fora executado desde que se estabelecera na aldeia, na plantação e, na entressafra, na construção:

*"Construímos, numa terceira etapa, o estábulo, o galinheiro, pocilga e paiol. Não tivemos dificuldades, pois tínhamos abundância de madeira e pedras. O problema era, com serrote manual, cortar as madeiras e quebrar as pedras, assim como, arrastá-las e carregá-las nas carretas e troncos (...). O trabalho era realizado nas entressafras, quando as atividades agrícolas eram menos numerosas. O desmatamento, queimada, plantação e construção envolviam toda a família; ninguém descansava enquanto as condições de vida não apresentavam melhoras. Não estávamos dispostos a viver eternamente com pão preto e caça silvestre."*²⁶⁶

A auto-suficiência não estava restrita tão-somente às atividades econômicas, pois as demais atividades também ensaiavam formas autônomas de organização da vida. Formas diversas de auxílio-mútuo faziam parte do cotidiano, tanto no espaço privado - como no abate de animais domésticos e na construção de moradias de um membro da família, amigo ou vizinho -, como no espaço

²⁶⁴ Idem. p. 28.

²⁶⁵ Idem. p.31.

²⁶⁶ LANG, Guido. *Jacob Lang - A história de um imigrante e Pioneiro*. Op. Cit. p. 27.

público. Era comum que se reunissem em mutirão para construir uma nova escola, uma capela ou consertar uma estrada.²⁶⁷

As instituições organizadas pelos antigos imigrantes persistiam agora entre seus descendentes. Além de conservar tradições associativas da pátria de origem, eram o lugar onde mantinham costumes muito diferentes daqueles da população litorânea com atividades que na Europa já faziam parte da vida desses imigrantes. Canto, ginástica e tiro eram formas de lazer que exigiam prática constante, estudo, empenho, aperfeiçoamento e persistência, muito diferente do lazer litorâneo que consistia no encontro de conhecidos em algum "boteco" para tomar um trago, jogar para passar o tempo, ou simplesmente "botar conversa fora".

Nas pequenas localidades, entretanto, o lazer adquiriu características menos disciplinadas do que nas cidades:

"A distração do homem mediterrâneo é apenas o 'boccia', jogo que se desenvolve ao ar livre, numa cancha adrede preparada, e que consiste em colocar as três bolas de madeira que cada participante recebe, o mais perto possível de um 'bolin' que se encontra a algumas dezenas de metros dos jogadores; a 'mora' (este em pequena escala), jogada em geral nos botequins quando se beberica, aos domingos, para ver quem paga a bebida, ou simplesmente para matar o tempo, em frente à igreja, enquanto se espera pela missa; e ainda o 'tre set' (como usam dizer na sua linguagem dialetal), e outros jogos de cartas.

O germano, além do bolão, jogado no seu 'Kegelklub', freqüentado com mais assiduidade pelas pessoas idosas, já sem vontade de grandes exercícios físicos, tem seus clubes de ginástica, os seus clubes de atiradores,..."²⁶⁸

Estas instituições haviam se organizado de forma autônoma em relação ao Estado:

"As dificuldades eram o abandono. Vivíamos isolados na floresta e desconhecíamos auxílios públicos. O Governo era-nos indiferente: poderia existir ou inexistir. Precisávamos, os colonos, unir-nos para criarmos as instituições. O cemitério foi a primeira necessidade, pois a morte era uma presença constante."²⁶⁹

"O colono alemão, habituado à sua maneira de viver na pátria d'além mar, não encontrando na nova terra compensação às faltas e deficiências que a vida primitiva nestas paragens lhe oferecia; isolado, sem contato com o mundo cultural brasileiro de origem

²⁶⁷ SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Op. Cit. p.28.

²⁶⁸ D'AMARAL, Max Tavares. Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí. Op. Cit. p. 72.

²⁶⁹ LANG, Guido. Jacob Lang - A história de um imigrante e Pioneiro. Op. Cit. p. 29.

*portuguesa, formou no lugar onde se desenvolveu um ambiente à imagem e semelhança do que lhe oferecia a Alemanha. Continuou o desenvolvimento, aqui, dos hábitos, costumes e maneiras que trouxe de lá, formando assim o seu 'habitat' em tudo idêntico ao meio em que vivia na Europa."*²⁷⁰

Constituíram uma série de Sociedades Recreativas, Esportivas, Culturais e de Caridade. Havia sociedades de canto, de ginástica, e principalmente de tiro.²⁷¹ Vinculadas às sociedades estavam grupos teatrais, orquestras, bandas de música e grupos folclóricos.²⁷² Alguns documentos deixam entrever que os grupos teatrais eram muito populares, fazendo freqüentes apresentações em cidades do interior.²⁷³

As sociedades organizavam competições, jogos, palestras e quermesses²⁷⁴, que se constituíam em verdadeiras festas, onde apresentavam recitais de canto e de poesia em coro. A maior festa de Blumenau era a dos atiradores, que coincidia com a Páscoa e durava três dias. Os "**colonos**" saíam das suas propriedades rurais, dirigindo-se à cidade para armar barracas em frente ao Clube dos Atiradores, revendo ali parentes, amigos e vizinhos.²⁷⁵ Algumas associações das cidades de Blumenau, Jaraguá e Brusque possuíam departamento de filmes que costumava promover exhibições. No caso das sociedades escolares ou associações evangélicas, as sessões cinematográficas abrangiam todo o território catarinense.

²⁷⁰ D'AMARAL, Max Tavares. Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí. Op. Cit. p. 71.

²⁷¹ Algumas dessas sociedades encontram-se relacionadas na obra "O punhal nazista no coração do Brasil". São elas: Sociedade Teatral e Musical Frohsinn, Sociedade Atiradores de Blumenau, Sociedade Recreativa Teutônia, Sociedade Ginástica "Jut Heil" Altona, Coro Masculino Garcia I, Grupo Planadores de Blumenau, Sociedade dos Atiradores Velha Nova, Esporte Clube Blumenauense, Sociedade de Cantores Masculinos "Eintracht", Sociedade de Cantores "Concórdia", União de Artífices, Clube Germânia, Sociedade Ginástica Blumenau, Esporte Clube Teutônia, Esporte Clube Rio da Areia, Esporte Clube União, Associação de Assistência de Blumenau com as suas filiadas: Johannstiftskreis, Evangelische Kirchengemeinde, Frontkaempferbund, Marineverein, Concórdia, Liderkranz, Turnverein Blumenau, Schuetzenverein "general Osório", Handwerkerverein Blumenau. Liga das Sociedades Alemãs de Joinville com as suas filiadas: Clube Germânia, Evangelischer Frauenhilfswerein "Helenenstift", Katolischer Volksverein, Deutscher Teaterverein, Clube Germânia de Joinville, Schulverein Zu Joinville, Clube União de Porto União, Schulverein de Porto União, Maennergesangverein "Saengerbund" Brusque, Deutsche-Evangelischer Kirchengemein, de Nova Teutônia. DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. O punhal nazista no coração do Brasil. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1944. p. 56 e 64.

²⁷² SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Op. Cit. p. 149.

²⁷³ RIBAS, Cap. Antônio de Lara. A ordem política e social e a campanha contra o nazismo no Estado de Santa Catarina; palestra realizada no Rotary Clube. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1943. p.22.

²⁷⁴ Em colônias alemãs era uma festa que tinha em geral um caráter protestante. MOOG, Vianna. Um rio imita o Reno. Op. Cit. p. 106.

²⁷⁵ SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Op. Cit. p. 150.

Era grande a afluência da população de origem germânica para essas sessões. Também era comum entre os grupos a prática de escutar transmissões de rádio de emissoras alemãs.²⁷⁶

A autonomia e auto-suficiência que regia a vida dos colonos pode ser pensada em dimensões distintas. Como possibilidade explicativa está, por um lado, a omissão estatal, e, por outro, o fato de os descendentes de imigrantes buscarem afirmar sua prática de vida em contraposição aos costumes dos habitantes nativos, o que reforçava o distanciamento e isolamento daqueles em relação aos demais segmentos da população. As diferenças que os descendentes de imigrantes faziam questão de manter em relação aos outros habitantes da região levava-os a se manterem isolados, certos de que possuíam qualidades superiores. Entre essas qualidades figuravam, sobretudo, aquelas que se relacionavam à atividade "trabalho", envolvendo noções de disciplina, esforço, empenho, preocupação, cuidado, aflição, esmero e emprego de energia.

A qualidade "força de vontade" também aparece nos relatos destes imigrantes e de seus descendentes:

*"Entre os imigrantes encontravam-se, sem dúvida, excelentes elementos para a colonização da mata virgem. Gente imbuída de uma força de vontade inquebrantável, aceitando todos os sacrifícios que pudessem estorvar sua marcha a favor de uma existência melhor num pedaço de terra própria e como gente livre."*²⁷⁷

Aparece também a noção de trabalho vinculada à noção de "prosperidade":

*"Todavia está provado que com trabalho assíduo e muita força de vontade se transformam mata virgem e campo agreste em solo cultivado e uma região economicamente morta em célula de prosperidade do país."*²⁷⁸

E de prosperidade ligada a hábitos matinais e metódicos, como na literatura sobre o tema. Em Vianna Moog, Lore Wolff só podia se levantar às onze horas porque era segunda-feira de páscoa. Nem mesmo domingo poderia dormir mais um pouco, porque deveria ir à igreja protestante:

²⁷⁶ RIBAS, Antônio Lara. "O nazismo em Santa Catarina". In: DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. *O punhal nazista no coração do Brasil*. Op. Cit. p.40, 42,43.

²⁷⁷ WEISS, João. *Colonos na selva*, conto de um imigrante como colono no sul do Brasil. Rio de Janeiro, Tipografia de Meier & blumer, 1950. p. 79.

²⁷⁸ Idem. p. 154.

*"Lore acabava de acordar.(...) Ia levantar-se quando o sino da Igreja protestante bateu onze horas. Não havia pressa. Tinha ainda muito tempo pela frente. Olhou a inscrição do bordado encaixilhado na parede - Morgenstund hat Gold in Mund - e fez um muxoxo. - De pequena aprendera a levantar-se cedo, porque a hora da manhã trazia ouro na boca. Aquilo talvez fosse verdade. (...) Acontecia tão poucas vezes levantar-se tarde naquela casa de hábitos matinais e metódicos, que valia a pena prolongar o delicioso abandono de estar ali sozinha, toda encolhida na leve e quente cobertura de penas. Que bom ser segunda-feira de páscoa! Se fosse domingo, não devia faltar à igreja."*²⁷⁹

Estava ainda presente a versatilidade das atividades e o espírito de poupança, conforme relatos literários, que evidenciavam e difundiam a imagem pejorativa de um comportamento "mão fechada" diferenciando-o de um espírito de economia:

" - Rapazes ativos, os Kreutzer: são cinco irmãos. Mantém-se em tudo. Já montaram a fábrica de conservas e estão agora fazendo experiências com o bicho-da-seda...

(...)

*- E têm ainda uma casa bancária. - Agora era o promotor quem dava informações. - É onde os colonos guardam as economias. E dizer-se que o velho Kreutzer chegou aqui com os primeiros emigrantes, com uma mão adiante e outra atrás... Economizou no duro. Dizem que olhava por cima dos óculos para não gastar os vidros. Mas os filhos, esses sabem levar a vida. Moram em palacetes. Seguidamente vão à Alemanha. São uns príncipes..."*²⁸⁰

Ainda há que ser considerado que esses grupos aprenderam uma prática de criar recursos próprios e, mais tarde, buscar recursos tanto materiais como humanos no exterior, para fazer funcionar suas instituições e seus clubes. Algumas instituições chegavam a recusar subsídios governamentais, alegando a possibilidade de perda de autonomia, conforme o depoimento de Elsbeth Koehler, diretora da Associação de Mulheres de Blumenau - Frauenverein -:

*"A Sociedade de Senhoras quer ter liberdade em todas as suas ações e deliberações, e que, com o auxílio mensal por parte do Estado, este também terá o direito de intrometer-se em suas decisões."*²⁸¹

A instituição religiosa era fundamental para as comunidades de origem imigrante. Além de ser o local de aglutinação dos fiéis²⁸², a igreja católica ou

²⁷⁹ MOOG, Vianna. Um rio imita o Reno. Op. Cit. p. 105.

²⁸⁰ Idem p. 20.

²⁸¹ HILDEBRAND, Hertha. "Oitenta Anos da Comunidade Evangélica de Blumenau". 02/09/1909 - 02/09/1987. Fundação Casa Dr. Blumenau. APUD RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 205.

²⁸² SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Op. Cit. p. 51.

protestante, tanto entre descendentes de imigrantes alemães como italianos, exerceu uma função importante como local de encontro social, de troca de experiências comunitárias e de lazer. O interesse pela religião foi tão grande que as diferenças religiosas poderiam interferir decisivamente no casamento e na família, conforme o depoimento de um teuto-brasileiro católico que tentou se casar com uma moça de família protestante:

"O pai gostava muito de mim como pessoa mas explicou-me com toda a calma e acentuada resolução que Violeta ainda era criança e além disso ela, (...) era protestante e eu católico, o que constituía uma barreira de difícil remoção." ²⁸³

A Igreja evangélica-protestante, entre os descendentes de imigrantes alemães, propagou princípios de conduta como disciplina e honestidade; práticas de poupança, acumulação de bens e riquezas; noções de progresso e crescimento como possibilidades de serem alcançados pelo trabalho. Evidenciava preceitos que estiveram na origem do movimento luterano na Alemanha. As falas de Jacob Lang, um imigrante teuto-brasileiro da cidade de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, ilustram de que forma a religiosidade atuava tanto quanto atenuante das dificuldades decorrentes das atividades de trabalho, como também se constituía em motivação para reuniões com os demais imigrantes:

"Os primeiros anos foram árduos, pois vivíamos isolados e não tínhamos experiência agrícola numa região subtropical. A recreação inexistia: trabalhávamos de sol a sol, de domingo a domingo. A fé era consolo às dificuldades e constituía-se numa oportunidade para reunir os moradores protestantes." ²⁸⁴

As diferenças entre ser católico ou protestante no sul do Brasil nos anos 30 manifestavam-se mesmo no comportamento mais elementar, nos hábitos cotidianos, domésticos ou escolares. Os professores da Escola Luterana eram vistos pela população local como "*pessoas muito cultas*", conforme depoimento de uma teuto-brasileira²⁸⁵. O relato da personagem literária Lore Wolff comparava suas coleguinhas de escola umas com as outras. Enquanto as católicas eram divertidas, tagarelas, meigas e carinhosas, as protestantes eram rígidas,

²⁸³ WEISS, João. *Colonos na selva*, conto de um imigrante como colono no sul do Brasil. Op. Cit. p. 138.

²⁸⁴ LANG, Guido. *Jacob Lang - A história de um imigrante e Pioneiro*. Op. Cit. p. 19.

²⁸⁵ SCHEIBE, Leda. *Depoimento*. Florianópolis, 06.07.1998. Leda Scheibe, descendente de alemães, morou na infância na cidade de Panambi, antiga Neu-Würtemberg, no Rio Grande do Sul.

assustadas e isoladas umas das outras. Comparava também a relação afetiva das amigas com os seus pais, e a atitude de seus próprios pais, em casa, para com ela mesma. Não demonstravam sentimento, não havia carinho. Os familiares, como o irmão Karl Wolff, tinham sempre ar de superioridade:

"(...) Católicas como eram, para elas não existia o pecado mortal, não viviam atribuladas no confessional. Falavam durante as lições, na fileira, nas horas de silêncio. Umas tagarelas! Quanta diferença de suas colegas de Blumental, que viviam isoladas nos seus grupinhos, como um bando de pombas assustadas. E no fim de ano, que diabinhas! Jogavam-se os travesseiros umas nas outras, corriam pelos corredores, desciam as escadas montadas nos corrimões. Perto dos pais, na festa de encerramento, que carinhosas! Quanta meiguice! Como era bonito o abraço brasileiro, um pai acariciando a cabeça da filha. Sua mãe era diferente. Nunca lhe dera um beijo. Não que não a amasse. Mas era o jeito dela. Horror ao sentimentalismo. O pai, para evitar os olhares de censura da mãe, até se desacostumara de acariciá-la. Quanto a Karl, nesse nem era bom falar. Um bruto, com seus ares de superioridade, a querer mandá-la, a querer fazer tudo melhor do que os outros." 286

A literatura da época ainda evidenciou que não havia propriamente rivalidades entre católicos e protestantes teuto-brasileiros, mas uma certa competição que revertia no embelezamento das cidades, das casas, das igrejas. Além do mais, em se tratando de religiosidade, os colonos não mediam esforços para contribuir financeiramente com obras públicas, no caso, com a igreja:

*"- Vai ser uma obra formidável, a julgar pelos alicerces - comenta Geraldo. - De onde virá tanto dinheiro?
- Ora, dos colonos. Eles são muito unidos. E querem fazer a sua igreja mais bonita que a protestante. Há uma grande emulação entre as colônias. Cada distrito, cada linha, quer contribuir com mais. Os padres já levantaram perto de mil contos para as obras. Dinheiro mal empregado...
(...)
- Há então uma grande rivalidade entre católicos e protestantes? - pergunta Geraldo, trazendo a palestra de volta para Blumenthal.
- Rivalidade propriamente não. Entendem-se perfeitamente bem. Só há competição nessas coisas exteriores. Cada um quer ter a sua casa e a sua própria igreja mais bonitas. Os colonos pegam também no pesado... Toca um dia para cada colônia." 287*

Ainda relacionada à questão institucional, os descendentes de imigrantes haviam organizado suas próprias escolas, além do ensino domiciliar que era comum nessas comunidades. Pela escola transmitiam aos jovens a língua e os

286 MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Op. Cit. p. 107.

287 Idem p. 34.

costumes tradicionais, conservando aspectos da cultura de origem. O depoimento de Jacob Lang, do Rio Grande do Sul explica como os moradores criaram a comunidade evangélica, a escola e a sociedade de cantores:

"Iniciamos, a partir de 1873, a constituição de nossa comunidade evangélica, que foi coordenada pelo professor e pseudo-pastor Gustav Adolf von Grafen. Grafen foi um cidadão experiente e inteligente, pois viajou muito e participou, inclusive, da Guerra de Secessão Americana (1860-1865).

(...)

A escola, ainda provisória, funcionaria numa casinha, que era de propriedade de Jacob Dockhorn; Grafen administrou as primeiras letras e depois assumiu o professor Heinrich Friedrich Wilhelm Sommer, que tinha instalado uma escola na Boa Vista..

(...)

Os moradores da Clara²⁸⁸ (...) criaram também, em 1870, a Comunidade Cruz e, em 1880, a criação da sociedade de cantores. Os moradores da Boa Vista fundaram, em 1885, o 'Gesangverein Fröhsin', assim como, em 1871, possuíam a sua escola comunitária. A vida religiosa sempre assumiu expressão entre os teutonienses e o aumento de membros levou à criação, em 1885, da Paróquia Bom Jesus de Teutônia."²⁸⁹

A noção de comunidade na cultura alemã foi um elemento que se impôs, ao longo da sua história, com muita força²⁹⁰. O romantismo alemão do século XIX não esteve fora da tendência, afirmando noções de identidade coletiva e espírito popular, vinculadas aos princípios da cultura, lugar onde a coletividade tem significado fundamental. Estas noções, inscritas no imaginário da cultura alemã, confirmadas pelos românticos, contrapunham-se aos princípios individualistas da Ilustração.²⁹¹

As inúmeras associações que surgiram na Alemanha a partir do final do século XVIII mantiveram vivos princípios comunitários, cultivando sentimentos de amizade, solidariedade e fraternidade. Em contraposição ao mundo moderno

²⁸⁸ Picada Clara, centro da colônia. LANG, Guido. Jacob Lang - A história de um imigrante e Pioneiro. Op. Cit. p. 29.

²⁸⁹ Idem p. 31.

²⁹⁰ O sentimento de identidade coletiva germânica, conforme Léon Poliakov, manifestou-se inicialmente na cultura alemã, ao contrário de uma tendência que o considera mais antigo, depois da fundação de I Reich, no ano de 962. Foi um sentimento de comunidade entre os *Staemme* (tronco, linhagem, estirpe), se afirmando diante dos latinos. Ao se confrontarem com a língua e a cultura latinas, ou seja, com as 'outras' (*welches*), os diversos *Staemme* tomaram consciência de que constituíam uma comunidade lingüística, de que a língua seria o elo de ligação entre eles. A noção de comunidade lingüística se sobrepôs, portanto, à de ascendência comum. Isto se configura na própria etimologia da palavra *deutsche* (alemão) que se refere antes à língua alemã do que ao povo alemão (*Deutsche*) ou à Alemanha (*Deutschland*). POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Op. Cit. p. 67-68.

²⁹¹ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. "A reunificação: enfim, um país para a Alemanha?". Revista Brasileira de História: espaço plural. São Paulo, ANPUH / Marco Zero, v. 14, n° 28, 1994. p. 102.

individualista, rotineiro, que reforça o anonimato, estava o sentimento de pertencimento, de pertença, e as tradições que valorizavam o idioma e as artes.²⁹²

Paralelo à valorização do espírito comunitário na cultura alemã, está o culto ao trabalho. As noções de trabalho e progresso, reafirmadas permanentemente pela Igreja evangélica e pela prática dos descendentes de alemães e italianos no sul do Brasil, não eram atributos exclusivos das comunidades. Estes princípios já haviam levado o governo brasileiro a empreender o processo colonizador no século XIX, fundado na noção de que a disciplina do europeu seria fundamental para um tipo de trabalho que promoveria o crescimento da economia brasileira. Estas noções se inscreveram no imaginário da população de Santa Catarina e se afirmaram fortemente diante da imagem de estagnação e irracionalidade atribuída à população do litoral. O chamado "caboclo", descendente do açoriano, desqualificado para o trabalho, contrapunha-se ao descendente de alemão ou italiano, capaz de afirmar pelo trabalho a superioridade de sua raça e construir o progresso de Santa Catarina e do Brasil.

Os descendentes de imigrantes alemães queriam ver os méritos do seu trabalho reconhecido em detrimento do nativo. Por esta razão qualificavam seu trabalho, desqualificando o trabalho dos demais. Desta maneira também reforçavam o seu próprio isolamento e separação em relação aos outros:

"É perfeitamente compreensível que uma zona habitada por algumas centenas de famílias, etnicamente parentes, como alemães, austríacos, suíços e germano-escandinavos, terá maior possibilidade de progredir material e espiritualmente do que os grupos isolados de algumas famílias entre outras de caráter e modo de vida diferentes.

(...)

*Usando para a colonização de regiões inabitadas o elemento humano estrangeiro, recomenda-se sua localização em mosaico composto de grupos grandes de famílias etnicamente familiares para a garantia do progresso econômico e cultural, conveniente para os colonizadores e os colonos."*²⁹³

Eles afirmavam princípios relacionados ao trabalho de diversas formas, inclusive pelas noções de casamento. O trabalho exigido de um imigrante figurava, no imaginário dessas populações, como um tipo de trabalho árduo, não apropriado para *"aqueles que não mantivessem vínculos matrimoniais"*,

²⁹² Idem.

²⁹³ LANG, Guido. Jacob Lang - A história de um imigrante e Pioneiro. Op. Cit. p. 122, 154.

conforme se depreende das palavras de Otto Hermann Blumenau, popularmente conhecido como "doutor Blumenau":

"Um trabalho na lavoura, para os solteiros, não é nada agradável aqui na terra e, com o tempo, quase insuportável. Já tive experiência com isso, com Kellner por exemplo, e cada vez me convenço mais que o imigrante que trabalha na terra necessita do auxílio de uma mulher e boa dona de casa. No meu relatório anual eu frisei isto bastante e fui criticado por este motivo, tanto aqui como lá.

Há pouco tempo atrás chegou um impressor que riu muito sobre isto nos primeiros oito dias, mas depois de oito semanas ele me procurou, lamentando-se, e concordou comigo sobre este ponto, dizendo que uma esposa aqui é tão necessária como o pão de cada dia." ²⁹⁴

O trabalho era um princípio de vida inscrito de uma forma tão significativa na cultura dos descendentes de alemães no sul do Brasil, que todos os sacrifícios valeriam a pena, se estes fossem necessários para a afirmação do trabalho. As palavras abaixo, de uma "colona", ilustram como as instituições igreja e escola perdiam importância para o trabalho:

"A juventude cresceu nos primeiros anos sem igreja e sem escola. A todos impulsionava só um pensamento: dar conta do trabalho que se esperava deles." ²⁹⁵

A noção de "pioneirismo" também afirmava a cultura e o trabalho alemão diante dos próprios descendentes de alemães e também diante do quadro diversificado da população do sul do Brasil:

"As condições de colonização poderão mudar para o bem do colono, mas sua vida será sempre a de um pioneiro, a de um bandeirante de atividade árdua e trabalhosa, perigosa e primitiva" ²⁹⁶

Os imigrantes alemães e seus descendentes se consideravam os agricultores mais adiantados da região, aqueles que haviam feito todo o possível em termos de trabalho agrícola, até os limites da capacidade humana; com seus "braços" haviam desbravado a mata para construir a sua auto-suficiência. Estes requisitos haviam conferido a eles a condição de "os mais adiantados" colonos

²⁹⁴ Carta do Dr. Blumenau ao Superintendente Baumgarten de Lichtenburg-Braunschweig. 12.12.1853. In: "Blumenau em Cadernos", tomo XXVII, agosto de 1986, p.241-242. APUD RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 61-62.

²⁹⁵ HEINRICH, Emile. "Die Frau des Auswanderers". Erlebnisse einer Kolonistenfrau in Südbrasilien, Freiburg im Breisgau, St. Raphaels-Verein, 1921. APUD RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 85.

²⁹⁶ WEISS, João. Colonos na selva, conto de um imigrante como colono no sul do Brasil. Op. Cit. p. 10.

brasileiros, conforme as palavras de um imigrante que viveu cinco anos na mata próxima à cidade de Erechim, no Rio Grande do Sul:

*"Como não estivemos no mato por mais de cinco anos, desejamos adiantar que não éramos 'colonos fracassados', ao contrário, éramos entre os agricultores da região os mais adiantados, com a certeza de termos feito o que humanamente era difícil de fazer."*²⁹⁷

Associada à palavra trabalho estava também a noção de "progresso", conforme o mesmo imigrante, João Weiss:

*"Acostumado, desde menino, ao trabalho intensivo, procurei avançar no caminho do progresso, trabalhando de dia e estudando à noite."*²⁹⁸

No caso de Santa Catarina, foi construída uma imagem do sucesso da colonização alemã, juntamente com a italiana, polonesa e russa; enquanto as demais tentativas teriam fracassado:

"A história do povoamento de Santa Catarina está a nos mostrar que, das tentativas de colonização européia levadas a efeito, somente as realizadas com alemães, italianos, poloneses e russos foram produtivas, as demais fracassaram.

Aí estão a atestá-lo a colônia belga de Ilhota, a irlandesa e norte-americana de São Pedro e a francesa do Saí. Foram todas elas experiências malogradas.

Evolução, adiantamento, só se verificou naquelas zonas que receberam o colono alemão e mais tarde os imigrantes do mediterrâneo e de procedência eslava.

Esta afirmação não teme contestação e é tão verdadeira que não carece ser provada com argumentos especiosos ou altos engenhos.

*Basta confrontar as regiões que receberam o braço estrangeiro, com as que não conheceram a imigração. A diferença é flagrante: nas primeiras, o avanço na senda do progresso; nas segundas a paralisação, o marasmo, quando não o retrocesso e a decadência."*²⁹⁹

A superioridade da capacidade de trabalho teutônico era afirmada, permanentemente, sempre em contraposição ao trabalho indígena e do caboclo:

"O contato íntimo com a terra a que se radicava o colono pelo seu trabalho diuturno, gerando o apego à gleba, criou-lhe meio propício ao desenvolvimento do seu espírito rural, ausente, por completo no ambiente luso-brasileiro da população.

A massa rural formada de elementos indígenas, geralmente dos caboclos, restos da colonização açoriana dos primeiros tempos, emigrados da praia, 'intrusados' nas terras do vale, não tem outro canto para onde ir, mas não ama, não tem afeto.

²⁹⁷ Idem. p.9.

²⁹⁸ Idem. p. 143.

²⁹⁹ D'AMARAL, Max Tavares. Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí. Op. Cit. p. 71.

Plantando apenas o estritamente necessário ao seu sustento, vive mais da caça e da pesca, do que do rendimento do efetivo trabalho."³⁰⁰

Esta falta de apego é o que explicaria o permanente abandono à terra. O "povoador açorita", conforme expressão empregada pelo autor, no lugar de ficar "suportando" um trabalho que "não ama", como o de lavrador ou de colono, tenderia sempre a seguir a carreira marítima, pois "sua vocação sempre foi o mar". Afinal, ele "nunca foi - um lavrador ou um colono -, na verdadeira acepção do termo", conclui João Weiss.³⁰¹

Quando, entretanto, o caboclo ou açorita conseguia ver o seu trabalho executado em igualdade de condições com o do colono, ele ainda perdia no que diz respeito às condições de habitação:

*"Quando um dos nossos, porém, se dispõe a medir forças com o colono europeu, a ele se iguala em trabalho e rendimento, apenas dele se diferenciando sempre quanto às condições de habitação, porque lhe falta, como também de modo geral ao colono italiano, a 'Wohnkultur', isto é, o hábito de morar bem, embora quanto ao último em grau muito menor."*³⁰²

A literatura catarinense sobre o tema descrevia a sala da casa de uma família alemã ligada a atividades industriais. Era uma peça luxuosa, com artigos decorativos vindos da Europa, e com quadros de paisagens que traziam a Alemanha para o Brasil:

*"Era uma peça ampla, com o teto de estuque pintado de branco; nas paredes grená enfileiravam-se cabeças de cervo, chifres de veados nórdicos em todas as extensões. Num lado, o velho e pesado buffet de cedro, entre dois pratos de cerâmica, encimado por custosa poncheira de prata. Perto do relógio da parede, uma vista de Heidelberg, formada de fotografias justapostas, enquadradas na moldura longitudinal. Por cima do divã, forrado de almofadas e recoberto de uma fazenda de veludo, o *panneau* representando um moinho de largas asas e um grupo bucólico de camponeses com compridos cachimbos em torno da carreta de feno. Junto ao divã, lá estava o ninho da Páscoa do sobrinho: um belo castelo de barba de pau, com ramos de macela a ornamentar-lhe as torres. Havia ainda uma estante de livros, sopesando a Bíblia, volumes de Goethe e Schlessing, ricamente encadernados. E, dominando tudo, perto do *abat-jour*, no ângulo da sala, sobre a cantoneira de adorno, a figura imperiosa de Bismark, no seu uniforme prussiano, numa magnífica reprodução em bronze."*³⁰³

³⁰⁰ Idem p. 61.

³⁰¹ Idem. p. 62.

³⁰² Idem. p. 63.

³⁰³ MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Op. Cit. p. 114.

A literatura também evidenciou o preconceito e a distância que os descendentes de alemães mantinham em relação aos demais moradores da região:

"A única opção que Brune não aceitava é que o filho frequentasse a escolinha brasileira de Xituli e onde os brasileiros só ensinam 'schweinerei' (porcaria). 'Lá só tem caboclo e bugre', afirmava..."³⁰⁴

A literatura do Rio Grande do Sul da década de 40 também evidenciava tais separações, traduzidas em preconceitos. Lore, a personagem de Vianna Moog, relutou muito internamente até apaixonar-se por Geraldo Torres, um engenheiro do Amazonas que estudara no Rio de Janeiro. Depois de vencer a própria resistência, preocupa-se com o que a mãe, Frau Marta, irá dizer do romance:

"A mãe certamente não haveria de gostar. (...) Conhecia suficientemente a mãe, os seus escrúpulos, os seus preconceitos relativamente aos rapazes brasileiros, para não sentir-se alarmada com a possibilidade dela já estar ao par do seu namoro e de vir a saber que ela dançara quase toda a noite com um deles. Que não diria então, quando soubesse que sua filha, uma ariana, estava apaixonada, irremediavelmente apaixonada, por um desses seres, que ela, por princípio, aborrecia e detestava. Ah! Não podia e nem devia fazer-se ilusões: teria de atravessar momentos angustiosos, difíceis. Mas havia de lutar, porque de nada lhe acusava a consciência. Evitou o quanto pôde gostar de Geraldo, e apesar da perturbação em que ficava quando ele a encarava com o seu olhar insistente, magnético, penetrante..."³⁰⁵

A relutância inicial de Lore tinha uma razão de ser. Desde um dos seus primeiros contatos com o rapaz, ficaram evidentes as diferenças entre eles, como no dia em que ela o encontrara em uma quermesse:

"Mas depois veio a quermesse, não esperava encontrá-lo ali naquela festa protestante, quase que reservada por uma tácita convenção à gente da colônia alemã. Ele estava muito tempo girando com os amigos, entre o povo que se comprimia em volta das tômbolas, não se animando a vir sentar numa das mesas em que ela servia. Apesar da tranquilidade aparente dos gestos, via-se que não estava à vontade, que se movia num meio diferente do seu. O seu ar de surpresa ao escutar o coro de vozes que partia do caramanchão, onde os homens do Singer-Verein faziam vibrar no espaço um Lied bávaro, ao ritmo festivo e marcial da banda de música; a maneira como olhava para os ranchos de garotas e meninos que passavam correndo de braços dados, a cordial indiferença com que comprava as cautelas que lhe ofereciam, o jeito voluptuoso de levar o cigarro à boca sensual, o seu

³⁰⁴ SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Nossa guerra contra a Alemanha: crônica de um tempo de arbítrio. Florianópolis, Lunnardelli, 1988. p. 26.

³⁰⁵ MOOG, Vianna. Um rio imita o Reno. Op. Cit. p. 106.

andar descansado, tudo denunciava nele o forasteiro. E talvez fosse tudo isso que ainda mais a tivesse atraído para ele."³⁰⁶

Aquele jeito sensual, aquele andar descansado, eram justamente o que atraía Lore. A literatura evidencia que as diferenças assustavam, separavam e confrontavam-se no sul do Brasil nas décadas de 30/40, mas também atraíam. Lore era atraída não apenas pelo brasileiro sensual, mas também pela maneira solta, meiga, graciosa, "indisciplinada", porém emotiva e alegre das meninas que não faziam parte do grupo teuto-brasileiro:

*"Sim, fora isso que a encantara em Geraldo Tôrres. Uma atração de certo modo semelhante à que já sentira no colégio pelas meninas da fronteira e da serra, tão diferentes de suas colegas de Blumental. Aquelas não viviam atemorizadas com as notas más no cartão mensal, faziam o que lhes vinha à cabeça, com um jeito, uma graça, uma alegria tão espontânea que as próprias Irmãs não podiam zangar-se"*³⁰⁷

Geraldo estimulava a imaginação de Lore. Ele a fazia pensar num Brasil dos primórdios, dos índios, da natureza, do descobrimento, das lendas de amor, das praias. Geraldo levava Lore para imagens que povoaram mentes de europeus sonhadores em relação ao Brasil: era a terra do primitivo, do paraíso, do Edelweis:

*"(...) como estava bonito, na sua pele bronzeada, reluzindo ao sol! Tipos de índio como Geraldo é que decerto os exploradores tinham encontrado no Amazonas para dizerem que viram entre eles exemplares tão perfeitos de beleza humana, que lembravam os discóbolos de Atenas. Ah! como ele não seria belo na praia, caminhando à beira do Oceano. Lore imaginava-se ao seu lado, mergulhando nas ondas. (...) Ele contaria histórias de sua terra, lendas de amor; ela lhe falaria das cidades alemãs, da sua arte, dos seus costumes. (...) Ela lhe pediria que fosse colher uma flor no despenhadeiro, como prova de amor. Como se chamava mesmo aquela flor branca, flor do campo? Seria o Edelweiss?"*³⁰⁸

As diferenças entre os dois enamorados eram tão evidentes que os personagens da cidade já comentavam. Além do mais o engenheiro Geraldo, por ser novo na cidade, causava interesse e curiosidade às moças. Lore, por sua vez, filha de um rico industrial, era considerada o "melhor partido da cidade", "já estudara até na Alemanha", falavam as boas ou más línguas de Blumental.

³⁰⁶ Idem p. 106-107.

³⁰⁷ Idem p. 107.

³⁰⁸ Idem p. 108-109.

"- É Lore - falou o promotor. - Estudou dois anos na Alemanha. É filha do velho Wolff, o da fábrica de sandálias. Um partidão, doutor..."³⁰⁹

"(...) Chegou a tua vez, meu caro. - (falou Armando, amigo de Geraldo). Tens de pagar teu tributo. Garanto que comentam o teu namoro com Lore. És a grande sensação da cidade."³¹⁰

Conforme Lore previra, Frau Marta já estava ciente do que se passara no baile, e Lore logo teve que enfrentar a família reunida à mesa:

" - Então , não se conta nada do baile? - indagou Frau Marta, dirigindo-se a Lore em tom sarcástico, enquanto fazia o prato do marido.

- Muito bom, mãe. Há muito não temos um baile tão bonito.

- E quem foram teus pares?

Lore compreendeu que seria inútil qualquer esforço para contornar o assunto. Ainda assim fez uma última tentativa.

- Os de sempre...

- Os de sempre? E esse engenheiro com quem dançaste toda a noite e com quem tens andado de passeios pela ponte nestes últimos tempos?

- Se a mãe já sabe não preciso explicar...

- Pois bem. Fica entendido. Não admito esse namoro. É preciso que saibas desde já, se não queres o inferno dentro de casa... Vamos cortar isso pela raiz.

Frau Marta fazia um supremo esforço para conter o turbilhão de coisas que queria dizer.

- Mas, por que, mãe? - perguntou Lore, conciliadora, olhos postos no pai, como que a gritar por socorro.

(...)

Não suporto a idéia de ver-te casada com um homem de raça inferior.

Era só o que faltava - afirmou Frau Marta.

- Quem vê a mãe falar, há de pensar que temos sangue nobre: devíamos assinar von Wolff... - ensaiou Lore numa tentativa de gracejo"³¹¹

Além de atribuir aos nativos brasileiros a referência pejorativa de "caboclo" e "bugre", e de tentar impedir o contato de seus filhos com aqueles, os descendentes de imigrantes alemães evitavam o casamento não só com os nativos³¹² mas também com integrantes de outros grupos, mesmo que estes fossem europeus:

³⁰⁹ Idem p. 23.

³¹⁰ Idem p. 64.

³¹¹ Idem p. 115-116.

³¹² A literatura sobre o tema evidencia que os casamentos de homens teuto-brasileiros com mulheres brasileiras poderiam ser mais tolerados do que vice-versa. Assim Lore, a alemãzinha do romance de Vianna Moog, ao descobrir seu amor pelo brasileiro Geraldo, lembra da professora pública de Tannenwald Alzirinha, e de Hans Fischer, um casal de origens diferentes que, apesar de todas as resistências familiares, estava "dando certo": "Geraldo ia gostar de Hans. Tão simpático, sempre a-cavalo, falando tão bem o português, apesar de só tê-lo aprendido depois de rapaz feito. Que par apaixonado o Hans e a Alzirinha! Amor à primeira vista, como nos romances. O Hans estava quase comprometido com Herta Thiezen, os

"eles geralmente recusavam casar com nativos ou com membros de outro grupo europeu, e conduziram uma existência à parte da população brasileira predominante."³¹³

Os discursos da época justificavam a procura de parceiros matrimoniais dentro do mesmo grupo ou ainda admitiam, mais raramente, o casamento com imigrantes europeus, argumentando em torno da concepção de trabalho vigente entre eles:

"Nos primeiros anos de imigração, quando o trabalho físico foi executado exclusivamente por escravos negros ou por empregados assalariados indigentes (agregados) - desde que os luso-brasileiros fugiram do trabalho físico -, os colonos alemães eram vistos simplesmente por sua melhor capacidade. A imigração dos colonos era vista como um substituto para a decrescente importância dos escravos, uma visão que pode permanecer velada entre as grandes plantações de café de São Paulo. Os colonos alemães foram forçados desde o início a fazer o trabalho físico, no qual, visto que os estabelecimentos agrícolas eram pequenos, todos os membros da família - incluindo mulheres e crianças - tinham que participar. À medida que os filhos dos colonos germânicos descobriram a relutância das mulheres brasileiras para fazer o trabalho físico, eles foram forçados a buscar parceiras matrimoniais quanto mais dispostas para o trabalho elas fossem. A consequência é que os casamentos ocorriam em geral exclusivamente entre alemães e pessoas descendentes de alemães ou, mais raramente, com colonos poloneses e italianos que também não tinham relutância para o trabalho. Nas regiões puramente alemães, casamentos mistos quase nunca aconteciam, e mesmo em distritos mistos o maior número de alemães casavam entre eles mesmos."³¹⁴

Tais referências reforçavam permanentemente o distanciamento da população de origem alemã em relação aos demais segmentos da população brasileira. Esta temática povoou de diversas formas os textos escritos por alemães e seus descendentes dentro ou fora do Brasil. A visão negativa do Brasil ou da população brasileira aparecia no nível mais elementar, desde divergências entre a vizinhança, como no caso de Brune, passando pelos romances, como entre Lore e Geraldo, evidenciando-se também em textos de repercussão nacional e

*pais faziam gosto porque Herta seria uma boa dona de casa, uma **hausfrau** às direitas. Mas um dia o Hans passou por Tannenwald, viu a professorinha, distraiu-se, o cavalo se assustou com a algazarra da criança que saía da escola e Hans foi jogado ao chão. Quando deu acordo de si, estava apaixonado, noivo de Alzirinha. MOOG, Vianna. Um rio imita o Reno. Op. Cit. p. 111.*

³¹³ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. U.S.A., Indiana University, 1969. (Tese de Doutorado em Educação). p. 49.

³¹⁴ MAACK, Reinhard. "The Germans of South Brazil: A German View". Quarterly Journal of Inter-American Relations 1: 5-23, July, 1939. p. 11. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools

internacional. O artigo publicado em língua inglesa por Walther Kundt em 1906 se insere nesta última alternativa:

"O Brasil é uma estropiada e pobremente organizada comunidade de 16 milhões de almas frívolas, não-educadas, não-científicas, não-artísticas, não-militares; que não pode sequer colonizar, estabelecer meios de comunicação próprios, montar uma esquadra; regular finanças ou garantir justiça; o governo que não pode ser descrito como nada mais do que um bando de ladrões. Todavia este povo oscila sobre um rico e frutífero império do tamanho da Europa, mas agora pode assumir o papel até então jogado pelos EUA, se apenas o povo de descendência germânica, no lugar dos latinos, for o condutor. O brasileiro não gosta de estrangeiros. Ele sente aversão pelos representantes de nação superior a ele próprio em inteligência; mas os brasileiros não são capazes de manter a firme resistência à exigência..."³¹⁵

Desde o século XIX eram publicados na Alemanha relatos de impressões sobre o Brasil, em que era manifestado estranhamento diante da cultura e costumes dos habitantes da terra brasileira, como no caso da professora Ulla von Eck, que foi contratada por uma família para trabalhar no Rio de Janeiro. Relatos foram publicados em 1887 em Hamburgo, com o nome Ina von Binzer (acreditase que era a mesma pessoa usando codinome). O trabalho foi traduzido, mais tarde, para o Português com o título *"Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil"*³¹⁶. Ali aparecem referências que evidenciam o distanciamento que alguns alemães mantinham em relação aos brasileiros, sobretudo em relação a questões que envolvessem os atributos "negligência" e "disciplina":

*"Para nós, nórdicos, educados de uma rígida maneira, os brasileiros parecem negligentes, talvez a melhor palavra é indisciplinados."*³¹⁷

O distanciamento era quebrado quando se tratava da garantia dos direitos políticos. Neste caso os imigrantes, ou descendentes de imigrantes, haviam valorizado, desde o século XIX, a obtenção da cidadania brasileira. Lamentavam, entretanto, que isto implicasse na perda da nacionalidade germânica:

of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 53.

³¹⁵ Wile, Frederic William. "German Colonisation in Brazil". Fortnightly Review 85:129-138, January, 1906. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 39.

³¹⁶ BINZER, Ina von. "Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil". Editora Anhembi, São Paulo, 1956. p. 13. Traduzido de Leid & Freud einer Erzicherin in Brasilien. Hamburg, 1887. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 73.

³¹⁷ Idem.

*"Um trágico exemplo é o do mais destacado campeão da nacionalidade germânica no sul do Brasil, Karl von Koseritz. Ele desposou uma luso-brasileira e seus descendentes foram perdidos para a população germânico-brasileira."*³¹⁸

Na realidade, queriam ter assegurados os direitos políticos no Brasil, mas não abriam mão de manter a nacionalidade germânica, certamente por considerá-la mais importante, na sua escala de valores, do que a nacionalidade brasileira, conforme o caso de Koseritz:

*"Koseritz foi a mais notável personalidade na luta dos colonos germânicos pelos direitos políticos. Após uma longa batalha ele foi eleito pela Câmara Provincial como o primeiro descendente de alemão riograndense. Com a revolução de 15 de novembro de 1889, a todas as pessoas residentes no Brasil foi concedida a cidadania brasileira. Koseritz ganhou para os germânico-brasileiros sua igualdade nominal com os luso-brasileiros."*³¹⁹

Os colonos, ou teuto-brasileiros, na realidade encontravam repercussão para os seus ideais de superioridade em relação aos demais habitantes de Santa Catarina; afinal, os próprios intelectuais catarinenses reconheciam, na mesma época, o fracasso da colonização açoriana, no que dizia respeito à agricultura:

*"(...) verificamos que a colonização açoriana, como tentativa de estabelecimento agrícola, resultou no mais completo fracasso. Todas as culturas tentadas, cujos êxitos iniciais representaram fatos traduzidos como sendo a concretização das esperanças dos que promoveram o movimento colonizador e a ele se ligaram, foram aos poucos decaindo, entrando muitas no abandono total e definitivo. Os autores que relataram o fenômeno atribuíram-no sempre, e principalmente, às copiosas sangrias, periodicamente feitas, nos elementos destinados à lavoura, a fim de empregá-los no serviço das armas. Não é, de fato, como já vimos, de subestimar o obstáculo que tais recrutamentos representaram para a incipiente agricultura. Mas no cômputo dos diversos fatores que conduziram àquele fracasso, não nos parece ter sido o maior nem o mais importante."*³²⁰

Atribuíam as razões desse fracasso às qualidades do imigrante açoriano que se deslocou para o sul do Brasil:

"Inicialmente, cumpre-nos considerar que, do total dos povoadores imigrados das Ilhas, nem um terço, talvez, tivesse podido encaminhar-se para as atividades agrícolas."

³¹⁸ MAACK, Reinhard. "The Germans of South Brazil: A German View". Quarterly Journal of Inter-American Relations. Op. Cit. p. 12, 18. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 50.

³¹⁹ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 50.

³²⁰ CABRAL, Oswaldo R. Os açorianos. Florianópolis, Imprensa Oficial. 1950. p. 74.

Vimos que, a par da gente pertencente à nobreza do arquipélago, que fugira às duras condições de vida que então suportavam nele, os Açores nos enviaram, também, certo número, aliás ponderável, de elementos que não podiam adaptar-se aos árduos misteres que lhes eram aqui destinados. Velhos, aleijados, incapazes, que foram a dor de cabeça do Governador Manuel Escudeiro, viram-se embarcados espontânea ou compulsoriamente, como já citamos, e não eram aqueles elementos válidos dos quais se pudesse esperar uma atividade razoável no serviço da terra.

Uns e outros, a nobreza e os incapazes, eram elementos totalmente inclinados a aceitar outra situação que não aquela que se lhes destinava."³²¹

³²¹ Idem.

2.1. CONSTRUINDO O INIMIGO

"Porque a política implica em conflitos que são tratados juntamente com vantagens materiais, posições sociais e princípios morais, certos indivíduos se medem sempre pelos outros, que são olhados como adversários ou inimigos.

(...)

*Conjuntamente com outros elementos eles conferem ao espetáculo político seu poder de despertar paixões, temores e esperanças, tanto que o inimigo de alguns passa por aliado ou vítima inocente aos olhos de outros"*³²²

Com a instalação do governo Vargas no Brasil e interventoria de Nereu Ramos em Santa Catarina, evidenciou-se uma mudança no enfoque dos temas que tratavam do trabalho como atividade construtora do futuro e do progresso do país. Preocupações a respeito de possibilidades de formação de quistos raciais, grupos lingüísticos, vinculações com o estrangeiro, desrespeito a medidas de caráter nacional e separatismos, levaram os governos federal e estadual a intervir junto às regiões onde estavam concentrados núcleos de imigrantes estrangeiros e seus descendentes.

Novas imagens dos descendentes de açorianos, italianos, alemães e outros grupos que habitaram Santa Catarina nas décadas de 30 e 40 foram propagandeadas, bem diferentes daquelas imagens que haviam sido veiculadas sobre esses mesmos núcleos no início do século. Práticas políticas normatizantes, sobretudo veiculadas a partir da escola, inscreveram-se desde muito no projeto liberal³²³, mas parece que em Santa Catarina elas adquiriram um caráter sistemático. Além de intervenções através dos textos, evidenciaram-se medidas concretas de ataque a certas zonas de Santa Catarina.

A dispersão e a ameaça que a autonomia do funcionamento das instituições dos núcleos populacionais representava foi um dos elementos que

³²² EDELMAN, Murray. *Pièces et Règles du jeu politique*. Paris, Seuil, 1991. p. 129.

³²³ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Liberalismo: ideologia e controle social*; um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1976. (Tese de Doutorado em História). p. 298.

motivaram as intervenções estatais. Mas não só isto explica o interesse do governo Vargas em intervir junto às regiões de colonização. Há que se considerar também que esses núcleos se constituíam, nos anos 30/40, em um pólo econômico significativo que certamente despertou a cobiça dos governantes e a necessidade de colocar tais regiões sob controle do Estado, como se depreende das palavras de um militar engajado na campanha nacionalizadora:

*"É espantoso o movimento industrial e grande a capacidade de produção do município de Blumenau, sendo que o progresso manufatureiro não fica circunscrito apenas a esse. Por toda a parte, funcionam fábricas de tecidos, madeiras compensadas, laticínios, salsichas, conservas, etc."*³²⁴

A prosperidade de Blumenau e Joinville era evidente:

*"(...) as duas então chamadas cidades germânicas de Blumenau e Joinville eram consideradas notáveis em suas superiores condições de vida urbana; a despeito do fato de serem cidades do interior, elas gozavam de considerável comércio de importação e exportação antes da I Guerra Mundial. Em Blumenau, as escolas, casas, igrejas, construções públicas, pavimentação de estradas, jardins e parques eram tipicamente germânicos e representavam um padrão de vida mais alto do que as povoações latino-brasileiras próximas."*³²⁵

Os governantes do Rio de Janeiro estavam preocupados não somente com o crescimento da população alemã no sul do Brasil e com a sua prosperidade econômica, mas também com a possibilidade de expandirem sua língua e sua cultura entre os demais habitantes do sul, exercendo influência em meio aos descendentes de poloneses, romenos, italianos e portugueses.³²⁶ Afinal, era evidente, como se comentava na época, que as condições de ensino das escolas alemães eram superiores às das escolas que o Estado estava implantando, e que grande parte das crianças que entravam na escola pública não falavam a língua portuguesa.³²⁷ Richard Dalbey reconheceu, em um trabalho publicado nos EUA, em 1969, que as escolas privadas alemães contribuíram para a preservação da germanidade no sul do Brasil:

³²⁴ NOGUEIRA, Rui Alencar. Nacionalização do Vale do Itajaí. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1947. p. 22.

³²⁵ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 49-50.

³²⁶ Idem. p. 47.

³²⁷ REGIS, Lebon. O perigo alemão e o problema do ensino em Santa Catarina. Rio de Janeiro, do Jornal do Comércio, 1917. p.16, 18.

"Iniciando em 1824, os alemães, com uma forte e definido modelo de civilização, se instalaram em uma despovoada região e imediatamente começaram a construir um padrão social e cultural distinto. Esta data pode ser também usada para marcar a fundação da escola privada germânica, que se tornou, na época, o mais importante marco cultural para a preservação do Deutschtum entre a população alemã do Brasil." ³²⁸

No final dos anos 30, o Estado centralizou o controle do ensino, proibiu o ensino domiciliar e o uso da língua estrangeira nas aulas, fiscalizando rigorosamente as práticas escolares através dos inspetores e superintendentes. Posteriormente, os Serviços de Inspeção dos Estabelecimentos de Ensino ficaram subordinados ao Departamento Nacional de Ensino.³²⁹ As palavras do Secretário de Segurança Pública de Santa Catarina evidenciam a visão devastadora que as autoridades tinham a respeito das atividades dos alemães no sul do Brasil:

"Velho sonho alemão, denunciando o complexo terrível duma raça que se narcisara na própria ilusão da superioridade, o pangermanismo está com os dias contados. As ambições germânicas, agigantadas no pressuposto de uma predestinação a submeter os povos ao seu jugo feroz, não sobreviverão, absolutamente, ao conflito que ela mais uma vez deflagrou no mundo, repetindo na história de sua evolução guerreira a sua façanha de invasão tramada e executada com inimitável crueldade e com indisfarçável cinismo. Epopéia quixotesca, ou vulgaríssima empresa de ódio e de paixões subalternas, a aventura germânica, que tomara as nações visadas entre as mais livres por tribos escravizáveis, desta vez ainda deverá desfechar numa tremenda derrota, porventura mais memorável do que as anteriores, dada a experiência das vítimas para quem a soberania alemã consistirá sempre numa temível ameaça à paz e à tranquilidade do mundo. Nem a arrogante audácia de conquistador, nem o barbarismo vandálico do saqueador internacional lhe valerá a fuga à justiça da História, ao castigo de Deus e ao desprezo dos povos civilizados" ³³⁰

Foi instituída a obrigatoriedade da frequência das crianças e jovens às escolas instaladas pelo Estado, através de um documento de "quitação escolar". Este documento previa que a população catarinense, para ser admitida ou promovida em serviço público, para ter contrato com o Estado ou receber dinheiro público, deveria antes obter, junto à escola mais próxima de sua residência, um atestado de que suas crianças freqüentavam a escola oficial.

³²⁸ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 47.

³²⁹ Decreto n. 19.890. Rio de Janeiro, 18.04.1931.

³³⁰ MOURÃO RATTON, Antônio Carlos. "Prefaciando..." DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. O punhal nazista no coração do Brasil. Op. Cit. p.5.

Mesmo assim, conforme documentos da época, os pais resistiam em mandar seus filhos à escola, mantendo uma rede de escolas clandestinas.³³¹ Os diretores de grupos escolares e os professores das escolas isoladas passaram a ter como tarefa o envio, ao inspetor, de nomes dos pais que não procedessem a matrícula de seus filhos. Muitas foram estabelecidas para aqueles que ministrassem ensino primário ou pré-primário individual ou a domicílio. Qualquer pessoa que cedesse sua residência para este fim ficaria sujeita à mesma penalidade.³³²

Na ânsia de ver rapidamente generalizado o uso da língua nacional, a fiscalização atingiu a organização e o funcionamento das escolas de forma detalhada. Os programas de ensino foram reorganizados, com a obrigatoriedade do ensino das línguas portuguesa, francesa, inglesa e latina; mas com o ensino facultativo do alemão em apenas uma das séries do ensino secundário. Ao canto orfeônico, obrigatório em todas as aulas de música, e à educação física, em todas as classes, foi dada atenção especial nos currículos das escolas³³³. A campanha nacionalizadora de Nereu Ramos se fixou no espaço da sala de aula, revelando um esforço em intervir na prática cotidiana do professor junto aos alunos no que se referia não só aos conteúdos ministrados, mas também na forma como esses eram transmitidos, nas atividades desenvolvidas e na disciplina escolar.

A sociedade de mulheres "Frauenverein", de Blumenau, e a maternidade mantida por esta associação tiveram suas portas fechadas. O consulado alemão em Blumenau também foi fechado.³³⁴ As fábricas sofreram intervenção, como no caso da fábrica de Cecília Lischke, de Blumenau, em que a diretoria foi substituída e seu marido preso. Ele passou quatro anos em prisões nas cidades de Florianópolis e no Rio de Janeiro. Outros alemães e descendentes foram presos, como Hans Kieckbusch, também por quatro anos, por ter cometido o "grave" delito de ser sócio de um clube de livros na Alemanha.

³³¹ Ivo D'Aquino, Secretário da Justiça, Educação e Saúde do Governo Nereu Ramos, fala da "resistência passiva" dos pais em matricular os filhos nas escolas instaladas pelo Estado. D'AQUINO, Ivo. Nacionalização do Ensino, aspectos políticos. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1942. p.182.

³³² Decreto n. 301. Florianópolis, 24.02.1939.

³³³ Decreto n. 19.890. Rio de Janeiro, 18.04.1931.

³³⁴ RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 205, 207.

O irmão de Hans, que não havia se naturalizado no Brasil, também foi preso e sua mulher, Hilde Kiecksbusch, teve a sua casa invadida pela polícia. Esta senhora havia sido alvo de alguns dos delatores - "die Spitzeln"-, que denunciavam às autoridades quando alguma mãe, em casa, conversava com os filhos em alemão.³³⁵ Tudo indica que algumas pessoas vizinhas, ou da comunidade, pagas pelas autoridades, se prestavam à tarefa de ouvir, diante das portas e janelas alheias, o idioma utilizado pelas pessoas nas falas domésticas. Denúncias da vizinhança ou de colegas de trabalho eram freqüentes, evidenciando manifestações microscópicas do poder. As delações, em geral seguidas de encarceramento, tinham um efeito moral e emotivo: famílias das cidades onde havia teuto-brasileiros, sentiam-se mais "unidas", mais "coesas" e mais "brasileiras", ao tomar algumas pessoas da redondeza como inimigas³³⁶.

Ao se intensificar a fiscalização em relação ao uso da língua nacional, a prática de escutar as transmissões de rádio das emissoras alemães foi proibida e tornada obrigatória a ocupação do espaço radiofônico pela Hora do Brasil. No Vale do Itajaí foi instituída pelo Exército, logo no início da campanha nacionalizadora, a "Hora do 32º BC"³³⁷, levada ao ar pela estação rádio-transmissora de Blumenau todas as quartas-feiras, das 19 às 20 horas. Os integrantes daquele batalhão eram os próprios a participar das referidas transmissões, como locutores ou músicos. A programação partia da leitura de crônicas que se referiam a fatos históricos, prosseguia com assuntos relacionados à campanha nacionalizadora, e terminava com uma parte destinada inicialmente à banda de música do Exército. Posteriormente essa parte foi ocupada por uma banda de jazz, conjuntos orfeônicos e soldados cantores. A programação musical tinha o objetivo de tornar atrativa a programação, que passou a ter grande aceitação nos bares e cafés.³³⁸

³³⁵ Idem. p. 207.

³³⁶ Sobre isto ver: WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos; a questão étnica no sul do país (Itajaí/RS). Op. Cit. p. 29.

³³⁷ 32º Batalhão de Caçadores, tropa da 1ª. Região Militar do Exército, primeiro posto do oficialato, que deslocou-se do Rio de Janeiro para ter sua sede em Blumenau, integrando a Campanha Nacionalista. NOGUEIRA, Rui Alencar. Nacionalização do Vale do Itajaí. Op. Cit. p. 106.

³³⁸ NOGUEIRA, Rui Alencar. Nacionalização do Vale do Itajaí. Op. Cit. p. 109-110.

Os representantes do governo Vargas chegaram aos níveis mais privados possíveis de intervenção, como a prática de arrancar os panos bordados³³⁹, escritos em língua alemã, que enfeitavam a parede da casa dos camponeses, rasgando-os e queimando-os como indícios da propaganda nazista.³⁴⁰ Sem entender absolutamente o que significavam as palavras que os panos traziam, estes "enviados" do nacionalismo criavam inimigos entre camponeses que viam seus casebres destituídos, em determinadas situações, do único enfeite que possuíam: um pano com inscrições em letras góticas. Significavam ditos populares de conteúdo religioso: "*O pão nosso de cada dia dá-nos hoje*", "*Se tiveres paz no coração, teu casebre é um palácio*", "*Deus saúda! Entre, e traga sorte para dentro*"; higiênico-disciplinador: "*O enfeite da casa é a limpeza*", "*A hora da manhã tem ouro na boca*"; ou doméstico: "*O enfeite da casa é o próprio fogão, quem não crê nisso, não vale nada*". Aliás, estes camponeses, no caso do Rio Grande do Sul, faziam muito mais o gênero do "gaúcho" do que do "alemão", pois se reuniam no alpendre para "tomar um mate" e "prosear", enquanto os panos "nazis" compunham o quadro de fundo para as fotos da época.³⁴¹

Nas terras de Guabiruba, em Santa Catarina, a camponesa Ana Boos, "*mãe de onze filhos, casada com um professor da área rural, Carlos Boos, e cuidando de tudo na casa como sua mãe o fizera, assistiu à cena em que desconhecidos penetraram em sua casa, tiraram das paredes os quadrinhos e panos bordados com palavras de estímulo moral em alemão e que haviam composto o enredo de toda a sua vida. Da mesma maneira viu, nos túmulos dos seus antepassados, serem apagadas das lápides os dizeres que enalteciam suas vidas, na língua e na cultura que implantaram na região.*"³⁴² Os dizeres em alemão que se liam nos seus quadrinhos não tinham nenhum significado político e muito menos constituíam palavras de ordem que pudessem se vincular aos ideais nazi. Ao

³³⁹ Esses panos em geral chamavam a atenção na parede da cozinha das casas pelo contraste das cores: alguns deles eram de linho branco com barras de cetim vermelho. No centro palavras e flores bordadas na mesma cor. Em geral eram confeccionados pelas mulheres como enxoval para casamento. FLORES, Hilda Agnes Hübner. Canção dos Imigrantes. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias do Sul, 1983. p.141.

³⁴⁰ MÜLLER, Telmo Lauro. Depoimento. São Leopoldo, 13.06.97.

³⁴¹ Panos e fotos expostas no Museu Histórico de São Leopoldo, RS.

³⁴² RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 208.

contrário, eram dizeres de uma moral ingênua e de uma religiosidade popular que significavam, em português, algo como *"Tudo está sob as bênçãos de Deus"*.

As preocupações das autoridades voltaram-se também para os poloneses e seus descendentes, que estiveram submetidos, sobretudo no Paraná, a uma série de estereótipos construídos historicamente que acabaram transformando-os em "polacos".³⁴³ Neste sentido um dos nacionalizadores da década de 30 escreveu:

"O mesmo que, para o caso das colônias alemãs, aconteceu por parte do poder público quanto às colônias polacas: deixaram-nas em absoluto isolamento, enquistadas no coração do Paraná, por 50 anos a fio, mantendo seus costumes, línguas e tradições.

*Considerados por todos como núcleos inofensivos de pacatos agricultores, surpreenderam extraordinariamente, quando iniciada a Campanha de Nacionalização: começaram a aparecer as denúncias e os fatos, e, mais ainda, quando fechadas as associações e partidos, entrou-se no âmago da União Central dos Polacos no Brasil, e através de seus arquivos, se pôde surpreender documentos simplesmente alarmantes."*³⁴⁴

A expressão "polaco" adquiriu uma conotação negativa e o polonês, bem como seus descendentes, foram associados ao negro, quando se tratava de desqualificar ou segregar integrantes da sociedade paranaense. Desta forma as conclusões de uma pesquisa feita entre os anos 1956 e 1957 delineou a imagem do polonês difundida entre alunos dos Cursos Normal, Colegial e Técnico de Comércio em Curitiba³⁴⁵:

*"Assim, presentemente, para determinados grupos raciais ou camadas sociais, o polonês é um indivíduo dado a bebidas alcóolicas; que teria dificuldade para aprender a língua portuguesa; que teria inclinação especial pelas atividades agrícolas; cujas filhas teriam predileção pelas atividades domésticas; etc."*³⁴⁶

No caso do Rio Grande do Sul, estudos evidenciaram que os imigrantes e seus descendentes exerceram sempre um papel subalterno desde o início do período republicano, permanecendo nesta situação durante toda a Primeira República, Revolução de 30 e República Nova, quando as disputas entre as oligarquias não os deixaram aparecer enquanto elementos significativos. Em razão disto, os imigrantes não receberam papéis de destaque na literatura de

³⁴³ IANNI, Octávio. "Do polonês ao polaco". *Revista do Museu Paulista*, N.S., v. 12. 1960. pp. 338.

³⁴⁴ BETHLEM, Hugo. *Vale do Itajaí, jornadas de civismo*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1939. p. 53-54.

³⁴⁵ IANNI, Octávio. Op. Cit. p. 326.

³⁴⁶ Idem p.320.

ficção, relegados ao "*esquecimento*" dentro da "*galeria dos heróis literários gaúchos*". Esta ausência se refere apenas à ficção oficial, produzida em geral por literatos gaúchos de origem luso-brasileira, com interesses pautados nas estâncias e nos valores universais da burguesia brasileira e européia. Quando se tratou de edições autônomas ou de almanaques em língua estrangeira, a presença do imigrante é uma constante.³⁴⁷

A dispersão, as preocupações com o isolacionismo e com a não assimilação, pelos núcleos culturais, dos ideais de brasilidade foram as razões das intervenções das autoridades brasileiras, particularmente do exército, junto às populações de origem estrangeira. As cidades de Santa Catarina, particularmente as do vale do rio Itajaí, foram das que mais despertaram a atenção dos governantes. A iniciativa fez parte de um movimento que tentava estender o controle estatal sobre regiões não submetidas aos padrões de homogeneidade que o Estado Novo pretendeu fixar.

Em 1938, a legislação federal determinou que a fiscalização evitasse a constituição de núcleos coloniais estrangeiros de uma só nacionalidade, tornando obrigatório o estabelecimento de escolas primárias regidas por brasileiros natos. Determinou também que nenhum estabelecimento comercial ou industrial dos núcleos poderia ter nomes estrangeiros.³⁴⁸ O Governo Nereu Ramos já havia proibido, alguns meses antes, nomes estrangeiros para núcleos populacionais ou escolas catarinenses.³⁴⁹

Para melhor controlar a distribuição dos estrangeiros no país, foi criado o Conselho de Imigração e Colonização.³⁵⁰ A Secretaria de Segurança Pública de Santa Catarina criou o Serviço de Estrangeiros, destinado a fiscalizar a permanência destes no território nacional.³⁵¹

Aos estrangeiros ficou vedado organizar, criar ou manter sociedades, fundações, companhias, clubes e qualquer estabelecimento de caráter político,

³⁴⁷ WEBER, João Hernesto. "O imigrante na ficção gaúcha". In: DACANAL, José Hildebrando. RS: imigração & colonização. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996. p. 257-258, 260.

³⁴⁸ Decreto n. 3.010. Rio de Janeiro, 20.08.1938.

³⁴⁹ Decreto n. 35. Florianópolis, 13.01.1938.

³⁵⁰ Decreto n. 3.010. Rio de Janeiro, 20.08.1938.

³⁵¹ Decreto-Lei n. 239. Florianópolis, 5.12.1938.

ainda que não tivessem por fim exclusivo a propaganda ou difusão de idéias, programas ou normas de ação de partidos políticos do país de origem. A mesma proibição se estendeu ao funcionamento de sucursais e filiais, ou à ocupação de funções de delegados, prepostos, representantes e agentes de sociedades, fundações, companhias, clubes e quaisquer estabelecimentos dessa natureza, que tivessem no estrangeiro a sua sede principal ou a sua direção.³⁵²

Ficava também proibido manter jornais, revistas ou outras publicações, estampar artigos e comentários na imprensa, conceder entrevistas, fazer conferências, discursos, alocações - diretamente ou por meio de telecomunicação -, empregar qualquer outra forma de publicidade e difusão com objetivos políticos. No caso de associações com fins culturais, beneficentes, de assistência ou clubes: não poderiam receber subvenções, contribuições ou auxílios de governos estrangeiros, de entidades ou pessoas domiciliadas no exterior. Estas medidas também se referiam às escolas e outros estabelecimentos educativos mantidos por estrangeiros ou brasileiros, e por sociedades de qualquer natureza, fim, ou domicílio.³⁵³

Já havia sido proibida anteriormente a circulação de qualquer periódico em língua estrangeira e as transmissões radiofônicas.³⁵⁴

As associações de caráter privado, sujeitas agora à orientação e fiscalização do Departamento de Educação, quanto à instrução cívica, educação física e cultura, ficavam proibidas de contratar professores ou instrutores estrangeiros. Essas associações deveriam obedecer às regulamentações referentes à nacionalização, sendo que um exemplar de todo o material comemorativo de datas ou acontecimentos nacionais seria enviado ao inspetor escolar da localidade, para a devida aprovação.³⁵⁵

O Ministério da Justiça e Negócios Interiores poderia ordenar a interdição de sedes e locais onde se exercessem atividades políticas por estrangeiros, bem

³⁵² Decreto-Lei n. 383. Rio de Janeiro, 18.04. 1938.

³⁵³ Idem.

³⁵⁴ Em 7 de fevereiro de 1938. TRINDADE, Héglio. "Integralismo, o fascismo brasileiro na década de 30". São Paulo, Rio de Janeiro, Difel, 1979. p. 304-305. APUD CANCELLI, Elizabeth. O mundo da violência; a polícia da era Vargas. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994. p.135.

³⁵⁵ Decreto-Lei n. 76. Florianópolis, 04.03.1938.

como vetar a realização de reuniões, conferências, discursos, comentários e qualquer meio de propaganda ou difusão dessas atividades. Poderia suspender, temporária ou definitivamente, quaisquer jornais, revistas e outras publicações, e fechar as respectivas oficinas gráficas.³⁵⁶ Foi regulamentada a expulsão dos estrangeiros que, por qualquer motivo, comprometessem a segurança nacional, a estrutura das instituições ou a tranquilidade pública.³⁵⁷

Paralelamente às medidas proibitivas, algumas iniciativas foram tomadas no sentido de afirmar a política nacionalizadora, como a regulamentação da nacionalidade brasileira³⁵⁸, o estabelecimento de diversos feriados nacionais³⁵⁹, a organização e proteção do patrimônio histórico e artístico nacional³⁶⁰, a construção de um monumento em homenagem ao autor do Hino Nacional³⁶¹, a padronização dos símbolos nacionais e regulamentação de sua apresentação³⁶², a organização dos Congressos de Brasilidade e das Conferências Nacionais de Educação e Saúde³⁶³ e a construção do Estádio Nacional.³⁶⁴

Para ocupar a lacuna deixada pelas antigas associações de descendentes de imigrantes que haviam sido proibidas, o governo estimulou o "espírito associativo" que fundamentou a criação de novos clubes, como a "Sociedade Pereira Barreto" e a "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres":

*"(...) os clubes agrícolas do sul do Brasil estão prosperando. São Paulo com a 'Sociedade Pereira Barreto', o interior do Paraná, Santa Catarina, Minas Gerais e ainda o Estado do Rio e o Distrito Federal, com a 'Sociedade dos Amigos de Alberto Torres', que tem criado grande número de clubes agrícolas, apresentam um trabalho contínuo de distribuição de sementes e de disseminação de idéias, por meio de conferências ou material impresso. Amanhã mesmo, distribuiremos às professoras, no grupo escolar, grande quantidade de fascículos da Sociedade Alberto Torres e, nesse momento, conversarei, detalhadamente, sobre as possibilidades da escola, no fortalecimento da propaganda cooperativista."*³⁶⁵

³⁵⁶ Decreto-Lei n. 383. Rio de Janeiro, 18.04. 1938.

³⁵⁷ Decreto-Lei n. 329. Rio de Janeiro, 27.04.1938.

³⁵⁸ Decreto-Lei n. 389. Rio de Janeiro, 25.04.1938.

³⁵⁹ Lei n. 108. Rio de Janeiro, 29.10.1935.

³⁶⁰ Decreto-Lei n. 25. Rio de Janeiro, 30.11.1937.

³⁶¹ Lei n. 524. Rio de Janeiro, 5.10.1937.

³⁶² Decreto-Lei n. 4.545. Rio de Janeiro, 31.07.1942.

³⁶³ Respectivamente Decreto-Lei n. 3.877. Rio de Janeiro, 4.12.1941 e Decreto-Lei n. 6.788. Rio de Janeiro, 30.01.1941.

³⁶⁴ Decreto-Lei n. 3.904. 05.12.1941.

³⁶⁵ ALVES, Isaias. Educação e brasilidade; idéias forças do Estado Novo. RJ/SP, José Olímpio, 1938. p. 31-32.

Para garantir o uso da língua portuguesa foi criado o Instituto Nacional do Livro, que passou a organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional. Este instituto adotou uma política para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país, incentivando a organização e auxiliando a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional.³⁶⁶ A coleção Brasileira, da Companhia Editora Nacional, lançava títulos na área lingüística, tais como: "*Léxico de Lacunas*", "*Vocabulário de omissões*", "*Coletânea de falhas*" e "*Insuficiência e deficiência dos grandes dicionários portugueses*". Também os textos de História e Geografia foram revistos com objetivo de suprimir os tópicos que pudessem levar a juventude a ter qualquer tipo de aversão ao povo americano.³⁶⁷

A ortografia do idioma, utilizada nas escolas e nas repartições públicas, foi simplificada e uniformizada em acordo feito com Portugal. Esta simplificação passava pela eliminação das consoantes mudas e geminadas e pela conservação da forma vernácula dos nomes próprios estrangeiros.³⁶⁸ Foi regulado o uso da ortografia em todo o país, com objetivo de adotar um vocabulário oficial definitivo, fundado no "*Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa*", organizado pela Academia Brasileira de Letras, de acordo com a Academia de Ciências de Lisboa, e publicado em 1932. Essa ortografia foi tornada obrigatória sobretudo nos livros didáticos.³⁶⁹

No sul do país foram publicados cadernos sobre a nova ortografia, como o de Henrique Fontes, editado pela Livraria Moderna de Florianópolis em 1931. O autor defendia a unidade do falar e escrever para o Brasil e Portugal, dando mais ênfase à unidade sintática. Propunha, entretanto, tolerância na pronúncia brasileira, numa clara defesa do falar regional. Levantou também possibilidades de a nova ortografia não ser legitimada popularmente:

"Não pareçam estas palavras explosão de rebeldia contra a manutenção da unidade de falar e escrever no Brasil e Portugal.

³⁶⁶ Decreto-Lei n. 93. Rio de Janeiro, 21.12.1937.

³⁶⁷ Decreto n. 24.395. Rio de Janeiro, 13.06.1934.

³⁶⁸ Decreto n. 20.108. Rio de Janeiro, 15.06.1931.

³⁶⁹ Decreto-Lei n. 5.186. Rio de Janeiro, 13.01.1943.

Pelo contrário. Fui e sou partidário dessa manutenção, mormente e intransigentemente na sintaxe, que é força intermolecular da língua. Defendo, porém, a legitimidade da prosódia brasileira, bem como do contingente vocabular brasileiro.

E é justamente a defesa da prosódia brasileira, e das variantes de prosódia no Brasil, conjugada com a defesa da unidade do idioma, que dá causa a desejar que letras, mudas para uns, mas soantes para outros, fossem conservadas, e que também conservadas fossem outras insonoras, mas que razões ponderáveis justificassem, e outras cuja só presença desvenda o sentido da palavra, isto é: desejaria a variedade da pronúncia dentro da unidade de escrita.

(...)

Mas estamos diante de um fato, ou de um facto, como se diz e escreve em Portugal: o acordo ortográfico assinado por doudas sociedades daquém e dalém-mar e homologado pelos governos dos dois países. Pode ser que o veredictum popular não homologue o ato oficial. Aos de boa vontade cumpre, entretanto, vulgarizar as bases da escrita nova, para que esse veredictum se pronuncie com conhecimento de causa."³⁷⁰

O Serviço de Radiodifusão Educativa foi implantado pelo Ministério da Educação e Saúde para auxiliar a educação e o ensino e promover a irradiação de programas científicos, literários e artísticos de caráter educativo informando e esclarecendo quanto à política de educação no país. Tal Serviço tinha a função de selecionar músicas e discos para os programas da estação transmissora e organizar programas de estúdio, cursos e palestras com professores, artistas e cientistas consagrados no país.³⁷¹ As companhias líricas, nos dias de festa, deveriam representar óperas de autores brasileiros, com libreto na língua nacional.³⁷² O canto do Hino Nacional foi tornado obrigatório nos estabelecimentos de ensino e nas associações de fins educativos, como as associações desportivas e de radiodifusão.³⁷³

Num investimento para educar física e espiritualmente a juventude brasileira, e como alta expressão da cultura e da energia nacionais, o Governo Vargas criou o Conselho Nacional de Desportos, estabelecendo as bases para disciplinar a organização das associações e entidades desportivas no país.³⁷⁴ Aliás, sobre a juventude incidiram outras regulamentações, como a organização de uma instituição nacional denominada "Juventude Brasileira", destinada a

³⁷⁰ FONTES, Henrique. *A nova ortografia*. Editora Livraria Moderna, Florianópolis, 1931. p. 5-6.

³⁷¹ Decreto n. 11.491. Rio de Janeiro. 04.02.1943.

³⁷² Decreto-Lei n. 4.641. Rio de Janeiro. 01.09.1942.

³⁷³ Lei n. 259. Rio de Janeiro, 01.10.1936.

³⁷⁴ Decreto-Lei n. 3.199. Rio de Janeiro, 14.04.1941.

promover, dentro ou fora das escolas, a educação cívica, moral e física da juventude. A educação visando estes três aspectos se tornou obrigatória não apenas para os jovens, mas também para as crianças. Além destes fins, a "Juventude Brasileira" tinha uma política voltada para a educação intelectual, artística e religiosa dos jovens, atingindo também suas finalidades através da realização de formaturas, solenidades, demonstrações, trabalhos, exercícios, excursões, viagens e divertimentos. Promovia cursos para conhecimentos elementares dos assuntos relativos à defesa nacional, terrestres ou marítimos.³⁷⁵

Na "Juventude Brasileira" deveriam se inscrever as crianças e jovens matriculados nos estabelecimentos de ensino oficiais e fiscalizados. Esta instituição foi colocada sob a alta vigilância do Presidente da República, sendo administrada por um Conselho Supremo, integrado pelos Ministérios da Educação, da Guerra e da Marinha. Nos Estados, a coordenação das atividades educativas da "Juventude Brasileira" ficava ao encargo do governo estadual. Foram criados os centros cívicos, nas escolas ou fora delas, em todas as cidades e demais povoações do território nacional - estabelecimentos destinados à realização das atividades dos jovens, que deveriam prestar constantemente culto à Bandeira Nacional e cantar, a cada dia, o Hino Nacional.³⁷⁶

Segundo o decreto, as práticas de formaturas da "Juventude Brasileira", passavam a ser exercícios de concentração e deslocamentos, visando sobretudo a criação da disciplina e do entusiasmo. As formaturas eram ordinárias ou extraordinárias, e se realizavam nos centros cívicos, como exercícios de instrução; ou em público, com o caráter de solenidade. As solenidades onde ocorriam formatura da "Juventude", poderiam ser grandes comemorações nacionais, ou festas de caráter local.³⁷⁷ Para essas comemorações foi criado o estandarte ou vexilo da "Juventude Brasileira".³⁷⁸ Uma formatura geral era feita a cada ano para comemoração da Independência do Brasil.³⁷⁹

³⁷⁵ Decreto-Lei n. 2.072. Rio de Janeiro, 08.03.1940.

³⁷⁶ Idem.

³⁷⁷ Idem.

³⁷⁸ Decreto n. 7.807. Rio de Janeiro, 05.09.1941.

³⁷⁹ Decreto-Lei n. 2.536. Rio de Janeiro, 27.08.1940 e Decreto-Lei n. 3.546. Rio de Janeiro, 22.08.1941.

Além da legislação proibitiva e da institucionalização de práticas de conduta conectadas ao projeto nacionalizador, o Estado Novo difundia textos escritos que propagandeavam, difundiam e faziam circular imagens negativas do estrangeiro e do tipo de país ou nação a ser construída, ou consolidada, naquele momento. O Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda em Santa Catarina, subordinado ao DIP, além de exercer a censura ao teatro e cinema e de superintender os serviços de divulgação e de informação³⁸⁰, foi o principal agente elaborador de textos que cumpriram esta última finalidade.

As formas de controle social referenciadas na política varguista atingiram Santa Catarina particularmente durante o governo de Nereu Ramos, sob a forma do controle do uso da língua, principalmente através de um investimento nacionalista que incidiu sobre a população catarinense de origem estrangeira, concentrada nas áreas das antigas colônias de imigrantes.

As intervenções incidiram sobretudo sobre o uso da língua, que foi alvo de uma política nacionalizadora desencadeada a partir de 1938, concentrada prioritariamente nas regiões de colonização alemã. Essas regiões eram, na ótica dos governantes, as que mais ameaçavam os ideais de unificação nacional, pela vigorosa conservação dos costumes e tradições da pátria de origem. A ameaça que constituía a autonomia sob a qual funcionavam as escolas catarinenses foi atacada com a centralização e controle do uso da língua nacional pelo Estado, concretizada através de uma série de medidas como a proibição do uso da língua estrangeira nos estabelecimentos escolares, fiscalizada pela Superintendência Geral do Ensino³⁸¹ e pela Inspetoria Geral das Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino.³⁸²

Ao mesmo tempo em que se consolidava a noção de Estado Brasileiro e de padrões de unidade e homogeneidade, a noção de Língua Nacional e da necessidade do seu uso se reforçava. Esta noção, ou padrão, se impunha e sobrepunha sobre grupos que tinham "falares locais": falavam o "açoriano" - uma espécie de dialeto que é comum no litoral, sobretudo nas praias da ilha de Santa

³⁸⁰ Decreto n. 996. Florianópolis, 19.06.1941.

³⁸¹ Criada pelo Decreto-Lei n.100. Florianópolis, 27.04.1938.

³⁸² Jornal "Diário Catarinense" 03-09-1988:4.

Catarina, que popularmente ficou conhecido como o "falar manezinho"³⁸³-, falavam italiano, alemão, polonês, austríaco, dialetos diversificados e mistura dessas línguas com o português.

A questão da língua se tornava estratégica: o controle sobre o seu uso passou a se constituir num elemento de significativa importância para garantir a homogeneidade cultural, a afirmação do Estado sobre a sociedade e a integridade da nação. Os grupos resistiram sobretudo através da afirmação de sua cultura, de suas tradições, e, evidentemente, da sua língua.

O Estado Brasileiro cumpria o papel, naquele momento, de padronizar a fala, de tornar único um falar que fugia às possibilidades de controle oficial. No caso das cidades que haviam resultado de antigas colônias alemãs, onde se ensinava, aprendia e falava o alemão nas escolas e no espaço doméstico, onde o espaço público estava povoado de eventos em idioma alemão, como apresentações de música, canto, teatro, tudo foi proibido. As peças de teatro passaram a ser apresentadas em português e, no caso de Blumenau, o Teatro Frohsinn teve o seu nome mudado para Carlos Gomes. Além de proibir falar, ler e cantar em alemão em toda a esfera pública, particularmente nas escolas, clubes de caça e tiro, de ginástica e nas associações de canto, também nas casas foi proibida qualquer manifestação em língua estrangeira.³⁸⁴

As intervenções sobre os diferentes grupos sociais existentes se pautavam na tendência que pretendia constituir formas de unidade cultural, visando à unidade política em torno da nação brasileira. Esta unidade deveria ser capaz de atingir com eficiência grande parte dos membros da sociedade, alistando-os na órbita de um minucioso poder que objetivava novas individualidades. A pretensa igualdade entre os homens na esfera pública foi atribuída à sociedade de massas por Hannah Arendt, para quem o nivelamento dos comportamentos teria exigido dos homens que conservassem um certo conformismo, muito próprio de um estágio avançado da evolução moderna.³⁸⁵

³⁸³ Do tradicional nome Manuel, muito comum entre descendentes de açorianos.

³⁸⁴ Idem. p. 85.

³⁸⁵ ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989. p. 49, 50, 51.

As tentativas de padronizar hábitos e comportamentos, dirigidas para atingir formas de igualdade nas condutas humanas, tiveram lugar em um país que aspirava a se constituir enquanto nação, e para tal parecia necessário que conservasse entre seus membros unidade de opiniões e interesses. Esta maneira de intervir na realidade sócio-cultural catarinense, que consolidou a prática política do governador do Estado, se referenciava na orientação de Vargas, conforme o discurso de Nereu Ramos:

*"Não pode, portanto, surpreender a quem quer que seja, tome o Estado Novo, de vez e definitivamente, providências para reintegrar dentro na alma do Brasil os que, nele tendo nascido, dela se acham na realidade apartados pela língua, pela educação, pelos costumes, pelas tradições"*³⁸⁶

Os "apartados" a quem essas palavras se referem eram as inúmeras populações de origem estrangeira que habitavam Santa Catarina, e que insistiam em se conservar fiéis às tradições da nação da qual procediam:

*„(...) dever nosso , impedir que os que aqui nasceram e aqui vivem, ao invés de à língua e às tradições do Brasil, se refiram às de outros povos e de outras nações. Respeitamos os estrangeiros nos direitos que lhes asseguramos, por isso que são valiosos elementos de colaboração para o nosso progresso. Mas nem porque os recebemos com a doçura do nosso temperamento; nem porque os acolhemos com a hospitalidade que é traço inconfundível do nosso caráter, abrimos mão do direito, que nos é fundamental como nação soberana, de orientar e dirigir a formação moral e cívica dos que nasceram no Brasil e brasileiros são".*³⁸⁷

A "formação moral e cívica", da qual Nereu Ramos fala, foi tomada na época como a condição essencial para que se constituísse, em Santa Catarina, um cidadão que tivesse a sua conduta referenciada naquilo que se concebia enquanto nacionalidade brasileira. O investimento nesse tipo de formação - ou educação - do cidadão pode ter atingido com eficiência a subjetividade dos homens, a partir de dispositivos que perpassaram os textos emitidos pelo Estado, pelos intelectuais da época e pela imprensa. No que se refere à propaganda, era uma das funções do Departamento Estadual de Propaganda a organização de festas, manifestações cívicas, além de outras funções de âmbito cultural:

³⁸⁶ RAMOS, Nereu. "Oficina de Trabalho e atividade realizadora"; discurso proferido em Blumenau, no banquete oferecido ao Sr. General Meira de Vasconcelos, no dia 30 de maio de 1938. In: _____ . Discursos. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1943. p. 18, 19.

"(...) o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (...) terá a seu cargo:

(...)

*e) promover, organizar, ou patrocinar manifestações cívicas e festas populares com intuito patriótico, educativo ou de propaganda turística, concertos, conferências, demonstrações das atividades do Governo, bem como exposições de arte brasileira."*³⁸⁸

As intervenções sobre as populações estrangeiras nos anos 30/40 se vincularam a um projeto que se afirmou a nível nacional sob a orientação de Vargas, e que já estivera em pauta no programa que a Aliança Liberal tentou implantar a partir do Movimento de 30. Esse projeto lançou os fundamentos de uma política de controle social eficiente que reforçou a ingerência do Estado sobre a sociedade civil e que teve como seu ponto alto a implantação de um regime forte e autoritário em 1937. O Estado Novo se apresentou, conforme Lenharo, *"como o único sujeito histórico adequado ao país para aquele momento"*, capaz de *"intercambiar febrilmente fórmulas e experiências que pretendiam congelar os focos de tensão da história e resolver, definitivamente a questão social"*.³⁸⁹ As tensões sociais às quais se refere Lenharo se evidenciaram de diferentes maneiras no Brasil da Primeira República. Estiveram presentes em meio à população catarinense, sob a forma de resistências diversas, manifestadas como reação às tentativas de afirmação de um projeto nacionalizador sobre a sociedade, que atingiu o cotidiano dos homens, ao nível tanto das individualidades como da coletividade. Atingiu tanto as escolas controladas pelos descendentes de imigrantes em Santa Catarina como também o ensino religioso, a imprensa e as associações recreativas.

No que diz respeito especificamente à religiosidade dos grupos de origem alemã no sul do Brasil, já vimos como as religiões protestantes, sobretudo a Igreja Evangélica Alemã, haviam se afirmado entre as comunidades imigrantes. Agora, diante da Pátria Nova de Getúlio, a concepção de "entidade católica" toma lugar privilegiado e se afirma contra os estrangeirismos. O discurso de Vargas aos bispos brasileiros é elucidativo no sentido de que reconhece e reafirma a tradição do catolicismo ao longo de toda a história do Brasil:

³⁸⁷ Idem. p. 19.

³⁸⁸ Decreto n. 996. Florianópolis, 19.06.1941.

*"No Brasil colônia, no Brasil Império, no Brasil República, o lugar da Igreja Católica está marcado em destaque, como fator preponderante na formação espiritual da raça, e as suas doutrinas e ensinamentos constituem as bases da organização da família e da sociedade."*³⁹⁰

Lenharo identificou em Roberto Simonsen, durante o Estado Novo, uma tendência em acatar o discurso católico quando se refere à *"pureza da sua doutrina, a superioridade dos seus dogmas e o esplendor das suas leis morais"*. Além disto, ainda conforme Lenharo, através de um movimento de *"utilização discursiva de imagens enquanto recurso de auto-representação"*, o Estado Novo deu lugar à introdução da imagem de Cristo crucificado nas fábricas paulistas, a partir da sugestão dada pelo arcebispo de São Paulo à FIESP. A imagem da cruz se consolidava para um país que fazia do trabalho o seu lugar privilegiado: ela estava no céu - no Cruzeiro do Sul -; no primeiro nome da nação - Santa Cruz; e por que não figurar nos diferentes espaços da sociedade, sobretudo nas fábricas e na FIESP, para abrigar os espíritos e criar um ambiente propício à paz social e ao estreitamento dos laços entre patrões e empregados?³⁹¹

Referindo-se à obra *"Assimilação e populações marginais do Brasil"*, de Emilio Willems, para argumentar que os próprios alemães entendiam a Igreja Evangélica como um dos elementos desintegrantes do espírito nacional, o Secretário da Justiça, Educação e Saúde do Estado de Santa Catarina, Ivo D'Aquino, cita a frase encontrada entre os teuto-brasileiros do sul catarinense: *"bom protestante não pode ser bom brasileiro e um bom brasileiro não pode ser bom protestante, desde que este seja membro da Igreja Evangélica Alemã"*.³⁹²

D'Aquino fez ainda outras denúncias como a de que a única língua usada nas práticas religiosas era o alemão; que, em cidades como Porto Alegre, São Leopoldo, Curitiba, Blumenau Joinville e Brusque, o núcleo da Igreja Evangélica era composto por funcionários enviados pelas autoridades da Alemanha; que esses funcionários permaneciam geralmente por um período de cinco anos, para a germanização dos países estrangeiros; que esses núcleos não se deixavam

³⁸⁹ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas, Papirus/Editora da UNICAMP, 1986. p. 13.

³⁹⁰ VARGAS, Getúlio. "O Brasil sob o símbolo da cruz". In: _____. *A nova política do Brasil*; 1938-1939. Rio de Janeiro, José Olympio, v. 6, p. 275.

³⁹¹ LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Op. Cit. p. 170-172.

influenciar pelo meio social e cultural brasileiro; que o pastor que falasse a língua portuguesa costumava ser considerado traidor por setores da igreja evangélica; que a igreja evangélica estava intimamente ligada à sociedade escolar teuto-brasileira; e que o objetivo de ambas era unicamente o de germanizar os descendentes de alemães nascidos no Brasil. Por estas razões, D'Aquino argumentou que era impossível as autoridades de Santa Catarina não entrarem em confronto direto com os pastores evangélicos, quando iniciada a campanha da nacionalização do ensino.³⁹³

Algumas interpretações reforçam a noção de que os conflitos se configuraram entre o governo de Nereu Ramos, do Partido Liberal, que chegara ao poder em 30 e seus opositores, os Konder, do antigo Partido Republicano. Reforçam, desta forma, o argumento de que a adesão ao integralismo se fundamentou ou numa luta entre classes sociais ou numa questão de dominação na região, atribuindo-se a adesão ao integralismo a uma situação política criada em Santa Catarina após a vitória da Aliança Liberal.

Para se contrapor às freqüentes associações do conflito com uma polarização entre "brasileiros" e "estrangeiros", estas interpretações colocam a questão das oligarquias, das lutas entre latifúndio e indústria e litoral e planalto, reconhecendo a existência de vínculos entre os Ramos - vitoriosos em 30- com os "brasileiros", com o planalto e com o latifúndio. Os Konder - ligados à Primeira República- são associados aos estrangeiros, à Blumenau e ao poder industrial. Frequentemente relacionam as razões das adesões ao integralismo aos ataques do Governo Nereu Ramos às colônias alemãs no pós 30, tomando o marco "1930" como aquele momento onde teriam se desencadeado perseguições governamentais na região.

As razões da dispersão, particularismos, fragmentação do território, descentralização política e falta de conhecimento sobre os diversos Estados do Brasil e comunidades afastadas foram atribuídas à atuação das oligarquias que dividiam o poder nas regiões. Com base no argumento de luta contra tais facções oligárquicas, o governo Vargas justificou a política de intervenção.

³⁹² D'AQUINO, Ivo. Nacionalização do Ensino: aspectos políticos. Op. Cit. p. 35.

Paradoxalmente, como parte do jogo político que buscou afirmar a "nova realidade" brasileira dos anos 30, nomeou como representantes, ou interventores, justamente membros das famílias conhecidas por manterem controle "oligárquico" das políticas estaduais. Este foi o caso de Nereu Ramos, em Santa Catarina.

Significativo, para uma nova abordagem do tema, é desviar o centro das atenções da análise de uma discussão que toma como referencial tão-somente a questão partidária ou nacionalizadora, para buscar o entendimento de tal ordem de conflitos numa ótica divergente daquela apresentada até então pela historiografia que trata do tema. A questão não parece estar restrita nem aos parâmetros de uma luta entre oligarquias, nem entre litoral e planalto, ou ainda entre latifúndio e indústria, ocultada pela oposição brasileiros/estrangeiros. Não parece pertinente tomar como referência apenas os acontecimentos posteriores a 1930, porque não é o caso de reafirmar que, porque os Konder haviam dominado até então, os Ramos, vitoriosos em 1930, intervieram nas cidades povoadas por teuto-brasileiros. Essas intervenções já ocorriam com frequência anteriormente. A documentação da época evidencia que foram constantes as regulamentações junto às comunidades de origem estrangeira em Santa Catarina, desde os inícios do século XX, sobretudo do uso da língua nas escolas

O que cabe considerar neste trabalho é que as populações que falavam a língua alemã ou italiana e que mantinham uma rede escolar autônoma resistiram às políticas nacionalizantes vigentes no Estado Novo. Resistiram à racionalidade que ensaiava se impor pela via do controle do uso da língua. As práticas intervencionistas nacionalizantes se referendavam numa tendência homogeneizante e unificadora, que veio a se confrontar com a prática de grupos que manifestavam uma face pluralista e diversificada.

Os conflitos entre Estado e populações catarinenses do vale do Itajaí nas décadas de 30/40 não podem ser explicados com base na oposição germanismo-nazismo / integralismo. Ao contrário, as atenções podem ser deslocadas para o âmbito de uma luta pela manutenção de práticas culturais autônomas frente a um

³⁹³ Idem p. 35-36.

movimento de caráter homogeneizante, referenciado nos princípios da brasilidade. Esse movimento, levado a termo pelo Estado e apoiado por alguns segmentos sociais de Santa Catarina, a despeito das diferenças apresentadas pelas populações catarinenses da época - que persistiam, ou insistiam, em manter os seus hábitos e suas tradições culturais -, tentava implantar uma ordem nacional unificante. Neste sentido ganha importância a questão "linguagem", enquanto espaço de representação do mundo, de permanente recriação das experiências e vivências dos grupos populacionais catarinenses.³⁹⁴ Assim, a questão do nazismo, do integralismo ou do fascismo, não importa o nome, veio à tona, no sul do Brasil, enquanto discurso, vinculada não apenas à afirmação de princípios difusos de brasilidade, mas dando sustentação a uma ampla campanha de caráter nacionalizante. Além disto, tratava-se de colocar sob controle do Estado um núcleo industrial significativo construído pelos alemães. Tornara-se urgente, para o Estado e elites emergentes, nacionalizar essa economia industrial.

Os agentes do nacionalismo de Vargas perceberam muito bem que quebrar a unidade lingüística significava solapar as bases de uma unidade cultural, de um elo de união muito forte que mantinha os grupos; significava tirar dos grupos possibilidades de se auto-gerir. Esta mesma operação abria ao Estado caminhos para controle dos padrões de conduta dos grupos do sul do Brasil e, muito importante também, para o controle dos resultados do trabalho desses mesmos grupos.

Não parece procedente pautar as explicações no argumento "etnia", no sentido como vem sendo tratado, tradicionalmente, pela historiografia que trata a temática. A possibilidade seria, talvez, a de deslocar as atenções da análise para considerar o elemento cultural muito mais no sentido que a noção de "cultura" tem de social que de biológico. Assim, para o entendimento da emergência de conflitos na sociedade catarinense das décadas de 30/40, não é o caso de remontar às origens da população, mas de se ater à apreensão da situação dos grupos nos limites do espaço e sociedade da época. Embora em certos momentos a questão "origem" possa ter sido reverenciada pelos grupos, a explicação para a

³⁹⁴ CHEVALIER, Jean-Claude. "A língua; lingüística e história". In: LE GOFF, Jacques & NORA,

emergência das lutas não foi buscada, neste trabalho, na persistência em manter as tradições da pátria-mãe. O entendimento dos embates entre as populações de origem alemã ou italiana e o Estado - aliado a outros segmentos da sociedade catarinense -, foi colocado no âmbito de questões referenciadas ao nível da situação dos grupos frente ao Estado ou frente à sociedade dos anos 30/40, ou seja, nos parâmetros dos conflitos entre grupos diferenciados que integravam a sociedade.

2.2. A IMAGEM DA NAÇÃO

Como então trabalhar o projeto nacionalizador? Que tipo de abordagem pode ser feita ou que explicações podem ser buscadas?

Delineiam-se algumas possibilidades explicativas para as lutas travadas entre nacionalistas brasileiros e descendentes de imigrantes. Caberia considerar que as décadas de 30/40 foram um momento particular em que o Estado empreendeu, de diversas formas, um movimento de afirmação sobre a sociedade, sobretudo sobre os grupos culturais que habitavam o sul do Brasil. Neste sentido se torna significativa a análise dos referenciais imaginários da população.

Castoriadis, quando se refere ao papel das significações imaginárias, levanta algumas possibilidades destas oferecerem respostas às questões que as sociedades colocam para si próprias. Segundo ele, certas definições são inerentes a toda e qualquer sociedade, constituindo-se em elementos diferenciadores da sua cultura. Essas definições, processadas ao nível do imaginário, colocam-se como alternativas necessárias para lacunas deixadas pelas instâncias da razão ou da racionalidade. Dessa forma, questões tais como *"quem somos nós, como coletividade? Quem somos nós, uns para os outros? Onde e em quê somos nós? Que queremos, que desejamos, o que nos falta?"*³⁹⁵ permitirão à sociedade construir sua relação com o mundo e configurar sua identidade. Ainda acrescenta que as perguntas ou respostas construídas pelo social são inerentes à vida, à atividade do grupo.³⁹⁶

Este "fazer social" a que se refere corresponde a um outro conceito muito importante no pensamento de Castoriadis, que é o conceito de "criação". A natureza humana teria, na sua essência, uma capacidade criadora que não estaria fechada, previamente definida, concluída ou determinada. Não estaria totalmente indeterminada, mas sim aberta, para o *vir a ser*. Esta é uma capacidade de fazer formas de existência coletiva ou individual, de instituições sociais, de linguagem,

³⁹⁵ CASTORIADIS, Cornélius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. p.177.

³⁹⁶ *"É no fazer de cada coletividade que surge como sentido encarnado a resposta a essas perguntas, é esse fazer social que só se deixa compreender como resposta a perguntas que ele próprio coloca*

e de elementos que ainda não estavam dados, no sentido de criar o novo. Estas novas formas são criadas por uma capacidade correspondente à imaginação e imaginário. Conceitos como criação, fazer social e imaginário estão aqui intimamente relacionados.³⁹⁷

Os estudos de Castoriadis, que discutem a todo momento com o marxismo, particularmente com o conceito de ideologia, ganharam significado para este estudo a medida que tomaram o imaginário enquanto uma instância instituinte.³⁹⁸

José Murilo de Carvalho³⁹⁹ pode dar algumas referências acerca das possibilidades de trabalhar com o imaginário da população brasileira na República, quando se baseia no enfoque de Baczkó⁴⁰⁰ para chamar a atenção para o aspecto de legitimidade que um regime político precisa ter junto às populações.⁴⁰¹

Ele toma aqui um aspecto importante para considerar o imaginário a partir de Baczkó, que desenvolve um enfoque centrado nos "*símbolos, alegorias, rituais e mitos*". Neste sentido, quando Baczkó se refere a Castoriadis, sugere que seu trabalho, assim como o de outros psicólogos e sociólogos do conhecimento, faz parte de discursos que "*reuniram as representações coletivas numa*

implicitamente." CASTORIADIS, Cornélius. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982. p.177.

³⁹⁷ CASTORIADIS, Cornélius. "A criação histórica e a instituição da sociedade" In: _____. A criação histórica. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1992. p. 88-89.

³⁹⁸ "(...) O mundo das significações cada vez instituído pela sociedade não é evidentemente nem uma réplica ou um decalque ('reflexo') de um mundo 'real', nem tampouco sem relação com um certo ser-*assim da natureza*. Que este deva ser 'levado em conta' na instituição do mundo pela sociedade, a sustente e a induz, pode parecer um truismo; este truismo é depositário daquilo que apareceu como, ao mesmo tempo, a verdade e a falácia necessária da lógica identitária-conjuntista. Aqui ainda podemos perguntar: a natureza sustenta e induz a organização do mundo pela sociedade - sustenta e induz o que e como? Ela não induz nem como causa (teríamos assim uma causa constante produzindo efeitos variáveis), nem como simples meio (meio de quê?), nem como 'símbolo' (símbolo de que e para quem?). E este em que ela induz, a instituição da sociedade e o mundo de significações correlativo, emerge como o *outro da natureza*, como criação do imaginário social" CASTORIADIS, Cornélius. A instituição imaginária da sociedade. Op. Cit. p. 399.

³⁹⁹ CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da república do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

⁴⁰⁰ BACZKO, Bronislaw. "Imaginário social". ENCICLOPÉDIA EINAUDI, v.5, Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

⁴⁰¹ "É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também - e é o que aqui me interessa - por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e

linguagem", que seriam trabalhos onde o "*imaginário social está assentado em um simbolismo que é ao mesmo tempo obra e instrumento*", onde "*o simbolismo e o sistema de símbolos adquirem notável estabilidade*". Que o símbolo "*é ao mesmo tempo concreto como o sinal, e repleto de relações estabelecidas, como o signo*"⁴⁰². Parece que o que incomoda Baczko no pensamento de Castoriadis é o fato de o conceito estar inscrito em planos diversificados e conseguir coabitar em duas regiões tão diferenciadas entre si. O imaginário social é instituído e instituinte ao mesmo tempo. Baczko não discorda, mas parece reforçar o segundo aspecto.

Ele concorda que não se possa estabelecer separações entre instâncias do real e do imaginário, e que, através da apropriação e controle dos símbolos, possa haver dominação. Os símbolos, fabricados pela sociedade, poderão entrar em confronto entre si. Esses confrontos poderão se traduzir em lutas que passarão a dominar um campo simbólico.⁴⁰³ É justamente no aspecto do carisma que Baczko discute uma questão fundamental para a abordagem do imaginário no seu próprio pensamento: a propaganda.⁴⁰⁴

medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também plasmar visões de mundo e modelar condutas". CARVALHO, José Murilo de. Op. Cit. p.10-11.

⁴⁰² BACZKO, Bronislaw. "Imaginário social". Op. Cit. p. 311.

⁴⁰³ "*O imaginário social é cada vez menos considerado como uma espécie de ornamento de uma vida material considerada como a única 'real'*"

(...)

Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência 'real', mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio. Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada têm de irrisório e não existem, efetivamente, em quantidade ilimitada. Alguns deles são particularmente raros e preciosos. A prova disso é que constituem o objeto de lutas e conflitos encarniçados e que qualquer poder impõe uma hierarquia entre eles, procurando monopolizar certas categorias de símbolos e controlar as outras. Os dispositivos de repressão e os poderes constituídos põem de pé, a fim de preservarem o lugar privilegiado que a si próprios se atribuem no campo simbólico, provam, se necessário fosse, o caráter decerto imaginário, mas de modo algum ilusório, dos bens assim protegidos, tais como os emblemas do poder, os monumentos erigidos em sua glória, o carisma do chefe, etc." BACZKO, Bronislaw. "Imaginário social". Op. Cit. p. 298-299.

⁴⁰⁴ "*A invenção de novas técnicas, bem como o seu refinamento e diferenciação, implicavam a passagem de um simples manejo dos imaginários sociais à sua manipulação cada vez mais sofisticada e especializada. A partir desse momento, a história do savoir-faire no domínio dos imaginários sociais, confundem-se em grande parte com a história da propaganda, isto é, a evolução das suas técnicas e instituições, a formação do seu pessoal, etc., campo este que continua ainda mal estudado. O desabrochar das técnicas de propaganda nos tempos modernos e a importância cada vez maior que esta ganhava no conjunto da vida pública estimularam consideravelmente a reflexão teórica e sistemática. Todavia, só no decurso do último meio século é que o savoir faire e as técnicas mais ou menos artesanais da propaganda acenderam ao nível da 'cientificidade', (...)"*. BACZKO, Bronislaw. "Imaginário social". Op. Cit. p. 300.

Um aspecto particularmente importante no pensamento de Baczko, para o presente trabalho, é considerar que as imagens que os homens têm de si mesmos e dos outros homens é que possibilitam a própria existência das relações sociais e das instituições políticas. Neste sentido ganham importância os sentimentos, os desejos, as paixões e o coração. E estão os símbolos justamente direcionados para esses sentimentos humanos.⁴⁰⁵ Baczko refere-se a Pierre Ansart para evidenciar o aspecto "afetivo" dos imaginários sociais.⁴⁰⁶

Pierre Ansart privilegia, ao se referir ao imaginário, as "sensibilidades", a "emoção", o "instinto" e as "paixões".⁴⁰⁷ Neste sentido é que se torna significativo, para o presente estudo, considerar um viés para a apreensão do imaginário, levantado por Stella Bresciani quando trata dos sentimentos de identidade nacional. A ficção literária, na medida em que desperta virtudes nos leitores, que aponta para a felicidade, que evoca os mitos, ajuda a formar uma moral, uma estrutura sócio-afetiva, um imaginário individual e coletivo.⁴⁰⁸ Mas é o próprio Ansart que evidencia um outro lado da propaganda, revestida ainda de caráter simbólico, porém violento. As mensagens veiculadas não seriam mais aceitas de forma espontânea, mas o controle da opinião pública estaria exacerbado a tal nível que os indivíduos seriam agora meros reprodutores das mensagens captadas.⁴⁰⁹

Esta face ambígua da propaganda, esta possibilidade de produzir efeitos diversificados aplica-se também ao discurso político, que busca obter resultados

⁴⁰⁵ "Nenhuma relação e, por maioria, nenhuma instituição política são possíveis sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem. O princípio que leva o homem a agir é o 'coração', são as suas paixões e os seus desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem 'enérgica' dos símbolos e dos emblemas." BACZKO, Bronislaw. "Imaginário social". Op. Cit. p. 301.

⁴⁰⁶ "Os imaginários sociais fornecem, deste modo, um sistema de orientações expressivas e afetivas que correspondem a outros tantos estereótipos oferecidos aos agentes sociais: ao indivíduo relativamente ao seu grupo social; aos grupos sociais relativamente à sociedade global relativamente aos 'outros' que constituem o seu meio envolvente." BACZKO, Bronislaw. "Imaginário social". Op. Cit. p. 311.

⁴⁰⁷ BRESCIANI, Maria Stella. Race et solidarité: un regard introspectif sur le sentiment d'identité nationale. Campinas, UNICAMP. p. 2. (Mimeo)

⁴⁰⁸ Idem.

⁴⁰⁹ ANSART, Pierre. Ideologia, conflito e poder. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p.112 e ss. APUD MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. "A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil". Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações, v. 17. p. 209.

práticos. Os objetivos propostos dependem do grau de adesão ao discurso. Neste sentido lança-se mão de recursos para persuadir, influenciar, guiar as condutas.⁴¹⁰ As representações dos grupos, ou as significações coletivas, e a relação destas com a posição do grupo permitiriam, por sua vez, compreender como se dá a recepção do discurso político. Se ele é acolhido com entusiasmo ou rejeitado.⁴¹¹ A propaganda é tanto mais eficaz quanto a multiplicação e ampliação dos meios de comunicação de massa facilitam a transmissão das mensagens com rapidez, reforçando também as técnicas de persuasão.⁴¹²

Wilhelm Reich, mesmo não usando a palavra imaginário, aproxima-se desta abordagem quando recorre à existência de um "*simbolismo*", para explicar a forma pela qual os fascistas conseguem conter os impulsos das massas à reação, e até mesmo as razões pelas quais as massas aderem ao fascismo. Os seus símbolos, como a bandeira e a suástica, possuem, conforme Reich, conteúdos capazes "*de tocar no ponto mais íntimo da vida emocional*"⁴¹³ dos indivíduos; desta forma, contribuem para o efeito e o êxito que a propaganda possa ter sobre aqueles.

Mesmo não sendo intenção deste trabalho entrar na questão do significado emocional que a simbologia fascista possa ter, parece ser significativo tomar a eficácia destes símbolos, não apenas configurados na bandeira ou na suástica, mas sobretudo nas sutilezas da língua. Ganham assim importância textos que

⁴¹⁰ "Em efeito, é próprio deste discurso político referir-se incessantemente à ação e ao sentido da ação coletiva: ele é pronunciado e repetido para obter um resultado prático, para guiar, para influenciar, para obter uma repetição das condutas conformes ou para persuadir a combater as antigas regras. A exaltação dos abjetivos, a ênfase verbal visam a manter um grau elevado de adesão e a facilitar a realização dos fins propostos." ANSART, Pierre. *Les ideologies politiques*. France, Presse Universitaire, 1974. p. 6.

⁴¹¹ "É a análise precisa das condições de emergência do discurso, a apreensão das correspondências entre a posição de um grupo e seu sistema de representações, que permitirão compreender a recepção entusiástica ou a rejeição das significações, a indução de atitudes conformes ou de oposição. É a compreensão da relação entre as situações sociais e os significantes coletivos que permitem compreender como os conteúdos de significação participam da ação e assim da construção do universo político-social." ANSART, Pierre. *Les ideologies politiques*. Op. Cit. p.9.

⁴¹² "Além disso, quer se trate de nações em desenvolvimento ou de nações industrializadas, a existência de meios de comunicação modernos, a possibilidade ofertada aos poderes de multiplicar suas mensagens e de se tornarem onipresentes com uma facilidade e uma rapidez sem precedente, possibilitam uma extrema majoração dos fenômenos ideológicos. Dentro deste domínio as técnicas não são neutras, no sentido que elas participam, por sua própria existência, da transformação das relações interindividuais e sociais. Mais ainda, elas formam um instrumento de uma eficácia excepcional para o qual os poderes não precisarão mais buscar justificação. A dinâmica de estender os poderes acentua a compreensão deste instrumento apto a reforçar de modo excepcional as técnicas de persuasão." ANSART, Pierre. *Les ideologies politiques*. Op. Cit. p. 207.

⁴¹³ REICH, Wilhelm. *Psicologia de massas do fascismo*. São Paulo, Martins Fontes, 1988. p. 93-98.

apontaram com imagens de construção da brasilidade, do país do futuro, das possibilidades futuras da pátria ou da nação, e textos e falas que desqualificaram os alemães. Assim, a fala de uma mãe para uma criança, como esta no final da década de 30, contribuiu certamente para desqualificar a disciplina dos alemães, atributo que até então era motivo de orgulho:

*"a imagem que eu tinha do alemão não era boa. Eu me lembro de que, uma ocasião, a minha mãe se referiu àquela dureza da disciplina alemã, à desumanidade da disciplina. Ela citou uma cena que a criança não soubera dizer o nome de Bismarck, o avô tinha lhe dado uma bofetada. Já me colocou uma imagem negativa, de que alemão é um monstro."*⁴¹⁴

Neste sentido, parece ser possível, utilizando textos de época, problematizar a questão, tomando ciência do significado que as imagens constituíram junto aos descendentes de imigrantes a nível das representações que as populações fizeram acerca do seu espaço, da sua cultura e do poder que as governou. Esta questão leva à percepção da idéia de nação na Primeira República como alguma coisa muito difusa, e ao entendimento do porquê do grande investimento na campanha nacionalizadora nos anos 30/40, como parte de uma política de Salvação Nacional, e de alternativas encontradas para superar a tão difundida imagem da fragilidade existente anteriormente.

Embora segmentos diferenciados da sociedade, entre os quais os intelectuais, já tivessem voltado sua atenção para as publicações e manifestado há muito tempo suas desconfianças através de denúncias de perigo iminente, foi apenas a partir de 1938 que o governo brasileiro intensificou a censura aos jornais "rebeldes".⁴¹⁵ Nos anos seguintes, os órgãos estatais recorreram permanentemente à detenção de jornalistas, inspeções e proibições. Em 1941, com a proibição da língua alemã,⁴¹⁶ as medidas restritivas submeteram toda a

⁴¹⁴ O entrevistado refere-se aqui ao final da década de 30, quando era criança. SOUTO, Américo Augusto da Costa. Entrevista. Florianópolis, 21.04.1998.

⁴¹⁵ Em 7 de fevereiro de 1938 foram proibidas a circulação de periódicos e as transmissões de rádio em língua estrangeira. TRINDADE, Hégio. Op. Cit. p. 304-305. APUD CANCELLI, Elizabeth. Op. Cit. p. 135.

⁴¹⁶ Quando Giralda Seyferth fala da concretização da proibição da língua alemã a partir de julho de 1941, esta afirmativa não tem um caráter de legalidade. SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Op. Cit. p. 106. Por estas e outras evidências concluiu-se, neste trabalho, que as medidas proibitivas legais em relação à língua se referiam a questões de escolarização, circulação de jornais, revistas e transmissões radiofônicas. Desta forma, a "proibição do falar alemão" propriamente dito foi mais uma determinação de autoridades locais do que uma medida legislativa baixada pela Presidência da República.

imprensa a um permanente controle pelo Estado. Conforme ainda os textos de época, as providências saneadoras tomadas por Nereu Ramos neste sentido foram das mais "enérgicas".⁴¹⁷ À frente da campanha esteve a Delegacia de Ordem Política e Social⁴¹⁸ e o Exército, com participação de oficiais do Rio de Janeiro.⁴¹⁹ A normatização da linguagem utilizada pelas populações catarinenses naquele momento parece ter desempenhado um papel crucial para o controle do imaginário e da subjetividade da população.⁴²⁰

Os confrontos na sociedade catarinense nos anos 30/40 não estiveram restritos ao conflito manifesto entre formas de dominação e resistência que envolveram as publicações estatais e publicações de setores sociais diversificados. Também foram significativos os embates verificados na atuação de diferentes instituições, do rádio e do cinema.

Tomando os textos da época como lugar de jogos estratégicos que expressaram os conflitos e as lutas sociais daquele período, foi possível enfatizar o movimento inerente aos textos, que desencadearam processos de dominação e resistência. Essa possibilidade se abriu também para um estudo da história das imagens com base nos mesmos textos escritos e nos discursos que deles emergiram. Desta maneira foi possível identificar a forma pela qual certas representações acerca do mundo social foram construídas e como certas realidades se constituíram historicamente.

As fontes levaram à reconstituição da trajetória do projeto nacionalista de Vargas e da campanha no sul do Brasil, particularmente em Santa Catarina. Abriram também possibilidades de articular o projeto com formas de poder que

⁴¹⁷ RIBAS, Antônio Lara. "O nazismo em Santa Catarina". In: DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. O punhal nazista no coração do Brasil. Op. Cit. p. 55.

⁴¹⁸ Em fins de outubro e inícios de novembro de 1936, havia se realizado no Rio de Janeiro o Primeiro Congresso Brasileiro dos Secretários de Segurança e Chefes de Polícia, que concluiu que, nas Polícias Estaduais, fossem especializadas as funções da ordem política e social. Por esta razão o governo Nereu Ramos transformou, em 1938, a Delegacia Auxiliar de Santa Catarina, em Delegacia de Ordem Política e Social. Decreto n. 01. Florianópolis, 03.01.1938.

⁴¹⁹ Sobre a atuação da Delegacia de Ordem Política e Social ver: DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. O punhal nazista no coração do Brasil. Op. Cit. Sobre o papel da polícia no Distrito Federal ver: CANCELLI, Elizabeth. Op. Cit.

Os relatos de oficiais da Capital Federal também dão uma dimensão dessa campanha. Ver: NOGUEIRA, Rui Alencar. Nacionalização do Vale do Itajaí. Op. Cit. Ver também: BETLEM, Hugo. Vale do Itajaí: jornadas de civismo. Op. Cit.

⁴²⁰ ORLANDI, Eni Pulcinelli. "Ilusões na (da) linguagem". In: TRONCA, Ítalo. Foucault vivo. Campinas, Pontes, 1987. p.54.

incidiram sobre o conjunto da população urbana. "*Para tal poder*", conforme nos fala Baczko, "*o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico*".⁴²¹ Nesta direção, foram selecionados alguns documentos que auxiliaram no sentido de estabelecer, conforme esse mesmo autor, "*as funções múltiplas e complexas que competem ao imaginário na vida coletiva e, em especial, no exercício do poder*".⁴²²

Trilhando o caminho da análise dos discursos de época, duas possibilidades se colocaram, não necessariamente excludentes, de empreender tratamento aos textos. Uma delas foi a de partir de elementos que afirmaram, através de enunciados diversos, certos procedimentos daqueles que emitiram falas. Outra possibilidade foi colocada pelo reverso do movimento afirmativo, que caminhou na direção de proibições, exclusões e impedimentos de certas manifestação. Assim, foi possível observar como, em algum momento da história da nacionalização do sul do Brasil, a afirmação de algumas falas excluíram, impediram ou proibiram a emissão de outras.⁴²³

Neste sentido, buscou-se tanto responder à indagação de como foi pensado o "nacional" na época, como estabelecer relações entre essas elaborações e a afirmação da cultura dos grupos descendentes de imigrantes em meio à modernização catarinense. Assim se respondeu, de alguma forma, a questão de como certas imagens adquiriram o estatuto de verdade, ou de como a língua nacional se afirmou historicamente no sul do Brasil. Este exercício se aproximou de uma proposta para o entendimento da consolidação do poder do Estado sobre os homens, com recorrência aos textos escritos. A proposta não excluiu, evidentemente, o seu contraponto, ou seja, as formas de resistência empreendidas pelas populações, manifestadas em textos, polêmicos ou não.

Assim pareceu possível basear a análise em textos estatais e escritos da população descendente de estrangeiros que habitaram Santa Catarina nos anos 30/40, no pressuposto de que esses textos, ao difundirem versões diferenciadas,

⁴²¹ BACZKO, Bronislaw. "Imaginário social". ENCICLOPÉDIA EINAUDI, Op. Cit.297.

⁴²² Idem.

⁴²³ Michel Foucault sugere essa abordagem ao lançar hipótese para trabalhar com discursos, partindo das "proibições" ou das "exclusões". FOUCAULT, Michel. El orden del discurso. Barcelona, Tusquets Editores, 1987. p. 11.

se opuseram uns aos outros, evidenciando práticas de normatização e práticas de resistência. Foi importante pensar o conteúdo dos textos e o que tais conteúdos induziram as pessoas a entender, e quais reações poderiam ter apresentado diante deles. Neste sentido é que os textos escritos levaram a permanentes interrogações a respeito das situações que envolveram a construção de imagens, e das possibilidades de terem sido construídas com finalidades previamente elaboradas. Este exercício possibilitou a apreensão da sucessão de diferentes imagens, e da afirmação de algumas dessas imagens em dados momentos, implicando na eliminação de outras. As imagens tomadas como instituintes de certas situações foram elaboradas a partir da adoção de uma certa linguagem utilizada nos textos, também contribuindo para institucionalizar ou não determinadas práticas. Foi possível trabalhar com a situação assim definida quando se tratou de um nacional homogêneo que se afirmava sobre uma sociedade culturalmente diversificada, como a sociedade catarinense.

Abandonou-se a recorrência permanente à imagem de um poder consolidado num bloco coeso que se sobrepôs a um conjunto de indivíduos indiferenciados, unidos por fortes laços de solidariedade de classe, que receberam, de forma inerte ou reativa, os efeitos desse poder catalisador. Nesta perspectiva, tornou-se possível pensar que, no interior dos segmentos "dominados", ou entre aqueles sobre os quais recaíram as políticas normatizadoras, configuram-se, a todo momento, formas diferenciadas de moralidade, formas estas que tanto se evidenciaram em seu caráter de afirmação ou reafirmação, como também na criação de novos valores. Desta forma, não apenas os textos do Estado foram estudados como emissores de práticas normatizantes, mas também os textos escritos pelos descendentes de imigrantes.

Significativa também mostrou-se a possibilidade de perceber os embates vinculados à questão nacional, no âmbito de "*lutas simbólicas*" que, conforme Bourdieu, possuem fundamentos "*efetivamente reais*" e que, ligados a "*efeitos econômicos*", manifestaram-se de forma individual ou coletiva, na sua qualidade dispersiva ou organizada.⁴²⁴ Nesses conflitos, ganhou importância o efeito

⁴²⁴ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Op. Cit. Lisboa, Difel, 1989. p.124 - 129.

"intimidação" ou "estigmatização" produzido pela "fé universalista" sobre grupos particulares.⁴²⁵

A partir deste referencial, foi possível pensar sob outra ótica a questão dos grupos de origem estrangeira que habitaram Santa Catarina nos anos 30/40; pensar que as formas de imposição do projeto nacionalizador e do uso da língua nacional não partiram apenas de agentes ou representantes do Estado getulista, mas que foram assimiladas e levadas a efeito por segmentos distintos da população catarinense, de elite ou não. Da mesma forma, as noções de identidade dos grupos foram reconsideradas, numa perspectiva que levou em conta as diversidades existentes, as lutas ou disputas inerentes aos grupos, bem como as possibilidades de assimilação, reelaboração ou legitimação⁴²⁶ do projeto nacionalizador. Neste sentido foi referenciada a adesão ao projeto nacionalizador de certos segmentos dos descendentes dos imigrantes.

Para explicitar as resistências ou adesões ao projeto nacionalizador caberia aqui recorrer a Pierre Ansart quando fala da importância da compreensão dos sentimentos e dos sistemas afetivos para apreender contradições inerentes às identidades. Desta forma, sensibilidades, emoções e paixões sócio-políticas poderiam explicar, de algum modo, como grupos sociais modificam sua prática em certos momentos históricos, caminhando da passividade à resistência, da intensidade de ideais transformadores, de paixões turbulentas, a uma espécie de tempo de calmaria. A este "paradoxo" o autor se refere como "temporalidade dos afetos".⁴²⁷

Ainda, tomando expressões tais como "*fascismo molecular*" ou "*máquina totalitária*", que se inscrevem numa tentativa de Felix Guattari fazer uma "*micropolítica do fascismo*"⁴²⁸, foi possível considerar que as "*cristalizações fascizantes*" estiveram sempre presentes, circulando "*nos sonhos, nos delírios,*

⁴²⁵ Idem. p. 125-127.

⁴²⁶ MARSON, Adalberto. "Lugar e identidade na historiografia de movimentos sociais". In: BRESCIANI, Maria Stella (org.). *Jogos da Política*. Op. Cit. p. 46.

⁴²⁷ ANSART, Pierre. "Das Identidades de ofício à identidade de classe, um devir paradoxal? (1820-1848)". Colóquio: *Sentimento(s) e identidade(s)*; paradoxos do político. Campinas, UNICAMP, 1995. p. 1, 17.

⁴²⁸ GUATTARI, Felix. *Revolução Molecular*: pulsações políticas do desejo. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 173-190.

nos filmes, nos comportamentos torturadores dos policiais, entre bandos de jovens que veneram seus ícones"⁴²⁹, ou "*no familianismo, na escola, no racismo, nos guetos de toda natureza*".⁴³⁰ Nesta direção o projeto nacionalista foi tomado, tanto na sua tarefa de conter o fascismo no sul do Brasil, como também na medida em que se utilizou dos conteúdos fascistas com os quais de defrontou, para os perpetuá-los no interior do seu arsenal.

⁴²⁹ Idem. p. 182.

⁴³⁰ Idem. p. 188.

2.3. ESCRITOS DO ESTADO

Quando se trata da produção de textos escritos e editados pelo Estado, sobretudo no governo Vargas, é impossível não levar em conta o volume das publicações. Os cadernos que expunham obras, empreendimentos, projetos concretizados ou não pelo Estado Novo, e pelo governo Nereu Ramos em Santa Catarina, ganharam força como propaganda.

Hannah Arendt enfatizou a propaganda como um recurso permanentemente utilizado pelo movimento totalitário, para ganhar as massas para seu lado, agindo de diversas formas para conquistá-las para um mundo de ficção e fantasia. A forma pela qual a propaganda se afirma pode ser, entre outras, a partir de questões até então não faladas, omitidas por algum "ponto fraco", tomadas como "menores", "sem significado". Estas questões, e até mesmo os "boatos", o totalitarismo extrai de diversas maneiras da vida social para transformá-las e dar a elas uma dimensão superior, de escândalo público ou de ficção.⁴³¹ Alcir Lenharo, ao tratar do Estado Novo brasileiro, tomou a propaganda, sobretudo a emitida através do rádio, para evidenciar como, através da presentificação do poder, difundiu-se a imagem da existência de uma Comunidade Nacional homogênea.⁴³²

Enquanto partiam de São Paulo obras da coleção "Brasileira", da Companhia Editora Nacional, para levar a brasilidade às bibliotecas de todo o país⁴³³, e a Revista "Cultura Política" do Rio de Janeiro, publicava trabalhos de

⁴³¹ ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. p.402-403.

⁴³² LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Op. Cit. p. 40-41.

⁴³³ Sobre isto ver: WEBER, Regina. *Nacionalidade com prefixos*; a questão étnica no sul do país (Ijuí/RS). Op. Cit, p. 18.

A coleção "Brasileira", que posteriormente viria a publicar obras de intelectuais como José Honório Rodrigues, Roberto Simonsen, Roger Bastide, Nelson Werneck Sodré, Raimundo Faoro e Souto Maior, divulgava, nos anos 30/40, obras dos grandes autores nacionais. As preocupações da coleção eram com questões de raça, cultura, aculturação e assimilação, traduzidas nas obras de Oliveira Vianna: "Raça e assimilação: os problemas da raça, os problemas da assimilação", editada em 1934; "Populações meridionais do Brasil", editada em 1938; e na obra de Emilio Willems: "A aculturação dos alemães no Brasil", editada em 1946. Também constavam da coleção obras sobre temáticas políticas, nacionais e históricas: "Problemas de política objetiva", de Oliveira Vianna, editada em 1930, "A organização nacional" de Alberto Torres e "O problema nacional brasileiro" do mesmo autor; "Formação histórica do Brasil", "Problemas de governo" e "Estudos históricos e políticos", de Pandiá Calogeras, as duas últimas publicadas em 1936; obras de Roquete Pinto sobre eugenia e populações indígenas: "Ensaio de antropologia brasileira", editada em 1933 e "Rondônia"; sobre vida, situação racial e costumes sociais como a obra "Sobrados e Mucambos", de Gilberto Freire. Além destas, a coleção "Brasileira" fazia uma

intelectuais vinculados, de alguma forma, ao Estado Novo⁴³⁴, no sul do Brasil a propaganda ganhou força quando o Governo do Estado de Santa Catarina, representado por Nereu Ramos, publicou textos diversificados, ligados à temática nacional, da brasilidade e da unidade cultural. Também ganhou força, em contrapartida, a propaganda do perigo estrangeiro. Entre os trabalhos que afirmaram as temáticas nacionais e os empreendimentos do Estado Novo, figuraram publicações de divulgação dos Congressos de Brasilidade realizados em Santa Catarina entre os anos de 1941 e 1944⁴³⁵, cadernos da Penitenciária do Estado, revistas de propaganda do Estado e Municípios, conferências sobre Unidade Étnica e propaganda anti-nazista. Muitos desses textos tiveram suas edições coordenadas pelo Departamento Estadual de Estatística -D.E.E-, criado em 1936 para atuar subordinado ao governador em Santa Catarina⁴³⁶, e pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda, criado em 1941, que ficava

espécie de "cobertura" das condições sociais, econômicas, populacionais e políticas do Brasil, editando a obra "Os dois Brasis" de Jacques Lambert e o "Dicionário da terra e da gente do Brasil", de Bernardino de Souza. A coleção retomava o Brasil dos viajantes, dos visitantes, da colônia, do Império, dos aventureiros, da natureza exuberante e das populações selvagens, com a publicação da obra "Visitantes do Brasil colonial" de Affonso de Taunay, em 1933, e das viagens de Saint-Hilaire: "Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela província de Goiás", "Viagem ao Rio Grande do Sul" e "Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil", publicadas em 1937, 1939 e 1941 respectivamente. O médico catarinense Oswaldo Rodrigues Cabral teve seu nome reconhecido como historiador ao publicar em 1937 a obra "Santa Catarina: história evolução" na Brasileira.

⁴³⁴ A temática tratada nas páginas da Revista "Cultura Política" apontava para o que o Estado Novo pretendia enfatizar no Brasil dos anos 40: imigração e colonização no governo Vargas, o sentido do nacionalismo, atividade econômica e social do Estado Novo, valorização do homem brasileiro, casa própria: aspiração popular, seguros sociais no Brasil, política internacional, Getúlio Vargas e o Brasil, a formação profissional e o Brasil, o Estado nacional e a instituição família, o samba e o conceito de trabalho, o governo e os intelectuais brasileiros, o desenvolvimento da grande imprensa, a imprensa e o exército nacional, democracia objetiva e liberalismo romântico, o Estado Novo e o homem novo, higiene mental do trabalho, a medicina social do trabalhador no Estado Nacional, previdência e assistência social no governo Vargas, trabalho e propriedade como horizontes sociais do Estado Novo, o fordismo como etapa superior do taylorismo, política social e política sanitária, escola do trabalho como escola nacionalizadora, o Estado Novo e seu sentido bandeirante, a concretização da "marcha para oeste", a influência do poder pessoal na unidade política do Brasil, radiodifusão como fator social. Além destes temas, que evidenciavam preocupações do Estado Novo e seus intelectuais em dar conta de conhecer e intervir em uma realidade econômica, social e cultural extremamente heterogênea e dispersa, a Revista Cultura Política buscava fazer um levantamento dos costumes, aspectos da vida e das coisas das diversas regiões ou Estados brasileiros, tal como: quadro e costumes do norte, quadro e costumes do nordeste, quadro e costumes do centro e do sul, aspectos da vida e de coisas do Tocantins, etc. Cultura Política: revista mensal de estudos brasileiros; ns. 1-28, Rio de Janeiro, 1941-1943.

⁴³⁵ Foram organizados quatro Congressos de Brasilidade em Santa Catarina, entre 1941 e 1944, que resultaram em publicações de textos. Foi instituída a "Semana de Brasilidade, que coincidia com o Congresso e com o aniversário do Estado Novo. Sobre este assunto ver: CAMPOS, Cynthia Machado. Controle e normatização de condutas em Santa Catarina. Op. Cit, p. 51-52.

Estes Congressos, conforme Regina Weber, tiveram lugar também na cidade de Ijuí, RS: WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos; a questão étnica no sul do país (Ijuí/RS). Op. Cit, p. 18.

⁴³⁶ Lei n. 119. Florianópolis, 07.11.1936.

diretamente ligado ao interventor federal.⁴³⁷ Esses órgãos governamentais cresceram muito no início dos anos 40, e publicaram obras relacionadas a questões de saúde, infância, assistência e história.

Também foram publicados cadernos comemorativos da *Semana da Criança em Santa Catarina*, tratando de temas como: crianças abandonadas nas cidades, escola, serviços de polícia, economia catarinense durante a 2ª Guerra, indústria de fiação e tecelagem, bem como levantamentos da obra assistencialista do Estado catarinense à época. Entre estes figura um trabalho que trata do charlatanismo e práticas médicas populares. Importante aqui se torna registrar a publicação de uma espécie de boletim, denominado "*Serviço de Informações*", que procedeu um levantamento minucioso das condições físicas, demográficas, econômicas e sociais de Santa Catarina, abordando temas relevantes para o conhecimento das condições de vida dos grupos populacionais catarinenses, tais como: habitação, vestuário, nosologia, assistência médica, previdência, assistência social, ensino, casamentos e lazer.

Além disto, uma série de discursos de Nereu Ramos, do Secretariado e de pessoas ligadas ao Estado mereceu publicação pela Imprensa Oficial. Entre esses discursos figuram aqueles pronunciados em instituições como o Departamento de Saúde, a Colônia Sant'Ana - de psicopatas -, o Abrigo de Menores, a Penitenciária do Estado ou escolas oficiais. Em geral se relacionavam a eventos de fundação, inauguração, reforma ou qualquer outra festividade. Também foi grande o número de publicações da intelectualidade se referindo aos costumes, hábitos comportamentais e práticas cotidianas dos catarinenses. A maioria desses trabalhos se vincularam à campanha nacionalizadora. As temáticas mais frequentes eram: nacionalização do ensino, condições de vida da população do Vale do Itajaí, higiene, história, alemães e açorianos.

A literatura também ajudou, em muitos casos sutilmente, ou não intencionalmente, a difundir a imagem de alemães vinculada ao nazismo. Assim, através da lista de livros encontrada pelo protagonista do romance de Vianna Moog, Geraldo, num salão da Sociedade Ginástica em uma cidade alemã fictícia

⁴³⁷ Decreto-lei n.543. Florianópolis, 30.05.1941.

do sul do Brasil, nos anos 30, o autor sugere que as leituras nazi eram freqüentes pelos integrantes daquela associação:

"À chegada de Geraldo e Armando, quase à hora do concerto, o salão da Sociedade Ginástica está a bem dizer vazio. (...) Lá se vê o major reclinado sobre a janela entre o promotor e o secretário; o velho Cordeiro com a mulher e a filha. O promotor e o secretário bebem a palavra do major. Do lado esquerdo famílias teuto-brasileiras.

(...)

Geraldo corre os olhos pela sala. No teto uma pintura a óleo, representando ninfas esgarçantes, bailando em volta de Cupido. Em medalhões de gesso, contornando o recinto, as cabeças de Wagner, de Beethoven, de Chopin, de Liszt, de Carlos Gomes, de Verdi e de compositores que Geraldo não conseguia identificar.

*Armando convida o companheiro a dar uma vista na Biblioteca. Fica nos fundos da sala de bilhar, concentrada em três grandes e pesados armários. Coleções de Goethe, de Schiller, de Schlegel, preciosamente encadernadas, encham o primeiro. Apesar de antigas, parecem nunca terem sido manuseadas. Geraldo corre as prateleiras do segundo. Espera encontrar ali a coleção dos livros de Heine, o lírico alemão de sua preferência. Nada. As estantes embutidas estão cheias de publicações recentes da Nova Alemanha: desde o *Mein Kampf*, de Adolf Hitler ao *Das dritte Reich*, de Moeller van den Bruck; desde o *Staat, Bewegung, Volk*, de Hans F. K. Günther ao *Praktische Kulturarbeit im dritten Reich*, de Hans S. Ziegler."⁴³⁸*

Também evidenciava a existência de uma "germanomania" na cidade, que não dava chance de ascensão no trabalho para aqueles que não fossem alemães:

"(...) o secretário (...) passou a dizer que os Kreutzer eram muito germanófilos, só davam emprego a alemão, só protegiam os teutos. Tinha um sobrinho que trabalhava com eles havia dez anos e não conseguia subir. E no entanto, mal chegava um 'alemãozinho borrabotas', logo lhe davam emprego e aumento pelo natal!"⁴³⁹

Os personagens de Vianna Moog denunciavam que quem não soubesse falar a língua alemã não teria mesmo boas oportunidades de trabalho, como revelava o testemunho do promotor da cidade:

"- Ah ! filho, aqui é assim. Quem não souber falar alemão come do duro. Se eu não fosse promotor, como advogado passava fome. Não peguei até agora nenhuma causa por fora. Onde eu podia fazer alguma coisa, no serviço crime, estou impedido. O major é que me defende bastante com as cobranças executivas e o serviço do partido."⁴⁴⁰

A obra literária divulgava o "falar alemão" como sinônimo de indelicadeza das velhas senhoras alemãs em relação aos nativos. Além de responder em

⁴³⁸ MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Op. Cit. p. 63-64.

⁴³⁹ Idem p. 20.

alemão os pedidos de "com licença" em português, ou simplesmente não responder, eram "mal educadas" por obstruírem a passagem pelas calçadas da cidade:

*"Famílias sentadas na frente das casas, começavam a obstruir a passagem. As velhas, estiradas em confortáveis cadeiras de balanço, faziam crochê e conversavam em alemão. O promotor e o secretário cumprimentavam à direita e à esquerda. Nos lugares mais obstruídos, onde era forçada a passagem de um a um, o secretário não deixava de comparecer com o seu melífluo com licença. Mas a gente que afastava as cadeiras não parecia comover-se com a amabilidade das saudações. Muitas vezes correspondiam em alemão."*⁴⁴⁰

O promotor desqualificava também o médico da cidade, um alemão oposicionista, evidenciando as razões. Seria ele um "foragido", "esquisitão", "rixento", "sem educação", cheio de "grosserias", que "entra nas casas sem pedir licença":

*"- Sujeito esquisito, esse doutor Stahl... - comenta o promotor, fazendo os primeiros exercícios de uma catilinária.
- Veio corrido da Alemanha - atalhou o secretário. - Esquisitão. Rixento. Oposicionista sistemático. Não tem nenhuma educação. Vareja as casas de família, quando há doentes, sem pedir licença. Confunde franqueza com grosseria. Agora felizmente anda sossegado. O trabalho não lhe dá tempo para a politicinha. Desde que começaram os serviços da hidráulica calou o bico. Ele é que fez toda a celeuma e engrossou a oposição."*⁴⁴¹

O enriquecimento de alguns alemães no sul do Brasil durante a guerra foi descrito como "golpe", significando aqui algo como "esperteza para aproveitar-se de situações", conforme o secretário da prefeitura da cidade:

*"Na opinião do secretário, o grande lance, o golpe definitivo, esse quem dera não fora o velho (Wolff), e sim Paul Wolff.
- Foi no tempo da guerra, sabem? Que é que eles tinham então? a casa velha, uma pequena fábrica e uma centena de contos no banco. Foi então que o homem deu o golpe. Logo que a guerra rebentou, em 14, empregou tudo quanto possuía na compra de chapas de ferro. O ferro valia então no máximo uns trezentos réis o quilo. Meteu nisso todo o dinheiro. O pessoal dizia que ele tinha ficado louco. Pois, sim, louco! Endividou-se, hipotecou tudo ao velho Kreutzer e não descansou enquanto não comprou todo o ferro existente nas redondezas. Uma partida que mandou vir da Europa e que estava num navio alemão, conseguiu safar-se, em Lisboa. Depois foi o que se viu. O ferro começou a subir, a subir. E não podia ser importado, compreendem?... Chegou a quatro mil réis... Só então é que ele resolveu aceitar a proposta de um trust da capital. Que golpe, hein!"*

⁴⁴⁰ Idem p. 20.

⁴⁴¹ Idem p. 20-21.

⁴⁴² Idem p. 22.

- Sabem qual é o lema dele em negócio? - indaga o promotor. - O outro dia o major ainda me disse: 'Comprar quando toda a gente quer vender; vender quando toda a gente quer comprar'.⁴⁴³

Além de tudo, a literatura propagou imagens de meninos escolares formando fileiras que se confundiam com cenários de paradas militares integradas por exércitos nazi-fascistas. O palco da cidade era povoado por pelotões de estudantes e ou escoteiros que davam às praças públicas um clima hitleriano:

*"Agora surgem rufos de tambores noutro ângulo da praça. Um pelotão de rapazes vigorosos, em uniforme de escoteiro, aparece em seguida, na rua paralela à principal. Marcham com ênfase, em passo de ganso, atirando muito as pernas para a frente e para o alto. Vão em filas de três, num alinhamento impecável. Não se lhes pode distinguir as fisionomias umas das outras, tanto se assemelham entre si. Claros e fortes, avançam com ímpeto marcial, de cenho carregado, batendo os saltos dos sapatos grossos, como se quisessem pulverizar ainda mais a areia do macadame. Geraldo pensa nos meninos da beira do rio, nas suas formaturas em frente do Grupo Escolar. Fisionomias abertas, gestos de puro instinto, a marchar despreocupados. De repente cessa o rufo do tambor. O chefe se destaca da fileira, sacode uma vara no ar, dá uma ordem de comando e marca a cadência: - Eins... Zwei... Eins... Zwei..."*⁴⁴⁴

A imaginação de Geraldo era fértil e trazia a Alemanha para Blumental. Passagens literárias como esta remontavam o cenário da Alemanha nazista no sul do Brasil. Geraldo via os meninos como soldados, via a disciplina militar voltada para o Führer, o orgulho em saudar a suástica, as manifestações de massa, ao som possante dos megafones. Evoluções marciais ao som de canções guerreiras:

"Na outra esquina o pelotão entra a cantar uma canção guerreira. Pela mente de Geraldo perpassam multidões de soldados com capacete de aço, marchando naquele mesmo passo. Já o pelotão fez alto em frente ao Seminário Evangélico. Geraldo devora a cena com os olhos. O chefe destaca-se novamente do grupo, e tendo agora a seu lado o porta-estandarte, empunha a bandeira com a cruz suástica, infla o peito e berra:

- HEIL HITLER!

Vibrante, estentóreo, acode o pelotão da mocidade, com o braço estendido:

- HEIL! HEIL! HEIL!

Geraldo continua a ver as multidões do cinema. Multidões compactas, automáticas, de braço levantado. Multidões ululantes. E ouve as vozes, como se ali perto as propagasse em grandes ondas

⁴⁴³ Idem p. 24-25.

⁴⁴⁴ Idem p. 38.

sonoras um possante alto-falante: "DUCE, DUCE"... "HEIL, HITLER"... FÜHRER ..."⁴⁴⁵

O movimento dos Muckers também evidenciava o "fanatismo" de certos segmentos protestantes das populações descendentes de alemães. Este movimento não trouxera a Alemanha de Hitler para o Brasil, porém "*o espetáculo da Europa medieval invadida pelos bárbaros*"⁴⁴⁶. A líder do movimento, Jacobina Maurer, seria "*uma sonâmbula*", que teria aliciado "*inocentes*" e "*semeado a cizânia, a discórdia, o luto nas colônias pacíficas*". Seria um movimento com "*estranhos ritos*", que teria atribulado "*seriamente a vida do Estado*", que teria resultado em "*cadáveres insepultos*" pelas estradas:

*"Os Muckers haviam sido uma seita de fanáticos protestantes, que se tinham formado nos começos da colônia, ao sopé do Ferrabrás, ao longe da Serra do Mar, visível à distância de léguas para quem viesse de trem a Blumental. Era uma rocha alcantilada, que se erguia abruptamente por sobre uma vasta planície. Ali começou a pontificar uma tal Jacobina Maurer, mulher de um curandeiro, uma sonâmbula que se dizia predestinada a fundar um novo reino sobre a terra. Como um fanático que se afirma, sempre acha inocentes e fanáticos que o acompanhem, formou-se no Ferrabrás, em torno de Jacobina, a facção que semeou a cizânia, a discórdia e o luto entre as colônias pacíficas e atribulou seriamente a vida do Estado. Estranhos ritos tinham marcado o advento da nova seita. Jacobina, apregoando-se como o novo Messias, escolhe doze apóstolos para constituir o conselho supremo dos Muckers. Impõe a todos uma vida de ascetismo, proíbe o jogo, os bailes, as diversões. Cria também uma fortaleza em substituição à antiga morada. Exige dos adeptos juramento de absoluta fidelidade aos seus mandamentos. E para que nada faltasse estabelece toda uma liturgia de novos gestos. Além disso, concitava os colonos a se proverem para o dia da adversidade. Estavam por vir dias terríveis. Os ímpios erguer-se-iam contra os eleitos, e estes seriam obrigados a se defender. Pelas estradas encontrar-se-iam cadáveres. Aos eleitos, porém, nada sucederia."*⁴⁴⁷

Uma série de "atributos" esta obra literária destinava aos Muckers. Eles seriam "*grotescos*", "*incendiários*" e "*matadores profissionais*", que teriam a "*força de um ódio sagrado*" para "*perseguir*" os demais, "*não respeitando até mesmo os laços de sangue e elos de velhas amizades*". Estariam "*armados até os dentes*" e teriam transformado o Ferrabrás em "*arsenal de guerra*", transformando-o em "*império da coação e do terror*". Ali teria se estabelecido

⁴⁴⁵ Idem

⁴⁴⁶ Idem p. 37.

⁴⁴⁷ Idem p. 36-37.

uma "psicose coletiva", com "missas negras" onde não se poupava "nem velhos, nem mulheres, nem crianças". Era um verdadeiro "morticínio", uma "destruição", um "aniquilamento", onde "famílias inteiras foram dizimadas".⁴⁴⁸

A literatura, democraticamente, dava espaço também para a defesa dos alemães-protestantes em relação ao movimento dos Muckers. Em torno deste movimento se definiam posições políticas e religiosas. Para o personagem Karl Wolff, os Muckers não foram violentos, mas sim a polícia e exército. Ele explicava: afinal, quem havia divulgado a história do movimento fora um padre, que, como católico, insistia em desmoralizar os protestantes. A violência e a selvageria teriam partido dos enviados do governo:

*"(...) Karl Wolff intervinha, para explicar que a história dos Muckers estava mal contada. Fora escrita por um padre. Isso bastava para tornar o livro suspeito. O que ele pretendia fora desmoralizar os protestantes, quando entre os Muckers havia muitos católicos. Um livro parcial, cheio de exageros. Os Muckers não haviam sido o que se dizia. No princípio fora uma simples luta entre colonos em torno da interpretação da Bíblia e de questões de terra. Jacobina queria reparar certas injustiças. Ele sabia, estava bem informado, tinha amigos, rapazes direitos, descendentes dos Muckers. A culpa fora do governo, mandando a polícia para resolver o caso pela violência. Os padres também tiveram muita culpa. Os soldados agiram como verdadeiros selvagens. Não foram só os Muckers que mandaram matar e incendiar. Na picada, os portugueses e católicos fizeram o diabo. Acabaram com os protestantes. Mas isso tudo nada seria se não fosse a polícia. Os Muckers apenas se defenderam. Bem se podia ver que os colonos alemães por si mesmos não seriam capazes de barbaridades. Uma vergonha mandar prender os chefes e trancafiá-los nas cadeias de São Leopoldo e Porto Alegre, só porque dirigiam as cerimônias religiosas do Ferrabrás, umas festas inocentes de cantos e orações e leitura da Bíblia! E não havia nada que justificasse a remessa para lá de tantas forças do exército com o fim de chacinar os colonos, como bichos. Degolamentos à vontade. E o pior é que a história nunca seria contada direito. Os que restavam eram poucos e não podiam falar."*⁴⁴⁹

No final da defesa de Wolff, o texto de Vianna Moog não parece mais tão democrático como no início. O personagem não defendia mais apenas os Muckers, porém passava num relance à defesa de Hitler. O mesmo que defendia os Muckers era quem dizia que os judeus contavam maldades sobre o nacional-socialismo. Sutilmente, a literatura ajudava a reforçar, nos brasileiros, o sentimento anti-alemão, ou anti-nazista, na continuação da fala de Karl Wolff:

⁴⁴⁸ Idem p. 37.

*"Ele não queria fazer comparações... Mas o que se dissera contra os Muckers era mais ou menos o que os judeus contavam contra o nacional-socialismo. Pura mentira. Exagero. Eles é que envenenavam tudo. Hitler era um homem muito bom."*⁴⁴⁹

A mesma obra põe em evidência o preconceito e racismo dos descendentes de alemães em relação aos "brasileiros" e denuncia que os brasileiros eram vistos, por não serem arianos, como negros, não podendo, portanto, conviver com a "raça alemã". Desta forma o personagem Herr Wolff, na defesa da propriedade e do dinheiro, afirma que "nada de bom se pode esperar de brasileiros" e Frau Marta não admite a entrada de um brasileiro na sua família:

"(...) Marta tinha razão. Desses brasileiros não se devia esperar nada de bom. Agora mesmo tinham condenado em Vila Velha a vinte anos de prisão o pobre de Dillemburg porque se vira obrigado a matar em legítima defesa um homem violento, que nem por ter estado na Alemanha aprendera a respeitar os direitos de passagem pelo seu campo, como mandava a escritura de propriedade. Condenaram o pobre Dillemburg a vinte anos, sem reconhecer nada a seu favor, nem o exemplar comportamento que as próprias autoridades de Vila Velha, nada simpática aos alemães, haviam atestado. E ele, Paul Wolff, perdera, nessa brincadeira, vinte contos.

(...)

*Nas veias de Frau Marta não corria sangue nobre, mas ela tinha orgulho de sua raça. Orgulho de descender de alemães, de haver casado com um filho de alemão. Ela mesma se considerava alemã. A raça nada tinha a ver com o lugar do nascimento. Não, não havia de tolerar a ameaça de um intruso na família, um negro. Para Frau Marta quem não tivesse sangue ariano puro estava irremediavelmente condenado: era negro. Lore devia casar com um filho de alemão, se possível com um alemão."*⁴⁵¹

A *Revista de Imigração e Colonização* costumava publicar artigos a respeito de estrangeiros no Brasil que o Departamento Estadual de Estatística em Santa Catarina divulgava, em separata. A falta de controle e informação acerca da situação dos imigrantes no país estimulou o governo federal a delegar aos governos dos Estados do sul a tarefa de incentivo permanente a este tipo de publicação. Alguns destes estudos, como o de Lourival Câmara, sobre os *"Estrangeiros em Santa Catarina"*, publicado em 1940, foi especialmente interessante para os nacionalistas por ser um *"excelente trabalho sobre os tipos humanos de Santa Catarina, particularmente o 'colono', emigrado da*

⁴⁴⁹ Idem p. 90-91.

⁴⁵⁰ Idem p. 92.

⁴⁵¹ Idem p. 116.

Europa".⁴⁵² Na apresentação da obra, o diretor daquele órgão, Virgílio Gualberto, deixava claras suas preocupações com a falta de recenseamentos gerais e conseqüente falta de dados demográficos precisos, e também com a falta de estudos, até então, que tratassem do tema:

*"Estudos como esse precisam ser conhecidos, porque o momento exige investigações aprofundadas dos nossos centros de colonização, até há pouco, infelizmente, fora das preocupações de nossos sociólogos e geógrafos, (...)"*⁴⁵³

A dispersão e o isolacionismo são recorrências constantes dos textos da época, tanto nacionais como regionais. Cresceu particularmente o número de trabalhos na área de Geografia, as publicações do IBGE e dos Institutos Estaduais de Estatística. Essas publicações se detinham tanto no conhecimento pormenorizado das realidades geográficas como das realidades dos imigrantes. Especialmente no sul do Brasil, as estatísticas se preocupavam em levantar o número de estrangeiros e seus descendentes e as populações que não falavam a língua nacional, numa clara manifestação da necessidade de conhecer para intervir e de saber para produzir textos de intervenção.

O D.E.E., Departamento de Estatística do Estado de Santa Catarina, promovia, elaborava, coordenava e publicava informações relacionadas à situação física, demográfica, econômica, intelectual, administrativa e política do Estado. Além disto, preparava tabelas de informações, quadros comparativos interestaduais e internacionais, trabalhos estatísticos expositivos ou analíticos, e cartas gerais ou especiais do território estadual. Fazia também trabalhos gráficos para ilustrar as publicações, como desenhos de fantasia e ornato, diagramas, cartogramas, estereogramas e painéis. Fotografava aspectos catarinenses para ilustrar os trabalhos a serem publicados e para serem distribuídos pelo seu serviço de publicidade. Prestava ainda as informações estatísticas solicitadas por outros órgãos e fazia a distribuição, propaganda, divulgação e vulgarização dos trabalhos do D.E.E, através de um serviço de "comunicados de imprensa".⁴⁵⁴

⁴⁵² GUALBERTO, Virgílio. "Apresentação". In: CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. Op. Cit.

⁴⁵³ Idem

⁴⁵⁴ Lei n. 119. Florianópolis, 07.11.1936.

Tanto os textos dos anos 30/40 como os textos recentes insistem na temática da dispersão como um dado que deveria ser motivo de preocupações por parte das autoridades e dos governantes. Desta forma, um trabalho que exalta as boas qualidades dos membros do Exército brasileiro que comandaram a campanha nacionalizadora ilustra, referindo-se à Santa Catarina, aquilo que foi uma espécie de "tomada de consciência" por parte dos governantes brasileiros acerca, por um lado, da dispersão e do desconhecimento a respeito da situação das comunidades do sul do Brasil e, por outro lado, acerca do seu potencial econômico:

*"Estado pequenino, mas de extraordinárias possibilidades, dotado de minas inexauríveis de ferro e de carvão, de lençóis extensíssimos de xisto betuminoso, de terrenos fertilíssimos para cultura do trigo, da cana e outros mais, de campos especiais para a criação; mas grandemente desconhecido em suas lindes ocidentais e infestado, infelizmente, pelo vírus da desnacionalização, permitido fecundar por mais de 40 anos de República irresponsável."*⁴⁵⁵

A noção de fragmentação também é uma recorrência constante nos textos. Aqui, a atuação do Departamento Estadual de Estatística poderia atenuar este problema:

*"Começou a focalizar, em Comunicado de 17 de março de 1938, a distribuição demográfica no Estado, para verificar, a seguir, não só os movimentos populacionais em face da fragmentação do seu território em comunas administrativas à medida que o povoamento de suas terras se adensava, (...)"*⁴⁵⁶

Valorizava-se, sobretudo naquele momento, uma "visão panorâmica da colonização estrangeira em Santa Catarina":

*"O presente trabalho avoluma-se sobre os outros, não só pela sistematização erudita de obras parciais já publicadas e de observações estatísticas próprias, mas, também, porque permite uma visão panorâmica da colonização estrangeira em Santa Catarina. E isto constitui, sem dúvida, grande e primoroso mérito."*⁴⁵⁷

A difusão, na sociedade, de publicações editadas por órgãos estatais permite associar o recurso permanente ao escrito com as formas de crescente afirmação de um poder sobre os homens e sobre as coisas. Também possibilita

⁴⁵⁵ BETHLEM, Hugo. *Vale do Itajaí, jornadas de civismo*. Op. Cit. p. 4.

⁴⁵⁶ GUALBERTO, Virgílio. "Apresentação". In: CÂMARA, Lourival. *Estrangeiros em Santa Catarina*. Op. Cit.

⁴⁵⁷ Idem

pensar, conforme as palavras de Roger Chartier, "*as competências culturais das populações, agentes ou súditos do Estado, que exercem ou apreendem o poder de comando e de justiça por meio de textos que se destinam a ser lidos*".⁴⁵⁸

Os escritos do Estado apontam para as reelaborações. O crescimento das publicações, da edição de textos impressos, também despertam para o impacto dos textos no surgimento de novas formas de percepção e sensibilidade nos habitantes das cidades catarinenses.⁴⁵⁹ Considera-se aqui, na questão do poder colocada a partir dos escritos, ou do discurso enquanto objeto cultural,⁴⁶⁰ os esforços estatais para proceder a um levantamento pormenorizado de aspectos mais diversificados da realidade catarinense, da situação demográfica, sanitária, educacional, das condutas da população, a fim de promover, sobre a sociedade, intervenções regeneradoras. A apresentação para publicação, em 1939, de um trabalho sobre a fundação da cidade de Lages é elucidativa nesse sentido:

*"A finalidade principal do Departamento de Estatística e Publicidade é conhecer meticulosamente a formação, o viver, o crescer do Estado, fixando-lhe características numéricas, capazes de, como no sistema de coordenadas cartesianas, definirem um ponto, ou uma situação. Reduzindo o Estado à condição de um poliedro, para efeito de ponderada análise, há de estudar-lhe cada face, cada diedro, cada vértice, cada ângulo sólido. Face da magna importância, no caso, sem a qual muitas relações se não poderiam estabelecer, gerando indeterminações de número infinito de soluções, é a da História, aliás, como que se irmanam e se afadigam em idênticos labores..."*⁴⁶¹

Este mesmo trabalho traz a epígrafe: "*A História é a Estatística em movimento*".

Evidencia-se aqui o esforço da ciência estatística, que vinha influenciando as demais áreas do conhecimento como a história, para proceder um "conhecimento metódico" do Estado de Santa Catarina. A estatística parecia o

⁴⁵⁸ CHARTIER, Roger. "Construção do Estado Moderno e as formas culturais: perspectivas e questões". In: _____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Op. Cit. p. 219.

⁴⁵⁹ Nessa perspectiva de análise, Flora Sussekind trabalhou com o impacto da técnica na literatura e desta na criação de novas sensibilidades nos habitantes das grandes cidades brasileiras nos finais do século XIX até os anos 20 deste século. SUSSEKIND, Flora. "No lugar de uma epígrafe". In: _____. *O cinematógrafo das letras*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p.15.

⁴⁶⁰ Patrícia O'Brien, ao discutir a história da cultura de Michel Foucault, aponta a noção de "*linguagem/discurso enquanto meio de apreender as transformações*" como a contribuição mais significativa de Foucault para os historiadores culturais. O'BRIEN, Patrícia. A história da cultura de Michel Foucault. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo, Martins Fontes, 1992. p. 59.

⁴⁶¹ RAMOS, Vidal. *Notas sobre a fundação de Lages*. Florianópolis, Departamento de Estatística e Publicidade. 1939. p.7.

melhor meio de compreender com minúcias cada pequena parte do território de Santa Catarina.

Além da necessidade demonstrada pelo Estado de produzir um conhecimento acerca de Santa Catarina, sob forma de diversificadas publicações, com o objetivo de, fundamentando-se no saber produzido pelos mesmos textos, intervir sobre a realidade, há que se considerar o poder de intervenção que estes textos tiveram por eles mesmos. A capacidade de intervenção dos textos passou, tanto pela possibilidade de consolidar um determinado modo de vida, como pela afirmação da língua nacional. Neste sentido é possível considerar, com Chartier que

*"Fora a escola e suas pedagogias formalizadas, a conquista do saber ler supõe, por sua vez, a entrada em uma cultura já penetrada, trabalhada pelo escrito, mesmo se ele não é conhecido pela mediação de uma palavra, e o conhecimento memorizado do texto em seguida reconhecido, recortado, decifrado do livro. Nas sociedades tradicionais, aos leitores formados pela instituição devem ser confrontados aqueles que conquistaram a escrita com grande luta e cuja competência, se ela não é certificada e controlada pelas letras, arrisca sempre produzir leituras fora da norma, improváveis ou rebeldes."*⁴⁶²

Há que se considerar, também com Chartier, que formas diferentes de acesso ao escrito se impuseram historicamente nas sociedades contemporâneas. Este acesso sempre implicou num aprendizado com os textos, porém se afirmou a partir de espaços distintos, que resultaram numa maneira diferenciada de apropriação dos ensinamentos dos textos. A forma de acesso através do espaço da escola, que implica num aprendizado mediado pela instituição, permeado por uma série de regras pedagógicas, pode ser confrontado a outra forma que pressupõe o autodidatismo.⁴⁶³

As reflexões de Chartier levam a pensar não só em formas de divulgação dos textos do Estado através da imprensa e de diferentes editores que os faziam chegar ao público leitor, como também porque foi tão significativo o investimento

⁴⁶² "Todo autor, todo escrito impõe, como efeito, uma ordem, uma postura, uma atitude de leitura, que o escritor quer afirmar explicitamente ou bem produz mecanicamente pela maquinaria do texto, escrito na letra, mas também nos dispositivos da impressão, o protocolo da leitura define qual deve ser a correta interpretação e o justo uso do texto, e ao mesmo tempo ele delinea o seu leitor ideal." CHARTIER, Roger. *Pratiques de la lecture*. Paris, Éditions Payot & Rivages, 1993. p. 8.

⁴⁶³ CHARTIER, Roger. *Pratiques de la lecture*. Paris, Éditions Payot & Rivages, 1993. p. 9-10.

do Governador de Santa Catarina, Nereu Ramos, em criar uma rede escolar oficial para a difusão das noções que tais textos pretendiam afirmar.

Neste sentido, a obra "*Nacionalização do Ensino: aspectos políticos*", escrita por Ivo D'Aquino, publicada em 1942, fazia uma análise minuciosa da situação da nacionalização das escolas estrangeiras. Tratava do problema não apenas em Santa Catarina, mas discutia a questão nos três Estados do Sul. O texto é significativo porque coloca duas possibilidades de análise de escritos do Estado: por um lado, a propaganda da campanha nacionalizadora, por outro, as resistências verificadas entre os descendentes de estrangeiros. Dentre estes, os poloneses e ucranianos eram aqueles, na ótica dos governantes, menos ameaçadores à unidade nacional:

*"Os núcleos coloniais poloneses e ucranianos não significavam um problema, pelo pequeno âmbito de sua influência, embora em certos casos isolados merecessem reparo das autoridades do Estado. Apesar de, após a constituição do governo nacionalista polonês, em 1935, ter este feito intensa propaganda entre os descendentes de poloneses, no Brasil, para a conservação do espírito racial, era para eles mais impressionante o problema do culto religioso na sua língua nacional, que propriamente o racial."*⁴⁶⁴

Os italianos, por sua vez, eram vistos como aqueles "*facilmente assimiláveis ao meio nacional*", tomados como os que não costumavam manifestar resistência deliberada:

*"Nos núcleos de descendência itálica, sobretudo os do sul do Estado, o governo fascista teve a ilusão de que poderia insuflar no ânimo das suas pacíficas populações o racismo fotográfico das suas legiões de camisas pretas. Mas como todo o mundo sabe, e o italiano mais que ninguém, o racismo, criado por Mussolini, é apenas um delírio político e que tem sido menos nefasto aos outros países que à própria Itália. É uma atitude e não uma convicção. E a não ser a alguns interessados em correspondência com os cofres dos consulados italianos, pouco entusiasmo despertou naqueles núcleos coloniais a idéia da universalidade da cultura fascista, para os descendentes de italianos, aliás facilmente assimiláveis ao meio nacional, pela sua identidade latina e pela sua formação moral e religiosa. Não significa isso que não existisse o problema da nacionalização do ensino nesses núcleos, devido, porém, mais ao descaso dos poderes públicos, que a uma resistência deliberada da parte deles."*⁴⁶⁵

⁴⁶⁴ D'Aquino, Ivo. Op. Cit. p. 29-30.

⁴⁶⁵ Idem p. 30-31.

Quanto aos descendentes de alemães, entretanto, levantava formas diferenciadas de resistência:

"Já nos núcleos de descendência germânica o problema não se apresentava sob o mesmo aspecto.

Para a desintegração desses núcleos do ambiente nacional, concorriam os seguintes fatores:

- a) resistência orgânico-social das suas populações a qualquer influência que lhes contrariasse os hábitos e as convicções raciais;*
- b) propaganda metódica, organizada e intensiva de elementos interessados em manter esse ambiente;*
- c) auxílio pecuniário e assistência do governo e de organizações alemães, ou de sociedades fundadas no Brasil, mas àquelas filiadas, para a propaganda da cultura e do racismo germânicos e para a manutenção das escolas não brasileiras;*
- d) práticas e cultos religiosos em língua alemã;*
- e) difusão de jornais, revistas, livros e calendários, em língua alemã, com a finalidade de manter vivo o espírito racial;*
- f) ausência ou ineficiência das leis de nacionalização quer federais quer estaduais.*

Elementos desintegrantes do espírito nacional

Quanto à nacionalização do ensino influíam dois elementos altamente desintegrantes de qualquer atuação naquele sentido:

- a) a igreja evangélica alemã;*
 - b) as sociedades escolares, denominadas teuto-brasileiras.*
- Não exagero, quando me refiro, neste passo, àquela igreja. São os próprios alemães que assim a entendem.*"⁴⁶⁶

As formas de resistência apreendidas pelo texto de D'Aquino evidenciam como as autoridades de Santa Catarina tinham olhos diferentes para descendentes de diferentes grupos étnicos, entre eles os descendentes de alemães, como aqueles que mais ameaçavam o espírito nacional. Permitem refletir porque os governos Vargas e Ramos estiveram tão atentos sobretudo para a população alemã. O mesmo texto permite também pensar sobre o poder dos textos para promover mudanças nas pessoas, sobretudo através da escola.

A leitura de D'Aquino faz pensar algo além das resistências que consistem em leituras rebeldes, fora da norma, conforme proposto por Chartier. Ao contrário destas leituras, os escritos do Estado foram incorporados à instituição escolar, substituindo textos em língua estrangeira, até então leitura obrigatória de professores e alunos.

⁴⁶⁶ Idem p. 31-32.

Estes foram textos de propaganda. Propaganda totalitária. Emitiram imagens, usaram metáforas, figuras de linguagem que criaram mitos em torno da unidade, do todo harmônico, do líder superior e carismático.

A noção de mito parece abrir espaço para a emergência de imagens que a princípio se mostraram difusas ou dispersas, mas que tenderam a se afirmar historicamente, delineando formas de intervenção diferenciadas em pensamentos, atitudes e comportamentos humanos. O mito faz retornar à origem, rememorar o passado, presentificando o que parece ser o caminho do acerto ou fazendo esquecer. A recordação traz, em contrapartida, algum esquecimento⁴⁶⁷, e a realidade mítica parece levantar tais possibilidades.

Neste sentido é que a temática da unidade, do destino comum dos povos, pode ser pensada num plano de construção mítica, constituída numa rede de imagens e símbolos, de uma vontade de unir, fundir a sociedade, num plano de homogeneidade e coerência, da condenação ao particularismo, e à dissidência. Essa foi a possibilidade levantada por Girardet.⁴⁶⁸ Estas formulações possibilitam a compreensão da brasilidade, enquanto projeção da população direcionada para a integridade do Estado-Nacional, para a criação do Estado-Nação. É uma visão mítica da unidade a ser conquistada, enquanto parte da formação cultural brasileira.

Assim também é possível pensar a presença do Estado nas pessoas, da maneira como Lefort se refere ao totalitarismo: no sentido deste tomar toda a extensão do espaço social, recondicionando os corpos.⁴⁶⁹ Da mesma forma, o mito da unidade nacional atinge cada indivíduo, no seu comportamento, nas suas expressões cotidianas, nos seus sentimentos. Este mito foi construído também pelos textos, evocando sentimentos de brasilidade, que apontaram para a unidade nacional.

Num discurso pronunciado por Getúlio Vargas quando da sua visita a Santa Catarina em 1940 - que levou o título de "*O sentimento de brasilidade em*

⁴⁶⁷ ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva. 1991. 107.

⁴⁶⁸ "Para além de suas formulações doutrinárias, a temática da Unidade revela, em compensação, um segundo plano de construção mítica surpreendentemente rico, uma rede singularmente densa de representações oníricas, de imagens e símbolos." GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p.145-146.

Blumenau", publicado na "*Nova Política do Brasil*" -, aparecem preocupações do governo em combater o particularismo e regionalismo enquanto elementos desagregadores. Todo e qualquer partido político que estivesse funcionando conforme os moldes da Primeira República, ou seja, sob o estrito controle das oligarquias regionais, ou sem vinculações com o governo federal, foi dissolvido. A postura do governo mudou. Agora, cabiam preocupações com populações regionais dispersas no território brasileiro, para orientá-las:

"Hoje, as coisas mudaram. Os próprios partidos políticos, então simples agremiações regionais, sem finalidade nacional, foram dissolvidos. O governo já não se aproxima dos colonos para pedir-lhes votos; o governo tem por eles sentimentos paternais, e deles só se aproxima para ampará-los, para dar-lhes justiça, para garantir-lhes o trabalho e a tranqüilidade, para desenvolver-lhes a economia, para aumentar-lhes a riqueza.

Se o governo dissolveu os partidos políticos, porque eram forças que encerravam sua atividade nos limites dos Estados, não poderia permitir, também, que elementos estranhos, vindos de fora, procurassem perturbar a tranqüilidade das populações coloniais, tentando arrastá-las e organizá-las para o exercício de atividades contrárias aos interesses da Pátria."⁴⁶⁹

Evidencia-se aqui, sobretudo, o caráter de ameaça que a influência estrangeira poderia exercer em relação à unidade interna do Brasil. A tranqüilidade da pátria significa, aqui, patriotismo. O recurso da ameaça externa se constituiu num dispositivo muito eficiente para promover a unidade em torno da pátria, para atrair a atenção da massa para a brasilidade e para reunir a todos em torno da nação.

O sentimento de patriotismo, ou a brasilidade, constituía-se em oposição a tudo o que vinha de fora. Lefort trabalha com essa noção vinculada a um outro contexto.⁴⁷¹ Refere-se aqui a um recurso permanentemente utilizado pelo discurso.⁴⁷² Alcir Lenharo trouxe essa discussão para o momento do Estado Novo, vinculada à imagem do estrangeiro.⁴⁷³

⁴⁶⁹ LEFORT, Claude. *As formas da história*. São Paulo, Brasiliense, 1990. p. 326.

⁴⁷⁰ VARGAS, Getúlio. *A nova política do Brasil*. 1939/1940. Rio de Janeiro, José Olympio, v.6. p.197.

⁴⁷¹ "Cada um vê-se implicado em um 'nós' que impõe uma clivagem com o de fora; as coisas do mundo, de que se fala tanto, sendo apreendidas unicamente reportadas ao imaginário da História..." LEFORT, Claude. *A invenção democrática*; os limites do totalitarismo. São Paulo, Brasiliense, 1983. p.112.

⁴⁷² "Enquanto se oferece como discurso sobre o social extraindo-se do social, o discurso ideológico se desenvolve sob o signo do impessoal, veicula um saber que é tido como surgido da ordem das coisas. Mas, é-lhe essencial tornar visível a distinção, em todos os níveis, entre o sujeito que se erige por sua articulação com a regra, que se enuncia a si mesmo enunciando-a, e o outro, que não tem dignidade de

Assim, da mesma forma que a oposição interno/externo teria estimulado nos indivíduos, simbolicamente, a sensação de estarem unidos em torno da pátria, da nação, o estrangeiro passou a ser o elemento ameaçador em Santa Catarina, o inimigo, a razão do mal. O mal aqui estava constituído pela diferença, pela diversidade, pelo particularismo e pela heterogeneidade.

No plano da construção mítica é possível pensar como a imagem negativa do açoriano em Santa Catarina no início do século esteve vinculada a diferentes matizes do pensamento brasileiro, que afirmaram a idéia de "*povo brasileiro*" a partir de representações que o configuraram como "*vadio*", "*incapaz*", "*imaturo*", "*despreparado*", "*indolente*" e "*sem ambição*". Tanto na literatura como em trabalhos de sociologia, história, medicina, que se diziam ou não científicos, estas representações estiveram presentes, cristalizando uma imagem que se inscreveu de forma marcante na cultura brasileira, e que suscitou formas de intervenção regeneradoras.⁴⁷⁴ De uma certa forma o mito tem uma eficácia, como atestada por Roland Barthes.⁴⁷⁵

Parece contudo que os mitos sobrevivem em certas circunstâncias e desaparecem em outras, vinculados a questões de natureza política ou cultural diversificadas. Na constituição da idéia de povo, como parte inerente da formação do Estado Brasileiro, aquelas imagens se vincularam a questões relativas ao trabalho e à imigração. Tudo isto numa trajetória em que se sucederam, por vezes, a qualificação de uns e a desqualificação de outros.

sujeito por não ter acesso à regra. A figuração da regra caminha junto com a da natureza e tal oposição vem cunhar-se numa série de termos manifestos: é, por exemplo, o 'operário' figurado face ao burguês, o inculto face ao homem cultivado, o selvagem face ao civilizado, o louco face ao homem normal, a criança face ao adulto; através de todas essas substituições, a imagem de um ser natural sustenta a afirmação da sociedade como um mundo acima da natureza". LEFORT, Claude. As formas da história. Op. Cit. p. 318.

⁴⁷³ "A maneira como essa ameaça externa foi construída atendia à necessidade de consubstancializar o nacional, principalmente num momento histórico como o dos anos 30, em que a luta de classes atingia alto nível de combustão. (...) Do ponto de vista do regime e de sua propaganda, a criação de um inimigo externo poderoso e ameaçador facultava-lhes ganhar a adesão e coesão internas, assim como a justificação para um movimento interno de militarização do país e de sua gente, visto como inevitável e necessário à defesa nacional". LENHARO, Alcir. Sacralização da política. Op. Cit. p.135.

⁴⁷⁴ NAXARA, Márcia Regina Capelari. Estrangeiro em sua própria terra; representações do trabalhador nacional 1870 / 1920. Op. Cit. p. 214, 215- 218.

⁴⁷⁵ "Os mitos não são nada mais do que esta solicitação incessante, infatigável, essa exigência insidiosa e inflexível, que quer que todos os homens se reconheçam nessa imagem eterna, e contudo datada, que deles se construiu um dia, como se isso o devesse ser para todo o sempre". BARTHES, Roland. Op. Cit. p. 220.

O "perigo alemão" se inscreveu na afirmação da política integradora como parte da construção de uma identidade nacional. Este "mito" parece não ter se configurado apenas nos anos 30/40, mas teria estado presente de forma atenuada nos discursos que, já a partir de finais do século XIX, recomendavam medidas que impedissem a formação de "*quistos raciais*". Entretanto, foi no final dos anos 30 que ele ganhou maior intensidade, sobretudo vinculado ao problema da afirmação da língua nacional. Assim, é também a partir de uma releitura de obras literárias do início do século que é possível resgatar essas imagens. Em meio a debates acerca da identidade cultural e da busca de valores autenticamente nacionais, sobretudo presentes em obras como de Graça Aranha, Mário de Andrade, Sílvio Romero e Gilberto Freire, é possível perceber como se constituiu a imagem da coesão nacional. Por outro lado é possível compreender como o perigo alemão, ou generalizando, o perigo estrangeiro, possa ter sido tomado enquanto uma possibilidade de comprometer a unidade lingüística do Brasil.⁴⁷⁶

O falar literário e o discurso científico construíram tanto a imagem dos teuto-brasileiros como um corpo harmônico e coeso quanto serviram, desde o início do século, como uma espécie de advertência em relação ao que se confirmaria durante a Segunda Guerra: o perigo alemão.⁴⁷⁷ Importa ter em conta que, fosse negativa ou positiva, a imagem do teuto-brasileiro, ou do estrangeiro, sempre se colocou em contraposição à imagem do brasileiro e inspirou políticas voltadas para intervenções junto a esses grupos.

Constituiu-se também como referência significativa nos textos a retomada dos conceitos de raça e cultura presentes no pensamento de Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Alberto Torres e Oliveira Vianna⁴⁷⁸, e seus vínculos com as

⁴⁷⁶ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil. Op. Cit. p. 6 - 34 - 39 - 60 - 61 - 62 - 68 - 81.

⁴⁷⁷ Idem. p. 94-95.

⁴⁷⁸ Evidentemente que as concepções sobre raça e cultura destes pensadores divergiam entre si. Nina Rodrigues era partidário da teoria da inferioridade racial inata, sobretudo do africano, que nunca poderia atingir a inteligência do branco nem o comportamento civilizado. Contrário à noção de branqueamento da raça pela miscigenação, alegava que poderia produzir degenerados físicos. A influência do negro era um dos fatores da inferioridade (inclusive inferioridade cultural) do povo brasileiro. Euclides da Cunha era favorável à imigração branca e à influência da "inteligência do estrangeiro" para a definição da feição brasileira. Considerava o mulato (ou mestiço) degenerado. O comportamento dos sertanejos poderia ser explicado pela origem racial inferior. Acreditava na "mistura racial" para chegar à "integração étnica", depois de um número de gerações (soava como branqueamento). A princípio a mistura provocaria instabilidade pessoal e social, porém da mistura índio-branco poderia surgir um produto homogêneo.

concepções nacionalistas dos anos 30, sobretudo aquelas associadas à eugenia⁴⁷⁹. Tratava-se, naquele momento, de construir uma nação forte e autêntica⁴⁸⁰. Neste afã alguns pensadores atribuíram ao descendente de estrangeiro um estigma negativo⁴⁸¹, a imigração foi restringida e houve intervenções nos chamados "*quistos raciais*".

Retomando um trabalho que trata do pangermanismo no sul do Brasil, percebe-se que a imagem do "*outro*" esteve envolvida na propaganda que configurou a existência de um perigo "*alemão*" e que esta imagem foi associada a segmentos que intencionavam afirmar na nação a preponderância da cultura luso-brasileira diante das demais culturas. Em Santa Catarina, esse movimento esteve presente entre a intelectualidade que descobriu a "*açorianidade*". Neste sentido é que se pode ter em conta como, através de uma série de disputas por significações diversas, a imagem dos descendentes de estrangeiro, mais propriamente a do teuto-brasileiro e do italiano, até então tomados como "*disciplinados e afeitos ao*

Alberto Torres era contrário a atribuir os problemas brasileiros à inferioridade étnica. As causas desses problemas estariam na falta de adaptação inteligente ao meio. A unidade nacional não era de natureza racial, mas sociológica (exploração do país por estrangeiros, alienação da elite da realidade nacional). Para a unidade seria necessária uma "consciência nacional", a mudança do "caráter nacional" e novos "hábitos de trabalho". As causas da posição inferior do brasileiro estavam nos acidentes históricos. As soluções teriam que ser brasileiras. Oliveira Vianna também era favorável à tomada de consciência nacional, porém era adepto do pensamento racista europeu e da tese do branqueamento da raça. Afirmava que o número de negros e índios estava declinando da população total, e que o Brasil caminhava para a branquitude (com o aumento do número de brancos e mulatos). O movimento imigratório contribuiu para isto: a pureza étnica seria atingida pela miscigenação. SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco*, raça e nacionalidade no pensamento político brasileiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. p. 75-79, 120-126, 136-141, 219-222.

⁴⁷⁹ As idéias de eugenia estavam colocadas para o pensamento político dos anos 30/40, mas agora com características nacionalistas e controle para impedir quaisquer divisões a serem provocadas pelos estrangeiros. Eis aqui um exemplo de como pensavam os nacionalistas no início da década de 40, no que se refere à educação do corpo:

"A educação do corpo deve apresentar duas características fundamentais: eugenia e nacionalismo. Eugenia é o estudo e a aplicação dos fatores que melhoram os caracteres físicos e intelectuais da raça. Esse melhoramento deve vir de dentro para fora, promovendo a consciência da saúde, o culto da beleza e a aquisição das boas heranças e dificultando as uniões dos tipos inferiores da espécie." Este texto faz parte de uma tese sobre "Unidade étnica" apresentada pelo professor Deodato de Moraes ao Primeiro Congresso de Brasilidade, realizado em Florianópolis entre 10 e 19 de novembro de 1941.

⁴⁸⁰ Para Alberto Torres, contrário a fórmulas estrangeiras e partidário de um nacionalismo econômico, a solução para a economia brasileira estava na terra (e não no comércio ou indústria). Pregava o fortalecimento da ordem federal com maior poder para a União. SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 140-141. Oliveira Vianna advogou o princípio da centralização, autoritária para impedir a força da dispersão demográfica. O governo forte deveria prevalecer sobre as forças dos estados e do regionalismo. BRESCIANI, Maria Stella M. "O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna, cientista social". Op. Cit. p. 13.

⁴⁸¹ Alguns ainda estavam influenciados pelas teorias do branqueamento da raça, que tiveram força até os anos 20, nas quais o europeu tinha um papel fundamental para a miscigenação com o povo brasileiro. Entretanto, quando se tratava do problema mais importante para a época, o da unidade nacional, a possibilidade da formação de quistos raciais era condenada por todos os nacionalistas.

trabalho", foram reelaboradas.⁴⁸² As noções presentes nos textos editados em Santa Catarina não diferiram muito daquelas dos textos editados nos demais Estados do Brasil. Alguns políticos e escritores brasileiros já haviam, desde o início do século, afirmado junto à sociedade brasileira os princípios básicos da nacionalidade e dos perigos inerentes à permanência de núcleos alemães isolados. Temendo que as colônias alemãs pudessem formar uma república independente no sul ou que se tornassem colônias políticas do Império Alemão, Silvio Romero publicou, em 1906, o texto "*O Alemanismo no Sul do Brasil: Seus perigos e meios de os conjurar*"⁴⁸³ Posteriormente, em 1912, ainda num movimento de lançar mão da situação vigente no sul para afirmar o sentimento patriótico, publicou outro texto sobre as terras do Contestado: "*A união do Paraná e Santa Catarina; o Estado do Iguaçu*".⁴⁸⁴

O "perigo alemão", colocado desde o início do século, discutido por governantes e representantes dos órgãos estatais, e difundido pela imprensa, era atribuído ao grande número de imigrantes dessa nacionalidade e seus descendentes nas cidades catarinenses, e pequeno número de descendentes de portugueses e italianos. Propagandeava-se que havia uma intenção deliberada do governo alemão em enviar seus agentes para o Brasil; que o eleitorado teuto-brasileiro estaria prestes a sufocar a vontade dos brasileiros de origem lusitana e demais origens; que não haveria lealdade, por parte dos brasileiros de origem alemã, ao Brasil e à cidadania brasileira; que a população de origem teutônica se recusaria a prestar o serviço militar ao Brasil. Também que o idioma alemão estaria disseminado nas escolas, jornais, centros de lazer, casas de assistência; que os monumentos públicos possuíam inscrições em alemão; que a principal escola de Santa Catarina, o Ginásio Catarinense, era dirigido por padres alemães, e que na Escola Normal Catarinense era obrigatório o ensino da língua alemã. Que núcleos de descendentes de alemães se reuniam separadamente dos demais

⁴⁸² MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. *Alemanha, mãe-pátria distante*; utopia pangermanista no sul do Brasil. Op. Cit. p. 6-59.

⁴⁸³ ROMERO, Silvio. *O Alemanismo no Sul do Brasil: Seus perigos e meios de os conjurar*, Heitor Ribeiro, Rio de Janeiro, 1906. 72 pp. APUD DALBEY, Richard O. *The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization*. Op. Cit. p. 54.

⁴⁸⁴ ROMERO, Silvio. *A união do Paraná e Santa Catarina; o Estado do Iguaçu*, 1912. Mimeo. 44 pp.

brasileiros para falar coisas da sua terra, manter seus costumes, comer sua comida típica, reverenciar seus heróis e relembrar os feitos gloriosos do seu Estado. Que os ministros das diversas igrejas catarinenses estariam influenciando os caboclos e demais pessoas nas festas religiosas e nas missas quando falavam alemão; que o sentimento germânico estaria acima do sentimento religioso, e acima das divergências religiosas entre católicos e protestantes; que os pastores protestantes e professores das escolas só falavam o alemão e não se esforçavam para aprender o português. Que até mesmo o governador do Estado na época, o coronel Felipe Schmitd, bem como seu antecessor, Lauro Müller, eram "Governadores Germânicos" e nada faziam para nacionalizar as populações; e que o Sr. Carlos Hoepcke, conhecido industrial-comerciante catarinense, estaria importando submarinos da Alemanha.⁴⁸⁵

No ano de 1916, o jornal "O Dia", de Florianópolis, publicou a conferência feita pelo seu diretor nas dependências do "Jornal do Comércio", do Rio de Janeiro. Esta publicação deu destaque especial, ao tratar de questões referentes ao Estado de Santa Catarina, ao perigo alemão. Fazia uso das imagens do trabalho próspero nas cidades do sul para mostrar como a propaganda do perigo era resultado da inveja de brasileiros:

"É este o perigo alemão: - o colono penetra na mata virgem, palmilha o interior do sertão bravio, transforma a floresta num centro de trabalho e de atividade inteligente, e rasga assim, para a terra que escolheu para sua segunda Pátria e para a Pátria de seus filhos, novos e fecundos horizontes.

*O colono quer estar cercado de conforto, quer vida e animação, quer aproveitar a nossa natureza luxuosa e rica, detesta a indolência e o *laissez passer*.*

*Daí o grau de prosperidade que reina nos Estados do Sul, onde a pequena propriedade impede a miséria e a fome."*⁴⁸⁶

O texto levantava as possibilidades de bons resultados que o trabalho do imigrante trouxera para o Brasil: a transformação da floresta em pequena propriedade pela atividade inteligente. Ao imigrante era atribuído papel fundamental na prosperidade brasileira, pelo seu trabalho, dedicação e disciplina. Estariam aqui as razões do perigo?

⁴⁸⁵ REGIS, Lebon. O perigo alemão e o problema do ensino em Santa Catarina. Op. Cit. p. 7-14.

⁴⁸⁶ FONSECA, Thiago da. Estado de Santa Catarina, seu desenvolvimento econômico e financeiro - o problema da Instrução pública e o perigo alemão. Florianópolis, Oficinas da Empresa "O Dia", 1916. p. 8.

„Daí esta encantadora cidade de Joinville, cognominada a Suíça brasileira, pela multiplicidade de suas indústrias, e pelo encanto de suas ruas que mais se parecem com as alamedas de um intermínio jardim.

Daí essa laboriosa cidade de Blumenau, onde ao influxo salutar das nossas leis, diversas raças se confundem, obedecendo todas ao regime do trabalho, da ordem e do respeito observado pelos velhos colonos que da Alemanha nos vieram trazer o concurso de sua atividade.

Daí essa belíssima e encantadora cidade de Itajaí, ponto conquistado a rocha e as areias - com as suas ruas largas, bem traçadas, debruçadas à margem do alteroso rio Itajaí, que desce da alcantilada cordilheira descrevendo silhuetas por uma região opulenta e ubérrima.

Daí essa catita vila de Brusque, com suas ruas bem areiadas, bem alinhadas, bem niveladas, graças às abnegadas administrações municipais, que fazem prodígios com a sua minguada receita de 20 contos de réis.

A inveja dessa prosperidade dos centros oriundos de antigas populações alemães, hoje, pelo patriotismo dos seus descendentes, integralizados em nossa nacionalidade, criou o perigo alemão, sem se lembrar que nossa Pátria muito deve à Alemanha."⁴⁸⁷

Atribuindo as razões pelas quais a noção de "perigo alemão" foi disseminada pelo Brasil à inveja da prosperidade econômica apresentada pelas cidades catarinenses como Joinville, Blumenau, Itajaí e Brusque, o autor atribui aos alemães sentimentos patrióticos em relação ao Brasil:

"Nos campos inóspitos do Paraguai os alemães foram, em batalhões por eles organizados, defender a honra de nossa Pátria, pagando com o seu sangue o carinho com que os acolhemos.

(...)

Falar no perigo alemão é, antes de tudo, acima de quaisquer outras considerações, desconhecer o patriotismo do nosso povo, não confiar no valor dos nossos patrícios; é supor ter hoje desaparecido essa raça de heróis que teve a sua primeira revelação gloriosa nos campos iluminados dos montes Guararapes."⁴⁸⁸

As razões do perigo eram atribuídas ao descaso do governo brasileiro:

"O perigo alemão é velho papão que não amedronta senão os tímidos, os fracos, os descrentes e os céticos.

(...)

O perigo nós é que o criamos com a nossa imprevidência, com o nosso descaso pelas coisas públicas.

Perigo porque uma nação forte, dotada de elevada cultura, capaz dos maiores assombros no mundo das idéias, nas indústrias e nas artes, procura manter entre os seus descendentes o sentimento da honra e da dignidade, sem que paralelamente, ao lado dessa ação civilizadora, oferecêssemos o cultivo de nossa língua, de nossas tradições gloriosas?

⁴⁸⁷ Idem.

⁴⁸⁸ Idem. p. 9.

*Perigo porque o Governo Federal deixa núcleos coloniais, ainda sob sua direção, sem uma escola nacional?*⁴⁸⁹

Importante observar que, sempre que se tratava de perigo alemão, a temática da instrução pública vinha à tona como solução necessária para o problema. Aqui se evidencia a remodelação do ensino iniciada em 1910 pelo governador de Santa Catarina Vidal Ramos, com o auxílio do educador paulista Orestes Guimarães, e prosseguida pelo seu sucessor, Felipe Schmidt:

"Orgulho devemos ter nós, catarinenses, pelo desenvolvimento de nossa instrução que o Sr. Coronel Vidal Ramos remodelou patrioticamente, com o precioso auxílio de hábil educador paulista Sr. professor Orestes Guimarães.

(...)

O Estado de Santa Catarina tem hoje um perfeito aparelhamento escolar, que abrange escolas de ensino graduado e não graduado.

As primeiras, compreendendo ginásio, escola normal, escolas complementares, grupos escolares e escolas reunidas, estão instaladas nas sedes dos municípios mais populosos, (...)

A reforma, que tem data de 1911, seguiu a ordem sociológica - do centro para a periferia.

(...)

Nas demais cidades existem Escolas Complementares e Grupos Escolares.

A matrícula e a freqüência escolar têm aumentado gradualmente de 1909 para cá.

(...)

*A organização escolar do Estado, iniciada em 1910 pelo Coronel Vidal Ramos, que a ela deu o máximo desenvolvimento, sem a mínima solução de continuidade - tem sido continuada pelo Sr. Dr. Felipe Schmidt, atual Governador, que a tem firmado e desenvolvido.*⁴⁹⁰

As duas grandes preocupações da reforma do início de século convergiram para o ensino cívico e a língua nacional. Quanto à primeira preocupação: tratava-se de um programa *"sedimentado pelos cantos nacionais, pelo estudo da geografia e da história pátria, e pela educação cívica propriamente dita"*, que incluía a introdução da prática de cantar o Hino nacional, das homenagens aos grandes homens e às grandes datas. Quanto à segunda, naquele ano de 1916, evidenciava-se ainda uma tolerância no falar o alemão,

"Antes ter um pugilo de patrícios que falem bem outras quaisquer línguas a tê-los analfabetos e boçais!

Na França não se batem com o mesmo ardor bretões e provençais?

Na Suíça, onde todo cidadão é soldado, onde o sentimento do patriotismo é elevado e nobre, fala-se oficialmente três idiomas além

⁴⁸⁹ Idem.

⁴⁹⁰ Idem. p. 11.

do Rético Romano, apelidado Romanche, que se usa no cantão de Grisões e que muito se parece com o português e o castelhano."⁴⁹¹

E atribuía-se aos alemães e seus descendentes a predisposição em frequentar as escolas públicas estaduais:

*"Nos grupos escolares de Joinville e Blumenau, antigas colônias alemãs, a frequência, na maior parte, é de crianças de origem alemã, o que vem provar que os alemães e seus descendentes não são refratários à frequência nas escolas públicas, quando elas são boas."*⁴⁹²

Quando se tratava de procurar explicações para a persistência em falar a língua de origem nos núcleos de descendentes de imigrantes, atribuía-se sempre as responsabilidades à falta de atenção dos governantes,

"Essa questão do ensino da língua vernácula nos núcleos de população estrangeira é de uma extraordinária complexidade.

Disse o atual governador do Estado em sua brilhante Mensagem:

"Por um largo espaço de tempo deixamos cada um desses núcleos entregues a si mesmo, de modo que o colono, não tendo escolas nacionais, educava o filho no conhecimento exclusivo da própria língua. Hoje um tardio patriotismo, injustamente alarmado, ao invés de procurar as causas do mal em nossa própria e proverbial incúria, volta-se em recriminações contra as vítimas dessa mesma incúria, que outras não são do que os próprios colonos e seus descendentes, aos quais o desconhecimento da língua do país traz embaraços de toda a ordem, impedindo-os até de colaborar na vida nacional.

*Efetivamente, apesar dos seus ardentes desejos, apesar dos seus veementes pedidos, os colonos se vêem obrigados a educar os seus como lhes é possível."*⁴⁹³

Ao mesmo tempo em que se culpava o governo federal, isentavam-se os filhos dos alemães, considerando-os brasileiros que empunhavam a bandeira "*Brasil uber-alles*". Dessa maneira, o perigo alemão era transformado em fantasia:

"Os filhos dos alemães são tão brasileiros como os luso-brasileiros.

Basta ter nascido neste clima admirável, sob este céu formosíssimo, para ter a alma inundada pelo santo amor da Pátria.

(...)

O perigo alemão já vai sendo o que é: - uma fantasia de espíritos alheios aos negócios e ao movimento do Sul do

⁴⁹¹ Idem. p. 9-10.

⁴⁹² Idem. p. 13.

⁴⁹³ Idem. p. 13-14.

Brasil, na maior parte das vezes sugestionados por prevenções injustas"⁴⁹⁴

A fiscalização ao programa de Orestes Guimarães e Vidal Ramos não foi muito rigorosa, se levado em conta o que ainda estaria para acontecer nas décadas posteriores. Isto porque o funcionário do governo encarregado da inspeção às escolas particulares existentes nas antigas colônias alemãs e italianas de Santa Catarina concluiu que nelas já estava sendo executado *"um programa que se enquadra às conveniências do ensino nacional"*. Desta forma, além de ter *"solucionado o perigo alemão"*, a reforma já teria também *"resolvido a questão do ensino"*, conforme opinião do autor do texto.⁴⁹⁵

Era evidente, para as autoridades catarinenses e educadores envolvidos na remodelação do ensino, a necessidade de *"criação de escolas, providas de bons professores e disseminadas pelos núcleos coloniais"*.⁴⁹⁶ Entretanto, o descaso e a indiferença do governo federal teriam sido tão grandes, conforme denunciou o deputado José Bonifácio, que inviabilizaram a continuidade da reforma no tempo de Vidal Ramos, só retomada, posteriormente por Felipe Schmidt:

*"O Sr. coronel Vidal Ramos, que a esse tempo administrava o Estado, tendo realizado a obra ingente da remodelação do ensino, solicitou esse auxílio, provando com documentos e em longo Memorial, que o Estado de Santa Catarina, gastando mais de 20% de sua receita com a instrução, estava em condições muito superiores às exigidas pela lei, reiterando o pedido de subvenção. Aqui mesmo no Rio, onde estive a chamado do Sr. Marechal Hermes da Fonseca, o distinto catarinense tratou do assunto, não tendo porém obtido a menor solução."*⁴⁹⁷

No ano de 1917, a polêmica persiste no Brasil, quando novos trabalhos que tratavam da temática brasileira foram publicados no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro e no exterior. Edgardo de Magalhães publicou um estudo em língua inglesa que atribuía maior parcela de responsabilidade em relação ao perigo alemão ao governo brasileiro do que aos colonizadores, alegando que estes eram uma minoria no Brasil:

"permitir a colonização germânica em grande número no sul, onde a população brasileira é escassa, e formar

⁴⁹⁴ Idem. p. 16.

⁴⁹⁵ Idem. p. 13, 16.

⁴⁹⁶ Idem. p. 15.

⁴⁹⁷ Idem. p. 15.

*grupos onde o elemento germânico predomina, foi uma grave negligência. Este mal não é irreparável se medidas enérgicas forem tomadas imediatamente, para suavizar isto."*⁴⁹⁸

No Jornal do Comércio, um dos trabalhos, escrito por Manuel Duarte, chamava-se *"Os Alemães em Santa Catarina: notas de um excursionista"*.⁴⁹⁹ O outro era uma fala do deputado Lebon Regis na Câmara Federal, intitulada *"O perigo alemão"*, que tratava do problema do ensino em Santa Catarina. Apesar de ter no seu título a palavra "perigo", o deputado tentou desfazer as apreensões a respeito da germanização do sul, evidenciando todos os esforços feitos em direção à nacionalização.

O deputado iniciava sua fala dizendo que a germanização de Santa Catarina era um mito, uma invenção, como tantas outras que existiam no país. Afirmava que o governo estadual não se omitia de nacionalizar a população e que poucos estados da União estavam se esforçando tanto como Santa Catarina para realizar a programação nacionalizadora. Para isto existia uma fiscalização do ensino através do inspetor geral e de dois outros inspetores, que visitavam permanentemente as escolas, suspendendo professores não cumpridores de seus deveres, tais como o de ensinar o Hino Nacional aos seus alunos. Acrescentava que o próprio governador Lauro Müller, acusado de ser alemão, demitira, nos primeiros dias do seu governo, um professor estadual teuto-brasileiro por não saber falar português. Alegava estar não somente o estado, mas também os municípios catarinenses, permanentemente tentando, no que se referia ao ensino das coisas da pátria e ao ensino da língua portuguesa, melhorar cada vez mais; e que só estavam subsidiando as escolas nas quais os professores tivessem comprovado, por exame, o conhecimento da língua portuguesa.⁵⁰⁰ Desta forma o estado de Santa Catarina estava fazendo tudo o que era *"humanamente possível"*,

⁴⁹⁸ MAGALHÃES, Edgardo de. "Germany and South América: A Brazilian View". Nineteenth Century 81: 74, January, 1917 APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p.55.

⁴⁹⁹ DUARTE, Manuel. Os alemães em Santa Catarina: notas de um excursionista. Tipografia do Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1917, 66 pp.

⁵⁰⁰ REGIS, Lebon. O perigo alemão e o problema do ensino em Santa Catarina. Op. Cit. p. 12-19.

*dentro dos seus recursos, para melhorar a situação ali existente em matéria do ensino da língua portuguesa".*⁵⁰¹

Quanto ao assunto da língua, algumas observações complementares feitas pelos presentes iam no sentido de que dos próprios alemães estava partindo o interesse em aprender o português, pois se faziam freqüentes as solicitações de professores de língua portuguesa.⁵⁰² Regis acrescentava que aqueles estavam aderindo ao esforço do governo estadual para criar linhas de tiro em todas as localidades de descendentes de alemães, demonstrando, desta forma, sua disposição em servir à Pátria. Afirmava que a maioria das sociedades de tiro de Santa Catarina eram federadas. Dizia ainda ser a reforma do ensino a principal preocupação nacionalizadora do governo, auxiliado por professores paulistas; e mais, ter o governador Vidal Ramos iniciado a nacionalização sob a responsabilidade de Orestes Guimarães que, naquele momento, dava ordens em matéria de ensino em Santa Catarina, no que se referia à organização, fiscalização geral e direção. Para esta finalidade, acrescentava, foram criados grupos escolares em funcionamento regular na capital e em municípios como Joinville, Blumenau, Itajaí, Lages e Laguna; e que projetos de estabelecimentos escolares estavam sendo executados em outros municípios onde moravam descendentes de imigrantes. Também haviam sido criadas escolas reunidas para funcionar nas vilas e escolas complementares estavam funcionando com o objetivo de "*eleva* *o nível moral do ensino nas cidades*".⁵⁰³

Justificava que, se alguns professores da Escola Normal Catarinense estavam aprendendo a língua alemã, era para melhor ensinarem o vernáculo para crianças que só falavam alemão. Acrescentava, sobre este aspecto, sendo afirmação do próprio professor Orestes Guimarães, que a nacionalização deveria ser gradativa, pois se todos os professores com conhecimento do alemão fossem substituídos repentinamente, certamente as matrículas decresceriam. Desta forma, haveria necessidade de uma preparação dos professores para habilitá-los a ensinar

⁵⁰¹ Idem. p. 19.

⁵⁰² Idem. p. 18.

⁵⁰³ Idem. p. 12-19.

nos grupos escolares aos filhos de alemães, principalmente para aquelas crianças que não sabiam o português ao chegar à escola.

Finalizava dizendo que o sentimento patriótico estava sendo incutido permanentemente nos alunos, como no caso das festas escolares, através de programação como as da Escola Complementar de Blumenau:

"Primeira parte (às 17 horas) - Festa escolar.

Primeira - 1, "Hino Nacional", por todos os alunos; 2, "7 de setembro", poesia, Octávio Muller; 3, "A Fábrica", poesia, Joana Breithaupt; 4, "Brasil", poesia, Ario Cunha; 5, "Dia de festa", poesia, Adélia Rudiger; 6, "Viva o Brasil", poesia, Vitor Pereira; 7, "A República", diálogo, Wally Kaden e Veneranda Moser; 8, "Somos os pequeninos, canto por todos os alunos.

Segunda - 9, "Hino à bandeira, canto, por todos os alunos; 10, "Caminho da escola", poesia, Elsa Michels; 11, "Nosso pendão", poesia, Heitor Ferraz; 12, "Despedida", poesia, Anna Jahn; 13, "A Primavera", canto, por todos os alunos; 14, "Viva", poesia, Luiza Landriani; 15, "A Cidade da Luz", poesia, Durval Muller; 16, "Tiradentes", poesia, Frederico Cunha; 17, "A escola", poesia, Emilia Altenburg; 18, "A bandeira nacional", poesia, Frida Lurdes; 19, "Ginástica sueca"; 20, "Hino do Estado", canto, por todos os alunos; 21, "Desfile".⁵⁰⁴

Desta forma o deputado comprovava que a nacionalização era um *"serviço real e não fictício"*.⁵⁰⁵

Em 1918, sob o nome de "Escolas estrangeiras", foi publicada uma carta de Orestes Guimarães ao Secretário Geral do Estado de Santa Catarina. Esta publicação destaca como epígrafe a frase que deu o tom da remodelação do ensino do início do século:

*"Não devemos cercear o ensino particular; no entanto, é necessário que ele seja seriamente regulamentado e fiscalizado."*⁵⁰⁶

Nessa carta, Orestes Guimarães divulgou a forma pela qual estavam organizadas e como funcionavam as escolas estrangeiras particulares:

"A organização dessas escolas compreende: fiscalização, direção, docência, programa, material didático, regime e fundo escolar, tudo é estrangeiro.

A FISCALIZAÇÃO está entregue aos cônsules, e (por que não dizê-lo?), até aos ministros (como acontece no Rio e em São Paulo, etc.), sendo que as escolas italianas, e algumas alemãs têm inspetores, cujas funções são semelhantes às dos inspetores escolares do Estado, relativamente às escolas públicas.

(...)

⁵⁰⁴ Idem. p. 17-18.

⁵⁰⁵ Idem. p. 19.

⁵⁰⁶ GUIMARÃES, Orestes. Escolas estrangeiras; trechos de uma carta. 1918. (Mimeo)

prestando auxílio moral e material a essas escolas, existem, nas respectivas localidades (Joinville, Blumenau, Brusque, S. Bento, Urussanga, etc.) associações escolares, formadas, em geral, de pessoas de destaque social.

São essas associações, cujas ramificações se estendem até os extremos dos municípios, que recebem as subvenções remetidas pelos governos ou associações estrangeiras, com uma regularidade digna de admiração. A par dessas subvenções, há ainda as rendas provenientes dos donativos e das mensalidades dos sócios. A meu ver, essa organização econômica constitui verdadeiro fundo escolar.

Ora, Excelentíssimo Senhor, à vista do exposto, claro está que a dinâmica educativa das escolas estrangeiras, há de colidir com as nossas aspirações, há de ludibriar qualquer auxílio nacional." ⁵⁰⁷

Este relato de Orestes Guimarães acerca do funcionamento das escolas estrangeiras tinha a intenção de mostrar a incompatibilidade das mesmas com a Liga de Defesa Nacional:

"Os PROGRAMAS, UTENSÍLIOS DIDÁTICOS E O REGIME ESCOLAR - organizados sob a orientação técnica da referida fiscalização, direção e docência - distanciam-se, por completo, das aspirações da Liga de Defesa Nacional, ou melhor - dos nossos sentimentos pátrios." ⁵⁰⁸

Persuadia o governo a não conceder mais auxílios às escolas estrangeiras particulares:

"Movem-me sentimentos mais elevados e sobretudo dignos da comissão que me foi confiada pelo honrado e patriótico Governo deste Estado. Movem-me sentimentos dignos da profissão que abracei.

Assim sendo, não posso conceber quais os motivos que possam levar os Governos do meu país a conceder auxílios às escolas mantidas, ou fartamente subvencionadas, no meu país, por governos estrangeiros." ⁵⁰⁹

Chamava a atenção para o perigo das escolas estrangeiras para a juventude brasileira:

"Absurdo, incúria, ou excesso de bondade, como quer que seja, o que é certo - é que as escolas estrangeiras, dia a dia, vão avassalando o espírito e a alma de uma boa parte da mocidade brasileira." ⁵¹⁰

No lugar de auxiliar as escolas estrangeiras, Orestes Guimarães passa a defender a organização escolar estadual, com a criação de grupos escolares e

⁵⁰⁷ Idem. p. 5-7.

⁵⁰⁸ Idem. p. 6.

⁵⁰⁹ Idem. p. 7.

⁵¹⁰ Idem. p. 8.

escolas complementares, como forma de acabar com as aglomerações de populações de origem alemã ou italiana, promovendo a assimilação.

"Santa Catarina, para concluir, criando os seus magníficos grupos escolares e as suas esplêndidas escolas complementares, as suas bem instaladas escolas mistas dos centros de origem estrangeira (Joinville, Blumenau, Brusque, São Bento, etc.), deu um grande e seguro passo para a correção do grande erro que lhe legou o Império, qual foi aglomerar, em determinados pontos, milhares de famílias oriundas da Alemanha ou da Itália.

*Pode dizer-se, sem temor de contestações sérias e sinceras, que - na falta de outros elementos assimiladores-, a organização escolar deste Estado tem sido e continua a ser o principal fator da assimilação dos aludidos elementos; pode dizer-se que a força motriz dessa organização, ora instalada nas sedes dos principais municípios, vai irradiando-se dessas sedes, desses centros, para as respectivas periferias."*⁵¹¹

Propõe, finalmente, a regulamentação e fiscalização rigorosa destas escolas. Só depois de passarem por uma total remodelação é que elas poderiam adquirir o direito de receber qualquer tipo de auxílio do Estado brasileiro:

*"A meu ver, para que as escolas estrangeiras possam receber qualquer auxílio do Estado, é necessário: que se sujeitem à fiscalização dos inspetores escolares; que os seus diretores sejam nomeados pelo Estado; que aceitem os programas do ensino público; que retirem das suas paredes os retratos de grandes homens de pátrias, que, positivamente, não são dos seus educandos; que retirem das suas fachadas e dos seus armários bandeiras que não podem cobrir os sentimentos, a alma e o corpo de futuros cidadãos brasileiros."*⁵¹²

A divulgação das teses apresentadas na 1ª Conferência Estadual de Ensino Primário, realizada em 1927, em Florianópolis, foi feita através dos seu anais, publicados oficialmente pelo Estado de Santa Catarina. O caráter oficial dessa publicação e também da conferência se vinculava à temática a que se referia, relacionada sobretudo ao ensino do português, da história pátria, da educação cívica, da geografia e de noções de higiene. Também apresentava preocupações no sentido de uniformizar a ortografia nas escolas.⁵¹³ Pela ênfase da temática tratada e pela participação, na organização, do inspetor federal Orestes Guimarães, a conferência e sua divulgação pelos anais significavam mais um

⁵¹¹ Idem. p. 9.

⁵¹² Idem. p. 9-10.

⁵¹³ ANAIIS DA 1ª CONFERÊNCIA ESTADUAL DE ENSINO PRIMÁRIO, Florianópolis, Of. Graf. da Escola de Aprendizes e Artífices, 1927. p. 13-15.

passo oficial no sentido de reformular o ensino em Santa Catarina, e na direção de uma proposta nacionalizadora.

Todas as apresentações de teses nessa Conferência e as discussões levantadas parecem ser respostas dirigidas para uma situação muito própria do ensino primário em Santa Catarina: a existência de um número significativo de escolas estrangeiras. Diante da ameaça de a escola catarinense formar indivíduos que desconhecessem sentimentos de patriotismo e brasilidade, a história pátria foi pensada como o principal meio para se chegar à educação cívica e à formação do caráter nacional:

"O ensino de história pátria é, bem se pode afirmar, o assunto principal para a educação cívica do povo de um país civilizado como é o Brasil.

(...)

A história da pátria é o ensino que mais serve para levantar o caráter nacional.

*Povo que desconhece a história de sua pátria não sabe dar valor a sua própria existência."*⁵¹⁴

Como método para o estudo da história pátria, o defensor desta tese propôs que os fatos históricos fossem ensinados aos alunos, mas propôs também que esses fossem filtrados pelo professor, de forma que os fatos estudados fossem os *"mais importantes da vida da nação"*, os que *"enobrecem o nome do nosso país"* e *"dignificaram os nossos antepassados"*, e os que *"fazem brotar na criança brasileira o sentimento de patriotismo e orgulho por tudo que se pretende à vida política da nação"*.⁵¹⁵

A história pátria deveria, desta forma, vincular-se a um método de ensino que ajudasse a *"fazer nascer na alma da criança o orgulho nacional"*, evitando tratar de *"fatos que possam trazer sentimentos contrários aos que lhes devem dar orgulho da sua nacionalidade"*, como, por exemplo, a forma como vinha sendo tratado o índio na história do Brasil:

*"Entre nós, firmados em compêndios de história do Brasil que procuram justificar os lamentáveis erros dos primeiros povoadores deste país, há o hábito de se ensinar nas escolas que os gentios eram perigosos, que se deliciavam em banquetes macabros com a carne dos seus inimigos."*⁵¹⁶

⁵¹⁴ Idem. p. 233.

⁵¹⁵ Idem. p. 233-234.

⁵¹⁶ Idem. p. 234.

Por tomar o professor como o "*arauto da verdade*" é que este deveria, conforme esta tese, "*esclarecer o que de fato se passou*". E o que de fato se passou no tempo da colonização? Qual a imagem dos colonizadores que estes textos nacionalistas pretendiam introduzir no imaginário infantil? Ou, mais importante para aquela reflexão: qual a imagem do índio que o professor deveria inculcar nos seus alunos? Inicialmente o texto sugere quais os assuntos que não deveriam ser abordados,

*"(...) assuntos, verídicos ou não, que possam trazer uma natural aversão aos gentios, cuja vida, costumes, religiões devem ser ensinados de modo a despertarem nas crianças um justo sentimento de simpatia pelos habitantes primitivos de sua pátria"*⁵¹⁷

Depois dava uma fórmula para "*criar no espírito dos nossos pequeninos patricios o orgulho pela raça*". Esta fórmula passava, conforme afirma o professor autor da tese, pela sedimentação de uma imagem de pátria e nação fundada e fundamentada nas suas origens indígenas, que remontam ao romantismo de José de Alencar:

*"Alguns tópicos das obras de José de Alencar, lidos e comentados em aula, são de salutareos efeitos. Por eles poderá a criança apreciar o caráter e o costume dos indígenas, que foram narrados por aquele escritor brasileiro de uma forma que enobrece e eleva a nossa nacionalidade desde o princípio da história pátria."*⁵¹⁸

Para atingir o objetivo de "*educar o caráter nacional e avivar no delicado espírito infantil o sentimento de patriotismo*", recomendavam aos professores que evitassem certos procedimentos como o de exigir que os alunos decorassem o assunto e o de ser prolixo, já que "*a criança não pode reter na memória todas as palavras com que o educador aborda um assunto*". Ao contrário, recomendava-se procedimentos para tornar as aulas mais atraentes, com assuntos que agradassem às crianças, que despertassem o interesse e prendessem a atenção dos alunos; que utilizassem narração e formas "*expositivas e interrogativas*" nas aulas⁵¹⁹:

"Argüindo sempre que se apresentar ocasião, é como o professor despertará a atenção dos alunos para o que estiver ensinando. Por

⁵¹⁷ Idem. p. 234-235.

⁵¹⁸ Idem. p. 235.

⁵¹⁹ Idem.

um sistema de arguição bem orientado obriga-se o aluno a não preocupar a sua atenção em coisas estranhas ao assunto de que se trata em aula."⁵²⁰

Além destas orientações, a conferência apresentava as características de uma boa professora, ou de uma professora de verdade, como aquela que:

*"ao aparecer a sua figura na porta do pátio corriam alvoroçadas aquelas figurinhas desejosas todas de a abraçar, de lhe passar os braços ao redor da cintura, ansiosas por lhe prender as mãos ávidas por chegar primeiro."*⁵²¹

Para atingir este modelo de sucesso em meio aos alunos, a professora deveria apresentar certos requisitos como:

*"o devotamento capaz de deixar sua impressão na vida das crianças; e (...) aqueles requisitos que estabelecem a harmonia imprescindível entre o professor e o aluno: sinceridade, simpatia, padrão de procedimento."*⁵²²

A sinceridade era associada ao *"amor ao trabalho"*, *"devoção à missão"* e *"espírito de abnegação"*:

*"Ressalta daí que o professor deve ser sincero na sua profissão, amar o seu trabalho, devotar-se à sua missão e possuir aquilo que Itard chamou 'o espírito da abnegação do cientista que prepara uma experiência e espera o que ela lhe revelará'."*⁵²³

Para se obter um melhor êxito no trabalho, vindo ao encontro do requisito *"simpatia"*, recomendava-se que o professor *"penetrasse na vida íntima da criança e da sua família"*:

*"O professor que desejar obter êxito no seu trabalho precisa penetrar na vida íntima da criança. Certo interesse na família do menino, às vezes, consegue o que de outra maneira não se poderia alcançar. Um favor prestado à mãe do menino, um serviço, um ato de simpatia, uma refeição com a família, qualquer destas coisas pode servir de laço poderoso para unir o coração do aluno ao professor."*⁵²⁴

O outro requisito exigido do professor era um *"procedimento padrão"*, no sentido de se constituir num modelo *"transformador de condutas"*. Isto se daria, conforme o texto, na *"esfera moral"* do professor:

⁵²⁰ Idem. p. 236.

⁵²¹ Idem. p. 352.

⁵²² Idem. p. 352.

⁵²³ Idem. p. 353.

⁵²⁴ Idem.

"(...) na esfera moral o professor representa para a criança a ilustração concreta do bem e do direito.

*O propósito último do professor é 'estabelecer modalidades de vida e influir sobre a conduta', pois ensinar já foi definido como 'exercer uma função de guia do aprendiz, regulando o seu processo'."*⁵²⁵

Além disto, as imagens evidenciadas nos textos tinham a clara intenção de criar e difundir os *"predicados indispensáveis a um bom mestre"*:

*"Preparo intelectual e prévio das lições que diariamente deve ministrar; imparcialidade, prudência, tolerância, sem prejuízo da disciplina, carinho, indicando os meios para os conseguir."*⁵²⁶

Desta maneira, dava-se ênfase à educação como transformadora do comportamento, do caráter e da índole, conferindo-se à educação do povo, a exemplo de Miguel Couto em conferência na Associação Brasileira de Educação, o caráter de *"único problema nacional"*:

"Tudo nos leva a crer que, malgrado os ensinamentos em contrário, o homem é um ser em demasia fácil de se tornar adaptável a ensinamentos racionais e elevados, capazes de, modificando-lhe a índole, torcendo-lhe as inclinações más, fazê-lo apto a formar uma sociedade que tenha por base os princípios altruísticos e superiores que devem ser a regra e finalidade dos povos modernos.

(...)

Prozada, assim, a possibilidade da formação de caracteres, de índoles, por meio da educação, vê-se o quanto de grandioso e de sublime mesmo é o valor do mestre escola na formação educacional dos povos.

*Barth, a quem viemos sempre seguindo, doutrina: 'A educação é a propagação da sociedade'."*⁵²⁷

Ligada à temática da nacionalização estava a discussão da existência de um *"tipo nacional único"*. Buscava-se um tipo, ou uma origem, que teria predominado no Brasil. Nessa procura, e nesse momento nacionalizador, evidentemente o papel do português na formação brasileira falava mais alto:

"(...) o português, senhor primeiro do Brasil, não podia deixar de imprimir nos destinos raciais do brasileiro o sinete de sua nacionalidade.

O negro africano, o indígena, o holandês, que em maior porcentagem entraram para o amálgama de que saiu o povo brasileiro, foram absorvidos pela raça portuguesa, nas tendências e na língua. Predominou com esta, o tipo que Portugal fizera emigrar para este lado do continente sul-americano, naturalmente diferenciado pelas condições do meio e pela influência dos tipos raciais que aqui o defrontaram. E tal é essa predominância que ao português chamamos

⁵²⁵ Idem. p. 354.

⁵²⁶ Idem. p. 356.

⁵²⁷ Idem. p. 362.

povo irmão e a ele somos mais afeiçoados do que a qualquer outro povo, pelas afinidades da raça e da língua."⁵²⁸

Além do tipo único, os textos falavam e procuravam afirmar uma só consciência no país, uma aspiração comum a todos, uma unidade territorial e um espírito de nação. Um pouco aos moldes da noção romântica de pátria, que não admite conflito de opiniões, e onde tudo é interesse da pátria. A consciência era a consciência coletiva, o espírito era uno e a unidade era nacional:

"Há, do norte ao sul do país, uma só consciência, em que se fundem as aspirações, as tendências e os melindres nacionais.

(...) o brasileiro das regiões as mais distantes, se solidarizou, para manter a unidade territorial e formar o espírito de uma nação única. E esse espírito pode evoluir, tomar feições novas, com o correr dos tempos, mas não se fragmenta, é uno, constitui a consciência coletiva, que é o substrato da nacionalidade.

*Um melhor aperfeiçoamento do homem, pela instrução e pela educação, deve ser o interesse dos estadistas, para que essa consciência mais se revigore. É o que, num país da extensão que o Brasil tem, mais imperioso se torna, a bem da unidade nacional."*⁵²⁹

Os textos afirmam que a nacionalidade brasileira resistira muito bem aos "choques" e "embates raciais" ocorridos no Brasil em razão das levadas imigratórias européias. "A nacionalidade brasileira tem alguma consistência", e "não se enfraquece diante delas", concluem.⁵³⁰

Quanto ao problema do teuto-brasileiro, que "continuou estrangeiro pelas gerações enquanto o brasileiro (caboclo) ficou analfabeto", o texto propõe uma fusão, não apenas do teuto-brasileiro, mas de todo o europeu com o povo brasileiro, para que as "energias raciais" fossem "aproveitadas". Desta forma, seria possível "aprimorar o tipo nacional, aproveitando as qualidades boas, que em geral distinguem as raças européias".⁵³¹

Quanto à língua, a conferência afirmou-a como "o elemento que dá coesão à nacionalidade":

"(...)no Brasil, é a língua que tem mantido o espírito da nacionalidade, e é por meio dela que havemos de atrair para a comunidade brasileira e fundir nela os núcleos de populações

⁵²⁸ Idem. p. 272.

⁵²⁹ Idem. p. 272-273.

⁵³⁰ Idem. p. 273.

⁵³¹ Idem. p. 273-274.

estrangeiras, que a imigração tem carreado para o nosso território"⁵³²

O "perigo alemão no sul", previsto na primeira década do século por Sílvio Romero e seus contemporâneos, certamente não foi tão grande como aquele que motivou as campanhas militares nacionalizadoras nos anos 30 e 40. Talvez porque naqueles tempos prematuros ainda predominassem no pensamento político brasileiro, aquelas noções muito em moda no final do Império, que o próprio Sílvio Romero havia ajudado a difundir: de que a imigração européia possibilitaria o florescimento no Brasil de um tipo branco "puro e belo como no velho mundo":

*"A minha tese, pois, é que a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir, ao branco; mas que esse, para essa mesma vitória atenta as agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que de útil as outras duas raças lhe podem fornecer, máxime a preta, com que tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuirão largamente para este resultado: de um lado, a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante dos índios, e de outro a emigração européia."*⁵³³

Para a preponderância do branco, o alemão figurava no topo da escala de valores de Sílvio Romero, já que compartilhava da opinião de que o ramo greco-latino, que viera para o Brasil, era inferior ao germano-saxão⁵³⁴, conforme afirmou alguns anos depois:

*"(...) às robustas gentes do Norte, tendo à frente ingleses e alemães, está reservado o papel histórico, já vinte vezes cumprido, de tonificar o sangue dos povos latinos, célticos e ibéricos do meio-dia."*⁵³⁵

Mesmo admitindo, agora, que a miscigenação estava no centro da história do Brasil⁵³⁶, ele não desprezou a significativa participação do ariano naquilo que

⁵³² Idem. p. 275.

⁵³³ ROMERO, Sílvio. *A literatura Brasileira e a crítica moderna*. Rio de Janeiro, 1880. p. 53. APUD SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 53.

⁵³⁴ SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 51.

⁵³⁵ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, 1888. p. 130. APUD SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 51.

⁵³⁶ SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 52.

se constituiria na fusão com índios, "*certamente os mais decaídos na escala etnográfica*"⁵³⁷; e negros, os "*derrotados na escala etnográfica*"⁵³⁸:

*"A raça ariana, reunindo-se, aqui, a duas outras totalmente diversas, contribuiu para formação de uma sub-raça mestiça e crioula, distinta da européia."*⁵³⁹

Quase duas décadas depois, no mesmo ano em que publicou o texto sobre os perigos da germanização do sul do Brasil, paradoxalmente ele continuava partidário da necessidade de "*aumentar o influxo de alemães*", mas agora de uma forma controlada, ou seja, que fossem "*distribuídos e disseminados pelo país*", que "*absorvessem a cultura brasileira*" e que "*aceitassem a autoridade do governo brasileiro*"⁵⁴⁰. Ele parecia não estar mais tão pessimista quanto às possibilidades futuras do Brasil, pois propunha agora uma "*fórmula para melhorá-lo*"⁵⁴¹, diferentemente do que fizera em 1881, quando parecia não ver alternativa outra para a "nação informe" a não ser a da mão redentora dos imigrantes europeus:

"Povo que descendemos de um estragado e corrupto ramo da velha raça latina, a que se juntara o concurso de duas das raças mais degradadas do globo, os negros da costa e os pele- vermelhas da América...

(...)

*O servilismo do negro, a preguiça do índio e o gênio autoritário e tacanho do português produziram uma nação informe sem qualidades fecundas e originais"*⁵⁴²

A publicação dos textos do Estado e de políticos e intelectuais ligados aos ideais nacionalistas não foi tão intensa nas duas primeiras décadas do século; a reforma do ensino foi tênue e as exigências para que os descendentes de imigrantes falassem a língua nacional mostraram-se pouco intensas. Nos anos 30-40, as exigências e intervenções conviveram com uma enxurrada de publicações estatais. Em 1940, a Revista de Imigração e Colonização continuava divulgando o

⁵³⁷ ROMERO, Sílvio. *A literatura Brasileira e a crítica moderna*. Op. Cit. p. 98. APUD SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 51.

⁵³⁸ ROMERO, Sílvio. "A questão do dia: a emancipação dos escravos". *Revista Brasileira*. 2. fase, v. 7, pp. 191-203, 1881. APUD SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 51.

⁵³⁹ ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro, 1888. p. 65, 92. APUD SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 51.

⁵⁴⁰ SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 72.

⁵⁴¹ Idem.

⁵⁴² ROMERO, Sílvio. "A poesia popular no Brasil". *Revista brasileira*. 2. fase, v. 7, 1881. p. 30. APUD SKIDMORE, Thomas. Op. Cit. p. 52.

princípio da miscigenação, porém agora com uma definida expectativa de evitar a formação de "quistos raciais":

*"(...) a política brasileira encara a união racial de todas as nacionalidades residentes no Brasil ... nós julgamos finalmente que a miscigenação é favorável ao desenvolvimento da futura raça brasileira."*⁵⁴³

Já desde a década de 30 costumava-se atribuir as razões da formação desses quistos à incompetência do governo brasileiro, tal como Manuel Bomfim:

*"Em menos do que a metade de um século eles [os E.U.A] quadruplicaram sua população sem alterar a linha natural do desenvolvimento do país. Mas a verdade é que, sem previsão, os ianques (...) nunca entregaram regiões inteiras do país para serem abertas ao povoamento e desenvolvimento exclusivamente pelos alemães, poloneses, e italianos, como fez o incompetente governo brasileiro."*⁵⁴⁴

⁵⁴³ CÂMARA, Aristóteles de Lima. "Os alemães no sul do Brasil: ponto de vista brasileiro". Revista de Imigração e Colonização. 1:38, janeiro 1940. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p.54.

⁵⁴⁴ BOMFIM, Manoel José do. "O Brasil". Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1935. p. 334. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p.55.

*"Ao momento poderia dizer
 Permaneça, tão belo que és!
 (...)
 No pressentimento de felicidade tão grande
 Gozo agora o momento supremo."
 Goethe⁵⁴⁵*

Um momento de felicidade suprema, em que o *Fausto* de Goethe atinge finalmente a plenitude da existência, leva-o a desejar profundamente a perpetuação da situação de harmonia do espírito, aproximando-o do Mefisto. O romantismo de Goethe atribuiu algo de demoníaco ao personagem satisfeito com a própria vida. Fausto queria subverter a ordem da natureza, e para isto desafiou Deus. Queria congelar o tempo, impedir a chegada do envelhecimento e da morte, então, aliou-se ao demônio.

O drama humano vivido por Fausto ultrapassou gerações. Os jornais em língua alemã que circularam no sul do Brasil nas décadas de 20/30 deste século evidenciam que Goethe era lido pelas populações que viviam em Blumenau, Joinville, São Leopoldo, Santa Rosa e outras cidades "alemães". Sua obra consta nas listas de livrarias e distribuidoras de livros que se fizeram anunciar nas páginas comerciais do "Blumenauer Zeitung", "Kolonie Zeitung", "Deutsche Post" e "Der Anzeiger". As obras dos românticos alemães permitem resgatar correntes dos séculos XVIII e XIX, para trazer à tona noções que se perpetuaram na cultura alemã, que se constituíram em matrizes de um imaginário que possivelmente interferiu na vida da população que povoou o sul do Brasil nas décadas de 30/40.

Na apreensão do imaginário dos grupos que se confrontaram nos anos 30/40, é significativo ter como referência a noção de "representação da imaginação" desenvolvida por Kant. Esta representação seria uma "intuição", traduzindo-se em "idéias estéticas" que se afastam das "idéias racionais" e do "conceito". A imaginação, portanto, não pode se tornar totalmente inteligível pela

⁵⁴⁵ GOETHE. *Fausto*. APUD HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. *História da literatura alemã*. São Paulo, Ática, 1986. p. 36.

linguagem.⁵⁴⁶ Ao contrário do conhecimento, que pressupõe o entendimento do objeto, da lógica inerente ao juízo-de-conhecimento, a imaginação se refere aqui à representação, ao sentimento de prazer ou desprazer experimentado pelo sujeito, refere-se ao juízo-do-gosto, que tem seu fundamento na subjetividade.⁵⁴⁷

Este exercício pode levar à apreensão da forma pela qual certas visões de mundo e de vida se manifestaram nas resistências dos teuto-brasileiros à luta desencadeada pelos representantes do governo de Vargas contra populações descendentes de imigrantes. Naquele momento, buscou-se generalizar uma dada concepção de nacionalismo e nacionalidade sobre todo o território brasileiro, sobretudo a partir de intervenções em grupos cuja forma de vida e costumes, por divergirem dos princípios propagandeados pelo ideal da nação, pudessem se tornar ameaçadores. Interessa identificar que imagens e que noções herdadas do romantismo possam ter motivado tais populações quando resistiram em adotar a língua nacional, o português, insistindo em permanecer falando o alemão.

Embora se tenha buscado matrizes que se fizeram presentes na vida imaginária de populações teuto-brasileiras no sul do Brasil, não se pretendeu, entretanto, traçar um "perfil imaginário" dessas populações. Com inspiração em Hannah Arendt, entende-se que as imagens assimiladas através da cultura dos antepassados ou da vivência social, não se inscrevem no imaginário de forma "absoluta". Estão mediatizadas por outras imagens, herdadas de diversas tradições de vida individual ou coletiva. Podem se manifestar de maneira articulada num corpo de idéias, que encontram explicações e justificativas em si próprias, ou de forma dispersa, difusa, como fragmentos de sonhos que emergem em momentos importantes da vivência dos grupos. Desta forma, a narração de sentimentos, de impressões e de eventos, poderá levar à elucidação de certas noções, a partir das quais se extrair-se-ão ligações úteis acerca da vida desses grupos.

⁵⁴⁶ "Ora, eu afirmo que esse princípio não é outro do que a faculdade de exposição de *Idéias estéticas*; e por *Idéia estética* entendo aquela representação da imaginação, que dá muito a pensar, sem que entretanto nenhum pensamento determinado, isto é, *conceito*, possa ser-lhe adequado, que conseqüentemente nenhuma linguagem alcança totalmente e pode tornar inteligível. - Vê-se facilmente que é a contrapartida (*pendant*) de uma *Idéia racional*, que inversamente é um conceito ao qual nenhuma intuição (representação da imaginação) pode ser adequada". KANT, Immanuel. "Crítica do juízo". Op. Cit. p. 345.

Interessa fazer um confronto entre as noções de nacionalismo vigentes entre os descendentes de imigrantes alemães e a noção de nacionalização proposta pelo governo Vargas. Desta forma é possível contrapor imaginários em torno do conceito de nação, bem como perceber as razões de cada um dos grupos envolvidos nos embates travados em torno da questão da língua. De um lado, os representantes do governo Vargas, com a adesão de amplas parcelas da população catarinense e brasileira, lutavam por generalizar o uso da "língua nacional"; do outro lado, os descendentes de alemães resistiam, falando, ouvindo, lendo e escrevendo a língua alemã⁵⁴⁸.

Num primeiro momento, foram traçados alguns referenciais de análise numa perspectiva do imaginário, para que, posteriormente, se aprofundassem questões relacionadas a resistências da população e persistência da tradição oral, da língua falada, já que haviam sido proibidas as publicações em alemão. O trabalho se limitou inicialmente a caracterizar o imaginário romântico, na busca de algumas tendências que tiveram uma atuação significativa, tanto na literatura quanto em outras formas de expressão.

Na caminhada pelos textos, também foi observado o funcionamento das associações culturais e recreativas criadas pelos descendentes de alemães, bem como a forma de organização de suas festas, para estabelecer vinculações com as formas associativas existentes na Alemanha no século XIX, já que o espírito associativo constitui alusão constante nos textos literários da época.

É importante considerar o significado adquirido pelos embates entre duas concepções diferenciadas de nacionalismo, aliado à importância atribuída, tanto por um lado como pelo outro, ao uso da língua alemã⁵⁴⁹ ou da língua nacional, e

⁵⁴⁷KANT, Immanuel. "Crítica do juízo". Op. Cit. p. 303.

⁵⁴⁸ Imagens trazidas à tona pela literatura alemã são significativas neste sentido, elas ajudaram a criar as noções de que haveria uma origem comum das nações e uma língua primitiva. Tais noções se transformaram em sentimentos conservados culturalmente no decorrer dos séculos, ganhando significações individuais e coletivas. Muitas dessas imagens reforçaram a importância da língua alemã desde a origem dos povos. O alemão teria mais proximidades com a língua-mãe, ou com a língua-raiz, do que com o idioma hebraico. Seria mais primitivo do que o hebraico. A origem dos povos da Europa também deveria ser procurada nas "antiguidades germânicas". POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 89.

⁵⁴⁹ As imagens herdadas da poesia alemã são significativas neste sentido. Houve períodos de exacerbação de sentimentos dos alemães em relação à sua própria língua, traduzidos na poesia, como no caso do criador da linguagem poética na Alemanha, Klopstock, que, em meados do século XVIII, chegou a qualificar de alta traição à Alemanha o uso de línguas estrangeiras. Isto pode ser tomado como um verdadeiro culto à língua, que teve momentos de maior apelo. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit.

ainda levar em conta os argumentos que enfatizaram uma ou outra linguagem como a mais apropriada para ser a falada no sul do Brasil, de forma oficial ou não. Um dos pressupostos adotados foi o da valorização da linguagem, que levou à polarização entre "brasileiros" e "alemães", como em parte construída pela literatura, pela poesia, canto e demais formas de expressão falada e escrita, tanto alemã quanto nacional. Esta perspectiva remeteu a um estudo do romantismo alemão e dos pensadores nacionalistas brasileiros. Inicialmente o trabalho se deteve tão somente em uma caminhada pelos românticos alemães do século XVIII e XIX, para buscar noções pertencentes à cultura e ao pensamento alemão daquele período, que pudessem dar pistas acerca da constituição do imaginário e do espírito presente entre os descendentes de imigrantes no sul do Brasil no século XX.

p. 91. Os sentimentos em relação à língua, estimulados pela produção poética, foram transmitidos culturalmente através das gerações, e certamente estimularam segmentos alemães que migraram para o Brasil, no sentido de conservar valores adquiridos pelo uso da língua alemã. Interessante aqui é considerar que o envolvimento com a língua não implica apenas no aprendizado e uso das palavras, mas também no aprendizado e manifestação de uma dada mentalidade.

3.1. O ESPÍRITO ROMÂNTICO

Persiste na literatura ocidental, desde a antigüidade, a contraposição entre a noção de tempo da vida, enquanto tempo curto, que acaba, e o tempo do espírito, aquele da eternidade. Na Idade Média, evidenciou-se um movimento no sentido de buscar ultrapassar a temporalidade fugaz para alcançar a possibilidade de vivenciar o tempo da eternidade. A unidade, ou a busca de uma superação da dualidade representada pela separação entre o espírito e a vida, foi um movimento que inspirou os poetas e escritores em geral. A busca de uma harmonia entre o mundo e o eterno esteve presente na poesia épica quando os personagens, constituídos pelos cavaleiros medievais, idealizaram sobretudo a busca da integração à vida na Terra, sem a renúncia ao mundo de Deus.⁵⁵⁰

Esta unidade, forjada no equilíbrio entre o mundo dos homens e o espírito, aparece permanentemente ameaçada, hora como uma luta entre as paixões da carne e as possibilidades de uma união sublime e mística, tal como na literatura medieval, ora como uma busca da essência humana, na tradição hebraica dos reformadores religiosos, em contraposição à afirmação, por alguns humanistas, da temporalidade pagã, da vida mundana e jubilosa, como na época da renascença alemã.⁵⁵¹

A dualidade esteve presente também na literatura popular, onde o espírito protestante, da reforma, foi antagônico ao humanismo e ao renascimento. O conflito que perpassa tanto a literatura erudita quanto a literatura popular parece constituir uma tentativa de afirmação dos princípios da razão em contraposição à tendência místico-sobrenatural.⁵⁵²

Na literatura barroca se manifestou a tensão herdada em parte da Idade Média, quando o desejo de redenção e a ânsia pela eternidade tornaram o pecado a principal preocupação religiosa da população. Por outro lado, apareceu no

⁵⁵⁰ ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. Op. Cit. p. 37.

⁵⁵¹ Idem. p. 37, 45.

⁵⁵² Idem. p. 47.

barroco a atitude de busca dos prazeres e a valorização da vida mundana, uma herança do espírito renascentista.⁵⁵³

No pré-romantismo, a dramaturgia se voltou para o herói rebelde, em luta pelas liberdades religiosas, amorosas ou políticas, entrando em choque com as limitações da sociedade, com as diferenciações sociais, com a Igreja e convenções impostas pela civilização.⁵⁵⁴ Este foi o caso das cartas *Die Leiden des Jungen Werthers* (*Os sofrimentos do jovem Werther*), escritas por Goethe em forma de romance, que fez toda uma geração de jovens alemães chorar, por ver ali traduzidos seus sentimentos idealistas confrontados com uma realidade externa dura e irreduzível. No suicídio de Werther, representando o fracasso de seu ideal, Goethe exacerbou a situação desarmônica entre a esfera dos ideais e a realidade empírica.⁵⁵⁵ Nesse período já surge a noção de "alma do povo", fundada na concepção de singularidade, proveniente das diferenciações geográficas, climáticas e étnicas. Esta noção foi fonte inspiradora da tradição romântica no folclore, na história, na lingüística e na filosofia hegeliana.⁵⁵⁶

A noção de alma apareceu transmutada no classicismo, quando o culto às sensibilidades, às emoções, à imaginação e às virtudes intelectuais se traduziram numa valorização das personalidades individuais.⁵⁵⁷ Agora, a civilização não mais se constituía num obstáculo ao herói. Ao contrário, o homem clássico esteve empenhado em alcançar a conciliação com a sociedade, como na filosofia de Kant. Ele considerou a possibilidade do espírito ser o responsável pela criação do mundo⁵⁵⁸, sempre buscando reconhecimento social. Aliás, as atenções para a lei e para a moral se tornaram agora princípios que poderiam desenvolver a personalidade humana e dar sentido à própria vida.

⁵⁵³ Idem p. 50.

⁵⁵⁴ idem p. 66.

⁵⁵⁵ HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. Op. Cit. p. 29-30.

⁵⁵⁶ ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. Op. Cit. p. 66-67.

⁵⁵⁷ Idem p. 71.

⁵⁵⁸ HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. Op. Cit. p. 35. Kant fala no espírito como "princípio vivificador da mente", no sentido estético, mas o espírito seria também o "princípio que vivifica a alma": "*Espírito, no sentido estético, significa o princípio vivificador da mente. Mas aquilo através do qual esse princípio vivifica a alma, a matéria-prima que ele emprega para isso, é o que põe as faculdades da mente, conforme a fins, em movimento, isto é, num jogo tal que se conserva por si e robustece por si mesmo as forças para isso.*" KANT, Immanuel. "Crítica do juízo". In: ABRIL CULTURAL. *Os pensadores*. Op. Cit. p. 345.

Não valia mais a rebeldia em relação aos princípios estéticos da antigüidade clássica, como nos tempos do *Sturm und Drang*⁵⁵⁹; ao contrário, os artistas passaram a tomar os gregos como fonte de inspiração para os princípios de beleza fundados nos ideais de equilíbrio sóbrio e disciplinado. Foi o caso da obra *Geschichte der Kunst des Altertums (História da Arte na Antigüidade)*, de Johann Joachim Winckelmann, que buscou resgatar os valores harmônicos da serenidade, da simplicidade e da temperança entre os antigos. O contato de Goethe com a Antigüidade Clássica⁵⁶⁰, a partir de visita à Itália em 1786, deu um rumo diferente à sua obra. Assim a *Ifigênia*, embora inspirada em *Eurípedes*, passou a ter muito mais o caráter de um drama acerca da condição humana, envolvendo a possibilidade de solução dos conflitos pela liberdade da razão e da ética, e não pelo destino e intervenção dos deuses.⁵⁶¹

Também o humanista Wilhelm von Humboldt buscou a conciliação - ou a integração- entre a emoção e a criatividade humana, com aspectos que envolviam a atividade intelectual.⁵⁶² Tendo assimilado os valores da civilização, o homem teria alcançado a sua integração à sociedade, na superação de todo tipo de alienação e fragmentação.⁵⁶³ Numa outra esfera, os intelectuais que se reuniram em Weimar assumiram atitude negativa para com a valorização do cotidiano, preferindo abordar sobretudo um conteúdo eminentemente poético. Também à prosa e à literatura em geral, não seria possível aplicar, conforme esta tendência, os modelos baseados na "realidade" social.⁵⁶⁴

A caminhada para a integração com a sociedade fez parte de uma luta para vencer um certo anarquismo, próprio do pré-romantismo que envolveu a

⁵⁵⁹ Tempestade e impulso. Movimento de protesto que evidenciou, como seu próprio nome sugere, possibilidades explosivas de sentimentos fantasiosos, irracionais e geniais. Foi um momento do romantismo, que projetou as letras alemãs no cenário mundial. Durante quase cinquenta anos, nomes como Goethe, Herder e Schiller ocuparam posição de destaque na literatura universal. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Perspectiva/USP, 1974. p. 98.

⁵⁶⁰ As obras de Goethe e Winckelmann se identificam tanto no que se refere à recorrência à mitologia antiga como na contribuição para preparar o espírito dos alemães para a germanidade, enaltecendo a raça e a língua nacionais. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 92.

⁵⁶¹ HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. Op. Cit. p. 34.

⁵⁶² HEISE, Eloá & RÖHL, RUTH. Op. Cit. p. 33.

⁵⁶³ ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. Op. Cit. p.72.

⁵⁶⁴ HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. Op. Cit. p. 32, 34, 35.

atmosfera de agitação e impetuosidade do momento "Sturm und Drang".⁵⁶⁵ Goethe também esteve empenhado neste sentido, até mesmo aceitando as limitações impostas pela sociedade, caso isto fosse necessário para o pleno desenvolvimento da personalidade humana⁵⁶⁶. Tomou tal rumo embora sua obra fosse particularmente marcada pelo drama individual, daquele que crê na sua razão, na sua verdade, e que luta para mantê-la acima de tudo, apesar das pressões externas - Goethe intempestivo -, como em *Götz von Berlichingen* (*Ídolo de Berlim*).⁵⁶⁷ Esse subjetivismo, manifestado também em *Torquato Tasso*, através do drama conflituoso entre o artista e a sociedade, não impediu que Goethe se movimentasse em direção à afirmação do universal, como em *Prometeu*⁵⁶⁸, onde uma certa ênfase iluminista levou o homem a lutar contra a opressão, reafirmando o espírito de liberdade:

"(...)
Pois aqui estou! Formo Homens
À minha imagem,
Uma estirpe que a mim se assemelhe:
Para sofrer, para chorar,
Para gozar e se alegrar,
E para não te respeitar,
Como eu!"⁵⁶⁹

Aqui, simbolizados na figura de Prometeu, estavam todos os homens, angustiados diante de um poder maior - Zeus. Fracos diante desse poder, adquiriram a força emancipadora para traçar seu próprio destino.⁵⁷⁰

Inconformado como Prometeu, configurou-se o personagem *Fausto*, eternamente ansioso e impulsivo. Sua aspiração era a possibilidade de extrapolar as fronteiras da natureza física e espiritual, superando a si mesmo. A ambição permanente de ultrapassar seus limites não lhe permitiu encontrar a satisfação e o equilíbrio harmônico da sua individualidade. A excessiva insatisfação foi o impulso necessário que o movimentou para a ação, comportamento este que teve, na obra de Goethe, um caráter positivo. Mefisto constituía uma força contrária à

⁵⁶⁵ Idem.

⁵⁶⁶ ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. Op. Cit. p. 73.

⁵⁶⁷ HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth.. Op. Cit.. p. 29.

⁵⁶⁸ Tanto Prometeu, como Fausto, significam, em Goethe, a subversão da ordem divina.

⁵⁶⁹ Idem. p. 28, 29, 35.

⁵⁷⁰ Idem p. 28.

forte personalidade de Fausto - o malefício do conformismo, da quietude, da inércia e da indolência. Quando Mefisto conseguisse que Fausto, ao atingir um momento de infinita plenitude, fosse capaz de pronunciar as palavras: "Permaneça, momento, tão belo que és!", subverteria a ordem da natureza. Mefisto teria vencido a aposta que fez com Deus. Fausto teria conseguido paralisar o tempo, impedir o curso natural da vida. Fausto estaria condenado, então, ao repouso definitivo. Teria interrompido a sua infinita aspiração de superar as fronteiras pessoais. Estaria sujeito à inércia absoluta.

Trilhando os caminhos do pecado e corroído pela terrível culpa que o perseguiu, *Fausto* teve finalmente um desfecho positivo: foi redimido pela ação humana, que até certo ponto atenuou o conflito vivido internamente, como enuncia a epígrafe. No final da vida de Goethe, sua obra parece ter superado completamente o confronto a que esteve permanentemente submetida: o personagem Wilhelm Meister, em *Wilhelm Meisters Wanderjahre* (*Os anos de peregrinação de Wilhelm Meisters*), empenhou-se todo o tempo em promover algum trabalho em favor da sociedade.⁵⁷¹

O dualismo representado pela contraposição entre o homem e a sociedade parece ter encontrado suas possibilidades de superação no âmbito da própria natureza humana, quando a Filosofia da Identidade de Schelling reforçou as potencialidades da substância espiritual humana para atingir os princípios da unidade e da reconciliação.⁵⁷² Outros escritores clássicos deram ênfase à apreensão da cultura pelo homem como uma possibilidade de superar as limitações provenientes de sua natureza fragmentária. Este foi o caso de

⁵⁷¹ Idem p. 35,36.

⁵⁷² ROSENFELD, Anatol. História da literatura e do teatro alemães. Op. Cit., p. 77.

Schiller⁵⁷³, que atribuiu esta tarefa às artes: a liberdade equivaleria ao Belo, a plena realização do indivíduo teria um sentido estético.⁵⁷⁴

O espírito romântico enveredou por uma vertente saudosista, empreendendo caminhadas pelas sociedades primitivas, orientais, exóticas, pelos contos de fada e pela Idade Média, para poder talvez resgatar desses mundos remotos as possibilidades de superação das dissociações e fragmentações da sociedade moderna.⁵⁷⁵

Nos poemas de Novalis, entidades como a noite, o amor e a morte adquiriram conotações místicas. Os versos e prosas rítmicas pareciam apontar para as possibilidades de uma fusão entre os seres⁵⁷⁶:

*"DESEJO DA MORTE
Descer enfim ao seio da terra
Deixar enfim esses reinos de luz!
O choque e o impulso de sofrimento
São o signo da partida alegre
- O barquinho estreito faz uma rápida viagem.
Para abordar logo a praia celeste. ⁵⁷⁷*

O mundo é lugar da angústia. A ruptura com o mundo é apenas um instante tão rápido que não significa muito sofrimento. Diante do que está para vir, a partida se torna uma alegria:

*"Louvor e glória à morte eterna!
Louvor ao eterno sono!
O dia está muito quente
E tudo murcha, essa longa dor
- Nós não temos mais gosto por terras estrangeiras:
Nós queremos retornar para nossa casa, para a casa de nosso
pai. ⁵⁷⁸*

⁵⁷³ Schiller, tal como outros românticos, celebraram a idéia de "eleição alemã". Esta noção fez parte de um movimento que se manifestou entre um grupo de literatos e poetas que, deslumbrados com a sua juventude, genialidade e consciência do mundo, acreditaram ser portadores de uma "missão universal", genuinamente alemã. As idéias proferidas pelos jovens românticos, que convergiam também para noções de origem comum, eram pacíficas, embora tenham inspirado futuras violências ao longo da História Alemã. Schiller, além de ter despertado a expectativa de que a língua alemã reinaria universalmente, escreveu em 1801 sobre o povo alemão: "núcleo do gênero humano... eleito pelo espírito universal para realizar eternamente a educação humana". "Escritos de Schiller" APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 94.

⁵⁷⁴ HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth.. Op. Cit.. p. 34, 37.

⁵⁷⁵ Idem.

⁵⁷⁶ ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. Op. Cit. p. 79.

⁵⁷⁷ NOVALIS. *Oeuvres complètes*; I Romans- Poésies Essais, Paris, Gallimard, 1975. p. 266-267.

⁵⁷⁸ Idem

A morte é louvada, o mundo é o lugar do estranhamento, da "terra estrangeira". O desenraizamento no mundo leva à busca de casa, da sensação de pertencimento. A chegada em casa só acontecerá com a morte:

*"Por que dentro deste mundo
Todo nosso amor e a fidelidade?
O antigo, desviamos-nos com desprezo
E o novo, como pode ele nos importar?
- Ah! tão solitário e tão triste
Aquele que ama o passado!"⁵⁷⁹*

Nada no mundo tem sentido, nem o passado nem o futuro. O mundo é desprezado por algo mais sublime:

*"Antigamente onde se iluminam os sentidos
Que se abraçam em altas e claras chamas
Onde, da face e da mão do Pai,
O homem sabe ainda ter o conhecimento.
- E freqüentemente a alma alta, com simplicidade,
Virá ainda a seu modo se igualar."⁵⁸⁰*

Em Hölderlin, o tema da cidade calma opõe a noite em relação ao dia. A noite causa estranhamento, mas permite, ao mesmo tempo, o tão esperado descanso:

*"PÃO E VINHO
Em torno da cidade tudo está calmo; e assim ficará o beco iluminado,
E os carros passam, com seus fâcos de luz, fazendo barulho.
Fartos do alvoroço do dia, as pessoas vão descansar,
Lucro e perda pesam sobre a cabeça
Bem contentes em casa, desocupados diante dos cachos de uvas e das
flores,
A mão de obra descansa dos negócios do mercado.
Porém um instrumento de cordas soa distante vindo talvez do jardim
Lá um amante ou um homem solitário brinca
Distantes pensamentos dos amigos, dos tempos de juventude e das
fontes
O fresco canteiro poderá fazer barulhos inesgotáveis
No silêncio do crepúsculo ouve-se o ressoar dos sinos
Durante horas predomina o pensamento até que um guarda grita o
número.
Agora também vem um sopro e uma agitação do alto do bosque
Olhe! e a silhueta de nossa terra, da lua,
Então vem secretamente, entusiasmada a noite.
Cheia de estrelas em torno de nós e pouco aflita
O brilho causa estranhamento e assombro aos homens.
Acima da montanha triste e magnífica."⁵⁸¹*

⁵⁷⁹ Idem

⁵⁸⁰ Idem

⁵⁸¹ HÖLDERLIN, Friedrich. *Hymnes, Élegies et autres Poèmes*. Paris, Flammarion, 1983. p. 71-72.

Hölderlin se inspirou na busca de unidade entre homem e natureza. Como máxima expressão do espírito da época em que viveu, o ideal harmônico se encontra na sua obra. As possibilidades de síntese entre cores escuras e luminosidade, e as imagens que sugeriram integração entre elementos de naturezas distintas, apareceram nos poemas de Hölderlin, como retomada do ideal grego. Assim, em "*Pão e Vinho*", fez uma espécie de reconciliação entre a figura de Cristo, equiparada a Hércules, com o Panteon do Olimpo⁵⁸²:

"(...)
Veja então! E vem até o Istmo, lá onde se agita a fumaça do alto mar
Em frente ao Parnaso a neve faz brilhar o rochedo dêlfico.
Lá no país do Olimpo, lá nas alturas do Citéron
Em meios aos pinheiros embaixo, por meio das parreiras onde
Thebas, em baixo e os Isménos brilham no país de Cadimos
E lá de onde, lá que ela exulta e ri, transplantado o Deus."⁵⁸³

Aqui está a expressão máxima da imagem da Grécia antiga. Não apenas na luminosidade do dia, mas também na escuridão da noite. A Grécia aponta para a comunhão entre os deuses: Cristo é irmão de Hércules. Os deuses adquirem forma de "ser": não são mais apenas mera manifestação da natureza.⁵⁸⁴

"Bem aventurada a Grécia! você, casa de todos os deuses,
É então verdade, o que em nossa juventude um dia nos disseram?
Ó sala da festa! O sol é o mar. E as mesas, os montes,
Na verdade essa necessidade provém das profundezas das
construções antigas
Mas e os tronos, onde estão? Longe da terra, no adiantado passo,
Onde com o néctar enche os deuses de desejo do cano?
Onde então, eles pressentem a sentença, sentimentos rudes?
Delfos é uma jazida aonde soa o grande destino
Porque ele é verdadeiro, e porque onde ele se faz presente, cheio de
felicidade,
Os olhos o surpreendem, trovejantes, do alto e com ar sereno?
O Éter, o pai, se consome e voa, como flama, em direção à terra.
Numa só vida de muitas formas aparece o Deus.
Distribui alegria aos estranhos mergulhando neles.
Desta forma transformará em júbilo a palavra poder
Pai Sereno! aqui ou lá a cabeça levanta.
Desenhando e acertando o que vem do pai na direção do que está
embaixo.
Então vem o Divino, abalando as profundezas."⁵⁸⁵

⁵⁸² ROSENFELD, Anatol. *História da literatura e do teatro alemães*. Op. Cit. p. 85.

⁵⁸³ HÖLDERLIN, Friedrich. Op. Cit. p. 73.

⁵⁸⁴ ROSENFELD, Anatol. "Esboço de Hölderlin". In: _____, *Letras germânicas*. Campinas / São Paulo, Editora da Unicamp / Edusp / Perspectiva. 1993. p.43-45.

⁵⁸⁵ HÖLDERLIN, Friedrich. Op. Cit. p.74.

Hölderlin, em razão da sua doença, manteve-se afastado do mundo. O afastamento, ou "alienação" foi pré-requisito para sua produção romântica.⁵⁸⁶ Ele parecia buscar na "região do prazer", situada numa esfera divina, aquilo que a "escuridão do mundo" não permitia viver.

*"Sim! eles falam com razão, que Ele reconcilia o dia com a noite
Eterno corifeu dos astros que se movem para baixo e para cima,
Alegre, todo o tempo, como a folhagem do pinheiro sempre verde
Que ama, e que esta Hera ele escolheu para coroar,
Porque ele habita uma região do prazer.
Deus traz para fora da escuridão
O que o antigo canto dos Deuses profetizou sobre as crianças
Olhe! Nós somos, nós, frutos das Hespérides
Maravilhosos e exatos, homens completos,
Espero quem tenha comprovado, porque o espírito não é mais ele
E nós somos insensíveis sombras,
O Pai te reconhece e cada um e a todos escuta
Mas vem também um facho agitado das alturas
Filho, o Sírio, embaixo da sombra para baixo.
O saber bem-aventurado vem de um sorriso da alma prisioneiro
Alma iluminada, a luz transforma seus olhos em lágrimas
Suavemente os olhos da terra aquietam
Bebem e dormem, na terra dos Titãs."*⁵⁸⁷

O interesse pelas mitologias foi atributo de poetas e literatos alemães. Hölderlin foi movido pela sensação de que o presente era mesquinho e que do passado era possível resgatar valores gloriosos. O sonho heróico dos alemães foi estimulado para buscar virtudes dos antepassados. Driblando o jugo da sociedade, a poesia de Hölderlin exerceu impulso para as antigas ruínas e para almas que já se foram. A recusa do homem romântico alemão pelas coisas mundanas, o interesse pelo passado na procura do sublime, voltava-se agora para resgatar velhas torres, para desvendar situações passadas que sugerissem sentimentos presentes.⁵⁸⁸

Herder tentava localizar nas mitologias greco-romanas, na Bíblia, nos mitos e heróis indianos e nórdicos, situações, virtudes e qualidades que pudessem ter maior proximidade com situações históricas vivenciadas pela Alemanha e com virtudes e qualidades do povo alemão. Desta forma, despertava tradições e sentimentos nacionais, contribuindo para que a vida imitasse a própria história.⁵⁸⁹

⁵⁸⁶ ROSENFELD, Anatol. "Esboço de Hölderlin". p. 41.

⁵⁸⁷ HÖLDERLIN, Friedrich. Op. Cit. p.78-79.

⁵⁸⁸ POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Op. Cit. p. 94-95.

⁵⁸⁹ Idem. p. 92.

Particular significado adquiriu o sonho poético de românticos alemães para cristalizar concepções luteranas. O "caráter alemão", conforme Novalis, poderia curar toda a Europa e apontar para transformações do mundo. A restauração de uma religiosidade significaria o fim dos danos morais e políticos imputados à humanidade pelas consequências da Revolução Francesa. O Espírito Universal poderia buscar consolo no seio da mãe Alemanha, que resgataria do passado o cristianismo. A restauração religiosa prenunciaria posteriores transformações. Seria um sinal de avanço para um nível mais elevado de cultura. Do espírito da religiosidade adviria um período de esplendor, um novo tempo, que superaria guerras e desavenças entre nações. Lenta e seguramente, novos signos se constituíam na linha do tempo, aplicados a toda a Europa. Isto garantiria, certamente, a superioridade alemã.⁵⁹⁰ Hölderlin também inspirou Lutero com o "*Canto dos Alemães*" de 1800, quando censurou sua pátria por "renegar a própria alma", deixando-se entregar à exploração e saques pelos povos estrangeiros.⁵⁹¹

Em Goethe, as possibilidades de identidade entre natureza e história já haviam encontrado forte expressividade. A história de vida de Goethe se confundiu, conforme algumas interpretações, com a própria história da literatura alemã⁵⁹². O elemento romântico pode ser aqui evidenciado: a vida humana, através de uma vivência artística e cultural, poderia tornar-se uma obra de arte.

A liberdade do pensar, o espírito de investigação permanente, o incessante interrogar acerca da natureza das coisas, próprias da concepção romântica, evidenciam a autoridade que o Iluminismo conferiu à razão e ao pensamento como a maior capacidade humana.

O pensar poderá recusar o reconhecimento do mundo, criando uma ilusão. Desta forma, afastará o pensador do mundo atual. O pensar, conforme os princípios da razão iluminista, poderá estar tão distante do envolvimento com o mundo como está o amante romântico da sua amada: o sentimento se liberta de qualquer vinculação com o objeto da paixão, sobrevivendo apenas enquanto sentimento.

⁵⁹⁰ "Europe ou Chrétienté", 1799 APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 94.

⁵⁹¹ POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 95.

A razão tem o poder de libertar os indivíduos dos limites impostos pelo mundo e do preconceito. Desta forma, pensar amplia a liberdade humana. Ao se tornar reflexão racional, o pensamento adquire o poder de isolar o homem do mundo, aguçando ao máximo a sua interiorização. Nada que provenha do meio poderá atingir o espírito livre do pensar. A liberdade humana não esbarra mais em qualquer limite; só o seu interior interessa ao indivíduo. Diante das dificuldades da vida, a arte se torna uma das possibilidades de dar ao indivíduo um novo ânimo; e o canto apazigua o coração, como este *"Canto que renova"*:

*"Muitas vezes na roda dos queridos
Em verde relva eu descansei,
/E cantei para mim uma cançãozinha/
E tudo, tudo estava querido e bom.*

*Solitário, eu cismava sozinho
Em ânimo lento e sinistro,
/E novamente eu cantei/
E tudo, tudo estava novamente bom.*

*E muita coisa que me acontecia,
Remoía em raiva silenciosa,
/E quando tornava a cantar/
Tudo, tudo estava novamente bom.*

*Não debes te queixar longamente
Dos males que te magoam
/Mas sim, cantar, cantar com ânimo novo/
E tudo, tudo estará novamente bom." 593*

A partir dessas manifestações, foi possível perceber de que forma o ideal romântico, presente na literatura e nas artes alemãs em geral, apareceu junto às comunidades de origem germânica no sul do Brasil. Esta influência atingiu tanto a vida cultural da população como suas formas associativas. Foi possível observar o significado que o canto teve na vida dos teuto-brasileiros, através do depoimento de descendente desses grupos:

"Em minha infância ouvia familiares e vizinhos cantarem, ao final da jornada diária, em serões de família, em festas ou na Igreja. Essas canções, que faziam parte do dia-a-dia, calavam fundo na alma e podiam ser consideradas elemento formador da personalidade, assim como os ensinamentos da escola e os preceitos da igreja." 594

⁵⁹² ARENDT, Hannah. *Rahel Varnhagen*, a vida de uma judia alemã na época do romantismo. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994. p. 16.

⁵⁹³ "Frisch Gesungen" In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Op. Cit. p.181.

⁵⁹⁴ FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Op. Cit. p. 7.

*"Aprendi também um pouco da língua alemã através do canto e da música. Até hoje sei muitas letras de cantos folclóricos, que cantara na infância, escutava os inúmeros corais de homens ou de mulheres e até mistos, que havia na cidade, e que quase só cantavam em alemão. Também meus primeiros bailes foram embalados principalmente por valsas."*⁵⁹⁵

Da mesma forma, ganharam importância as sociedades que contribuíram para manter vivo entre os alemães o "espírito associativo", o uso da língua e o "Deutschtum" - cultivo da germanidade -:

*"É vastamente conhecido o espírito associativo do imigrante alemão, que formava sociedades de natureza vária: cavalaria, lanceiros, ginástica, defesa, bolão, leitura, música, orquestra, canto. (...) É o caso das sociedades de canto, que ensaiavam e mantinham vivo o repertório de canções do folclore alemão, repetido por quem e quando desejasse."*⁵⁹⁶

As vinculações estabelecidas entre o ideal romântico e o espírito racional próprio do Iluminismo ampliaram as possibilidades de trabalho com os descendentes de alemães no sul do Brasil. Nessa direção, Walter Benjamin⁵⁹⁷ se referiu a Novalis como um exemplo da valorização do pensar e do refletir como dois atributos humanos fundamentais: aqui o pensamento, na autoconsciência, reflete sobre si mesmo, o pensamento se relaciona consigo mesmo. Desta forma Novalis interpretou a existência humana. A intuição também é um elemento fundamental e poderá ser reforçada pela prática da reflexão e do pensamento.

Assim, o pensamento pode refletir até a forma do espírito. E a forma mais pura do espírito é, para os românticos, aquela que constitui a ação da inteligência. Reflete-se sobre a forma e produz, ao mesmo tempo, uma ação transformadora desta. A reflexão é a própria liberdade de espírito. É também a possibilidade de exercer uma ação transformadora. No centro dessa reflexão está o sujeito. E o sujeito deve ser reconhecido imediatamente, pois ele é absoluto.

Desta forma, conforme Benjamin, os românticos elaboraram uma teoria do conhecimento fundamentada no conceito de reflexão: o conhecimento parte da intuição e é imediato, mas é também infinito. A reflexão pelo pensamento não

⁵⁹⁵ SCHEIBE, Leda. Depoimento. (já citado)

⁵⁹⁶ FLORES, Hilda Agnes Hübner. Canção dos Imigrantes. Op. Cit. p. 7.

⁵⁹⁷ BENJAMIN, Walter. O conceito de crítica de arte no romantismo alemão. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 29.

acaba, mas adquire um caráter sistemático: uma reflexão anterior sempre se torna objeto de outra reflexão.

Esta teoria do conhecimento teria ainda, conforme Benjamin, uma profunda afinidade com a teoria da arte no primeiro romantismo. Nesta teoria houve dois momentos: a imediatez e a infinitude. Na imediatez, a reflexão se voltou para a origem, para a explicação do mundo. Na infinitude, a reflexão caminhou, em Novalis, para o estabelecimento de conexões. Assim também Hölderlin definiu a infinitude do pensamento: no pensar por si mesmo está toda a possibilidade de conhecimento. O objeto a ser conhecido se torna aquilo que se conhece sobre ele, para Novalis se torna "uma proposição", que pode ser, conforme Benjamin, "uma obra de arte".⁵⁹⁸

É a idéia de arte que interessa à esta concepção romântica. A infinitude da arte e ao mesmo tempo a sua unidade está expressa na idéia. Determinar a essência da arte é determinar sua idéia. A forma, expressão da unidade, é infinita, e também expressão da idéia.

Enquanto a noção de idéia corresponde ao método, a noção de ideal corresponde ao conteúdo. O ideal não é atingido, apenas na aparência. Em Goethe, o ideal da arte é o motivo central da filosofia da arte. O conteúdo tem, para Goethe, uma unidade, mas esta unidade é conceitual: a idéia se vincula intimamente à forma, mas o conteúdo tem uma unidade apenas conceitual. A manifestação do ideal é descontínua e inconstante, e estes são elementos invisíveis que Goethe denominou de arquétipos. Os arquétipos são intuitivos, mas invisíveis. A obra, no máximo, poderá "assemelhar-se" a eles:

"Os românticos determinam a relação das obras de arte com a arte como uma infinidade na totalidade, ou seja: na totalidade das obras realiza-se a infinidade da arte; Goethe a determina como unidade na pluralidade - ou seja: na pluralidade das obras sempre novamente se encontra a unidade da arte. Aquela infinidade é a da forma pura, esta unidade é a do puro conteúdo. A questão da relação entre a teoria da arte goethiana e a romântica coincide com a questão da relação do conteúdo puro com a forma pura (e, como tal, rigorosa). Neste âmbito, devemos ressaltar a questão da relação entre a forma e o conteúdo, freqüentemente colocada de modo deficiente com relação à obra singular, e que deste modo nunca pode ser resolvida com precisão. Pois forma e conteúdo não são substratos da conformação empírica, mas antes, diferenciações relativas, encontradas em razão

⁵⁹⁸ Idem p. 68.

de diferenciações puras e necessárias da filosofia da arte. A Idéia da arte é a Idéia de sua forma, assim como seu Ideal é o Ideal do seu conteúdo."⁵⁹⁹

Além das vinculações dos ideais românticos com o que de racional a cultura alemã afirmou na modernidade, estão outras noções que parecem ser tão fortes entre os alemães que tanto poderão ser relacionadas aos ideais românticos como apresentarem claros vínculos com noções, sentimentos, princípios ou valores que configuram um quadro nazista. Talvez por esta razão sejam tão polêmicas certas análises que tomam como objeto obras de artistas alemães e que buscam relacionar tais expressões artísticas com o romantismo ou nazismo. O estabelecimento de vínculos diretos entre obra de arte alemã, romantismo ou nazismo é problemática tanto pela possibilidade do estabelecimento de uma relação forçada, como pela dificuldade em traçar fronteiras definidas, no imaginário ou na cultura alemã, entre aquilo que poderia ser considerado uma manifestação romântica ou uma evidência nazista.

Assim, alguns trabalhos dos anos 20, como o do diretor de cinema Arnold Franck, foram considerados como "tensamente românticos", por alguns críticos, e por outros, como depositários de "sentimentos protonazistas".⁶⁰⁰

Outras polêmicas de caráter político-artístico continuam existindo, revendo possibilidades de certos artistas alemães, herdeiros ou não do romantismo, terem despertado a admiração das lideranças nazistas, de terem sido seduzidos pelo nazismo, ou ainda de sua obra ter sido resgatada no período nazista com finalidades políticas⁶⁰¹. Interpretações das mais variadas espécies têm sido feitas, algumas levantando possibilidades de que alguns românticos retardatários possam ter ajudado, com sua arte, a enfatizar a "genuína cultura alemã", ou ainda de que esses artistas possam ter se vinculado pessoalmente a Hitler, ou de que tenham utilizado recursos do governo para suas produções artísticas, ou colocado sua arte a serviço da propaganda nazista.

⁵⁹⁹ Idem p. 121.

⁶⁰⁰ SONTAG, Susan.. *Sob o Signo de Saturno*. São Paulo, L & PM Editores Ltda., 1986. p.61.

⁶⁰¹ Conforme Michael Löwy e Robert Sayre, não há dúvida de que as ideologias nazistas se inspiraram em temáticas românticas, mas isto não autoriza uma redução da história do romantismo ao pré-fascismo, embora exista uma forte tendência neste sentido, mesmo dos trabalhos mais sérios sobre o assunto.

Na controversa análise que Susan Sontag fez da produção cinematográfica de Leni Riefenstahl, está uma das possibilidades não só de vinculação direta de alguns filmes, como "*O triunfo da vontade*" e "*Olympia*", com a propaganda nazista, como também de identificar, nessas produções, uma estética semelhante à estética fascista. Desta forma, no apelo constante à temática do alpinismo no filme em que atua como estrela - sob a direção de Fanck, "*A Montanha Sagrada*" - e no primeiro que dirigiu - "*A luz azul*" -, uma garota ousada executa uma tarefa que nenhum outro habitante do vale jamais pensou em tentar: escalar o pico da montanha. As imagens, como evidências de uma "aspiração ilimitada", da "ousadia" de uma "garota impetuosa" empenhada em uma busca incessante, em alcançar uma "elevada meta mística"; e de uma fotografia "tão bela quanto aterradora" ⁶⁰², não só serviram para levar Hitler a um sentimento de admiração pela cineasta e, posteriormente, a financiar seus filmes, como parecem ser imagens com um apelo emocional muito forte entre os alemães, certamente por serem tais qualidades valorizadas na sua cultura.

A "superação da ingenuidade", a "coexistência da beleza com o perigo", a "fascinação pela meta", a noção de uma "força majestosa que exerce um imenso poder de atração", a "coragem", a "fuga do eu", o convívio com a "possibilidade da morte e com o poder de destruição" ⁶⁰³, são imagens que parecem estar muito fortemente cravadas na cultura alemã e que estimulam a vencer impossibilidades ⁶⁰⁴. Estas imagens - que instituíram certas condutas, sugeriram comportamentos e institucionalizaram certas práticas junto às populações do sul do Brasil - também possibilitam fazer alusões ao endeusamento do "Grande Líder", às buscas do espírito, direcionadas a uma meta mais elevada, fascinante, mas ao mesmo tempo assustadora. Para alcançar a montanha, símbolo do perigo e

LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie: le romantisme à contre-courant de la modernité*. Paris, Payot, 1992. p. 13-14.

⁶⁰² Idem.

⁶⁰³ Idem.

⁶⁰⁴ Desde a redescoberta do texto "*Germânia*", de Tácito, durante a retomada de antigas escrituras, nos séculos XV e XVI, pelo jovem humanismo alemão, as virtudes simples, porém guerreiras, e a invencibilidade dos antepassados foram ressaltadas aos olhos da cultura alemã. Conforme interpretações de Tácito, os alemães seriam um povo autóctone, cuja relação com outros povos e hospitalidade não impediram que se mantivessem como uma raça particularmente pura. Não se misturaram nem se macularam com uniões a outras tribos. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 75.

ao mesmo tempo de fascinação, para atingir a luminosidade irradiada pela montanha, é necessário coragem e disposição para a morte.

O apelo continuou nos filmes que Riefenstahl realizou com o apoio do Führer. Como os próprios títulos de tais filmes sugerem - "*A vitória da fé*" e "*O triunfo da vontade*"-, as situações apresentadas estimulavam sempre a superação de uma condição anterior para uma outra, mais elevada, como uma meta a ser atingida. Os efeitos estéticos inspiravam-se nos princípios da "vontade de poder", nas noções de "massas canalizadas", de "corpos disciplinados e militarizados", de "paixão pela ordem".⁶⁰⁵

A perseguição do perfeccionismo esteve exacerbada no filme feito em 1936, durante os jogos olímpicos em Berlim. Ali, a plasticidade dos corpos dos atletas se confunde com um clima de magia mitológica, as formas anatômicas perfeitas valorizadas na antiga Grécia estão reencarnadas nos desportistas participantes das Olimpíadas. A atmosfera é de ambição, de força que impulsiona. O atleta é o Fausto de Goethe transfigurado: aquele que é impulsionado à ação permanente, que vive a impossibilidade de coexistir com a inércia, que não aceita o conformismo.

"Weiter, weiter, weiter"... é o grito alemão que leva a ir sempre para frente, a seguir, a não desistir. A música sugere e expressa a vontade de não sucumbir, de ter força para continuar. Nas pernas do atleta e na corrida veloz está o símbolo da determinação: a vontade de vencer.

O encorajamento da torcida, que incentiva pelo grito, compõe um quadro harmônico entre a forma e o conteúdo, onde jogo e beleza se confundem nas imagens intensas que buscam a perfeição; que alternam efeitos de velocidade, lentidão e desprendimento.

É possível que os filmes de Leni Riefenstahl tenham sido apresentados em algumas das sessões de cinema públicas ou particulares que pipocaram a vida cultural do Vale do Itajaí ou do sul do Brasil. Junto com as companhias teatrais, de ópera ou de dança, com os inúmeros livros, revistas, jornais e mercadorias, algumas cópias desses filmes podem ter desembarcado no porto de São Francisco.

⁶⁰⁵ MÜLLER, Ray. *Leni Riefenstahl: a deusa imperfeita*. Filme. Alemanha-Bélgica, 1993.

Não importa também se os filmes estiveram lá como propaganda do Partido ou como obra de arte a ser simplesmente admirada. Importam muito mais o efeito que o apelo ao perfeccionismo, à beleza do corpo são - o corpo atlético semelhante ao antigo ideal grego de beleza-, à harmonia do corpo e da mente, às possibilidades da razão, o apelo estético ao jogo, e a sensação que o fabuloso e o fantástico causaram naquelas populações.

Além disto, os filmes trouxeram um apelo que perpassou toda a tradição cultural alemã, que atravessou humanismo, romantismo, nazismo e outros movimentos políticos ou culturais. Este apelo se configurou na imagem de um homem ideal alemão, que foi recorrente em diversos momentos da história⁶⁰⁶. O próprio conceito de nação, no esforço permanente em resgatar os primeiros povos germânicos, conforme Poliakov, trouxe à tona frequentemente tal imagem. As qualidades atribuídas a este perfil, seja no aspecto físico, seja do ponto de vista ético, transformou-se em particularidade nacional, despertando sentimentos de orgulho, contribuindo para a elaboração de um perfil de homem, de um caráter nacional, referenciando o estilo de vida alemão.⁶⁰⁷

O mito da autoctoneidade⁶⁰⁸, recorrendo ao aparecimento de um povo ligado ao solo, como que derivado de si mesmo, atuou no psiquismo de sucessivas gerações. Configurou a imagem da emergência de um povo herói e jovem, capaz de superar embaraços da sua própria criação, aparecendo um perfil de bravura e coragem dominadora. Aliado à plasticidade do bárbaro triunfante, que derrota o "colosso romano" durante as grandes invasões em nome do poder popular germânico, o apelo conferiu aos alemães qualidades de superioridade em relação aos demais povos.⁶⁰⁹

⁶⁰⁶ Embora aqui se recorra à imagem de um "homem ideal" como um apelo forte que atravessou a história da cultura alemã, considera-se a crítica feita por Michael Löwy e Robert Sayre aos que atribuem uma "tendência eterna à alma germânica". LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Paris, Payot, 1992. p. 14.

⁶⁰⁷ POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 80.

⁶⁰⁸ Bieder sintetizou em 1925 qual era a noção difundida pelos adeptos da "autoctoneide" na Alemanha: "a consciência de viver desde tempos imemoriais no solo natal, deve insuflar em cada pessoa um sentimento redobrado de nossa força, que comporta suas obrigações particulares..." BIEDER, Th. "Geschichte der Germanenforschung. Op. cit., Leipzig, 1925. t.III, p. 63 APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit., p. 100.

⁶⁰⁹ Idem p. 80-82.

Evidentemente que a estética do homem ideal alemão desvendava sempre outra imagem, uma espécie de fantasma que tendia a acompanhar o apelo onde quer que este se manifestasse: os "welches" - os demais, aqueles "outros", constituídos pelos romanos, eslavos, judeus e estrangeiros em geral. Em momentos de exacerbação da germanomania, como no final das guerras napoleônicas, impôs-se um modelo patriótico de homem, e a vida passou a afirmar valores extraídos da experiência política e histórica. A megalomania e o caráter reivindicativo passaram a ser virtudes valorizadas entre qualidades requeridas para os homens alemães de vida pública.⁶¹⁰

Os folhetos e brochuras que circularam no meio do grande público no século XVIII, na Alemanha, popularizaram, em meio a antigos heróis, uma imagem da mulher brava e corajosa. A "*Germania*" era uma mulher alada, "*rainha de todas as províncias, águia de todos os reinos*". Cristalizava a noção de alemã dominadora, que colocava a seus pés o resto do mundo, segurando o globo e o cetro do Império⁶¹¹. Esta imagem certamente serviu para estimular sentimentos de superestima do alemão, uma mania de grandeza, bem como pretensões à hegemonia universal.

Os filmes de Riefenstahl nada mais fizeram do que traduzir em imagens e sons, com extrema precisão, aquilo que já estava colocado anteriormente para a cultura alemã. E certamente estimularam ainda mais, pelos sentimentos e emoções que suscitaram nos espectadores, ideais de perseguição a uma meta avançada, superior, de progresso e perfeição. Os colonizadores pioneiros alemães, desbravadores dos sertões de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, que fizeram aparecer cidades da selva, também tiveram algo de fantástico e fabuloso.

⁶¹⁰ Idem p. 83.

⁶¹¹ Idem p. 84.

3.2 IDENTIDADE NA LÍNGUA?

Talvez por influência do romantismo, na valorização da pátria enquanto sentimento, evidenciando um sentido de pátria-natureza, ligado à língua e às tradições, local de nascimento, por um lado, e lugar de emoções, por outro, é que estas questões estiveram vinculadas às preocupações dos imigrantes alemães, ou aos teuto-brasileiros. Num momento em que o Brasil definia seu conceito de nação, em que a Alemanha afirmava seu nacionalismo definindo "raça ariana" enquanto "raça alemã", excluindo alemães não arianos, tornava-se fundamental para os brasileiros-alemães, ou alemães-brasileiros, a definição da sua identidade. A definição passava por critérios de nacionalidade, de naturalidade, de nascimento, de sentimentos, de vínculos com pais e avós, com ligações de caráter político com a Alemanha e o Brasil e por questões religiosas⁶¹². Uma temática como esta se tornava altamente complexa e de difícil resolução, tendo em vista que o local em que as questões emergiam era o sul do Brasil. Este era o lugar da diversidade cultural, da herança da tradição de povoamento heterogêneo, reunindo povos das mais diversas origens. Neste lugar e momento, a definição do conceito de pátria, tanto para alemães como para brasileiros, parecia ser de importância essencial. Isto é o que evidencia o artigo escrito num jornal de Blumenau, pelo Dr. Aldinger, da localidade catarinense de Hamônia, a respeito da atuação do Inspetor Escolar Federal, Orestes Guimarães:

*" O CONCEITO DE PÁTRIA NA ESCOLA E O INSPETOR
FEDERAL ORESTES GUIMARÃES*

Eu já havia anteriormente me dirigido a esta folha, dizendo que o Sr. Orestes, que foi indicado na Conferência Escolar do Rio de Janeiro para ser enviado para esta cidade como organizador escolar, tem sido até agora muito zeloso.

Como político-escolar, entretanto, o Sr. Orestes não tomou decisões que correspondam às necessidades da pedagogia e da psicologia.

⁶¹² A elaboração de um mito de origem, que pode explicar o aparecimento de sentimentos nacionais, representações feitas a partir de uma filiação, genealogia ou antepassado comum, fundado em noções que envolvem um conceito espiritual-carnal, ou de raça, foi proposto aos alemães no século XVI, com a reforma. O mito de origem fundamentado na noção de "raça comum" adquiriu importância, para a cultura alemã, posteriormente ao conceito de "língua comum". O idioma como o elemento unificador das diversas linhagens ou *Stämme* - segmentos das tribos germânicas, remonta ao século X, na contraposição e afirmação do "falar germânico" a outros falares. A saber, ao falar romano e eslavo. POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Op. Cit. p. 68-69.

Nós queremos aqui apenas tratar o conceito de Pátria. Em cada Estado que o imigrante atravessou, tornou-se um problema a definição da nova e da velha pátria. Para os naturalizados, a Pátria é a terra dos pais e dos antepassados. Para o emigrante, o novo país é sua pátria de nascimento e também a sua pátria no sentido político, mas existe também uma pátria com sentido genealógico, de linhagem. Neste sentido, a velha pátria será a verdadeira pátria. Este é um destino trágico do imigrante, de que ele não poderá escapar quando o seu país natal é a colônia.

*No próximo ano serão festejados no Brasil os cem anos que os brasileiros não têm mais em Portugal a sua pátria em sentido político, mas sim o Brasil, sua terra natal.*⁶¹³

Neste artigo, que data de 1921, evidenciaram-se conflitos entre descendentes de alemães em Santa Catarina e autoridades brasileiras. Manifestaram-se tanto preocupações de descendentes de alemães no sentido de definir se a sua verdadeira Pátria seria a Alemanha ou o Brasil⁶¹⁴, a exemplo dos descendentes de portugueses em sua relação ambivalente perante o Brasil e Portugal. A identidade dos grupos descendentes de alemães sempre tendeu a se afirmar em relação à situação de outros grupos existentes no sul do Brasil, fossem estes descendentes de portugueses ou de africanos, como o texto que segue indica. Este texto recorreu a vários argumentos para diferenciar alemães e africanos. As diferenças estariam na condição de civilizados dos alemães? nas noções de Estado que preservavam? na religião fundamentada na Bíblia? As diferenças implicariam, conforme o autor, também numa diferenciação de tratamento por parte das autoridades brasileiras:

"Aquele emigrante que para um território estrangeiro deslocou-se como camponês, passou por uma ruptura entre dois conceitos de pátria muito cedo. Por um momento ele sente a nova Terra, ainda sem ter adquirido o direito formal de cidadão. Na escola, para a criança-imigrante, colocam-se questões da Pátria, aumentando a necessidade de uma solução para o problema da nacionalidade infantil. O problema estimulou os pedagogos a encontrar uma solução, enquanto o político escolar apenas assumiu um procedimento obrigatório de autoridade pública. Em último lugar discutiu-se na reunião (Conferência Escolar do Rio de Janeiro) o ideal da incorporação dos escravos negros ao corpo nacional. Eles foram violentamente arrancados de sua pátria, da sua linhagem, ou

⁶¹³ Dr. ALDINGER, Hamônia. Der Vaterlandsbegriff in der Schule und der Bundesschulinspektor Orestes Guimarães. BLUMENAUER ZEITUNG, 01.12.1921. p. 1.

⁶¹⁴ O sentimento experimentado por estar longe da pátria, a saudade, a sensação de perda, o coração partido, e a conseqüente vontade de recriar a pátria no Brasil era próprio de um grupo de alemães imigrantes. Para outros segmentos, que deixaram a Alemanha em conseqüência da guerra, "o Brasil não desempenhava senão o papel de domicílio, oxalá provisório". MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil. Op. Cit. p. 291.

da sua horda, mas não da sua Pátria em sentido político. Eles foram presos de forma misturada, onde manifestaram e expressaram os sentimentos de sua alma, mas nenhum patriotismo político. O que eles possuem é superstição, e fazem rituais, mas eles não têm um povo (Volks) ou livro religioso, eles não têm estado civil com direito a nome jurídico.

A situação é diferente para os emigrantes europeus livres. Da forma como os escravos africanos querem a obrigatoriedade da nacionalização, com liberdade e personalidade, será prejudicada a pedagogia dos senhores de escravos. Atender ao desejo dessas pessoas é inaceitável para um autêntico homem de escola.⁶¹⁵

Na polêmica aberta entre o Dr. Aldinger de Hamônia e o Inspetor Escolar Orestes Guimarães no "*Blumenauer Zeitung*", esteve muito evidente a necessidade da definição, naquele momento, do conceito de "pátria", tanto para as autoridades brasileiras como para os descendentes de imigrantes alemães. A definição deste conceito, segundo critérios de representantes de um ou de outro segmento, poderia resultar em afirmação, diante da opinião pública, de noções assumidas por um ou outro segmento. De um lado estava o nacionalista Orestes Guimarães, querendo interferir na definição dos conceitos utilizados pelos professores nas escolas; do outro lado, o Dr. Aldinger, que defendia o direito das escolas particulares alemães continuarem ensinando aos alunos as definições de pátria já cristalizadas no imaginário dos teuto-brasileiros:

"Orestes tomou, como ele próprio contou, um outro caminho. Em vez de ele tornar-se uma liderança além de ser professor, ele passou a político-escolar. Ele perguntou a 34 professores, conforme ele mesmo afirmou, o que eles entendiam por pátria. E a resposta foi: pátria é a terra dos pais e avós. Para as crianças alemãs nascidas no Brasil era então naturalmente a Alemanha. De mais a mais, ele havia desde 1907 trabalhado na definição da naturalização: 'pátria é a terra onde nós nascemos'.

Os homens daqui devem ficar contra o Inspetor Escolar. Se ele realmente, desde 1907, desejou determinar a idéia de Pátria, então ele já deveria ter alcançado seu objetivo há muito tempo. A respeito do assunto ele deveria então ter consultado, para seu esclarecimento, o livro 'Nossa Pátria' de Rocha Bomhof, que afirma que a 'pátria é a terra dos pais e avós', apenas para as crianças naturalizadas, mas não para os emigrantes.

Um pedagogo deve, como inspetor escolar, não apenas ser uma liderança dos meninos adolescentes, mas também ser uma liderança do professor, e não apenas um sedutor.

Lamentamos a atuação do Sr. Orestes, através de sua representação, porque ele próprio atestou sua influência ruim sobre os professores particulares, quando eles estavam de boa vontade diante dele, ele não quis considerar sua idéia de Pátria. Também ele injustamente não soube recebê-los. Os professores particulares concluem deste caso

⁶¹⁵ BLUMENAUER ZEITUNG, 01.12.1921. p. 1.

que eles necessitam de uma liderança escolar política e conselheira, que possua uma pedagogia correta.

Foi despertada a desconfiança que o Sr. Orestes está sendo injusto contra as escolas particulares, e ele deu mais uma prova disto na presença do Secretário Estatal, José Boiteux. A aula pública do diretor, Sr. Henrique Fontes, que através da sua cartilha e do livro de leitura comprovou que sua pedagogia é melhor conhecedora do material didático da escola alemã. Ele quis colaborar de boa vontade e os professores estrangeiros não dispensam sua ajuda."⁶¹⁶

A discussão em torno do material didático a ser utilizado nas escolas, já colocada em 1921, teve grande repercussão na imprensa local posteriormente, quando foi criticada, por parte das autoridades brasileiras, a concepção de história que até então vinha sendo difundida pelas escolas alemãs. No ano de 1921, entretanto, o Sr. Aldinger já antecipava um argumento favorável aos descendentes de alemães: não existiam livros didáticos disponíveis para que os estudantes pudessem ser informados a respeito da situação de Santa Catarina:

"Será que os livros de leitura de História do Brasil, de Santa Catarina e de Literatura utilizados nas escolas alemãs são realmente nocivos para a construção da História do Brasil, se são escritos para evangelizar o espírito? O senhor Orestes ficaria então satisfeito se as crianças fizessem uso de outro material. Eu, no entanto, ainda hoje não conheço nenhum livro nacional sobre Santa Catarina."⁶¹⁷

Os ideais de Pátria e Nação, fortemente inscritos na cultura dos alemães, apareceram de diferentes maneiras na imprensa de Santa Catarina. Em certos momentos, os textos pareceram impregnados de nostalgia⁶¹⁸, voltados para manifestações de sentimentos vinculados à terra de origem, de amor aos antepassados, de afetividade em relação ao uso do idioma germânico. Em outros, o nacionalismo tendeu para princípios de superioridade étnica⁶¹⁹, de preconceito e

⁶¹⁶ Idem

⁶¹⁷ Idem

⁶¹⁸ Esse clima nostálgico, evocando um paraíso perdido, a busca de alguma coisa que não está no presente, remonta ao romantismo. É uma atitude de inquietude, de permanente interrogação, de perpetuação da procura. LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Op. Cit. p. 37.

⁶¹⁹ A tradição cultural-literária alemã, em diferentes momentos da sua história, reivindicou posições de superioridade. Nos séculos XV e XVI, estas pretensões estiveram bastante estimuladas, sobretudo com o humanismo alemão e com a retomada dos estudos antigos, que incentivaram os ideais de hegemonia universal. Em 1518, um médico alsaciano afirmava a originalidade da língua alemã em contraposição à língua francesa. O fato de ser original daria ao alemão o status de superioridade, já que o francês havia se dispersado nos falares de diferentes povos (gregos, latinos, godos e hunos). A originalidade do alemão também foi reivindicada em relação ao hebraico.

A noção de originalidade do alemão levou diretamente à noção de pureza da língua, exacerbada durante a Guerra dos Trinta Anos. A primazia do alemão era evocada até mesmo por associações que traziam à tona grafia, sonoridade e significado da palavra: alemã = alle-Mann = todos os homens. Posteriormente, as

desqualificação em relação aos demais integrantes da sociedade catarinense ou brasileira. Houve também evidências de divisões internas muito acentuadas entre descendentes de alemães, de caráter político, social ou até mesmo individual, que foram a público nos jornais. Essas evidências cresceram, como tudo indica, na mesma proporção em que a República de Weimar se instalou na Alemanha:

*"Os alemães-brasileiros e os brasileiros-alemães querem tomar uma posição sobre a mudança na forma de Estado alemão em 1918. Poderá ser afirmado que, no sul do Brasil, como também no sul da América, tem diminuído a convicção da necessidade de ser restabelecida a Monarquia na República alemã. Mas isto significa apenas um sentimento de simpatia ou antipatia, que não implica num posicionamento político diante da República alemã. Existem muitos alemães-brasileiros e brasileiros-alemães que de modo algum desejam influenciar diretamente a forma de governo alemã. Algumas pessoas falam que o caminho dos acontecimentos os influenciou e eles concordam com o que aconteceu na Alemanha em termos políticos. A antipatia em relação à República enquanto forma de governo será diariamente nutrida dentro da República americana, através de numerosos casos de corrupção e nepotismo. Essas pessoas rapidamente necessitam compreender que, em uma República, os homens podem ver melhor as coisas, e que o nepotismo na monarquia é uma coisa natural. O essencial é o medo do prejuízo econômico que provocou a discricção (reserva) dos alemães-brasileiros diante da nova forma de governo alemã. Eles também tinham muito receio, e não faziam nenhum ataque aos republicanos através da imprensa: os alemães-brasileiros receavam enfrentar adversários políticos que tinham personalidade suspeita e faziam uso de armas sujas. Este grupo, ligado à Imprensa alemã no Brasil, parecia querer ser o portador de sentimentos de todos os estrangeiros alemães no Brasil."*⁶²⁰

O texto deixa entrever que uma posição política dos alemães-brasileiros ou brasileiros-alemães em relação à Alemanha, implicaria necessariamente numa escolha entre Monarquia ou República. Certos grupos, tanto no Brasil como na Alemanha, pressionaram os teuto-brasileiros para que definissem sua posição política, porque isto significava possibilidade de ampliação nos quadros de adesão a facções políticas alemãs. Alguns descendentes de imigrantes, habitantes do sul do Brasil, sobretudo Santa Catarina, onde o "Blumenauer Zeitungen" circulava, tendiam a protelar adesões a qualquer partido ou grupo político alemão.

noções de língua alemã aparecerão indissolivelmente ligadas às de sangue. O louvor ao sangue nacional passou a estimular o sentimento nacional alemão. Língua e sangue foram elementos permanentemente retomados na história alemã, cheios de significações sentimentais, já que estiveram profundamente arraigados no imaginário coletivo dessas populações. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 72-75.

⁶²⁰ Idem

Isto talvez se explique porque uma definição política em relação à Alemanha poderia significar dificuldades de aceitação na sociedade local. A própria documentação evidenciou que manifestações favoráveis à República alemã tiveram significado diferente do apoio à República brasileira. Além disto, vínculos estabelecidos no Brasil não diziam respeito apenas a questões políticas, mas se relacionavam à sobrevivência concreta da população, que agora estava submetida a relações de trabalho em diferentes setores da economia catarinense.

O texto transcrito a seguir tratou de divisões no interior da imprensa em língua alemã que circulava em Santa Catarina. Publicado em 1925, num momento em que os descendentes de alemães ainda encontravam lugar para manifestar suas divergências políticas, foi ilustrativo no sentido de que possibilitou a percepção da existência de facções políticas diferentes no sul do Brasil, ao contrário da imagem propagandeada pelo governo Vargas, que tendeu a tratar todo e qualquer teuto-brasileiro como um nazista em potencial.

*"No Brasil, a propaganda contra a forma republicana de Estado da Alemanha se faz essencialmente em dois lugares: no "Floresta Virgem", em Blumenau, no Estado de Santa Catarina; e no "Serviço de Informações Alemães" e no "Frente Unitária", no Rio de Janeiro. O redator do "Floresta Virgem", o Sr. Fouqué, também reagiu bastante ao movimento político brasileiro. O Sr. Fouqué esteve na Alemanha da última vez há mais ou menos 30 anos. Ele conheceu apenas as leis socialistas alemães, e seu artigo respira ainda hoje este espírito, na pior das hipóteses, dos panfletos daquela época. O Sr. Fouqué tem uma infeliz solução para os alemães-brasileiros e brasileiros-alemães, que para ele deveriam suspender integralmente a guerra e abrir mão das crenças na Alemanha. O seu "Floresta Virgem" esforçou-se para mostrar que o peso não foi colocado na Alemanha, mas na receita social-democrata e no jubilo social-democrata. Por todo lado, tem-se tentado convencer o Sr. Fouqué que ele, com estas acusações, só prejudica uma boa parte do povo alemão e também das colônias do sul do Brasil. O "Floresta Virgem" tem publicado suas colocações e tem também identificado que em Blumenau existe uma divisão entre os Fouquistas e aqueles que não estão mais com o Sr. Fouqué, porque foram, por sua vontade, para o "Alto do Itajaí". Esses dois partidos conversam de negócios e sociedade apenas quando há muita necessidade por parte do movimento, prejudicando com isto muito os alemães em Santa Catarina."*⁶²¹

O documento também evidenciou que a propaganda oficial, ao tratar o "perigo alemão" no sul, desconsiderou divergências não apenas na imprensa,

⁶²¹ Idem

como também no interior das associações, das sociedades escolares e demais espaços em que alemães praticavam seu idioma. Ao contrário do que representantes do governo Vargas tentaram demonstrar, a língua alemã não foi utilizada apenas para comunicar conteúdos políticos vinculados a questões nazistas ou partidárias. Vinculando língua alemã a nazismo, a população brasileira foi mantida em alerta quanto à possibilidade de algum "comportamento estranho" entre descendentes alemães, tendendo a auxiliar o governo nas perseguições. O que os documentos do governo brasileiro e de intelectuais preocupados em resgatar origens açorianas em Santa Catarina não evidenciaram, entretanto, é que os textos escritos pelos grupos descendentes de alemães manifestaram sua tradição cultural. Isto passou por uma herança poética, literária, filosófica e historiográfica; pelos textos de dramaturgos vinculados ao romantismo alemão ou a outras tendências.

*"O chamado 'Serviço Alemão de Imprensa' no Brasil é uma fundação do Sr. Kessel que conforme a necessidade, dependendo das circunstâncias e de interesses momentâneos, emprega ou não o seu antigo título de pároco. O Sr. Kessel, que chegou há 4 anos no Rio de Janeiro, tem inundado os jornais teuto-brasileiros com notícias tendenciosas da agência Duems. Ele ganhou influência temporária no jornal alemão do Rio de Janeiro e passou simplesmente a confirmar, através desse jornal, as reclamações e protestos dos teuto-brasileiros. Também noticiou a queda do anti-semita e anti-capitalista Sr. Fr. Pferrerr na união. Entretanto, o Sr. Kessel de fato perseguia os interesses germânico brasileiros por uma cobertura direta através de telegrama à imprensa alemã. Ele fundou o Serviço Alemão de Imprensa para subsistir de forma independente às agências francesas, inglesas e americanas. Este serviço sobrevive através de contribuições mensais de pessoas privadas e financiamento de firmas. O Serviço Alemão de Imprensa deu ao Sr. Kessel a base financeira necessária para, sob o falso nome de "Frente Unitária Alemã", fundar uma associação Hitlerista. A associação que sobrevive por trás deste nome, com filiados das mais diversas tendências, divulga na Alemanha ser uma autêntica representante dos brasileiros-alemães. Neste sentido mandou um dos telegramas para a imprensa alemã. No dia 18 de janeiro de 1925, como dia alemão, o Sr. Kessel reuniu todos os clubes alemães do Rio de Janeiro, sob a bandeira preta, branca e vermelha da associação. Os clubes do Rio de Janeiro foram enganados através do nome "Frente Unitária" e aceitaram que uma reportagem alemã sem definição política fosse feita através de uma revista planejada pelo Sr. Kessel. Esta revista foi publicada com o conteúdo quase exclusivo de reunir denúncias."*⁶²²

⁶²² Idem

O texto permite a identificação sim, de grupos nazistas. Mas outros textos evidenciam a existência de simpatizantes socialistas, social-democratas e até mesmo de descendentes de alemães que não estavam mais interessados na política alemã, por estarem, talvez, mais identificados com o Brasil do que com a Alemanha.

*"Os senhores Fouqué e Kessel impulsionaram uma propaganda entre os teuto-brasileiros e brasileiros-alemães, com a finalidade de divulgar o material alemão das associações reacionárias, e acentuar o republicanismo entre os alemães-estrangeiros. Já se falou acima que a grande maioria dos brasileiros-alemães, na verdade, não eram simpáticos à República alemã, mas que acabavam sempre aceitando tal situação. Uma ativa resistência circulava contra os esforços dos senhores Fouqué e Kessel, que não esperavam para esclarecer que o "Emissário da Floresta" e a "Frente Unitária" ainda seriam vitoriosas no Brasil. O bom gosto dos teuto-brasileiros e brasileiros-alemães não os apóiam, apenas desprezam sua orientação. É necessário, entretanto, uma atitude da representação oficial dos alemães no Brasil para colocar fim nesta situação. Finalmente, existem vários homens na Alemanha com atitudes semelhantes às dos senhores Fouqué e Kessel, que se portam como os únicos representantes dos alemães no Brasil. Eles não chegarão a nada seguindo a patrulha do Nacional-Socialismo. Desta forma eles serão esquecidos e estarão na ruína, se continuarem com este movimento. Oportunamente eles deveriam se desculpar e se retirar para algum lugar."*⁶²³

Evidentemente, apesar das divergências verificadas na imprensa quanto a definições políticas de grupos dos quais os jornais eram porta-voz, e da constatação da existência de diferentes tendências políticas entre teuto-brasileiros, o nazismo também exerceu atrativos sobre eles. Parece ser muito próprio de um sentimento que envolveu as comunidades alemães - ligado às suas tradições, à educação e à herança dos antepassados -, a disposição desses grupos, naquele momento, para aderir à liderança de Hitler e ao carisma próprio da relação entre o líder e seus seguidores. O sentimento de coletividade, mais forte do que o senso de individualidade, que atravessou a história das comunidades alemãs⁶²⁴, certamente estimulou a liberação de uma carga emotiva intensa canalizada para o movimento nazi.⁶²⁵

⁶²³ Idem

⁶²⁴ O sentimento de coletividade, a "tomada de consciência" do ser coletivo, que nos demais países europeus se construiu em torno de uma tribo, dinastia, província ou terra natal, na Alemanha se constituiu em razão de uma noção lingüística. Verifica-se que desde a Idade Média alternavam-se glorificações da língua germânica e da raça. Inicialmente, o sentimento comunitário, que fora manifestado nos parâmetros da língua, passou a ser expresso nas noções de raça. Desta forma, conceitos como língua e raça estiveram

A sedução exercida por Hitler sobre comunidades de origem alemã poderá ser explicada não apenas a partir do envolvimento com a história da Alemanha, mas também com o momento presente, aquele dos anos 30/40, e das relações que mantinham entre si e com os demais habitantes do sul do Brasil.

Embora se verifique que associações culturais, recreativas ou desportivas, bem como a imprensa de língua alemã, fossem o alvo da propaganda exercida pela Liga Pangermânica e pela Auslandsorganisation (organização para o exterior) do NSDAP⁶²⁶, nem sempre adesões por parte daqueles segmentos foram espontâneas, como pretendiam porta-vozes de Hitler no Brasil. Houve resistências de diversos tipos a intervenções procedidas por agentes do partido que, em represália, passaram a fiscalizar rigidamente o funcionamento das sociedades, punindo ou utilizando pressões diversas para levar seus membros a integrar seus quadros.

Aliás, se a inclinação dos descendentes de alemães fosse tão natural para a adesão ao nazismo, como tanto os partidários do projeto Vargas como os solidários ao Hitlerismo pretendiam afirmar - cada um deles ligado a universos políticos bastante divergentes, por um lado, e bastante semelhantes, por outro -, não haveria necessidade de um investimento tão grande em propaganda como foi feito por parte do NSDAP, para atrair membros para as suas fileiras.

Conforme a documentação, no Paraná houve necessidade de festas e outras promoções culturais, impressões de folhetos, investimento na juventude com viagens à Alemanha e transmissões radiofônicas periódicas, para motivar adesões. Tudo auxiliado pelo consulado alemão.⁶²⁷ No caso de Santa Catarina, verificou-se situação semelhante, conforme o artigo anteriormente citado que, publicado num jornal da cidade de Blumenau, evidencia que a propaganda levada a termo pelos senhores Fouqué e Kessel não se restringiram aos clubes do Rio de Janeiro, mas circularam de diferentes formas no sul do Brasil.

profundamente ligados, numa perspectiva histórica da cultura alemã. POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Op. Cit. p. 68-69.

⁶²⁵ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Sentimento e perda de identidade; o pequeno-burguês nazificado. (Mimeo). p. 1.

⁶²⁶ Nationalsozialist Deutsche Arbeiterpartei. Partido Nacional-Socialista (Nazista).

⁶²⁷ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Sentimento e perda de identidade; o pequeno-burguês nazificado. Op. Cit. p. 1.

Finalmente, caberia evidenciar que, dentre todas as discussões que envolveram alemães nas disputas políticas pela imprensa, o problema da língua a ser utilizada nas visitas oficiais e escolas foi fator de permanente preocupação. O caso aqui apontado se refere ainda ao Sr. Aldinger, que várias vezes escreveu de Hamônia para o Blumenauer Zeitung sobre o tema "nacionalização". Entre críticas feitas pelos editores do jornal, uma se destaca: o Sr. Aldinger foi acusado de omitir que a língua utilizada na visita oficial do Arcebispo de Porto Alegre ao Cônsul Alemão tivesse sido o alemão:

*"No seu artigo sobre nacionalização, o Dr. Aldinger afirmou também que o Arcebispo de Porto Alegre falou apenas o português com o Cônsul Alemão. Isto também não corresponde à verdade. O fato é que toda a conversa à primeira vista foi feita em alemão, e apenas o cumprimento oficial diante da assistência presente foi feito em português. O próprio Cônsul Alemão esteve falando a língua alemã durante todo o encontro, e também na visita que o Sr. Arcebispo fez ao apartamento do Cônsul Alemão, falou exclusivamente o alemão."*⁶²⁸

As preocupações relativas à língua não se referem exclusivamente ao uso apropriado do alemão em visitas oficiais pois quando o problema era o uso da língua portuguesa, é possível perceber o cuidado com que foi tratado o ensino nas escolas alemães, na época como "língua estrangeira":

*"O ensino do português em nossa escola baseia-se no programa do ensino dos grupos e escolas complementares (decreto n. 3 318 de 24 de outubro de 1928). No entanto, note-se que nossos alunos não sabiam falar o português antes de entrar na escola. Por isso, a principal tarefa é fazer com que as crianças, nos dois primeiros anos, aprendam a se expressar na língua do país. Para conseguirmos esse fim, o ensino deve fundar-se quase exclusivamente em conversação, interpretação e leitura. Nunca a criança deve escrever sentenças de que não conheça o sentido e que não possa deduzir por si mesma, apesar de traduzido. Empregue-se a língua infantil principalmente em se tratando de história pátria, geografia e educação cívica e moral. - Bem assim o decorar, para as crianças, de uma língua estrangeira compete muito cuidado, pois facilmente pode habituar-se a responder, mecanicamente, sem sentir o que diz. - Em toda a classe deve ser tratada a conversação. Os alunos devem ser obrigados a interpretar por si mesmos as diferentes matérias ensinadas. (Por exemplo: Leitura: contar o que foi lido! - Geografia: Falar sobre a produção de São Paulo!)"*⁶²⁹

⁶²⁸ BLUMENAUER ZEITUNG, 30.08.1921. p. 1.

⁶²⁹ KOEHLER, Artur. Bericht über das 40. Schuljahr 1929 und die Ziele der Deutschen Schule. Blumenau. Buchdruckerei G. Deutsche Schule. 1929. s. 15.

Nota-se que as preocupações das autoridades escolares caminhavam no sentido de que as crianças fossem "familiarizadas" com a nova língua - o português -, nos primeiros anos escolares. Para isto os professores deveriam utilizar a "linguagem infantil", mais apropriada para atingir as crianças. Nada deveria ser exigido das crianças fora daquilo que fosse um "envolvimento afetivo com a linguagem". Isto quer dizer que as crianças não deveriam decorar, sem conhecer o significado das palavras; não deveriam repetir frases de forma mecânica, nem escrever nada destituído de significado. Semelhante preocupação se refere também à ortografia no chamado "segundo ano preliminar" da escola alemã:

"A ortografia nesta classe deve ser desenvolvida pelos mesmos princípios psicológicos, como na classe anterior. Portanto, as palavras devem ser apreendidas pela memória visual, pelos sentidos, enfim. Os grupos de palavras consistem no conjunto de diferentes objetos formando um todo (...).

O desenvolvimento por meio de regras é para ser evitado o quanto possível. As regras ortográficas devem ser só demonstradas por meio de palavras, em que possam transparecer (...).

Os ditados só devem ser feitos depois de bem exercitadas as palavras desconhecidas pelos alunos. No segundo semestre, porém, já podem aparecer palavras não exercitadas, mas que a criança possa facilmente ortografar.

Nisto o professor deve ter grande capacidade em não exagerar, porque só uma pequena parte dos alunos tem perfeita capacidade acústica." ⁶³⁰

Os cuidados em relação ao ensino do português nas aulas podem dar algumas referências de como, pouco antes do fechamento das escolas alemãs pelo governo Vargas, estava sendo discutido pelos descendentes de alemães em Blumenau, o envolvimento mais intenso com a língua portuguesa. O português era a língua oficial do país em que viviam, e por isto deveria ser estudado. Mas havia orientações quanto a relação que os alunos deveriam manter com a língua: as regras não poderiam ser impostas sem que as crianças fossem capazes de apreendê-las pela memória visual e pelos sentidos; nenhuma regra ortográfica seria assimilada sem que fosse feito um exercício prévio de seu emprego prático e efetivo; haveria sempre a necessidade da demonstração da regra; nada que fosse

⁶³⁰ Idem p. 16

desconhecido deveria ser veiculado sem reconhecimento anterior; na assimilação da nova situação lingüística não deveria haver exageros, porém cautela.

Questões referentes ao uso da língua nas escolas alemãs de Blumenau, no ano de 1929, fundamentam uma abordagem adequada do tema no momento do confronto entre descendentes de alemães e representantes do governo Vargas. É possível entender a língua enquanto veículo capaz de identificar o grupo entre si, de ser um elemento da identidade teuto-brasileira. Por outro lado o uso da língua portuguesa era prioridade da campanha nacionalista de Vargas. Neste sentido, fica clara a importância atribuída à linguagem por ambas as partes, traduzida em disputas no interior das escolas que foram porta-voz desses segmentos: a escola particular alemã, por um lado; e a escola pública brasileira, por outro.

Talvez no imaginário teuto-brasileiro, no apego afetivo à Alemanha, nas sensibilidades relativas à pátria, fosse muito importante que mantivessem a nacionalidade alemã. Era uma espécie de tentativa de ressuscitar vínculos distantes, quase perdidos. Mas a língua alemã poderia ser substituída pelo português. No que se referia às lendas, às histórias contadas para filhos e netos nos serões familiares, valia um sentimento muito forte: o sentimento de ter os antepassados nascidos na Alemanha, que estimulava a manutenção da nacionalidade germânica. Nesses momentos valia o uso da língua alemã. Mas tinham claro, sem dúvida, uma questão para a vida: eram cidadãos brasileiros. A língua era um elemento de identificação, mas havia-se que aprender a língua portuguesa, pois esta dava a eles possibilidades concretas de sobrevivência. A cidadania brasileira era alguma coisa muito objetiva, muito prática, era algo que poderia reverter no reconhecimento de seu trabalho e sua contribuição ao Brasil.

No imaginário nazista, entretanto, como integrantes da comunidade nacional alemã, cabiam todos os que atendessem ao atributo raça e língua, independente do local de nascimento. Aqui incluíam-se os nascidos no Brasil, evidentemente. Nacionalidade e cidadania alemãs eram indissociáveis. A regermanização dos teuto-brasileiros era questão prioritária⁶³¹. Para aqueles, a língua era fundamental, além de ser uma forma de burlar a censura brasileira. Era

um elo de união muito forte, uma unidade a ser mantida a todo o custo, e que não poderia e não deveria ser quebrada.

⁶³¹ FROTSCHER, Méri. Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano. Op. Cit. p. 148.

Roger Chartier e Pierre Bourdier, ao debaterem a leitura como uma prática cultural, identificaram, nas sociedades contemporâneas, uma leitura de foro privado, íntimo, secreto, que remete à individualidade. A esta prática denominaram "*leitura estrutural*", consistindo numa investigação interna, auto-suficiente, que não se refere a nenhuma outra coisa a não ser ao próprio texto que está sendo lido, na procura de uma verdade interior, abstraindo-se tudo o que está em volta. Nas sociedades contemporâneas, a tendência foi a universalização deste tipo de leitura, que é uma invenção recente.

Esta prática se opôs a uma outra, vigente na Europa entre os séculos XVI e XVIII, que partia para uma leitura coletiva, tendendo a decifrar textos, manipular ou fazer elaborações comuns. Era uma leitura que tinha uma intenção alegórica. Semelhanças com esta prática, ainda conforme os autores, podem ser encontradas na leitura de textos sagrados.⁶³² Os textos religiosos em língua germânica, lidos nos cultos católicos ou protestantes que atraíam grande parte da população habitante do vale do Itajaí, podem levar à reflexão sobre as práticas de leitura da população descendente de imigrantes. Pode se assemelhar àquela prática da Europa moderna que, remontando aos textos antigos, conforme interpretação de Chartier e Bourdier, possui um significado diferente da leitura predominante na contemporaneidade:

*"Para onde a dificuldade com a língua pode conduzir:
A Igreja Luterana no Brasil possui 300.000 paroquianos que, na sua maioria são descendentes de alemães que continuam falando o alemão, que é sua língua de origem. Quando a guerra na Europa iniciou, foi promulgado um decreto pelo governo que obrigava, dali em diante, apenas a utilização da língua portuguesa no sermão das Igrejas. Esse decreto teve que ser logo alterado, para permitir uma rápida síntese em língua alemã do sermão feito em português, porque do contrário o obstáculo com a língua conduziria a grandes dificuldades. Especialmente para a realização no Brasil do culto luterano em uma nova língua, foi editado um livro de bolso, que contém diferentes textos da seqüência do culto em língua portuguesa. A primeira compilação desse livro, deste modo, possui um significado*

⁶³² "Tavez se possa encontrar um equivalente aos tempos mais antigos na leitura dos textos sagrados, posto que estes textos têm sempre sido lidos com uma intenção alegórica(...)"CHARTIER, Roger. *Pratiques de la lecture*. Op. Cit. p. 269-270.

histórico. Em um volume seguinte, as canções da Igreja luterana são resumidamente traduzidas para o português.⁶³³

Ao mesmo tempo em que no Brasil se publicava uma série de textos com enfoque nacionalista, os jornais alemães denunciavam perseguições aos alemães e seus descendentes:

"Sempre mais atos de violência contra a germanidade no Brasil.

O subornado Ministro do Exterior estimula a luta.

A guerra privada que o governo brasileiro conduz contra a nacionalidade alemã em seu país efetua sempre, diante da mais aborrecida suspeita, uma revista na casa de alemães e brasileiros descendentes de alemães. O governo tem também conduzido essas pessoas a prisão. Os meios empregados no interrogatório lembram os métodos de Moskow. O número de alemães e descendentes de alemães detidos atinge, somente no Rio de Janeiro, mais de 200. Dentre eles encontram-se várias personalidades ligadas ao comércio, que há muitas décadas vivem no Brasil e que contribuíram para a prosperidade de sua capital. O governo brasileiro planeja, após se arrependerem, deixar esses alemães em uma ilha da costa brasileira, mal-afamada e não saudável. O governo pretende desterrar os alemães nessa ilha, onde eles deverão viver como em um campo de concentração, atrás de uma cerca de arame farpado.

No cárcere do Rio Grande, parte dos prisioneiros desmentiu a existência de boa acomodação e alimentação, através da exigência da moderna higiene. A extrema fraqueza física e psíquica desses prisioneiros significará seguramente sua morte, se forem transferidos para a ilha.

Também continua a tomada das propriedades dos alemães no Brasil, bem como o encerramento de firmas, com o seu saque e pilhagem por um grupo incitado pela imprensa e pelo rádio.⁶³⁴

A ameaça do isolamento, do degredo, do desterro atuava no imaginário das populações de descendentes de alemães, reprimindo seus impulsos de continuar falando a sua língua de origem. A ilha à qual o texto acima se refere pode ter sido a das margens do Rio Jacuí, distante de Porto Alegre cerca de três horas de barca, onde foi construída uma penitenciária agrícola, a Colônia Daltro Filho. Mas como o texto fala de uma "ilha na costa brasileira", também é provável ser a Ilha de Fernando de Noronha, onde o Governo Federal construiu, durante o Estado Novo, outra penitenciária agrícola.⁶³⁵

⁶³³ EVANGELISCHES ZENTRAL ARCHIV IN BERLIN. EZA 5/2165. Akten 1939.

⁶³⁴ DEUTSCHE ALLGEMEINE ZEITUNG. 18.04.1942. Evangelisches Zentralarchiv in Berlin. EZA 5/2165. "Akte 1939".

⁶³⁵ Outras penitenciárias foram construídas em ilhas, durante o Estado Novo. Na Ilha de Itamaracá, a 35 quilômetros de Recife; e uma Colônia Correcional na Ilha Grande, no Rio de Janeiro. SCHWARTZMAN,

A imprensa e a literatura nas décadas de 30 e 40, tanto alemãs, como nacionais, podem ser tomadas como o lugar de opiniões conflitantes e contraditórias. Podem ser tratadas como um campo de confronto entre a cultura popular que elabora uma visão sobre o mundo e emite imagens diferenciadas, e a cultura oficial, das classes dominantes.⁶³⁶ Assim, parece ser possível pensar as questões em Santa Catarina referenciadas no estudo em que Mikhail Bakhtin toma a língua como um "*campo de batalha social*", como "*local onde os embates políticos são travados tanto pública quanto intimamente*".⁶³⁷ Os conflitos emergem não apenas no terreno onde se encontram idioma oficial e linguagem de populações, mas também no lugar onde competem formas de expressão de grupos culturais diversificados, como em Santa Catarina nas décadas de 30/40.

Os relatos do Pastor Hübbe Propst evidenciaram a situação de alguns diretores de escola no Brasil que, diante das medidas nacionalizadoras do governo brasileiro, ficaram impedidos de ter reconhecidos os seus diplomas. Os relatos foram enviados a Berlim no ano de 1934, quando da viagem a Santa Catarina, com estadia na cidade de Jaraguá do Sul. Eram destinados ao escritório de negócios com o exterior da Igreja Evangélica. Esses relatórios denunciavam hostilidades que os descendentes de imigrantes estavam sofrendo por parte de políticos brasileiros, oposições empreendidas pelos nativos e a ameaça, já colocada naquele momento, da proibição total da instrução estrangeira:

*"A disposição dos brasileiros, sobretudo dos políticos, é totalmente hostil. O senhor diretor Kuenzig me falou, na minha visita ao Rio, que o reconhecimento do seu diploma através do governo brasileiro já estaria bem segura, quando, no último momento, a oposição nativa teria feito um trabalho frustrado, uma nova tentativa desesperada. Está ainda distante do Parlamento provisório a proposta apresentada de proibir totalmente a instrução estrangeira. Também em São Paulo isto deve resultar em atrito."*⁶³⁸

Entretanto, o confronto estabelecido pela literatura em língua alemã nem sempre foi com o nativo, com o chamado caboclo brasileiro, ou com as

Simon (org.) Estado Novo, um auto-retrato. Brasília, CPDOC/ FGV, Editora Universidade de Brasília, v. 24, 1983. p. 96-99.

⁶³⁶ BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento; o contexto de François Rabelais. São Paulo, Hucitec / Editora da Universidade de Brasília, 1987. p. 418.

⁶³⁷ STAM, Robert. Bakhtin; da teoria literária à cultura de massa. Op. Cit. p.31

⁶³⁸ EVANGELISCHES ZENTRAL ARCHIV IN BERLIN-EZA 5/2206. "Akten betreffend Deutsche Luthekirche in Brasilien" - von 6 Jan. 1933 bis 31 Dez. 1933. PROPST, Hübbe. Erster Reisebericht.

publicações nacionalistas ou estatais. A esse respeito é necessário considerar, como Emilio Willems, na obra *"A aculturação dos alemães no Brasil"*, que existiu nos anos 40, uma cultura teuto-brasileira, integrada pelos descendentes de imigrantes alemães e uma outra, a do *"alemão novo"*. Este último, quando chegava ao Brasil, geralmente procurava as zonas de colonização germânica, tendendo a comparar tudo o que via com a Alemanha. Desta forma, passava a dar conselhos para a população local, ou a criticá-la e ridicularizá-la. Neste sentido, um relatório do Consulado alemão evidenciou a visão que o alemão novo tinha do teuto-brasileiro, como aquele que conservava usos e costumes apreendidos dos *"caboclos"*:

*"(...) dos alemães é apenas freqüente a língua, na sua aplicação e forma. Suas roupas e costumes não tem nada em comum com o atual povo da Alemanha. Isto eu vi por ocasião de um casamento, como se tomou com os dedos um pedaço de carne (de um tamanho de quatro cantos) do prato de carne, e, inteiro, conduziu com as duas mãos para a boca, mordeu um pedaço e, até o próximo bocado, colocou sobre a toalha branca, embora lá estivessem pratos, facas e garfos. Ossos foram simplesmente jogados embaixo da mesa. Batatas, que estavam no prato grande, foram de uma só vez enfiadas na boca, as que já estavam mastigadas foram apanhadas com as mãos e então recolocadas! A dança foi sem sapatos e sem meias. Estes são usos ao lado de muitos outros, que as pessoas aprenderam dos caboclos e tomaram como corretos, na falta de uma lição melhor."*⁶³⁹

O teuto-brasileiro respondia à imagem desqualificadora sobre a sua pessoa com palavras que ridicularizavam ou exprimiam desprezo em relação ao alemão. Lançava mão, para isto, de adjetivos pejorativos como *"galego"*, *"batata"*, *"borrabotas"*, manifestando seu desagrado por escrito. Desta forma, a literatura passou a ressaltar aspectos negativos dos *"novos"* e seus caracteres inferiores.⁶⁴⁰ Willems assim se referiu aos escritos do teuto-brasileiro José Deeke, quando caracterizou os alemães:

"Mormente um diretor de colonização, José Deeke, nascido no Brasil, descreveu, em diversas histórias, o alemão fanfarrão que se ufana da sua formação adquirida na Alemanha e despreza o teuto-brasileiro. É comum dirigir-se contra os que condenam o Brasil e o seu governo. Combatem-se os alemães novos 'supra-inteligentes', os socialistas e agitadores políticos que chegam 'na suposição de que as classes laboriosas aqui estejam à espera do fornecedor de frases feitas da Europa para derrubar o capitalismo.' De mais a mais, descreve-se o

⁶³⁹ POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. "Akten 1". Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

⁶⁴⁰ WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Op. Cit. p.186-187.

alemão como vagabundo e trapaceiro, fazendo escárnio das suas fraquezas. Ao lado dessa condenação direta que traz a maioria das novelas, reconhece-se a sua boa vontade, admitindo a sua maior vivacidade intelectual, criticando-lhe, porém, o senso prático pouco desenvolvido." ⁶⁴¹

Escritos oficiais dos consulados alemães em Santa Catarina caracterizavam de forma positiva ou pejorativa as populações que habitavam Santa Catarina, no que se refere aos hábitos, costumes, condições de moradia e trabalho. O teuto-brasileiro era tomado como forte, saudável e trabalhador. O luso-brasileiro era desqualificado como fraco e não afeito ao trabalho. O italiano era tolerado porque costumava aprender o idioma germânico:

"Como já foi mencionado, o luso-brasileiro em geral é fraco, tem poucas crianças, não gosta de trabalhar e não ganha nada, o teuto-brasileiro ao contrário é forte, saudável, tem freqüentemente 8 a 18 filhos e trabalha aplicadamente. Junto com eles não mora nenhuma segunda família no mesmo pedaço de terra. Tão logo o filho casa, o pai lhe compra uma nova terra. Ele continua adquirindo mais terra e suplanta o luso-brasileiro.

(...)

O italiano não é para se temer muito, ele aprende também alemão, como por exemplo em Brusque, também ele tem o hábito de morar com 3 a 4 famílias em um pedaço de terra." ⁶⁴²

Esses documentos, certamente produziram efeito sobre os diferentes grupos étnicos, evidenciando diferentes projetos para a sociedade. As divergências nos depoimentos ou posições ambíguas são elementos que auxiliam na identificação de diferentes representações acerca da população catarinense. Em meio aos debates em torno da proibição da língua estrangeira no Brasil nos anos 30, e da afirmação e generalização do uso da língua portuguesa, opiniões diferentes se manifestaram nos jornais:

"Língua portuguesa ou brasileira?"

Plácido P. Gomes

Um conselho municipal no Rio propôs que a língua falada no Brasil seja chamada brasileira e não portuguesa.

O Sr. A. Athayde, comentando esse pensamento, diz 'que o brasileiro, apesar das ligações de sangue que mantém com o português, não é mais português: a língua que falamos no Brasil deixou de ser a portuguesa', tão diferentes vão sendo 'a sua maneira de construir a frase e suas regras sintáticas'.

⁶⁴¹ Idem. p. 187-188

⁶⁴² POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. "Akten 1". Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

Eu, se fosse convidado a votar, votaria também pela mudança: que em vez de língua portuguesa se chamasse língua brasileira. Isto pela razão seguinte e única:

A nossa terra, vai sendo e cada vez mais será um país de todas as línguas, abrigo e refúgio de todos os povos que não cabem mais em suas pátrias velhas.

Com essa gente de povos e raças diferentes, também importaremos costumes e, o que mais é, línguas também diferentes.

Pelo tempo, nos tornaríamos uma nova Babel ocidental, onde dificilmente nos entenderíamos. Chegaríamos a um ponto de discórdias e brigas por supremacia de idioma.

O italiano haveria de entender que a língua dominante fosse a sua: o japonês pleitearia esse direito para si; o inglês, o francês e o alemão bateriam pelas mesmas preferências. E o português que se julgou sempre o primeiro colonizador, bater-se-ia pela língua portuguesa.

(...)"⁶⁴³

A figura do imigrante construída neste texto é aquela de quem procurou abrigo no Brasil. Refugiou-se da sua pátria, onde não tem mais lugar. Para o Brasil, vale a alegoria do caldeirão das raças: é o lugar de costumes, de línguas diferentes. Daí advém o perigo de ser a "*Babel ocidental*". O confronto entre as diferentes linguagens poderia conduzir à discórdia, ao desentendimento: todos estariam dispostos a ver seu idioma dominar os demais.

"(...)

Não seria de admirar que cada qual apelasse para a sua pátria de origem no sentido de dirimir a questão. E certamente que Portugal não estaria em condições de prestar mão muito forte ao Brasil. E adeus língua portuguesa colonial.

Assim, desde que mudássemos desde já esse qualificativo da língua, de portuguesa para brasileira, nenhum brasileiro de origem diversa da portuguesa teria que enciumar-se. Não haveria mais argumentos desse lado (as nações sempre gostam de argumentos quando se metem na vida da outra; velha história do lobo e do cordeiro).

A língua seria brasileira, ficaria sendo brasileira e estaria tudo acabado.

Nada mais de sofismas com as chamadas hoje "primeiras pátrias".

Todos seriam brasileiros no falar a língua, uma só, desde a repartição pública até o cantinho do lar de cada indivíduo que nasceu no Brasil. Essa terá que ser o fim de uma nação verdadeiramente cosmopolita, de um mundo novo, como o Brasil, porém sólido e homogêneo na fraternização espiritual de todos, mais do que nas simples relações comerciais e políticas, tão fáceis de afrouxarem e de serem rompidas.

Essa coisa de andar dizendo por aí que uma nação como a nossa pode adotar duas, três ou mais línguas é tolice ou subterfúgio de quem se quer ajeitar em situações incômodas.

O exemplo da Suíça, país de três línguas diversas, mas uma única Suíça, é uma balela.

⁶⁴³ Jornal "CORREIO DA TARDE". Joinville, 13 de julho de 1935. p.1.

Um fato qualquer que provocasse a cisão desse povo, o suíço italiano iria para a Itália, o francês para a França e o Suíço alemão para a Alemanha. Não trocariam de caminho. Só a língua une firmemente os povos dentro do mesmo território. Fora daí pode haver mistura, mas não há combinação, pode haver contato, mas não entrelaçamento."⁶⁴⁴

O texto propõe uma forma conciliatória, não concedendo supremacia a nenhuma língua estrangeira. Diante da diversidade, do "*cosmopolitismo brasileiro*", a proposta predominante entre autoridades e intelectuais que aderiram ao projeto hegemônico dos anos 30 foi clara: um Brasil homogêneo. A metáfora religiosa, por sua vez, foi precisa: era necessária a "*fraternização espiritual de todos*", uma espécie de comunhão nacional.

O trabalho com os textos de jornais, no intuito de identificar as imagens e representações veiculadas, conduziu a uma leitura das fontes, nelas identificando construções, ficções e confronto de opiniões. Conforme ensina Chartier, quando se faz um trabalho que tem como temática as representações, não se pode fugir de um campo onde estão colocadas formas competitivas, concorrentes entre si. Isto quer dizer que qualquer percepção do social, ou qualquer representação que se faça dele, encerra em si algumas estratégias, e mesmo algumas práticas, que tendem a se afirmar diante das demais. Esta afirmação é feita na base de imposições, na tentativa de legitimar projetos de transformação social ou justificar algum tipo de autoridade. As escolhas feitas, as condutas adotadas, devem ser aceitas a qualquer preço. Isto se traduz num embate, num campo onde não se colocam discursos neutros, mas discursos que se confrontam, se desafiam, menosprezam uns aos outros e ensaiam manter seu poder de dominação.⁶⁴⁵

Estes conflitos, ou lutas de representação, não são, conforme Chartier, menos importantes do que lutas de caráter econômico. Ao contrário, são mecanismos decisivos, que possuem caráter social evidente, embora não sejam propriamente materiais. São embates travados no plano da classificação e

⁶⁴⁴ Idem.

⁶⁴⁵ CHARTIER, Roger. "Introdução". In: _____. A história cultural: entre práticas e representações. Op. Cit. p. 17.

delimitação das coisas, lugar onde se pode identificar significativos pontos de confronto.⁶⁴⁶

A caracterização de imagens produzidas pelos textos como elementos tão significativos como as lutas econômicas orientou os procedimentos deste trabalho com a documentação. Os textos da época foram tomados enquanto evidência não apenas daquilo que os homens pensaram, mas também do que fizeram concretamente, da forma como se movimentaram na sociedade, no momento em que viveram. Esta abordagem situou o político e o simbólico num mesmo nível, conforme sugere um trabalho de Clifford Geertz, que afirma ser um preconceito dispensar apenas um tratamento "simbólico" à cultura, pressupondo oposição entre os níveis simbólico e real. Da mesma forma não teria sentido atribuir separações entre palavras: *"fantasioso e racional, figurativo e literal, obscuro e claro, estético e prático, místico e mundano"*. Seria uma incorreção considerar que a dramaturgia do poder estaria desvinculada do próprio funcionamento deste mesmo poder, e de que o real não é imaginado. O imaginário, para Geertz, é imaginado, e o real também o é.⁶⁴⁷

Evitou-se tomar o real como alguma coisa anterior ao texto, como algo dado, independente das representações. As representações foram consideradas em suas múltiplas possibilidades de intervenção sobre os homens, em suas individualidades ou na sua vivência social. Neste sentido, esta pesquisa se aproximou de um referencial de análise que toma como simultâneas as relações econômicas, sociais e culturais, seguindo Lynn Hunt ao se referir ao pensamento de Roger Chartier e Jacques Revel. Aqui foi negada qualquer determinação ou precedência das esferas econômicas e sociais em relação à esfera cultural. O próprio econômico-social deveria ser explicado enquanto experiência cultural e tratado, conforme a autora, enquanto prática e produção cultural.⁶⁴⁸

Estudos históricos recentes mostram a falácia de se tomar textos escritos ou discursos tão somente no seu aspecto normatizador ou disciplinador. É preciso

⁶⁴⁶ Idem.

⁶⁴⁷ GEERTZ, Clifford. *Negara: The Theatre State in Nineteenth- Century Bali*. Princeton, N.J., 1980. p. 135. APUD BIRSACK, Aletta. "Saber local, história local: Geertz e além". In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Op. Cit. p. 105.

⁶⁴⁸ HUNT, Lynn. "Apresentação". In: _____. *A nova história cultural*. Op. Cit. p. 9.

considerar, na análise dos discursos, além do aspecto aculturação, a autonomia de interpretação, a descrença, os significados ou representações diversas que possam ser feitas a partir de leituras. Neste sentido, o efeito do controle nem sempre é aquele pretendido ou corresponde a intenção dos que emitem normas.⁶⁴⁹

Assim, quando se relacionou essas questões ao espaço catarinense ou sul-brasileiro, este não foi tomado apenas enquanto lugar de manifestações de movimentos ou grupos políticos organizados. Ao contrário, o referencial foi a ação de grupos e movimentos que expressaram sua face pluralista e diversificada, mobilizando-se em torno de autonomias organizativas. Ao ser focalizado o Estado catarinense, apreendeu-se de que formas as intervenções estatais esbarraram em abertos conflitos com esses segmentos.

Partindo do pressuposto de que não é possível organizar o universo simbólico num sistema coerente, interdependente e unificado⁶⁵⁰, as imagens foram tomadas na forma da fragmentação e dispersão. Assim, o tratamento dado ao conteúdo das imagens tomou como ponto de partida um critério que as considerou na forma dispersa e fragmentada. Este procedimento não impediu que fossem determinadas regularidades de forma a explicitar as imagens que apareceram ou se formaram.

Nesses confrontos, não é possível desconsiderar uma reflexão feita recentemente pela historiografia de movimentos sociais que, na iminência de romper com a velha tradição de abordagem das questões ligadas ao operariado - configurada pelas dicotomias "reforma X revolução" ou "comunismo X anarquismo"⁶⁵¹-, tem levado em conta, sobretudo nas questões referentes a dominação e resistência, a existência de uma espécie de "jogo político"⁶⁵², lugar do entrelaçamento de discursos e práticas diferenciadas.

Recusando-se a aceitar o efeito negativo, ou a "*depreciação sistemática*" imprimida pelos agentes da unificação, grupos autônomos ou particulares tendem

⁶⁴⁹ CHARTIER, Roger. "Textos, impressão, leituras". In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. Op. Cit. p. 233-234-235.

⁶⁵⁰ HUNT, Lynn. "Apresentação". In: Op. Cit. p. 16.

⁶⁵¹ MARSON, Adalberto. "Lugar e identidade na historiografia de movimentos sociais". In: BRESCIANI, Maria Stella (org.). Jogos da Política. Op. Cit. p. 46.

⁶⁵² Adalberto Marson utiliza a expressão "jogo", quando se refere a um trabalho de M. Burawoy. Idem. p. 45.

a se rebelar contra o "estigma". É, entretanto, a própria existência do "estigma" que, conforme Bourdieu, tende a imprimir os fundamentos da revolta e os princípios de unificação dos grupos, que os mobilizam para a ação.⁶⁵³

Nessa revolta, não estaria implícito, entretanto, o caráter monolítico de uma *"reconquista de identidade"*. Como afirma Bourdier, seria uma retomada de princípios de construção de identidade a que o dominado havia abdicado em favor daquele que o dominou, concordando, para isto, com a negação de si próprio. A apropriação agora seria coletiva, estando envolvida tanto a construção da identidade como a sua avaliação permanente.⁶⁵⁴

Assim se coloca a possibilidade do entendimento dos conflitos entre segmentos populacionais e o Estado, ou representantes do Estado e das elites de Santa Catarina, referenciado em questões de dominação e resistência que emergiram dos textos de época. Textos não somente de publicações oficiais, mas de escritos vinculados a grupos distintos da sociedade catarinense.

Entretanto, é o próprio Chartier que nos leva a considerar um outro aspecto das mensagens oficiais que aparece sob a forma de *"ajustes, combinações e resistências"*, e nos desperta para a *"autonomia criativa do leitor diante dos mecanismos que tentam controlá-lo"*.⁶⁵⁵

Neste sentido, tornou-se significativa a afirmação de uma imprensa em língua estrangeira em Santa Catarina. Desde os fins do século XIX que uma série de jornais publicados em alemão haviam surgido nas cidades de Blumenau, Brusque e Joinville. Calcula-se que, até o início dos anos 40, quando foram proibidos por lei federal,⁶⁵⁶ foram publicados ali em torno de quatorze jornais nessa língua,⁶⁵⁷ além de outros jornais em português com suplemento em

⁶⁵³ Idem. p.125.

⁶⁵⁴ Idem. p. 125.

⁶⁵⁵ CHARTIER, Roger. "Textos, impressão, leituras". In: HUNT, Lynn. Op. Cit. p. 234-235.

⁶⁵⁶ SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica*. Op. Cit. p.3.

⁶⁵⁷ Conforme uma obra que trata da Colonização Alemã no Brasil, os jornais redigidos em língua alemã publicados em Santa Catarina entre os anos de 1861 e 1941 foram: KOLONIE ZEITUNG, Blumenauer Zeitung, Immigrant, Deutsches Echo, Reform, Urwaldsbote, Fackel, Volksbote, Volkszeitung, Brusquer Zeitung, Rundschau, Joinvillenser Local Anzeiger, Die Zukunft. KUEHNE, João. "Colonização alemã no Brasil". In: DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. *O punhal nazista no coração do Brasil*. Op. Cit.. 109-110.

alemão.⁶⁵⁸ Além destes, circulavam publicações de caráter religioso, pedagógico, publicações agrícolas e anuários.⁶⁵⁹ Fora as edições locais, consta nos textos de época que "toneladas" de publicações provenientes de outras regiões eram distribuídas "aos milhares" nas zonas habitadas pelos teuto-brasileiros. Falava-se na circulação de mais de cem jornais, além de um elevado número de revistas.⁶⁶⁰

Em 1939, eram sessenta os jornais em língua estrangeira publicados no Brasil, dos quais dezesseis, em língua alemã. Seguiam-se os escritos em árabe - onze -, nove em italiano e oito em japonês⁶⁶¹. As temáticas em que os jornais em idioma alemão insistiam se assemelhavam muito às verificadas nos jornais de língua portuguesa do mesmo período. Entretanto, quando se tratava de questões referentes à germanidade ou à política internacional, os jornais alemães abriam espaço, sobretudo, para as denúncias da exploração norte-americana no Brasil:

*"O fundamento desta política egípcia do Presidente Roosevelt no sul da América é a eliminação de todas as posições das nações européias que foram construídas no decorrer de dois séculos. Tudo o que foi construído com o espírito empreendedor dos alemães, italianos, espanhóis e portugueses no sul da América; tudo o que nas realizações culturais e econômicas lembra este povo, poderá ser estragado. Apenas desta forma, acredita Roosevelt, poderão os Estados Americanos aceitarem de forma não crítica a chegada da civilização norte-americana, sua política e soberania militar. A exterminação da nacionalidade alemã no Brasil é por isto o mais importante ponto do programa norte-americano de penetração. Por exemplo, o fato de que em todas as províncias do sul do Brasil, desbravadas pelos camponeses alemães, os campos férteis foram utilizados, que centenas das aldeias e grandes cidades resultaram de colônias de imigrantes, é para os norte-americanos tão insuportável como o papel da Alemanha no comércio externo brasileiro até a guerra."*⁶⁶²

Os jornais alemães da época não costumavam atribuir as razões da perseguição aos alemães à política nacionalizadora de Vargas, mas sim aos norte-americanos e à sua política de penetração no sul do Brasil. Usavam a expressão

⁶⁵⁸ Idem. p. 110.

⁶⁵⁹ *Publicações religiosas*: Der Wegweiser, Der Cristenbote, Sonntagsblatt, Evangelisches Luterisches Gemeindeblatt, Korrespondenzblatt; *publicações pedagógicas*: Mitteilungen des Deutschen Schulvereins Blumenau, Kolonie Schule; *publicações agrícolas*: Der Hansabote; *anuários*: Deutscher Volkskalender, Herr Jesus Kalender, Willes Kalender, Blumenauer Volkskalender. KUEHNE, João. Op. Cit. p. 110.

⁶⁶⁰ RIBAS, Antônio Lara. O nazismo em Santa Catarina. In: DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. *O punhal nazista no coração do Brasil*. Op. Cit. p. 38 e 45.

⁶⁶¹ DALBEY, Richard O. *The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization*. Op. Cit. p. 136.

⁶⁶² DEUTSCHE ALLGEMEINE ZEITUNG. 18.04.1942. EVANGELISCHES ZENTRALARCHIV IN BERLIN. EZA 5/2165. "Akte 1939".

"política egípcia" para se referir àquilo que denunciavam como perseguições e destruição das realizações dos europeus no sul da América, sobretudo da cultura germânica, pelos Estados Unidos.

O texto continua denunciando a política de corrupção do presidente Roosevelt no Brasil com a metáfora "colocar o machado na vida civil brasileira". Denuncia a cumplicidade do ministro Graça Aranha com a política norte-americana, atribuindo as razões desses vínculos ao dinheiro que Aranha teria recebido, nos Estados Unidos, para seu enriquecimento pessoal e também para edificar o que chama de "guarda egípcia" no Brasil. As perseguições à nacionalidade germânica foram explicadas como uma forma de desviar a atenção do público brasileiro da penetração americana:

"Além disto, Roosevelt não teria nunca ousado colocar o machado na raiz mais importante da vida civil brasileira, se ele não estivesse seguro da sua cumplicidade nesta nociva obra no Brasil. Já é conhecido que a corrente permanente de corrupção norte-americana, que navegou no último ano para o Brasil, chegou até o mais alto posto no governo. Não foi de maneira gratuita que o Ministro do Exterior Aranha, foi durante um ano embaixador brasileiro em Washington. Ele que chegou lá como homem de poucas posses, deixou grandes despesas pessoais no seu cargo na capital dos Estados Unidos, como um grande milionário. Hoje Aranha é condutor da coluna egípcia de Roosevelt no Brasil. Ele não aspira outra coisa a não ser tornar-se Presidente do Brasil e no dia da sua tomada de posse, colocar o país nas mãos de um alto comissário norte-americano. A guarda egípcia, que Aranha edificou com os dólares que o senhor von Verätern colocou à disposição, ocupa hoje numerosos lugares na administração do Brasil. A tarefa dos agentes de Roosevelt e Aranha é a possibilidade de explorar o povo brasileiro de forma escandalosa e desmoralizá-lo mentalmente, caso ele resista ou se oponha à gradativa entrega da soberania brasileira aos Estados Unidos. Para desviar a atenção pública brasileira deste fenômeno, foi estimulada no Brasil a perseguição à nacionalidade alemã." 663

As relações do Brasil com os Estados Unidos, bem como a aceitação de dinheiro norte-americano pelas autoridades brasileiras, encontravam nos jornais alemães um espaço que não existia na imprensa brasileira. A expressão "imperialismo do dólar" foi utilizada para se referir a esta situação. A alcunha "lacaio de Summer Welles" foi "dedicada" a Graça Aranha:

"Verdadeiramente já foi falado todo o necessário na sintética descrição dos abusos brasileiros contra os alemães. Além disto, é

663 Idem

*fundamental levantar aqui o ponto mais importante desta história: o fato de que o Ministro do Exterior brasileiro, Aranha, negocia descaradamente com Washington, sendo subornado com dinheiro pela Casa Branca. Em alguns governos sul-americanos, aparecem pessoas como este Ministro do Exterior, que se descuidam totalmente do interesse do seu próprio país, e da atual e futura relação com outras nações, por trás do esforço de entregar sua terra totalmente ao imperialismo do dólar e de receber pessoalmente ricas subvenções. Aranha já havia provado, durante a conferência do Rio, ser laçao de Summer Welles, de quem aceitava todas as propostas. Sob o encargo de seu fornecedor de dinheiro, ele fez algumas amizades forçadas, entre outras com o Ministro do Exterior do Paraguai, com o qual manteve quatro horas de conversação. Também o chefe do governo do Brasil provou, durante a conferência do Rio, que se encontra totalmente nas mãos deste Ministro do Exterior. Alemanha, Itália e Japão perceberam a inaudita desordem que tem lugar."*⁶⁶⁴

Giralda Seyferth evidencia sobretudo os almanaques, revistas anuais editadas nas zonas de colonização alemã, na época do Natal. Tanto eram consumidos pela elite como por lavradores, operários e pelos segmentos populares em geral. Era nas poesias publicadas nos almanaques e jornais que se manifestava o sentimento nacional e patriótico dos grupos.⁶⁶⁵ As leituras em alemão eram bastante popularizadas, na época, através desses almanaques, levando em conta que uma parte dos habitantes dos núcleos não praticava a língua portuguesa⁶⁶⁶:

*"Crianças que eram capazes de dançar a valsa e narrar o conto popular da floresta negra (Schwarzwald) não tinham nunca escutado o samba ou Ouro Preto."*⁶⁶⁷

Os textos de almanaques e jornais atraíam grupos diversos de famílias, crianças, agricultores, trabalhadores de indústria e populares em geral. O conteúdo que mais motivava as atenções eram pequenas crônicas, versos, poemas e quadrinhas, leituras que povoaram o cotidiano da população com uma avalanche de temas relacionados à questão da língua.⁶⁶⁸ A partir das leituras e do

⁶⁶⁴ Idem.

⁶⁶⁵ SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Op. Cit. p.107.

⁶⁶⁶ Marionilde Dias Brepohl de Magalhães discute o hábito de leitura entre descendentes de imigrantes. MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl. Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil. Op. Cit. p. 152-160.

⁶⁶⁷ Hall, R.K., Brazil's Answer to the Clandestine School. Harvard Educational Review. Oktober, 1942. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 93.

⁶⁶⁸ Conforme Giralda, a discussão acerca da questão da língua não esteve restrita às publicações escolares e poéticas, mas povoou as páginas dos jornais e almanaques. Op. Cit. p. 113.

significado que estas adquiriram para os grupos, tornou-se possível entender a forma pela qual as populações compreenderam suas vidas⁶⁶⁹, como o texto do jornal Correio da Tarde, que relatava a chegada dos primeiros imigrantes alemães à cidade de Joinville:

"9 de março

Foi no dia 9 de março de 1851 que desembarcaram nesta cidade, então, um 'deserto' imenso de civilização, enfeitado apenas pela floresta gigantesca, impenetrável, intransponível, alegrada pelo canto magistral da passarada, os primeiros colonos que deveriam transformar a selva habitada pelos índios e pelos animais selvagens, na linda e ordeira cidade de hoje.

*Oitenta e quatro anos somente! Para a vida das terras, um século é apenas um lapso de tempo que não merece registro, mas para os homens, para o braço trabalhador, merece um sério estudo, e além de tudo uma análise sobre os primeiros dias dos que, deixando o velho mundo, vieram empregar sua atividade em plagas desconhecidas, longe da civilização e dos recursos próprios dos grandes centros."*⁶⁷⁰

As imagens sobre a natureza que emergem do texto falam em "*floresta gigantesca*", "*canto magistral da passarada*", "*selva habitada pelos índios e pelos animais selvagens*". Essa paisagem bucólica, esse "*deserto*" imenso de civilização, deveria ser transformou-se em uma "*linda e ordeira cidade*". A transformação, como imagem recorrente quando evocada a epopéia da colonização alemã no Brasil, fez parte de um momento dos escritos alemães com nítida influência romântica.

A imagem foi a do trabalho, do trabalho transformador. O fato de deixar o velho mundo, a Europa, e passar a "*empregar a sua atividade*", "*o braço trabalhador*", "*longe dos recursos dos grandes centros e da civilização*", relembra uma espécie de sacrifício que deveria, agora, ser reconhecido. Haveria de ser reconhecido o esforço, a vontade de trabalhar, diante das adversidades:

"A vontade de trabalhar, o esforço hercúleo de conquistar o conforto, transformou a floresta imensa, o banhado atemorizador, cheio de miasmas e criador de todas as moléstias desconhecidas, em um ninho de fadas. Esqueceram os homens as canseiras, o trabalho, as saudades da Pátria que distante ficou, e transformaram o paul em terra firme, a floresta em mágicos bosques e os terrenos incultos em hortas colossais, em roças formidáveis, onde a hortalíça vibrava verde com suas flores amarelas no canto silencioso da riqueza e da

⁶⁶⁹ DARNTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter. *A escrita da história*; novas perspectivas. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p.234.

⁶⁷⁰ Jornal "CORREIO DA TARDE". Joinville, 9 de março de 1935. p. 1.

*fartura. O milharal estendia-se no verde-dourado de suas espigas pelas planícies afora, como florões mágicos a enfeitar a própria natureza, que, estarrecida, enviava suas orquestras de pequeninos seres alados para entoarem o hino maravilhoso de grandeza e de progresso.*⁶⁷¹

A disposição em vencer a floresta, os banhados, os miasmas, as moléstias, o paul, os terrenos incultos para conquistar o conforto, a terra firme, os mágicos bosques, as hortas colossais, as roças formidáveis, a riqueza, a fartura e o progresso, exigia trabalho. Para construir cidades da selva, a epopéia da colonização alemã no sul do Brasil recorreu a mitos e símbolos. Sentimentos e estados de espírito passaram por disposições transformadoras: vontade de trabalhar, esforço, cansaço, saudade da pátria, temor.

Foi possível identificar, nas manifestações literárias dos alemães no Brasil, e dos seus descendentes, duas influências distintas, que corresponderam a épocas históricas mais ou menos definidas.

A saga da colonização alemã no Brasil, evocada em poesias, textos e escritos em geral, lembrada permanentemente em cerimônias cívicas, festas, datas comemorativas, esteve permeada de influências românticas. Algumas manifestações estiveram povoadas de sentimentos sobre a natureza, nos moldes do romantismo inglês, ou de nacionalismo apaixonado, tal como o romantismo alemão:

"Depois, ruas se abriram aos golpes dos machados e da picareta. Casas construíram-se. De princípio pequenas palhoças aqui e ali se erguiam, tristes e mal iluminadas, mas higiênicas e confortáveis. Mais tarde, quando já o sol mais cedo se levantava, porque lhe tinham conhecido o nascente, então a cidade foi se erguendo, estendendo, criando vida, cantando a sinfonia da grande ópera do trabalho.

84 anos após, quem dirá que Joinville era aquilo que nos contam os nossos ancestrais. Qual! Não pode ser! Nossa terra já nasceu do âmago do solo assim mesmo. A mão humana não poderia, em tão pequeno espaço de tempo, transformar o elegante e formoso núcleo de trabalho e de honra, de prazer e de riqueza, como a cidade que hoje se nos apresenta. Mas assim foi.

Naquele tempo era o mangue imenso com seus caranguejos verdes de patas cabeludas a ensaiarem uma área eterna de castanholas, que ainda hoje procuram o ritmo sem achar. Eram a anta, a paca, o graxaim, a onça, a encherem o ambiente de urros e de berros estridentes, para assustarem os ratos, os preás que caçavam quietos e cautelosos na beira do paul interminável.

⁶⁷¹ Idem.

Pios de cobras venenosas. Coaxar de rãs e de sapos asquerosos. Cri-cri de grilos durante a noite e o zumbido de mosquitos impertinentes, transmissores de males dolorosos.

Venceu o homem porque a inteligência é tudo, por ter nascido de um sopro divino.

Em 1851 Joinville era a mataria imensa intransponível, hoje é a cidade dinâmica, ordeira e trabalhadora.

Saudemos, pois, ó mocidade de Joinville, aqueles que com tantos sacrifícios criaram este jardim, onde usufruímos tanto conforto e bem estar.

Salve, colonos de 1851!

*Manéco*⁶⁷²

O nacionalismo, a princípio restrito à influência de noções difusas de preservação do caráter do povo alemão e valorização do indivíduo que desempenhasse papel significativo na coletividade, foi-se transformando nos escritos literários, pouco a pouco, em busca de um lugar para a nação alemã. A conquista de um lugar para a Alemanha, o sentimento de urgência em ter reconhecido, diante da civilização, o trabalho dos alemães, assumiu caráter desenfreado, a partir de certo momento, nos textos. A exacerbação deste sentimento, e a inclusão da busca do reconhecimento também do povo alemão⁶⁷³, ou mais propriamente da raça ariana, modificaram o caráter dos textos em língua alemã que circularam no sul do Brasil. Não foi somente a preservação do caráter do povo, da nação e do idioma germânico que os textos evocaram, mas também a superioridade destes elementos diante dos demais. Agora não era mais apenas a afirmação do trabalho dos alemães como aquele que teria sido o maior responsável pela construção da modernidade brasileira, mas também a recorrência permanente à inferioridade dos demais grupos étnicos brasileiros diante do grupo teuto-brasileiro. Esta transformação, nos textos em língua alemã, denotam a penetração gradativa da influência Nazista no sul do Brasil⁶⁷⁴.

⁶⁷² Idem.

⁶⁷³ No imaginário alemão, o conceito de povo tem um significado muito intenso. Um exemplo da força deste conceito está no pensamento filosófico de Fichte, que influenciou a juventude estudantil que participou da revolução de 1948 num delírio germanista. Ainda com o espírito nacionalista exacerbado, o Parlamento de Frankfurt, no estilo revolucionário, proferiu os mesmos princípios. Fichte havia afirmado que todos os povos da Europa, com exceção dos eslavos, pertenciam ao tronco dos germanos. Os alemães seriam os povos originais da Europa. Os povos latinos, em contrapartida, teriam perdido a sua língua de origem, e por esta razão teriam diminuído a sua importância. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 95.

⁶⁷⁴ Não apenas a influência Nazista, mas de toda uma tradição cultural alemã que atravessou sua história. Passou pelo humanismo, reforma religiosa, romantismo e outros movimentos. A noção de superioridade alemã foi constituída ao longo de momentos de exacerbação da germanomania, que construiu um

Uma discussão travada no interior de um almanaque no Rio Grande do Sul evidenciou temas de preocupação permanente: língua alemã, etnia, raça⁶⁷⁵, hereditariedade, assimilação, desunião, individualidade, bem-estar comum:

*"Velho amigo, infelizmente vós tendes razão afirmando que muitos da nossa gente, no campo e na cidade, chegaram ao ponto de sentir vergonha em pronunciar uma palavra em alemão, sua língua materna. A causa está em um mal sinistro que invadiu a nossa gente, prejudicando todo o nosso ser, pensar e agir, a saber, a indiferença e passividade perante a herança de nossos pais. Podemos afirmar que a época atual se tornou fatal para a nossa etnia."*⁶⁷⁶

Era inadmissível, aos olhos dos representantes da raça germânica no Brasil, que a língua alemã estivesse sendo negligenciada pelos seus próprios descendentes. Sentimentos de indiferença e passividade diante da herança paterna eram considerados inadmissíveis diante de uma tradição cultural que reverenciava, a todo momento, qualidades da língua e virtudes dos antepassados:

*"Eu mesmo verifico diariamente também aqui, na nossa colônia, que uma família depois da outra deixa de participar das questões do bem-estar comum, que somente poucos nos auxiliaram no nosso trabalho pela escola, pela igreja e pelas associações, enfim que seus descendentes já se vão tornando estranhos para nós."*⁶⁷⁷

arquétipo do antepassado germânico, dotado de virilidade e coragem, em contraposição à fraqueza e falta de virtudes dos povos romanos, portadores de caracteres essencialmente femininos. As construções imaginárias foram múltiplas, e estiveram em pauta na evocação do mito da autoctoneidade, que dava privilégio não somente à noção de solo, ao país alemão, mas também à origem: os alemães teriam sido gerados por um neto de Noé, o personagem bíblico. Desta forma, eram unidas, inseparavelmente, noções de origem e solo, confundidas com religiosidade.

Abandonadas as genealogias bíblicas, reforçavam-se noções de raça e sangue nos escritos patrióticos, sempre evocando a superioridade alemã, fosse vinculada às grandes invenções do século XV, fosse ligada a conquistas de outros povos durante a história, ou às mais altas aspirações do idealismo cristão. Os humanistas alemães, ao reforçarem certas representações, foram compondo um mosaico de concepções diversas que honraram heróis alemães, reforçaram grandezas germânicas e acusaram autores latinos de negligência em relação a tais glórias. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 76-78.

⁶⁷⁵ A tradição cultural alemã tem demonstrado constante impulso seletivo e purificador orientado para língua e a raça. Uma tendência para a proteção da língua materna quando esta, no decorrer da história, durante guerras ou conflitos com outros povos, parecia invadida, colonizada, dominada ou tiranizada. Quando influências externas deixavam marcas profundas, evidenciadas pela incorporação de palavras estrangeiras- *Fremdwörter* -, seguia-se um esforço dos alemães para, exercendo um apelo ainda mais profundo, substituir tais palavras por nomes forjados por eles mesmos. Assim é que palavras de origem latina ou grega, como geografia e televisão, que foram internacionalmente adotadas, têm seus correspondentes em alemão - *Erdkund*, *Fernsehen*. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 86-87.

"Júpiter fala, diante de Simplex, do herói alemão, que inspirará a paz ao mundo" In: *Les aventures de Simplicius Simplicissimus* (obra popular), ed. Paris, 1951, pp. 190-193 APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 87.

⁶⁷⁶ "Kalender für die Deutschen in Brasilien", São Leopoldo, 1937. p. 33-36. APUD WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Op. Cit. p.184-185.

⁶⁷⁷ Idem.

Aqui também estava sendo colocado em risco, conforme o almanaque, o espírito de coletividade dos alemães, sua ênfase no bem-estar comum. Também o espírito associativo estava sendo ameaçado, bem como a liderança da igreja e o trabalho escolar.

*"'É assim mesmo', disse o representante do almanaque. 'Vós atinastes com o mal. A alienação do espírito étnico, e racial enfraquece o nosso corpo'⁶⁷⁸. É triste que ninguém mais enxergue o mal e que cheguemos ao ponto de ninguém mais poder enxergar. Mas ainda há uma receita: vós professores, vós párocos, educai uma geração que conheça os laços da hereditariedade, as questões étnicas e os efeitos da desnatural 'assimilação' que corrompe os caracteres. Educai uma mocidade sã e neste caso não terei mais receio pelo futuro da nossa etnia germânica no Brasil. Nas suas fileiras hão de surgir os nossos chefes. Ela achará o caminho que nos conduz ao nosso fim comum: a defesa da nossa etnia em prol de nossos irmãos de sangue e de todo o Brasil, nossa Pátria querida. Estou convencido de que a nossa geração atual seria o coveiro da nossa etnia se eu não pusesse toda a minha esperança nessa mesma mocidade'."*⁶⁷⁹

Evidenciam-se aqui preocupações com a educação. Através desta seria possível resgatar, aos parâmetros da cultura germânica, uma geração que se apresentava aos olhos dos defensores da raça alemã como desconhecidora de vínculos fundamentais. Esses vínculos, ou esses laços profundos existentes entre eles se solidificavam ao estreitar relações de solidariedade, afeto e respeito, enquanto excluía e segregavam as demais etnias. Por traz de qualquer relação de inclusão no grupo teuto-brasileiro, estava o requisito primordial: sangue. A "assimilação" da cultura brasileira era considerada perniciosa para os alemães, ao

⁶⁷⁸ O espírito étnico e racial dos alemães ao qual o texto se refere, havia sido construído historicamente, tendo sido afirmado positivamente em diversos momentos da história, como durante o movimento humanista. Em todos aqueles momentos os alemães estiveram empenhados em travar um combate patriótico, seja no âmbito da língua, seja na esfera da raça ou da mitologia. Houve momentos em que tais sentimentos estiveram exacerbados, como durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-48) quando um romance picaresco, documento deste período, expôs o significado da língua, os ideais de vitória, e a bravura dos heróis alemães. O documento evidenciou também ideais alemães de domínio de toda a Europa:

"Renunciarei ao grego para só falar alemão. E, para elevar meus favores ao mais alto ponto, darei aos alemães, como outrora aos romanos, o império do mundo... Suscitarei um herói alemão que realizará sua obra a fio de espada..."

Perguntei, então ao meu Júpiter o que fariam os reis cristão, e qual o papel que iriam desempenhar neste vasto projeto. Respondeu-me:

Aqueles da Inglaterra, da Suécia e da Dinamarca, que são de origem e de sangue alemães; aqueles da França, da Espanha, e de Portugal, cujos países outrora foram conquistados e governados pelos antigos alemães, receberão sua coroa, seu reino e os territórios que eles anexaram, da nação alemã, a título de feudos. E então reinará entre todos os povos do mundo uma paz eterna."

⁶⁷⁹ "Kalender für die Deutschen in Brasilien", São Leopoldo, 1937. p. 33-36. APUD WILLEMS, Emílio. A aculturação dos alemães no Brasil. Op. Cit. p.184-185.

menos para os mais fiéis aos ideais germanistas. A juventude era a esperança, da qual possivelmente surgiriam novas lideranças que mantivessem vivo o ideal.

"Mas", replicou alguém entre os presentes, 'qual é a vantagem que o indivíduo pode tirar do fato de se educar uma mocidade com idéias étnicas?'

'Meu caro', respondeu o homem do almanaque, 'ainda não compreendeste que a desunião é o nosso pior inimigo? Quanta coisa se planeja entre nós, e nunca se executa - porque cada qual critica ao outro, e cada qual tem a sua vontade! Olha o nosso país de origem! Que trabalho ingente se realizou e ainda está se realizando, desde que a divisa: 'bem-estar comum acima do bem-estar individual' surgiu como máxima de todas as ações! Isso certamente nos serve de exemplo. Se a geração nova, diversamente de nós, considerar como irmãos aqueles que são, dentro da mesma Pátria, do mesmo sangue, ela estará unida'."⁶⁸⁰

A desunião, o individualismo, as desavenças ou desentendimentos entre membros da mesma etnia são considerados perniciosos quando se trata de manter a união. Os irmãos, ou seja, aqueles que faziam parte da mesma raça, possuíam o mesmo sangue, a mesma origem e habitavam a mesma pátria, deveriam se manter unidos. Aqui se coloca a máxima do espírito de coletividade imbuído na cultura alemã: o bem-estar comum é o que importa.

*"Graças a Deus já vimos, nos últimos anos, certos progressos no sentido de se estabelecer essa união. Já muitas vezes vos falei sobre a idéia de 25 de julho e não quero aborrecer-vos mais uma vez com isso. Verificou-se que atinamos com o caminho certo. Muitas vezes constatei que em lugares onde antigamente uma ação comum da população inteira parecia impossível, todos se reúnem no dia 25 de julho, formando-se até 'comunidades de trabalho' entre sociedades antigamente 'hostis', tomando-se, de vez em quando, resoluções sobre questões étnicas de interesse geral. Isso se deve fazer por toda parte. O campo de tais comunidades de trabalho é ilimitado."*⁶⁸¹

As "comunidades de trabalho" parecem ser aqui a solução para manter firme a união e acesa a chama da etnia. Desta forma, mesmo as associações rivais entre si poderiam superar suas desavenças e partir para uma colaboração em torno do mesmo interesse, da mesma temática.

A partir da grande procura das edições populares e da grande aceitação dos jornais pelas populações descendentes de imigrantes,⁶⁸² pode-se tratar a

⁶⁸⁰ Idem.

⁶⁸¹ Idem.

⁶⁸² Giralda Seyfeth levanta a preocupação dos editores dos jornais durante a campanha nacionalizadora, que, vendo-se diante da obrigação de publicar em língua portuguesa, estavam ameaçados de perder a

emergência de um movimento de interesse pelas coisas públicas, de uma sede de informações, de uma leitura que extrapola o ato solitário e individual, e que se estende para um espaço permanentemente ameaçado pela campanha nacionalizante. Neste sentido, é possível apreender o significado adquirido pela imprensa alemã das décadas de 30/40, tal como Chartier trata a leitura dos jornais em momentos cruciais de mudança social: como um ato criativo e polêmico, como formadora de uma nova cultura política.⁶⁸³ Desta forma, também é possível pensar no que se constituiu a imprensa alemã, tanto para a defesa da língua, como para a constituição de um contrapoder ao poder do Estado. É possível pensar na elaboração de uma simbologia, a partir dos textos alemães, que nos permitirá perceber a imagem que as populações faziam do nativo, como viam o xenofobismo, o que pensavam de si mesmas ou como as suas diferenças em relação ao nativo se inscreviam no seu imaginário, ou ainda, conforme propõe Michelle Perrot, como conceberam "o Outro"⁶⁸⁴:

"Nem em Porto Alegre, nem nos distritos coloniais, os alemães são bem vistos, sendo até profundamente odiados por um certo partido ultra-nativista. Pois este receia e de vez em quando também confessa francamente que, pela preponderância do elemento germânico, a sua nacionalidade corria perigo, como se o sangue puro dos descendentes dos primeiros colonos desta província (portugueses das ilhas dos Açores) o qual, pelo intercruzamento secular com negros já estava bastante estragado, piorasse pela mistura com a raça germânica. Mas isto até os nativistas mais extremados não acreditavam seriamente, porém eles temem uma preponderância moral e política dos alemães, a qual estes, por meio de inteligência, trabalho e capital, sem dúvida conquistarão. Eles gostariam muito de gozar das vantagens diretas e indiretas que a província tira da imigração alemã, mas preferem não ter colonos no país. Xenofobia é patriotismo para eles e por isso procuram paralisar, de toda maneira, qualquer vantagem que os colonos poderiam conquistar ou estão conquistando, tentando, às vezes, estorvar o forte desenvolvimento do elemento estrangeiro mediante medidas legais. Felizmente não constituem a maioria.

A testa dos nativistas de Porto Alegre está o Sr. Felipe Betbesé d'Oliveira Nery (se não me engano de descendência espanhola), um homem que se distingue pelo ódio fanático ao estrangeiro, manifestando-o, como deputado estadual e federal, abertamente e em qualquer ocasião. E este homem é Inspetor Geral das colônias

grande maioria do seu público-leitor, concentrado na zona rural, que falava apenas a língua alemã. SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e identidade étnica. Op. Cit. p. 105.

⁶⁸³ CHARTIER, Roger. "A liberdade já era um sonho". In: ISTO É / SENHOR. A revolução francesa (1789-1989). São Paulo, 1989. p.60. (suplemento)

⁶⁸⁴ PERROT, Michelle. "O olhar do Outro: os padrões franceses vistos pelos operários". In: Os excluídos da história; operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. p.81.

*provinciais. (...) Se a colonização alemã não estivesse tão forte, os esforços de Nery já teriam conseguido dar-lhe o golpe final. Atualmente (em 1861), a luta do nativismo contra os alienígenas continua violenta em São Leopoldo, e mesmo o otimismo não pode negar que uma facção não muito numerosa mais influente persegue e oprime os alemães de toda maneira cometendo, sobretudo por meio de seus funcionários subalternos (juizes de paz e subdelegados de polícia), as injustiças mais abjetas e, infligindo-lhes, mediante diretores de colonização, os maus tratos mais revoltantes."*⁶⁸⁵

Além das notícias, artigos e novelas românticas veiculadas nos jornais, também e através da propaganda foi possível acompanhar a vida cultural dos descendentes de imigrantes no sul do Brasil. O jornal *Kolonie*, ou *Kolonie Zeitung*, trazia referências precisas das obras lidas por esses grupos, à medida em que se sucediam os comerciais dos editores e relações de livros e seus respectivos preços. Tais obras poderiam ser encomendadas diretamente na Alemanha, mediante uma taxa para o porte de 10 por cento do valor do livro. O baixo valor das taxas demonstrava que não era muito difícil para essas populações a obtenção de um livro de autor alemão. A facilidade com que o material poderia chegar às mãos das pessoas é evidenciada pelo movimento do porto de São Francisco do Sul, pela frequência⁶⁸⁶ com que chegavam ou partiam navios para a Alemanha. O intercâmbio entre o sul do Brasil e a Europa era mais rápido, até a Primeira Guerra, do que entre o sul e o Rio de Janeiro.⁶⁸⁷ Neste sentido as publicações européias tinham maior circulação no sul do Brasil do que os jornais e material impresso do centro-sul.

As rotas percorridas pelas embarcações variavam, mas no roteiro europeu sempre estava incluída a cidade de Hamburgo. Em alguns casos, a viagem poderia terminar em Bremen. Os navios, de diferentes companhias de navegação⁶⁸⁸, em geral faziam escala em Santos, Rio de Janeiro, Bahia e Santa

⁶⁸⁵ Von Tschundi, Johann Jakob. *Reisen durch Südamerika*. Leipzig, 1866. v. 4, p. 13-35. APUD WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Op. Cit. p.174-175.

⁶⁸⁶ Cada uma das companhias marítimas fazia uma ou duas viagens mensais, conforme a propaganda do *KOLONIE ZEITUNG*, o *Jornal da Colônia*, de Joinville.

⁶⁸⁷ Richard O. Dalbey afirma, com base em dois autores da época, que era mais fácil viajar do sul do Brasil ao Rio de Janeiro embarcando em um navio para a Europa e depois voltando pelo Atlântico sul do que diretamente. DALBEY, Richard O. *The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization*. Op. Cit. p. 47.

⁶⁸⁸ Podem ser apontadas aqui como exemplo a "Sociedade" Hamburgo-Sul-Americana de Navio a Vapor, a "Linha" Hamburgo-América e o Loyd Bremen do Norte da Alemanha. *KOLONIE ZEITUNG*, Joinville, 27. 09. 1928. p. 2, 02.10.1928. p.1, 29. 11.28. p. 4.

Cruz de Tenerife, ao norte; Rio Grande, Montevideu e Buenos Aires, ao sul. Nos roteiros europeus, estavam incluídos os portos de Rotterdam, Boulogne, La Coruña, Vigo e Lisboa.⁶⁸⁹

Através do "*Monte Olívia*", "*Cervantes*", "*Monte Sarmiento*", "*Baden*", "*Holm*", "*Bayern*", "*General Belgrano*", "*Württemberg*", "*General Mitre*" ou do "*Madrid*", chegavam ao porto de São Francisco livros, calendários, filmes, companhias teatrais, grupos musicais, orquestras, material didático para as escolas e professores, que preenchiam a vida cultural dos habitantes das cidades de Blumenau e Joinville. A este intercâmbio cultural se acrescentavam as mais variadas mercadorias, que poderiam ser obtidas facilmente junto aos comerciantes que as encomendavam aos agentes do porto. Embora Blumenau e Joinville não estivessem localizadas no litoral, até a Primeira Guerra gozavam de um comércio de importação e exportação considerável, conforme afirma Richard Dalbey.⁶⁹⁰

Ao contrário do que se possa pensar num primeiro momento, os livros a serem lidos, vindos da Europa, embora na maior parte escritos em alemão, não se restringiam exclusivamente à literatura alemã. Nas relações de livros divulgadas pelas livrarias, estão presentes obras de literatura européia como "*O conde de Monte Cristo*", "*Os Três Mosqueteiros*", "*A Dama das Camélias*", "*Maria Antonieta*" e "*A condessa de Charny*", de Dumas; "*Germinal*" de Zola e "*Contos*" de Knut Hamsun⁶⁹¹. Além destes, uma série de livros populares, até mesmo alguns de autores desconhecidos, eram oferecidos à leitura dos habitantes das cidades surgidas nas regiões de imigrantes alemães. Histórias diversas, novelas, contos populares, romances, peças humorísticas faziam parte do cotidiano cultural destas populações.

Esta literatura estimulava a imaginação, falando de reinos distantes, sentimentos amorosos, aventuras, recordações do passado, experiências trágicas e esperanças de uma vida melhor. Títulos como "*Ano demoníaco*", "*Passado*",

⁶⁸⁹ KOLONIE ZEITUNG, Joinville, 29.8.1928 - 10.04.1930.

⁶⁹⁰ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 49.

⁶⁹¹ KOLONIE ZEITUNG, Joinville, 04. 12. 1928. p. 6; Blumenauer Zeitung, Blumenau, 21.06. 1928. p. 3, 25. 06. 1928. p. 2.

"Passado Feliz", "A viagem de descanso", "O professor substituto", "Vôo de grandes alturas", "A princesa", "Uma história de amor", "A luz do leste", "A canção da vida", "Os últimos humanistas", "Uma vida heróica", "O pátio da glória", "O caminho", "O jovem homem sem coração" e "A mão morta"⁶⁹² tinham um poder mágico sobre as pessoas e não precisam ser lidos para que se compreenda que tipo de apelo faziam ao imaginário dos grupos que tinham acesso a eles.

Alguns títulos traziam a Europa, o Oriente e a África para o sul do Brasil: "O leão de Flandres", "O mar vermelho", "Um pioneiro na França", "O incêndio da pirâmide de Quéops" e "Deserto: experiência-própria na África". Outros, e não precisa ser dito que circulavam em bem maior quantidade do que os anteriores, traziam a Alemanha para Blumenau, Joinville, Brusque, Palhoça, Florianópolis e demais cidades do sul do Brasil. Eram livros que relatavam a História da Alemanha: "O império alemão no tempo de Bismarck", "Memória e recordação de Bismarck", "A feliz história de uma emancipação", "Um povo em armas". Deste rol também faziam parte temas que evidenciavam costumes, a paisagem e a literatura alemã: "O selvagem da Alemanha oriental", "A luta em torno do Reno", "Aventureiro alemão", "O mar chama: romance do mar do norte", "Joseph, o alemão", "Sobre a montanha e o vale: a alegre história tiroleza", "Um livro alemão: heroísmo em luta no Reno - 1923", "O rei de Rothenburg", "Romance do antigo Hildesheim", "A partida da Alemanha", "A construção do poder mundial alemão", "O seminário real de teatro". Alguns dos livros lidos pelas populações do sul também tratavam de História geral, ou mundial, todos em idioma alemão, evidentemente.⁶⁹³

As livrarias ofereciam condições vantajosas para a obtenção de livros e revistas alemães. A Livraria Central de Florianópolis, entre elas, fazia parte de uma sociedade entre Alberto Entres e irmão que, além de publicar alguns livros em língua alemã, como o Álbum do Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina, editava também um periódico "Die Brücke" (A Ponte), do qual restam

⁶⁹² KOLONIE ZEITUNG, Joinville, 04. 12. 1928. p. 6; Blumenauer Zeitung, Blumenau, 21.06. 1928. p. 3, 25. 06. 1928. p. 3, 20.09. 1928. p. 3, 14.11.1928. p. 3.

⁶⁹³ Idem.

ainda alguns exemplares dos anos 40. Esta sociedade de livreiros de Florianópolis, que mantinha uma espécie de convênio com a A.G. Editores para o país e exterior, na cidade de Stuttgart, também editava mapas do Estado de Santa Catarina, e propagandeava a comercialização de cartões postais artísticos "*de mais de 200 diferentes vistas panorâmicas de Santa Catarina*".⁶⁹⁴

Algumas pessoas eram associadas a clubes de leitura da Alemanha - Bücherverein -, que, através do consulado alemão, enviavam livros para diversas cidades no sul do Brasil.⁶⁹⁵ Em Blumenau existia uma livraria, chamada Currin, especializada na importação desses livros, de grande aceitação, pois deles também se faziam presentes para pessoas com conhecimento da língua. Tanto para presentear membros da família, como amigos e parentes mais distantes, os livros eram valorizados, sobretudo na época do Natal, pois tinham um significado especial para os que habitavam as cidades como Blumenau.⁶⁹⁶

Os volumes continham contos, poesias, canções e até mesmo livros de receitas de cozinha trazidas da Europa. Da educação de algumas mulheres fazia parte o aprendizado de cozinha baseado nos livros alemães. Tal foi o caso de Hilde Huscher Kieckbusch, que nasceu em Blumenau na segunda década do século XX, e aprendeu a cozinhar na casa de um pastor luterano com base em um livro de cozinha do leste prussiano.⁶⁹⁷ A partir desses livros de receita e também da experiência culinária trazida da Alemanha, pratos como marreco crocante, untado com cerveja e recheado com miúdos, castanhas, cerejas, salada de folhas verdes com cogumelos, repolho roxo com noz-moscada e bacon, sobremesa de pêras ao vinho temperadas com amêndoas, cravo e licores, e sorvete de canela, faziam parte da mesa das famílias mais abastadas do vale do Itajaí.

Os livros de receita ensinavam a preparar a comida típica do natal e festas de fim de ano da Alemanha. Entre eles figuravam o bolo de natal - stollen - de Dresden, feito com banha de porco, casca de limão verde, amêndoas, uvas-passa

⁶⁹⁴ ENTRES, Gottfried. Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina. Op. Cit. (propaganda nas páginas finais)

⁶⁹⁵ Este foi o caso de Hans Kieckbusch, de Blumenau, que posteriormente, durante a campanha nacionalizadora, esteve preso. RENAUX, Maria Luíza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 207.

⁶⁹⁶ Idem

⁶⁹⁷ Idem. p. 205.

e cidra, o tradicional stollen de quark - ou requeijão, no Brasil -, os biscoitos decorados feitos de anis com cerejas, o pão de frutas secas com nozes e avelãs, as broas de mel - lebkuchen - com canela, noz-moscada, gengibre, cravo, suco e cascas de limão e laranja cristalizada, os doces de mel, de amêndoas, as broas natalinas, os doces de canela e amêndoas em forma de estrela, os biscoitos de flocos de aveia com chocolate, o doce de gengibre assado, o bolinho de amêndoa, os doces assados de baunilha com chocolate e as estrelas de doces enfeitadas com geléia. Para a ceia natalina, os livros ensinavam a fazer leitão assado na cerveja com bolinhos de batata, presunto de natal regado com vinho tinto, decorado com folhas de louro e frutas, salada Waldorf com maçã e nozes, pastéis de ragu, sobremesa de maçã assada com gengibre, nozes e cascas de laranja cristalizadas e temperada com canela e mel, creme da Baviera com baunilha decorado com framboesa, e bolinhos de maçã ácida com creme de nata.

O período das comemorações do centenário da imigração alemã, no ano de 1929, constituiu um momento especial para a publicação de uma série de textos em alemão, em geral de caráter bastante popular. Tratavam-se de atos para representação teatral, coletâneas históricas, biográficas, prosa, poemas e canções.⁶⁹⁸ Os temas eram diversificados: a chegada dos imigrantes, trabalho, agricultura, caça.

Alguns desses textos, em forma de cadernos para divulgação em larga escala, com preços bastante acessíveis, deveriam servir de base para as comemorações do centenário nas diversas escolas e associações culturais, esportivas ou recreativas. Tal foi o caso, em Blumenau, dos cadernos publicados por G. Artur Köhler, que envolveu a colaboração de diversos autores conhecidos na época, como Viktor Schleiff, P. Fugmann, José Deeke, Otto Menner, Wolfgang Ammon, Adolf Fuhrmann e Hans Sätler.⁶⁹⁹

Também o Livro de Memória para o Centenário da Imigração Alemã em Santa Catarina, publicado pela Livraria Central Alberto Entres & Irmão, de Florianópolis, em 1929, tratou de temas como o início da colonização alemã em Santa Catarina, a história de Santa Catarina desde o descobrimento do Brasil, as

⁶⁹⁸ KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Op. Cit. (prefácio do editor)

primeiras expedições e as primeiras povoações, a formação de Santa Catarina desde os seus primitivos habitantes, os pioneiros, o seu desenvolvimento político, econômico e cultural. Esta obra foi resultado de uma seleção de trabalhos feita por uma comissão de editores brasileiros e alemães, que trataram com precisão de detalhes cada uma das colônias alemães existentes em Santa Catarina, falando em "*gênio colonizador*", elaborando um quadro de memória dos primeiros colonizadores, coletando seu testemunho e elaborando seu perfil. A obra trouxe um bate-papo com um velho colono teuto-brasileiro de Blumenau, que narrou episódios da hospedaria dos imigrantes e traçou contornos do colono selvagem. Além disto, trouxe estudos atualizados, como o problema da colonização, estatísticas do número de teuto-brasileiros e outras pessoas que habitavam Santa Catarina, escritores e poetas catarinenses, teuto-brasileiros ilustres da linhagem alemã e germanismo. Trazia ainda levantamento de associações alemães, de literatura alemã sobre Santa Catarina e de literatura brasileira sobre colonização alemã. Além disto, tratava da fauna, flora, saúde, medicina, enfermagem, agricultura, pecuária, comércio, indústria, desenvolvimento da técnica, artesanato, energia elétrica, organização política e administrativa do Estado de Santa Catarina, justiça, problema escolar e instrução alemã. O livro também se detinha em questões religiosas, como a assistência espiritual católica, a Igreja evangélica e a vida comunitária evangélica em Santa Catarina. À imprensa, arte e ciência também era dada atenção especial, bem como ao registro de coisas e pessoas relacionados ao tema.

Tal trabalho envolveu textos de autores conhecidos pelos teuto-brasileiros na época, como o Dr. P. Aldinger, o padre Geraldo José Pauwels, José Deeke, o padre Stanislaus Schätte, Rudolf Damm, Maria Kahle, Alfred Funke, Adolf Ringwald, Erich Schild, Dr. F. Kasperek, Wolfgang Ammon, Max Humpl, Fritz Gofferjé, Marcos Konder, Dr. Söchting, pastor Richter e padre Hans Müller. A obra também referenciava nomes de catarinenses ilustres de origem alemã, como o do Dr. Lauro Müller, Dr. Felipe Schmidt, Raulino Julio Adolpho Horn, os irmãos Konder, Dr. Hermann Blumenau, Dr. Ottocar Dörffel, Carl Hoepcke,

⁶⁹⁹ Idem. 1 e 2 heft, Blumenau, 1929.

Ernesto Vahl⁷⁰⁰. Na epígrafe dessa obra, pelas palavras do Visconde de Taunay, estavam registradas aquela crença e sentimento que parecem ter movimentado muitos alemães e descendentes de alemães no sul do Brasil: a noção de que a colonização alemã foi a melhor dentre todas as colonizações em Santa Catarina, e aquela que deu as verdadeiras bases para a nacionalidade brasileira. Estas palavras já haviam sido publicadas anteriormente no jornal de Blumenau, *Blumenauer Zeitung*, em 03 de maio de 1884:

*"A colonização alemã, para mim, é a melhor, debaixo de muitíssimos pontos de vista. Com ela é que desejo formar o fundo da nacionalidade brasileira.
Visconde de Taunay"*⁷⁰¹

Diante das investidas nacionalizantes que pipocaram no Brasil desde o início do século, que ameaçavam desconsiderar o que havia sido a "*obra dos alemães*", alguns estudos ensaiaram resgatar, nos anos 30, o significado do seu trabalho. Este foi o caso do livro de Hans Gehse, publicado em 1931 em Münster, que tratava do papel da imprensa alemã no Brasil desde a metade do século XIX até aquele momento, num esforço de contribuir, na Alemanha, para traçar a história da imprensa alemã no estrangeiro.⁷⁰² Os relatórios de viagens ao Brasil, enviados para Berlim, também tratavam com preocupação os ataques ao germanismo em Blumenau, que resultaram na divisão do município:

*"O sucesso em Blumenau [da proposta de proibir totalmente a instrução estrangeira] que, como lá seria conhecido, apenas levou à divisão do município em 4 partes, evidenciando na verdade o caráter político da exclusão do germanismo em Blumenau, e deste não apenas a pretendida apropriação."*⁷⁰³

Até nos Estados Unidos, o professor Alexander Marchant, da Universidade John Hopkins, tentava, em 1939 passar a imagem de que os teuto-brasileiros haviam criado núcleos que adotaram tanto elementos da cultura alemã como da brasileira:

⁷⁰⁰ ENTRES, Gottfried. Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina. Op. Cit.

⁷⁰¹ Idem

⁷⁰² GEHSE, Hans. Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart. Münster, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1931.

⁷⁰³ EVANGELISCHES ZENTRAL ARCHIV IN BERLIN. EZA 5/2206. Akten betreffend Deutsche Lutherkirche in Brasilien - von 6.jan. 1933 bis 31 Dez.1933. PROPST, Hübbe. Erster Reisebericht. Op. Cit.

*"Os homens que combateram o teutonismo no Brasil passaram por cima, entretanto, de certas relações históricas importantes (...) Em muitos casos os colonizadores eram pioneiros genuínos, que lideraram o caminho que conduzia a linguagem e os costumes europeus para a região, até serem quase desertados pelos europeus. Em segundo lugar, as mais novas gerações de alemães-brasileiros nascidos no Brasil, que conheciam a Alemanha apenas através da memória sentimental dos seus pais ou avós, haviam construído a cultura deles próprios, fora dos elementos alemães ou brasileiros. Esta cultura não era puramente portuguesa, mas certamente não era também puramente germânica, tal como os alemães do sul do Brasil levaram alguns críticos a acreditar. A forma característica da mistura de elementos foi a expressão da memória da tradição alemã em termos brasileiros e o crescimento da linguagem portuguesa."*⁷⁰⁴

Em Hamburgo, em 1939, foi publicado, pelo doutor em filosofia Fritz Sudhaus, um livro que tratava da Alemanha e da emigração para o Brasil no século XIX. Esta obra tinha o objetivo de mudar o enfoque dos trabalhos até então existentes sobre emigração alemã e sobre a história desses emigrantes no Brasil. A proposta era superar um quadro em que a emigração fora considerada apenas como parte da emigração alemã em geral. A história dos teuto-brasileiros no Brasil, segundo o autor, era tomada até então apenas como uma pequena parte da História do Brasil. A nova visão da emigração colocada pelo livro era a de *"empreender tentativa de descrever esta relação de uma outra forma, e perceber o desenvolvimento de uma terra alemã no Brasil desde o século XIX"*.⁷⁰⁵

Uma outra obra publicada no Brasil, de Aurélio Porto, retomava o *"esforço dos alemães na construção da 'grandeza econômica' do Brasil, a sua contribuição intelectual e o seu amor pelo Brasil."*⁷⁰⁶ Expressões como *"secular peregrinação"* dos alemães, *"marcha ascensional do progresso"* que os teuto-brasileiros teriam trazido ao Rio Grande do Sul, *"braço operoso"* e *"inteligência"*

⁷⁰⁴ MARCHANT, Alexander. "Writings in English, French, Italian and Portuguese Concerning the German Colonies in Southern Brazil", in Handbook of Latin American Studies: 1938, pp.418-431, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1939. p. 421. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 57-58.

⁷⁰⁵ Sudhaus, Fritz. Deutschland und die Auswanderung nach Brasilien in 19. Jahrhundert. Band 11 der Schriftenfolge "Übersee-Geschichte", herausgegeben von Adolf Rein, Verlag Hans Christians, Hamburg, 1939. APUD EZA 5/2125. "Akte 1939".

⁷⁰⁶ PORTO, Aurélio. O trabalho alemão no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Est. Graf. S.Terezinha, 1934. p. 262.

construtora" do alemão, são usadas neste estudo intitulado "*O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*".⁷⁰⁷

Aqui são retomadas noções de disciplina que divergem de uma outra, cravada no imaginário das populações de origem alemã, que envolve mais as noções de condicionamento e obediência cega. Seria um pouco como um outro viés do conceito de disciplina que, ao contrário da ênfase à inteligência e atividade criadora, afirma concepções um tanto quanto negativas para a construção do novo. Parece vir de uma vertente de um certo romantismo melancólico, crítico à modernidade, aquelas imagens do disciplinado que não pensa, ao contrário, apenas executa. É um pouco a noção da cultura de massa, do trabalho em série, que evoca um perfil do indivíduo oprimido pela multidão, obrigado a executar sem pensar tarefas que lhe foram previamente determinadas. Os movimentos são passivos, como nas esteiras do trabalho fabril⁷⁰⁸.

Dentre as atividades empreendidas pelos teuto-brasileiros, estava aquela que o autor considera um "*sopro de vida*" na economia do Rio Grande do Sul - a industrialização -:

*"Construtores humildes da riqueza, espalharam-se pelos campos, pelas cidades, rompendo as fronteiras das colônias e, onde surgiam, as indústrias prosperavam, um novo sopro de vida intensificava a atividade multiplicadora das nossas possibilidades econômicas."*⁷⁰⁹

Contribuindo para uma das questões que mais preocupava os intelectuais naquele momento, o problema dos "*tipos étnicos*" que poderiam constituir a "*raça*" brasileira, a obra ressaltou a qualidade e a disciplina do trabalho alemão, e atribuiu a todos os brasileiros, inclusive aos descendentes de alemães, o "*sentimento de brasilidade*":

⁷⁰⁷ Idem

⁷⁰⁸ Estas questões são discutidas por Stella Bresciani quando trata do homem autômato, aquele submetido ao maquinismo. A obra de Carlyle é um exemplo evidente desta vertente, quando concebe a sociedade enquanto máquina. O homem deixa de ser criador e produtor para virar uma espécie de engrenagem, uma mecânica, tendo seu corpo e mente invadidos pelo maquinismo. BRESCIANI, Maria Stella Martins. "Metrópolis: as Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX)". *Revista Brasileira de História*, v. 5, n.8/9. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1985. p. 47-49. Além do maquinismo, esta visão romântica oposta à degradação do presente, como uma espécie de negação da modernidade, evidencia o "mammonismo", ou seja, a religião que tem um deus falso, que personifica o dinheiro, a cobiça e a avareza. LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité*. Op. Cit. p. 177.

⁷⁰⁹ Idem. p. 263.

*"Processa-se, neste momento, no laboratório sócio-geográfico da nossa terra, a elaboração do tipo étnico definitivo que será o propulsor da raça. Com as suas reservas consideráveis, em qualidade e número, o rebento dessas velhas gerações germânicas já se integra na formação racial do nosso povo. Qualidades excepcionais de trabalho, de disciplina, de inteligência, distinguem esse ramo, que é o mais forte dentre todas as correntes imigrantistas do Estado. E a nossa gente, que vem de troncos portugueses, mas que recebeu também um forte contingente de elementos de origens ancestrais flamengas, será, na grande Pátria, um tipo notadamente diverso do de seus irmãos de outras circunscrições do país. Não pela diversidade de sentimentos de brasilidade, comum a todos os que nasceram sob o emblema estrelar do Cruzeiro do Sul, mas, pela diferenciação do tipo físico, trabalhado, nas primeiras fases da vida histórica, pelas lutas cruentas em que nos debatemos, e plasmado, em virtude dessas mesmas circunstâncias, para ser o homem forte do futuro."*⁷¹⁰

A metáfora utilizada, do Brasil enquanto um "laboratório sócio-geográfico", apontava para a formação de uma nova etnia, "um tipo étnico definitivo", com contribuição significativa dos alemães. Era uma figura de linguagem que elogiava o Brasil como múltiplas etnias, como "caldeirão das raças", apontando para o branqueamento. Esta nova etnia teria qualidades consideráveis, dando origem ao "homem forte do futuro". As qualidades eram: trabalho, disciplina, inteligência, e se distinguiam fisicamente dos tipos de troncos portugueses e flamengos. O discurso do momento era o do progresso:

*"E numa antevisão admirável, pode-se prever quais sejam os nossos destinos. Ante-mural indestrutível da grande Pátria, onde se esbaterão todas as armas e de onde refluirão todas as ondas que tentam fazer submergir a unidade do Brasil; tendo a defendê-lo o orgulho legítimo de sermos filhos da velha gente heróica que levantou os marcos milenários da sua própria glória; cheios de fé, robusta e forte, na alta destinação que nos cabe, no futuro da raça; brasileiros que vêm de todas as origens, fundidos no mesmo cadinho purificador do amor do pago admirável, o Rio Grande de amanhã se nos mostra, nas verdes searas dos seus campos, no crepitar da sua vida industrial, na transformação das suas riquezas ignoradas, por todos os setores da sua atividade, pela inteligência dos seus filhos, pela bravura dos seus homens, pela beleza moral de suas mulheres, pelo conjunto de todas as suas virtudes ancestrais, a terra ideal que devemos amar, para que, erguendo-a, elevando-a, sublimando-a, possamos contribuir, cada vez mais, para a grandeza do Brasil."*⁷¹¹

A construção mítica do heroísmo das gentes que, reunidas em um "cadinho purificador", construiu com fé, bravura, inteligência e glória a pátria, a unidade, o futuro da raça, a terra ideal, aponta para um sentimentalismo que

⁷¹⁰ PORTO, Aurélio. *O trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Op. Cit. p. 264.

lembra a psique romântica. A imaginação vaga, que se volta da vida para o sonho, despertando a emoção e o entusiasmo, direcionava-se para possibilidades reais de crescimento e expansão. *"Era a alma de um mundo novo, em face das despedidas saudosas, mas inevitáveis, de um mundo antigo, que o relativismo das coisas sepultava."*⁷¹²

Material didático - como mapas, tabelas, gráficos, livros-textos proveniente da Alemanha era, em geral, encomendado por um professor a uma sociedade alemã, como a *"Sociedade Colonizadora Blumenau"*, que recolhia fundos em Berlim para enviar o material ao Brasil. As sociedades também eram encarregadas de contratar professores na Alemanha, que chegavam a Blumenau e a outras cidades do sul trazendo na bagagem os currículos das escolas. Elas também repassavam dinheiro para pagar pensões aos mestres escolares.⁷¹³ Os relatórios do Consulado Alemão para Santa Catarina, localizado em Florianópolis, costumavam informar ao governo alemão a respeito de como estavam sendo distribuídos os subsídios enviados. O relatório abaixo, datado de janeiro de 1914, evidenciava as principais carências das escolas alemãs em Santa Catarina, detendo-se no material didático e numa melhor colocação para os professores.

"Florianópolis, 15 jan. 1914

Sua Excelência,

eu me honro em colocá-lo informado do requerimento de subvenção anexo da associação das escolas alemãs no município de Joinville, de 27 de Dezembro do ano passado, e com o pedido para a apresentação do requerimento das circunstâncias.

A situação está realmente como foi descrita na informação, e ainda como o Diretor Fass, da escola alemã em Joinville, me confirmou brevemente na ocasião da sua passagem por aqui. As tarefas mais urgentes são a de equipar a escola alemã com material didático e de dar uma melhor colocação para os professores.

Eu devo obedientemente deixar com a associação primeiro um antigo auxílio dos fundos da escola de 1000 M como garantia.

Um verdadeiro remédio é primeiro esperar a chegada do requerimento do inspetor escolar.

Também a associação escolar para Santa Catarina é vista inteiramente como um especialista, que se ocupa com a reforma do ensino e não tem nenhuma acessória.

⁷¹¹ Idem. p. 264.

⁷¹² ELIA, Sílvio. "Romantismo" In: _____. *Língua e literatura*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971. p. 85.

⁷¹³ DALBEY, Richard O. *The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization*. Op. Cit. p. 83.

Informava também como havia sido distribuída a ajuda enviada da Alemanha, referente ao ano de 1913:

*"Pagamento do subsídio escolar para o ano financeiro de 1913:
No edital n. 103 de 30 de junho deste ano, eu me honro em informar
obedientemente a Vossa Excelência que eu iniciei hoje o pagamento
do subsídio escolar, e da soma total de 71925 M eu reparti a
importância de 71475 M. A importância restante de 450 M. foi, após
a entrada de dois recibos que faltavam, ao mesmo tempo enviada.
Sobre a importância de 67125 M estão as caixas de legação dos
recibos com o escrito remetido hoje ao mesmo tempo.
Eu juntei obedientemente à correspondente determinação do edital n.
83 de 31 de maio do ano passado, 10 recibos.."*⁷¹⁵

Em troca dos subsídios como os acima citados, o Consulado Alemão para Santa Catarina, se obrigava a mandar relatórios permanentes referentes ao funcionamento das escolas, informando o governo alemão acerca da situação dos imigrantes alemães e seus descendentes no sul do Brasil:

*"No anexo I me honro em apresentar uma lista das escolas alemães
situadas no Estado sobre especial consideração da situação
confessional. A combinação foi realizada pelo próprio distrito
consular. As escolas que pertencem à sociedade escolar alemã para
Santa Catarina em Blumenau são especialmente reconhecidas. O
anexo II contém uma lista que corresponde às escolas brasileiras
existentes no Estado, ao lado da informação sobre o número de
alunos e visitantes; no anexo III há um quadro das escolas italianas
no Estado.
Os três quadros gerais são resultado de dados colocados com
absoluta integridade, sem nenhuma pretensão.
Sobre o número total de pessoas que fala alemão em Santa Catarina
até agora não existem dados estatísticos exatos. Aceita-se em geral,
que 80 a 100.000 pessoas possuem o alemão como língua materna, o
que corresponde aproximadamente à quarta parte da população total
do Estado. Neste ano deve acontecer um censo, mas deverá também
transcorrer um longo espaço de tempo até que o resultado apareça.
Também coloca-se a pergunta se o mesmo é seguro. O mais
concentrado é o elemento alemão no município de Blumenau. Em 31
de dezembro de 1907 foi organizado um censo que contou com uma
população de 45.089 almas, das quais aproximadamente 2/3 tinham
língua materna alemã.."*⁷¹⁶

O relatório apresentava um quadro das escolas alemães, brasileiras e italianas existentes em Santa Catarina; das pessoas que falavam alemão, entre 80

⁷¹⁴ POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. "Akten I". Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. Jan. 1914.

⁷¹⁵ Idem

⁷¹⁶ POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. "Akten I". Dez. 1891 - 1922. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 1. Mai. 1911.

a 100 mil em 1911, correspondendo a $\frac{1}{4}$ da população do Estado, dividindo-os em evangélicos e católicos, em sua maioria.

Evidenciava a maior concentração de pessoas de idioma germânico no norte do Estado, em cidades como Blumenau, Joinville, São Bento, Brusque e Luiz Alves. O sul também é citado como lugar de concentração de população que falava alemão em cidades como: Braço do Norte, Criciúma, São Martinho, Vargem do Cedro e Orleães do Sul.

O relatório colocava o governo alemão a par da reforma do ensino, com a contratação do prof. Orestes Guimarães, com a construção de grupos escolares, reunião de diversas escolas em uma única construção, formação de um corpo docente e remodelação das escolas normais. Informava que as escolas alemãs seriam prejudicadas porque as escolas públicas eram gratuitas e não estavam dando a devida atenção para a língua alemã.

"Como já tive a honra de relatar várias vezes, o governo do Estado local planeja uma reforma do ensino para Santa Catarina, notificando publicamente em um decreto de 25 do mês passado. A reorganização deve se estender em três pontos. Primeiro deverão ser construídos os grupos escolares. Isto significa que grandes escolas serão construídas em lugares onde existe maior número de população escolar. Estes escolares serão colocados todos juntos nestas grandes construções, no lugar de separados em diferentes espaços. Em Florianópolis já foi iniciada a construção de uma escola deste tipo. Em Laguna também foi instituída tal construção. Em Blumenau está suspensa a discussão em razão da compra de um terreno adequado, enquanto em Joinville é suficiente para este objetivo a escola municipal existente.

Em segundo lugar está projetada a formação de um corpo docente apropriado. Para este objetivo devem ser remodeladas as escolas normais locais, e até com novas catedras, como nunca um professor já dirigiu, mesmo nunca para português, francês e alemão, ciências naturais, física e química, geografia e história, pedagogia e psicologia; aritmética, álgebra e geometria; desenho e ginástica; música e finalmente trabalhos manuais. Como o diário do governo, 'O dia', observa, demonstra-se em consequência da situação especial do Estado de Santa Catarina, que deve uma grande parte do seu progresso à imigração alemã, o estudo da língua alemã como uma urgente necessidade. Para a entrada no seminário de professores é exigido uma idade mínima de 16 e 14, respectivamente, para candidatos homens e mulheres. Finalmente deve também ser melhorada a inspeção escolar.

Para a realização da reforma escolar está encarregado o professor seminarista Orestes Guimarães, de São Paulo. O mesmo foi instituído e conduzido pelo colega municipal de Joinville, auxiliado pelo governo.

Porque a freqüência às escolas públicas é gratuita, as escolas alemãs existentes no Estado serão prejudicadas em primeira mão, como já foi

demonstrado em Joinville. Isto seria evitado se as escolas oficiais brasileiras dessem um tratamento especial para a língua alemã."⁷¹⁷

O relatório ainda se detinha no número de alemães que continuavam mantendo vínculos com o Império Alemão e na situação religiosa do povo alemão, divididos entre evangélicos e católicos.

"Sobre o número de alemães que conservam sua vinculação ao Império Alemão, não é possível ter dados aproximados. As matrículas nos consulados não permitem observar melhor estes números, embora o número de registros tenha aumentado após a entrada em vigor das novas taxas consulares. Somente para exemplificar, na matrícula local apenas 103 famílias foram registradas, enquanto desde o ano passado aproximadamente 1000 membros do Império devem ter emigrado para este pequeno distrito. Na matrícula do Consulado Imperial de Blumenau eram apenas 167 pessoas inscritas, embora o número de alemães fosse maior, especialmente na colônia de Hansa, que está na propriedade de alemães.(...)"
Dr. Grienke"⁷¹⁸

Era evidente a preocupação das autoridades dos consulados alemães de mudar os hábitos da população que habitava o sul do Brasil através da escola. Neste sentido se falava em *"trazer os alemães para o degrau da cultura"*, *"modificar os hábitos morais e de higiene"* e *"alcançar o progresso"*:

*"Porque aparentemente o professor também não possui suficiente poder para combater tais maus hábitos, então apenas as escolas centrais poderiam conduzir correta e severamente os alemães do local e trazê-los para o degrau da cultura a que eles uma vez pertenceram. No âmbito da moral e da higiene, onde ainda parece ruim como acima mencionado, pode apenas uma, talvez a melhor entre as irmãs, conduzir a uma mudança da escola e alcançar o progresso."*⁷¹⁹

Quando o governo brasileiro começou a fazer exigências em relação ao funcionamento das escolas alemãs, os imigrantes, ou descendentes de imigrantes, começaram a criticar as medidas adotadas. Isto se traduziu em matérias de jornais e outros escritos que relatavam de forma condenatória as novas medidas. O relatório enviado pelo pastor Hübbe Probst a Berlim, quando viajou ao Brasil em 1934, evidenciou as reações à proibição do uso da língua, bem como o desejo de alguns alemães, conforme expressão utilizada por eles, que *"a falta de perseverança que caracteriza o brasileiro"* facilitasse a situação. Este relatório

⁷¹⁷ Idem

⁷¹⁸ Idem

também evidenciou como as igrejas alemãs estavam atuando no sistema escolar brasileiro, e como as medidas proibitivas foram recebidas pelas demais escolas estrangeiras. Naquele momento, a polícia brasileira já começara a intimar certas autoridades alemãs, como na cidade de Blumenau, a desistirem de seu trabalho junto às escolas, com leituras e palestras, por considerarem indesejável de que fosse *"conservado o sentimento de nacionalidade alemã"*, como expressa o viajante alemão:

"De Curitiba eu fui para Jaraguá para uma entrevista com o senhor Präses Schlünzen. Agora eu estou de passagem em São Paulo. Eu fiz uma parada aqui para receber as minhas cartas e escrever meu relatório de viagem, sobretudo também para me informar junto a direção da Liga Regional de professores brasileiros-alemães sobre a situação da escola alemã, que está numa séria luta com o governo brasileiro.

Com este objetivo eu visitei o representante do diretor da escola de Olinda, Dr. Fouquet, que me deu a seguinte informação:

O governo de São Paulo já há muito tempo tem causado dificuldades para a escola. Desde a nova Constituição brasileira foi registrada a determinação especialmente rigorosa, que, também nas escolas privadas no Brasil, todas as aulas e em todas as classes, sem exceção, acontecessem na língua do país. Embora a Constituição ainda não tenha sido promulgada, também ainda nenhuma força da lei foi conseguida, esta determinação foi conduzida de forma aguda em São Paulo. Até se cogita que todo livro alemão seja proibido na escola. Também o professor que não fez o exame de língua no Brasil, não pode lecionar. Até as crianças devem também, na pausa, se deter na língua portuguesa. São permitidas apenas 4 a 6 horas por semana de alemão como aula de línguas. O Dr. Fouquet me falou que tanto professores como alunos não irão mais agüentar este estado por muito tempo, eles ficam nervosos com isto. Espera-se que a falta de perseverança que caracteriza o brasileiro, também aqui logo traga facilidades. Eu creio que tal facilidade venha rápido. Minha antiga tese, que o brasileiro está caminhando para conseguir formar hábitos comuns e uma unidade cultural, confirma-se ainda mais.⁷²⁰

O pastor Probst buscava se informar, em São Paulo, junto à Liga Regional de professores brasileiros-alemães e junto a um diretor de escola, o Dr. Fouquet, sobre a situação da escola alemã. Os dados obtidos foram relatados com detalhes e enviados a Berlim. Constatavam as dificuldades da escola alemã diante da nova Constituição brasileira, em razão de determinações como a de que somente seriam permitidas aulas em língua nacional nas escolas. Constatavam também

⁷¹⁹ POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. "Akten 1". Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

⁷²⁰ EVANGELISCHES ZENTRAL ARCHIV IN BERLI. EZA 5/2206. "Akten betreffend Deutsche Lutherkirche in Brasilien" - von 6. jan. 1933 bis 31 Dez. 1933. PROPST, hübbe. Zweiter Reisebericht.

que, na prática, já estariam vigorando proibições como de ministrar aulas em língua alemã, usar livros alemães nas escolas, de alunos falarem em alemão nos intervalos das aulas. Lamentava que todos os professores escolares devessem, a partir dali, fazer exame de língua portuguesa no Brasil, e que o tempo das aulas em idioma alemão tivesse sido reduzido para apenas 4 ou 6 horas por semana.

Quanto à situação das demais escolas estrangeiras no Brasil, o relatório estabelecia diferenças quanto as diferentes nacionalidades. As escolas francesas e inglesas já teriam se adaptado às novas medidas do governo brasileiro, mas as escolas italianas e japonesas estariam encontrando dificuldades. Os italianos estariam intranquilos quanto ao funcionamento do seu ginásio, e os japoneses quanto ao funcionamento, no futuro, de uma escola em construção.

Ultimamente foi a Igreja, que por razões religiosas, reconstruiu a escola alemã com fundamentos totalmente novos. Ela deve deixar claro que pode e deve exigir. A passagem para a escola da Igreja ainda não está acontecendo, porque a escola alemã ainda espera poder manobrar.

Dr. Fouquet me falou que as escolas francesas e inglesas já se adaptaram. A escola superior italiana em São Paulo já adquiriu há longo tempo o direito de um Ginásio brasileiro que leva os próprios italianos à intranquilidade. Os japoneses têm até agora mandado as suas crianças para a escola básica brasileira, pois a sua própria escola está em construção há dois anos. Agora eles também estão perplexos e vieram se informar com o Dr. Fouquet, sobre o que eles devem fazer.

Em Ponta Grossa, eu encontrei o senhor Dr. Grothe do Instituto para o Estrangeiro em Leipzig, que manifestou a esperança de que os norte americanos não deixem cair a política cultural brasileira. Este pensamento ele trouxe de Blumenau, onde existe uma luta escolar semelhante. Admira-me que as pessoas se acalmem com um consolo tão ingênuo. De resto, o Dr. Grothe foi intimado em Blumenau pela polícia. Lá foi notificado que sua atividade para a conservação do sentimento de nacionalidade alemã, visita às escolas, patrocínio de leitura, palestras, etc., seriam indesejadas; ele trabalharia desta forma, contrário aos interesses do governo brasileiro.

*Hübbe.*⁷²¹

Ainda com relação ao material didático, um periódico publicado trimestralmente comentava, em 1942, que um texto de história, impresso na Alemanha e que circulava no Brasil, utilizava noventa por cento das páginas para o Terceiro Reich, cinco por cento para o Brasil e os outros 5 por cento para o

⁷²¹ Idem

resto do mundo.⁷²² Um artigo de 1940 citou a introdução mais frequentemente encontrada nos livros didáticos alemães:

*"Onde você more, esteja certo de estender a influência do seu país, pois seu país poderá dominar esse lugar."*⁷²³

O artigo parece querer dizer que era mesmo intenção dos alemães estender sua influência no sul do Brasil. O mesmo artigo se refere às introduções aos livros-texto italianos, fortalecendo a visão que autoridades nacionalistas brasileiras difundiam: livros didáticos alemães ou italianos adotados em escolas brasileiras eram todos fascistas.

*"Italianos sempre obedecem il Duce, e eles sabem como escrevem no decálogo do soldado, que Mussolini tem sempre razão"*⁷²⁴

Entretanto, na correspondência escolar estão evidências de que nem todos os alemães eram Nazistas, como a propaganda nacionalista tentou difundir:

*"Comunicações para alguns eram subscritas 'Heil Hitler', enquanto cartas para outros, escritas no mesmo dia e na mesma escola oficial, concluíam com 'Aufwiedersehen'."*⁷²⁵

⁷²² TURNER, Ewart Edmund. "German Influence in South Brazil. Public Opinion Quarterly". Spring, 1942.p. 62. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 189.

⁷²³ Inman, Samuel Guy. "The Brazil of Vargas". The Nation 151: 323. Oktober 12, 1940. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 189-190.

⁷²⁴ Idem

⁷²⁵ Idem. p. 191.

Nas estatísticas de 1929, consta que 35 cidades catarinenses concentravam aproximadamente 206 mil pessoas que falavam alemão, sobretudo em Blumenau, Brusque e Palhoça, de um total populacional catarinense de um milhão de habitantes.⁷²⁶ Dez anos depois estimou-se que 275 mil pessoas em Santa Catarina eram de origem alemã.⁷²⁷ Entretanto, reconhecia-se naquele momento, que as colônias teuto-brasileiras estavam rompendo o isolamento, à medida em que entravam em contato mais estreito com populações de origem lusa, e que por esta razão a língua nacional, ou vernácula, vinha sendo cada vez mais difundida entre os descendentes de alemães:

"Em todo caso, atualmente já não é possível que a colônia alemã no Brasil permaneça isolada como tem sido até agora, de modo geral. A que ponto o isolamento era acentuado pode ser explicado pelo fato de haver muitos colonos alemães que quase não falam o vernáculo embora sejam brasileiros natos e tenham trabalhado a sua vida toda pelo Brasil.

*Hodiernamente, essa segregação do mundo luso-brasileiro já não existe com a mesma intensidade. O tráfego mais intenso (automóvel!), o serviço militar, a expansão das escolas públicas e da organização administrativa puseram a colônia em contato muito mais estreito com os luso-brasileiros do que antigamente. Isso já se percebe pela difusão do vernáculo que suplantou, em alguns lugares, a língua alemã."*⁷²⁸

Apesar da tendência a romper o isolamento, a Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul havia publicado, em 1930, um artigo sobre colonização que evidenciava que a maioria dos alemães, naquele Estado, desconhecia o português:

*"Nós freqüentemente encontramos o filho do colono, nascido no Brasil e com mais de 20 anos, que necessita de um intérprete para viajar fora da comunidade, para as distantes áreas Lusitanas."*⁷²⁹

⁷²⁶ ENTRES, Gottfried. Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina. Florianópolis, Livraria Central, 1929. p. 103.

⁷²⁷ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 16.

⁷²⁸ "Kurze Geschichte der deutschen Einwanderung in Rio Grande do Sul", 2.^a Edição revista, (São Leopoldo, 1936), p.79. APUD WILLEMS, Emilio. A aculturação dos alemães no Brasil. S.P/R.J., Companhia Editora Nacional, 1946. p.194.

⁷²⁹ TRUDA, Leonardo F. de. "A Colonização no Rio Grande do Sul". Revista do Instituto Histórico-Geográfico do Rio Grande do Sul, 10, 1930. p. 294. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 47.

Um observador estrangeiro relatou a situação do falar alemão no ano de 1938, em Blumenau, contrastando com o falar português. Ele evidenciou como o compartilhar a mesma língua criava uma cumplicidade entre as pessoas, expressa na frase "*solidariedade de interesses*":

*"Na cidade de Blumenau, a qual conta com 98.663 pessoas em 1927, a preservação da linguagem alemã tem resultado numa 'solidariedade de interesses' entre seus habitantes: na área dos núcleos de colônias européias ao redor da cidade, 63% reivindicam o alemão como a sua língua materna, e 33% o português. Nos distritos rurais que circulam Blumenau, as proporções eram 75% e 22% respectivamente."*⁷³⁰

Conforme o mesmo observador, o uso da língua italiana também era significativo na Santa Catarina da década de 30:

*"A preservação da linguagem italiana também era guardada intacta próximo aos centros das colônias italianas. Em torno de Rodeio e Encruzilhada, o Português era a língua-mãe de apenas 5%, mas 88% reivindicam o italiano como sua língua-mãe. Em todo o vale do Itajaí, em termos de linguagem, 28% eram portugueses, 53% alemães, e 16% Italianos."*⁷³¹

No entanto, tanto italianos como negros haviam aprendido a falar a língua alemã em Santa Catarina, conforme relatórios dos consulados:

*"A língua deve ter se afirmado por anos afora, certamente se propagado, porque eu ouvi também italianos e negros falarem alemão muito bem, que o rumor dos jornais de um 'perigo alemão' no sul do Brasil talvez não fosse sem fundamento(...)"*⁷³²

Nos primeiros tempos da colonização, entretanto, quando o uso da língua alemã era generalizado entre os que chegavam da Alemanha, o pastor, ou o prior, era o intermediário entre os colonos e os demais membros da comunidade, conforme depoimento dos próprios imigrantes:

*"Os colonos faziam, com normalidade, intensa amizade com os pastores, pois eram os líderes comunitários; ajudavam, com orientação, nas dificuldades, pois eram esclarecidos e sabiam comunicar-se, em inúmeros casos, em português. A liderança dos pastores andava paralela aos vendedores e professores, os profissionais que formavam a opinião pública."*⁷³³

⁷³⁰ ENDRESS, Siegfried. Blumenau, Werden und Wesen einer deutschen brasilianischen Landschaft. Verlag Hohenlohesche Buchhandlung F. Rau, Stuttgart, 1938. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 94.

⁷³¹ Idem. p. 95.

⁷³² Politisches Archiv des Auswärtigen Amts. Akten 1. Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

⁷³³ LANG, Guido. Jacob Lang - A história de um imigrante e Pioneiro. Op. Cit. p. 19.

O pastor tinha uma tarefa educativa, ajudando a ensinar colonos que habitavam regiões rurais. Língua e religião eram duas questões de tão fundamental importância nessas comunidades que, em inúmeras situações, tornavam-se difíceis de dissociar. A educação, inicialmente, constituía uma atribuição dos pastores. Pouco a pouco passou à responsabilidade dos professores das escolas, que assumiram as funções de liderança entre camponeses alemães humildes. Na realidade, as atividades de mestre escolar e pastor se confundiam nas áreas mais isoladas.

Quando as associações escolares passaram a existir, por volta do início do século XX, os professores foram escolhidos entre seus participantes. O critério da escolha era de ordem lingüística: o escolhido deveria ter ao menos conhecimento rudimentar dos 3 R's⁷³⁴. As colônias maiores e mais prósperas costumavam contratar professores diretamente na Alemanha, dentre aqueles formados nas melhores escolas.⁷³⁵

A língua alemã era falada no espaço público e no espaço privado. As crianças aprendiam a língua em casa e na escola⁷³⁶. Esta unidade em falar alemão em casa e na escola se constituiu a despeito do fato dos colonos estarem cercados por populações de outras origens. A literatura sobre o tema expressou alguns diálogos domésticos:

*"- Ema, podes trazer a sopa - ordenou Frau Maria, em alemão, encaminhando-se para a mesa. Em família, os Wolff falavam sempre alemão."*⁷³⁷

A literatura também evidencia que alguns membros dos grupos rejeitavam, mesmo, o aprendizado da língua portuguesa, reforçando a existência da escola

⁷³⁴ Alusão à letra "R" forte da língua alemã, bem diferente, na pronúncia, do "r" forte do português ou dos 2 R's.

⁷³⁵ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 72-74.

⁷³⁶ Em Santa Catarina funcionavam, em 1930, 180 escolas alemãs-brasileiras. Este número só perdia, em termos de Brasil, para o Rio Grande do Sul, que possuía, no mesmo ano, 900 escolas deste tipo. Seguiu o Espírito Santo, com 100 escolas e o Paraná, com 40. WILLEMS, Emilio. A aculturação dos alemães no Brasil. Op. Cit. p. 405. Em 1937, o número de escolas organizadas por associações alemãs estava em 361. SIMONSON, William N. Nazi Infiltration in South America, 1933-1945. Fletcher School of Law and Diplomacy, Tufts University, Medford, Massachusetts, 1964. p. 310. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 186.

⁷³⁷ MOOG, Vianna. Um rio imita o Reno. Op. Cit. p. 113.

alemã, com receio de que seus filhos crescessem como os "caboclos" da região. A personagem literária Brune, que falava meio alemão, meio português, não queria que seu filho Adolf fosse como ela e o marido, que na realidade não dominavam bem nem uma língua nem a outra. Adolf deveria, para Brune, aprender apenas a língua alemã, para garantir seu futuro.

"A informação de que o governo do Estado ia fechar as escolas alemãs fez Brune tremer nas bases:

- Mas isso não pode, das ist eine Schweinerei. Como nosso filho vai aprender a ler, uma vez? Ninguém aqui não sabe falar brasileiro. Se ele não aprende a falar alemão, depois vai ficar que nem o Remundi, sempre trabalhando na roça.

Brune não contém o desespero:

*- Eu queria que o Adolf aprendesse bem, até ser um doutor, mas se ele vai estudar brasileiro, então ele nunca vai ser nada, que nem nós."*⁷³⁸

As matérias curriculares eram ministradas em alemão. Evidentemente havia diferenças quanto à qualidade do ensino do idioma alemão em tais escolas. Nas cidades como Joinville, Blumenau e Brusque, as escolas estavam melhor estruturadas, recebiam mais dinheiro e, como consequência, possuíam uma qualidade de ensino melhor do que as escolas das zonas rurais. Eram também as melhores escolas que mandavam buscar com mais frequência professores na Alemanha, e recebiam os profissionais mais competentes.⁷³⁹

As associações escolares haviam se tornado o centro da preservação da cultura alemã no Brasil. Muitas das escolas mantidas por associações foram fundadas com participação direta da Alemanha, que, para estimular o uso da língua, prometia algum dinheiro a lhes ser repassado. Algumas delas eram sustentadas pela Igreja. No caso de escolas que adotavam simultaneamente o uso da língua alemã e da língua portuguesa, em geral eram subsidiadas tanto pelo governo alemão como pelo governo brasileiro, como a Escola Alemã de Blumenau. O governo brasileiro fazia doações para receber em troca o compromisso de que o português seria incluído no currículo. Esta fora uma medida adotada para garantir, ao menos, uma parcela de atenção destas

⁷³⁸ SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Nossa guerra contra a Alemanha: crônica de um tempo de arbitrio. Op. Cit. p. 31.

⁷³⁹ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 78, 81.

populações para a língua portuguesa, já que a escola pública não podia competir, em qualidade, com a escola privada alemã. Como não havia associações escolares para gerir as escolas públicas, diziam os defensores da escola alemã que elas estavam relegadas ao abandono, e, por esta razão se tornaram inferiores em qualidade.⁷⁴⁰ Um jornal londrino publicava, em 1916:

*"Devido à atitude de laissez-faire das autoridades brasileiras, em muitos distritos as escolas brasileiras eram absorvidas ou anuladas, e as crianças brasileiras não tinham alternativa a não ser freqüentar a escola alemã, onde elas eram não apenas obrigadas a se juntar aos exercícios patrióticos dos alemães, mas estavam aprendendo a geografia do seu próprio país por meio de mapas nos quais os Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina eram coloridos como colônias alemãs e nomeados como tal (...) Instrução era dada em alemão, cantavam diariamente 'Alemanha acima de tudo', e a veneração pela casa dos Hohenzollern era parte integral do curriculum."*⁷⁴¹

Aqui a crítica às autoridades brasileiras envolveu também críticas ao liberalismo. Na verdade o "laissez faire" no Brasil significava desatenção do governo. Os textos da época se referem não somente às desatenções em relação à escola alemã, mas também ao descaso do governo e autoridades com as populações em geral, especialmente com aquelas que habitavam o sul do Brasil, e, sobretudo, com as de origem estrangeira. O argumento de que o "liberalismo" ou o "descaso" da Primeira República deveria ser revertido ajudou a consolidar o projeto interventor-autoritário do pós-30.

A qualidade e importância da escola alemã era reconhecida pelos próprios brasileiros sem ascendência germânica, ou com vínculos remotos como Américo, que foi encaminhado pelo pai a uma escola alemã de Florianópolis, no ano de 1938. Ele explica as razões do pai para adotar tal procedimento:

"Bem, mas por que meu pai me colocou na escola alemã? Eu lembro ainda perfeitamente a conversa que ele teve com parentes meus. Eu tinha então 6 anos: iam me matricular na escola alemã, porque lá eu aprenderia alemão. Mas por que esse interesse em que eu aprendesse alemão? Na época, a Alemanha era uma potência em ascensão. Era uma potência em recuperação. O nazismo conseguiu isto para a Alemanha. Depois da crise séria pela qual a Alemanha passou após a 1ª. Guerra, o Nazismo foi a recuperação da Alemanha. E

⁷⁴⁰ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years. 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 79, 92.

⁷⁴¹ BRASFORTLU. "Germany and Southern Brazil" The Spectator, London, March 18, 1916. p. 375. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years. 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 79, 92.

tradicionalmente Santa Catarina tinha ligações muito fortes com a Alemanha. Inclusive o sogro do meu pai tinha uma empresa de export-import e ele importava principalmente produtos da Alemanha. Minha mãe comenta muito isto. Produtos como bijuterias e brinquedos. Na época o Brasil ainda não estava industrializado, ou suficientemente industrializado. Isto vinha tudo do estrangeiro. Nos anos 20 (...) o país com quem Santa Catarina mantinha mais relações comerciais era com a Alemanha.

(...)

O meu pai era comerciante. Ele era representante, ele tinha uma firma de seguros ligada à Aliança da Bahia. O meu avô também era comerciante. Então tinha toda essa experiência da importância do comércio alemão. Então eu creio que foi essa a motivação do meu pai. O meu pai via futuro na Alemanha. Na língua alemã. E uma vez ele comentou comigo: quando tu fores grande, poderás ir à Alemanha e visitar o teu diretor. Chamava-se Groesser. E aliás, ele se retirou para a Alemanha ainda em 1938. E eu disse ao meu pai: Herr Groesser vai para a Alemanha. E ele me disse: então, poderás ir à Alemanha e visitar Herr Groesser. Vais te apresentar ao Herr Groesser: sou seu aluno do Brasil. Mas para isto tens que saber alemão, tens que aprender".⁷⁴²

As autoridades alemãs reconheciam o abandono das escolas brasileiras frente às alemãs. Atribuíam as razões do abandono, entre outros argumentos, à indisciplina do professor brasileiro:

"As autoridades brasileiras gostam bem destas condições e também reconheceram, e gostariam, através de escolas do governo, de trabalhar contra o germanismo, mas lhe faltam os meios necessários para isto. Constroem-se escolas do governo aqui e lá, apenas para se verem abandonadas após algum tempo por professores ou professoras por uma ou outra razão. Apenas onde o professor também fala alemão, parecem poder se manter."⁷⁴³

A partir de 1917, algumas escolas, em razão das primeiras medidas nacionalizantes, não receberam mais recursos dos superintendentes municipais, a não ser que ensinassem exclusivamente na língua portuguesa. As medidas obrigaram as escolas a restringir o uso da língua alemã, adotando a fala e a escrita do português. Deveriam agora ensinar história e geografia do Brasil, educação cívica, sons e hinos patrióticos brasileiros. Para desempenhar esta tarefa, os professores alemães passaram a ser treinados em escola especial preparatória criada na época.⁷⁴⁴

⁷⁴² SOUTO, Américo Augusto da Costa. *Entrevista*. (já citada)

⁷⁴³ POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. "Akten 1". Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

⁷⁴⁴ EMMENDOERFER, Ernesto. "O ensino particular em Blumenau". in: *Centenário de Blumenau: 1850 - 2 de setembro - 1950*. Blumenau, Edição da Comissão de Festejos, Blumenau, 1950. p. 292-293. APUD

O ensino domiciliar passou a ser comum nos núcleos, sobretudo após as medidas nacionalizadoras de 1917, que resultaram no fechamento de escolas. No lugar de mandar os filhos para a escola pública substituta, as famílias alemãs se organizaram formando grupos de crianças para serem assistidas por um professor teuto-brasileiro. Este professor caminhava de casa em casa com a missão educadora. Entretanto, como muitos brasileiros haviam ficado sem ensino, foi organizada uma rede de escolas clandestinas. Isto ocorreu até 1918, quando as escolas alemãs foram reabertas, em razão da menor rigidez da legislação. Em 1927, o número de escolas alemãs crescera para 1177, das quais 937 estavam no Rio Grande do Sul, 180 em Santa Catarina e 60 no Paraná.⁷⁴⁵

A prática do ensino domiciliar, que vigorou a partir de 1917, não era desconhecida para os grupos, pois, como o colono Mathias Franzen escrevera, era a única alternativa viável em meados do século XIX, diante da inexistência de escolas públicas ou da qualidade ruim que as escolas do Estado existentes apresentavam:

*"Escolas públicas e igrejas, tal como nós conhecemos na Alemanha, não existem aqui, e estas que existem são tão distantes que nós não somos capazes de mandar nossos filhos para elas. Por esta razão nós ensinamos, da melhor maneira possível, nossas próprias crianças."*⁷⁴⁶

O depoimento de um imigrante no Rio Grande do Sul mostrava como era possível executar tarefas de professor e carpinteiro simultaneamente numa comunidade que não conhecia nem muito bem o alemão nem o português. A solução, para eles, era aceitar aulas de professores que não tinham tempo para se dedicarem exclusivamente à tarefa, e aprender a leitura e escrita, um pouco de cada língua, num espaço, ao que tudo indica, doméstico:

"O meu trabalho junto aos teuto-brasileiros, como eles mesmo se chamavam, era de carpinteiro e professor para as crianças. Todos falavam alemão, se bem que um dialeto misturado com palavras portuguesas mal pronunciadas e deturpadas. Eu ensinava aos filhos durante as horas do almoço e às noites, pois todos ali trabalhavam na roça desde a idade de seis anos. Ensinava a ler e escrever o alemão e o meu português, que era bem modesto, mas a boa vontade

DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 97-98.

⁷⁴⁵ Idem. p. 87.

⁷⁴⁶ TRUDA, Leonardo F. de. "A Colonização no Rio Grande do Sul". Op. Cit. p. 288. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 92.

*existia. Os livros escolares eram os que eles haviam trazido de Santa Cruz, editados em português e alemão."*⁷⁴⁷

Algumas escolas teuto-brasileiras estiveram sob a influência do Nazismo após a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha, conforme depoimento do diretor de uma delas:

*"O professor ensinava o hino alemão, a história alemã e exigia de todas as crianças que usassem a saudação Nazi ao entrar na classe com o gesto correspondente do braço estendido."*⁷⁴⁸

As escolas da Igreja Luterana foram as que mais tiveram influência nazista, conforme depoimento abaixo:

*"Os professores da Escola Sinodal (vinculada à Igreja Luterana) vinham da Alemanha, e eram pessoas 'muito cultas', e quase todos, no período do desenvolvimento da ideologia nazista, eram doutrinadores desse pensamento."*⁷⁴⁹

Outras escolas desconheciam figuras, símbolos, saudações e as canções como "Deutschland über Alles"⁷⁵⁰, e ensinavam com base tanto em textos alemães, como em textos na língua portuguesa. Este foi o caso da cidade de Brusque, onde a influência nazista nas escolas foi muito pequena.⁷⁵¹

Finalmente, deve-se considerar que tais escolas, como sociedades comunitárias e instituições diversas, cumpriam um papel não apenas de preservação dos hábitos dos grupos, como também de lugar de resistência - pela língua - às práticas unificadoras e homogeneizantes que o Estado brasileiro ensaiava desde o início do século.

Pode-se pensar estar aí a importância dos contatos freqüentes entre os imigrantes ou descendentes de imigrantes e seus parentes alemães, bem como com professores e outras pessoas recém-chegadas da Alemanha, que proferiam palestras organizadas pelas autoridades alemãs no Brasil. Isto estimulava não só a continuidade da prática do falar alemão, como também difundia, no vale do Itajaí

⁷⁴⁷ WEISS, João. Colonos na selva, conto de um imigrante como colono no sul do Brasil. Op. Cit. p. 138.

⁷⁴⁸ ALBERSHEIM, Úrsula. "Uma comunidade Teuto-Brasileira (Jarim)". Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Rio de Janeiro, 1962. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 191.

⁷⁴⁹ SCHEIBE, Leda. Depoimento. (já citado)

⁷⁵⁰ Alusão ao Hino Nacional Alemão

⁷⁵¹ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 193.

e demais regiões catarinenses e do sul do Brasil, as notícias que circulavam na Alemanha.

O Sr. G. W. Zimmerli, logo ao chegar da Alemanha, proferiu uma palestra que teve o objetivo, conforme os relatórios consulares da época, de manter vivo o "*orgulho da raça germânica*", "*enfeitar as almas com bandeiras brasileiras e alemães, e com a música*⁷⁵² e a dança"; além disto, como o texto esclarece mais adiante, o objetivo do ciclo de palestras do Professor Zimmerli era o de lançar as bases para a sustentação de uma "*Liga germânica para o sul da América*". Para isto foi importante, naquele momento, demonstrar "*entusiasmo*" na fala, mantendo uma "*voz firme e freqüente*":

"Palestra do Sr. G. W. Zimmerli

Eu estou convencido de que este senhor trouxe uma verdadeira satisfação para muitos ouvintes pelo fácil entendimento, a voz firme e freqüente e o entusiasmo da palestra proferida. Isto foi evidenciado pelos olhares e apertos de mão. Para os alemães do Império, dispersos por toda a região, foi este o primeiro verdadeiro 'feriado para o coração e espírito' que eles presenciaram aqui. Não menos entusiasmados estavam os homens e mulheres, cujos pais vieram do outro lado, e deles ouviram bem sobre a velha pátria. Mas a grande parte dos ouvintes compunha-se de camponeses, que não têm nenhuma noção do verdadeiro processo em curso na Europa, têm uma declarada desconfiança sobre isto. Os velhos alemães são freqüentemente enganados nos últimos anos, com mentiras sobre a nova Alemanha. Eles acreditam estar vendo em cada alemão do Império, uma pessoa que lhes quer extorquir, de alguma forma, algumas moedas de cobre.

(...)

*Em todos os lugares da palestra houve a preocupação de enfeitar o espírito com bandeiras brasileiras e alemãs. O mesmo se fez para a música e dança. Em muitas regiões, as pessoas fizeram um dia inteiro de viagem para ouvir o Senhor Zimmerli.*⁷⁵³

Significativa aqui é a observação de que muitos dos presentes eram camponeses totalmente desinformados sobre a situação política da Alemanha, portanto, sem nenhuma vinculação com o nazismo. Outra questão, abaixo, é a força da "palavra" para despertar "sentimentos de orgulho":

⁷⁵² Na construção da identidade germânica, sobretudo no que se refere ao uso da língua, o apelo à música esteve sempre presente. A tradição literária alemã sempre recorreu a heróis antigos, personagens históricos, religiosos, políticos ou mitológicos. Os alemães teriam herdado a arte musical diretamente de patriarcas bíblicos como Noé e Jafé; o canto vinha de Orfeu, que manifestara sua arte em língua alemã. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 85.

⁷⁵³ POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. "Akten I". Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

"(...)A palavra do senhor Zimmerli contribuiu incontestável e extraordinariamente para a elevação do orgulho da raça germânica. Também expressou algo no número de visitantes e instituição de novas escolas, porque ele habilmente se referiu à questão escolar em seu discurso.

(...)

Por ocasião do estabelecimento em diferentes lugares, de grupos locais da 'liga germânica para o sul da América', a minha avaliação é do seguinte número de participantes: Florianópolis 58, Palhoça 30, Teresópolis 60, Quadro 35. Em três outros locais a fundação (da liga) foi confiada a delegados. Se o interesse em outro distrito consular não foi tão forte, foi porque a União não obteve os objetivos colocados. Em minha opinião, isto se deu em razão da falta de meios financeiros, sobretudo para mandar para um pastor viajar cada 6 ou 12 meses.

(...)

O senhor Zimmerli me informou, em Rancho Queimado, que deveria ainda fazer uma palestra em Capivari do Meio, porque prometeu isto às pessoas. Eu esclareci a ele que, para mim, não existe nenhum motivo para viajar todo um dia para visitar outro lugar e que eu gostaria bem mais de me dirigir de volta para Florianópolis, passando por Angelina e São Pedro de Alcântara. Então nós nos separamos em Rancho Queimado em 27, e eu cheguei em 29 de fevereiro à noite em Florianópolis.⁷⁵⁴

Além de palestras e outras falas, as companhias de navegação estimulavam o intercâmbio entre brasileiros e alemães, promovendo facilidades no pagamento das passagens e possibilidades de transferência de ordens de passagens do Brasil para a Alemanha através do telégrafo ou das próprias companhias. Além disto, garantia a mais ampla proteção aos dependentes e conhecidos dos brasileiros na Alemanha que quisessem visitar o Brasil.

Esses intercâmbios incluíam também o cinema. As casas de projeção em Blumenau apresentavam grande número de filmes alemães. Em geral as sessões aconteciam às sextas feiras ou sábados e eram anunciadas no jornal local. Tudo em língua alemã, evidentemente. Havia possibilidade de compra antecipada de ingressos para lugares numerados. Em geral a propaganda variava conforme o conteúdo do filme: *"Um magnífico motivo, uma brilhante interpretação, uma magnífica gravação do Reno"* para o filme *"A Lorelei"*, sobre a musa lendária de voz magnífica capaz de levar marujos do Reno desavisados à morte. Para o filme

⁷⁵⁴ Idem.

"Chang", gravado na Tailândia, valeu o chamado: "*O mais bonito espetáculo natural*".⁷⁵⁵

O filme "*A Lorelei*" certamente atraiu uma ampla platéia ao cine Busch de Blumenau não só pelo preço do ingresso relativamente acessível, no valor de 3 contos de réis⁷⁵⁶, como pela popularidade da temática. Consta que a canção inspiradora do filme, cuja versão em português está transcrita abaixo, era a preferida entre associados de diversos clubes no sul do Brasil, sobretudo no Rio Grande do Sul:

*" Não sei o que significa que eu estou tão triste;
Uma fábula de todos os tempos não me sai da cabeça.
O ar está ameno e anoitece, e manso corre o Reno.
No bico da montanha cintila o sol do entardecer.*

*A mais bela jovem senta lá em cima, maravilhosa;
Seus adornos dourados brilham, ela penteia seu loiro cabelo,
Ela o penteia com pente dourado enquanto canta uma canção.
Ela tem uma voz maravilhosa e forte.*

*O marujo no pequeno barco é atingido com selvagem sentimento:
Ele não olha o recife, ele só olha acima, para o alto;
Parece que ao final as ondas engoliram barqueiro e bote
E a culpada foi a Lorelei com seu canto!"⁷⁵⁷*

Já o filme "*Chang*" estimulava o espírito de aventura, pois narrava a coragem de dois pesquisadores enfrentando os perigos da selva do Sião do Norte⁷⁵⁸. Foi um filme com grande repercussão, com "*febre de público*" e "*inaudito sucesso na tela*", conforme os comentários do Blumenauer Zeitung, o jornal local.⁷⁵⁹

O sucesso do filme pode ser atribuído à valorização do investimento em expedições de pesquisa científica para conhecimento da flora e da fauna. Os colonos do sul tinham grande estímulo para obter informações sobre florestas, e os pesquisadores do Sião estimularam a sua imaginação. Afinal, a saga da

⁷⁵⁵ BLUMENAUER ZEITUNG 23.06.1928 p.3 e 20.09. 1928. p. 3.

⁷⁵⁶ Pouco menos do que o preço de 1 quilo de café. O salário de um trabalhador rural em Santa Catarina variava, na metade da década de 30, entre 150 e 350 contos de réis. DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA E PUBLICIDADE. *Sinopse Estatística do Estado* n. 2. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1938. p. 89-90.

⁷⁵⁷ "Die Lorelei". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Op. Cit. p. 212-214

⁷⁵⁸ Antiga Tailândia.

⁷⁵⁹ BLUMENAUER ZEITUNG 23.06.1928 p.3.

colonização alemã em Santa Catarina e no sul do Brasil tivera como uma das partes mais significativas a do colono vencendo a floresta.

Quando, nos anos 30, intensificou-se o controle nacionalista sobre a prática cultural dos grupos, as exhibições de filmes deixaram de ser abertas ao público e passaram a ser feitas de forma clandestina. As sessões, como manifestação de resistência, recolheram-se sobre si mesmas, transformando-se em exhibições de natureza particular.⁷⁶⁰ Conforme Dalbey, a parte mais "*emocional*" das proibições efetuadas foi a ordem policial que proibiu falar alemão⁷⁶¹. Esta língua era falada nas praças públicas, nas barracas das festas, durante o serviço militar, nas leituras de assembléia, nas cerimônias religiosas, como sermões, funerais, batismos e casamentos.⁷⁶² Era falada até nas "rodinhas de chimarrão", no Rio Grande do Sul.⁷⁶³

A proibição da fala alemã se traduziu, ao nível das comunidades, num verdadeiro trauma coletivo. Como poderia existir a comunidade alemã sem usar sua língua? A proibição do uso da língua cortou a comunicação entre membros da comunidade, cortou a palavra, que era o elo de ligação entre eles. A situação remete a Herder, quando vinculou língua à história do povo, à alma, ao espírito da etnia. A identidade dos grupos, ou identidade coletiva, baseou-se no diálogo que os membros estabeleciam com a coletividade através da língua. A língua se ligava aos sentidos, aos sentimentos, mais do que à razão. Tinha um conteúdo emocional intenso, passando por sentimentos de amizade, solidariedade e fraternidade. Somente através da língua era possível conservar costumes e tradições. A língua estava ligada à cultura, que era aquilo que estabelecia diferenciação entre alemães e demais povos.

As transmissões radiofônicas, que recentemente haviam chegado às regiões habitadas por descendentes de alemães, foram proibidas. Em consequência, estes grupos recolheram-se sobre si mesmos, formando grupos de

⁷⁶⁰ RIBAS, Antônio Lara. "O nazismo em Santa Catarina". In: DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. O punhal nazista no coração do Brasil. Op. Cit. p.40.

⁷⁶¹ Não proibiu apenas falar alemão, mas também o italiano, japonês ou qualquer outra língua estrangeira. DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 137.

⁷⁶² Idem p. 137.

⁷⁶³ SCHEIBE, Leda. Depoimento. (já citado)

escuta clandestinos que passaram a acompanhar as transmissões da "*Hora alemã*" na emissora de ondas curtas de Berlim⁷⁶⁴. Os habitantes de Blumenau, além de adquirirem aparelhos de procedência alemã, reuniam-se, geralmente uma vez por semana, em uma casa próxima, de parentes, amigos, vizinhos ou agregados⁷⁶⁵, com o objetivo de sintonizar por 15 minutos a Rádio Farroupilha, que fazia uma "*irradiação alemã*". Os ouvintes participavam das transmissões enviando cartas de solidariedade às emissoras. Um estúdio localizado na Travessa Aimoré, de Blumenau, denominado "*Rádio Clube de Blumenau*", transmitia duas vezes por semana, à noite, a "*Hora Alemã*".⁷⁶⁶ Algumas pessoas, chamadas "*encarregados do rádio*", tinham a tarefa, entre outras, de divulgar tais programas e promover chamadas para que as pessoas emitissem sua opinião. O objetivo era fazer com que as emissoras fossem "*escutadas bem, em toda parte*".⁷⁶⁷ A "*Emissora Alemã de Ondas Curtas*", situada no bairro Charlottenburg, na cidade de Berlim, enviava permanentemente para o Brasil, por escrito, a sua programação, acompanhada de saudações pelas datas comemorativas, como os aniversários dos ouvintes, e de recortes de jornais, livros ou material de propaganda nazista, como os discursos do Führer.⁷⁶⁸

Fundamental também era interagir com os ouvintes: a emissora de Berlim promovia pesquisas e concursos para estimular a cooperação e a audiência. Um concurso de material fotográfico enviado do além-mar para Berlim foi tão participativo que a emissora resolveu duplicar ou triplicar os prêmios. Os anseios e sugestões eram observados através das respostas a questionários destinados a checar o conhecimento dos ouvintes acerca das transmissões; o acompanhamento da programação publicada nos jornais e revistas; a regularidade na escuta; as

⁷⁶⁴ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 166.

⁷⁶⁵ BACK, Sílvio. Aleluia Gretchen, 1976. Filme de 115 min. com Carlos Vereza e Míriam Pires, que conta a história de uma família que foge do nazismo na Alemanha, em razão das perseguições ao pai. A mãe e os filhos, entretanto, estavam fortemente envolvidos com o nazismo, tanto no sentido político como emocional. O filme ganhou os prêmios de melhor fotografia e melhor ator coadjuvante, para José Maria Santos, no Festival de Gramado.

⁷⁶⁶ DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. O punhal nazista no coração do Brasil. Op. Cit. p. 42-43.

⁷⁶⁷ Idem. p. 44.

⁷⁶⁸ PY, Aurélio da Silva. A 5a. coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Livraria Globo, 1942. p. 177-190.

emissoras locais que captavam as ondas curtas de Berlim; a qualidade das emissões; a existência ou não de interferências ruidosas; a estação do ano em que as transmissões eram melhor recebidas; o tipo de aparelho e de antena utilizados; os desejos quanto ao melhor horário para as irradiações. A preocupação da emissora alemã era também a de cadastrar novos ouvintes, pois solicitava nomes e endereços de pessoas que ouvissem freqüentemente as emissões. Considerava-se também fundamental saber se os programas eram ouvidos individualmente ou em conjunto, ou seja, se era comum as pessoas participarem de reuniões para ouvir os programas alemães.⁷⁶⁹

Significativo é observar que a prática de escutar transmissões da Alemanha coincidiu com a própria introdução do rádio entre os agricultores das colônias no sul do Brasil, conforme registros literários:

" - Agora nós tem um aparelho que fala com a Alemanha, uma vez. O papai sempre fala com o Führer...

- Quem é o Führer?-, quis saber Vitoldo

- É o Adolf Hitler, respondeu Nene, com os olhos brilhando de vaidade.

Vitoldo deu pouca importância ao fato. Ele pensava que era uma vitrola, mas Nene continuou:

- Toda noite nós ouve música da Argentina e depois da meia-noite nós ouve a Alemanha na onda-curta.

Para Vitoldo tudo aquilo era ininteligível: Argentina, onda curta, Führer, Hitler... Não era a mesma língua que ele falava em casa e com outros colonos, e por isso quis encerrar a conversa (...)"⁷⁷⁰

O rádio era até então praticamente desconhecido pela maioria dos colonos. Ele estimulava sentimentos de vaidade, pela possibilidade de extrapolar os limites da comunidade, e chegar ao outro lado do mundo. O outro lado do mundo, naquele momento, era a Alemanha nazista. O sentimento experimentado por contatar a Alemanha era tão forte que, muito mais do que identificações com o nazismo, vinculava-se a possibilidades de vencer os limites do cotidiano camponês. Era uma forma de se ter acesso a alguma coisa situada num patamar superior. O rádio era novo na vida daqueles colonos, algo até então desconhecido, *"uma máquina que falava e tocava música"* que passou a significar prestígio dentro da comunidade. Até mesmo os que *"mal diziam bom dia"* para Vitoldo e

⁷⁶⁹ Idem.

⁷⁷⁰ SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Nossa guerra contra a Alemanha: crônica de um tempo de arbitrio. Op. Cit. p. 14.

Brune se fizeram amigos pelo interesse no aparelho. O rádio tinha um significado mágico ao trazer uma voz de fora que atuava sobre a imaginação dos ouvintes: era a Alemanha! A voz da Alemanha!

"Na noite do primeiro dia de funcionamento do rádio, a casa de Vitoldo encheu-se de gente para ver a máquina que falava e tocava música.

Os Frankis, os Nitz, os Ragusas, os Blom, gente que mal dizia bom-dia para os donos da casa, apareceu para ver a grande novidade.

(...)

O movimento da primeira noite foi apenas uma pobre amostra do que seria o sucesso da 'máquina de falar' que Vitoldo comprara. Quando em Schadrach⁷⁷¹ correu a notícia de que 'a máquina' do Vitoldo falava com a Alemanha e dava de ouvir o Führer, as tífis despejaram famílias inteiras para ver o estranho aparelho." ⁷⁷²

A posse de um aparelho dessa natureza em casa estimulava a curiosidade por saber notícias atualizadas do país de origem:

"Aos domingos, Brune, Vitoldo e o pequeno Adolf iam à missa e depois passavam pelo Tanzgesellschaft, onde ele jogava bocha e Brune se entretia mostrando o pequeno Adolf às outras colonas.

Era nesses encontros do Clube que Brune aguçava a curiosidade e inveja das outras mulheres, e principalmente daquelas que vendiam cuca e estrudel para os jogadores de bocha:

- Agora nós vamos ligar o rádio na Alemanha e ouvir o Führer. ...

Na verdade, eles só ouviam a estação de Blumenthal, mas Führer e Alemanha eram palavras mágicas que aguçavam a curiosidade e os devaneios daquela gente que sempre tinha em casa alguém que veio de um país misterioso, onde não havia caboclos e não se falava a língua dos brasileiros." ⁷⁷³

O significado que tinha diante da comunidade ser possuidor de um aparelho de rádio também era muito grande. Poderia ser evidência de prestígio e liderança:

"(...) ninguém recusou a ajuda para ver uma coisa tão extraordinária, mas que, para tristeza de Vitoldo, não falava com a Alemanha, nem com Hitler, como o vendedor havia garantido.

- Se o Guessa me enganou e essa rádio não pega a Alemanha, como me disse o Nene, eu acabo não dando os 10 sacos de arroz e aí nós vai na justiça pra saber quem tem razão - pensou Vitoldo.

Mas, no fundo, Vitoldo estava empolgado pelo novo aparelho que colocava ele e Brune numa posição de grande liderança entre os colonos do povoado.

Nos arrozais, nas vendas, nos bailes, por toda a extensão de Schadrach, Xituli e Frau Emma, os colonos se perguntavam quem

⁷⁷¹ Localidade imaginária. O autor sugere a proximidade com Blumenau.

⁷⁷² SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Nossa guerra contra a Alemanha: crônica de um tempo de arbitrio. Op. Cit. p. 17-18.

⁷⁷³ Idem p. 22

havia visto a 'máquina' de Vitoldo. Em Ipirramos também se falou na novidade, mas lá já havia outros rádios."⁷⁷⁴

Também se falava o alemão nas associações culturais e recreativas, como no caso do Clube de Ginástica de Blumenau -Turnverein -, onde as mulheres faziam movimentos ritmados acompanhando o compasso do piano.⁷⁷⁵ O clube Garcia promovia um programa de recitais de música instrumental de corda, de sopro ou de teclado, além de canto solo, quarteto ou coro de homens ou mulheres; havia ainda versos, peças de teatro, apresentações de humoristas, grupos de dança alpina ou salteadores. Essas apresentações, em geral, eram seguidas de bailes, com barracas que vendiam licores e sorteavam prêmios entre os presentes⁷⁷⁶: uma espécie de circo popular dava ao sul do Brasil uma atmosfera européia.

Em se tratando de festas populares, havia a quermesse, muito própria das colônias alemãs, onde eram freqüentes as apresentações do *Singer-Verein*⁷⁷⁷, que entoavam um *Lied*⁷⁷⁸. O coro de vozes era acompanhado de banda de música, num ritmo festivo e marcial.

Clubes musicais não eram privilégio das cidades. Pequenas localidades também possuíam tais clubes, que cultivavam, geralmente, o canto orfeônico. Nas cidades e nos centros maiores, as sociedades teatrais mantinham orquestra e coro, como Blumenau.⁷⁷⁹

*"Blumenau, por exemplo, possui um grande teatro e mantém uma orquestra sinfônica e um coro vocal misto, de primeira ordem, que constituem um dos encantos espirituais da cidade, inegavelmente a capital artística do Estado."*⁷⁸⁰

O canto coletivo durante a missa também foi uma prática cultural herdada da Alemanha. Principalmente os católicos da cidade e do campo conservavam o hábito, que ficou parcialmente desaparecido entre as religiões protestantes. Uma parte dos cânticos religiosos alemães entoados no Brasil foi traduzida para o

⁷⁷⁴ Idem p. 18.

⁷⁷⁵ LISCHKE, Cecília. "Entrevista à Maria Luiza Renaux". Blumenau, IPS-FURB, 1988. APUD RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 205.

⁷⁷⁶ BUMENAUER ZEITUNG. 07.05.1928. p.3.

⁷⁷⁷ Sociedade de cantores.

⁷⁷⁸ Canção.

⁷⁷⁹ D'AMARAL, Max Tavares. Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí. Op. Cit. p. 72.

⁷⁸⁰ Idem.

português, outros cantos circularam no idioma alemão.⁷⁸¹ Um relatório do Consulado Alemão em Santa Catarina, enviado para o Ministério dos Negócios Estrangeiros na Alemanha no ano de 1916, evidenciava como, mesmo entre os alemães que falavam o português, quando se tratava de cantar, as canções entoadas eram em língua alemã:

*"Em uma fila de lugares eu ouvi, em meio aos antigos alemães entre 20 e 50 anos, falar português, porém cantavam canções alemães. Eu não ouvi uma única canção em português. Esta é uma circunstância que desperta uma atenção especial. Gosta-se também aqui talvez de renegar sua origem alemã e sempre falar português, mas se eles querem cantar, eles cantam canções alemães. Através da entrega de livros de canções da pátria e canções populares com notas musicais nas escolas, muito foi conseguido, uma vez que essas canções alemães ainda não são conhecidas por toda a parte. Pois, segundo os nossos dois acompanhantes de viagem, eles ainda não teriam ouvido 'Alemanha, Alemanha sobre tudo'. Eles receberam o texto escrito e cantaram, até conhecer a melodia."*⁷⁸²

Ouvir música alemã despertava sentimentos e emoções. Um depoimento de uma descendente de alemães de Panambi, ex Neu Württemberg, no Rio Grande do Sul, cujos pais falavam o português em casa, evidenciou que foi através da música que aprendeu as primeiras palavras em alemão. Através das canções folclóricas que ouviu e cantou na infância, de corais que escutou na cidade, aprendeu a língua que, embora não falasse na infância, ficou fortemente marcada para ela através das canções, que consegue reproduzir até hoje.⁷⁸³

O apelo emotivo da música estava também nas apresentações instrumentais, que tinham o caráter de aglutinar pessoas, e onde, conforme relatos literários, *"todos se compreendiam"* e, naturalmente, teciam comentários entusiasmados em língua alemã. Os eventos eram iniciados e encerrados com cumprimentos também em língua alemã:

"A platéia se levanta, aclama de pé. Quer mais. Ouvem-se brados de entusiasmo: - Wunderschön. Wunderschön. Pela primeira vez a sala se funde numa só vibração, na comunicação das almas. Pela música todos se compreendiam.

(...)

(no final)

⁷⁸¹ WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Op. Cit. p.476.

⁷⁸² POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. "Akten 1". Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

⁷⁸³ SCHEIBE, Leda. *Depoimento*. (já citado)

Os espectadores se retiram devagar. Os comentários e as despedidas se cruzam: Gute Nacht... Sehr schon gewesen."⁷⁸⁴

Muitos deles falavam e liam o alemão - o hochdeutsch -, outros, em meio a costumes alemães "abrasileirados" incluíam palavras alemãs mal faladas, ou mal escritas, muitas delas misturadas com o português, ainda conforme registros literários:

"Vitoldo ainda ouviu umas prosas no armazém e depois foi à intendência pagar o imposto da carroça e voltou ao armazém do Guessa, onde tomou um chinape. Pediu um pão com banha, uma rodela de lingüiça e fez o fristigue ali mesmo."

(...)

'Du biest farrücke, Vitoldo? Onde tá nosso cavalo?'

(...)

'eu vai abrir a portere' ou 'a carroça quebrou aquela coisa redonda' (a roda); 'o cavalo baio tá kranke, uma vez'. 'Manhã nós vai derubá aquele capevere (capoeira); depois nós vai tomar uma bia (bier, cerveja) e comer um fristigue'..."⁷⁸⁵

Conforme também o depoimento da teuto-brasileira de Panambi, ela conviveu na cidade com pessoas mais velhas que falavam palavras alemãs meio "aportuguesadas", numa "mistura danada do português com o alemão". Essa convivência era tranqüila, ao que parece, pois "não nos atrapalhava", conclui :

"Passei a infância nesta pequena cidade do Rio Grande do Sul, de colonização alemã, com predominância quase absoluta, naquela época, da religião evangélica luterana.

As pessoas mais velhas falavam predominantemente a língua alemã, e quando falavam o português, era com forte sotaque, vocabulário restrito, e utilizando palavras alemãs meio 'aportuguesadas', ou misturando na frase palavras alemãs com portuguesas.

(...) Enfim, era uma mistura danada de português com alemão, que não nos atrapalhava"⁷⁸⁶

Os textos da época também apontam o dialeto, ou o falar teuto-brasileiro, como a linguagem predominante entre muitos dos "colonos":

*"Entretanto, muitos desses colonos eram descuidados com a linguagem e falavam um dialeto atroz, sem nenhuma gramática, cheio de barbarismos caboclos, alguma coisa que não era nem alemão nem português, mas uma mistura dos dois, isto é, o teuto-brasileiro."*⁷⁸⁷

⁷⁸⁴ MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Op. Cit. p. 75

⁷⁸⁵ SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. *Nossa guerra contra a Alemanha: crônica de um tempo de arbitrio*. Op. Cit. p. 13, 16, 26.

⁷⁸⁶ SCHEIBE, Leda. *Depoimento*. (já citado)

⁷⁸⁷ ENDRESS, Siegfried. "Blumenau, Werden und Wesen einer deutschen brasilianischen Landschaft". Verlag Hohenlohesche Buchhandlung F. Rau, Stuttgart, 1938. APUD DALBEY, Richard O. *The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization*. Op. Cit. p. 94-95.

Palavras como "Remington" ou "Naumann"⁷⁸⁸ faziam parte do cotidiano das mulheres datilógrafas ou costureiras, pois denominavam o seu instrumento de trabalho. As máquinas de datilografia e costura eram importadas da Alemanha e suas instruções deveriam ser lidas em alemão. Da mesma forma, os nomes de indústrias e lojas de comércio como a Hering e outras, eram lidos nos letreiros que povoavam as ruas de cidades como Blumenau, Joinville e Brusque:

*"(...) Depois a atenção do engenheiro voltou-se para as placas e letreiros, onde procurava decifrar os dizeres: Apotheke, Schumacher, Bäckerei."*⁷⁸⁹

Algumas dessas lojas se dedicavam exclusivamente à importação de artigos da Alemanha, como louças, conservas e artigos domésticos em geral.⁷⁹⁰ Nomes de antigos imigrantes já falecidos figuravam nas denominações das ruas das cidades. Nas tumbas, as inscrições em alemão lembravam suas vidas.

Nas escolas alemãs que adotaram o português como língua principal, após as proibições, havia um momento em que a língua alemã não podia ser evitada: o momento da "bronca" nos alunos.

*"O Diretor da minha escola, por exemplo, só falava alemão com os alunos quando estava enfurecido. Então 'blasfemava' em alemão."*⁷⁹¹

Nos hotéis, o cumprimento em alemão e o sotaque carregado dos proprietários:

"Três horas da tarde. Um velho Ford parou em frente do casarão revestido de hera do Hotel Centenário. Desceu dele um homem ainda moço, de estatura mediana, com roupa cor-de-chumbo coberta de pó e encaminhou-se para o saguão. Como não visse ninguém, bateu palmas.

Um rapaz alto, ruivo, de calças curtas, meteu a cabeça assustada na porta dos fundos, olhou para o recém-chegado e gaguejou: - Ein Moment, bitte. Em seguida desapareceu.

Dentro de poucos instantes chegava o dono do hotel, com olhos injetados de quem acaba de acordar da sesta, a ajeitar os suspensórios sobre a camisa aberta no peito cabeludo.

- O trem hoje entrou no horário. - Falava com sotaque alemão, com ar de quem estivesse a narrar um milagre. - O senhor quer um

⁷⁸⁸ RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 206.

⁷⁸⁹ MOOG, Vianna. Um rio imita o Reno. Op. Cit. p. 19.

⁷⁹⁰ RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 206.

⁷⁹¹ SCHEIBE, Leda. Depoimento. (já citado)

quarto? Faça o favor. Aqui está o livro. - Fez um gesto na direção do balcão."⁷⁹²

Na rotina dos hotéis, o convívio dos hóspedes com as palavras alemães:

*"Levantava cedo, comia às pressas uma fatia de pão preto com schmier ou manteiga, juntamente com fatias de queijo e salame da colônia, à maneira da terra, (...)"*⁷⁹³

Nas comunidades evangélicas, a palavra "*Kirchensteuer*" servia para designar o imposto arrecadado pela igreja para remunerar os seus ministros religiosos. Importante assinalar que todos os ministros ordenados nessa religião e os professores das escolas alemãs luteranas vinham da Alemanha⁷⁹⁴, portanto, expressavam-se na língua alemã.

Um dos valores que foi adquirindo conotação sagrada no decorrer da história do protestantismo na Alemanha foi o uso da língua⁷⁹⁵, que culminou na tradução da Sagrada Escritura para o alemão pelo reformador Martinho Lutero. Foi através da língua germânica que Lutero difundiu entre o povo os seus ensinamentos. Lançando os fundamentos do Neuhochdeutsch, ou seja, do alemão moderno, o luteranismo lançou as bases para que gerações futuras associassem a gênese da nova religião com a gênese da nova língua. Desta forma, para o protestante ortodoxo, a língua germânica possuía um significado religioso, comparável ao latim, grego e hebraico:

*"Agradeço a Deus por poder entender e encontrar meu Deus na língua alemã, que nunca nem eu nem vós podemos encontrar nem em latim, nem em grego, nem em hebraico."*⁷⁹⁶

Desta forma, tornou-se difícil, posteriormente, a dissociação da língua alemã da religião protestante⁷⁹⁷:

⁷⁹² MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Op. Cit. p. 11.

⁷⁹³ Idem p. 29.

⁷⁹⁴ WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Op. Cit. p.477, 480. SCHEIBE, Leda. *Depoimento*. (já citado)

⁷⁹⁵ A noção lingüística na cultura alemã esteve, historicamente, intrinsecamente ligada às noções de ideal e espiritualidade, vinculando-se aos fundamentos do idealismo alemão. O conceito de "comunidade da língua" é, portanto, na tradição alemã, um conceito fundado na espiritualidade. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 68.

⁷⁹⁶ LUTERO, Martinho. 1518. APUD POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 79.

⁷⁹⁷ Não apenas a noção de língua alemã foi associada ao protestantismo. A Reforma estimulou sentimentos nacionalistas, ampliando e dando aos sentimentos uma tonalidade intrinsecamente germânica: a origem dos alemães estaria na Gênese e os descendentes de Jafé teriam ensinado a língua alemã ao povo. Este mito de origem, fundado num ancestral comum bíblico, contribuiu tanto para a ruptura religiosa como

*"A doutrina evangélica e a língua, constituem o complexo étnico-religioso peculiar ao protestantismo alemão."*⁷⁹⁸

Ainda conforme Emilio Willems, frases programáticas, como a que segue, caracterizavam e definiam a Igreja Evangélica alemã, nela se destacando a importância da língua:

*"A nossa Igreja Evangélica Alemã, fundada pela cristandade evangélica germânica, considera, embora reconheça a cultura luso-brasileira, a índole germânica, a maneira profunda dos alemães de interpretar o evangelho, o culto religioso germânico, a língua alemã, os ricos tesouros de arte, ciência e tecnologia que trouxe da Alemanha, dotes divinos que ela sabe honrar e cultivar em igreja e escola."*⁷⁹⁹

Nas cidades onde os imigrantes alemães e seus descendentes haviam afirmado seu trabalho, sua liderança econômica e preponderância política, a tendência era que o idioma alemão se expandisse, influenciando os demais imigrantes ou descendentes de imigrantes, como italianos, portugueses, poloneses, romenos⁸⁰⁰ e até mesmo os caboclos. A língua se constituiu em elemento de resistência, ou melhor, o principal elemento de resistência à incorporação das práticas e costumes vigentes no Brasil. O isolamento dos alemães e seus descendentes, desde o início da colonização, havia contribuído para que preservassem sua linguagem de origem e não aprendessem o português. Afinal, quando perguntados, tinham uma boa resposta para a questão: faltavam escolas geridas pelo Estado brasileiro⁸⁰¹:

*"Se o povo desta região também fala a língua alemã em casa, isto se dá principalmente em razão do quase completo isolamento desta região natural em relação aos meios de transporte. Da Alemanha a maioria seguramente não tem nenhuma noção, não podendo eles geralmente nem ler, nem escrever. As pessoas são, freqüentemente, no tipo e na maneira, tão incultas que se poderia dizer: dos alemães é apenas freqüente a língua, na sua aplicação e forma."*⁸⁰²

para a o movimento de unificação da língua nacional. Desta forma, o luteranismo presenteou os alemães com antepassado e língua comuns. POLIAKOV, Léon. *O mito ariano*. Op. Cit. p. 78-79.

⁷⁹⁸ WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. Op. Cit. p. 482-483.

⁷⁹⁹ Idem. p. 483.

⁸⁰⁰ DALBEY, Richard O. *The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization*. Op. Cit. p. 47.

⁸⁰¹ Idem. p. 77.

⁸⁰² POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. Akten 1. Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

A linguagem adquiriu aqui a conotação não de uma superestrutura, mas da abertura de um campo de luta. Ela foi o lugar da sedução, da diferença ou da unidade, dos embates de ordem política, social ou cultural. Neste sentido, é possível considerar as tentativas de afirmação, em Santa Catarina, da língua nacional sobre o idioma alemão como um dos elementos capazes de possibilitar a criação de um "*senso de comunidade nacional*", conforme sugere Lynn Hunt.⁸⁰³ Por outro lado, é possível apreender, nesses embates, como os grupos resistiram, sobretudo, através da afirmação de sua cultura, de suas tradições, de sua língua.

O significado da língua foi reconhecido por todo aquele que se dispôs a estudar os problemas educacionais brasileiros nos anos 30. Tal como Dalbey, é possível considerar que:

*"Provavelmente o mais importante problema que levou os brasileiros a um forte conflito com os alemães foi a linguagem"*⁸⁰⁴

Em torno da língua, divergiram e se confrontaram brasileiros e alemães ou seus descendentes; radicalizaram-se posições nacionalistas e germanistas. Para qualquer um dos lados a linguagem adquiriu, diante do outro, uma significação muito grande. Para os alemães e seus descendentes, a superioridade da língua já era alguma coisa inserida na sua tradição cultural, conforme nos ensina Dalbey:

*"Para os alemães, que consideravam ser o povo supremo dentro da raça germânica, consideravam também a linguagem alemã o supremo veículo da realização intelectual e cultural."*⁸⁰⁵

Com referência à temática do uso da língua, também se tornou significativa não apenas a percepção de como os "*falares locais*" foram inferiorizados, mas a possibilidade de, no contato com a língua dominante, observar que esses "*falares*" não sofreram alterações que os levassem a existir de forma diferenciada. Estes, de alguma forma, em certas situações, passaram a ser reconhecidos oficialmente na sua diferença, tiveram sua prática legitimada e afirmaram sua identidade.⁸⁰⁶

⁸⁰³ HUNT, Lynn. "Apresentação; história, cultura e texto". In: _____. *A nova história cultural*. Op. Cit. p.22-23.

⁸⁰⁴ DALBEY, Richard O. *The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization*. Op. Cit. p. 93.

⁸⁰⁵ Idem. p. 145.

⁸⁰⁶ Idem. p. 128-129.

5.1.A ESTÉTICA DA LÍNGUA

"Numa palavra, a Idéia estética é uma representação da imaginação que acompanha um conceito dado e que está vinculada a uma tal diversidade de representações parciais em seu uso livre, que para ela não pode ser encontrada nenhuma expressão que designe um conceito determinado, e que, portanto, permite acrescentar em pensamento a um conceito muito de indizível, cujo sentimento vivifica a faculdade de conhecer e vincula à linguagem, como mera letra, um espírito."
Kant⁸⁰⁷

O alemão era falado tanto no espaço público como no espaço doméstico. No espaço social, falava-se o alemão no teatro e nos recitais de música, conforme depoimento de Cecília Lischke:

"(...) Antigamente tínhamos aqui com freqüência companhias de teatro de operetas e nosso próprio teatro fazia suas apresentações (...). A vida social era muito ativa, sempre tinha alguma coisa. Se não havia apresentação ou concerto, o nosso 'Club Musical', o atual 'Musik Verein' do Carlos Gomes sempre se encarregava de executar alguma (...coisa)"⁸⁰⁸

Nas manifestações teatrais, tanto se pode considerar a chegada de companhias da Alemanha, que traziam os clássicos, o teatro erudito e a encenação de textos da moda a Blumenau e Joinville, como a encenação de peças bastante populares escritas por autores locais. Tal foi o caso das peças montadas em escolas e associações na época do centenário da imigração alemã, no ano de 1929, que tratavam de uma temática muito próxima dos habitantes das cidades que resultaram das colônias alemãs: a chegada dos imigrantes, as expectativas, as dificuldades de adaptação, as decepções, as perspectivas de trabalho, as soluções encontradas para os problemas.⁸⁰⁹

A floresta era o palco necessário quando se tratava de imigração. Os primeiros imigrantes tiveram que enfrentar as dificuldades da floresta logo que

⁸⁰⁷ KANT, Immanuel. "Crítica do Juízo". Op. Cit. p. 345.

⁸⁰⁸ LISCHKE, Cecília. "Entrevista à Maria Luiza Renaux". Blumenau, IPS-FURB, 1988. APUD RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Op. Cit. p. 205.

chegaram ao Brasil. A temática insiste na travessia dos pântanos, nas feridas causadas pelo espesso espinhal:

1º Ato:

"Berthold: Foi uma penosa caminhada - a picada nos levou através do junco e do espesso espinho, descendo e subindo!"

Ludolf: Ainda sinto como o ramo de espinho me batia no rosto, e ainda batia mais sobre a ferida.

Berthold: A bota está cheia de água. Eu a enchi quando andei sobre o palmito no pântano. Eu deslizo para montar em um cavalo. Escute como ela faz barulho.

(vai em alguns passos)

Me ajude a descalçar, amigo!

(Ludolf tira as botas de Berthold e tira a água para fora)

Ludolf: Apenas me agrada deixar a bota cheia de vinho. Então esta será uma bebida sueca." ⁸¹⁰

A floresta trazia lembranças dos antepassados, aqueles que, descalços andaram através dela, sentindo nos pés, a cada dia, a dor da conquista de um pedaço de terra:

"Berthold: Eu quase estou achando que nós deveríamos aprender a andar descalço através da floresta, como os antigos colonos." ⁸¹¹

A floresta trazia também recordações da guerra. Para aqueles que antes de imigrar estiveram lutando pela Alemanha na guerra, os perigos da floresta no Brasil e as dificuldades de trabalhar nela eram atenuados diante do perigo maior. Este consistia em andar sobre um campo minado, passar fome, ter febre no calor entorpecedor, caçar os russos na Polônia:

"Berthold: Seja melhor, caro amigo, pense. Como uma vez ao longo da semana no pântano. Nós passamos fome! Como no barro de Flandres. Nós andamos através do solo revolvido em granada, onde o mensageiro da morte falava sobre nós. O lançador de mina e o gás venenoso da granada! Pense você em nós diante de Salonik, na quente Wardarial a febre arrebatava. Como nos entorpeceu os dedos das mãos e dos pés, como em Masuren nós caçamos os russos?"

Ludolf: Eu penso sobre isto - Eram dias quentes. E ainda um pesadelo de fumaça e pólvora me aperta o peito. E no sono me assusta o barulho da espingarda.

Berthold: Por isso é fácil de suportar o que a vida exige de nós na floresta negra, como na sujeira da trincheira protetora." ⁸¹²

⁸⁰⁹ SCHLEIFF, Viktor. "Im Urwald". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Blumenau, 1929.

⁸¹⁰ Idem. p. 1-2.

⁸¹¹ Idem. p. 2.

⁸¹² Idem

A floresta era o desconhecido, era luta, era batalha. Era o heroísmo de enfrentá-la tal como Henrique, que vence perigos e monstros com perseverança, humildade e justiça. A floresta lembra as antigas batalhas na Alemanha, lembra as guerras do século XIX, lembra a vitória alemã na unificação. Das lembranças emergem sentimentos de valentia, de coragem. A floresta incita a vencer a inércia, a indolência, a covardia e a encarar a luta.

A floresta era mágica. Ela instigava os mais diversos sentimentos: o medo, o receio, o temor da morte. A sensação era semelhante àquela do campo de batalha. Mas a valentia e a coragem se contrapunham à covardia. O arado e o machado ajudavam a superar o passado e apontavam para o futuro. Assim o fantasma desaparecia. A luz do sol se sobrepunha a tudo e a todos:

2º Ato:

"(Ludolf sozinho)

Bravo Berthold! Onde eu estaria sem você? Esmagado, estrangulado. A floresta tem sobre mim um inquietante e grande poder. É como um espírito escuro. Inquietante, medito sob esta copa: eu gostaria de fugir, de ficar banido, como se eu fosse uma fórmula mágica totalmente falsa. - Isto é medo? isto é receio? Eu não tenho temor quando a morte monta em um pálido cavalo sobre o campo de batalha. Quando soube que o irmão caiu, eu, quase um menino, joguei júbilos sobre ele. Minha vida assaltada na fileira do inimigo, o golpe é meu, com a mão valente.

E aqui, aqui, esta é a valentia, uma coisa própria. Moram um com o outro, a coragem e a valentia, no coração, de barreira em barreira.

Fora estes pensamentos!- Sim, a Bíblia fala: indigno é o homem que contempla para trás! Quando ele coloca a mão no arado, quando ele bate o machado e a árvore estala, então foge o pensamento da má aparição, como o fantasma diante da luz do sol.

(apanha o machado e sai)"⁸¹³

Quando vinham à memória os avós e os bisavós, as lembranças da velha pátria, do trabalho dos antepassados, dos velhos lutando para suportar o inverno rachando lenha na floresta, vinham também à mente as estórias e histórias que os velhos contavam, as lendas da Alemanha, as sagas dos heróis, cavaleiros e dos deuses, cravados no imaginário de gerações e gerações. Vinham à memória os reis, príncipes e duques, os nobres alemães que, com sua bravura e coragem, haviam se afirmado na memória. Henrique, o Leão, o lendário duque, herói da

⁸¹³ Idem. p. 4-5.

família Welfen, que teria construído um castelo, conforme o texto teatral, nas areias do mar do leste, onde na época estavam os saxões:

"Ludolf: Nós antes seguíamos orgulhosos o chamado dos Welfen. Henrique, o Leão, construiu o nosso castelo nas areias do mar do leste.

Berthold: Lealmente comprova. É o antigo e lendário cliente que nos afirmam os avós e bisavós quando rachavam lenha, e no forno queimavam para o inverno (...)."814

Vem à memória o lendário Henrique, o Leão, cujo pai perdeu a Baviera numa luta, mas herdou de seu sogro a Saxônia -, que, na Idade Média, localizava-se no mar do leste, nordeste da Alemanha. O filho conseguiu obter a Baviera de volta do Imperador Frederico I, mas foi, pelo próprio Frederico, também conhecido como Barbarroxa, deposto e desterrado.⁸¹⁵

As lendas populares da Alemanha falavam também de Henrique, o Leão, que havia se tornado agora Duque de Braunschweig, e um dos heróis mais conhecidos da Idade Média. Tinha ambição de dominar territórios para aumentar sua glória⁸¹⁶.

Lendas como estas estimulavam a imaginação, trazendo, para o vale do Itajaí e demais cidades onde se compreendia a língua alemã, sentimentos e ensinamentos. A luta entre deus e o demônio estava ali presente: Henrique oscilava entre o bem e o mal. Entre entregar sua alma ao demônio para ser salvo, ou permanecer digno da graça divina. Estava presente também a atitude de fidelidade, própria da relação de amizade mantida entre o leão e o seu senhor. Nesta relação, havia um detalhe importante a ser permanentemente lembrado: o duque havia salvo a vida do leão e, por esta razão, o animal lhe devia lealdade eterna.

A luta pela vida era difícil e árdua naqueles tempos medievais, e por isto, razão era fundamental que certos valores fossem conservados pelos homens. Diante do perigo, da fome, da eminência da morte, que Henrique enfrentou junto com os seus homens no mar do leste, valeu a solidariedade, o heroísmo e a coragem até na hora da morte: uns foram sacrificados para alimentar os demais.

⁸¹⁴ Idem. p. 3.

⁸¹⁵ DAS MODERNE UNIVERSAL LEXIKON. Köln, Naumann & Göbel Verlag.

⁸¹⁶ Ver a lenda no anexo.

Tais exemplos de conduta, colocados nas lendas lidas nos livros, lembradas no teatro, ouvidas nas histórias contadas pelos antepassados, povoavam o imaginário das crianças que vivenciavam tais textos nas escolas, durante as comemorações do centenário da imigração alemã. As lendas estimulavam os teuto-brasileiros a conservarem valores como amizade, fidelidade, lealdade, religiosidade.

As lendas traziam a paisagem da Alemanha para o Brasil, traziam a hierarquia, a submissão dos servos e seu sacrifício para poupar a vida do seu senhor. O nobre era aqui um vencedor, sempre conseguiria a vitória, se demonstrasse coragem, heroísmo e perseverança. Conseguiria também, com estas qualidades, que os demais lhes fossem fiéis: o leão, a quem salvou a vida, e a esposa. Ela permaneceu fiel a Henrique durante sete anos, como haviam combinado na partida, pois entendeu a necessidade do marido em afirmar sua glória fora da cidade, conquistando novas terras para Braunschweig. Além disto, era o destino que comandava a vida das pessoas: Henrique teria necessariamente que enfrentar os perigos que os céus lhe colocaram, não poderia fugir deles.

Para a mulher, afirmava-se também o valor da submissão. Além de dever fidelidade ao marido, ele era o seu senhor, deveria obedecê-lo e amá-lo até sua morte.

O destino levava à aventura, ao enfrentamento com o acaso, onde a sabedoria poderia trazer glórias, embora nunca se pudesse deixar de fazer as mais justas opções. Henrique viveu essas aventuras, junto aos seus homens no mar, lutando contra o terrível dragão na floresta, enfrentando o demônio nas montanhas de Braunschweig. Conseguiu enfrentar todos os perigos com coragem, perseverança, com disposição e justiça, certo de que esta fora a sorte que o destino lhe reservara. Ele adquiriu, com isto, todas as glórias, que lhe deram as honras de um verdadeiro herói.

Os valores que se aplicavam às lendas poderiam ser os mesmos adotados para a vida. Era necessário pensar, refletir com os antepassados, era necessário se aventurar nas florestas do sul do Brasil, era necessário fazer da vida um ato de heroísmo.

A floresta era o lugar da memória, memória dos avós lenhadores enfrentando o frio da Baviera, nas terras do oeste ou da Saxônia, nas terras do leste. Memória dos antepassados, que tornaram fecundas as areias, os pântanos e as planícies quando migraram para o leste. Que dali fizeram brotar os grãos, que esfregaram o gene da terra do leste, usaram o arado e o machado para trabalhar o solo, e lançaram mão do escudo e da espada nas suas conquistas. A terra brasileira era, agora, herdeira desses atos de heroísmo, da tradição do trabalho, do sangue dos velhos colonos alemães:

"Berthold: (...) O pai morto nos conduziu para a terra do leste. E lá, da areia, planície, pântano e sapal, fecundada a terra, criou o grão. Em grande lago dourado flutua e ondeia. E disto a nossa pátria neta tornou-se herdeira. Veja, amigo, nós viemos do velho sangue dos colonos, da ordem alemã para o chão de ginja. Chamados, nós irabalhamos com arado e machado. Ainda estão pendurados na parede o escudo e a espada.(...)

Ludolf: (...) A avó conta freqüentemente como, no passado cinza, nós do oeste viemos para a província do leste. Então ela canta uma canção daqueles dias. Dentro dela própria, enigmática, algumas antigas palavras.

(ele canta: gene da terra do leste, nós queremos esfregar.)

A floresta trazia também recordações da Boêmia, que eram transmutadas e adaptadas à paisagem do sul do Brasil:

*"Bem dentro da floresta da Boêmia
Fica minha Pátria,
Faz muito tempo
Que de lá eu parti.
Mas a recordação
Está sempre presente
Que a floresta da Boêmia
Jamais eu esqueça!*

Estrilho:

*/: Foi na floresta da Boêmia que ficava meu berço de embalar,
Na bonita floresta verde de Boêmia.:/*

*Ó feliz infância,
Volta outra vez,
quando pode brincar,
Gozando felicidade máxima.
Onde eu, no lar paterno,
Ficava em verdes campos
E bem longe olhava,
Por minha pátria, em volta.*

*Só mais uma vez, ó Senhor,
Deixai-me ver minha pátria,
A bonita floresta da Boêmia,*

*Os vales e as elevações.
Então regresso feliz
E exclamo alegre:
'Protege-te, ó floresta da Boêmia,
Eu fico em casa!'* ⁸¹⁷

A floresta trazia a melancolia, as recordações da nobreza, dos títulos dados pelo nascimento, importantes para a cultura alemã. A floresta virgem levava à procura, procura de algo que não era encontrado, busca do tempo passado e de possibilidades para o futuro:

3º Ato:

"Ludolf. Hans Quost

Hans: (Com roupas rasgadas, um pouco selvagem, assobiando uma modinha, bate as mãos) Heh! Alo! Ô de casa!

Ludolf: (para si) Eu vejo direito? Hans Quost! Um companheiro de navegação.

Hans: (para si) Há, deveras, o pequeno nobre do pequeno Elba do norte.

Ludolf: (para si) A grande boca. O balofo de Berlim!

Hans: (alto) Saúde Deus, bem nascido Senhor, conde de e para.

Ludolf: Poupe seus tolos gracejos para mais tarde, faça um tempo melhor.

(...)

Hans: Eu procuro ela agora. Eu não pude encontrá-la na floresta virgem.

Ludolf: O reino não a descobriu. Ela imagina, quando nós seguimos para a Alemanha?

Hans: Sim, apenas gozação!

Ludolf: O que é? Ela não espera isto, que, como dor de despedida em Hamburgo, a alma luta. (...) ⁸¹⁸

Vinham à memória as lembranças da velha pátria, das navegações nos mares do norte, no rio Elba. Lembranças da viagem para o Brasil, das despedidas ao deixar o porto de Hamburgo. Vinham à mente as velhas canções, as cantigas da pátria, de despedida, que traziam sentimentos de saudades por aquelas terras que ficaram tão distantes:

*"Derramei muitas, muitas lágrimas
Porque tenho que partir daqui,
Porém, meu pai decidiu:
Da pátria nós emigramos.
Pátria, hoje emigramos,
Hoje, para sempre, de ti!*

Estribilho:

⁸¹⁷ "Böhmerwald". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Op. Cit. p. 77-78.

⁸¹⁸ SCHLEIFF, Viktor. "Im Urwald". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Op. Cit. p. 5.

*Por isso adeus, viva bem!
/Por isso adeus! adeus! adeus! /
Por isso adeus, e viva bem!*

*Vivam bem, minhas rosas no jardim,
E vocês, minhas florzinhas.
Agora não poderei mais cuidar de vocês e esperar,
Pois preciso me separar!
Queridas florzinhas, chorai comigo,
Que hoje parto daqui!*

*Vivam bem, ó verdes campos floridos,
Onde muito ramallete eu colhi!
Vivam bem, ó moitas, folhagens e florestas,
Onde fresca sombra eu achei!
Montanhas e vales, quietas campinas,
Não mais eu vos verei!*

*Viva bem! clamo triste para baixo
Da montanha, em direção ao vale.
Pátria, pátria, nunca mais te verei,
Vejo-te pela última vez!
Escuro se torna em volta de mim,
E o meu coração está oprimido!.,⁸¹⁹*

As canções de adeus à pátria traziam lembranças. Lembranças da infância ligadas à natureza. Recordações bucólicas dos jardins e das flores, dos campos e das campinas, das montanhas e dos vales, das planícies e das folhagens, dos verdes das florestas e do azul do céu. A partida, o ato de deixar a pátria, significava experimentar novos sentimentos, novas sensações, significava coração partido e contato com a escuridão. Mas o pai já havia decidido: a família deveria partir. Agora a situação era outra. Era o enfrentamento com o desconhecido, com os mares que levavam para longe:

*"Agora adeus, minha querida pátria,
Querida pátria, adeus!
Seguimos agora por mares desconhecidos,
Querida pátria, adeus!
/ E assim eu canto com ânimo alegre,
Como se canta quando se emigra:
Querida pátria, adeus! /*

*Como tu ris, com teu céu azulado,
Querida pátria, adeus!
Como tu me saúdas com teus campos e planícies,
Querida pátria, adeus!
/ Deus sabe que para ti está sempre meu pensamento,
Mas agora o desconhecido me atrai,*

⁸¹⁹ "Abschied von der Heimat". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. Canção dos Imigrantes. Op. Cit. p. 105-106.

Querida pátria, adeus! /

*Acompanhas-me, querido rio,
Querida pátria, adeus!
Estás triste porque devo partir,
Querida pátria, adeus!
/ Da pedra musgosa no vale da floresta
Te saúdo pela última vez:
Querida pátria, adeus!⁸²⁰*

As lembranças da Alemanha levavam às lágrimas. A paisagem era camponesa, de pobreza, de viver em choupanas, de simplicidade da vida. Tudo trazia saudades. As festas de jovens no pátio da Igreja, junto ao pé de tília lá plantado. As visitas ao cemitério da aldeia, pensando que um dia ali teria um lugar. Os sonhos no Brasil transportavam os camponeses para a Alemanha. Navegar nos sonhos era navegar na velha pátria. Era entrar em contato íntimo com as paisagens deixadas para trás. Era olhar da janela da casa e ver a árvore de pêras que ali estava plantada, avistar a torre da igreja ao longe. Comer a maçã dos pomares, beber a água do poço, descansar à sombra das árvores.

*"Ó pátria de meus amados,
Muito me recordo de ti,
Fazes-me bem, embora lágrimas de saudade
Umedeçam meu olhar.*

*Aldeia sossegada, emoldurada de verde,
Com arbustos copados,
Pequena choupana cheia de saudade,
Recordo-me sempre de ti.*

*(Penso) na janela que com ramagens
Meu pai um dia emoldurou,
E na pereira ao lado,
Que sobre o baixo telhado se dobrou.*

*O que lá me alegrava quando criança
Parece-me cheio de vida outra vez,
A conhecida benfeitoria
Ecoa junto a meu ouvido.*

*Mesmo à noite em meus sonhos
Navegava no mar da pátria,
Sacudia maçãs das árvores
E saboreava seu doce sumo.*

*Águas que brotavam do poço
Saciavam minha sede em dia abafado,*

⁸²⁰ "Lieb Heimatland, ade!". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. Canção dos Imigrantes. Op. Cit. p. 112-113.

*Na floresta há frutos de carvalho,
Onde, à sombra, eu descansava.*

*E na torre elevada da Igreja,
Meio escondido a oeste,
Onde a cegonha nas alturas
Criava em paz sua ninhada*

*Quando enxergo o pé de tília
Plantado no pátio da igreja,
Onde, à aragem da noite,
Dança nossa juventude alegre?*

*Ó pátria de meus pais,
Haverá junto ao portão de teu cemitério,
Quer mais cedo ou mais tarde,
Também um lugarzinho de descanso para mim?⁸²¹*

Mas, por que migrar? Por que deixar a casa? O que faz um homem deixar sua terra para sempre? O que pode fazer um homem se lançar ao desconhecido? As canções respondiam a estas perguntas: a insegurança do futuro, a falta de esperança, a incerteza do destino, a carência de um lar, o desamparo. E o que se esperava do desconhecido? Ventos suaves, céu azul, folhas verdes, boas pastagens, calma, tranquilidade, vida amena, asilo para a velhice, segurança, lavoura dominada, casa própria. E como construir este novo mundo? Com dificuldades iniciais, com esforço, preocupações, com muito trabalho e muita esperança:

*"Aquele a quem o futuro abana sem esperança,
E nenhuma manhã alegre lhe sorri,
Para quem nenhuma estrela de segurança brilha
E a velha preocupação o espreita.*

*Aquele que apesar da dura e difícil luta
Não vence o seu destino,
Aquele a quem nunca deu certo
A luta pela obtenção do lar.*

*Aquele que apesar de todo o esforço e preocupação,
Vê os seus sem amparo,
A ele ninguém pode desdizer
Quando emigra para o desconhecido.*

*Para onde ventos mais suaves sopram
E onde azula o céu meridiano,
Onde existem gigantes árvores na floresta,
Mesmo no inverno cobertas de folhas verdes.*

⁸²¹ "Heimat's Lied". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Op. Cit. p. 125-127.

*Onde em incontáveis pastagens
Cavalo e terneiro pastam calmamente;
Há também um cantinho
Que lhe será asilo na velhice.*

*Se no início há muitas dificuldades,
Consola-se com a esperança
De que no futuro tudo será melhor,
E a bênção se esparrama.*

*E quando tiver sua casa própria,
E sua lavoura dominada,
Vê-se alegre em meio
A um mundo construído por ele próprio.*⁸²²

As dificuldades dos alemães recém-chegados ao Brasil também foram colocados pelas peças de teatro popular. Krause, que vivia tal situação, tinha dificuldades em entender a língua. Também não conseguia se fazer entender gesticulando, por esta razão busca ajuda de antigos imigrantes:

*"Krause: Um homem da terra! Ei, é magnífico, que eu o encontre aqui. Então veja o senhor, é com esta língua estrangeira, que não se pode nunca entender e falar com as mãos, como os judeus poloneses que eu não conheci! Você está então pronto para ajudar?"*⁸²³

A vontade de ajudar os novos imigrantes era uma característica dos que no Brasil haviam nascido. Os alemães e seus descendentes costumavam cultivar o espírito de solidariedade entre eles mesmos:

4º Ato:

*"Paisagem aberta com floresta ao fundo.
Staden: É de rara beleza quando eu escuto, que imigrantes alemães chegam! Eu já nasci aqui, e também o meu pai, minha mulher - e quando colonos chegam, então me estimula ajudá-los, mesmo se eles nunca me agradecem. Frequentemente eu sou ironizado por isto. Veja, lá vem um! Bem-vindo aqui no país!"*⁸²⁴

Diante da pergunta de Krause, se estava disposto a ajudá-lo com a língua e outras dificuldades na chegada, Staden responde que, se os companheiros de tronco, ou de linhagem (*Stammesgenossen*) chegam, então ele sempre se dispõe, com todo o prazer, à ajuda. Importante aqui era o tronco: a ascendência comum

⁸²² "Quem deve emigrar?" In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Op. Cit. p. 110.

⁸²³ FUGMANN, P. "Die neue heimat". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 17.

⁸²⁴ Idem

tinha uma importância fundamental para os alemães e seus descendentes, quando se tratava de ajuda mútua:

*"Staden: Certo, meu amigo, eu também nunca coloquei o pé em solo alemão. Se novos companheiros de tronco chegam, eu estou, entretanto, pronto para servir corretamente e com prazer."*⁸²⁵

O novo imigrante logo se faz identificar com um discurso socialista, que incomodou Staden, de alguma forma. Diante da ingenuidade e saúde mental dos teuto-brasileiros, as idéias vindas de Berlim poderiam ser prejudiciais:

"Krause: Eu deixei a Alemanha e estou feliz por isto. Aqui a polícia e lá a lei. E então o capital que oprime o trabalhador, que consome o seu suado salário e não o deixa nunca desenvolver o seu caminho livre. Então eu devo chamar os amigos rapidamente. (parte.)"

Staden: Isto também é de vocês! As más línguas já foram caladas. Seu discurso sobre o capital e o trabalho dá a você um reconhecimento como socialista alemão. - Aqui se surpreende porque ainda se aprende ingenuamente, então não estrague, aqui muitos ainda são saudáveis."

(Krause vem de volta e se apresenta, bem como seus companheiros de viagem)

Krause: Eu sou Fritz Krause, de Berlim, aqui está o camponês Michel Meier, aqui o senhor Lehmann e a filha e aqui o senhor Professor Heliodoros Hesse, Frau Lehmann e Frau Meier ficaram com as bagagens."

*Staden: Eu me chamo Hans Staden"*⁸²⁶

A curiosidade dos que chegavam sobre a vida no Brasil, na colônia, sobre as experiências dos que ali já viviam, e a sua ânsia de conquista de terras, contrapunha-se à voz da experiência dos que ali já estavam. Com simplicidade, os teuto-brasileiros sabiam do árduo trabalho, da vida difícil nos primeiros anos, da força de vontade necessária para levar adiante a tarefa. Tinham humildade para reconhecer que não se poderia esperar muito, grandes resultados, e que o máximo que se poderia almejar era conquistar "*um pedacinho de terra*". Para enfrentar os primeiros tempos era necessário saber que os frutos do trabalho não eram colhidos a cada dia. Havia-se que esperar o primeiro florescimento e a primeira colheita durante muito, muito tempo. E isto com paciência, resistindo, a cada dia, à escassez de alimento:

"Krause: Meu querido senhor Staden, eu gostaria de lhe pedir que o senhor nos conte sobre a colônia."

⁸²⁵ Idem.

⁸²⁶ Idem p. 17-18.

Staden: Vocês gostariam de saber sobre a colônia? - Então, aqui está um jovem camponês e sua mulher, que vocês vêem, que querem conquistar um pedacinho de terra no solo da Pátria, e se tornarem colonos, se seguirem os conselhos dos mais velhos.

Todos: Nós todos queremos conquistar novos solos da Pátria, nós todos queremos ser os nossos próprios senhores.

Staden: A vontade está boa. Então vocês gostariam também de começar aqui o trabalho de homem da terra na minha pátria? Vocês tem a alma e a força do corpo, o peso e a preocupação para resistir ao menos ao trabalho dos primeiros 5 anos?

Todos: Nós queremos!

Staden: Vocês querem! É bom! Eu acredito em vocês! Vocês querem! - Vocês estão acostumados a apreciar à noite o que vocês ganharam durante o dia. Aqui vocês não verão! Quanto tempo terá o primeiro ano transcorrido até o florescimento - e então - e então até a colheita! Escassa é a comida!"⁸²⁷

Mas os que chegavam não queriam ouvir a voz da experiência. Tinham sonhos de ser os seus próprios senhores e estavam ansiosos. Acreditavam ser capazes de poupar para enriquecer rapidamente. Tinham aprendido novos métodos agrícolas, julgando que no Brasil estavam sendo empregadas técnicas inadequadas. Mas os teuto-brasileiros avisavam: manuais agrícolas da Alemanha não se adequavam ao Brasil.

"Lehmann: O senhor parece, com certeza, ter uma opinião ruim sobre nós! Nós até agora ganhamos o nosso próprio pão e temos ainda poupado. Então nós esperamos aqui nos tornarmos ricos rapidamente, para consumir os resultados do trabalho em paz. Nós também não somos tolos! Nós aprendemos mais do que todos aqui na nova terra. Nós seremos mestres destes velhos que possuem métodos antiquados. Nós nos ocupamos minuciosamente com livros sobre agricultura.

Staden: Que eu não ria! De livros - sobre agricultura? Amigo, toda a teoria é cinza, a sua também! -

Lehmann: Certo! Então nós também semeamos e colhemos aqui."⁸²⁸

O que estava dando certo no Brasil, conforme Staden, não eram métodos sofisticados para o trabalho agrícola utilizados na Alemanha, mas sim a experiência adquirida pelos primeiros colonos. Não teriam lugar, no Brasil, sonhos de reforma, de mudanças, sem antes se ter conhecimento da nova terra. E conhecer a nova terra significava saber aquilo que era mais importante: o que deveria ser feito no período anterior à semeadura e anterior à colheita. A senhorita, filha de Lehmann, vivera na cidade, na Alemanha, e tinha expectativas próprias de uma jovem sonhadora, aos moldes medievais: herdar um pedaço de

⁸²⁷ Idem p. 18.

terra e encontrar um jovem cavaleiro para se casar. Krause, jovem serralheiro, trabalhador fabril, tinha sonhos de liberdade, nos moldes partidários, conforme interpretação de Hesse⁸²⁹. Entretanto, os antigos colonos avisavam, os objetivos no Brasil deveriam ser menores: apenas um pedacinho da nova terra. Ali o que valia não eram grandes ambições, porém trabalho duro, muito ideal e luta sólida.

„Staden: Então o que está antes de semear e antes da colheita, vocês devem aprender. E isto é o mais difícil e o mais importante.

Meier: O senhor tem razão, senhor Staden! Eu quero aprender tudo e espero que eu encontre um mestre!

Staden: O senhor pensa correto e saudável. Antes de se querer reformar, deve-se primeiro conhecer as coisas. Vocês conseguiram entender! E para mudar? Vocês também querem fazer isto na colônia?

Senhorita Lehmann: Ah, isto é encantador! Herdar uma terra e depois, além de tudo, encontrar um jovem cavaleiro!

Eu não falei que isto não será tão fácil? A primeira espera herdar uma terra própria e esquece, que isto deve ser conquistado com o machado, a enxada, com o arado e com o suor. O outro pensa em mania internacional, ele encontra aqui a liberdade internacional e o prometido céu e a terra do Programa partidário! Eu já falei a vocês, de passagem, que nós devemos ter no coração grandes ideais para nosso trabalho, nosso objetivo e nossa ambição, que seja duro e sólido em toda a luta por apenas um pedacinho da nova terra!”⁸³⁰

O tema da mulher também se fazia presente nos textos teatrais e nas canções dos imigrantes. Quando se tratava de mulher, vinha à mente o papel de esposa, o tema da fidelidade e do trabalho doméstico, ligado ao preparo da comida, que tinha também um caráter simbólico:

“Ludolf: Mas, onde anda sua mulher?

Berthold: Onde estão as crianças, que nos saudavam alegres outrora no regresso?

Ludolf: (batendo na mão)

Elas não estão no rancho

Berthold: Bem, elas estão na plantação

Não é suficiente poder fazer minha fiel mulher,

A nova pátria confortável realizar.

Eu vou procurar por ela.”⁸³¹

⁸²⁸ Idem.

⁸²⁹ Os personagens, novos imigrantes, aqui eram cinco: Michel Meier, um camponês; Emil Lehmann, habitante da cidade, anteriormente pequeno funcionário, e sua filha Luise Lehmann; Fritz Krause, serralheiro, trabalhador de fábrica; Heliódorus Hesse, professor alemão, mestre sapateiro. FUGMANN, P. "Die neue heimat". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 17.

⁸³⁰ Idem. p. 19.

⁸³¹ SCHLEIFF, Viktor. "Im Urwald". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 4.

A exemplo de Henrique o Leão, outros heróis militares alemães também partiram para as guerras, para as conquistas, deixando suas mulheres. Eles se perguntavam sobre a fidelidade delas, e sofriam, solitários, com a separação. Num imaginário povoado de recordações e sentimentos, estava a vontade de reencontrá-las, de que as mulheres não se esquecessem deles, de que seus sonhos se voltassem para a figura de seu amado. Essas canções populares, cantadas por soldados durante as guerras do século XIX, "andavam nas bocas" dos imigrantes do sul:

*"Estou eu à meia noite, escura,
A montar guarda na solidão.
Lembro-me de minha amada distante,
E cogito se ela me é fiel.*

*Quando eu parti para o serviço militar
Ela me beijou com veemência,
Com fitas enfeitou meu chapéu
E chorando me apertou ao coração.*

*Ela ainda me ama, me é fiel,
Por isso eu estou alegre e bem disposto.
Meu coração bate quente em noite fria
Quando pensa no amor fiel!*

*Agora, à luz débil da lamparina,
Por certo irás à tua alcova.
Encomendarás tua oração ao senhor,
Também pelo teu amado que está longe!*

*Porém quando estiveres triste e chorares
Porque me julgas cercado de perigo,
Sossega, estou na proteção do Senhor,
Que ama o soldado fiel.*

*O relógio breve marcará o fim da ronda
E me dispensa desta tarefa.
Dorme bem na tua alcova silenciosa,
E te lembra de mim em teus sonhos."⁸³²*

No imaginário feminino, conforme já manifestado pela jovem senhorita Lehmann, que migrava para o Brasil acompanhando seu pai, vinda de um meio urbano da Alemanha, estava um sonho camponês medieval: herdar uma terra e encontrar um jovem cavaleiro.

*"Senhorita Lehmann: Ah! isto é encantador! Herdar uma terra e
depois, além de tudo, encontrar um jovem cavaleiro."⁸³³*

⁸³² "Treue Liebe". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. Canção dos Imigrantes. Op. Cit. p. 225-226.

Staden aconselhou aos novos imigrantes que apenas o camponês - Meier⁸³⁴- se mudasse para a floresta, e que os demais permanecessem na cidade para procurar um trabalho, aprender a língua, conhecer a terra e as pessoas. Só depois deste primeiro aprendizado deveriam, então, passar à conquista de um pedaço de terra. Em seguida começou a pensar alto nas possibilidades de emprego para cada um deles. Mas Krause ficou indignado. Não acreditou em Staden. Disse que vender a força de trabalho significaria estar subjugado ao capitalismo. Falou que queriam ser livres, queriam ser seus próprios senhores. Convenceu a todos a irem para a floresta. Deixaram Staden sozinho. Staden refletiu: as pessoas são egoístas, querem aprender com os próprios erros. Staden passou a se considerar tolo por querer ajudar e dar conselho aos novos imigrantes.

"Staden: O camponês se muda confiantemente para a floresta. Então os outros ficam aqui, procuram primeiro um trabalho, conhecem a terra e as pessoas, aprendem a língua, e então podem mais tarde ter tempo para escolher e conquistar um pedacinho de terra. O senhor pode ainda exercer seu ofício?"

Krause: Eu sou serralheiro. O senhor Lehmann era funcionário, então aposentado, e espera principalmente se tornar proprietário de terras. E aqui o senhor Heliodor - que tem um nome cômico - Hesse - e é professor.

Staden: Eu encontro vocês bem! O senhor, senhor Krause, pode ficar na minha fábrica; para o senhor Lehmann, alguma coisa será encontrada; e o senhor, Professor, nós precisamos uma força para nossa escola, que desperte e mantenha no coração das crianças a índole alemã alegre e livre. Fiquem aqui, eu bem aconselho vocês!

Krause: Então o senhor é um só! - O senhor precisa de força de trabalho, força de trabalho barata, por isto tem interesse em nós. O senhor quer nos colocar aqui também sob o jugo do capitalismo! Nós lhe agradecemos, senhor fabricante, nós queremos nós próprios sermos senhores livres. O que vocês acham, meus companheiros de viagem?

Todos: Nós vamos para a floresta! (eles saem)

*Staden: (sozinho) Assim são as pessoas! Se pensa no melhor para eles e aconselha-se a todos o melhor, então eles procuram razões egoístas. Porque eu sou tão tolo e quero ajudar e aconselhar. Eles querem fazer sozinhos sua experiência e através do erro se tornarem experts. Em meio ano acontece muita coisa."*⁸³⁵

⁸³³ FUGMANN, P. "Die neue heimat". In: KÖHLER, Artur G. Zur Jahrhundert=Feier, 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 19. (já citado anteriormente)

⁸³⁴ Ver nota 829.

⁸³⁵ Idem p. 19.

Lehmann, sua filha, Krause e Hesse foram agora enfrentar a floresta. Ludolf e Berthold, há muito tempo estavam lá. E para estes a floresta fazia pensar, fazia refletir: Por que o trabalho e para quê? Trabalho corresponde à luta. Por que lutar no Brasil? O porquê da luta na Alemanha estava muito clara: era a defesa da terra alemã, da terra produtiva, para a agricultura. Era a defesa da Pátria, algo superior, grandioso, para o qual valeria qualquer sacrifício. O lugar para onde convergiam sentimentos de orgulho, de respeito, de honra. Era também a defesa da terra onde os antepassados estavam enterrados, das mulheres e das crianças:

"Ludolf: (...) Como nos anos atrás, nós, meninos ainda abandonamos o banco de escola, seguindo o chamado: a pátria está em perigo! Nós sabíamos e tínhamos uma noção completa sobre para que nós lutávamos! Foi um grande sentimento que nos inchou entusiasmadamente o peito. Nós sabíamos tudo: valia a vida da Alemanha, valia a terra dentro da qual o pai dormia, valia o povo do futuro! Diante dela devíamos calar. Em pequeno eu concordei e neguei. Era um espírito sagrado! Ele nos arrastou; ele nos arrancou da humanidade para o alto sagrado; ele concedeu o pequeno, o comum; ele transfigurou, atenuando a própria morte. Foi uma grandeza, para a qual eu sofri e lutei, e a honra foi a cicatriz da minha ferida.

Berthold: Nós lutamos para a gleba, que nos alimenta, para as mulheres e crianças." ⁸³⁶

E aqui aparece delineada a temática com a qual os descendentes de alemães se defrontaram permanentemente no Brasil desde a sua chegada: o trabalho. O trabalho agrícola era o ponto central. Era neste trabalho que eram depositadas todas as esperanças dos que chegavam: através do trabalho poder-se-ia obter um pedaço de terras. No imaginário, o legado feudal: terra significava poder, dava títulos, dava prestígio. E logo a realidade se impunha: o Brasil não era a Alemanha, não era feudal, e a conquista de um pequeno pedaço de terra para a agricultura exigia muito trabalho, dedicação, persistência, abnegação e sofrimento. Além de tudo, o camponês nunca deixava de ser um pequeno camponês, em geral endividado com o dono da venda. Isto o fazia refletir sobre o valor do seu trabalho:

*"Ludolf: Nós deveríamos aprender, e isto eu me pergunto sempre: por que e para que o trabalho?
Para um quilo de feijão, para um quarto de farinha! Não é melhor do que comida de porco em casa!*

⁸³⁶ SCHLEIFF, Viktor. "Im Urwald". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 2-3.

(...)

Para o quê, fale, eu luto aqui? Apenas para a necessidade comum do dia.

O cavalo se preocupa em ter a boca cheia de aveia, o cão de guarda briga até os ossos sangrarem. O que fazemos nós de diferente?

(...)

Hans: Veja, senhor, você tem um grande capital. Aquilo que é inútil, sem juro, o senhor enterrou.

Ludolf: Um desconhecido capital. Pense você: a dívida, que está no livro de dívidas do dono da venda."⁸³⁷

Ludolf sempre se revoltava com o trabalho que não dava resultados, a sua fala era uma eterna reflexão sobre a razão de tanto esforço:

"Ludolf: Pesadas dívidas estão crescendo gradativamente, já há muito tempo, e se tornaram claras(...):

*Nós estamos no lugar correto? Não estaremos nós desaparecendo neste tempo e também nossa melhor força em um trabalho estéril? O dinheiro, que nós trouxemos da Alemanha, já não está lá? As nossas roupas já não foram vendidas? Nós já não estamos no livro de dívidas do dono da venda? E quando, quando colheremos os frutos que nós semeamos?"*⁸³⁸

As freqüentes manifestações de insatisfação de Ludolf eram respondidas pela voz experiente de Berthold, que colocava os limites da atividade camponesa: os frutos não apareceriam do dia para a noite, era preciso ter paciência e resignação. A vida camponesa era difícil e penosa, era preciso trabalhar muito, esperar sempre e colher muito pouco em relação ao que foi semeado:

*"Berthold: Tu não estás errado, amigo, entretanto o camponês, ele não pode colher hoje como o dono da venda, porque ele semeou ontem. O ovo foge. O frango não, se o homem o colocar na frigideira. Ele não vira a terra de repente, prudentemente vira gleba por gleba. E ele deve esperar até a semente brotar, e esperar depois que a colheita amadureça, e esperar depois até ter o dinheiro em caixa. Não chove ouro através da chaminé. Ele constrói a sua casa penosamente, pedra por pedra. Então ele estará num solo firme e seguro. E não terá nenhum castelo nas nuvens dos pássaros."*⁸³⁹

Mas floresta e trabalho adquiriam uma outra conotação: a floresta era também o lugar da liberdade, e o trabalho significava prazer. A atividade agora era outra, não mais a agricultura, mas sim a caça. Não mais o árduo e penoso trabalho, mas o lazer:

"Fritz (cantando atrás da cena):

Na floresta escura eu rocei em volta

⁸³⁷ Idem. p. 2-3, 7.

⁸³⁸ Idem. p. 9.

⁸³⁹ Idem.

*Ei, se eu não fosse um caçador
Um caçador gostaria de me tornar
Ei, corneteiro
Ei, estampido da espingarda
Sobre a terra não há nada belo.*

*(em cena)
Eh, na montanha o sol abrasa,
O caçador já aponta para a caça
Hurrah! para a floresta verde.
A pomba arrulha
O besouro zumba,
A garça voa para o ninho.*

*Eu roço feliz através do arbusto e cana,
E o tigre aparece
Eu o queimo no lugar.
E ele grita,
O mau pássaro
da casca do ovo. "⁸⁴⁰*

Outras canções sobre o tema da caça vinham à memória:

*"O caçador na verde floresta
Procura o esconderijo da caça,
Caminha para lá e para cá:
Se não havia, se não havia nada a encontrar.*

*Meu cachorrinho sempre me acompanha
Neste verde distrito florestal,
E o meu cachorrinho atica,
E meu coração se rejubila,
Meus olhos, meus olhos,
Meus olhos brilham claro e nítido.*

*Canto minha canção a plenos pulmões
O cervo dá um pulo, com vontade, E o tentilhão, o tentilhão assobia,
E o cuco grita,
E os coelhos, os coelhos
Se coçam a barba. "⁸⁴¹*

Ressoava também o *Hino dos Caçadores Voluntários*:

*Avante para a distância, ao claro som da trombeta!
Elevai as vozes em alegres canções!
/O som da liberdade ecoa forte no mundo,
Uma vida livre e alegre nos aguarda! /*

*Nós nos mantemos unidos, como fiéis irmãos o fazem,
Quando a morte nos ronda e quando as armas descansam;
/A todos nos guia um ideal puro e livre,
Ao mesmo destino todos nós aspiramos!*

Que viva o capitão, ele nos guia destemido,

⁸⁴⁰ Idem. p. 10

⁸⁴¹ "Jägerlied". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. *Canção dos Imigrantes*. Op. Cit. p. 209-210.

*Nós o seguiremos dispostos no ensangüentado trem da vitória,
/Ele nos conduz para o campo e para o sacrifício:
Ele nos conduz, irmãos, para a casa do pai! /*

*Quem teme, acaso, perante a morte, o perigo?
Covardia e vergonha coram nossa tropa!
/E quem achar a morte no campo santo da luta
Descansa, em terra estranha, como na Pátria! ⁸⁴²*

Fritz, sobrinho de Ludolf, era jovem, e estava cheio de vitalidade, de curiosidades, de alegria. Ele estimulava o desanimado Ludolf para a redescoberta da floresta:

"Fritz: He! Tio Ludolf! Amanhã venha caçar junto na floresta. Eu descobri um caminho novo! Então você pode ver como é a floresta virgem. ⁸⁴³

Diante do jovem, entretanto, a fala de Ludolf era diferente das anteriores. Agora ele se sentia na obrigação de defender o trabalho agrícola:

"Ludolf: Nós chegamos no país para trabalhar, não para ficar vagando em volta. O machado é nossa ferramenta, e não a espingarda. ⁸⁴⁴

Mas Fritz estava convencido de que a sua atividade era trabalho, e aproveitava a admiração do tio pela sua força e juventude⁸⁴⁵ para incentivá-lo à atividade da caça:

*"Fritz: Eu também agito.
Ludolf: Saiba, meu querido jovem, eu admirei freqüentemente a força dos seus braços.
Fritz: Porém, tio, eu vejo freqüentemente, que os seus olhos são tão tristes! Então, então pegue a espingarda e roce em volta, então os pensamentos fogem.
Ludolf: Ei, Fritz, tu, rapaz, tu és o consolo da alma, melhor ainda do que um bom Pastor.
Fritz: Porque eu gosto de ti, tio, então eu falo. ⁸⁴⁶*

⁸⁴² "Marchlied der Freiwilligen Jäger". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. Canção dos Imigrantes. Op. Cit. p. 46-47.

⁸⁴³ SCHLEIFF, Viktor. "Im Urwald". In: KÖHLER, Artur G. Zur Jahrhundert=Feier, 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 11.

⁸⁴⁴ Idem

⁸⁴⁵ O significado da juventude na cultura teuto-brasileira foi herdado da tradição alemã. No imaginário da sociedade da Alemanha, figurava forte o apelo romântico que reforçou o "ideal de homem alemão", manifestando pela primeira vez no Ocidente o "culto da juventude", fenômeno este próprio da modernidade. O culto seguiu a tendência, na Alemanha, de rejeitar tudo que era velho. Proclamava a maioria, não aceitava a dependência dos antigos, defendia o tempo presente e desvinculava dos "pais" a sua filiação. O passado foi tomado, neste sentido, como uma "degenerescência", como um lugar de "destruição". Esta vertente individual do imaginário alemão divergiu da vertente coletiva que cercou as questões de linguagem. O uso da língua envolvia uma experiência coletiva com o tempo, e neste sentido o passado, enquanto gênese, poderia ser construtivo. POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Op. Cit. p. 99.

⁸⁴⁶ SCHLEIFF, Viktor. "Im Urwald". In: KÖHLER, Artur G. Zur Jahrhundert=Feier, 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 11-12.

A juventude era, na tradição alemã, cantada e cultuada permanentemente. Isto também acontecia no sul do Brasil. A juventude fazia vir a nostalgia, mas era lembrada também na relação com os novos frutos agrícolas, com os brotos da videira, com as possibilidades de boas colheitas: juventude é futuro, os brotos que a terra dá renovam esperanças:

*"Bela é a vida em alegres tempos,
Alegre é a juventude, que não volta mais.
Ela não regressa mais, não vem novamente,
Alegre é a juventude que não volta mais!*

*Tenho uma parreira que carrega frutos
Da qual brota o doce vinho:
Por isso digo mais uma vez, alegres são os anos de juventude,
Alegre é a juventude que não volta mais!*

*Quem é casado deve estar satisfeito,
Aparecem cruces e obstáculos,
Por isso digo mais uma vez: bela é a juventude,
Bela é a juventude, ela não volta mais!"⁸⁴⁷*

Na defesa da agricultura ou da caça manifestavam-se os teuto-brasileiros. A agricultura significava o enraizamento, a firme e estável relação com o solo, a sedentarização. Era a atividade "*naturalmente*" adotada pela grande maioria da população herdeira das atividades agrícolas ligadas às tradições feudais. Na Alemanha do passado, essa atividade envolvia fortes vínculos com a terra, o estabelecimento de laços de sangue, a manutenção de títulos de nobreza e a conservação dos nomes tradicionais. Os nomes, citados nas histórias contadas pelos pais e avós, identificavam as famílias nobres ou plebéias, reunindo descendentes e conhecidos dessas famílias no Brasil.

*"Schmidt: Então, vizinho, me diga seus nomes.
Ludolf: Aqui o meu amigo se chama Berthold Wacker, e eu, eu me chamo Ludolf von Rognitz.
Schmidt: Rognitz, você falou Rognitz? de Hohenfeld?
Ludolf: Fica na Pomerânia sueca.
Schmidt: Ludolf von Rognitz?
Mimma: Fale, o que você tem, pai?
Schmidt: Ludolf von Rognitz?
Emma: Pai, fale, o que é?
Schmidt: Ludolf von Rognitz?
Ludolf: Eu não entendo vocês! Meu nome parece conhecido de vocês.
Mas eu próprio sou desconhecido de vocês.*

⁸⁴⁷ "Die Jugend". In: FLORES, Hilda Agnes Hübner. Canção dos Imigrantes. Op. Cit. p. 230.

*Schmidt: Perdoe minha santa criatura! Raramente o destino dos homens conduz. Deveras, bem maravilhosos são freqüentemente os caminhos do destino.*⁸⁴⁸

Os personagens Hesse, Lehmann e Krause, entretanto, depois de passarem seis meses na floresta, já não pensavam mais como antes. Agora eles valorizavam os conselhos de Staden, que menosprezaram anteriormente. A mulher e a filha de Lehman estavam cansadas da vida difícil que estavam levando. O trabalho era duro, a fome freqüente. Mudaram de idéia: queriam agora voltar para a cidade. Krause era o único deles que permanecia fiel à opinião anterior: não estava disposto a sair da floresta. Atribuiu o fracasso do professor Hesse ao fato de que ele, no lugar de fazer roça de milho, tentava dar aulas de alemão para os macacos: *"instituir uma escola para macaco uivante e para dirigir seu concerto"*:

5º Ato:

"(Meio ano depois na floresta. Sentados juntos em uma árvore cortada)

Hesse: Como aquele senhor tinha razão. Como eram verdadeiras as suas informações, nós teríamos feito melhor se tivéssemos obedecido.

Lehmann: (um pouco alto) As coisas teriam se apresentado bem diferentes! E minha mulher e minha filha, como elas estão entediadas da vida por longo tempo na floresta. Não tem uma casa em ordem, não tem baile, não tem cinema, não tem divertimento. Apenas trabalho, fome e não raro feijão preto. Oh, como eu odeio feijão! Oh! se eu tivesse apenas o suficiente para satisfazer o meu apetite! Eu mudei logo para o último pedaço de terra. Agora ninguém quer mais ficar nos vales. Eles acham melhor voltar para a cidade. Então vamos para a cidade. O camponês não tem um ofício leve, especialmente aqui na floresta. 'Veja minhas mãos', reclamam a mulher e a filha, 'apenas calos e bolhas'.

Krause: Nosso mestre escolar na floresta! Isto foi desde o início uma grande tolice.

Hesse: Eu liguei meu destino ao vosso, e não quero deixar vocês, embora eu reconheça claramente que o conselho do senhor Staden teria sido o melhor para todos nós.

Krause: Então, companheiro de destino, gostarias de ficar conosco, ou talvez tomar outro destino?

Hesse: Sua grande boca não foi com certeza.

Krause: Então o seu idealismo, indo para a floresta conosco, teria ainda uma outra razão de fundo. Fique descansado, eu não traio. Eu fico firme e afirmo o contrário, tu vieste junto instituir uma escola para o macaco uivante e para dirigir seu concerto - e isto é com certeza uma necessidade urgente. Continuando, eu afirmarei o

⁸⁴⁸ SCHLEIFF, Viktor. "Im Urwald". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Op. Cit. 1929, p. 12.

contrário; tu terias pedido isto para o macaco, que ele faça tua roça de milho."⁸⁴⁹

Hans e Ludolf também já haviam deixado claro o desconforto da floresta: as roupas se rasgavam, as botas eram perdidas nos pântanos. Tudo era selvagem. Não havia divertimentos: um cinema, teatro, um chope gelado. As dificuldades eram grandes: para lavar e costurar as roupas, para cortar os cabelos.

"Hans: (...) Lá estão as árvores enfileiradas apenas nas árvores. E cana, e cana. As botas ficam presas no pântano. O espinho rasga os casacos em farrapos. Há! Olhe! Não é um traje fino? Isto indica sua pátria.

Ludolf: A boca do gafanhoto ia naquele tempo gabar-se no navio com um poderoso discurso, o que então na nossa nova terra quis trabalhar!

Hans: Para o demônio! É bem digno do homem que se instruiu, e é bem educado. E ele se enfeza aqui nesta selvageria! Aqui não há cinema, nenhum teatro. Aqui não tem bar com um chope gelado. Apenas tem cachaça, esta droga. Quem lava minha roupa, corta meu cabelo, prega meu botão? Eu devo colocar a linha na agulha. Não, não! Eu vou novamente para a casa da mãe!

Ludolf: (de gozação) E vai o selo!

Eu aconselho vocês: vamos juntos de volta."⁸⁵⁰

Diante da firme decisão de Lehmann de deixar a floresta, nem que fosse para *"ir lavar garrafas na cervejaria ou ser ajudante de construção"*, Krause reformulou sua opinião e apontou para importância de estarem juntos, mesmo divergindo entre si. Colocou as diferenças no plano político-partidário, dizendo que eles eram *"representantes de quatro partidos alemães"*, mas que, apesar disto alguma coisa os ligava internamente. Hesse interpretou que o que Krause estava querendo dizer com *"ligação anterior"* seria *"a concepção materialista da história, com influência de Marx e Bebel"*, e colocou sua opinião que se contrapunha à de Krause. Para Hesse, o que unia os quatro personagens, diante das necessidades da vida, era raça, língua e costumes.

"Lehmann: Krause, o senhor é um jovem solteiro, o senhor não tem nenhuma responsabilidade e sua boca tem tido ainda sempre o que mastigar. Entretanto é pena, se o senhor se enfronta na floresta com o seu conhecimento técnico. Eu não ficarei, eu vou para a cidade e talvez tenha que ir lavar garrafas na cervejaria ou ser ajudante de construção.

Krause: Seria bom refletir, embora nós sempre nos desentendemos ou brigamos, que como representantes de quatro partidos alemães, nós

⁸⁴⁹ FUGMANN, P. "Die neue heimat". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert-Feier*, 1 heft, Op. Cit. 1929, p. 20.

⁸⁵⁰ Idem

ainda podemos vir a nos separar, e deve ser algo existente, o que nos ligou internamente, se nós também não queremos reconhecer.

Hesse: Bravo, Krause! Deve ainda dar algo, o que nos liga internamente, que é entretanto toda concepção materialista de história, que vocês trazem em vocês através de Marx e Bebel, uma boa confissão. Com certeza é esta ligação. Posição e partido são barreiras artificiais levantadas. Nossa raça, nossa língua, nossos costumes nos ligam e têm êxito, se a necessidade nos obriga. E...

Krause: (interrompendo) E bom, sapateiro, eu sei tudo o que tu ainda queres falar, você já nos fez pregações suficientes. Mas isto não ajudou! Se já, então já! Com a boca grande não se faz nada, é preciso optar. Nós vamos então à cidade e procuramos trabalho."⁸⁵¹

Todos concordaram, entretanto, que aquele não era momento para discussões e divergências. Havia-se que tomar uma decisão. O caminho, no entanto, já estava claro: rumo à cidade. Meier, o camponês, decidiu ficar na floresta. O que o prendia à terra eram raízes muito sólidas. Vinham da religiosidade, das palavras de Deus, que abençoavam o trabalho do camponês: *"há que se semear e colher. Há que se esperar, para receber a bênção do dia e da noite"*. Todos concordaram com a decisão de Meier, *"afinal ele era um camponês, e já havia conquistado para si um pedacinho de terra da nova pátria"*. Antes de partir, entretanto, os quatro imigrantes combinaram um reencontro no prazo de dez anos.

"Lehmann: E o senhor, Meier, o que o senhor quer fazer?"

Meier: Eu fico! O camponês pertence à terra. Ele conhece a limitação. Ele conhece o que a Bíblia fala sobre semear e colher, ele sabe que ele deve esperar, até receber a bênção do dia e da noite e a bênção de Deus para o seu trabalho. Então, vocês querem realmente ir para a cidade?"

Lehmann, Krause e Hesse: Sim, nós vamos.

Hesse: Alto! Companheiros de raça e de destino. Nós quatro temos ligações que nós aprendemos na montanha. Meier fica aqui. Ele já conquistou para si um pedacinho de terra da nova Pátria. Como seria se nós fizéssemos uma promessa mútua, de o visitar em dez anos no mesmo dia, para nos contar o que nós nos tornamos?"

Lehmann: Magnífico, senhor professor, isto é uma promessa. Também nós a faremos por escrito, colocamos no bolso, que nós não esqueceremos.

Então até dez anos.

(todos saem de cena)"⁸⁵²

O discurso das origens, da raça e do sangue não era apenas temática das discussões e divergências entre Krause e Hesse. Ludolf e Berthold também

⁸⁵¹ Idem p. 20-21.

⁸⁵² Idem p. 21.

estavam procurando tais vínculos, vasculhando o passado na busca das árvores genealógicas. O passado remoto, mas ao mesmo tempo muito presente no imaginário da população do vale do Itajaí, era revivido permanentemente e manifesto através da palavra. Tanto no teatro como nas conversas cotidianas nas casas, na vizinhança, nas ruas, no clube:

"Ludolf: o camponês gosta bem, como o cavaleiro orgulhoso, de pensar no gênero do qual ele descende. Ensinaram-nos a necessidade do baluarte: através da árvore genealógica o homem foi enobrecido. Este enobrecimento não se deu através de uma carta nobre. Em cada posto aparece a alta nobreza, e o homem comum fica no seu lugar.

Berthold: Há seiscentos anos nós temos a esperança, deixada de pai para filho.

*Ludolf: Deveras, bem antiga é a nossa nobreza."*⁸⁵³

A tradição, que misturava noções de pátria, nobreza, vinculação à terra, herança, sentimento de honra, respeito e amor, era transmitida através das gerações. O retorno à origem era uma forma, talvez, de experimentar um sentimento de pertencimento, já que o que passava entre os colonos era a sensação permanente de estar desenraizado. Os primeiros imigrantes narravam aos seus descendentes as histórias da velha Alemanha. Os netos ouviam atentamente os seus avós. Tudo se passava numa atmosfera de intensa afetividade, como no caso de Schmidt, que ouviu histórias do seu avô sobre a família de Ludolf:

"Schmidt: Eu me lembro que meu avô sempre falava que ele, com os antepassados pisaram esta terra como primeiros alemães, justamente há 100 anos.

Freqüentemente eu sentava, enquanto menino, em seu joelho. Se eu lisonjeiro fazia cafuné na sua barba grisalha, ele então contava sobre a Pátria. Freqüentemente eu ouvia o nome Ludolf von Rognitz, ouvia Hohenfeld.

*Em Hohenfeld a sua linhagem há um século tinha uma propriedade camponesa, hereditária, vinda do feudo de pai para filho. Ficava na praia do mar do leste. Então o senhor, seu antepassado, que se chamava Ludolf von Rognitz, quis utilizar a terra para uma pastagem. Por causa das ovelhas as pessoas foram mandadas embora. Com que direito? Eu não sei, a lei e o direito são bem complicados. É uma rede, com a qual se pode pescar a grande carpa. Muitos, expulsos do feudo herdado, se mudaram para cá, e sua linhagem povoou pelos vales afóra muitos sítios camponeses. Eu estendo a mão. Cordiais saudações ao neto do Rognitz, aqui o neto do expulso."*⁸⁵⁴

⁸⁵³ SCHLEIFF, Viktor. "Im Urwald". In: KÖHLER, Artur G. *Zur Jahrhundert=Feier*, 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 4.

⁸⁵⁴ Idem p. 12-13.

A mágoa da perda das terras, depois que um "*espírito capitalista*" se instalou na Alemanha, valorizando as terras para atender às necessidades da indústria, trocando e povoando o campo de carneiros no lugar de gente, é uma recorrência constante dos textos. Lamentam também a perda de terras da Alemanha para a Polônia durante a guerra:

"Berthold:

(...)

*Agora o polaco nos roubou a terra, agora ele colheu o que nós semeamos; ele inventou uma razão especial para isto - Ele comprou! - O preço foi dispensado, nós nos tornamos mendigos. E diante da porta, como os mendigos, ficamos agitando os cães."*⁸⁵⁵

E o espírito do dinheiro, que afastou o direito de herança, os laços de sangue, o nome, os títulos, o direito adquirido por nascimento, é associado à figura do judeu:

"Ludolf: O último Rognitz sou eu. Minha linhagem morre comigo. Os escudos dos Rognitz serão quebrados sobre o meu túmulo.

Berthold: Amigo, isto não pode continuar.

*Ludolf: Pobre, exilado da Pátria, minha gleba agora foi roubada. Eu estou desorientado no estrangeiro. O castelo da casa está agora nas mãos dos judeus. Eles venceram o peso do ouro, como venceram o arado, o sangue e agora pechincham os juros do trabalho. De último pegou a onda da depreciação do ouro e me jogou desvalorizado aqui na praia."*⁸⁵⁶

O preconceito não se manifestava apenas em relação ao judeu nos textos teatrais, os habitantes da nova terra, do Brasil, eram por vezes tomados como "macacos", e quase sempre como "preguiçosos":

"Ludolf: (para si) Você acha: preguiçosos são os amigos preguiçosos.

(alto) Então, tão mais bonita era a nossa pátria!

*Hans: A nossa pátria! - (rindo) Hahaha! A pátria! A terra dos macacos. Haha! O que é isto aqui?"*⁸⁵⁷

Diante do sentimento de perda e frente ao desenraizamento colocava-se a possibilidade do novo. A agricultura renovava e a terra nova prometia algo para o futuro:

"Schmidt: Não desanime, senhor! Corte apenas um grão de arroz da árvore e o coloque na terra! A raiz se movimenta e cresce para um novo tronco acima, rapidamente! Assim também o homem. Talvez

⁸⁵⁵ Idem p. 4.

⁸⁵⁶ Idem. p. 13.

⁸⁵⁷ Idem. p.6.

seja sua tarefa, de um novo solo e sua antiga linhagem, para sustentar, feliz, uma nova flor.

(...)

Berthold:

(...)

Para trabalhar há agora uma terra criança. Uma terra dentro da qual as nossas crianças, os netos felizes, constroem os campos e oram ao Senhor. Isto também não é um objetivo bem elevado e grande? E valioso, que nós infelizmente não temos?

(...)

Schmidt: E gostaria que a antiga linhagem dos Rognitz verdejasse em você e suas crianças! E como sinal, deixe eu trazer agora a árvore do nosso jardim para florescer neste solo. É um sinal de que cria raízes e de que o suco amadurece. Gostaria também que este enraizamento fosse feliz e a terra próspera."⁸⁵⁸

A dispersão das famílias, uma nova terra e possibilidades de prosperidade futura não significavam a perda da noção de identidade com a Alemanha e o vínculo com os antepassados. O retorno à origem estava colocado permanentemente. Esse vínculo implicava em laços de sangue, num sentimento de pertencimento, numa relação muito forte, cravada no imaginário dessas populações:

*"Ludolf: (...) O ovo do desalento foge. Eu fico. Aqui, meus amigos, estendam a mim suas mãos! Deixem-nos ficar firmes neste solo da Terra, como burguês fiel a uma terra nobre. A hospitalidade abriu seus portões para nós. Não esqueçam o sangue, do qual nós nascemos, e que nos uniu como companheiros de sangue, e que se dispersou terra afora."*⁸⁵⁹

Diante da importância das raízes plantadas na terra, e dos efeitos desses referenciais no imaginário das populações descendentes de alemães, diante da memória daquilo que havia sido plantado no solo da Alemanha e que havia sido abandonado para vir para o Brasil, colocava-se uma constante vontade de refazer. Um permanente impulso para remover a terra, resgatar as raízes perdidas, aos moldes do espírito romântico. Era um movimento para retomar, como tentativa de recriar o passado. Isto talvez explique em parte o fechamento ou isolamento de certas comunidades alemães no sul do Brasil.

Superando a guerra, não deixando que a vontade de guerrear entrasse nas casas, deixando em cinzas quaisquer tentativas de terminar com a paz,

⁸⁵⁸ Idem. p. 13, 3.

⁸⁵⁹ Idem. p. 15.

construindo algo firme e forte, os teuto-brasileiros acreditavam estar apontando para um renascimento:

*"Berthold: Frequentemente é destruída a necessidade de guerra da nossa casa, e o fogo a deixa em cinzas.
Sempre um novo renascer, e sempre constrói firme."*⁸⁶⁰

Do lado oposto aos fortes laços que ligavam o camponês à terra estava a caça, que tinha um outro significado: ali valia a liberdade de locomoção, a falta de vínculos, a itinerância, o nomadismo. Na realidade caça, e agricultura não se contrapunham totalmente, mas se completavam num gesto simbólico em que a união de ambas inspirava a confraternização:

6º Ato:

*"(...)
(Fritz e Gustavo trazem uma paca abatida. Frau Wacker traz alguns legumes)
(...)
(Fritz puxa Ludolf pela mão para a esquerda do palco)
Fritz: Veja, tio Ludolf, em que grande rato eu atirei!
Ludolf: Isto é uma paca! Isto é um petisco.
Frau Wecker: E aqui legumes! Feijão, couve e cenouras. A primeira colheita da nova terra.
Ludolf: Frau Wecker! Hoje irá para a cozinha. A dona de casa tm um duplo prazer."*⁸⁶¹

Quando se tratava de confraternizar, tudo convergia para um sentimento patriótico, nos moldes herdados dos antepassados, que se referia agora, porém, ao Brasil:

*"Schmidt: (...)
Para nós, é esta terra que nos alimenta e protege que se tornou a própria Pátria. Enraizados em seu solo nós a amamos como nossa mãe, que nos criou em seu peito.
(...)
Ludolf: (...) Os nossos negócios, nosso fazer e a nossa aspiração devem ser dedicados fielmente à nova Pátria. O grande e poderoso se desenvolve orgulhoso."*⁸⁶²

As velhas canções eram retomadas. Foram cantadas na Alemanha com outro significado e de uma maneira antiga, como o próprio Schmidt afirma. Mas agora eram renovadas, referindo-se ao Brasil:

⁸⁶⁰ Idem. p. 4.

⁸⁶¹ Idem. p. 10.

⁸⁶² Idem. p. 15.

"Schmidt: Então, crianças, cantem uma pequena canção, que nós falamos como bênção sobre cada árvore e que o antepassado cantou um dia, de uma maneira antiga.

(Melodia: tudo quieto)

1. Criar raízes

Produzir frutos,

Crescer arvorezinhas para cima!

Sobre os seus ramos verdes

Gostaria ainda de dançar em roda

Um dia com os netos em um coro feliz

2. Estrela dourada

Olha a distância

Vigia amigavelmente a terra em baixo,

Que nós vivemos felizes e em paz,

Amigavelmente sobre esta terra,

Livre de preocupações, livre de dor.

3. Bom Deus,

Deus me livre

Tu Brasil, para sempre!

Deixe crescer e prosperar!

Deixe também abençoar suas crianças

Em necessidade e em perigo!

4. Suas florestas,

Seus campos

Deus abençoa com mão suave!

Podem na sua bonita campina

Respirar riqueza, olhar a prosperidade.

Tu, minha cara Pátria.⁸⁶³

Aqui está atualizado o mito da fundação. O enraizamento que se perdera historicamente deveria ser recriado. Trazia para a atualidade noções de nacionalidade e pátria para os alemães. A noção de pátria, um pouco aos moldes românticos, envolvia noções de coletividade, de espírito coletivo. Estar juntos, viver em comunidade, trazia a pátria à memória. Parecia não ser possível separar pátria de coletividade⁸⁶⁴, e também das noções de raça -, ligada a sangue e povo -, e de língua. Para criar raízes, o que envolvia, por uma tradição cultural alemã, pretensões de conquista e de anexação de territórios, já se consolidaram os requisitos povo e língua, porém o tripé ainda estava manco. Para o enraizamento se completar, era necessário buscar o que estava perdido: cultuar a nova pátria, o solo brasileiro, ou recriar a velha. Para sentir-se em casa, para pertencer à nova terra, para criar raízes, era necessário ter a terra brasileira enquanto pátria ou refazer a pátria alemã no Brasil.

⁸⁶³ Idem. p. 15-16.

⁸⁶⁴ Os conceitos de nação e povo, na língua alemã, se expressam na palavra Volk.

Estes textos teatrais, recitados nas escolas e clubes das cidades surgidas das antigas colônias de imigrantes alemães, levantam possibilidades de pensar a presença romântica no imaginário dessas populações. Noções de "*caráter do povo*" e de "*mentalidade nacional*" são evidências de um romantismo nacionalista que se relaciona com os conceitos mais elementares, como de liberdade, naturalidade e espontaneidade. As emoções e fantasias presentes nas canções, lendas folclóricas, poemas e contos de fadas dos escritores alemães românticos foram, de uma forma ou de outra, fonte de inspiração para os textos que se destinaram às falas no sul do Brasil nos anos 30 e 40. O Hino Nacional alemão é um dos exemplos das canções com influência romântica cantadas no sul do Brasil:

Deutsche Nationalhymne

(Texto: Hoffman v. Fallersleben, 1841)

*Alemanha, Alemanha acima de tudo
Acima de tudo no mundo,
Quando ela está para proteção e defesa
Unidos fraternalmente
Do Maas até o Memel,
Do Etsch até o Belt
Alemanha, Alemanha sobre tudo,
sobretudo no mundo.*

*Mulheres alemãs, lealdade alemã,
Vinho alemão e canto alemão,
Deve permanecer no mundo
Seu velho e bonito som,
Para nos entusiasmos com esta nobre atividade
Ao longo da nossa vida, -
Mulheres alemãs, lealdade alemã,
Vinho alemão e canto alemão.*

*Unidade, direito e liberdade,
Para a pátria alemã
Para depois nós todos aspirarmos
fraternalmente com o coração e as mãos
A felicidade é penhorada.
Floresce e brilha esta felicidade,
Floresce, pátria alemã!*

Meier, Staden, Krause, Hesse e Lehmann reuniram-se, agora, para o ato final. Para o sétimo e último ato. Eles haviam marcado um encontro num prazo de dez anos. Isto agora estava para acontecer. Enquanto aguardava os amigos, Meier refletia sobre o trabalho que executara e as necessidades que tivera neste

período. Refletia sobre os sentimentos que experimentara, sobre as alegrias e sofrimentos. Avalia que o seu trabalho foi produtivo. Ele conseguira uma casa, um jardim e um campo. Ele conquistara um solo.

7º Ato:

"Meier: Como foram rápidos os dez anos passados no trabalho, alegria e sofrimento e também através de várias necessidades. Bem, então logo chegarão os hóspedes, nenhum esqueceu, todos eles já confirmaram. Escute! Um carro! Eles chegam!"

(Ele sai, reaparece logo a seguir. Atrás dele, os amigos.)

Meier: Bem vindo, amigo, no meu solo e chão. Quando vocês olharem em volta na casa, no jardim e no campo, então vocês falarão: ele conseguiu, com a ajuda de Deus! E quando vocês falarem, falarão com razão. Então, quem eu vejo? - Também o senhor, senhor Staden? Isto é para mim uma especial e total honra e amizade!"⁸⁶⁵

A chegada dos velhos amigos trouxe novidades: Krause havia se casado com a filha de Staden. Logo veio a observação: como ficaram as velhas idéias socialistas? Como ficaria um operário marxista casado com a filha de um fabricante? Krause, com seu incansável senso de humor logo responde: com dinheiro no banco, os ideais social-democratas acabam. Outra novidade: Hesse, casara com a filha de Lehmann, Staden e Krause haviam montado uma firma. Todos haviam prosperado: Hesse com sua antiga profissão de mestre sapateiro, e Lehmann, com sua antiga profissão de funcionário.

"Staden: Obrigada, senhor Meier! Então, aquele lá, Fritz Krause, ele falou simplesmente: Senhor sogro, o senhor deve ser, isto o senhor deve ter visto!"

Meier: Sogro? Fritz Krause de Berlim com a gravata vermelha casou com a filha de um fabricante? Sagrado Marx e Engels, o que eles falaria sobre isto! Eu estou admirado!"

Krause: (rindo) Naturalmente. Meier, se eu não tivesse casado com Ilse Staden, ele não teria se tornado meu sogro! E em confiança, Michel Meier, a social democracia termina sempre, quando se tem alguma coisa no banco!-

Hesse: Sua boca é rápida ainda hoje como há dez anos atrás, mas não faz mal, ele também tem alguma coisa no coração. E aqui cada um transpirou muito no calor do Brasil, que constrói barreiras artificiais. Isto já passou. Graças a Deus!"

Meier: Como vão a senhora Lehmann e a senhorita filha?"

Lehmann: Eu agradeço e elas deixam saudar. Elas vão bem, mesmo sem terras de herança. E quanto a minha filha, ela continua tocando piano e faz os mais bonitos trabalhos manuais, então sobre isto o senhor Hesse ensinou.

⁸⁶⁵ FUGMANN, P. "Die neue heimat". In: KÖHLER, Artur G. Zur Jahrhundert=Feier. 1 heft, Op. Cit. 1929. p. 21-22.

Hesse: Sim, Meier, Luise Lehmann se tornou minha mulher e nós somos felizes, como Krause e sua jovem senhora. Eu continuo sendo sapateiro, porque assim é melhor, se tomamos o provérbio: sapateiro fique com as suas encôspias.

Meier: Então eu ainda não sei como o senhor Lehmann se ocupa.

Lehmann: Eu sou como o professor Hesse, que voltei também para minhas encôspias e trabalho no escritório da firma Staden e Krause."⁸⁶⁶

Depois das novidades, veio à tona o motivo da data do reencontro: a comemoração do centenário da imigração alemã para o Brasil. E por esta razão havia-se que avaliar o trabalho, a luta. Como estava, depois das experiências na nova terra, a visão dos imigrantes sobre o Brasil? Mantinham a mesma opinião ou haviam modificado? Hesse falou pelo grupo: haviam adotado o Brasil como nova pátria, para si e para suas crianças. Entretanto, o sangue permanecia alemão, a linhagem vinha da Alemanha, a honra era alemã. A fala alemã ecoava da voz do sangue e a alma emitia uma canção na língua alemã. Diante de todas as divergências externas, fossem estas de qualquer natureza, o que valia era a amizade e a fraternidade alemã.

"Staden: Então após dez anos! E saibam vocês que dia é hoje para os alemães em nosso Estado: há cem anos entraram os primeiros colonos no solo brasileiro. Meu avô estava entre eles - como plantaram há dez anos. E então repetiu tudo na história. Também nossos pais lutaram, lutaram pesadamente como todos nós juntos. Eles falavam muito mal naquele tempo desta terra, como vocês ao retornarem da floresta. Então o que vocês falam sobre isto hoje?

Krause: Crianças, deixem o mestre sapateiro falar, ele quase molda o coração de vocês, ele entende também o melhor e quando o seu discurso ficar hoje um pouco alongado, hoje eu agüentarei com ele.

Hesse: O senhor Staden quer saber se nós gostamos do Brasil. Nós encontramos uma nova Pátria, para nós e nossas crianças. Nós amamos o Brasil, nós trabalhamos para o Brasil. Então nossa nova Pátria nós amamos.

Staden: Então ela se torna nossa.

Krause: Mas eu conheço nosso mestre sapateiro, ele tem mais no coração. Coloque para fora.

Hesse: Muito bem, Krause, eu ainda tenho mais no coração e em dez anos ficou mais maduro e mais profundo e ainda está vivo no senhor Staden. Eu percebo meu rumor de sangue alemão, eu o farejo como patrimônio e então como propriedade. Eu não esqueço minha linhagem e a terra do meu pai. E a voz do sangue no coração trazer à fala é minha vida de professor, meu maior objetivo e mais bonito amigo. E ela ouve sobre palmeiras o rumor do carvalho, se sua alma canta uma canção alemã. O que é partido, o que é situação, o que são todas as coisas exteriores? A honra popular alemã é a nossa, nós queremos ser um povo irmão na amizade, e então ensinar a velha

⁸⁶⁶ Idem. p. 22.

*Pátria, o que é grande e bonito. A velha pátria saúda e abençoa a nova, salvação e paz para sempre!*⁸⁶⁷

O reencontro dos quatro personagens termina com uma confraternização envolvendo o Brasil e a Alemanha. Aparecem no palco placas comemorativas da data da chegada dos primeiros imigrantes alemães em Santa Catarina, 1829, e da data da festa dos cem anos da chegada, 1929. Uma poesia é recitada: o Brasil é o bosque do mundo, terra do brilho do sol, das palmas, do Cruzeiro do Sul. Era uma terra áspera transformada num paraíso. Os imigrantes e seus descendentes prometiam, através do poema, a fidelidade ao Brasil, o amor e a amizade. Agradeciam e prometiam ter orgulho da nova pátria.

"(enquanto o professor fala isto, entram em cena pelos lados esquerdo e direito duas meninas vestidas de branco. Uma traz a bandeira do Brasil e a outra a bandeira da Alemanha. Uma terceira traz uma coroa de folhas de carvalho, dentro está uma placa com o número 100, em cima o ano 1829 e embaixo, 1929. As meninas levantam as bandeiras. A coroa fica no alto. A que traz a coroa fala:

*Salve o Brasil, inscrito no bosque do mundo.
Nós queremos te amar eternamente com a fidelidade alemã!
Salve você, Brasil, amada Pátria!
Salve você, Germânia, da distância da praia do mar do norte!
O céu honra e agradece, que nos deu uma terra áspera
Para Pátria, que ela se transformou em paraíso,
Tu, terra do brilho do sol e orgulho sereno,
Fica em paz sob o ornamento das palmas, que consagra!
Aqui abaixo da cruz do sul, cada sentimento,
Que ele está em casa, distante de todo o tumulto do mundo!
Onde ainda encontra um amigo, ele o toma no seu coração
Quem grita para a pátria, encontra a pátria aqui.*

Todos: Salve seja você."

⁸⁶⁷ Idem. p. 22-23.

5.2.A FORÇA DA LÍNGUA

Kerb! - Três de Maio - Kerb!

Am Donerstag, den 3. Mai, Grosses Allgemeines Volksfest

Fest - Programm

Vormittags:

Sammlung am Club vorn 9 Uhr

Festzug durch de Hauptstrassen

Ansprachen in deutsch und portugiesisch

Spiessbraten

Nachmittags:

Spiele und Reigen der Schulkinder

Gesangsvorträge de Gesangverein

Preis Kegeln - Preisschiessen

Volksbelustigungen aller Art⁸⁶⁸

O programa do Kerb, transcrito de um Jornal do Município de Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, é um exemplo de como transcorriam festejos de origem religiosa no sul do Brasil, como tradição herdada da Alemanha. Estas festas sobreviveram a proibições estatais e foram mesmo reforçadas, após 1945, por imigrantes de origem alemã do Rio Grande do Sul que levaram a tradição para a região oeste de Santa Catarina. O caráter agrícola dos festejos foi transformado no decorrer dos anos. Passou a incorporar, além do significado religioso, um sentido de confraternização entre populações de cidades vizinhas. A festa dava a tão esperada oportunidade para rever parentes e amigos distantes.⁸⁶⁹

Nesta parte final da pesquisa, procurou-se fazer um levantamento de algumas formas de sobrevivência da cultura alemã no sul do Brasil, particularmente em Santa Catarina, após as proibições dos anos 30, já que este foi um local privilegiado de intervenções nacionalizadoras por parte do governo

⁸⁶⁸ Kerb-Quinta-feira, 3 de maio. Programa da festa:

Manhã:

Encontro no Clube pela manhã às 9 horas

Cortejo através da rua principal

Palestra em alemão e português

Churrasco

Tarde:

Jogos e roda das crianças das escolas

Apresentação da Associação de Canto

Prêmio de boliche e de tiro

Diversões populares de todo tipo

DER ANZEIGER: Unabhängige Zeitung für das Munizip Santa Rosa, Buricá, 25 de Abril de 1934.

Município Santa Rosa, Rio Grande do Sul, Brasil. p.1.

Vargas. Além da discussão sobre a sobrevivência do Kerb, buscou-se também, de forma conclusiva, uma rápida abordagem de alguns estudos sobre teuto-brasileiros ou cultura alemã no Brasil publicados após o fim do Estado Novo, para evidenciar qual a ênfase nos discursos e quais as mudanças no enfoque da cultura alemã e da língua alemã em relação às décadas anteriores.

Do Rio Grande do Sul, o Kerb foi levado para o oeste de Santa Catarina. Nos vales gaúchos dos Rios Taquari, Jacuí e Caí, a festividade havia sido mantida entre descendentes de imigrantes alemães, porém transformada e adaptada às condições climáticas e culturais da região. O preparo da festa, como nas demais regiões, envolvia atividades variadas que, de diversas formas, recolocavam a tradição das antigas aldeias alemães. Nos anos 30, os chamados para a festa ainda ocorriam em língua alemã, através dos jornais.

Depois da festa ter sido levada para o oeste catarinense pelos "gaúchos" que para lá migraram a partir dos anos 20, a tradição foi mantida, muito semelhante àquela herdada da Alemanha, mas sem atingir ainda grandes dimensões. A partir do final dos anos 40, a festa passou a ser realizada sistematicamente em Santa Catarina, por influência de novos imigrantes teuto-brasileiros chegados recentemente do Rio Grande do Sul, atingindo então maiores proporções.⁸⁷⁰

A celebração da festa, com um caráter de quermesse, era comum nas aldeias da Alemanha, e estava relacionada intimamente à atividade agrícola. O seu início era marcado para o término da colheita, que correspondia ao meio do outono. O preparo da festa - precedido de um trabalho árduo realizado coletivamente, em geral com a colaboração de famílias numerosas, parentes e vizinhos -, envolvia a limpeza das casas, renovação de fachadas, confecção de roupas novas, abate de porcos e cozimento de pães e doces⁸⁷¹. A festa tinha um caráter renovador imbricado com o significado religioso de purificação da alma. A palavra Kerb, na língua alemã, significa corte, entalho, que tanto pode estar

⁸⁶⁹ LENZI, Z. M. & SALVADOR, N. T. M. & KONDER, V. M. O Kerb em Santa Catarina. Florianópolis, Editora da UFSC/ Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1989. p. 14-16.

⁸⁷⁰ LENZI, Z. M. & SALVADOR, N. T. M. & KONDER, V. M. Op. Cit. p. 33.

⁸⁷¹ GRÜN, Johann. "Memórias de João Grün". Trad. DEKKER, Ingeburg. APUD. LENZI & SALVADOR & KONDER. Op. Cit. p.64.

relacionado à colheita dos frutos da terra como ao fim de uma etapa de trabalho e de vida, o início de outra. Dos festejos fazia parte um culto religioso, que poderia ter significado diferenciado conforme o local da realização. Na aldeia de Kleinblittersdorf, próxima à cidade alemã de Saarbrücken, a celebração do culto tinha caráter fúnebre, rememorando os membros da aldeia já falecidos.⁸⁷²

Atividades preparatórias ocupavam intensamente as pessoas durante a sexta-feira e o sábado que antecediavam o festejo⁸⁷³. O domingo era o tão esperado momento de descanso e de consumo de alimentos preparados nos dias anteriores. A tradição religiosa previa intensas atividades de trabalho precedendo o justo direito ao descanso.

Também era costume, entre os camponeses, que as economias monetárias feitas durante todo o ano fossem gastas na festa, já que estava justificado o excesso de despesas como compensação das ‘preocupações e esforços’ que tinham durante os meses que precediam a festa.⁸⁷⁴

Ao contrário dos atuais costumes da sociedade industrial alemã, que separa as gerações umas das outras, movidas por interesses diversificados, do Kerb participavam crianças, jovens, adultos e velhos. Os jovens esperavam ansiosamente a festa, sendo os primeiros a se reunirem para participar dos cortejos com banda de música nas principais ruas da aldeia, anunciando a noitada nos salões de dança, ao som de valsas, polca e operetas.

A comida variada, incluindo pães, doces de frutas secas, chucrute, batatas cozidas e lingüiça de carne de porco, testemunhava os bons resultados do ano e prenunciava sucessos futuros. O ato de comer carne de porco poderia significar novas possibilidades abertas para a etapa que ali se iniciava. A bebida consistia em cerveja caseira e vinho produzido pela aldeia.

No oeste catarinense, permaneceu a tradição do intenso trabalho que antecedia a festa, feito por voluntários que arrecadavam dinheiro para a igreja ou obras públicas na comunidade e recebiam doações de objetos para serem leiloados no decorrer das comemorações. Persistiu ainda a celebração do culto

⁸⁷² Idem, p. 66.

⁸⁷³ Idem, p. 64.

⁸⁷⁴ Idem, p. 65.

religioso, as reuniões familiares com reencontro de parentes e amigos, os bailes nos salões de festas das sociedades recreativas, ou nas dependências de paróquias ou igrejas da comunidade, fossem estas protestantes ou católicas.⁸⁷⁵ A fixação da data variava de acordo com as necessidades da comunidade e com o clima, podendo estar vinculada ou não ao término da colheita. Em qualquer das situações, preservava-se o dia de domingo como a principal data para transcorrerem os festejos, que se iniciavam no desfile e baile do dia anterior.

Era comum que a festa continuasse durante a semana, podendo durar de três até cinco dias. Permaneceu a tradição dos doces de origem alemã, da lingüiça de porco, mas agora com a introdução do 'churrasco gaúcho. As garrafas de cerveja, agora não mais de fabricação caseira, davam base para a confecção de bonecas com trajes típicos.

A invenção de uma nova face para a festa alemã que veio do Rio Grande do Sul para o oeste catarinense, com a permanência de certas tradições alemãs transformadas a partir da influência "gaúcha"; a reelaboração da cultura alemã no vale do Itajaí e os novos enfoques na literatura sobre teuto-brasileiros, foram aqui tomadas como referenciais de resistências diversificadas, localizadas, de tradição alemã no sul do Brasil. Com a proibição da língua estrangeira pelo Estado Novo e com as intervenções nas antigas zonas de colonização, os grupos reelaboraram suas tradições, refizeram suas referências, abandonaram algumas práticas. Incorporaram princípios da nacionalidade brasileira e da cultura local, mantendo certas práticas, ou discursos readaptados a uma nova situação.

Um trabalho recente, discute como, sobretudo depois do Estado Novo, por parte dos habitantes da cidade de Blumenau, teria sido resgatado o "trabalho" como um elo de união entre os grupos teuto-brasileiros, já que a língua foi perdendo, pouco a pouco, a possibilidade de ser a referência. A própria valorização do trabalho pelo Estado Novo serviu como um estímulo para a retomada deste princípio pelos teuto-brasileiros.

Diante das perseguições durante o Estado Novo, a solidariedade entre o grupo étnico teria sido intensificada, a capacidade produtiva teria sido reforçada,

⁸⁷⁵ Idem, p. 16.

como uma espécie de refúgio dos teuto-brasileiros. A solidariedade étnica teria até mesmo aplacado as barreiras entre as classes, solidificando mesmo os vínculos paternalistas nas relações de trabalho. Segundo a autora, a solidariedade teria sido uma estratégia cultural do grupo para não se deixar homogeneizar culturalmente, para fazer aparecer a diferença.⁸⁷⁶

O mesmo trabalho afirma que a normatização empreendida pelo Estado Novo não impediu que os valores de identidade dos teuto-brasileiros fossem reinterpretados, repensados, reelaborados. E que a representação da cidade de Blumenau, não tendo mais a língua alemã como referência, passou agora a dar lugar ao elemento trabalho. Pelo trabalho, vinculado às noções de progresso, eficiência, pioneirismo, disciplina e organização, teria ocorrido uma espécie de regermanização da cidade de Blumenau, o que teria impulsionado a sempre rápida e eficaz reconstrução da cidade diante das inúmeras enchentes a que foi submetida mais recentemente. Os governantes municipais teriam também utilizado tal apelo para vender a imagem da cidade, forjando uma identidade nova.⁸⁷⁷

Intelectuais, em geral teuto-brasileiros, nas décadas posteriores a 1930, repensaram e reafirmaram as contribuições alemãs que haviam sido desconsideradas pelo governo, autoridades e população brasileira nos anos anteriores. Tal foi o caso do estudo de Gustav Giemsa e Ernst G. Nauck, que publicaram, no Boletim Geográfico do Rio de Janeiro, em 1950, o relatório de uma pesquisa feita no Espírito Santo, junto a uma população de origem alemã. A preocupação dos autores na escolha da população alemã a ser pesquisada era que aqueles tivessem mantido os "*característicos étnicos originais*" ou seja, que não tivessem "*se misturado com os nativos*". Os objetivos do estudo - de "*contribuir para o esclarecimento dos problemas de povoamento e aclimação da raça branca, nos trópicos*"-, ou de fazer um "*estudo da adaptação a um novo ambiente, de uma população européia transplantada para os trópicos*", visava a

⁸⁷⁶ FROTSCHER, Méri. Etnicidade e trabalho alemão, outros usos e outros produtos do labor humano. Op. Cit. p. 156.

⁸⁷⁷ Idem p. 157-158.

produzir um conhecimento "*de grande alcance político-nacional para futuros empreendimentos coloniais teutos*".⁸⁷⁸

Esse estudo partiu de preocupações existentes na Alemanha, particularmente do Instituto Tropical de Hamburgo, acerca das "*possibilidades de aclimação e fixação da raça branca nos trópicos*", e colocou-se como prosseguimento de um trabalho anterior elaborado por Ernst Wagemann. Desta forma, enquanto Wagemann teria se detido no período referente aos 65 anos compreendidos entre 1847 e 1912, Nauck e Giemsa dariam continuidade cronológica à pesquisa, estendendo os estudos até 1938.⁸⁷⁹

Ainda no mesmo ano de 1950, o Instituto Hans Staden, com a intenção de "*despertar interesse para o estudo da história de Blumenau, no ano do seu centenário*", publica a obra de Max Tavares D'Amaral, que pretendeu ser, conforme o próprio título fala, uma "*Contribuição à história da colonização alemã no vale do Itajaí*". Além do objetivo de "*recordar o esforço e os cometimentos do colono*", a obra visava também "*zelar [para] que as suas virtudes e exemplos se mantenham vivos*", conforme as palavras da epígrafe de Victor Konder.⁸⁸⁰ O autor procurava, através dessa pesquisa, abordar:

"(...) o jornal, a escola, a participação do elemento de origem germânica na vida política do país, os problemas sociológicos que acompanham a imigração, referentes à aculturação e assimilação do advena e seus descendentes, temas que foram respigados aqui e acolá, continuam a espera de um estudo mais individualizado".⁸⁸¹

O estudo resgatava o trabalho dos primeiros colonos, suas dificuldades, suas decepções, dando destaque às figuras de Hermann Blumenau, como incentivador à colonização e de Fritz Müller, como naturalista,⁸⁸² para terminar discorrendo sobre "*as razões do sucesso da colonização do Vale do Itajaí*". Comprovar o "sucesso da colonização", temática da última parte da obra de Amaral, parece ter sido todo o esforço do autor, desde o início do seu trabalho.

⁸⁷⁸ GIEMSA, Gustav & NAUCK, Ernst G. "Uma viagem de estudos ao Espírito Santo". Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, ano VIII, n.88, julho de 1950. p. 451-452.

⁸⁷⁹ Idem p. 451.

⁸⁸⁰ D'AMARAL, Max Tavares. Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí. Op. Cit. p.1-6.

⁸⁸¹ Idem p. 6.

⁸⁸² Idem p. 9-21.

Nas razões desse sucesso figurava, em primeiro lugar, o "trabalho", enquanto atividade e enquanto valor moral. O colono, ou o camponês imigrante, teria sido responsável por uma mudança de mentalidade em relação ao trabalho no Brasil. O trabalho, até então visto como ocupação de escravos, e não de homens brancos, tivera sua conotação modificada em Santa Catarina pelo colono. Agora o trabalho, adquirido pela educação, teria se transformado em honra pessoal:

"Para os bem nascidos, para os filhos dos senhores de engenhos ou detentores de grandes propriedades, só a carreira das armas, da política, da diplomacia, da advocacia, do sacerdócio, das profissões liberais, enfim, eram nobres.

O trabalho que não fosse fruto do espírito puro e simplesmente, era considerado indigno, daí haver, mesmo em determinados círculos, certa reserva até quanto à medicina, que já implica em atividade manual.

Trabalho fora feito para escravo, não para homem branco.

Essa mentalidade é desconhecida no meio colonial de Santa Catarina. Onde vive um colono, aí se vê labor, que para ele é honra pessoal, é o seu maior galardão.

(...)

Os filhos dos grandes industriais, como os dos colonos, são educados no trabalho, preparados para suceder aos velhos, assegurando deste modo a continuidade da iniciativa paterna, pelo exercício tradicional da sua atividade."⁸⁸³

Associada à noção de trabalho estava a noção de "luta" e de "progresso" como razão do sucesso, noções que apareciam relacionadas ao princípio "disciplina":

"Quando o sol desponta, já o colono, mobilizada toda a família, está, de enxada às costas, a caminho da roça e de lá só retorna para o lar quando os últimos lampejos desaparecem no horizonte. Se progride, é porque luta - 'a quem madruga Deus ajuda'...""⁸⁸⁴

A fortuna seria o resultado do "lidar incessante" do colono. A prosperidade econômica da região adviria do "espírito ruralista" - *Bauerntum*, em alemão - conservado pelo colono e seus descendentes, já que estes últimos teriam mantido esse espírito pelo "apego às tradições":

"Nota-se nele o orgulho de poder competir com o 'estrangeiro' ao qual não tem ódio, porque se sente igual a ele, ao contrário do que se dá com os patícios que não labutam, estes vêm no alienígena ou seu descendente apenas o explorador, o favorecido. Não querem

⁸⁸³ Idem p. 59.

⁸⁸⁴ Idem. p. 63.

compreender que a fortuna do seu vizinho advém do seu lidar incessante.

(...)

É evidente que o 'Bauerntum' só pode nascer naquelas zonas em que o camponês é livre. Nas regiões em que imperavam os latifúndios, em que os trabalhadores rurais viviam como que escravizados à gleba, não podia haver ambiente para o desenvolvimento do espírito ruralista que nasce do amor à terra e, pode lá ter-lhe amor, quem está a ela jungido como servo?

(...)

Como já deixei dito de começo, pouco importa saber, porém, donde lhes veio essa salutar mentalidade, o que vale observado, é que ela existe, é que os imigrantes não a perderam quando de lá a trouxeram e, o que é mais interessante e significativo, dela não se despojaram também os seus descendentes, pelo apego à tradição, nem mesmo depois de haver o Vale atingido sua fase de civilização industrial."⁸⁸⁵

O texto evidencia outra qualidade do alemão: a de ter feito o Vale do Itajaí prosperar, atingindo a "fase de civilização industrial". Esta fase teria sido atingida, pelo que se depreende desse estudo, em razão de outro valor conservado pelos alemães e seus descendentes: o espírito de poupança.

"Manuel Duarte, nos seus estudos sobre 'Os alemães em Santa Catarina', confirma a observação:

'Notável é a circunstância de que estas fábricas se fundaram todas em recursos financeiros locais e começaram, na sua maioria, por pequenas manufaturas domésticas, desenvolvidas pouco a pouco'.

O espírito providente do alemão criou paulatinamente o parque industrial que hoje representa a grandeza econômica dos municípios oriundos da antiga colônia alemã, onde se localizam 60% das indústrias de todo o Estado.

As mais poderosas empresas tiveram todas essa origem humilde."⁸⁸⁶

Na fase industrial e associados ao progresso da região, novos nomes aparecem: Lauro Müller e os irmãos Konder, na política; e Hermann Hering, Curt Hering e Carlos Renaux, na indústria. Estes últimos foram reverenciados especialmente porque teriam trazido, para a região de Blumenau e Brusque, um tipo de progresso diferente daquele até então verificado nas demais regiões do Brasil. Ali duas características da industrialização se destacariam: "*a solidez econômica das empresas e a perfeita harmonia entre patrões e empregados*". Desta forma, as indústrias de região "*não conhecem falências*", e nelas "*não havia a questão social*", tudo isto em razão do fato de terem dado, como no caso

⁸⁸⁵ Idem. p. 63-64.

⁸⁸⁶ Idem. p. 65.

da Companhia Hering, *"trabalho e assistência a mais de mil operários e suas famílias"* ⁸⁸⁷:

"O empregador que conhece o trabalho do operário, porque como tal iniciou sua vida, vê no seu assalariado um elemento de produção que precisa de amparo para produzir.

Não se conhece aí o problema do proletariado.

O operário tem casa própria, na sua maioria, conseguida à custa de vida morigerada e de seu espírito de economia. É ainda o sentido rural que lhe orienta a vida. As horas livres, dedica-as ao cultivo da terra, com sua família. A vida da cidade não o seduz, nem lhe mudou os hábitos." ⁸⁸⁸

Além disto, o quadro construído por este discurso era de união entre os mais diferentes setores da produção:

"Ao lado dos diretores das grandes indústrias, dos representantes do alto comércio, vamos encontrar o mecânico, o operário, o comerciante, unidos no mesmo sentimento de beleza." ⁸⁸⁹

Estas ótimas condições de trabalho, este sucesso, este progresso, este verdadeiro "paraíso industrial" - onde reinava a *"harmonia e entendimento entre patrões e empregados"* -, existente no Vale do Itajaí, só teria sido perturbado por um fator de ordem externa: a legislação trabalhista de Vargas.

"Infelizmente a orientação, o sentido que se imprimiu à campanha de difusão da legislação social no país, mudou o aspecto do quadro que esboçamos.

A harmonia, o entendimento, entre patrões e empregados, já não são mais os mesmos. E o êxodo do campo para a cidade também já se iniciou naquelas paragens de Santa Catarina." ⁸⁹⁰

Uma outra qualidade do colono alemão seria, conforme este discurso, o hábito de boa moradia, que superaria, conforme o autor, até mesmo o apego à raça, à língua e às tradições:

"O alemão, a primeira coisa que faz quando se estabiliza economicamente, quando começa a progredir, é substituir sua casinha tosca, primitiva, por outra melhor, até chegar à residência confortável de tijolos com suas cortinas na janela, seu jardim e seu pomar que são o seu orgulho e constituem o ornamento por excelência da paisagem colonial.

Parece poder dizer-se que a casa é o traço característico do colono alemão, o traço que o distingue dos demais. Ele pode perder todas as características da raça - a língua, as tradições, mas não perde nunca

⁸⁸⁷ Idem. p. 66-67, 73.

⁸⁸⁸ Idem. p. 67.

⁸⁸⁹ Idem. p. 72.

⁸⁹⁰ Idem. p. 67.

o hábito de morar em boa casa, quando suas condições econômicas o permitem."⁸⁹¹

Importante também era dar destaque às falas que afirmavam a integração do colono alemão, principalmente depois da campanha nacionalizadora de Vargas, já que a preservação de valores como "raça" e "procedência étnica" poderiam, conforme argumentos usados durante o Estado Novo, levar à formação de "quistos". E aqui o discurso da moradia se contrapôs ao da raça, ou seja, muito mais do que "procedência étnica" ou "raça", o alemão e seus descendentes conservavam o valor da "boa habitação":

"Cumpro notar, e esse é um detalhe interessante, que em sua maioria, esses descendentes teutônicos estão de tal modo identificados conosco, que talvez já hajam até esquecido sua procedência étnica. São elementos que, da raça ou do povo de que vem, conservam apenas leves notas somáticas. Perderam tudo que define o alemão, menos o que diz respeito à habitação. Suas residências, tanto nas longínquas terras goianas, como na pitoresca paisagem capixaba, são, em geral, as melhores da região, embora não sejam eles sempre, os economicamente mais fortes. Spengler tinha razão: a casa tem valor histórico-social superior ao da raça."⁸⁹²

Junto com a casa, estava o valor "família", que se confundia, no alemão, no conceito "Heim". Família e casa eram valores a serem conservados pelos alemães e seus descendentes, conforme D'Amaral:

"Mas, ao nosso ver, não é apenas a tradição cultural que a isso o leva, senão também, em alto grau, o seu comportamento social. O alemão, quer o campônio, quer o homem da cidade, é por norma caseiro, levando uma vida familiar muito intensa. Do lar só sai em regra aos sábados e domingos, para jogar bolão ou para o seu 'Skat'.

Vivendo em casa as horas em que não trabalha, ele a quer confortável, agradável, sedutora como uma mulher bonita, para que ela o prenda. Para ele seu 'Heim' é o seu mundo."⁸⁹³

Finalmente, o sucesso da colonização se devia, para este discurso que tentava afirmar os aspectos positivos da colonização alemã, a um fator muito importante: o isolamento. Ao contrário dos discursos oficiais, que atribuíam ao isolamento as razões da formação de quistos raciais como perigo nacional, o autor agora apontava o mesmo aspecto como motivo de sucesso:

⁸⁹¹ Idem. p. 63.

⁸⁹² Idem. p. 63-64.

⁸⁹³ Idem. p. 64.

"Devo ainda alinhar, entre os motivos de sucesso da colonização, a orientação que se lhe imprimiu, de concentrar os imigrantes em núcleos cerrados, compactos, permitindo assim criassem o meio próprio ao seu desenvolvimento.

*Essa orientação, convém frisá-lo, não é específica, nem característica da colônia de Blumenau, de vez que constituiu a tendência generalizada e por isso vitoriosa, dos homens públicos daquele tempo, nos três Estados do sul - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande, mas principalmente nestes dois últimos, não obstante a reação oposta por representantes de outras Unidades da Federação, que viam nessas concentrações perigos à nacionalidade e à segurança do país."*⁸⁹⁴

O texto termina com uma exaltação à importância do alemão na colonização do Vale do Itajaí, importância esta que superaria a dos demais colonizadores:

*"Quero assim encerrar as considerações que venho tecendo, como modesta contribuição ao estudo da colonização alemã no vale do rio que embalou os sonhos da minha meninice, com a afirmação de que poucos estrangeiros, ou talvez, nenhum outro deles, concorreram de modo mais eficiente e decisivo para o desenvolvimento material e político do meu Estado, do que o alemão. Poucos lhe tem prestado mais relevantes e assinalados serviços. E nenhum imigrante de outra nacionalidade, ou seu descendente, tem dado ao Brasil maiores demonstrações de amor à terra."*⁸⁹⁵

Evidentemente, no momento em que publicava esta obra, no ano de 1950, após a campanha nacionalizadora e todos os esforços de governantes, seus representantes e intelectuais, na direção de afirmar as origens lusitanas do brasileiro, o autor não poderia deixar de se referir ao português como "*dono*" e "*principal povoador*" da terra:

*"Excluo, é óbvio, do confronto, o colonizador português, dono que foi e povoador da terra, a quem o Brasil deve, na sua essência, o que é, pois foi a cultura portuguesa que formou e constituirá sempre o 'background', o fundo do nosso padrão cultural."*⁸⁹⁶

Outra obra publicada pela primeira vez em 1955 constituiu-se também numa tentativa de resgatar a importância do trabalho dos alemães no Brasil, num momento em que predominaram esforços de intelectuais em fazer um movimento contrário, ou seja, afirmar permanentemente as origens e contribuições luso-brasileiras, reforçando o uso do português como linguagem oficial. Este trabalho, escrito por Carlos H. Oberacker Jr., procurou demonstrar que os teuto-brasileiros

⁸⁹⁴ Idem. p. 67.

⁸⁹⁵ Idem. p. 73.

tiveram, sim, uma importância significativa quando se tratou de construir a nação brasileira.

Certamente num esforço de penetrar junto aos meios intelectuais brasileiros, este trabalho se caracteriza pela moderação, quando se trata de levantar as contribuições teuto-brasileiras:

*"Com o conceito de 'contribuição' queremos sublinhar que, de modo algum, pretendemos exagerar a cooperação germânica-impressão que, devido ao próprio tema, este trabalho forçosamente tem que transmitir ao leitor - e sim que, muito ao contrário, queremos frisar o fato que consideramos o Brasil fundamentalmente, uma realização do gênio português; outros povos, porém, contribuíram com seu quinhão para a formação da nação brasileira, figurando entre eles os povos de língua alemã. Mas quando aqui se fala da 'contribuição teuta ou germânica', na formação da nação brasileira, também não é para se pensar na influência que tenha exercido a cultura germânica ou a filosofia alemã no desenvolvimento nacional brasileiro, e menos ainda na participação do Reich Alemão ou de algum Estado germânico no desenvolvimento da nação brasileira. O autor pretende precipuamente apreciar a participação de indivíduos alemães na formação do Brasil."*⁸⁹⁷

Ainda com um espírito moderado, o autor buscou usar a palavra „nação,, conceito da moda, para conduzir o resgate do trabalho teuto-brasileiro:

*"O autor, na presente obra, faz a tentativa de evidenciar o trabalho dos teutos no Brasil de um novo ângulo, isto é, do ponto de vista do surgimento da nação brasileira. (...) Realizações alemães de outro molde perderam sua importância no âmbito deste trabalho, pelo motivo de se ajustarem menos intimamente com o desenvolvimento da nação brasileira."*⁸⁹⁸

O "espírito de brasilidade", estimulado até então em contraposição a tudo que era estrangeiro, via-se agora atribuído também aos teuto-brasileiros:

*"Seja o presente livro uma contribuição (...) para remediar o nosso desconhecimento, de quem nada sabe sobre o espírito da brasilidade de nossos concidadãos de origem teuta."*⁸⁹⁹

O momento era de ponderação e de reconhecimento do Brasil enquanto obra dos portugueses. Isto não invalidava, entretanto, a significativa participação dos demais povos. O pressuposto aglutinava, no momento, opiniões de

⁸⁹⁶ Idem.

⁸⁹⁷ OBERACKER Jr., Carlos H. A contribuição teuta à formação da nação brasileira. Rio de Janeiro, Presença, 1985, p. 460.

Op. Cit. p. 35.

⁸⁹⁸ Idem. p. 29.

⁸⁹⁹ Idem. p. 30.

intelectuais de destaque na cultura brasileira, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda que, num esforço universalista e reconhecedor das diferentes contribuições, prefaciaram a obra de Oberacker:

*"O trabalho do Dr. Carlos Henrique Oberacker Jr. mostra que, da parte dos alemães, essas contribuições já são numerosas e significativas. Num ou noutro ponto, talvez resvale o autor - e ele próprio parece concluir sua obra resguardando-se dessa possível parcialidade - num ou noutro exagero apologético. De modo geral, porém, conserva-se esplendidamente fiel ao seu empenho máximo: menos o apologético que o de reabilitação do esforço germânico no desenvolvimento brasileiro. Quer no desenvolvimento pré-nacional, quer no nacional."*⁹⁰⁰

*"Tais fatos parecem dar toda razão ao ponto de vista expresso pelo autor, no pórtico deste livro, onde nota como 'além dos portugueses, outros povos europeus, particularmente alemães, espanhóis, italianos, franceses, ingleses e israelitas, tiveram uma notável participação no desenvolvimento nacional do Brasil'. É precisamente este ponto que historiadores brasileiros deverão ter sempre em mente se quiserem fugir a uma interpretação exclusivista e parcial do nosso passado e também do nosso presente."*⁹⁰¹

Entre os descendentes de alemães, o sentido de nação como o lugar para o qual convergem os resultados do seu trabalho permanece até os dias de hoje, povoando também as histórias relatadas pelos imigrantes publicadas mais recentemente:

*"Tivemos a oportunidade de contribuir à formação da nação brasileira, que parece um sonho longínquo."*⁹⁰²

Quanto às resistências culturais, após os anos 40, reforçadas pela insistência em falar a língua alemã, consta que nas áreas rurais foram mais intensas:

*"Nas bem populosas áreas urbanas, a resistência nacional foi mais fraca do que nas colônias agrícolas fechadas e compactas do interior."*⁹⁰³

A força dessa resistência poderá se explicada em parte pelo espírito de união que caracterizou a cultura alemã no Brasil, conferida pela noção de povo e nacionalidade germânica introjetada no imaginário⁹⁰⁴ dessas populações:

⁹⁰⁰ FREYRE, Gilberto. "Apresentação da 1ª edição em português". In: OBERACKER Jr. Carlos H. Op. Cit. p. 15.

⁹⁰¹ HOLLANDA, Sérgio Buarque. "Apresentação da 1ª Edição em alemão". In: OBERACKER Jr. Carlos H. Op. Cit. p. 22.

⁹⁰² LANG, Guido. Jacob Lang - A história de um imigrante e Pioneiro. Op. Cit. p. 35.

*"As regulações do governo brasileiro não podem destruir a unidade nacional de todos os alemães, ligados pelo sangue comum e cultura comum. O alemão permanece para sempre um alemão no sentido nacional, sem considerar o país para o qual o destino o conduziu ou em qual continente ele nasceu."*⁹⁰³

A campanha nacionalizadora não só proibiu a língua, fechou escolas e interveio nas associações, como também fez uma campanha difamatória dos alemães no Brasil. No que se refere especificamente ao uso da língua, tornaram-se comuns preocupações com a transmissão da língua de forma oral junto aos jovens. Condenava-se as pronúncias errôneas e sintaxe, gramática ou grafia duvidosas.⁹⁰⁶ A instituição escolar do Estado pretendeu substituir o papel da família e da comunidade de descendência estrangeira na aprendizagem da criança e pretendeu, também, ser um elemento de intervenção junto às famílias.⁹⁰⁷

Nas escolas alemães que sobreviveram às proibições estatais, significativas modificações foram introduzidas, conforme depoimento da teuto-brasileira Leda, que frequentou uma escola ligada à comunidade da Igreja Luterana em Panambi, nos anos 40/50. Ali não se falava mais a língua alemã. O nome da escola também refletia a campanha nacionalizadora. O alemão não era mais nem mesmo uma disciplina no currículo dessas escolas. Uma situação bastante artificial, ao que parece, pois os professores, além de não dominarem quase nada as línguas oferecidas como disciplinas nas escolas, como latim, inglês e francês, também tinham um vocabulário português bastante reduzido e um sotaque do português carregado para o lado do alemão:

⁹⁰³ DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 50.

⁹⁰⁴ Estas noções, que circulavam no Brasil na época, provêm de argumentos e raciocínios bastante conhecidos na literatura alemã, que vêm desde a Idade Média. Sofreram algumas mudanças de enfoque, conforme momentos e circunstâncias históricas. Embora incorporando outras temáticas, como o trabalho alemão, insistiam em dois conteúdos: raça e língua. Os germanos seriam uma raça pura, que deu origem a aristocratas e dinastias dos grandes monarcas Europeus. Esta raça teria se fixado no território da Europa, dominando romanos e demais povos, antes mesmo de acontecer o conflito entre as línguas, conhecido como Torre de Babel. Além da raça, a língua teria conservado também sua pureza, transformada no idioma dos heróis. Os demais idiomas, sujeitos a interferências de outras línguas, não eram nada mais do que "*capas de Arlequin*", ou seja, um mosaico, um tecido remendado. POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Op. Cit. p. 88.

⁹⁰⁵ MAACK, Reinhard. "The Germans of South Brazil: A German View". Op. Cit. p.6. APUD DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. Op. Cit. p. 52.

⁹⁰⁶ SALGADO, Álvaro. "Radiodifusão, fator social". Cultura Política. Op. Cit. p.88.

⁹⁰⁷ NOGUEIRA, Rui Alencar. Nacionalização do Vale do Itajaí. Op. Cit. p. 132.

*"Na escola que freqüentei (primário e ginásio), 'Escola Sinodal Tobias Barreto', ligada à comunidade da Igreja Luterana, com vínculo com a Igreja Luterana alemã, não era então sequer ofertada a língua alemã. Estudávamos latim, inglês e francês, com professores que não sabiam quase nada destas línguas. Mas alemão, não."*⁹⁰⁸

A situação das escolas ficou muito diferente do que era anteriormente, como na época em que a mãe de Leda estudou, em que todas as aulas eram ministradas em alemão, sendo o português apenas "uma disciplina do currículo":

*"A minha mãe, nascida em Panambi (então Neu-Würtemberg), tinha mãe nascida na Alemanha (veio para o Brasil com 17 anos) e pai já nascido no Brasil, na região de Santa Cruz (cidade também de colonização alemã). A minha mãe foi alfabetizada em alemão (escola alemã, onde a língua portuguesa apenas era disciplina do currículo)."*⁹⁰⁹

Uma forma de continuar mantendo a tradição do falar, ler e escrever o alemão, a partir do final da década de 40, diante do controle estatal nas escolas, foi o ensino paralelo do alemão, através de professores particulares:

*"Lembro de algumas poucas famílias, muito vinculadas à cultura alemã, que pagavam aulas particulares para os filhos estudarem a língua escrita alemã."*⁹¹⁰

A igreja luterana, conforme o mesmo depoimento, resistindo também às proibições, passou a alternar a língua do culto, algumas vezes proferido em alemão, outras em português, com exceção do culto infantil:

*"O 'culto infantil', que antecedia o culto dos adultos, no entanto, era dado em português"*⁹¹¹

A história da família de Leda confundiu-se com a história da nacionalização. A mãe dela com seus irmãos foram retirados da escola alemã pelo pai e levados ao grupo escolar. Tiveram prejuízos no ano escolar por esta razão. O procedimento do avô de Leda não era comum na cidade. Ele agiu desta forma porque era nacionalista. A maioria dos habitantes de Panambi, entretanto, resistindo às imposições estatais, continuava rejeitando as escolas estaduais:

"O meu avô destoava da maioria dos habitantes da pequena cidade, porque era nacionalista. E quando a minha mãe freqüentava a 3a. ou 4a. série da escola, ele a tirou da escola alemã (a ela e aos outros filhos), e colocou no 'grupo escolar', com os 'brasileiros' ou 'blaque' "

⁹⁰⁸ SCHEIBE, Leda. Depoimento. (já citado)

⁹⁰⁹ Idem.

⁹¹⁰ Idem.

⁹¹¹ Idem.

('azuis'), como eram chamados os poucos brasileiros na cidade. Minha mãe conta que, por causa da língua, ela perdeu um ano de escola, mas a sua passagem para o grupo escolar fez com que aprendesse bem o português."⁹¹²

A família de Leda também destoava do resto da cidade: falava português em casa, enquanto a grande maioria continuava se expressando em língua alemã.

*"(...) na minha casa, na década de 40, falava-se o português como língua 'oficial', o que não acontecia na maioria das famílias panambienses"*⁹¹³

Próximo ao Rio Taquari, no Rio Grande do Sul, na cidade de Teutônia, a situação não foi muito diferente de Panambi após a campanha nacionalizadora. Lá, os dialetos hunsrück e westfaliano eram falados, as rádios continuaram a ser sintonizadas clandestinamente, em encontros "furtivos" falava-se o alemão:

*"Os teutonienses, por falta de opção, continuaram falando os dialetos do hunsrück e westfaliano. Incorriam na transgressão da lei e nos temores de serem presos e humilhados, por não encontrarem outra alternativa. Lideranças comunitárias, na clandestinidade, continuaram sintonizando a Rádio de Berlim, porque queriam ouvir o desenrolar da guerra, escutar os discursos inflamados de Hitler (1889-1945) e Goebbels (1897-1945). Instalaram, para tanto, os aparelhos nos porões e sótãos, deixaram os filhos como guardas. Os anciãos visitavam-se, nos horários dos programas, para sintonizá-los, e envolviam-se em acirradas discussões sobre prováveis vencedores da guerra (Aliados ou Eixo). Colonos encontravam-se em lugares determinados nos matos, nos quais pudessem falar livremente em alemão e tomar conhecimento dos acontecimentos."*⁹¹⁴

Finalmente, Guido Lang, historiador teuto-brasileiro, confirma o que ficou evidente no transcorrer deste trabalho, na caminhada pelos textos tanto de alemães como de teuto-brasileiros: a importância da língua como elo principal para manter uma mentalidade, uma unidade, uma ligação imaginária. Uma situação atual foi, entretanto, colocada em seu estudo: a força dos meios de comunicação de massa e da urbanização para pôr fim àquilo que ainda resistiu às políticas nacionalizadoras.

"Os meios de comunicação, como o rádio e a televisão, realmente conseguem, junto com a migração e urbanização, fazer o que Getúlio não conseguiu: terminar com os dialetos do hunsrück e sapato-de-

⁹¹² Idem.

⁹¹³ Idem.

⁹¹⁴ LANG, Guido. "A nacionalização na colônia Teutônia". In: MÜLLER; Teimo Lauro (org.) Nacionalização e imigração alemã. São Leopoldo, Ed. UNISINOS, 1994. p. 139.

pau, que são os principais esteios da preservação da mentalidade germânica."⁹¹⁵

Poder-se-ia-se acrescentar à intervenção da mídia e dos processos de urbanização uma outra situação, que permitiria o retorno à introdução do presente trabalho: a recente valorização da língua alemã, agora nos parâmetros de uma reinvenção de tradições, ligadas às festas que atraem todos os anos milhares de turistas para as regiões de colonização alemã do sul do Brasil.

⁹¹⁵ Idem.

CONCLUSÃO (ÕES)?

A Voz do Dono e o Dono da Voz

*Até quem sabe a voz do dono
Gostava do dono da voz
Casal igual a nós, de entrega e de abandono
De guerra e paz, contras e prós
Fizeram bodas de acetato - de fato
Assim como os nossos avós
O dono prensa a voz, a voz resulta um prato
Que gira para todos nós
O dono andava com outras doses
A voz era de um dono só
Deus deu ao dono os dentes,
Deus deu ao dono as nozes
Às vozes Deus só deu seu dó
Porém a voz ficou cansada após
Cem anos fazendo a santa
Sonhou se desatar de tantos nós*

*Nas cordas de outra garganta
A louca escorregava nos lençóis
Chegou a sonhar amantes
E, rouca, regalar os seus bemóis
Em troca de alguns brilhantes
Enfim, a voz firmou contrato
E foi morar com novo algoz
Queria-se prensar, queria ser um prato
Girar e se esquecer, veloz
Foi revelada na assembléia - atéia
Aquela situação atroz
A voz foi infiel, trocando de traquéia
E o dono foi perdendo a voz
E o dono foi perdendo a linha - que tinha
E foi perdendo a luz e além
E disse: minha voz, se vós não sereis minha
Vós não sereis de mais ninguém
Chico Buarque **

Esta pesquisa trabalhou com o oral e o escrito. Escritos literários ou escritos do Estado, lendas alemães lidas ou contadas para as crianças, poesias recitadas em eventos cívicos e escolares, peças de teatro encenadas em sociedades culturais-recreativas, em datas comemorativas diversas, para apreender o imaginário teuto-brasileiro. Ou ainda imagens que se confundiram, não sendo possível identificar em quais grupos do sul do Brasil são recorrentes. Perguntou-se no decorrer desta pesquisa, até o transcurso da redação e das conclusões, o que dessas imagens permaneceu e quais delas se perderam no passar dos anos. Impossível responder, como parece impossível avaliar precisamente o que aconteceu com a língua alemã. Foi completamente dominada pelo português? Parece que sim, nas cidades, nas escolas. Mas em certos espaços o Estado Novo não conseguiu adentrar.

"Nossos familiares sempre nos estimularam a preservar a cultura alemã como forma de garantir a comunicação com os avós paternos e amigos que nunca aprenderam a falar o português e também como fator importante para o crescimento pessoal.

*Durante os anos em que meus pais cursavam o 2o. grau, tive como companhia noturna minha avó, que aproveitava estes momentos para me ensinar a ler e escrever em alemão."*⁹¹⁶

* HOLANDA, Chico Buarque. *Almanaque*. (disco) 1982

⁹¹⁶ RAUSCH, Cecília. *Depoimento*. (já citado)

O espaço doméstico, embora adentrado pela vizinhança que denunciou "falares clandestinos" num determinado momento, permaneceu intocado. Ou não? Certos depoimentos de antigas crianças teuto-brasileiras demonstram que elas mesmas controlavam os pais em casa. Não queriam ter "sotaque carregado" nas escolas, queriam ter "vocabulário rico" como as "brasileiras", negando-se taxativamente a conversar com seus pais em alemão, ou no dialeto da "colônia".

Gerli Bönemann, filha de pais de origem alemã e nascida numa colônia alemã próxima a Ajuricaba, ao norte do Rio Grande do Sul, diz que sofreu conseqüências da proibição da língua alemã na infância. Até os sete anos, costumava falar em alemão com a família, no caso um dialeto. Frequentava um culto luterano com a mãe, cujo pastor falava uma "língua oficial", que ela quase não conseguia entender. A partir do momento que foi morar na cidade de Ajuricaba não quis mais falar alemão, pois sentiu discriminações em relação à língua. Não só em relação à língua, mas também à sua origem. Ela não queria ser de origem alemã, em razão das discriminações a que estava sujeita. Lembra das relações com amigos da vizinhança e com colegas na escola, que costumavam chamá-la de "alemoa". Por esta razão, não aceitava mais que sua mãe se dirigisse a ela, em casa, em alemão, porque isto poderia levar a dificuldades futuras. Ela e os irmãos passaram a exigir dos pais que substituíssem a língua falada dentro de casa, para não terem problemas fora. Ao poucos a família abdicou do uso da língua alemã.⁹¹⁷

Mas nem todas as crianças tiveram tais procedimentos. Algumas delas permaneceram fiéis ao "alemão clássico", mesmo tendo que enfrentar as discriminações em volta. *"Os conhecidos dos nossos pais nos admiravam por termos preservado uma cultura que eles não transmitiram para os filhos. Já entre estes filhos, éramos motivo de piada, quer pelas roupas alemãs que trajávamos quer pela língua falada em casa - o que só descobri anos mais tarde"*, Escreveu Cecília Rausch em um depoimento escrito.⁹¹⁸

Em alguns espaços, de âmbito restrito, permaneceu a fala, a oralidade, o falar alemão ou o dialeto; em outros, também restritos, os documentos escritos, os

⁹¹⁷ BÖNEMANN, Gerli. *Entrevista*. Florianópolis, 23. 03. 1998.

textos, os relatórios, os jornais. Algumas tradições foram retomadas mais tarde, outras se perderam e delas não constam registros. Os arquivos de Blumenau, Joinville, São Leopoldo juntaram os fragmentos de uma cultura que quase se perdeu, mas que permaneceu forte na memória, nas lembranças dos que ficaram. Alguns registros foram eliminados, outros reunidos no que ficou...

Além de verificar a afirmação e eficácia da fala, da palavra, da oralidade permanecendo mesmo após o Estado Novo, e sendo retomada mais tarde em outras dimensões, além de trilhar os caminhos do texto evocando a memória, as imagens e as tradições, este texto, como tese de doutorado teve outras preocupações.

Como tese, este trabalho teve que propor algo novo, diferente do que já se havia feito na temática, teve que elaborar alguns pressupostos, adotar um enfoque teórico, uma metodologia, formular algumas hipóteses e fazer uma discussão bibliográfica.

Neste sentido é que se buscou fugir da explicação tr para os conflitos, nos anos 30/40, que envolveram descendentes de imigrantes no sul do Brasil. Os pressupostos, ou negação de pressupostos, partiram do princípio de que não foram conflitos entre oligarquias, embora possam ter se manifestado desta forma em certos momentos, assim como a disputa entre os Ramos do planalto e os Konder do vale do Itajaí, em Santa Catarina. As principais questões não estiveram vinculadas a uma luta político-partidária, como alguns trabalhos pretendem afirmar quando discutem a questão nos parâmetros da "Revolução de 30 em Santa Catarina", ou no âmbito de uma disputa entre Partido Integralista versus Liberais.

Também não seria uma briga entre brasileiros e estrangeiros, entendendo-se os estrangeiros enquanto os descendentes de alemães, italianos, poloneses e ucranianos, e os brasileiros como luso-brasileiros. As explicações certamente não serão encontradas somente nas questões relacionadas a fascismo, nazismo ou integralismo. Embora estivessem presentes tais tendências, outras facções políticas ou tendências político-ideológicas também se fizeram representar.

⁹¹⁸ RAUSCH, Cecília. Depoimento. (já citado)

Ainda uma outra interferência foi detectada. Na população do sul, está difundida a vinculação do problema à guerra, ou seja, à Segunda Guerra Mundial. Popularmente, a proibição do falar alemão é relacionado a guerra. Entretanto, aqui, a explicação para os confrontos não foi buscada nas relações internacionais, ou mais propriamente nas relações entre Brasil e Alemanha. Certamente, há que se reconhecer que o "perigo alemão" foi propagandeado sistematicamente pelos Estados Unidos, aproveitando o espaço aberto pela guerra, reforçado pelos aliados, conforme os jornais alemães denunciavam.

Ainda relacionado à guerra, foi interessante para este trabalho ver até que ponto os projetos nacionalistas se assemelharam, se distanciaram ou divergiram entre si. Ver como o governo Vargas foi, pouco a pouco, colocando em prática aquilo que os alemães, através dos seus consulados no sul do Brasil, já faziam há muito tempo: a obtenção de relatórios completos, detalhados, da vida das cidades e das populações do sul. Neste sentido, foram publicados textos do Estado que buscavam agora ter informações completas sobre vastas regiões do território do sul. Interessante também é a observação dos métodos do militarismo. Os métodos dos alemães e do governo Getúlio eram semelhantes. Era a "militarização da sociedade" ou a "corporativização do social", conforme falou Alcir Lenharo⁹¹⁹.

Os trabalhos sobre o tema hoje estão polarizados. Por um lado ressaltam a importância da "nacionalização do ensino"⁹²⁰, e embora reconheçam que houve

⁹¹⁹ LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Op. Cit.

⁹²⁰ Como exemplo desta tendência estão dois trabalhos sobre Santa Catarina. O primeiro, publicado em 1984, fala conclusivamente que a "atenção das autoridades federais" para a nacionalização "trouxe um saldo positivo": *"Em conclusão, é válido se afirmar que a atenção dedicada pelas autoridades federais e estaduais ao processo de nacionalização nos anos de 1938 e 1939, sem dúvida trouxe um saldo positivo. Multiplicaram-se as escolas públicas nas áreas de colonização estrangeira do Estado e melhorou-se a qualidade do ensino. Mas, se resultados positivos foram alcançados, de modo algum se quer afirmar que a nacionalização através de ensino se transformou em um processo acabado"*. MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do ensino; uma contribuição à História da Educação. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1984. p. 106. O outro livro, publicado em 1981 pela Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina, avalia que a política de nacionalização atingiu seus objetivos, fazendo suas as palavras do professor norte-americano Robert King Hall, que afirmava que o "problema da assimilação" havia sido resolvido e que acontecera a transformação da área num "típico Estado Brasileiro": *"A política de nacionalização desse período conseguiu, efetivamente, atingir seus objetivos. O professor norte-americano Robert King Hall, da Columbia University, no ano de 1941, visitou as zonas coloniais de Santa Catarina. Alguns anos depois fez o mesmo percurso, e suas impressões registram a mudança ocorrida no panorama social."* FIORI, Neide Almeida. Aspectos da evolução do ensino público; ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano. Florianópolis, Secretaria de Educação/Ed. da UFSC, 1991. p. 141-142.

problemas localizados, abusos e "mesquinharias"⁹²¹ por parte de alguns nacionalizadores, tudo se justificaria diante de um interesse maior⁹²². Do outro lado estão trabalhos que falam em "injustiça"⁹²³ com os teuto-brasileiros, e os que se propõem a deixar os teuto-brasileiros falarem, fazendo um estudo na "perspectiva dos que pagaram a conta"⁹²⁴. Aqui também está todo um esforço teórico na abordagem dos "aspectos políticos da colonização alemã no sul do Brasil"⁹²⁵ para diferenciar integralismo de nazismo e germanismo⁹²⁶. Conforme o autor de um trabalho analisado, esta diferenciação, se tivesse sido feita pelas autoridades, "teria evitado muitos dos erros cometidos pela 'nacionalização'". Poderiam ter sido, por exemplo, tomadas medidas contra os integralistas (os *Parteigenossen*), em vez de contra os teuto-brasileiros"⁹²⁷.

Do lado do Estado ou do lado dos teuto-brasileiros?

⁹²¹ "Vivia-se numa época de forte controle político e social e a mesquinharia de alguns facilmente levantava acusações falsas, visando pessoas que se oporiam ao processo de nacionalização levado a efeito pela escola" FIORI, Neide Almeida. Aspectos da evolução do ensino público; ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano. Op. Cit. p. 140.

⁹²² Neste sentido fala-se do "testemunho justo e objetivo das autoridades educacionais": "neste momento melindroso, era deveras importante o testemunho justo e objetivo das autoridades educacionais, impedindo que pessoas acusadas injustamente acabassem ficando sob vigilância da polícia" FIORI, Neide Almeida. Aspectos da evolução do ensino público; ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano. Op. Cit. p. 140.

⁹²³ "Os objetivos de Getúlio Vargas (...) constituíram-se, na realidade, numa tremenda injustiça com os pacatos moradores, que, na prática, estiveram preocupados sempre mais com suas atividades agrícolas e criatórias." LANG, Guido. "A nacionalização na colônia Teutônia". In: MÜLLER; Telmo Lauro (org.) Nacionalização e imigração alemã. Op. Cit. p. 139.

⁹²⁴ "Resta um caminho de abordagem. É o que pretendo seguir. Podemos estudar o tema desde a perspectiva dos que pagaram a conta, desde o povo das comunidades evangélico-luteranas. Podemos sentir o povo desde os livros de ocorrência das delegacias de polícia. (...) Podemos também estudar a temática a partir de entrevistas com o povo, com idosos e idosas, pessoas que tremem ao ter que contar de suas experiências. Tenho entrevistado pessoas que viveram o período. Gostaria de apresentar alguns relatos. Tomei como base a pergunta: o que aconteceu em 1942?" DREHER, Martin. "O Estado Novo e a Igreja Evangélica Luterana". In: MÜLLER; Telmo Lauro (org.) Nacionalização e imigração alemã. São Leopoldo, Op. Cit. p. 89.

⁹²⁵ GERTZ, René E. "O integralismo na zona colonial alemã". In: DACANAL, José Hildebrando Dacanal (org.) RS: imigração & colonização. Op. Cit. p. 232.

⁹²⁶ "Quanto ao integralismo, pode-se afirmar com certeza que ele não se explica como decorrência natural do germanismo nem do nazismo". GERTZ, René E. "O integralismo na zona colonial alemã". In: DACANAL, José Hildebrando Dacanal (org.) RS: imigração & colonização. Op. Cit. p. 232.

⁹²⁷ GERTZ, René E. "O integralismo na zona colonial alemã". In: DACANAL, José Hildebrando Dacanal (org.) RS: imigração & colonização. Op. Cit. p. 233. Com uma abordagem semelhante estão outros trabalhos do mesmo autor:

GERTZ, René. O fascismo no sul do Brasil. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

"Cidadania e nacionalidade; história e conceitos de uma época" In: MÜLLER; Telmo Lauro (org.) Nacionalização e imigração alemã. Op. Cit. p. 13-26.

O presente trabalho se insere num projeto que pretendeu explorar um pouco os caminhos da história cultural⁹²⁸. Hoje já está se firmando, conforme a introdução, uma tendência neste sentido, na historiografia sul-brasileira. O objetivo aqui perseguido foi o de perceber como um projeto nacional buscou a homogeneidade, a padronização de comportamentos e condutas, e para isto teve que enfrentar as diferenças, a heterogeneidade do sul, as minorias culturais. Buscou-se apreender de que forma a linguagem se tornou estratégica para o projeto nacionalizador de Vargas, como se tornou uma questão de Estado.

A inspiração teórica veio das leituras de Roger Chartier, nos parâmetros dos escritos do Estado e dos textos deixados pelas populações imigrantes. A história da leitura⁹²⁹ também inspirou a pesquisa, sobretudo na tentativa de ver um pouco o que liam, apreender as leituras dos imigrantes e seus descendentes, para traçar os parâmetros de um quadro de imagens da memória cultural. Nesse momento a pesquisa caminhou na direção do imaginário, inicialmente considerando a influência romântica nos textos e, num segundo momento, a interferência nazista.

A inspiração não veio só da França, de Chartier, mas também um pouco da História Social da Linguagem, de Peter Burke, sobretudo porque se pretende seguir este caminho nas próximas pesquisas.

Nos textos, procurou-se ver as formas de resistência e adesão, ver até que ponto a população confrontou com o Estado e quando foi complacente com a situação.

Finalmente, através de rápidos depoimentos dados por descendentes de alemães, foram resgatadas experiências positivas ou negativas com a língua, durante e após o Estado Novo, as rejeições enfrentadas com o falar alemão, com o sotaque carregado, as formas de driblar autoridades e o controle da comunidade, para continuar falando aquilo que estava proibido. As experiências são as mais diversas, divergentes entre si: *"o alemão clássico foi a minha*

⁹²⁸ CHARTIER, Roger. A História Cultural, entre práticas e representações. Op. Cit.

⁹²⁹ CHARTIER, Roger. Culture écrite et société: l'ordre des livres (XIVe - XVIIe siècle). Paris, Albin Michel, 1996.

_____. Lectures et lecteurs dans la France d'ancien régime. Paris, Seuil, 1987.

_____. A ordem dos livros. Brasília, Ed. da UnB, 1994.

primeira língua. O português aprendi no colégio", falou Cecília Rausch, orgulhosa da sua formação:

"O que mais admiro na educação que recebi é essa visão da necessidade de preservar a cultura, de transmiti-la aos descendentes, de investir no intercâmbio e revitalizar as tradições que foram sendo esquecidas.

*Hoje só tenho a agradecer a possibilidade de me comunicar com as gerações anteriores; de ter estudado alemão na faculdade e não ter encontrado dificuldades; de ter sido educada de forma a não trazer em mim a vergonha, o medo de falar com sotaque (apesar de minha mãe tê-lo) e o desconhecimento da importância de uma cultura que fez com que muitos a renegassem."*⁹³⁰

Leda Scheibe, também de família de origem alemã, nascida durante o Estado Novo numa pequena cidade do Rio Grande do Sul, onde a população falava predominantemente o alemão, conta como, mesmo falando português em casa, não pôde deixar de aprender alemão fora de casa, mesmo "sem querer". Várias situações que enfrentou na infância e adolescência a colocaram em contato com essa língua: na escola, os professores carregavam no sotaque; na igreja que freqüentava, vários cultos eram em alemão; o falar cotidiano da avó e da vizinha a levaram a treinar o ouvido; o açougueiro perguntava a ela sempre em alemão; a mãe conversava com as amigas em alemão. Aprendeu também com a música folclórica e com os corais que ouvia. Ela só percebeu sua diferença em relação aos "brasileiros" quando saiu da cidade dos teuto-brasileiros e foi estudar em Cruz Alta e depois em Porto Alegre. No contraste com os demais, evidenciou-se sua formação teuto-brasileira.

"(...) nossos professores, na maioria, tinham um sotaque carregado no português, e vocabulário restrito.

Na Igreja, que freqüentávamos todos os domingos, havia sempre, pelo menos em dois domingos do mês, culto em alemão.

(...) Nós não queríamos saber de aprender alemão, embora todos os adultos falassem alemão; eu por exemplo, aprendi 'na rua', ouvindo, tendo que falar um pouco...por causa da vó, da vizinha etc. Por exemplo: no açougueiro, quando eu ia comprar carne, ele me perguntava em alemão o que eu desejava. Eu até podia responder em português. Ele reconfirmava o que eu pedira em alemão, mas sem problema.

(...) As amigas da minha mãe, na rodinha diária do 'chimarrão', falavam em alemão. Então a gente tinha que se ligar na língua alemã para poder entender um pouco da conversa delas, e foi assim que eu, embora não tenha aprendido alemão como língua materna, fui me

. *Pratiques de la lecture*. Op. Cit.

⁹³⁰ RAUSCH, Cecília. *Depoimento*. (já citado)

familiarizando com esta língua, entendendo o principal, o corriqueiro, e mesmo falando sempre que necessário.

(...)

Quando saí de Panambi, para estudar, primeiro em Cruz Alta, cidade de "brasileiros", e depois, em Porto Alegre, capital do Estado, senti que era um "pouco diferente", em termos culturais, dos meus colegas de aula: tinha um vocabulário português mais limitado, um leve acento germânico na pronúncia, e principalmente, não tinha o ouvido acostumado à música brasileira, por exemplo, ao samba."⁹³¹

⁹³¹ SCHEIBE, Leda. Depoimento. (já citado)

ANEXO

(continuação da lenda de Henrique , o leão, iniciada na página 275)

Reuniu condes e cavaleiros para uma viagem pelo mar. O barco ficou andando em volta das ondas até que a comida chegou ao fim. Com o desespero dos seus homens, o duque sugeriu que eles mesmos decidissem o seu destino: escrevessem os nomes com sangue, colocassem em um capacete, e sorteiassem quem seria sacrificado para alimentar os demais.

Apesar do horror dos homens, não se tinha alternativa melhor. Os jovens heróis foram sacrificados sem se queixar, um a um, até restar somente o duque e um menino. Sem saída, Henrique se preparou para ser sacrificado pelo menino. Mas este se negou a derramar o sangue do senhor, propôs costurar um couro de boi em volta do duque, para um pássaro o agarrar e o levar. O menino não se importava de morrer.

Como o menino previu, aconteceu. Um pássaro levou o duque com sua garra para uma praia distante, para o ninho de seu filhote. O duque esperou o pássaro voar, cortou o couro de boi, matou o filhote com a espada e saiu do ninho para a planície. Caminhou um longo tempo até chegar a uma floresta virgem. Ouvindo um terrível uivo, seguiu o som. Viu um leão sucumbindo numa violenta luta travada com um dragão monstruoso. Compadecendo-se do nobre animal, cravou sua afiada espada fortemente no dragão. O monstro, enfurecido, escancarou sua horrível bocarra, contra o agressor, para devorá-lo. O duque não ficou intimidado e o leão ganhou nova coragem. Lutaram até a destruição do monstro, que morreu enfurecido.

Ao invés de agradecer, o leão pôs-se a seguir os passos de Henrique por toda a parte, já que o duque se tornara seu salvador. Caminharam longo tempo até chegar a um rio. O duque pensou em construir uma jangada com tábuas da selva para chegar onde, talvez, pudesse encontrar gente. Subiu na jangada e expulsou o leão, pois não teria comida para ambos. O leão, entretanto, pulou para dentro da jangada quando esta já se encontrava navegando. Henrique foi obrigado a levá-lo junto. Desceram o rio até encontrar o mar aberto. O mesmo de antes aconteceu: não havia mais comida e nem terra à vista. O duque, tristemente, se preparou para o fim.

O diabo veio então tentá-lo: se o duque lhe promettesse sua alma, ele o levaria de volta a Braunschweig. O duque respondeu que sua alma já pertencia a Deus, que lhe dera a glória eterna. O diabo então lhe contou que sua mulher, tomando-o por morto, ia

casar-se no dia seguinte com outro homem, que seria seu sucessor. O duque suspirou profundamente, e o leão rugiu lastimosamente, como se tivesse entendido.

O diabo repetiu a proposta, e Henrique novamente negou sua alma. Mas o diabo negociou: leva-lo-ia para as montanhas próximas a Braunschweig, e retornaria para buscar o leão; caso o encontrasse acordado na volta, estaria em liberdade, se dormisse, pertenceria ao demônio. Convencido a se aventurar, por saudades da esposa, o duque foi levado pelo demônio. Mas o passeio esgotou Henrique, que foi dominado pelo sono. Entretanto o leão, quando ainda se encontrava nas garras do diabo, viu Henrique dormindo e julgou-o morto. Solto um terrível urro que acordou o duque. Este se levantou rapidamente. O diabo, perdendo a aposta, atirou o leão para baixo e saiu furioso.

Depois de agradecer a Deus por ter salvado sua alma, Henrique tomou o caminho de Braunschweig, escoltado pelo leão. Observou de longe uma grande agitação na cidade. Sem se deter, marchou para o castelo. Ninguém o reconheceu e o olharam-no com desconfiança. Tentaram lhe impedir-lhe a entrada. Ele se informou sobre o que acontecia, e um criado lhe disse ser o dia do casamento da Senhora do Reino com um príncipe, após sete anos de luto de seu primeiro esposo.

Ao guarda da porta ele pediu para tomar vinho no cálice da Senhora. O criado recusou, mas, com a insistência, foi pedir à duquesa. Ela riu e achou esquisito, mas acabou consentindo desde que o estrangeiro bebesse pela saúde dela. Henrique tomou o vinho num só gole e deixou dentro a metade do seu anel, pois a outra metade ele havia deixado com ela, na despedida. Mandou o servo agradecer à Senhora, levando o cálice de volta. A duquesa viu algo dentro do cálice e, surpresa, retirou a metade do anel para fora. Nele estavam gravados o nome do duque e o brasão. Correu para o seu quarto onde estava a outra metade do anel e viu que se adaptavam uma à outra.

A duquesa chamou a camareira e perguntou pelo estrangeiro com um leão. A camareira informou que ele estava embaixo, fora do castelo. Pelas ameias, a duquesa viu o homem sentado à porta. Chamou o conselheiro e participou o fato: seu esposo havia lhe deixado, na partida, a metade do anel. Se ele não chegasse em sete anos, com a outra metade, ela poderia se casar novamente. E agora um estrangeiro lhe aparecera com a metade que faltava.

O conselheiro desceu para perguntar a Henrique de onde ele trouxera a metade do anel. O duque falou que lhe pertencia e que a duquesa poderia reconhecê-la. Quando o conselheiro retornou para a duquesa, a verdade já estava clara: o estrangeiro era seu

marido. A senhora atirou-se pela escada, lançando-se aos pés do homem, perguntando se ele seria mesmo seu esposo. Ele a beijou e confirmou. Disse-lhe que era Henrique e que a havia deixado por sete anos, como também se afastara de sua terra, Braunschweig.

Todos os amigos lhe deram boas vindas e os conselheiros o homenagearam. O duque foi acompanhado por sua esposa e nobres até a mesa, onde foram servidas as mais ricas iguarias. O leão os seguiu e sentou-se aos pés do duque. Todos ficaram felizes, mas havia um problema: não haveria mais noiva para o príncipe estrangeiro. O conselheiro estava preocupado em saber como iria indenizar esta perda. Um dos presentes lembrou-se que havia ali no pátio do castelo uma nobre senhorita descendente dos francos, muito bonita, uma beleza rara de contemplar. Perguntaram a Henrique o que achava de dá-la em casamento ao príncipe. O duque sorriu e concordou.

O noivo enganado também consentiu, porque considerou vergonhoso voltar para casa sem mulher. Com o consentimento da nobre senhorita, o casamento foi preparado com muita pompa e festejado com um torneio. O duque regeu por longo tempo a terra de Braunschweig, e foi livrado, pelos céus, de enfrentar novos perigos. Quando morreu, o fiel leão se deitou em sua sepultura, ficando lá deitado, até morrer também. Ainda hoje se vê o túmulo do duque na cidade de Braunschweig, com o leão em cima de uma coluna.⁹³²

⁹³² KIESLICH, Sabine. Das grosse Hausbuch der Sagen; von Helden, Rittern und Göttern. Niedernhausen, Bassermann, 1996. p. 51- 57.

BIBLIOGRAFIA

- ANSART, Pierre. Les cliniciens des passions politiques. Paris, Seuil, 1997.
- _____. Les ideologies politiques. France, Presse Universitaire, 1974.
- _____. "Das Identidades de ofício à identidade de classe, um devir paradoxal? (1820-1848)". Colóquio: Sentimento(s) e identidade(s); paradoxos do político. Campinas, UNICAMP, 1995. (Tradução: Jacy Alves de Seixas)
- ARAÚJO, Hermetes Reis de. Integralismo, nacionalismo, identidade cultural; o mito da brasilidade em Santa Catarina. (Mimeo)
- _____. A invenção do litoral; reformas urbanas e reajustamento social na Primeira República. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1989. (Dissertação de Mestrado em História).
- ARENDT, Hannah. A Condição Humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1989.
- _____. Origens do totalitarismo. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- _____. Rahel Varnhagen, a vida de uma judia alemã na época do romantismo. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- BACZKO, Bronislaw. "Imaginário social". ENCICLOPÉDIA EINAUDI, v. 5. Lisboa, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento; o contexto de François Rabelais. São Paulo, Hucitec/Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- _____. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec, 1981.
- BÄRNERT-FÜRST, Ute. Manutenção e mudanças lingüísticas no Município de Panambi; um estudo qualitativo e quantitativo. Campinas, UNICAMP, 1989. (Dissertação de Mestrado em Lingüística)
- BARRETO, Maria Therezinha Sobierajski. Os poloneses do alto vale do Rio Tijucas. Florianópolis, UFSC, 1979. (Dissertação de Mestrado em História)
- BARTHES, Roland. Aula. São Paulo, Cultrix, 1978.

- _____. Mitologias. Lisboa, Edições 70, 1988.
- BASTOS, Rafael José de Menezes (org.). Dioniso em Santa Catarina; ensaios sobre a farra do boi. Florianópolis, Ed. da UFSC/FCC Edições, 1993.
- BATTISTEL, Arlindo I. & COSTA, Rovílio. Assim vivem os italianos; vida, história, cantos, comidas e estórias, v.1. Porto Alegre, EST/EDUCS, 1982.
- BENJAMIN, Walter. O conceito de crítica de arte no romantismo alemão. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- BOSO, Ivete Marli. Entre o passado e o futuro; bilingüismo em uma comunidade trentino-brasileira. Florianópolis, UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado em História)
- BOURDIER, Pierre. O poder simbólico. Lisboa, Difel / Rio de Janeiro, Bertrand. 1989.
- BRESCIANI, Maria Stella M. "O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna, cientista social". In: SILVA, Sérgio & Szmrecsányi (org.) História econômica da Primeira República. São Paulo, ABPHE/HUCITEC/FAPESP, 1996.
- _____. O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna, cientista social. UNICAMP, (Mimeo).
- _____. (org.). Jogos da política; imagens, representações e práticas. São Paulo, ANPUH / Marco Zero-FAPESP.
- _____. Liberalismo: ideologia e controle social; um estudo sobre São Paulo de 1850 a 1910. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1976. (Tese de Doutorado em História).
- _____. "Metrópolis: as Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX)". Revista Brasileira de História, v. 5, n.8/9. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1985.
- _____. Race et solidarité: un regard introspectif sur le sentiment d'identité nationale. Campinas, UNICAMP. (Mimeo)
- BRUHNS, Katianne. Espaços de sociabilidade e o idioma; a campanha de nacionalização em Joinville. Florianópolis, UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado em História)
- BURKE, Peter. A arte da conversação. São Paulo, UNESP, 1995.

- _____. A escrita da história; novas perspectivas. São Paulo, Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- _____. "Enredos da história". In: Jornal de Resenhas. Folha de São Paulo / Discurso Editorial / USP. 03.07.1995.
- _____. & PORTER, Roy. Linguagem, indivíduo e sociedade. São Paulo, UNESP, 1993.
- _____. The Social History of Language. Cambridge, Cambridge University Press, 1987.
- CADERNOS DE CULTURA E EDUCAÇÃO 03. "Roteiro das manifestações culturais do município de Florianópolis". Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 1995.
- CAMPOS, Cynthia Machado. Controle e normatização de condutas em Santa Catarina. São Paulo, PUC, 1992. (Dissertação de Mestrado em História)
- CANCELI, Elizabeth. O mundo da violência; a polícia da era Vargas. Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1994.
- CARDOSO, Maria Zilene. Gaspar, século XIX; as dificuldades para o seu povoamento inicial e a desmistificação de uma dependência. Florianópolis, UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado em História)
- CARUSO, Raimundo. Franklin Cascaes; vida e arte e a colonização açoriana. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1981.
- CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas; o imaginário da república do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- CASCAES, Franklin. O fantástico na ilha de Santa Catarina. v. 1- 2, Florianópolis, Ed. da UFSC, 1983/1992.
- CASTORIADIS, Cornélius. A criação histórica. Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1992.
- _____. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- CERTEAU, Michel de & JULIA, Dominique & REVEL, Jacques. Une Politique de la Langue, la révolution française et les patois: l'enquete de Gregoire. France, Gallimard, 1975.
- CHARTIER, Roger. Culture écrite et société; l'ordre des livres (XIVe - XVIIe siècle). Paris, Albin Michel, 1996.

- _____. A História Cultural, entre práticas e representações. Lisboa, Difel / Rio de Janeiro, Bertrand, 1990.
- _____. Lectures et lecteurs dans la France d'ancien régime. Paris, Seuil, 1987.
- _____. A liberdade já era um sonho. In: ISTO É / SENHOR. A revolução francesa (1789-1989). São Paulo, 1989. p.60. (suplemento)
- _____. Pratiques de la lecture. Paris, Éditions Payot & Rivages, 1993.
- _____. A ordem dos livros. Brasília, Ed. da UnB, 1994.
- CHOMSKY, Noam. Diálogos com Mitsou Ronat. São Paulo, Cultrix, 1977.
- CORRÊA, Carlos Humberto et alii. Nereu Ramos 1888-1958; biografia. Florianópolis, FCC Edições/Associação Portobello de Cultura, 1988. p. 94.
- COSTA, Rovílio. Antropologia visual da imigração italiana. Porto Alegre/Caxias do Sul, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes / Universidade de Caxias do Sul, 1976.
- COSTA, Rovílio & BATTISTEL, Arlindo I. Assim vivem os italianos; religião, música, trabalho e lazer, v. 2, Porto Alegre, EST/EDUCS, 1983.
- DACANAL, José Hildebrando (org.) RS: imigração & colonização. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1996.
- DALBEY, Richard O. The german private schools of southern Brazil during the Vargas years, 1930-1945: german nationalism vs. brazilian nationalization. USA, Indiana University, 1969. (Tese de Doutorado em Educação).
- DALLABRIDA, Norberto. À sombra do campanário; o catolicismo romanizado na área de colonização italiana do médio vale do Itajaí-Açu (1892-1918). Florianópolis, UFSC, 1993.
- DECCA, Edgar S. de. O silêncio dos vencidos. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- DIRKSEN, Valberto. "As colônias alemãs no Brasil". Revista Catarinense de História, n.2. Florianópolis, Departamento de História da UFSC/ Ed. Terceiro Milênio, 1994.
- DUTRA, Eliana. O ardil totalitário; imaginário político no Brasil dos anos 30. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Ed. UFRJ/Ed. UFMG. 1997.
- EDELMAN, Murray. Pièces et Règles du jeu politique. Paris, Seuil, 1991.

- ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo, Perspectiva, 1991.
- ELIA, Sílvio. "Romantismo" In: _____. Língua e literatura. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971. p. 85.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador; uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.
- ESBOÇOS. Revista do Curso de Pós-Graduação em História, Florianópolis, UFSC
- ESPADA, Heloisa. Na cauda do boitatá; um estudo do processo de criação dos desenhos de Franklin Cascaes. Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 1996.
- FIORI, Neide Almeida. Aspectos da evolução do ensino público; ensino público e política de assimilação cultural no Estado de Santa Catarina nos períodos Imperial e Republicano, Florianópolis, Secretaria de Educação/Ed. da UFSC, 1991.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. Canção dos Imigrantes. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Universidade de Caxias do Sul, 1983.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. Oktoberfest; turismo, festa e cultura na estação do chopp. Florianópolis, Letras Contemporâneas, 1997.
- _____. Teatros da vida, cenário da História, a farra do boi e outras festas na Ilha de Santa Catarina. São Paulo, PUC, 1991. (Tese de Doutorado em História)
- _____. A farra do boi; palavras, sentidos, ficções. Florianópolis, Editora da UFSC, 1997.
- FONSECA, Ana Maria Medeiros. Das raças à família; um debate sobre a construção da nação. Campinas, UNICAMP, 1992. (Dissertação de Mestrado em História)
- FOUCAULT, Michel. El orden del discurso. Barcelona, Tusquets Editores, 1987.
- _____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- FROTSCHER, Méri. Etnicidade e trabalho alemão; outros usos e outros produtos do labor humano. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História).
- GERTZ, René. O fascismo no sul do Brasil. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.

- GIRARDET, Raoul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- GUATTARI, Felix. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- GUILHAUMON, Jacques. La langue politique et la Revolution Française. Paris, Méridiens Klincksieck, 1989.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. "Introdução à História da Filosofia". In: ABRIL CULTURAL. Os Pensadores. v. 30. São Paulo, Victor Civita, 1974.
- HEISE, Eloá & RÖHL, Ruth. História da literatura alemã. São Paulo, Ática, 1986.
- HERDER, Johann. Traité sur l'orige de la langue. Paris, Aubier-Montaigne, 1977.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. L. von Ranke: história. São Paulo, Ática, 1979.
- HÖLDERLIN, Friedrich. Hymnes, Élegies et autres Poèmes. Paris, Flammarion, 1983.
- HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- IANNI, Octávio. Do polonês ao polaco. Revista do Museu Paulista, N.S., v. 12, 1960.
- JONES, Gareth Stedman. Lenguajes de clase; estudios sobre la história de la classe obrera inglesa (1830-1982). Madrid, Siglo Veintiuno, 1989.
- JORNAL DIÁRIO CATARINENSE.
- KANT, Immanuel. "Crítica do juízo". In: ABRIL CULTURAL. Os pensadores. v. 25. São Paulo, Abril, 1974.
- KIESLICH, Sabine. Das grosse Hausbuch der Sagen; von Helden, Rittern und Göttern. Niedernhausen, Bassermann, 1996.
- KLUG, João. Consciência germânica e luteranismo na comunidade alemã de Florianópolis (1868-1938). Florianópolis, UFSC, 1991. (Dissertação de Mestrado em História)
- _____. Imigração e luteranismo em Santa Catarina. Florianópolis, Papalivro Editora, 1994.

- _____. "O texto de história nas escolas teuto-catarinenses: dois casos de uma "historiografia doméstica". Revista Catarinense de História, v.5, Florianópolis, Departamento de História da UFSC/ Ed. Insular, 1998.
- LACERDA, Eugênio et al. Farra do boi; introdução ao debate. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1990.
- LEFORT, Claude. A invenção democrática; os limites do totalitarismo. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- _____. As formas da história. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. História; novos objetos. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.
- LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Campinas, Papirus/Editora da UNICAMP, 1986.
- LENZI, Z. M. & SALVADOR, N. T. M. & KONDER, V. M. O Kerb em Santa Catarina. Florianópolis, Editora da UFSC/ Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis, Vozes / São Paulo, Editora da USP, 1976.
- _____. "A noção de estrutura em etnologia". In: ABRIL CULTURAL. Os Pensadores. v. 50. São Paulo, Victor Civita, 1976.
- LOLLA, Beatriz Pelizzetti. Memórias de um italiano na Revolução de Trinta em Santa Catarina. Blumenau, Ed. da FURB, 1997.
- LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. Révolte et mélancolie; le romantisme à contre-courant de la modernité. Paris, Payot, 1992.
- MACHADO, Ana Bela & LENZI, Rogério. "Entrevista à Maria Bernardete Ramos Flores". JORNAL PAPA-SIRI n. 9. Itajaí, setembro de 1997.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brephol. Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil. Campinas, UNICAMP. 1993. (Tese de Doutorado em História).
- _____. "A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil ". Revista Brasileira de História. v. 17. São Paulo, ANPUH/Humanitas Publicações.

- _____. A reunificação: enfim, um país para a Alemanha?. Revista Brasileira de História: espaço plural. São Paulo, ANPUH / Marco Zero, v. 14, n° 28, 1994.
- _____. Sentimento e perda de identidade; o pequeno-burguês nazificado. (Mimeo).
- MARSON, Adalberto. "Lugar e identidade na historiografia de movimentos sociais". In: BRESCIANI, Maria Stella (org.). Jogos da política: imagens, representações e práticas. São Paulo, ANPUH / Marco Zero-FAPESP.
- MARTINS, Valmir & MACHADO, Mauro José. "Notas para o estudo da farra do boi". Revista Catarinense de História, Florianópolis, ANPUH-SC, n.1 mai. 1990.
- MAYFIELD, David & THORNE, Susan. Social history and its discontents: Gareth Stedman Jones and the politics of language, Social History, 17 (2), maio 1992.
- MAZURANA, Valdemar. Miragens e fantasmas do imigrante italiano do sul de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, 1987. (Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira)
- MEIRINHO, Jali. "Historiografia e história das migrações açorianas". In: ANAIS DA 2a. SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1989.
- DAS MODERNE UNIVERSAL LEXIKON. Köln, Naumann & Göbel Verlag.
- MOEHLECKE, Germano Oscar. São Leopoldo era assim: o passado pela imagem. São Leopoldo, Museu Histórico Visconde de São Leopoldo / Instituto Histórico de São Leopoldo, 1982.
- MONTEIRO, Jaecyr. Nacionalização do ensino; uma contribuição à História da Educação. Florianópolis, Ed. da UFSC, 1984.
- MÜLLER, Telmo. Colônia alemã; imagens do passado. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1981.
- _____. História da imigração alemã para crianças. Porto Alegre, Correio Rio Grandense, 1996.
- _____. (org.). Nacionalização e imigração alemã. São Leopoldo, Ed. UNISINOS, 1994.
- _____. Sociedade Ginástica; cem anos de história. São Leopoldo, Rotermund S.A., 1986.

- MUSSE, Ricardo. "A vida imaginária da judia Rahel; Arendt reflete sobre o iluminismo alemão em uma biografia 'incomum' ". In: FOLHA DE SÃO PAULO, 19. 06. 1994. p. 6-10.
- NAXARA, Márcia Regina Capelari. Estrangeiro em sua própria terra: representações do trabalhador nacional 1870 / 1920. Campinas, UNICAMP, 1991. (Dissertação de Mestrado em História)
- NOVALIS. Oeuvres complètes; I Romans- Poésies Essais, Paris, Gallimard, 1975.
- OBERACKER Jr, Carlos H. A contribuição teuta à formação da nação brasileira. Rio de Janeiro, Presença, 1985.
- PALMER, Bryan. Descent into discourse; the reification of language and the writing of social history. Philadelphia, Temple University Press, 1990.
- PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- PIAZZA, Walter F. A colonização italiana em Santa Catarina. Florianópolis, Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1976.
- POLIAKOV, Léon. O mito ariano. Perspectiva/USP, 1974.
- _____. De Voltaire a Wagner, história do anti-semitismo III. São Paulo, Perspectiva, 1985.
- PRIM, Gilberto. "A arte trágica no imaginário fantástico de Desterro". Esboços, n.3, UFSC/ Curso de Pós-Graduação em História, 1996. pp. 23-34.
- RADIN, José Carlos. Ítalo-brasileiros em Joaçaba. Florianópolis, UFSC, 1995. (Dissertação de Mestrado em História)
- REICH, Wilhelm. Psicologia de massas do fascismo. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- RENAUX, Maria Luiza. O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950. Blumenau, Ed. da FURB, 1995.
- RICHTER, Klaus. A sociedade colonizadora hanseática e a colonização do interior de Joinville e Blumenau. Florianópolis/Blumenau, Ed. da UFSC/ Ed. da FURB, 1986.
- ROSENFELD, Anatol. História da literatura e do teatro alemães. São Paulo, EDUSP/ UNICAMP/ Perspectiva, 1993.

- _____. Letras germânicas. Campinas / São Paulo, Editora da Unicamp / Edusp / Perspectiva. 1993.
- SANT'ANNA, Sérgio Bairon Blanco. História Palinóica; significações culturais de uma regionalidade teuto-brasileira. São Paulo, USP, 1991. (Tese de Doutorado em História)
- SANTOS, Nelvio Paulo Dutra. Trentinos em Santa Catarina; a evolução econômica de Nova Trento 1875-1960. Florianópolis, UFSC, 1993. (Dissertação de Mestrado em História)
- SANTOS, Roselys Izabel Corrêa dos. A colonização italiana no vale do Itajaí-Mirim. Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1981.
- SANTOS, Sílvio Coelho. Nova História de Santa Catarina. Florianópolis, Edição do Autor, 1977.
- SAUSSURE, Ferdinand de. "As palavras sob as palavras". In: ABRIL CULTURAL. Os Pensadores. v. 49. São Paulo, Victor Civita, 1975.
- SCHWARTZMAN, Simon (org.) Estado Novo, um auto-retrato. Brasília, CPDOC/ FGV, Editora Universidade de Brasília, v. 24, 1983.
- SEVERINO, José Roberto. Itajaí e a identidade açoriana; a maquiagem possível. Florianópolis, UFSC, 1998. (Dissertação de Mestrado em História)
- SEYFERTH, Giralda. Imigração e cultura no Brasil. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1990.
- _____. Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SILVA, Janine Gomes da. Tensões, trabalho e sociabilidades: história de mulheres em Joinville no século XIX. Florianópolis, UFSC, 1997. (Dissertação de Mestrado em História)
- SILVEIRA JÚNIOR, Norberto Cândido. Nossa guerra contra a Alemanha; crônica de um tempo de arbítrio. Florianópolis, Lunardelli, 1988.
- SKIDMORE, Thomas. Preto no branco, raça e nacionalidade no pensamento político brasileiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- SONTAG, Susan.. Sob o Signo de Saturno. São Paulo, L & PM Editores Ltda., 1986.

- STAM, Robert. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo, Ática, 1992.
- STOREY, John. Structuralism and post-structuralism. In: _____. An Introductory Guide to Cultural Theory and Popular Culture. Athens, The University of Georgia Press, 1993.
- SUSSEKIND, Flora. O cinematógrafo das letras. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- THOMPSON, E. P. Customs in Common. London, Penguin Books, 1993.
- _____. A formação da classe trabalhadora inglesa, v. 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981.
- TRONCA, Italo. Foucault vivo. Campinas, Pontes, 1987.
- WEBER, Regina. Nacionalidade com prefixos: a questão étnica no sul do país (Ijuí/RS). Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1990. (Trabalho de Conclusão de Curso)
- WEIL, Simone. A condição operária e outros estudos sobre a opressão. org. Ecléa Bosi. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1979.
- WHITE, Hayden. Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo, EDUSP, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. Cultura e sociedade, 1780-1950. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969.
- _____. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- WOLFF, Cristina Scheibe. As mulheres da colônia Blumenau: cotidiano e trabalho. São Paulo, PUC-SP, 1991. (Dissertação de Mestrado em História)

FONTES

ALVES, Isaias. Educação e brasilidade; idéias-força do Estado Novo. RJ/SP, José Olímpio, 1938.

ANAIS IX CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1941.

ANAIS DO PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE, v. 2. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950.

ANAIS DA 1ª CONFERÊNCIA ESTADUAL DE ENSINO PRIMÁRIO. Florianópolis, Of. Graf. da Escola de Aprendizes e Artífices, 1927.

BACK, Sílvio. Aleluia Gretchen, 1976. Filme 115 min.

BETHLEM, Hugo. Vale do Itajaí, jornadas de civismo. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1939.

BLUMENAUER ZEITUNG

BOLÉO, Manuel de Paiva. O congresso de Florianópolis; comemorativo do bicentenário da colonização açoriana. Coimbra, Coimbra Editora Limitada, 1950.

BÖNEMANN, Gerli. Entrevista. Florianópolis, 23.03.1998.

CABRAL, Oswaldo R. Os açorianos. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1950.

_____. Santa Catarina; história-evolução. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937.

_____. "A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina"; Revista Cultura Política, n. 7 (separata). Rio de Janeiro, set. 1941.

_____. Os açorianos. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1950.

CÂMARA, Lourival. Estrangeiros em Santa Catarina. Florianópolis, Departamento Estadual de Estatística, 1940.

COLEÇÃO DE LEIS DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado.

COLEÇÃO DE LEIS DO BRASIL. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

CORREIO DA TARDE. Jornal de Joinville.

D'AMARAL, Max Tavares. Contribuição à história da colonização alemã no Vale do Itajaí. São Paulo, Instituto Hans Staden, 1950.

D'AQUINO, Ivo. Nacionalização do Ensino; aspectos políticos. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1942.

DELEGACIA DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL DE SANTA CATARINA. O punhal nazista no coração do Brasil. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1944.

DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA E PUBLICIDADE. Sinopse Estatística do Estado n. 2. Florianópolis, Imprensa Oficial, 1938.

DEUTSCHE ALLGEMEINE ZEITUNG

DUARTE, Manuel. Os alemães em Santa Catarina: notas de um excursionista. Tipografia do Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1917.

ENTRES, Gottfried. Gedenkbuch zur Jahrhundert-Feier deutscher Einwanderung in Santa Catharina. Florianópolis, Livraria Central, 1929.

EVANGELISCHES ZENTRAL ARCHIV IN BERLIN. EZA . Akten betreffend Deutsche Luthekirche in Brasilien.

FONSECA, Thiago da. Estado de Santa Catarina, seu desenvolvimento econômico e financeiro - o problema da instrução pública e o perigo alemão. Florianópolis, Oficinas da Empresa d "O Dia", 1916.

FONTES, Henrique. A nova ortografia. Editora Livraria Moderna, Florianópolis, 1931.

GEHSE, Hans. Die deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart. Münster, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1931.

GIEMSA, Gustav & NAUCK, Ernst G. "Uma viagem de estudos ao Espírito Santo". Boletim Geográfico, Rio de Janeiro, ano VIII, n.88, julho de 1950.

GUIMARÃES, Orestes. Escolas estrangeiras; trechos de uma carta. 1818. (Mimeo)

KÖHLER, Artur G. Bericht über das 40. Schuljahr 1929 und die Ziele der Deutschen Schule. Blumenau. Buchdruckerei G. Artur Koehler. Deutsche Schule. 1929.

_____. Zur Jahrhundert=Feier, 1 heft, Blumenau, 1929.

KOLONIE ZEITUNG, Joinville

LANG, Guido. Jacob Lang - A história de um imigrante e Pioneiro. São Leopoldo, Rotermond S.A., 1992.

MOOG, Vianna. Um rio imita o Reno. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1949.

MÜLLER, Ray. Leni Riefenstahl: a deusa imperfeita. Filme. Alemanha-Bélgica, 1993.

MÜLLER, Telmo Lauro. Depoimento. São Leopoldo, 13.06.97.

NOGUEIRA, Rui Alencar. Nacionalização do Vale do Itajaí. Rio de Janeiro, Biblioteca Militar, 1947.

POLITISCHES ARCHIV DES AUSWÄRTIGEN AMTS. Akten 1. Jan. 1914 - 31 dez. 1916. Keiserlich Deutsches Consulat für Santa Catarina. Florianópolis, 15. März 1916.

PORTO, Aurélio. O trabalho alemão no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Est. Graf. S.Terezinha, 1934.

PY, Aurélio da Silva. A 5a. coluna no Brasil: a conspiração nazi no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Livraria Globo, 1942.

RAMOS, Nereu. Discursos. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1943. p. 18, 19.

RAMOS, Vidal. Notas sobre a fundação de Lages. Florianópolis, Departamento de Estatística e Publicidade. 1939.

RAUSCH, Cecília. Depoimento. 07.07.1998.

REGIS, Lebon. O perigo alemão e o problema do ensino em Santa Catarina. Rio de Janeiro, Tipografia do Jornal do Comércio, 1917.

RIBAS, Cap. Antônio de Lara. A ordem política e social e a campanha contra o nazismo no Estado de Santa Catarina; palestra realizada no Rotary Clube. Florianópolis, Imprensa Oficial do Estado, 1943.

ROMERO, Sílvio. A união do Paraná e Santa Catarina; o Estado do Iguaçu, 1912. Mimeo.

REVISTA "Cultura Política". ns.1-28, Rio de Janeiro, 1941-1943.

SALGADO, Álvaro. "Radiodifusão, fator social". Cultura Política. 1(6): 79-93. Rio de Janeiro, ago. 1941.

SCHEIBE, Leda. Depoimento. Florianópolis, 06.07.1998.

SILVA, José Ferreira da. História de Blumenau. In: Centenário de Blumenau (1850-1950). Blumenau, 1950. p.45.

SOUTO, Américo Augusto da Costa. Entrevista. Florianópolis, 21.04.1998.

TORRES, Alberto. A organização nacional. SP/RJ, Companhia Editora Nacional.

_____. O problema nacional brasileiro; introdução a um programa de organização social. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914.

VARGAS, Getúlio. A nova política do Brasil. v. 6 e 7, Rio de Janeiro, José Olympio, 1938/1940.

WEISS, João. Colonos na selva, conto de um imigrante como colono no sul do Brasil. Rio de Janeiro, Tipografia de Meier & Blumer, 1950.

WILLEMS, Emilio. A aculturação dos alemães no Brasil. S.P/R.J., Companhia Editora Nacional, 1946.